«MAIS DE 140 MIL EXEMPLARES VENDIDOS»

Este Mundo Tenebroso

DENSAS TREVAS



FRANK PERETTI

2

Vida

Este Mundo Tenebroso

DENSAS TREVAS

FRANK PERETTI

2

Vida

Editora Vida
Rua Conde de Sarzedas, 246 Liberdade
cep 01512-070 São Paulo, sp
Tel.: 0 xx 11 2618 7000
atendimento@editoravida.com.br
www.editoravida.com.br

Coordenação editorial: Rosa Ferreira
Edição: Jurandy Bravo Nogueira Jr.
Revisão: Josemar de Souza Pinto e Nilda Nunes
Revisão do Acordo Ortográfico: Equipe Vida
Diagramação: Efanet Design
Capa: Alexandre Gustavo
Produção do ePub: Schaffer Editorial

©1989, 2003 de Frank E. Peretti
Título do original: *Piercing the Darkness*
Edição publicada por Crossway Books
Uma divisão da Good News Publishers
(Wheaton, Illinois, EUA)

Todos os direitos desta tradução em língua portuguesa reservados por Editora Vida.

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte

Scripture quotations taken from Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI ®.
Copyright © 1993, 2000, 2011 Biblica Inc.
Used by permission.
All rights reserved worldwide.
Edição publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário.

Todas as citações bíblicas e de terceiros foram adaptadas segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

2. edição: 2007
1ª reimp.: abr. 2009
2ª reimp.: jan. 2011 (Acordo Ortográfico)
3ª reimp.: jan. 2012
4ª reimp.: maio 2014
5ª reimp.: jan. 2016
6ª reimp.: jan. 2017
7ª reimp.: fev. 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peretti, Frank E.

Este mundo tenebroso II / Frank E. Peretti; tradução Wanda Assumpção — 2. ed. — São Paulo: Editora Vida, 2007.

Título original: *Piercing the Darkness*
ISBN 978-85-7367-367-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

06-0058 CDD 813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

A Gene e Joyce,
papai e mamãe,
pela herança que me deram e
pelo constante encorajamento.

A luz brilha nas trevas,
e as trevas não a derrotaram.

João 1.5

1 Poderia ter começado em qualquer cidade. Baskon não tinha nada de especial, era só mais uma dentre tantas cidadezinhas rurais longe da rodovia interestadual, pouco mais que um ponto no mapa rodoviário, com indicadores de lugares que ofereciam gasolina, nenhuma acomodação, talvez um pouco de comida se estivessem abertos e quase nada além disso.

Mas começou em Baskon.

Era uma noite de terça-feira como outra qualquer. O dia de trabalho chegara ao fim, o jantar estava servido na maioria das casas, as lojas fechavam, o bar enchia. Todos os empregados da Fábrica de Portas Bergen tinham batido o ponto de saída e o guarda-noturno examinava as fechaduras. Na Casa Myers de Sementes e Agricultura o filho do sr. Myers recolhia todos os cortadores de grama e as enxadas rotativas. As luzes piscavam pela última vez na mercearia local. Dois senhores aposentados, sentados diante da barbearia, passavam horas ociosas.

Campos e fazendas em frente à estrada Toe Springs—Claytonville tornavam-se mais quentes e verdejantes a cada dia, e agora a brisa vespertina trazia os odores próprios de meados de abril — flores de macieiras e cerejeiras, terra arada, um pouco de lama, um pouco de gado, algum esterco.

Era uma noite de terça-feira como outra qualquer. Ninguém esperava nada de extraordinário. Ninguém viu ou ouviu coisa alguma. Nem poderia.

No entanto, o rebuliço começou atrás de uma sombria casinha de aluguel, ao sul da sede da fazenda de Fred Potter — um bater de asas, um esvoaçar, uma luta livre, depois um grito, um guincho comprido, sinistro, um lamento ecoante, penetrando a floresta como o apito de um trem que corta a cidade, alto, abafado, locomovendo-se ora para um lado, ora para o outro em meio às árvores, feito um animal acuado. A seguir o brilho de uma luz, uma bola de fogo, piscando e ardendo pela floresta, avançando em velocidade alucinante, logo atrás daquela sirene, quase em cima dela.

Mais berros e gritos, mais luzes lampejantes! De repente a floresta se encheu delas.

A floresta terminava abruptamente onde começava o Laticínio Amhurst. A caçada prosseguiu em campo aberto.

O primeiro a deixar a mata foi um inseto, um morcego, uma coisa preta, olhos saltados, revolvendo as asas escuras, despejando o hálito para fora feito uma longa fita amarela. Ele simplesmente não conseguia voar com rapidez suficiente. Em vez disso, arranhava o ar com os braços finos e compridos, desesperado por ganhar velocidade e berrando em pânico total.

Logo atrás dele, muito perto, perigosamente perto, o próprio Sol explodiu floresta afora, um cometa brilhante, com asas de fogo desenhando uma trilha reluzente, uma espada feita de relâmpago estendida por fortes mãos de bronze.

A coisa preta e o cometa arremeteram rumo ao céu de Baskon ziguezagueando, disparando para cá e para lá como fogos de artifício desenfreados.

Então a floresta, tal qual uma fila de canhões, vomitou pelo menos mais vinte das horrendas criaturas. Cada uma delas fugiu em puro pânico, com uma criatura ofuscante e flamejante a persegui-las tenazmente, espalhando-se em todas as direções como louca chuva de meteoros ao contrário.

O primeiro demônio começava a ficar sem truques e manobras; já podia sentir o calor da lâmina do guerreiro nos calcanhares.

Vociferou então por cima do ombro:

— Não, volte, já estou indo!

A lâmina chamejante desenhou um arco no ar. O demônio aparou o golpe com sua arma e foi lançado longe, rodopiando. Corrigiu a posição das asas, voltou-se e enfrentou o atacante, berrando, xingando, recebendo golpe após golpe, fitando os olhos mais inflamados por poder, glória e santidade que já vira e temera. Olhos de um guerreiro que nunca retrocederia. Jamais.

O demônio definhou antes mesmo que a lâmina lhe desse o último golpe. Deslizou da terra, do mundo dos viventes, para as trevas exteriores,

desaparecendo em uma nuvem de fumaça vermelha a rodopiar sobre si mesma.

O guerreiro virou-se e ganhou maiores alturas, revolvendo a longa espada acima da cabeça, traçando um círculo de luz. Ardia com o calor da batalha, o fervor da retidão.

O mesmo fervor consumia seus companheiros que derrubavam demônios do céu como insetos pútridos, abatendo-os com espadas fortes, perseguindo-os obstinadamente, sem dar ouvidos a nenhum apelo.

À direita, um espírito comprido, serpenteante, lançou novo golpe violento contra seu assaltante celestial antes de se dobrar ao meio em agonia e desaparecer.

À esquerda, um diabrete falastrão, gabola, maldizia e provocava seu oponente, enchendo o ar com blasfêmias. Rápido e confiante, começava a acreditar que poderia prevalecer. Até sua cabeça sair rodopiando para longe do corpo, ao mesmo tempo que uma risada orgulhosa ainda lhe contorcia o rosto. E então, desapareceu.

Ainda restava um. Ele girava em torno de uma asa boa.

— Estou indo, estou indo — suplicou.

— Seu nome? — o anjo exibiu saber.

— Desespero.

O guerreiro mandou o demônio pelos ares com a parte chata de sua lâmina e ele se foi, sumiu, porém ainda capaz de operar maldades.

E então acabou. Os demônios tinham batido em retirada. Só não cedo o bastante.

— Ela está bem? — perguntou Natã, o árabe, embainhando a espada.

Armoth, o africano, já verificara:

— Está viva, se é o que você quer saber.

Mota, o poderoso polinésio, acrescentou:

— Ferida e assustada. Quer ir embora. Não vai esperar.

— E agora Desespero está livre para atormentá-la — comentou Signa, o oriental.

Armoth replicou:

— Então começou e não haverá como deter.

Caída na grama, Sally Roe apertava a garganta e arquejava, respirando fundo, deliberadamente, tentando clarear as ideias, tentando pensar. Uma ferida exposta inchava em seu pescoço; a blusa xadrez se avermelhara como consequência de um machucado no ombro. Ela não parava de olhar na direção do cercado das cabras, mas nada se movia lá. Não havia qualquer sinal de vida, nada sobrara para feri-la.

Preciso ir embora, preciso ir embora. Não posso ficar aqui... Não, nem mais um minuto.

Pôs-se em pé com grande esforço e na mesma hora se recostou contra a casa da fazenda, o mundo rodopiando a sua volta. Ainda sentia náusea, embora já tivesse vomitado tudo duas vezes.

Não espere. Vá. Mexa-se.

Cambaleante, subiu os degraus da varanda dos fundos, tropeçou uma vez, mas não parou. Não levaria muita coisa consigo. Não podia. Não havia tempo.

Ed e Mose passavam muito bem, obrigado, sentados simplesmente diante da Barbearia do Max na Rua da Frente, que é o nome que se dava à estrada Toe Springs—Claytonville no ponto em que ela atravessava a cidade. Ed tinha 68 anos e Mose não revelava a idade para ninguém, de forma que ninguém mais lhe perguntava. Ambas as esposas já haviam partido àquela altura — que Deus as tivesse —, ambos os homens contavam com bons planos de aposentadoria e a vida para eles se reduzira a rastejar confortavelmente.

— Não estão mordendo a isca, Ed.

— Você devia ter descido o rio, Mose. Mais pra baixo. Eles ficam bravos tendo de nadar até você. Precisa pegá-los de bom humor.

Mose ouviu a primeira parte, mas não a segunda. Mantinha os olhos fixos num carro verde que cruzava depressa a cidade, com duas crianças aborrecidas

no banco de trás.

— Ed, de onde será que conhecemos aquelas crianças?

— Que crianças?

— Ora, por que não olha para onde estou apontando?

Ed olhou, mas só conseguiu ver a traseira do Plymouth e apenas a parte de cima de duas cabeças loiras.

— Bem — disse ele, protegendo os olhos —, fiz o que você pediu.

— Ora, você nunca olha quando lhe digo. Sei quem eram. Os filhos daquele professor, aquele tal de... Er... Como é mesmo o nome dele?

Irene Bledsoe dirigia a toda pela estrada Toe Springs—Claytonville, exibindo uma carranca que lhe acrescentava pelo menos dez anos ao rosto já enrugado. Mantinha as mãos fechadas com força em torno do volante e o pé no acelerador, forçando o Plymouth verde a seguir sempre em frente, quer Ruth e Josiah Harris gostassem, quer não.

— Vocês dois, fiquem quietos agora! — esbravejou por cima do ombro. — Estamos fazendo isso para o bem de vocês, podem acreditar em mim!

As palavras da mulher não trouxeram o menor conforto a Ruth, de 6 anos, nem a Josiah, de 9.

Ruth continuou a chorar:

— Eu quero meu pai!

Josiah resignou-se a ficar ali sentado sem dizer nada, entorpecido pelo choque e a descrença. Bledsoe pisou fundo no acelerador. Só queria sair da cidade antes que houvesse mais problemas, mais atenção.

Não gostava dessa incumbência.

— As coisas que faço por essa gente!

Sally saiu para a varanda dos fundos, ainda tremendo, olhando desconfiada ao redor. Trocara a blusa e agora vestia uma jaqueta azul. Em uma das mãos,

apertava a blusa xadrez manchada de sangue, toda embolada; na outra, uma toalha de papel encharcada de óleo de cozinha.

Tudo era silêncio, como se nada tivesse acontecido. Sua velha caminhonete azul esperava. Contudo, ainda tinha mais uma coisa a fazer.

Olhou em direção ao cercado das cabras, o portão escancarado e os animais já bem longe. Respirou fundo várias vezes para evitar que a náusea retornasse. Precisava entrar mais uma vez no cercadinho. Simplesmente precisava.

Não demorou muito. Com o coração disparado, as mãos agora vazias e os bolsos estufados, saiu de lá e correu para a caminhonete, saltando desajeitada para a cabine. O motor girou uma vez, gemeu, mas pegou, e com uma explosão de energia e uma chuva de pedriscos, a caminhonete saiu roncando estrada afora, rumo à rodovia.

Irene Bledsoe corria muito, porém não havia guarda algum por perto. De qualquer forma, os limites de velocidade eram inadequados, nada práticos, na verdade.

Aproximava-se de um cruzamento com sinal de pare nas duas direções, outra ideia idiota para um lugar como aquele, no fim do mundo. Ergueu um pouco o pé do acelerador e achou que conseguiria atravessar sem ser percebida.

O quê! De onde...

Meteu o pé no freio, as rodas travaram, os pneus guincharam, a traseira do carro derrapou. A idiota da caminhonete azul desviou no cruzamento feito uma louca, tentando evitá-la.

A pequena Ruth estava sem o cinto de segurança; bateu a cabeça com força e começou a chorar.

O Plymouth verde derrapou até parar, quase de frente para o trecho de estrada que acabava de percorrer.

— Fique quieta! — Bledsoe esbravejou com a garotinha. — Fique quieta já — você está bem!

A essa altura Josiah também chorava, morrendo de medo. Tampouco ele pusera o cinto e levara um belo tombo lá atrás.

— Vocês dois, calem a boca! — berrou Bledsoe. — Tratem de calar a boca agora mesmo!

Josiah viu a mulher sair da caminhonete. Ela tinha cabelo vermelho e um lenço xadrez na cabeça; parecia prestes a chorar e segurava o ombro. Bledsoe pôs a cabeça para fora, pela janela, e despejou uma série de palavrões em cima da moça que não disse nada, porém Bledsoe devia tê-la assustado. A outra motorista retornara para sua caminhonete sem dizer uma palavra.

— Que imbecil! — exclamou Bledsoe. — Será que não me viu?

— Mas você não parou — disse Josiah.

— Não me venha dizer como dirigir, mocinho! E por que está sem o cinto de segurança?

Ruth ainda gritava, segurando a cabeça. Ao ver sangue na própria mão, ficou histérica.

No entanto, olhando para a cena, Bledsoe limitou-se a comentar:

— Ó, que maravilha! Era só o que me faltava!

Cecilia Potter, esposa de Fred, gostou de ver que uma daquelas cabras bobas usava sininho. Ao menos assim ouviria e correria para o jardim antes que devorassem todas as suas flores.

Os dois filhotinhos saltaram e correram de volta à casa alugada. Quanto à mãe, achou-se dona de qualquer coisa que crescesse da terra, sem a menor timidez.

— Você aí, FORA! — berrou Cecilia, agitando os braços fortes. — Fique longe dessas flores!

A cabra se afastou só um pouquinho mas então abaixou a cabeça, permitindo a Cecilia excelente visão de seus chifres.

— Ora, até parece que você me assusta! — exclamou Cecilia. Correndo até o animal, agarrou-o pelo pescoço com punhos furiosos e ergueu-lhe as pernas

dianteiras do chão, fazendo que virasse para outro lado.

— Volte já para o lugar de onde veio e não pense que consegue me assustar! — Vap! — Pode tratar de abaixar esses chifres, vamos, agora mesmo!

A cabra acompanhou Cecilia sobre as quatro patas a maior parte do caminho, mas em duas quando se atreveu a hesitar, e ficou com os ouvidos cheios de tanto sermão.

— Não sei como foi que escapou, mas se pensa que vai correr solta por aqui, está muito enganada! Sally também vai ouvir um bocado por causa disso! Ela sabe como as coisas funcionam! Estou surpresa...

Atravessou o pasto entre as duas casas e de repente viu o cercado das cabras com o portão escancarado.

— Sally! — chamou.

Não obteve resposta. Hum. A caminhonete não estava ali. Talvez ela ainda não tivesse voltado para casa. Bem, então se atrasara. Sempre chegava do trabalho antes daquele horário. Mas como foi que o portão se abriu?

Arrastou a cabra ao seu lado e passou pelo portão.

— De volta ao seu lugar, mocinha. Chega dessa história de comer minhas flores.

Ora... Quem estaria no barracão?

— Sally!

A cabra, de repente livre, passou pelo portão ainda aberto. Cecilia não a seguiu.

Olhava para o corpo de uma mulher, jogado sobre a palha feito uma boneca abandonada, flácido e branco.

A mulher estava morta.

Natã, Armoth e os demais guerreiros deram lenta rasante sobre a casa da fazenda e depararam com uma Cecilia alucinada que saía correndo do cercado das cabras. Natã acenou para os outros e, com um impulso explosivo das asas, eles arremeteram para diante, sulcando o céu vespertino com riscos de luz.

Os campos abaixo deles passavam com a velocidade do pensamento, até que o dossel verde da floresta os engoliu, folhas e galhos açoitados por eles e açoitando-os também, por cima, por baixo e através deles. Atiravam-se por entre sombras e feixes de luz evanescente, por altos troncos e grossos galhos emaranhados, até enfim chegarem à clareira onde o capitão os aguardava.

Com as asas se inflando como paraquedas que se abrem, pararam e acomodaram-se no chão da floresta acompanhados do silêncio dos flocos de neve. No momento em que seus pés tocaram terra firme, o brilho fulgurante de suas túnicas esmaeceu até assumir um tom branco fosco, suas espadas chamejantes resfriaram até adquirir o tom do cobre e suas asas se dobraram e desapareceram.

Tal, o poderoso capitão da hoste celestial, esperava, os cabelos dourados, os olhos flamejantes ardendo de expectativa, o rosto rígido com a tensão do momento. Ao seu lado, Guilo, a Força de Muitos, um espírito moreno, barbudo, corpulento, de braços grossos e poderosos e coração ansioso por uma boa briga. Vestiam-se de branco fosco como os demais e usavam espadas aterrorizantes ao lado.

Natã saiu gritando seu relatório enquanto Tal e Guilo ainda se adiantavam para cumprimentá-los.

— Todos os demônios foram expulsos, exceto Desespero.

— Já é alguma coisa — disse Tal. — Ele que avise os companheiros e depois continue seu trabalho. Há algum outro espírito do Vidoeiro Quebrado envolvido nisso?

— Diversos. Terríveis, mas derrotados por enquanto. Não vimos o destruidor em parte alguma. Ele enviou seus lacaios e ficou de fora.

— Claro. E que me diz de Sally?

— Sally Roe está fugindo. Sua caminhonete, a diversos quilômetros de distância, segue para o sul em direção a Claytonville. Enviamos Chimon e Scion para segui-la.

— E a assassina? — indagou Tal.

— Morta, por nossas mãos. Não tivemos escolha. Sally estava quase morrendo.

Guilo trovejou sua aprovação do ato.

— Como está Sally agora? — Tal quis saber.

Armoth relatou:

— Um pequeno ferimento na garganta, um vergão no pescoço, um ferimento raso de faca no ombro. Nenhum perigo físico imediato.

Tal suspirou depressa.

— Não, não de imediato, pelo menos. O que me dizem da quase colisão com Irene Bledsoe?

Natã e Armoth olharam na direção de Signa e o ágil oriental sorriu:

— Ela conseguiu escapar mas foi por um triz. Ruth Harris sofreu pequeno ferimento na testa, mas Sally foi vista nitidamente por todos dentro do carro, e ela os enxergou com igual clareza.

Armoth se incumbiu de continuar:

— E agora a senhora Potter encontrou a assassina e está chamando a polícia.

Tal precisou de um momento apenas para menear a cabeça ante a imensidão daquilo tudo.

— Só isso já é notícia suficiente.

— Capitão — Guilo demonstrou ansiedade com seu riso nervoso e áspero —, nunca antes tivemos a esperança de ver tantas coisas darem certo. . . quando poderiam dar tão errado!

Tal olhou para os céus e esboçou um sorriso cauteloso:

— Podemos esperar que todas deem certo quando os santos estiverem orando, e eles estão.

Ouviu-se murmúrios de aprovação por parte de todos. Podiam senti-lo.

— Portanto — continuou Tal —, se tudo der certo, desta vez nós avançaremos, nós conquistaremos, nós faremos o inimigo retroceder... Nós

conseguiremos pelo menos mais uma temporada em que a ação deles permanecerá contida.

— Mais uma temporada — ecoaram todos.

— Sally deve chegar a Claytonville em segurança tendo Chimon e Scion como acompanhantes. Terga, o demônio, deve muitas explicações agora; garanto que enviará alguns espíritos atrás dela para destruí-la. Mesmo assim, Chimon e Scion têm ordens de não interferir a menos que seja absolutamente necessário.

— Mais dor, capitão? Mais destruição? — explodiu Guilo com raiva. — A gente acaba achando que nunca é demais o sofrimento que esses espíritos malditos são capazes de causar!

Tal olhou dentro dos olhos escuros tão cheios do fogo da batalha e, ao mesmo tempo, tão ternos para com os eleitos de Deus.

— Meu amigo, todos sofremos por ela. Contudo, o que ela vem enfrentando levará à realização do propósito de Deus, e você o verá.

— Que seja logo — disse Guilo, segurando com força o cabo da espada. Voltou-se então para Natã e incitou-o, sarcástico: — Você tem notícias mais alegres?

— Tenho — respondeu Natã. — De Tom Harris. Ele está na delegacia de polícia agora, tentando fazer alguma coisa para recuperar os filhos, discutindo com o sargento Mulligan.

À menção do nome de Mulligan, Guilo soltou uma risada retumbante, malévola, e os outros fizeram cara de repugnância. Natã limitou-se a menear afirmativamente a cabeça, resignado. Tinham razão.

— Portanto, chegou o momento de testar a confiança de Tom, da verdadeira prova de sua dedicação — anunciou Tal.

— Eu vou tratar de observar os santos — disse Guilo. — Quero ver como enfrentam a situação.

Tal tocou Guilo no ombro.

— Essa será uma daquelas coisas que esperamos deem certo.

— Ó, que assim seja, que assim seja.

— Pelo bem de Tom — disse Natã.

— Pelo bem de todos — acrescentou Armoth.

— O que nos traz a Ben Cole — Tal provocou.

Ao que Natã respondeu:

— Ele está prestes a entrar na história neste exato momento.

2

O agente Ben Cole encostou a viatura no estacionamento atrás da delegacia e permaneceu sentado ao volante por um momento, depois que o motor parou. Fora um longo dia e estava cansado. Não havia tanto trabalho pesado assim em Baskon, porém aquele dia fora um pouquinho mais difícil. O caminhoneiro que detivera por excesso de velocidade tinha o dobro do seu tamanho e não gostou nada de ver um policial tão jovem levar a melhor, muito menos um negro; Bill Schultz ainda não prendera seu cão e mais uma pessoa fora mordida; pegara o filho dos Krantz com maconha de novo e os pais do rapazinho insistiam em não acreditar.

Era essa a dificuldade do trabalho policial — a gente tem sempre de ver o lado mau das pessoas, quando estão bravas, na defensiva, justificando a própria conduta, bêbadas, drogadas... *Ora, deixe disso, Ben. O dia terminou. Existem algumas pessoas boas no mundo, verdade. Você só precisa ir para casa jantar, ver Bev. Isso, vai se sentir melhor depois.*

Saltou do carro; prepararia alguns relatórios rápidos e iria para casa assim que... *Ora, de quem são esses carros*? Dois automóveis desconhecidos, estranhos, ocupavam as vagas reservadas do estacionamento. Aquela não era a pequena perua de Tom Harris? A delegacia estava fechada àquela hora; era tarde demais para visitas. Melhor averiguar quando estivesse do lado de dentro.

Entrou pela porta dos fundos e começou a atravessar o longo corredor que ligava os escritórios dos fundos e o bloco de celas com a área do escritório, na frente.

Ah, meu Deus, com quem Mulligan está berrando dessa vez?

Podia ouvir a voz do sargento Mulligan da outra ponta do corredor, trovejando pela porta aberta do escritório:

— Então está bem, não precisa me contar nada! Pode mentir! Gente como você está sempre mentindo mesmo. Ficarei feliz em ouvir porque assim poderei usar o que disser contra você!

— Sargento, não estou mentindo...

Ben se deteve no corredor para ouvir. A outra voz parecia conhecida.

— Certo, vamos à verdade então, pode ser? — pediu Mulligan. — Você tem feito uma verdadeira festa com aqueles garotinhos, não é?

— Sargento, eu *repito*, não tem nada de extraordinário acontecendo na escola, ou na minha casa, ou em parte alguma! Tudo não passa de um terrível engano!

Sim, era *mesmo* o carro de Tom Harris lá fora. Porque ali estava ele levando uma descompostura do sargento.

Ben precisava dar uma espiada. A conversa parecia ir de mal a pior. *Senhor, que não seja o que está parecendo, por favor. Eu estava começando a me sentir melhor, pensando nas pessoas boas deste mundo*.

Seguiu pelo corredor vazio até a porta de Mulligan e enfiou a cabeça por ela.

— Já voltei, Harold. — *Nada de mais, um simples aviso de que cheguei enquanto tento descobrir o que houve*.

Ben permaneceu ali parado, rígido, olhando para o homem abalado, nervoso, sentado à frente da escrivaninha de metal verde toda amassada do grandalhão que era o sargento Mulligan. Este estava no auge da feiúra e do excesso de peso e achando o máximo tudo isso. Ele sempre se divertia com as coisas erradas.

— Ei, Cole, veja só o que peguei hoje! Outro cristão! Aposto que vocês dois se conhecem!

Ben parecia confuso.

— Olá, Tom. O que aconteceu?

— Abuso infantil! — interrompeu Mulligan, orgulhoso do fato, orgulhoso do que apanhara. — Dessa vez tenho um caso de verdade cozinhando aqui.

— Então você sabe muito mais do que eu! — exclamou Tom. Com os olhos avermelhados de lágrimas, voltou-se para Ben. — O sargento simplesmente... simplesmente ficou *parado* enquanto uma assistente social qualquer vinha e levava Ruth e Josiah, arrastando os dois para fora de casa, e... — A voz de Tom elevou-se cheia de medo e raiva: — Quero saber onde eles estão.

Mulligan continuou duro feito uma pedra e deu uma risada desdenhosa para Ben.

— Espere até ouvir o que esse nojento vem fazendo com algumas crianças da escola cristã.

Tom ergueu-se de sua cadeira.

— Eu não venho fazendo nada! Será que não consegue meter isso na sua cabeça?

— Trate de se sentar, cara! — Mulligan era muito maior do que Tom e fazia de tudo para demonstrá-lo.

O coração de Ben se contorceu dentro do peito. A escola cristã? Baskon só tinha uma, a Academia Bom Pastor, um pequeno ministério com séries que iam da primeira à sexta, comandada pela...

— Eu diria que sua igreja está em grandes apuros! — advertiu-lhe Mulligan.

Ben voltou o olhar para Tom Harris, um dos homens mais gentis, mais santos que já vira. Tinha uns trinta e poucos anos de idade, cabelos crespos e ondulados e o rosto jovem. Ben sabia que o sujeito, mais do que honesto, era absolutamente vulnerável. *De jeito nenhum, cara. Tom Harris não fez nada*.

— Tom — disse ele, muito gentil. — Você tem consciência dos seus direitos?

— Ele não está preso! — Mulligan protestou com aspereza. — Veio aqui por conta própria!

— E não vou embora enquanto não conseguir alguma cooperação! — ameaçou Tom.

— Ei, não me venha com essa agora — defendeu-se o sargento. — O pessoal do estado precisa averiguar isso tudo.

— Então vamos chamá-los! — sugeriu Ben.

— Fique fora dessa, Cole! Vocês dois são amigos e todo o mundo sabe disso. Você não vai chegar nem perto deste caso!

Com palavras lentas, bem pronunciadas, Tom exigiu:

— Quero ver meus filhos.

— Está falando com a pessoa errada.

Dedo em riste, Tom insistiu:

— O senhor estava lá! Abusou de sua autoridade e deixou aquela... aquela tal de Bledsoe entrar marchando em minha casa como se fosse uma espécie de... incursão da Gestapo! Ela aterrorizou meus filhos e invadiu minha propriedade particular bem debaixo do seu nariz!

Mulligan, sempre ereto em sua cadeira, advertiu com firmeza e simplicidade:

— Cuidado com o que diz, Harris. A senhora Bledsoe tinha uma autorização judicial autêntica para levar seus filhos por causa de uma queixa registrada contra você!

Tom ficou estupefato.

— *Qual* queixa?

— Não sei. Pergunte a Bledsoe. Isso é departamento dela.

— Mas o senhor deve saber como entrar em contato com ela.

— Deixe que eu descubro — prometeu Ben.

— Seu turno não terminou? — rugiu Mulligan.

— Sim, senhor.

— Então, dê o fora daqui!

Ben tinha de obedecer. Antes de se voltar e sair, disse para Tom:

— Ligue para mim.

Nesse exato momento, o rádio ganhou vida. O som que saía dele sempre paralisava o tempo na delegacia, pois todos paravam para ouvir a mensagem.

"Baskon, Baskon, possível cadáver na fazenda de Fred Potter, Rua 197 Sudoeste, 12.947. Equipe de socorro a caminho."

Mulligan saltou da cadeira, empurrando-a com estrondo para trás, fazendo que batesse na parede. — Onde está o Leonard... Ele já chegou? — Nesse instante tocou o telefone. — Droga! Desgraça pouca é bobagem. Vai atender!

Ben correu em direção ao balcão da entrada.

Havia um casal sentado na área da recepção. Ben reconheceu o homem: John Ziegler, repórter do jornal *A Estrela de Hampton*. Ele cobria as rondas policiais da cidade e sempre estava na delegacia. A mulher só podia ser a fotógrafa. Ziegler tinha um bloco de notas à mão e parecia rabiscar tudo o que ouvia!

O telefone tocou de novo.

Ben continuou de olho nos repórteres enquanto atendia.

— Departamento de Polícia. — Do outro lado, a voz soou frenética. — Calma, senhora. Não consigo entender nada.

Era Cecilia Potter. Já ligara para o número de emergências; agora queria se certificar de que a polícia estava a caminho.

Ben sabia onde ficava a fazenda deles.

— Acabamos de receber o chamado pelo rádio. Logo chegaremos aí. — *Melhor esquecer a ideia de ir para casa.*

A porta dos fundos se abriu.

— O Leonard acabou de chegar — informou Ben.

O oficial Leonard Jackson estava se apresentando para a ronda noturna. Era um sujeito do tipo tranquilo, esguio, sereno, com seus 40 anos, quase um acessório permanente do lugar. Por pouco Mulligan não passou por cima dele ao irromper de dentro do gabinete.

— Vamos embora, Leonard! Houve um suicídio na fazenda dos Potter!

— Dos Potter? — Leonard teve dificuldade para imaginar um deles fazendo uma coisa dessas.

Ben se sentia bastante abalado por causa de outro assunto.

— O que faço com John Ziegler lá fora?

Mulligan olhou para os jornalistas e começou a praguejar, revirando os olhos.

— Harris, venha aqui fora! — Tom saiu do gabinete, disposto a coope-rar. Mulligan empurrou-o em direção à entrada. — Sente-se lá com aquela gente simpática... eles querem conversar com você! Leonard, vamos na sua viatura.

Tom olhou para Ben como quem pede ajuda.

— Eles estiveram lá em casa hoje, quando a tal mulher levou as crianças. Tiraram fotos do que aconteceu!

Ben sentiu a irritação crescer.

— Tom, você não precisa lhes dizer nada. Simplesmente passe por eles e vá para casa!

Mulligan deve ter visto algo de que não gostou.

— Cole, venha você também!

Leonard estava pronto para sair em disparada. Mulligan passou a mão em seu chapéu e jaqueta. Os jornalistas tinham se levantado e avançavam para Tom.

— Ele pode ir embora? — perguntou Ben.

Mulligan revirou de novo os olhos ante a pergunta.

— Cole, ele veio até aqui por conta própria... pode ir embora da mesma forma. Ouviu, Harris?

— Tom, dê o fora daqui — Ben aconselhou baixinho. — Você não é obrigado a falar com ninguém.

Mulligan rosnou:

— Está pronto agora, Cole? Vamos, depressa!

Ben não estava gostando nada daquilo, porém ordens eram ordens. Encaminhou-se outra vez para a porta dos fundos.

— Fiquem à vontade — disse Mulligan, inclinando o chapéu para John Ziegler e para a mulher da máquina fotográfica. — Estaremos de volta dentro de uma hora mais ou menos, e terei uma declaração para fazer.

— Ligarei para você — Ben conseguiu dizer a Tom, saindo em seguida em companhia de Mulligan e Leonard.

— Não vou deixar você lá dentro com seu amigo cristão, de jeito nenhum — resmungou Mulligan por cima do ombro enquanto caminhavam até os carros. — Quando estiver de serviço, você vai trabalhar e fazer o que eu disser sem chiar. A última coisa de que preciso é de dois fanáticos oficiando uma cerimônia qualquer dentro de delegacia, a última!

Tom voltou ao gabinete de Mulligan para apanhar o paletó e então saiu para o corredor.

John Ziegler plantou-se bem a sua frente, bloqueando o caminho.

— Com licença — pediu Tom, tentando passar.

Mas John fazia questão de conversar um pouco.

— John Ziegler, do Jornal *A Estrela de Hampton*...

— Sim, eu o vi lá em minha casa — Tom retrucou, seco.

— Senhor Harris, qual a sua resposta a essas acusações? — perguntou Ziegler.

— *Quais* acusações? Nem sei por que isso está acontecendo comigo!

— O senhor acha que esse episódio prejudicará a escola cristã?

— Não sei.

— O senhor nega quaisquer abusos às crianças na escola?

Essa pergunta mexeu com Tom a ponto de fazê-lo estacar de repente.

— O senhor nega as acusações? — Ziegler aproveitou para insistir.

— Não sei de nenhuma acusação — ele respondeu, mal achando voz para isso.

Ziegler anotava tudo.

— Houve alguma reação da parte de sua família?

— Além do fato de meus filhos ficarem apavorados?

A mulher se pôs a tirar fotos dele.

— Ei, o que é isso, eu...

A câmera continuou estalando.

Ziegler ergueu uma sobrancelha.

— Pelo que sei, o senhor é viúvo. Mora em casa sozinho com os filhos?

— Já chega! — Tom indignou-se. — Estou indo. Boa noite.

Ziegler ainda lançou perguntas às costas de Tom enquanto o seguia de perto em direção à porta da frente:

— O Estado também está considerando seus filhos como possíveis vítimas?

Tom abriu a porta com um safanão e encarou-os furioso por um momento. A câmera registrou a expressão de raiva.

Ziegler se deu por satisfeito.

— Muito obrigado, senhor Harris.

Do outro lado da rua, Desespero estava sentado no teto da Biblioteca e Loja de Presentes de Baskon, um monturo lastimável de sujeira e melancolia, choramingando por causa das feridas enquanto observava as duas viaturas saírem em disparada.

— Ó, lá vão eles, lá vão eles. E agora?

Vários outros espíritos obscuros faziam-lhe companhia embora escondidos, resmungando, chiando, babando, tal sua agitação. Constituíam um bando heterogêneo de tentadores, perturbadores e enganadores, subitamente reduzidos à metade da força, metade em número, angustiados com a derrota, recente e terrível, de seus camaradas.

Desespero fazia jus ao nome.

— Perdido, perdido, perdido... está tudo perdido! Os melhores dentre nós se foram, todos vencidos, menos eu.

Um tapa forte atirou-lhe a cabeça redonda contra o ombro.

— Pare de choramingar! Você me deixa doente desse jeito!

— Terga, meu príncipe, você não estava lá!

Terga, príncipe de Baskon, mais parecia um sapo enlameado com uma peruca medonha de arame preto e um par de olhos amarelos irrequietos. Indignado, coçava sem parar a cabeça cheia de protuberâncias por pura frustração.

— Fracasso, foi isso o que aconteceu. Uma demonstração abominável de incapacidade!

Homicídio contrapôs de pronto:

— Se a missão tivesse sido bem-sucedida, sem dúvida o senhor seria o primeiro a elogiá-la.

— Mas não foi, por isso não elogio!

Engano tentou ser objetivo em sua avaliação do desastre.

— Tínhamos forças poderosas, que com certeza lutaram valentemente, mas... as orações dos santos são mais fortes. A hoste celestial é mais forte. Já esperavam os nossos guerreiros e estavam prontos. Subestimamos muito seu número e poderio. Só isso.

Terga voltou-se de repente e fixou o olhar furioso em Engano, detestando-lhe as palavras, mas sabendo que o astuto demônio tinha razão. Caminhou de um lado para o outro, irrequieto, esforçando-se para compreender o que ocorria.

— Atacamos Tom Harris e a escola! O plano do Homem Forte está se desenrolando neste exato momento. Cumprindo-se agorinha mesmo! No entanto, aqui estão vocês, lamentando uma derrota fragorosa e dizendo-me que talvez o plano esteja se precipitando rumo à destruição, e tudo por causa dessa... dessa... *mulher*?

Engano meditou um instante na pergunta e então confirmou com um movimento de cabeça.

— Essa seria uma avaliação precisa.

Terga rolou os olhos em direção ao céu e berrou de medo e frustração.

— O Destruidor vai arrancar o nosso couro por causa disso! Quem não caiu na última derrota, com certeza cairá debaixo da espada dele. — Contou os demônios a sua volta e descobriu um número menor do que desejava. — Onde está o Ódio?

— Já era — responderam todos. — Foi um dos primeiros a cair.

— E a Violência?

— Acorrentado no abismo, imagino — aventou Engano.

— Cobiça? Luxúria? Estupro?

Em resposta, só olhares desanimados. Correu os olhos sobre a cidade, a cabeça virando de um lado para o outro. Não conseguia admitir o acontecido.

— Uma tarefa tão fácil... um simples assassinato de nada... Todos nós já fizemos isso antes...

— Quando o Homem Forte descobrir... — gemeu Desespero.

Vapt! Terga jogou a cabeça de Desespero contra o outro ombro.

— Ele precisa saber! — protestou Adivinhação.

— Então vá contar para ele! — Terga retrucou. — Vá você contar para ele!

Adivinhação calou-se, esperando que algum outro demônio falasse.

Terga encheu a mão do couro empapuçado de Desespero e ergueu-o como um troféu.

— O nosso mensageiro!

Os demônios puseram-se a dar vivas, acompanhando o aplauso com o estalido das garras.

— Não... o Homem Forte, não! — choramingou Desespero. — Já não basta uma surra?

— Vá agora — ordenou Terga —, ou a surra do Homem Forte será a terceira que levará hoje.

Desespero adejou feito um louco no ar. Ainda tinha uma asa contundida e torta.

— Vá! — insistiu Terga. — E não demore!

Desespero saiu às pressas, choramingando e berrando ao se afastar.

— E quando concluir essa incumbência — gritou-lhe Terga —, volte para junto da mulher e continue cumprindo com sua obrigação!

Risos abafados fizeram que Terga rodopiasse. Alguns espíritos menores se encolheram, erguendo os olhos para ele: tinham sido pegos.

— Ah — esbravejou Terga, deixando-os ver a lama viscosa no céu de sua boca. — Medo, Morte e Loucura, três dos bichinhos de estimação favoritos da mulher! Vocês parecem estar bem desocupados no momento.

Os demônios se entreolharam feito bobos.

— De volta a seus postos! Sigam a mulher!

Eles saíram esvoaçando como pombas assustadas, arranhando o ar para conseguir altitude.

Terga não se deu por satisfeito. Depois de esbofetear diversos outros demônios, bradou:

— Vocês também! Todos vocês! Encontrem-na! Torturem-na! Aterrorizem-na! Querem que o Destruidor os tome pelo monte de traste que vocês de fato são? Corrijam a asneira que fizeram! Destruam a mulher!

O ar se encheu de asas tonitruantes, esvoaçantes. Terga cobriu a cabeça, protegendo-a de alguma ponta desgovernada. Os demônios desapareceram em segundos. O príncipe de Baskon olhou para a rua, para a estrada que levaria as viaturas à fazenda do Potter.

— Nosso sargento não vai encontrar o que espera — resmungou.

3

Escurecia quando as duas viaturas desceram rugindo a entrada de pedriscos da casa dos Potter. O carro de socorro já estava lá, portas escancaradas, luzes piscando. Na larga varanda da frente, Fred e Cecilia esperavam a polícia, um agarrado ao outro. Eram pessoas fortes, vigorosas, mas claro que aquela noite se sentiam abaladas.

Mulligan travou as rodas e fez o carro deslizar com sua brecada impressionante, derrapando de leve para o lado nos pedregulhos soltos. Em

seguida saltou da viatura a tempo de emergir como um deus da nuvem de poeira que levantara. Leonard esperou a poeira assentar antes de sair — não queria os bancos cobertos de pó quando retornasse ao carro.

Ben estacionou com cautela atrás da primeira viatura e saltou com toda calma e profissionalismo. Agia com extrema atenção, ciente das próprias emoções à flor da pele.

Mulligan já conversava com um dos paramédicos, levantando os fatos. O paramédico acabava de retornar de uma pequena casa em campo aberto. Ben podia ver duas ou mais lanternas varrendo a noite naquela direção. Fora isso, não havia outras luzes.

— Morta — disse o paramédico. — Há pelo menos uma hora.

— Está bem — disse Mulligan, acendendo sua grande lanterna prateada com um estalido —, vamos lá.

Tomou o rumo do campo, atravessando a grama alta com passadas longas e poderosas, o cassetete balançando no quadril, a barriga pulando acima do cinto. Leonard e Ben seguiram-no de perto.

— Deve ser aquela mulher — comentou Mulligan. — Sally Roe. Sabe alguma coisa a respeito dela?

Leonard deduziu que a pergunta fora dirigida a ele.

— Muito pouco, Harold.

— Acho que é desses tipos esquisitos, uma espécie de remanescente dos *hippies*, uma derrotada. Parece que ela resolveu acabar com tudo.

Ben matutava enquanto seguiam rumo à casa escura. Sally Roe. O nome não lhe dizia nada.

— Muito bem — disse Mulligan. — Ali está o cercado das cabras. Espalhem-se um pouco, gente. Nada de se esconder atrás de mim.

Deixaram o campo, cruzaram uma estradinha abandonada, coberta de mato, e chegaram ao cercado das cabras. A cerca era rústica e velha, feita de arame enferrujado pregado a mourões de dormentes partidos, com um portão rangendo muito pendendo torto de uma dobradiça boa e outra solta. O portão

ainda estava aberto. Todas as cabras estavam fechadas agora junto à casa dos Potter. Em pé do lado de fora do cercado, dois paramédicos guardavam seu equipamento.

— Ela é toda de vocês — comentou um deles.

Ben correu os olhos pelo cercado, iluminando a lanterna aqui e ali, apenas procurando verificar se havia algo incomum, sem querer mexer em nada. Seus olhos perceberam um balde de ração das cabras caído perto da porta do barracão dos animais.

— Ei, dê só uma olhada nisso — chamou, apontando a luz da lanterna.

Mulligan ignorou-o e investiu cercado adentro, entrando no barracão velho, coberto de zinco, deixando uma grande pegada de esterco no meio da ração derramada. De repente ele estacou. Encontrara alguma coisa. Leonard e Ben chegaram por trás dele e olharam para dentro pelo vão da porta.

Lá estava — a morta. Ben não conseguia divisar-lhe o rosto; Mulligan ocupava-lhe a frente. Mas ela estava toda vestida de preto, deitada de costas na palha, o corpo e os membros torcidos e flácidos como se alguém a tivesse embolado e jogado ali.

Ben correu a luz da lanterna dentro do barraco. O feixe luminoso recaiu sobre uma blusa xadrez ao lado do corpo. Mulligan parecia não tê-la visto. Estendeu a mão e apanhou-a. Estava manchada de sangue.

— Ei, Harold, dê uma olhada nisto.

Mulligan girou nos calcanhares como se lhe dessem um susto.

— Cole! Volte para junto dos Potter e consiga uma declaração deles!

— Sim, senhor, mas dê uma olhada nisto.

Mulligan não a pegou — ele a agarrou.

— Ande, vá logo. Podemos cuidar das coisas por aqui.

Leonard voltou o facho de sua lanterna para o rosto da mulher e Ben conseguiu vê-lo de relance pela primeira vez. Era jovem e bela, porém morta — violentamente morta. A expressão do rosto era vazia, os olhos secos e vidrados,

os cabelos pretos, que chegavam à altura dos ombros, como uma sombra emaranhada sobre a palha.

Ben não sabia que olhava fixo até Mulligan berrar com ele:

— Cole! Viu o suficiente? Vá andando!

Ben saiu de lá e apressou-se a atravessar o campo, de volta à casa dos Potter. Sentia a mente em disparada. O caso seria maior do que esperara. O aspecto do corpo, a blusa ensanguentada, a ração derramada, a violência evidente...

Aquilo não fora suicídio coisa nenhuma.

O pessoal do socorro partiu, dando o trabalho por concluído.

Ben revestiu-se de uma aparente calma ao subir os degraus da varanda. Os Potter ouviram-no chegando e imediatamente surgiram à porta.

— Olá. Sou o agente Ben Cole. — Estendeu a mão, que Fred aceitou.

— Já não nos vimos antes — perguntou Fred,encarando-o por um rápido instante.

— Não senhor. Faz pouco tempo que cheguei a Baskon. Estou aqui há mais ou menos quatro meses.

— Ó... bem, seja bem-vindo ao nosso meio. Em geral as coisas não são tão emocionantes assim por aqui.

— Claro, senhor. Er... Se me permite, gostaria de uma declaração sua.

Cecilia abriu a porta.

— Por favor, entre... Ben, não é?

— Sim, senhora. Obrigado.

Fred e Cecilia tomaram seus lugares no sofá e ofereceram-lhe uma cadeira em frente. Ben sacou de seu bloco de notas.

— Como estão passando? — perguntou.

— Ó... mais ou menos — respondeu Fred.

Cecilia se limitou a menear a cabeça.

— Pobre Sally. — As lágrimas voltaram-lhe aos olhos. — Tudo isso é simplesmente terrível. Apavorante.

Ben procurou ser delicado ao dizer:

— Eu... pelo que sei, foi a senhora quem a viu primeiro?

Ela fez que sim com a cabeça.

— A senhora tocou nela ou mexeu com ela de algum modo?

Cecilia sentiu repulsa só de pensar.

— Não. Nem cheguei perto dela. Nem para olhar seu rosto.

— A que horas foi isso, mais ou menos?

— Por volta de 6.

Ben rabiscou esses dados no papel.

— Bom, por que não me conta tudo o que aconteceu?

Ela então passou a relatar como as cabras tinham se soltado, e da cabra-mãe que tentara atacá-la, procurando lembrar-se depois do que fizera para levar a tal cabra de volta para o cercado, até que a necessidade urgente de dar sua opinião foi mais forte e ela não se conteve:

— Acho que alguém a matou!

Fred ficou chocado com isso, naturalmente.

— Como? O que a faz pensar assim?

Ben tinha de controlar a situação.

— Er... vamos tratar disso quando chegar a hora. Por enquanto a senhora precisa me contar o que viu... só o que viu.

Ela assim o fez, sem acrescentar grande coisa ao que ele mesmo vira.

— Eu não queria vê-la daquela forma. Por isso não fiquei por lá.

— Tudo bem. A senhora pode me dizer o nome completo da vítima?

— Sally Roe. Era do tipo tranquila — comentou Cecilia, o rosto cheio de sofrimento e perplexidade. — Nunca falava muito, preferia ficar no seu canto. Gostávamos de tê-la como inquilina. Era asseada, responsável, nunca tivemos nenhum problema com ela. Por que alguém desejaria machucá-la?

— Então a senhora não sabe de ninguém que pudesse... guardar algum tipo de queixa ou rancor contra ela?

— Não. Sally era muito reservada. Não me lembro de jamais tê-la visto recebendo alguém ou com visitas.

— A senhora se recorda de alguma coisa que lhe parecesse fora do normal?

— Você viu a ração derramada no chão?

— Sim senhora.

— Alguém deve ter pulado e agarrado a Sally.

— Hum-hum. Mais alguma coisa?

— Vi um pedaço comprido de corda na mão dela. Talvez fosse para amarrar as cabras, não sei.

Ben tomou nota.

Ouviram-se passos vigorosos na varanda. Era o sargento Mulligan. Ele abriu a porta e entrou, removendo o chapéu.

— Bem, pessoal, foi uma noite e tanto. Encontramos uma verdadeira tragédia aqui. Conseguiu a declaração deles, Cole?

Ben se levantou e correu os olhos pelas anotações.

— A princípio, apenas do que a senhora Potter viu. Suponho...

Mulligan arrancou as anotações da mão do soldado e leu-as depressa. Enquanto isso, Bem concluía o pensamento:

— Suponho que assim que examinarmos a casa e dermos uma busca na área, teremos mais com o que trabalhar.

Mulligan pareceu não ouvi-lo.

— Hum. Está bem, farei que estas observações sejam incluídas quando o relatório for digitado. — Enfiou as notas de Ben no bolso e disse aos Potter: — Acho que ela se enforcou nos caibros do barracão, sabe-se lá por que motivo.

— Enforcou-se? — Cecilia repetiu, surpresa.

— A senhora encontrou alguma coisa parecida com um bilhete de despedida por aí?

Cecilia continuava confusa.

— Não... não, eu...

— Bem, passaremos a noite examinando toda a área, talvez descubramos alguma coisa. — Encaminhou-se para a porta outra vez. — Cole, pode dar o

dia por encerrado e ir embora. Eu e o Leonard continuaremos aqui e aguardaremos a chegada do médico-legista.

— Está dizendo que foi *suicídio*? — perguntou Ben, seguindo-o porta afora.

— Curto e grosso — respondeu Mulligan.

— Bem... pode ser.

— O que você quer dizer com "pode ser"? — retrucou Mulligan, sem paciência para esse tipo de resposta.

— Ora, o senhor viu como estavam as coisas lá dentro...

— Sim, vi tudo, e você não.

— Mas a senhora Potter viu. O corpo não estava dependurado quando ela o encontrou, mas caído na palha. Do mesmo jeito como o vimos quando chegamos lá.

— Vá para casa, Cole — sugeriu Mulligan voltando-se para a casa alugada. — Não se preocupe com coisas que não são de sua responsabilidade.

Dirigiu-se então para o outro lado do campo, dando por encerrada a conversa. Ben voltou para seu carro e sentou-se dentro com a porta aberta, virando as folhas de seu bloco de anotações. Expôs a ponta da caneta e começou a rabiscar algumas notas para si mesmo, coisas de que desejava se lembrar: "blusa xadrez com sangue", "posição do corpo sugere violência", "ração derramada", "corda na mão, não em volta do pescoço", "vítima não estava dependurada"...

Antes de entrar em Claytonville, nos arredores da cidade, Sally deixou a rodovia e enveredou por uma estrada obscura, cheia de mato e sulcada por marcas de rodas que ziguezagueavam para o interior da mata, contornando árvores e tocos, passando sob galhos baixos, mergulhando em lamaçais tenebrosos e fazendo a velha caminhonete corcovear e balançar a cada novo buraco, sulco, saliência e curva. A estrada — ou talvez fosse uma trilha — devia ter sido usada por agrimensores e construtores, mas agora era utilizada

apenas pela molecada em bicicletas sujas, quem sabe por um ou outro cavaleiro. Talvez em algum canto ali dentro ela conseguisse achar um bom local para abandonar o veículo.

Acabou encontrando o que parecia um retorno ou um beco sem saída, um trecho curto de uma área que já fora limpa e que os ciclistas ainda não haviam descoberto, e que estava sendo rapidamente reclamada pela espessa galharia. Virou o volante com força e deixou a caminhonete seguir em frente, fendendo a vegetação e achatando o mato que se erguia à frente dos faróis dianteiros.

Avançara o suficiente. Desligou as luzes e o motor.

E então permaneceu ali sentada, cotovelos no volante, a cabeça nas mãos.

Precisava ficar imóvel por um minuto apenas. Tinha de pensar, de avaliar a situação, de separar pensamento de sentimento. Passou um minuto sem se mexer, depois outro, e mais outro. O único som era o de sua própria respiração — tinha consciência de cada movimento respiratório — e o *tique, tique, tique* cada vez mais lento do motor esfriando. Percebeu como tudo permanecia imóvel no mato, e como estava escuro, e principalmente, como aquele lugar era solitário. Estava sozinha na escuridão e ninguém sabia disso.

Muito poético, pensou. *Muito apropriado.*

Quanto ao assunto que tinha em suas mãos: *Como vai ser, Sally? Você continua ou desiste? Pode sempre telefonar para eles, ou mandar-lhes uma carta e simplesmente contar onde está a fim de que possam vir e terminar o serviço. Aí pelo menos estará tudo acabado e você não terá de esperar tanto tempo para morrer*.

Inspirou fundo, um gesto cansado, e levantou a cabeça do volante, recostando-se para trás. *Que ideias, Sally, que ideias*!

Não, admitiu para si mesma afinal, *não — eu quero viver. Não sei por que, mas quero. Não sei por quanto tempo mais, porém, viverei. E isso é tudo o que sei por enquanto*.

Isso é tudo o que sei. Mas gostaria de saber mais. Gostaria de saber como foi que me encontraram... e porque querem me matar.

Acendeu a luz do teto — seria apenas por um segundo — e enfiou a mão no bolso da jaqueta à procura de um objeto pequeno. Um anel enfeitado, provavelmente de ouro puro. Olhou-o de perto e com cuidado, virando-o para todos os lados entre os dedos, querendo decifrar o estranho desenho na parte de cima. Não fazia nenhum sentido para ela, por mais que tentasse compreender o que poderia significar. No momento, sabia apenas uma coisa ao certo a respeito do anel: já o vira antes e as lembranças eram as piores possíveis.

Desligou a luz do teto. Já ficara sentada o suficiente. Guardou o anel de volta no bolso, tirou a chave da ignição e abriu a porta. Na profunda quietude que a cercava, as dobradiças secas, sujas, pareciam gritar em vez de gemer. O som assustou-a.

A luz do teto acendeu-se de novo, porém a seguir piscou e se apagou quando ela fechou a porta tão silenciosamente quanto possível, o que ainda assim soou como uma batida estridente. Agora a única luz no meio da mata densa, abandonada, se fora. Mal podia enxergar alguma coisa. Mesmo assim estava determinada a sair daquele mato, ainda que para isso tivesse de sair às apalpadelas até encontrar o caminho. Precisava se mexer, chegar a algum lugar seguro. Seguiu em frente, lutando contra a galharia que lhe agarrava as pernas, arranhava-a com espinhos, espetava-a no escuro. Em algum lugar à frente ficava o caminho antigo, onde o chão continuava limpo e transitável. Só tinha de encontrá-lo.

Debaixo de um tronco caído, bem no fundo de um bolsão escuro e podre, dois olhos amarelos a observavam, duas mãos guarnecidas de garras crispadas de ódio. A coisa deixou escapar uma risadinha de escárnio quando ela passou cambaleando.

No galho baixo e saliente de uma árvore, outro espírito se agachava feito uma coruja grotesca, as asas negras caídas dos lados como longas cortinas pendentes, a cabeça não mais que um puxador em cima dos ombros. Os olhos amarelos acompanhavam cada movimento da mulher.

Estavam ali para satisfazer os desejos de Terga; esperavam aplacar o Destruidor.

Ela conseguiu chegar ao velho caminho e sentiu chão firme e limpo sob os pés. Divisou um tantinho mais de luz logo adiante. Apertou o passo. Começava a se sentir como uma garotinha de novo, com medo do escuro, com medo de horrores invisíveis, anelando por alguma luz que espantasse todos os fantasmas.

Dois vultos pretos pairando logo acima do caminho esperavam-na passar debaixo deles. Vagueavam em pequenas idas e vindas, flutuando em espectrais asas desfraldadas, os braços e pernas finas e compridas pendendo como pernas de aranha, cada membro arrematado por longas garras afiadas que se fechavam e crispavam em antecipação.

Sally estacou. A estrada fazia uma curva aqui? *Vamos, garota, não se perca. Era só o que faltava*.

Três outros espíritos, dos piores de Terga, planaram sobre e entre as árvores como urubus reunindo-se para um banquete. Aproximaram-se por trás dela, babando e rindo esganiçado, empurrando uns aos outros mais para perto.

Sally pensou ter visto o caminho de novo, estendendo-se à esquerda.

Tentou seguir aquela direção. Sim, ela o encontrara, porém suas pernas enfraqueciam. O coração batia-lhe contra as costelas como se quisesse sair. *Não, por favor, não de novo, não mais...*

Era medo mesmo, à antiga — do tipo com o qual vivera durante anos. Justo quando pensava ter se livrado dele, escapado, esquecido, ali estava, de volta, com a ferocidade de sempre, atacando-a, confundindo-lhe os pensamentos, fazendo-a tremer, suar, cambalear.

Seus velhos amigos estavam de volta.

Passou debaixo dos dois demônios flutuantes.

— *Iaaac*! — bradaram eles, envolvendo-a em enxofre.

Os espíritos que a seguiam estapearam-lhe a alma com as asas negras.

Upa! A moça tropeçou e caiu no chão, um grito sufocado na garganta. Lutou para fazer que as pernas a sustentassem de novo, para continuar andando. Onde estava mesmo a estrada?

Os espíritos pousaram-lhe nas costas e nelas enterraram fundo as garras.

Ela levou as mãos à boca e tapou-a com força, esforçando-se para manter dentro de si mais um grito, tentando permanecer calada. Não conseguia se equilibrar. Alguma coisa a perseguia. Precisava fugir. Continuava lutando para se levantar.

Os demônios espetaram-na e aplicaram-lhe um pontapé, rindo alto e gritando de prazer, até que a soltaram.

Ela se viu de pé outra vez. Conseguindo vislumbrar o caminho, correu, os braços à frente do rosto para bloquear os galhos da mata que a feriam e agarravam. Começava a ouvir alguns veículos na rodovia. Quanto ainda faltava?

Os espíritos sombrios adejavam e se agitavam atrás dela, tagarelando e cuspindo. Era um jogo maravilhoso, cruel.

No entanto, guerreiros observavam a cena. Mergulhados no substrato da floresta, em meio a árvores, troncos e da galharia espessa, profundos olhos dourados observavam tudo e braços fortes sustentavam espadas desembainhadas.

A Igreja da Comunidade do Bom Pastor mantinha uma corrente de orações, um sistema simples para espalhar pedidos de oração por toda a igreja via telefone. Cada participante dispunha de uma lista com o nome de todos os demais participantes e os números de seus telefones. Quando alguém precisava de oração por algum motivo, telefonava para a próxima pessoa na lista depois do seu nome, que por sua vez ligava para a pessoa seguinte, que então ligava para a subsequente e assim por diante. Podia acontecer de a igreja inteira estar orando por um pedido em questão de horas, em qualquer dia da semana.

O pedido de Tom fez as linhas zunirem com a novidade sobre Ruth e Josiah. A cada telefonema, mais santos se punham a orar. No topo da lista figurou Donna Hemphile, supervisora na Fábrica de Portas Bergen; a seguir vieram a família Waring, depois os Jessup, seguidos de Lester Sutter e a esposa, Dolly. Depois os Farmer, os Ryan, a viúva Alice Buckmeier, os presbíteros do conselho da igreja — Jack Parmenter e o filho Doug, Bob Heely e Vic Savan. A corrente se sucedeu até que todos os números fossem chamados.

Isso deu início a um alvoroço de preces, claro, mas também de telefonemas para Tom em busca de mais notícias. Para sua grande tristeza, não tinha mais nada para contar a ninguém; para sua frustração, muitas informações passadas pela corrente de oração estavam erradas.

Tentou telefonar para o Departamento de Proteção à Criança, mas estava fechado.

Tentou encontrar o número do telefone da casa de Irene Bledsoe; não constava da lista telefônica.

Tentou o gabinete do procurador do Estado. A mulher que atendeu o orientou a ligar para o DPC ou então o Departamento de Serviços Sociais e Sanitários.

Tom ligou para o DSSS e lhe disseram para entrar em contato com o DPC pela manhã. Não sabiam de nenhum número para se entrar em contato com Irene Bledsoe; tampouco estavam autorizados a fornecê-lo, caso soubessem.

O pastor Mark Howard e Cathy, sua esposa, não estavam na cidade, porém voltariam no dia seguinte, a qualquer hora.

Ben Cole cumpriu o que prometera e telefonou. A essa altura, no entanto, não havia nada que pudesse fazer até a manhã seguinte.

Depois de uma última ligação a um deputado estadual que não atendeu, Tom deixou o telefone cair no gancho e escondeu o rosto nas mãos. Precisava parar, respirar, acalmar-se. A situação não podia ser tão terrível quanto parecia. Em algum lugar, em algum momento, encontraria Ruth e Josiah. Simplesmente porque não podia ser tão difícil.

O silêncio, o vazio de sua casinha era estranho, quase ultrajante. Naquele exato momento, ele deveria estar colocando Ruth e Josiah na cama. Em vez disso se via sozinho e exausto.

— Senhor Deus — orou —, senhor Deus, por favor, proteja meus filhos. Traga-os de volta para mim. Por favor, ponha um fim nesse pesadelo!

Manhã de quarta-feira.

A Escola Elementar de Baskon fedia a demônios. Enquanto Natã e Armoth a sobrevoavam bem alto, podiam senti-los, percebê-los, com frequência vê-los, zumbindo e rodopiando para dentro e para fora da novíssima estrutura de tijolos e concreto da qual a comunidade tanto se orgulhava. O pátio do recreio fervilhava de crianças, cerca de duzentas, correndo, brincando e gritando antes de o primeiro sinal anunciar o início das aulas. Então se reuniram em todas aquelas classes onde os espíritos se manteriam mais ocupados que nunca.

Os dois guerreiros passaram por cima da escola, seguiram em frente mais de um quilômetro até de repente inclinar o corpo rumo à terra, despencando feito pedras, girando devagar até ficarem de frente para a direção de onde acabavam de vir. Em seguida, diminuindo a velocidade, voaram rente aos campos de feno e milho novo, por estradas secundárias cobertas de pedregulhos, bem pelo meio de uns esguichos, chegando por fim ao velho galinheiro de uma fazenda próxima à escola.

Abriram as asas como paraquedas e atravessaram as velhas paredes de ripa do galinheiro com os pés à frente do corpo. Dentro, um coro cacarejante de 800 galinhas brancas continuou impassível, bicando a ração, botando ovos, alheio à presença deles.

Avançaram rápido na direção de uma das extremidades da longa construção, movendo-se através de penas brancas flutuantes, uma poeira marrom e galinhas, galinhas por toda a parte.

Tal postou-se junto a uma janela, olhando em direção à escola. Armoth gracejou:

— Seria fácil questionar por que você escolheu este lugar.

— Pela vista — respondeu Tal. Em seguida, olhou na direção da escola outra vez. — Eles têm um projeto e tanto lá, bem fundamentado.

— Os santos ficaram alvoroçados com a notícia dos filhos de Tom. Estão orando — disse Natã.

— E o Senhor está respondendo, de modo que temos cobertura por enquanto. Mas o verdadeiro ataque está por acontecer, ainda esta manhã. Coloque um guarda à volta de Tom. Ele já vai sofrer o suficiente, não quero maiores amolações enquanto estiver assim pra baixo.

— Certo.

— Onde está Sally agora?

— Ela conseguiu chegar a Claytonville e arrumou um quarto de hotel. Chimon e Scion a mantêm sob vigilância, porém os espíritos de Terga a atormentam na esperança de reaver a aprovação do Destruidor.

Tal ficou furioso ao ouvir isso.

— Que espíritos?

Armoth tinha a lista pronta na mente:

— Medo, Morte, Loucura. Eles e alguns outros a afligiram na noite passada e a seguiram hoje também, tentando abater seu estado de ânimo.

— E quanto a Desespero?

— Terga o enviou para informar o Homem Forte.

— Que coragem! — exclamou Tal, achando graça. Olhou na direção da escola novamente. — Quero que Signa e Mota abram caminho naquela escola, criem certa proteção, algumas distrações. Precisamos entrar e sair de lá sem que toda a rede demoníaca descubra. Quanto a Cree e Si, eles terão de fazer a mesma coisa em Ômega, o que significa que precisarão do dobro de guerreiros só para fazer Sally entrar e sair de lá viva.

Armoth respirou fundo.

— Um negócio arriscado, capitão.

— E ficará sempre mais, a cada passo que dermos. O que me diz do quarto do Hotel Schrader em Fairwood?

— Temos guerreiros lá agora, ocupados em conservá-lo aberto — explicou Natã. — E o antigo esconderijo do anel continua intacto.

Tal tirou um momento para pensar.

— Então essas frentes estão cobertas. Agora só nos resta levar o jogo adiante, um movimento cuidadoso de cada vez. — Sorriu, divertido. — Suponho que o Homem Forte deva receber notícias de Desespero a qualquer momento agora.

— E quem está aquartelado lá?

— Guilo.

Natã e Armoth assentiram com a cabeça. Não era de surpreender.

4

Muitas vezes Guilo observara como a maldade mais terrível e obscura parecia escolher os lugares mais belos para construir um ninho. Era o que estava acontecendo de novo. A sua volta as montanhas se erguiam altaneiras, escarpadas, os picos coroados de neve, pitorescos. O ar matutino era límpido, a visibilidade ilimitada, o vento constante e suave, o céu azul profundo. Exércitos de pinheiros altos guardavam posição de sentido a cada encosta, ribeiros cristalinos escorriam do branco puro das geleiras, espadanando e cascateando água. Abaixo dele, a cidadezinha de Summit se aninhava pacífica no vale verde, cheio de flores silvestres, cercada por um silêncio tranquilo, perceptível.

Assobiou quando lhe ocorreu que todas aquelas pessoas lá embaixo, rodeadas por tanta beleza, não conseguiam enxergar o horror que as envolvia por todos os lados, a iminente tempestade que estava para engolfá-las, as trevas cancerosas que primeiro cegam, depois consomem.

Guilo e cerca de uma dúzia de guerreiros evitavam ser vistos, mantendo-se rente aos pinheiros, sem mostrar nem um pouco da luz da glória. Ele não queria ser percebido pelos poderes malignos que só espíritos conseguem

enxergar — a nuvem de demônios enxameando e rodopiando feito um tufão tão preto quanto fumaça na encosta da montanha, a menos de dois quilômetros da cidade. Abaixo do tufão de sentinela, quase invisível em meio ás árvores, havia um gracioso vilarejo alpino, uma visão pitoresca de prédios enfeitados, calçadas exageradamente bem cuidadas, trilhas fascinantes, belíssimos jardins. O lugar todo gritava um convite à permanência, exalando agradável e envolvente senso de paz, beleza e fraternidade.

Era a casa do Homem Forte, seu posto avançado, o eixo de um mal que se alastrava cada vez mais. Os espíritos obscuros eram audaciosos e turbulentos, deleitando-se com uma lista sempre crescente de vitórias sobre almas humanas.

Guilo estacou, imóvel, observando-lhes os movimentos, avaliando-lhes a força, calculando-lhes a quantidade. Sim, gostava de vê-los tão atrevidos; era sempre mais fácil apanhá-los desprevenidos nesse estado de espírito. Mas não permaneceriam assim por muito tempo — ele e seus guerreiros viram a recente chegada de um demoniozinho choramingão, pobre mensageiro de uma cidadezinha rural insignificante, e a notícia que o espírito trazia com certeza mudaria as coisas por todo aquele vilarejo supostamente encantador. Um ataque teria sido difícil antes. Agora seria um verdadeiro pesadelo.

Um grito! Um berro agudo, um tremor perpassou o tufão. As fileiras de demônios começaram a se comprimir, encolhendo-se cada vez mais, fechando-se, cada vez mais escuras, mais espessas.

— Ó... — Guilo exclamou. — Parece que o Homem Forte recebeu a notícia.

ROOOOOOAARRRR!!

A massa disforme que era o corpo de Desespero espichou-se, retorceu-se e abaulou-se de um lado, depois do outro, feito uma grande bolha preta que acabara de sair do canudo, enquanto ele atravessava o chalé e caía no chão, choramingando alto, o corpo negro, frouxo e chato como um soluçante e trêmulo tapete de pele de urso. A seu redor, demônios príncipes e generais

armavam a maior confusão, babando, exalando enxofre, gritando, proferindo maldições e soltando um vapor amarelo tão denso quanto fumaça de charuto. O chalé se enchia de uma neblina pesada e pútrida que quase lhes obscurecia os vultos espectrais.

Eles também não gostaram nem um pouco da notícia de Desespero.

Na extremidade da sala de estar, o Homem Forte fitava com ódio o desprezível demoniozinho, seus enormes olhos amarelos de gato quase saltando das órbitas, as narinas alargadas, o enxofre fluindo delas em nuvens revoltas. O imenso e volumoso espírito tentava decidir se estava se sentindo melhor agora ou se precisaria atirar Desespero para o outro lado do chalé de novo.

Os príncipes e generais — quase uma centena deles — começavam a se voltar uns contra os outros, abanando os braços, batendo com as asas negras na cara uns dos outros, gritando e chiando; alguns exigiam explicações, outros começavam a passar adiante a culpa, alguns queriam saber o que fariam a seguir enquanto outros simplesmente se deixavam ficar ali, praguejando.

O Homem Forte encheu a sua extremidade do cômodo com as asas e estendeu os braços abertos.

— Silêncio!

Obedeceram-no de pronto.

Ele deu uma enorme passada rumo ao centro da sala e todos os demônios recuaram, curvando-se, fechando as asas. Ele deu mais alguns passos, fazendo-os ecoar no interior da sala. Então se dirigiu ao pequeno tapete no chão:

— Você tem mais alguma coisa para me contar?

— Não, meu Ba-al.

— Alguma outra perda?

— Não, meu Ba-al.

— Nenhuma outra asneira?

— Não, meu Ba-al.

O demônio poderoso pensou no que ouvia por um instante. Em seguida a ordem explodiu de sua boca escancarada como de um canhão:

— Então dê o fora daqui!

A força do hálito do Homem Forte foi mais do que suficiente para fazer Desespero pôr-se a caminho. Estava fora do chalé, voando pelo céu, antes até de abrir as asas.

O Homem Forte retornou a sua extremidade da sala e afundou no trono — o buraco da lareira — ostentando uma carranca profunda. As fileiras demoníacas que o ladeavam se aprumaram, mantendo-se empinadas contra as paredes. A ordem voltou à sala repleta de trevas, sombras, fumaça amarela e um mau cheiro como de morte.

— Ela está viva — ele resmungou, amargo. — Estávamos livres dela, achamos que de vez, mas agora ela ressurge. Tentamos matá-la porém ela continua viva... e debaixo da proteção *deles*.

Os príncipes se postavam como estátuas, esperando em silêncio suas próximas palavras.

— *RRROOOOOOUUUUULLLL!*

As fileiras demoníacas tiveram de se recompor depois disso.

— O Vidoeiro Quebrado... — ele continuou pensando alto. — Um bando de gente tão agradável, tão indômita e tão franca. Tão pronta para matar. Tão... tão *desajeitada*! — Ele fervia, os dedos tamborilando, olhando furioso para o nada. — Esses humanos... esses adoradores de nosso senhor são maravilhosamente maléficos, mas às vezes... às vezes eles se metem na *nossa* frente! Sem sutilezas, sem cautela. Por isso, agora temos um erro grosseiro e uma alma escorregadia que escapou do nosso punho. Uma ameaça para nós, agora pior do que nunca!

Um príncipe adiantou-se e curvou-se.

— O meu senhor consideraria a possibilidade de abortar o plano?

O Homem Forte aprumou-se e seus punhos cerrados ribombaram sobre as pedras da lareira.

— *Não*!

O príncipe recuou para a fila sob os olhares condenatórios dos companheiros.

— Não — rosnou o Homem Forte —, não este plano. Há muita coisa em jogo, muita coisa já estabelecida e preparada. Muita coisa a ganhar para permitir que uma mulherzinha, uma alma qualquer miserável, estrague tudo.

O espírito odioso tentou descontrair, inclinando a cabeça para trás e deixando a língua cor de âmbar rolar pelos beiços.

— A cidade era tão perfeita — comentou. — Os santos de Deus, tão poucos, tão fracos... e o nosso pessoal, ah, tão forte, tão numeroso, tão.... tão pioneiro! Trabalhamos com tanto afinco para estabelecer a base que temos ali. Ah... quem sabe quanto tempo demorou...?

— Vinte e três anos, Ba-al — respondeu um auxiliar bem-intencionado.

O Homem Forte encarou-o com ódio.

— Obrigado. Eu sei. — O auxiliar curvou-se e recuou, enquanto o Homem Forte prosseguia com sua revisão mental. — E os santinhos insignificantes da cidade eram... obscuros, sabem?, distantes de qualquer possibilidade de socorro, distantes dos principais recursos, isolados no meio de lavouras ondulantes... era o lugar perfeito para começarmos o processo. — A cara bestial tornou-se mais fechada e amarga. — Até que começaram a orar. Até que deixaram de se sentir tão confortáveis e puseram-se a chorar diante de Deus! Até que começaram a reivindicar o poder da... — O Homem Forte selou os lábios.

— Cruz? — sugeriu o auxiliar.

— *Iaaaa*! — A espada do Homem Forte zuniu pelo ar e deixou de atingir seu auxiliar por questão de centímetros. Tanto fez. Vários príncipes agarraram o vassalo boca-suja e expulsaram-no.

O Homem Forte se acomodou na lareira com um baque.

— Destruidor!

Os príncipes olharam para a outra extremidade da sala. Um murmúrio percorreu-lhes as fileiras. Alguns recuaram. Uma sombra adiantou-se, uma

silhueta. Era alta, envolta em asas ondulantes. Ela se movia com tamanha suavidade, em tamanho silêncio que parecia flutuar. Os outros demônios não se atreviam a tocá-la. Alguns se curvavam de leve.

A sombra atravessou a sala e postou-se diante do Homem Forte, a cabeça abaixada em reverência. E assim permaneceu, absolutamente imóvel.

O Homem Forte estudou a forma escura e silenciosa por um momento.

— Notei que você tem estado muito quieto durante estas discussões.

A coisa levantou a cabeça e fitou seu senhor com olhos estreitos, calculistas. A cara não era completamente repulsiva, mas quase humana. Ainda assim era má, fria e repleta de ódio.

— Diga, meu Ba-al — disse ele —, e responderei.

Os olhos do Homem Forte estreitaram.

— Seus lacaios fracassaram, Destruidor. Ela está viva e livre. O que me diz disso?

A cara de Destruidor parecia esculpida em pedra, sua espinha, bastante ereta.

— Ela ainda é minha?

Um tom estranho, cortante se fez ouvir na voz do Homem Forte:

— Você ainda a merece, Destruidor?

A besta fera demonstrou não gostar nada da pergunta.

O Homem Forte falou com clareza, em tom ameaçador:

— Quero que dê sumiço nela, de modo que nunca mais reapareça de novo. — Havia uma leve dúvida na voz do Homem Forte ao perguntar: — Você consegue dar conta disso?

A coisa não se moveu por um momento.

Zum! Um relâmpago vermelho! Uma espada cortou o ar zunindo e dividiu o espaço em dois segmentos ardentes. Asas negras encheram o aposento como fumaça e ribombaram como trovão. Os príncipes caíram para trás de encontro às paredes; o Homem Forte chegou a se encolher. A coisa permanecia imóvel

outra vez, os olhos lançando chispas de raiva, as asas negras se acalmando devagar, a candente espada vermelha firme em sua mão.

A voz baixa e sinistra fervilhava de ressentimento.

— Dê-me alguns guerreiros de verdade, não Terga e os diabretes desajeitados e chorões que ele mantém em Baskon! Coloque seus melhores guerreiros sob meu comando e deixe que desenergizem o Vidoeiro Quebrado, e verá do que seu servo é capaz!

O Homem Forte estudou a cara de Destruidor e sem o menor sorriso perguntou:

— E quanto aos boatos que tenho ouvido?

Destruidor bufou uma risada sarcástica pelas narinas dilatadas.

— São rumores espalhados por espíritos encolhidos de medo! Se nosso oponente for esse Tal, tanto maior a emoção do desafio.

— Ele é poderoso.

— Ele é *sabido* — contrapôs Destruidor. — Sua força não reside na própria espada, mas nos santos de Deus. Nossos exércitos transformaram em lenda sua vitória sobre nós em Ashton, mas lhe tributam respeito exagerado. Foram as orações dos santos que nos derrotaram, não o astuto capitão das hostes celestiais. — Abanou a espada lentamente pelo ar, admirando o reflexo ardente que seguia de perto o gume afiado. — O mesmo aconteceu neste revés recente, insignificante. Mas agora tenho uma vantagem, Ba-al: provei da astúcia do inimigo, testei sua força e conheço a fonte do seu poder.

O Homem Forte ainda tinha dúvidas.

— E como espera frustrá-lo se de novo não conseguiu?

— Procurarei os santos primeiro. Já existe em Baskon coisas mais que suficientes com que eles se aborrecerem, mais do que suficientes para dividi-los. Farei que se mantenham ocupados censurando e atacando-se mutuamente, até afastar seus corações da oração. — Segurou a espada bem alto; o brilho avermelhado iluminou a sala e seus olhos amarelos refletiram a luz em tom vívido de sangue. — Arrancarei a força de Tal bem debaixo do nariz dele!

O Homem Forte parecia impressionado, ao menos por enquanto.

— Designarei meus melhores homens para acompanhá-lo. A sociedade do Vidoeiro Quebrado é desajeitada por vezes, mas nos é totalmente dedicada. Use-a a seu bel prazer. Agora vá!

Ben estava sentado à sua pequena escrivaninha, no escritório da frente da delegacia, tentando se livrar de um pouco da papelada antes de sair em ronda. Era um escritoriozinho aconchegante, com duas escrivaninhas pequenas, uma copiadora, alguns cartazes coloridos sobre segurança no trânsito e um gradil baixo fazendo o papel de divisória. Naquele exato momento, o sol matutino jorrava pelas grandes janelas, aquecendo o lugar. Em circunstâncias diferentes, ele sempre gostara de trabalhar ali.

Mas Ben não se sentia contente naquela manhã e sua mente estava longe da papelada. Vira o relatório final de Mulligan sobre o suposto suicídio e o considerara inacreditável. Não podia afirmar com certeza mas as fotografias do corpo e as condições que o cercavam simplesmente não correspondiam ao que se lembrava de ter visto. De repente havia uma corda em torno do pescoço da mulher — na noite anterior Ben não vira corda nenhuma naquele pescoço, e até a sra. Potter dissera que a mulher tinha a corda na mão. A ração derramada sumira misteriosamente e a palha em volta do corpo parecia intacta, muito diferente da palha remexida, pisoteada e desordenada da noite anterior.

Ben não queria pensar nisso, mas era óbvio que a cena — bem como as fotografias dela — tinham sido adulteradas. Como se Mulligan e Leonard tivessem dado cabo de todas as provas antes de tirarem as fotos e redigirem o relatório.

Não bastasse isso par preocupá-lo, havia também o desprezo e a acusação que Mulligan dirigira a Tom Harris, e na frente dos jornalistas. Aliás, por que cargas d'água a imprensa estava na delegacia? Uma porção de coisas lhe parecia muito suspeita naquele instante.

Havia um exemplar do *Estrela de Hampton* no canto da escrivaninha. Ben precisou percorrer o jornal inteiro antes de encontrar a mínima menção — nada além disso — à morte na fazenda dos Potter. O artigo servia mais para preencher espaço do que noticiar de verdade, como se o repórter deixasse cair os fatos em algum canto do chão e esquecesse deles... ou os abandonasse ali de propósito. A coisa toda dava a sensação de um grande erro, tanto que revirou o estômago de Ben.

Preciso dar o fora daqui, sair em ronda. Não quero falar com Mulligan, não quero nem olhar para a cara dele.

Mas Mulligan era difícil de ser ignorado — e gostava que fosse assim. Ele veio até a frente do prédio, arrotou bem alto e sentou-se atrás de uma escrivaninha do outro lado do aposento como se fosse uma carga de grãos caindo num desembarcadouro. Trazia o relatório da investigação, que se pôs a folhear como quem dá a última olhada.

— Bom — disse com a voz retumbante, capaz de reduzir nervos a estilhaços —, acho que isso é tudo.

— Algum parente a quem devamos notificar? — perguntou Ben.

Mulligan tirou um envelope de papel manilha da gaveta.

— Nenhum. Roe era uma ninguém, uma eremita. — Fez deslizar o relatório, acompanhado dos desenhos e fotografias que o compunham, para o interior do envelope e dobrou-lhe a aba. — Ela arrancou o próprio plugue da tomada e agora cabe a nós plantá-la em silêncio e seguir com a vida.

— Imagino que não haverá um relatório do legista, certo?

Ben sabia que avançara demais. Mulligan começava a ferver.

— Claro que vai haver. E daí?

Ben queria recuar, mas agora precisava responder à pergunta de Mulligan.

— Bom... com todo devido respeito... o legista poderia encontrar alguma evidência que levante a possibilidade de outra causa para a morte.

Mulligan não tinha tempo para isso.

— Ouça, Cole, se ser um tira comum, trabalhador, limpo, não basta para você... se acha que não tem responsabilidade suficiente... tenho certeza de que posso encontrar coisas mais interessantes para você fazer, algo de que se orgulhe realmente. Este lugar está precisando mesmo de uma varrida e sei que você seria meticuloso; meteria a vassoura em todos os cantos, não deixaria uma única teia de aranha, certo?

Ben tinha consciência de que encarava Mulligan, porém não fez o menor esforço para suavizar a expressão.

— Eu poderia ser muito meticuloso verificando se a investigação da noite passada foi ou não exata.

Mulligan abriu com força a gaveta do arquivo e jogou o envelope ali dentro.

— Concentre-se em fazer o seu serviço, Cole. Você não é pago para ser minha consciência.

5

Lucy Brandon, agente do correio, não conseguia se concentrar no serviço. A moça do balcão, Debbie, já lhe fizera três perguntas — uma sobre o carteiro da Rota 2, uma sobre as bandejas de correspondência rachadas, e uma sobre... ora, não conseguia lembrar a terceira pergunta. Nem conseguiria responder a qualquer uma delas, pois não se lembrava da informação. Simplesmente não estava conseguindo pensar.

— Ei — Debbie chamou afinal —, está se sentindo bem?

Lucy tirou os óculos e esfregou os olhos. Costumava ser uma pessoa forte, durona o suficiente. Morena, alta, 31 anos, passara por número mais que suficiente de pequenas provações na vida a essa altura: pobreza, a morte precoce dos pais, uma juventude desmiolada e rebelde, um casamento abalado, a obrigação de apanhar os pedaços após o amargo divórcio e de criar uma filha pequena sozinha — no total, um pacote de apuros bem completo. De modo

que aprendeu a enfrentar as lutas de modo geral; a maioria dos problemas nem a preocupavam de fato — desde que não atingissem sua família.

Observou todo o interior da pequena agência de correio, felizmente bastante tranquila naquele momento. O corre-corre do meio-dia ainda estava a algumas horas de distância, todos os carteiros haviam saído para cumprir cada qual seu itinerário e a pilha de serviços não parava de crescer, mas ela daria conta de tudo.

Estava determinada a responder pelo menos uma pergunta.

— Bem, não, não muito.

Debbie era jovem, bonita e compassiva. Talvez não tivesse vivido o suficiente para criar um exterior duro. Por isso tocou ternamente o ombro de Lucy.

— Alguma coisa que eu possa fazer?

— Bem... — Lucy consultou o relógio na parede. — Tenho um compromisso para daqui a poucos minutos. Acha que você e Tim dão conta do recado até eu voltar?

— Ora, claro.

O brilho da luz do sol refletida dançou ao longo da parede. Um esportivo azul-escuro estacionou na frente da agência.

— Ó, aí está minha carona.

— Pode ir. Não se preocupe conosco.

A motorista do carro era Claire, amiga maravilhosa e conselheira não só de Lucy como também de várias outras pessoas de todas as condições sociais na cidade. Era uma bela mulher, com cabelos loiros arranjados cuidadosamente em torno da cabeça e adornados com pentes e grampos que piscavam e brilhavam. A blusa e a saia comprida, ambas de um belo tecido de fibras naturais, assentavam em seu corpo feito vestes reais. Aliás, aos olhos de Lucy, Claire era mesmo uma rainha. Ela e seu amigo Jon, arquiteto, formavam um

casal perfeito, crescendo sempre em realização pessoal e harmonia, tornando-se exemplo duradouro para todos os amigos.

Quando Lucy entrou no carro, Claire se inclinou e abraçou-a.

— Como vai, Lucy?

— Ó... levando — ela respondeu, a procura do cinto de segurança. Claire deixou o estacionamento da agência de correio e desceu a Rua da Frente.

— E Amber, como está? — perguntou.

— Tudo bem. Não lhe contei que iríamos hoje. Não queria causar nenhum alarme antes do necessário.

— Que bom, que bom.

— Quero levá-la de volta à escola na segunda-feira e ver se consigo encaixá-la outra vez nas turmas que frequentava. A senhorita Brewer acredita que ela não terá muita dificuldade para pôr as matérias em dia e terminar o ano.

— Ora, não, não a Amber. De qualquer forma, o ano já está acabando mesmo.

Atravessaram a cidade e enveredaram pela rua 187, chamada de Estrada da Lagoa porque passava por uma lagoa grande e conhecida, cercada de juncos, uns três quilômetros a oeste. Junto à placa da rua indicando o nome da estrada havia outra apontando a direção da Comunidade do Bom Pastor e da Academia Bom Pastor.

— Creio que John e Paula estarão lá hoje — disse Claire. — Espero que não se incomode.

— Acho que não. Nem os conheço ainda.

— Bem, verá que são pessoas maravilhosas. Alegro-me por trabalharmos com eles neste negócio. Em geral os jornalistas não são tão bem educados assim.

Lucy acalmou-se por um instante, observando apenas as lavouras e os bosques passarem. Enfim, comentou:

— Por que precisamos envolver a imprensa na história?

— Ora, muito simples. Num caso como este, a opinião pública é importante. É a mentalidade popular que acaba criando as leis pelas quais todos temos de viver. Veja, lutamos nossas batalhas em dois níveis: nos tribunais e na arena pública. Uma porção dos casos que vencemos hoje vieram à tona porque a opinião pública foi moldada muitos anos atrás. O que fizermos agora para moldar a opinião pública terá efeito positivo nos casos legais que surgirem no futuro. É um processo.

— Só não sei se Amber conseguirá passar por isso.

Claire sorriu confiante.

— Ó, Amber é um soldadinho forte. Ela consegue sim. Fiquei impressionada com a forma como se manifestou e contou tudo a nossa equipe, e ao doutor Mandanhi, e até à senhora Bledsoe.

Lucy parecia amargurada.

— *Amber*? Você quer dizer "Ametista", não é?

Claire sorriu e fez que sim com a cabeça.

— Sim, tem razão. Mas isso não importa. Continua sendo Amber, na verdade. Ametista é uma boa amiga para ela por carregar o peso do que aconteceu e falar livremente, coisa que Amber jamais conseguiria como ela mesma.

Lucy exibiu um sorriso nervoso.

— Mas, sabe de uma coisa... acho que não gosto de Ametista.

Claire deu risada. Lucy riu também, esperando que a declaração não fosse levada tão a sério quanto pretendera.

— Quer dizer, Ametista é tão impertinente e desrespeitosa... e acho que Amber se livra de muita coisa jogando a culpa nela.

— Bem, precisamos dar um jeito de parar com isso, claro.

— Mas está vendo o que me preocupa? Acho que eu confiaria em que Amber diz a verdade... e saberia o que ela pensa e sente. Mas o mesmo já não vale para Ametista. Nunca sei o que ela vai dizer em seguida! — Lucy balançou

a cabeça, achando incrível o simples fato de estar tendo aquele tipo de conversa. — Preciso de rédeas para aquela bichinha!

Claire riu outra vez.

— Não tenha medo de Ametista. Os guias íntimos são sempre dignos de confiança. Amber precisa desse apoio e comunhão para o que vem aí.

— Imagino que sim.

Mas Lucy não se sentia nada melhor, e Claire percebeu.

— O que mais? — perguntou então.

— Já que falamos em Ametista...

— Sim?

— Você viu aquele outro artigo no jornal, sobre Sally Roe?

Claire sabia do que se tratava.

— Lucy, você não tem nada a ver com isso, de verdade. Não deveria nem pensar uma coisa dessas!

Lucy estava quase em lágrimas.

— Mas como vou evitar?

Claire olhou várias vezes para Lucy pelo canto dos olhos enquanto dirigia.

— Ouça bem. Não foi culpa de Amber. Pedi para alguns amigos meus irem atrás de Sally Roe assim que você me contou o que tinha acontecido no correio. Pelo que pude perceber, Sally Roe era uma pessoa profundamente perturbada. Vivia atormentada por dúvidas a respeito de si mesma e pela culpa. Nunca conseguiu sair dessa... era uma trapalhada cármica! Amber nada teve a ver com seu suicídio. Ela o teria levado a cabo de qualquer forma.

Lucy balançou a cabeça e fixou os olhos fora da janela.

— Mas se você pudesse ter estado lá... se tivesse visto o rosto daquela mulher quando... quando *Ametista* partiu para cima dela. E eu não consegui fazer com que parasse. Amber simplesmente não saía do transe.

— Esqueça isso — aconselhou Claire, batendo de leve na mão de Lucy. — Sally Roe se foi, cumprindo o caminho que ela mesma traçou, aonde quer que

a tenha conduzido. Você tem o seu, Amber também. É nisso que você precisa pensar agora.

Afinal, Lucy assentiu. Aproximavam-se da escola cristã e ela se sentia nervosa.

— Só espero que todo esse negócio acabe bem. Espero que a gente saiba o que está fazendo.

— Acho que é algo que precisamos fazer — respondeu Claire, firme. — A intolerância religiosa é inimiga de todos nós. Na minha opinião, estaríamos faltando com a nossa responsabilidade se não fizéssemos nada.

Não havia tempo para dizer mais nada. Claire diminuiu a velocidade e indicou que ia virar. Logo ali à esquerda erguia-se a Comunidade do Bom Pastor, um prédio simples de tijolos com telhado de duas águas, janelas tradicionais em arco e uma torre de sino. Era um marco em Baskon, abrigando diversas congregações diferentes com o passar dos anos; algumas haviam se extinguido, outras mudado, dando lugar a novos grupos. Apesar disso tudo, a igreja permanecia havia quase um século, sólido monumento de um cristianismo tenaz. A congregação mais recente parecia disposta a estabelecer novo recorde de permanência; estava ali havia quase quinze anos e o pastor atual a pastoreava havia no mínimo oito.

Claire estacionou entre a igreja e a Academia Bom Pastor, uma construção demonstrável, com teto de barracão, apoiado sobre estacas e pilastras. Havia quatro veículos no estacionamento àquela hora. Dois deviam pertencer ao pessoal da escola; a perua era de John Ziegler e Paula, a fotógrafa, e no grande furgão branco se lia com clareza: KBZT Noticiário do Canal Sete.

— Uma equipe de televisão? — perguntou Lucy, surpresa.

— Ó, sim — disse Claire. — Não lhe contei acerca disso. O pessoal do Canal Sete achou que esta seria uma boa história para o noticiário.

Os dois homens do Canal já estavam preparados para a chegada de Claire e Lucy e pularam do furgão assim que o carro delas encostou. O operador da câmera colocou-a sobre o ombro e começou a observar as notícias com um

olho. O outro homem, jovem, tipo atlético, de terno, gravata acima da cintura e calça de brim abaixo dela, adiantou-se e saudou Claire quando ela saltou do carro.

— Ei, bem na hora! — disse ele, apertando-lhe a mão.

— Oi, Chad. Prazer em revê-lo.

— Este é o Roberto.

— Oi.

Roberto retribuiu-lhe o sorriso, olhando-a através da câmera. Lucy saiu do carro um tanto hesitante. Claire apresentou-a:

— Chad e Roberto, esta é Lucy Brandon, a mãe.

— Como vai? Chad Davis. Este é Roberto Gutierrez.

— Vão me filmar?

— Você se importa? — perguntou Chad.

— Vai dar tudo certo — assegurou-lhe Claire.

Lucy deu de ombros apenas.

John Ziegler e Paula estavam lá, prontos para prosseguir. Claire cumprimentou-os e Lucy se limitou a sorrir.

A porta da escola se abriu e um homem olhou para fora. Ao avistar aquele bando de gente reunido no estacionamento, seu rosto empalideceu; de repente ele parecia doente.

Era, claro, Tom Harris.

Claire, erguendo a mão em saudação, gritou:

— Ei, olá — e pôs-se a caminhar em direção ao prédio, os outros seguindo-a de perto.

Não, Senhor, não...

Se eu pudesse fechar esta porta e nunca sair, pensou Tom. *Se ao menos eu pudesse fazer cair fogo dos céus para limpar essa gente da minha vida, para fazê-los ir embora... já não fizeram o bastante comigo*?

Tom passara a maior parte da manhã ao telefone, girando no carrossel da burocracia governamental enquanto tentava dar suas aulas. Ainda não

encontrara os filhos. A última notícia que recebera fora do DPC e eles se recusaram terminantemente a lhe contar qual o paradeiro das crianças. O pastor Howard ainda não voltara, todos os outros estavam trabalhando e nada acontecia com a necessária rapidez.

Senhor, eu só queria que essa gente fosse embora. E que esse dia chegasse logo ao fim.

Tom olhou de novo para dentro. Duas crianças, uma da terceira série e a outra da quarta, começavam a demonstrar curiosidade.

— Olhe...tv! — exclamou a garotinha.

Tom estava sendo filmado naquele exato momento. Conversar com a menina pelo menos lhe daria a oportunidade de voltar-lhes as costas.

— Sammie, vá se sentar... isso não lhe diz respeito. Clay, você terminou? Bem, coloque-o em cima da minha mesa e comece a página seguinte. Examinarei o que fez logo depois do almoço, está bem?

— Senhor Harris? — Claire chamou, subindo os degraus de madeira.

— Sim?

— Meu nome é Claire Johanson. Sou assistente para assuntos legais da firma Ames, Jefferson e Morris. Estou aqui como representante da senhora Lucy Brandon, a quem o senhor já conhece. Podemos conversar rapidamente?

— Este tem sido um dia muito difícil para mim, senhora Johanson...

— *Senhorita* Johanson.

— Nada tenho a dizer a outros jornalistas. Para mim, já chega.

— O problema aqui é legal, Sr. Harris.

Ó, formidável. O que mais podia dar errado?

Tom sabia que não devia embarcar em qualquer conversa na presença de jornalistas curiosos e uma câmera de televisão.

— Por que não entram? — Em seguida, esclareceu: — A senhorita e a senhora Brandon. Os demais podem esperar aqui fora.

Afastou-se de lado para que as duas mulheres entrassem e então fechou a porta na cara dos jornalistas.

Encontravam-se em uma sala comum que servia de refeitório, local para deixar casacos e biblioteca, entre duas salas de aula. Tom enfiou a cabeça dentro de sua classe, à direita. Uma turma de dez crianças na primeira e segunda séries trabalhava indolente em mesinhas baixas, colorindo, colando e mantendo o nível de barulho apenas abaixo do limite estabelecido pelo professor.

— Senhora Fields?

Uma mulher rechonchuda de meia-idade saiu da sala de aula. Tinha as faces rosadas e os cabelos crespos demais pela permanente. Seus olhos demonstraram alarme no mesmo instante em que deram com Lucy Brandon e a mulher de aspecto intrometido ao lado.

— Temos visitas importantes — explicou Tom em voz baixa. — Pode ficar de olho na minha classe por alguns minutos?

— Claro — respondeu a Sra. Fields, incapaz de tirar os olhos das duas mulheres.

— Eles estão fazendo as lições de leitura agora e devem terminar até às 10. Clay executou um projeto especial que lhe passei; apenas se certifique de que o deixe em cima da minha mesa.

A mulher assentiu com a cabeça e atravessou a sala para espiar a classe da terceira à sexta séries.

— Vamos para o meu escritório — disse Tom, tomando a dianteira até um cubículo diminuto na parte de trás do prédio, contendo uma escrivaninha, um computador, uma copiadora e dois arquivos. Mal havia lugar para três pessoas se sentarem. Tom ofereceu às mulheres as duas únicas cadeiras, preferindo ficar em pé, recostado nos arquivos.

Claire não perdeu tempo:

— Senhor Harris, estamos aqui para tirar Amber da escola. Gostaríamos que nos entregasse seu histórico escolar completo.

— Pedirei a nossa secretária que providencie toda a papelada para a senhora — respondeu Tom mantendo-se calmo e sério. — A senhora

compreende que todos os pagamentos mensais devem estar quitados antes que os documentos possam ser liberados.

Claire olhou para Lucy enquanto retrucava:

— Os pagamentos serão efetuados. Gostaríamos que tudo fosse arranjado o mais rápido possível.

— Sem dúvida. — Tom olhava para Lucy. — Sinto muito não podermos discutir isso...

Claire o interrompeu:

— Não há nada para discutir. — Dito isso, levantou-se e Lucy fez o mesmo. — Agora, se o senhor puder avisar Amber que estamos aqui...

As duas mulheres voltaram para a primeira sala e Tom as seguiu. Ele simplesmente não conseguia se dar por satisfeito.

— Er... confesso que estou um pouco surpreso. Pelo que entendo, não conseguimos resolver as coisas a contento para a senhora?

Claire começou a responder:

— Não, senhor Harris...

— A pergunta foi dirigida à senhora Brandon — atalhou Tom, com educação, mas também firmeza. Olhava para Lucy. — Já faz um mês que aconteceu aquele probleminha. Conversamos a respeito e pensei que estivesse tudo resolvido. Se a senhora ainda tinha dúvidas ou receios, com certeza eu teria prazer em providenciar outra reunião com a senhora.

— Quer fazer o favor de chamar Amber? — pediu Claire.

Tom enfiou a cabeça na sala de aula e chamou baixinho:

— Amber? Sua mãe está aqui. É melhor trazer o casaco e suas coisas.

Havia 18 alunos da terceira à sexta séries na sala de aula, cada qual sentado em uma pequena carteira, todas elas dispostas em filas alinhadas. Cartazes de natureza, astronomia, alfabeto e conselhos sobre higiene enfeitavam as paredes. Encostado em uma delas, um grande aquário borbulhava, enquanto perto dali havia um telescópio doado à escola, posicionado para sondar os céus. Sobre uma mesa havia pequenos vasos de ervilhas plantadas, todos enfileirados e

rotulados. Um pouco mais à frente, uma família de *hamsters* em grande gaiola movimentada.

Na antepenúltima carteira, quarta fileira, encontrava-se Amber Brandon, aluna da quarta série, vivaz, esperta, um pouco travessa, dona de farta cabeleira de fios loiros muitas vezes desordenados e grandes olhos azuis. Vestia um macacão roxo e tênis cor-de-rosa e, ao ombro, um broche em forma de cavalo de brinquedo.

A menina ficou surpresa ao saber que sua mãe estava ali, mas também entusiasmada, de certa forma. Fechou depressa o caderno, ajuntou seus livros e o estojo de lápis e aproximou-se da porta.

Lucy agachou e deu-lhe um abraço.

— Vá buscar seu casaco, meu bem, e sua lancheira.

Foram as primeiras palavras que Tom a ouviu dizer aquele dia.

Assim que Amber ficou pronta, ele as acompanhou até a porta, escancarando-a para que passassem. Os jornalistas ainda esperavam do lado de fora, claro, e Tom quase podia sentir o olhar fixo e solitário da câmera de tv.

— Escutem aqui — disse ele aos jornalistas —, vocês estão em propriedade particular. Acho que seria melhor se fossem embora, está bem?

— Ó, senhor Harris — disse Claire, voltando e juntando-se a ele no vão da porta. A câmera pegou em cheio os dois. — Também vim aqui para lhe entregar isto.

Ela tirou um envelope do bolso do casaco e colocou-o na mão dele. A câmera focalizou-o em *close*. Enquanto isso, a câmera de Paula soltou um estalido e bateu diversas fotos.

— Tornaremos a nos ver no tribunal, senhor. Tenha um bom dia.

Ela então desceu a escada e caminhou com Lucy e Amber de volta para o carro.

Tom ficou petrificado no lugar por um momento, o que Paula e Roberto acharam ótimo. Fitou o envelope com o estômago dando nó, o coração batendo tão forte que podia até senti-lo. O envelope começava a tremer-lhe na

mão. Olhou para o pessoal da imprensa. Eles aproveitaram parar tirar mais alguns instantâneos.

— Por favor, vão embora — pediu, a voz quase inaudível.

— Obrigado, senhor Harris — respondeu John Ziegler.

Tom fechou a porta e reclinou-se contra ela, completamente sozinho na sala. Sentiu as pernas capazes de dobrar sob si, e ele caindo no chão a qualquer instante.

— Ó, Deus — orou em um sussurro. — Ó, meu Deus, o que está havendo?

Nas duas salas de aula, as atividades e estudos prosseguiam com toda tranquilidade. De repente, o som lhe foi muito precioso. Olhou a sua volta e reconheceu casacos e lancheiras de todas as crianças, toda a sua querida tribo. Não demoraria muito e eles fariam uma oração antes de sair para o recreio da manhã, enchendo os balanços e o pátio como sempre. Essas preciosas rotinas diárias pareciam agora inestimáveis por causa do envelope em sua mão, esse invasor, esse câncer, esse inimigo rancoroso, inoportuno! Queria muito, ardentemente, picá-lo em um milhão de pedaços, mas não podia.

Agora tudo se encaixava. Agora as coisas começavam a fazer sentido.

As lágrimas turvaram-lhe os olhos.

Então foi por isso que levaram Ruth e Josiah!

Tal estava ali, a espada desembainhada, mantendo-se perto da construção, sem ser visto, observando o carro e o furgão do noticiário indo embora. Apenas alguns espíritos sombrios acompanhavam os visitantes, sem que houvesse escaramuças, pelo menos por enquanto. O fato de Tom estar bem guardado por dois guerreiros muito altos ajudava a manter a tranquilidade, além do fato de Natã e Armoth ocuparem o topo da igreja, bem à vista.

— Não quero que ele sofra mais hostilidades pelo resto do dia — Tal instruiu aos guardas. — Deixem-no sarar desta aqui primeiro.

Em seguida estendeu as asas e alcançou o teto da igreja com um salto suave.

— Quer dizer que eles decidiram ir em frente! — comentou Natã.

— O Homem Forte sabe ser inflexível — avisou Tal — Acho que esta será uma luta até o fim. É...

VUUUM! Uma explosão súbita de asas! Os três guerreiros formaram imediatamente um feixe apertado, cada qual voltado para fora, espada desembainhada, pronta para a peleja.

— Lá! — bradou Tal, e todos se voltaram para a velha torre do sino.

Era Destruidor, ereto e imponente, as asas expandidas começando a se dobrar, a fulgurante espada vermelha desembainhada. Uma dúzia de guerreiros o acompanhava, seis de cada lado, quase tão monstruosos quanto ele. O vapor quente e amarelo expelido pelas narinas de cada demônio formava uma faixa retorcida flutuando sobre o estacionamento como uma serpente lenta, curiosa.

— Se não me engano, você é Tal, o capitão das hostes celestiais! — gritou o demônio.

Tal, Natã e Armoth analisavam o bando. Seria melhor evitar o confronto.

— Sim, sou — Tal respondeu.

Os beiços escuros, hirsutos, arreganharam em uma careta zombeteira, deixando à mostra longas presas cor-de-âmbar.

— Então os boatos nas fileiras eram verdadeiros!

— E quem seria você?

— Pode me chamar de Destruidor por enquanto. — A seguir, proclamou cheio de orgulho: — Sou aquele que foi designado para a mulher!

Tal não se mexeu. Nunca se incomodava com zombarias. Tampouco lutava antes de estar pronto.

O demônio continuou, espada em riste:

— Achei que antes de a batalha começar, os dois comandantes deveriam se encontrar. Eu queria conhecê-lo para ver se todas as palavras exaltadas que ouvi são verdadeiras. — Destruidor examinou Tal com cuidado. — Talvez não. —

Brandiu a espada ao seu redor. — Mas, por favor, veja este lugar, esta escolinha! Será realmente um prêmio que valha todos os seus exércitos? Fique tranquilo, não queremos ter mais problemas para tomá-la do que vocês para salvá-la. Capitão das hostes celestiais, poderíamos resolver essa questão mais cedo em vez de mais tarde.

— A escola é nossa — Tal respondeu. — Os santos são nossos.

O Destruidor abriu os braços com um floreio e fez um pronunciamento:

— O Homem Forte me autorizou a lhe entregar as escolas cristãs de Westhaven, Claytonville e Toe Springs. Pode ficar com todas! Nós as deixaremos em paz!

Tal permaneceu firme.

— Não.

Destruidor se limitou a rir.

— Ah, deve ser a mulher. Talvez você ainda esteja animado com sua recente vitória em salvá-la. Considere isso um presente, capitão, nosso último erro. Sim, você a salvou, mas ela vive para nós. Sua alma nos pertence!

Tal nada disse.

— E não apenas a mulher, como também todo o poder, os recursos, as pessoas, as mentes, o dinheiro... *tudo* de que precisaremos para deixar você e seu rebanhozinho heterogêneo de santos comendo poeira! Chegou tarde demais, capitão! O tempo já passou para você e seus santos. *Nós* temos o poder agora! Renda-se, diminua seus prejuízos e contente-se com isso!

— Veremos você na batalha — avisou Tal.

Destruidor olhou para ele por um longo momento, meneando a cabeça devagar, admirado da teimosia desse guerreiro angelical. Por fim, concordou:

— Até a batalha, então.

Com outra explosão de asas rápidas, secas, os demônios ergueram-se no céu, ululando e berrando, zombando e cuspindo até desaparecerem.

Só então Tal guardou a espada.

— Foi uma tentativa de nos amedrontar? — perguntou Armoth.

— Mais uma jogada estratégica — respondeu Tal. — Ele quis roubar nossa coragem desde o início.

— E agora, que pensa das nossas probabilidades? — quis saber Natã.

— Iguais às deles — informou Tal. — Talvez apenas iguais.

6

Chimon e Scion continuavam escondidos em lados opostos do Quarto 12 do Hotel Repouso Tranquilo em Claytonville. Havia espíritos sombrios por perto, aparentemente batedores do Destruidor — pegajosos, perseguidores covardes, lançando-se para baixo por entre as árvores e cabos de eletricidade, ziguezagueando animados pela rua, observando o interior das casas, das janelas, das chaminés, à procura da pobre e enlameada fugitiva. Os dois anjos estavam dando duro para manter uma barreira em torno da mulher, de modo a ocultá-la da vista deles. Até então tinham conseguido manter-lhe o esconderijo um segredo para quaisquer espíritos enviados a atormentá-la.

Mas quatro espíritos ainda acompanhavam Sally Roe aonde quer que ela fosse, e eram seus companheiros íntimos havia tanto tempo que não podiam ser separados no presente. Chimon e Scion morriam de vontade de postar-se à frente deles, de despachar Desespero, Medo, Morte e Loucura a golpes cortantes para longe deste mundo, de amenizar a dor daquela alma amedrontada, castigada. Contudo, a vida dela lhes outorgava o direito de estarem ali; além do mais, a dor era necessária. Os dois guerreiros precisavam refrear seu poder.

Sally esfregou bem a cabeça com a toalha, depois se endireitou para uma olhada no espelho do banheiro. O cabelo, antes ruivo, agora descia-lhe em cascata de mechas pretas por ombros e costas. Bem, talvez funcionasse, se só estivessem a procura de uma ruiva. Mas seu rosto ainda a distinguia bastante; apesar do cabelo tingido de preto e todo preso, ainda se parecia com Sally Roe. Se conseguisse esconder as sardas, talvez ajudasse. Ou disfarçar os olhos

castanhos com um par de óculos, daqueles estilosos, de lentes coloridas. Ou então, usar bastante pintura.

Sentiu o coração afundar dentro do peito. Era tudo tão fútil, tão infantil! Sonhava, tateando em busca de esperança, e sabia disso. Se a vissem, seria reconhecida. Estava acabada, liquidada, o mesmo que morta.

Apoiou-se à pia, pendeu a cabeça e ficou ali um tempo enorme, a mente deixando-a miseravelmente na mão. Não queria funcionar. Estava cansada, esgotada, desanimada. A Sally só restava ficar ali, inspirando um bocado de cada vez. Pelo menos podia respirar; pelo menos alguma coisa ainda funcionava.

Mas por que isso a alegrava tanto? Ficou incomodada ao reconhecer esse sentimento.

Sally, você está cansada demais para pensar a respeito. Deixe para lá.

Mas então sua mente se ligou, só um pouquinho, e de novo, pela milionésima vez, ela se viu às voltas com a mesma pergunta exasperante: se a vida era tão fora de propósito, tão fútil, tão sem sentido, tão vazia, por que se esforçava tanto para não perdê-la? Por que o desejo de seguir em frente? Talvez tivesse algo a ver com a maneira pela qual a vida evoluía; nada poético ou elevado, com certeza, apenas o misterioso e inexplicável instinto de autopreservação, o único motivo pelo qual nos mantemos vivos tempo suficiente para vencer as dificuldades e caminhar eretos, matando uns aos outros...

Acordou do devaneio de supetão. Era perda de tempo tentar compreender. *Os fatos são muito simples, Sally: alguém quer matar você, mas você quer continuar viva. Essas duas proposições bastam por enquanto.*

Inclinou-se para a frente a fim de examinar o corte no ombro. Pelo menos não infeccionara e isso era bom. No momento, parara de sangrar e a ferida fechara, embora de maneira precária. Uniu as duas metades cuidadosamente com fita adesiva e gaze — um trabalho manual simples, nada que exigisse muito do cérebro — e a seguir vestiu a camisa com cautela.

Saiu do banheiro, sentou-se na cama e pôs-se a brincar com o fecho de uma correntinha barata. Fora uma boa compra no armarinho local — desde que não lhe manchasse de azul o pescoço —, deveria servir.

Fora fazer compras aquela manhã, tão rápida e silenciosa quanto possível, esperando o tempo todo não ser vista por ninguém que a reconhecesse ou que se importasse com isso. Mas precisava arrumar aquela fita adesiva e a gaze, a tintura para o cabelo, a correntinha, algumas roupas limpas... e o jornal matutino.

O jornal *A Estrela de Hampton* continuava espalhado em cima da cama. Sally o folheara assim que voltara para o quarto. A primeira página trazia algumas histórias sobre uma estação para tratamento de esgoto, um escândalo político local e o trigésimo aniversário no mesmo cargo de um servidor municipal qualquer, porém nenhuma notícia de Baskon. As segunda e terceira páginas também nada diziam. Não encontrou o que procurava antes de chegar ao fim da última página da seção de notícias. Havia um pequeno cabeçalho e menos de cinco centímetros de relato:

MORADORA DA CIDADE ENCONTRADA MORTA

> **Baskon** — Encontrado o corpo de uma mulher na noite de ontem em sua casa. Suicídio é a causa mais provável da morte. A vítima foi identificada como Sally Beth Rough, 36, empregada da Fábrica de Portas Bergen.
>
> Sua senhoria, sra. Fred Potter, de Baskon, descobriu o corpo após notar que algumas cabras de Rough estavam soltas. "Uma tragédia", foi seu comentário.

Exemplo absurdo de reportagem. Uma galinha atropelada teria ocupado mais espaço, talvez até lhe escrevessem o nome certo. Mas isso não incomodava Sally. Não era esse o problema.

A história estava toda errada — incrível e absurdamente errada.

Acham que a morta sou eu*? A mulher que tentou me matar? Acham que aquele corpo é* meu?

Remoera a ideia durante todo o banho. Aborrecera-se tanto com ela que fora obrigada a ler as instruções no vidrinho do condicionador três vezes.

A princípio, acreditou que podia ser uma boa notícia. *Eles pensarão que estou morta*!

Mas essa conclusão logo se desvaneceu. *Eles sabem que não estou. Têm de saber. Mentiram para o jornal ou é o jornal que está mentindo*.

Por fim, conseguiu abrir o fecho da corrente e pendurá-la em volta do pescoço. Em seguida, estendeu a mão para o criado-mudo e apanhou... o anel. Passou a corrente também pelo anel, fechou-a, abotoou a blusa e o anel ficou escondido.

Eles sabem quem é aquela mulher. Só não querem que mais ninguém descubra.

Sally sabia que não estava tendo alucinações. O anel pendurado ao pescoço provava isso. Era uma evidência sólida que a ajudaria a se apegar à realidade, por bizarra que fosse.

Apanhou a jaqueta e tirou do bolso outra evidência sólida — várias evidências, na verdade.

Dinheiro. Já o contara. Dez mil dólares em três pacotes: um de notas de vinte, um de notas de cinquenta e outro de cem. O salário da matadora, provavelmente. Encontrara todo esse dinheiro nos bolsos do casaco da mulher e dele se apossara. Por que a mulher trazia toda aquela quantia consigo era um mistério, a menos que carregasse o dinheiro pelo mesmo motivo que usava o anel de ouro.

A principal pergunta, no entanto, continuava sem resposta: depois de tantos anos, o que Sally fizera? Como fora se meter no caminho deles?

Só podia ser o que acontecera na agência de correio. Era a única coisa em que conseguia pensar, uma experiência assustadora, agora uma lembrança terrível. Sentia-se como quem é pega, descoberta, encontrada por um velho

inimigo... um inimigo *cruel*! Os olhos da garotinha! Aqueles olhos ultrajantes, abomináveis! Jamais esqueceria o breve momento no qual todos os seus temores, todos os pesadelos de todos os anos de sua vida lhe voltaram à memória em uma onda torturante e impiedosa.

Olhara dentro dos olhos de um demônio. Reconheceu-o; vira aquele olhar antes, sentira seu ódio mordaz, zombeteiro, ouvira a mesma mentira perversa.

Desabou em cima da cama. Não, não podia pensar naquilo. Estava cansada demais. Sentia-se assustada, o cabelo preto e esquisito, não conseguia raciocinar direito, transformara-se em animal acossado e estava mesmo cansada demais.

Perca as esperanças, sua criatura imprestável, sussurrou uma voz dentro de sua cabeça.

É só questão de tempo; pouquíssimo tempo, disse outra.

— Amber. . . — A voz se parecia muito com a dela.

Agora você está vendo como somos grandes e como você é pequena!

Criatura morta, imprestável! Você é louca!

Sally saltou da cama e pegou uma caneta da mesa. Encontrou papel de carta em uma gaveta, ao lado da Bíblia dos Gideões. Escreveria tudo, isso era o que faria! Talvez sua mente não ficasse tão confusa se colocasse tudo no papel. Podia registrar seus pensamentos antes que se dissolvessem. Curvou-se sobre a mesa, a caneta posicionada em cima do papel.

Mas Desespero estava ferido, humilhado, indignado e decidido a se redimir. Agarrou-se às costas da mulher feito uma sanguessuga negra, sorvendo-lhe a vontade, inspirando confusão à sua mente. Os outros três espíritos que o acompanhavam rodearam Sally, insultando-a, espicaçando-a com as espadas.

Loucura usou a sua para de repente atravessar-lhe o cérebro.

Sally fixou os olhos no papel. Sem saber como, fora parar no chão. Nada lhe ocorria. Que pensamento era aquele? Acabava de lhe passar pela cabeça, estava prestes a escrevê-lo mas já desaparecera.

Desista. Entregue-se.

Ninguém vai acreditar em você. Você está maluca.

Maluca. Era uma palavra. Anotou-a.

Loucura, soltando sua risada maléfica, agarrou-lhe a mente entre as duas palmas hirsutas e enterrou nela as garras. Morte juntou-se ao ataque.

A mente de Sally se esvaziou. O papel começou a se expandir em tela branca que lhe encheu os olhos como uma neblina, uma nevasca esbranquiçada. Ela flutuava. Continuou escrevendo: "Meu nome é Sally Roe... Sally Roe..."

Ouvia vozes no quarto a insultá-la e garras afiadas segurando-a. Tais coisas permaneciam invisíveis, escondendo-se dela, provocando, atormentando.

Então chegou Medo. Sally foi sufocada por um pânico entorpecedor, paralisante. Sentia-se perdida e caindo, rodopiando, rolando pelo espaço. Não conseguia parar.

Obrigou-se a pensar, a formar uma palavra na própria mente: Sally. Sally. Sally.

Vamos, escreva. Segure firme a maldita caneta e escreva!

Você é nossa agora. Jamais a libertaremos.

Sally. Sentiu a caneta se movimentando, descrevendo círculos, cobrinhas, linhas pontiagudas ou que se entrecruzavam sobre o papel.

Rabiscos incoerentes. Bobagem.

Continuou escrevendo. Necessitava capturar um pensamento, qualquer um.

Chimon e Scion tinham visto o suficiente. Precisava ser algo rápido. Scion deslizou para fora a fim de examinar as redondezas. Chimon avançou colado às paredes feito sombra, aproximando-se.

Todos os quatro espíritos se amontoavam em torno da cabeça de Sally, espatifando-lhe o consciente em miríade de fragmentos inanimados. Chimon recebeu um aceno afirmativo de Scion — ele conseguiria servir de proteção contra os espíritos do lado de fora. Quanto aos insetos ali de dentro: teriam de

agir no momento exato, o único instante em que a oportunidade se apresentaria.

Agora. Eles não o veriam. De repente Chimon descreveu com a espada um círculo rápido, apertado, um disco brilhante de luz. pam! A parte chata da lâmina golpeou os demônios, fazendo-os cair inertes, destroçando-lhes o apertado grupinho. Desespero saiu rolando de costas num rodopio, um borrão no ar, e foi parar do lado de fora do hotel; Medo, Morte e Loucura, entrelaçados, caíram juntos longe da mulher, braços, pernas e asas, um emaranhado rodopiante, fumegante, enraivecido.

Os dois guerreiros se esconderam de novo no interior das paredes. Desespero endireitou-se com um berro e um acesso de raiva. Só então percebeu onde se encontrava. Com um adejar furioso de asas, atirou-se de volta parede adentro. Seus três comparsas começavam a se recuperar. Os quatro lançaram-se à mente de Sally outra vez.

Mas era tarde demais. Ela se esquivara de suas garras como um pássaro da armadilha. Seus pensamentos, embora lerdos, moviam-se em sequência ordenada agora no interior do cérebro.

De repente ela conseguiu interpretar as palavras da página. Havia somente seis palavras legíveis no topo: "Maluca, meu nome é Sally Roe." O resto da página estava cheio de rabiscos aleatórios, caóticos. Levantou-se do chão e sentou-se à mesa disposta a tentar outra vez. Precisava continuar escrevendo, primeiro uma palavra, depois uma frase, depois outra palavra — qualquer coisa que lhe prendesse os pensamentos em disparada, fragmentados, antes que lhe fugissem de vez.

"A morte e o desespero e o medo e a loucura voltaram", ela anotou. Em seguida, outro pensamento: "Por que me matar? Eu morri anos atrás."

Sally continuava movendo a caneta, quer sua mente acompanhasse o instrumento, quer não. Venceria a loucura. Precisava fazê-lo. Colocaria seus pensamentos no papel, onde não poderiam lhe escapar. Ela haveria de vencer.

Ben começava a se admirar do dom que tinha para saber a hora certa para as coisas. Acabava de sair em ronda e passara por acaso pela delegacia, a fim de apanhar mais algumas tochas de sinalização das estradas. Assim que entrou pela porta dos fundos, ouviu Mulligan no escritório, conversando com alguém ao telefone e usando um tom de voz sussurrado que lhe chamou a atenção na mesma hora. Desde quando Mulligan ficava assim tão quieto?

Ben apanhou as tochas na sala de almoxarifado. Quanto mais cedo saísse dali, melhor.

Oh-oh! Aquela era a cadeira de Mulligan outra vez, arrastando para trás e batendo na parede. Ben pulou para dentro do almoxarifado, esperando que o chefe saísse para fora feito um rojão.

Mas Mulligan devia ter dado apenas um salto de raiva. Continuou no escritório, berrando com quem quer que fosse que estivesse do outro lado da linha.

— Não, Parnell, é como estou dizendo, não havia nada em nenhuma das mãos! Nada, já disse!

Hum. Parnell era o médico-legista.

Mulligan deu tempo a seu interlocutor de responder alguma coisa, voltando ao ataque logo em seguida:

— Não, também não encontrei nada nos bolsos dela! Que tipo de idiota você pensa que eu sou? — Parnell conseguiu dizer mais uma ou duas coisas e Mulligan retrucou: — Ora, terá de voltar lá e examinar os arredores outra vez! Faço o meu serviço, agora trate de fazer o seu! — Outra pausa. — Ei, foi você quem pegou o corpo, não eu. Eu o entreguei do jeitinho que encontrei. Por que não pergunta aos paramédicos, se está com algum problema? É, Parnell, o problema é *seu*, e posso torná-lo bem maior, é só falar!

Bateu o telefone e praguejou.

Ben escapuliu para fora de novo o mais rápido que pôde. Fechava a porta atrás de si e ainda ouvia o sargento chiando e vociferando.

7

James Bardine era um advogado jovem, bonitão, de cabelo crespo e ondulado, mais comprido atrás, cuja voz guardava resquícios de grasnidos adolescentes. Via de regra, era duro e decisivo — os parceiros usavam palavras como beligerante e rude para descrevê-lo pelas costas —, alguém que detinha o controle da situação. Era ambicioso, um verdadeiro cumpridor de metas. Exibia seu Porsche vermelho em todas as oportunidades. Mandava confeccionar os ternos sob medida com o intuito de projetar uma imagem de poder. Aperfeiçoara até o modo de andar quando entrava no tribunal: passos rápidos, intimidadores, queixo alto, coluna ereta e uma porção de blocos de papel amarelo para anotações debaixo do braço. Sabia que iria longe. Levava jeito para seu trabalho. Era bom no que fazia.

Naquele exato momento, morria de medo. Sentado num sofá demasiadamente macio na recepção do escritório do chefe, sr. Santinelli, esperava ser chamado para uma reunião. A sala tinha paredes altas de quase quatro metros, um enfeite de mogno escurecido que dava a volta, passava por cima e por baixo de tudo, e um tapete macio no qual os pés da pessoa afundavam. Tudo estava mortalmente quieto ali, exceto pelas batidas uniformes da secretária no teclado do computador e o trinado eletrônico ocasional de algum telefone. Bardine precisava de um cigarro, mas o sr. Santinelli proibia que fumassem no seu escritório. As revistas sobre a mesinha de centro eram velhas ou chatas, mas não importava. De modo algum ele conseguiria ler naquele instante.

Tentava compor uma defesa mental, algo persuasivo. Com certeza o sr. Santinelli sabia que ele era um bom homem; com certeza não criaria caso por um incidente tão pequeno. Com certeza levaria em consideração os bons serviços que Bardine acumulara em seu currículo na empresa durante os últimos cinco anos.

A grande porta de mogno abriu-se como a vedação de uma cripta e o sr. Anthony saiu. Anthony era o assistente e braço direito do sr. Santinelli, um

tipo alto, magro, fantasmagórico, algo como um misto de mordomo e carrasco. Bardine ergueu-se depressa.

— Estamos prontos — avisou Anthony. — Vamos entrar?

Que convite mais amável para um tribunal de inquisição, pensou Bardine, adiantando-se.

— São seus? — perguntou Anthony, apontando uns blocos de anotações amarelos sobre a mesinha de centro.

— Ó, sim, obrigado.

Bardine pegou-os e acompanhou Anthony pela grande porta, que se fechou depois que passaram com um baque firme.

Estavam na sala de reuniões interna, adjacente ao escritório do sr. Santinelli. Os lustres muito enfeitados brilhavam bastante, porém a sala ainda mantinha o aspecto sombrio. O madeiramento escuro e o mobiliário pareciam absorver a luz; as pesadas cortinas de veludo que iam do teto ao chão cerravam as janelas.

O sr. Santinelli estava sentado na ponta de uma mesa de reunião oval, examinando alguns papéis a sua frente e parecendo não notar quando Bardine entrou. Era uma figura impressionante, cuja simples presença intimidava. Vestia-se de roupas caras, era grisalho, mal-humorado e mandava ali. Estava flanqueado por dois de seus companheiros mais chegados e mais poderosos, o sr. Evans, um advogado de rosto duro e punhos de aço que não sorria havia anos, e o sr. McCutcheon, um homem dono de tanto dinheiro que o assunto o aborrecia. Em seguida vinham o sr. Mahoney, superior imediato de Bardine, um tipo nada impressionante, e um outro homem desconhecido.

— Sente-se, senhor Bardine — convidou Santinelli, ainda sem erguer o olhar.

Anthony conduziu Bardine à cadeira mais próxima e que ficava em posição diretamente oposta a Santinelli. Seria uma reunião cara a cara de fato.

Bardine tomou seu lugar e arranjou muito bem os blocos de notas a sua frente.

— Bom dia, cavalheiros.

Alguns deles resmungaram, devolvendo-lhe o cumprimento. Alguns apenas balançaram a cabeça. Nenhum sorriu.

Santinelli afinal terminou de examinar a papelada e ergueu os olhos.

— Senhor Bardine, deixe-me apresentá-lo aos cavalheiros que nos acompanham. Os senhores Evans e McCutcheon tenho certeza de que já conhece.

Bardine cumprimentou-os com um aceno de cabeça e os dois homem imitaram-lhe o gesto.

— O senhor Mahoney também está aqui e quero aproveitar para lhe agradecer a presença. O outro cavalheiro é o senhor Goring, de Summit, que veio para nos oferecer sua ajuda e conhecimento.

Bardine acenou-lhes com a cabeça, porém eles não corresponderam.

O sr. Santinelli folheou os documentos a sua frente.

— Fazendo uma revisão rápida da nossa situação atual, descobrimos que surgiu uma... complicação... que a princípio não pareceu tão nociva. Er... A cada momento que passa, a gravidade dessa complicação aumenta... — De repente Santinelli olhou diretamente para Bardine e perguntou: — Senhor Bardine, o nome Sally Beth Roe lhe diz alguma coisa?

Seta número 1. Bardine sentiu a pergunta atravessando-o.

— Sim senhor.

— E o nome Alicia Von Bauer?

Desta vez teve a impressão de que várias setas eram desfechadas em sua direção.

— Sim senhor.

— Seria correto dizer, senhor Bardine, que está *muito* familiarizado com o nome da senhorita Von Bauer?

— Bem... Não estou certo do que o senhor quer dizer com isso...

— Voltaremos ao assunto mais tarde. — Santinelli pôs o papel de lado e examinou a próxima folha. — Com certeza a essa altura já sabe que a senhorita

Von Bauer está morta?

— O senhor Mahoney notificou-me a esse respeito hoje de manhã. — Santinelli ajustou os óculos de leitura e estudou o papel que tinha diante de si. — Sally Beth Roe... Que interessante ela reaparecer, e logo em Baskon! — Santinelli olhou os homens que o ladeavam. — Estranho como uma coisa dessas acontece tantas vezes. Acaba levando a gente a acreditar na existência de um ser inteligente por trás de tudo isso, a mão de qualquer deus que se deseje imaginar...

Não fora uma piada e ninguém riu.

— De qualquer forma — continuou Santinelli —, acabamos de ser informados sobre um plano levado a efeito com o intuito de fazer com que Sally Roe fosse assassinada. Claro que a coisa toda deveria parecer suicídio. Quem foi que teve essa ideia?

— O senhor Bardine, senhor — disse Mahoney rápida e claramente.

Bardine olhou horrorizado para o seu superior.

— O senhor parece estar tendo dificuldades com essa afirmação, senhor Bardine — atacou Santinelli.

A voz de Bardine falhou quando respondeu:

— Er... Bem, sim...

— Cuidaremos disso mais tarde — propôs Santinelli, olhando de novo para o papel. — Continuando minha revisão — e por favor corrijam os erros que perceberem —, Alicia Von Bauer, membro da organização satânica chamada Vidoeiro Quebrado, foi contratada para executar esse homicídio, e recebeu... — Santinelli encrespou ao ler a quantia — 10 mil dólares de entrada, além da promessa de outros 10 mil se completasse a missão com sucesso. Estou certo até aqui?

Mahoney limitou-se a olhar para Bardine. Que lhe devolveu o olhar. Nenhum dos dois respondeu.

Santinelli continuou, mas de olho nos dois.

— Ao que tudo indica, a senhorita Von Bauer fez uma tentativa na noite de terça-feira desta semana, mas descobriu que a senhorita Roe era mais forte do que ela. A senhorita Roe conseguiu vencer sua agressora e escapar, deixando para trás o corpo morto da pretensa assassina onde, teoricamente, ela própria teria sido encontrada se o plano vingasse. — Colocou o papel estendido sobre a mesa a sua frente, cruzou as mãos em cima dela e observou Mahoney e Bardine por cima dos óculos de leitura. — Em outras palavras, essa trama ambiciosa, imaginativa em excesso, foi um lamentável fracasso.

Mahoney olhou de novo para Bardine. Que lhe devolveu o olhar furioso.

Santinelli fez deslizar o papel para o lado e apanhou o próximo.

— Para complicar ainda mais o problema, os arquitetos dessa trama ampliaram o círculo de confidentes para além dos principais envolvidos e incluíram um oficial da polícia local chamado... er... Mulligan. Bem como o médico-legista local, tendo presumido, creio eu, que essas pessoas são leais à nossa causa, visto terem sido avisadas com antecedência de que haveria um suicídio no sítio dos Potter e que cuidassem do caso com toda a rapidez e discrição possível.

Santinelli deixou cair o papel em cima da mesa e recostou-se, tirando os óculos.

— Coisa que elas estão fazendo, devo reconhecer, ou pelo menos tentando, a despeito do fato de a falecida, uma suposta suicida, apresentar marcas evidentes de ter sofrido violência e, claro, ser a pessoa errada. Devido ao seu silêncio posso presumir que minha narrativa foi correta até aqui?

Ele não precisava da resposta que não obteve. Simplesmente recolocou os óculos de leitura e pegou a próxima folha de papel.

— Agora passemos às complicações, as verdadeiras complicações. Antes de mais nada, comecemos pelo óbvio: Sally Beth Roe está viva em algum lugar. Viva, respirando, andando por aí e, tenho certeza, perfeitamente consciente de que se praticou um cruel atentado contra sua vida. Se desconhece o

responsável, com certeza faz uma ideia muito boa de quem poderia ser. Por que essa certeza? Deixe-me descrever o próximo problema.

— Segundo fonte de confiança — que permanecerá incógnita —, Alicia Von Bauer usava um anel quando cometeu... Perdão, *tentou* cometer o homicídio. A pedido nosso, o legista examinou o corpo em busca do anel e descobriu que lhe fora removido do dedo anular da mão direita com auxílio de óleo de cozinha... Vestígios do óleo ainda se encontravam no dedo. Enviamos algumas pessoas para estudar o local do homicídio e a casa, e o guarda civil e o médico-legista reexaminaram todos os objetos de uso pessoal da assassina. O anel sumiu.

— Ainda tem a questão dos 10 mil dólares. Eles também sumiram, sem deixar vestígios. Von Bauer pode tê-los depositado em uma conta secreta qualquer, mas acho pouco provável, tendo em vista a natureza delicada de sua missão.

— Ah, senhor! — exclamou Bardine.

Santinelli levantou a sobrancelha o suficiente apenas para dar a entender que passava a palavra para Bardine.

— Os... er... 10 mil dólares foram mesmo lavados. Não é possível chegar até nós seguindo-lhes o rasto.

As sobrancelhas subiram outra vez.

— Até *nós*, senhor Bardine?

Bardine gaguejou um pouco:

— Bem, a nós, a... mim, quer dizer... er... e também...

— O dinheiro *desapareceu*, não foi?

— Desapareceu, senhor?

— A menos que você só precise dar um telefonema ou uma volta de carro... para ir buscá-lo?

— Ó... — Bardine calou-se, mas afinal respondeu: — Sim senhor, eu diria que o dinheiro está agora fora do nosso alcance. Irrecuperável.

— E ainda assim... lavado.

— Ó sim, senhor.

Santinelli continuou, recorrendo de novo às anotações:

— O terceiro problema engloba os dois primeiros: temos motivos mais que suficientes para supor que Sally Roe está de posse tanto do anel quanto do dinheiro. Portanto, ela representa a maior ameaça possível para nós e os nossos planos. — Fez uma pausa com o intuito de dar ênfase. — Maior que jamais poderia ter sido se ninguém mexesse com ela, senhores.

Deixou de lado as anotações, tirou os óculos e olhou diretamente para Mahoney e Bardine.

— Agora, senhor Mahoney e senhor Bardine... Voltemos à questão anterior: de quem exatamente foi a ideia desse plano de assassinato?

Mahoney falou primeiro.

— Senhor Santinelli, vejo-me na obrigação de assumir parte da responsabilidade. Quando ouvimos dizer que Sally Roe se encontrava em Baskon, sabíamos que esse poderia ser um impedimento sério. Pesamos diversas opções e imagino que ela tenha se tornado uma prioridade grande demais em nossas mentes. Quando o senhor Bardine me apresentou a ideia de um assassinato, receio não ter sido firme o suficiente para desencorajá-lo. Mas em hipótese alguma eu autorizei a ação, senhor.

Santinelli via que Bardine estava muito agitado.

— Tem alguma coisa a acrescentar ao que foi dito?

Bardine passeou o olhar de Mahoney para Santinelli e outra vez para Mahoney.

— Senhor... Eu... Bem, entendi que esse empreendimento estava autorizado desde o início. Acreditei que estivesse executando o plano com total endosso e autorização dos meus superiores. — Bardine podia sentir o vento gelado soprando em sua direção, vindo da fisionomia de Mahoney. Não conseguia encontrar as palavras, pelo menos não as apropriadas. — A... er... ideia do suicídio, senhor. Não seria um assassinato, entende, mas um suicídio, para todos os efeitos práticos. Bem executado, jamais seria interpretado como

qualquer outra coisa. Sally Roe sempre foi uma pessoa solitária e debilitada, com um passado terrível e nada pela frente. O suicídio parecia crível.

— Eu não o autorizei, senhor! — disse Mahoney. — Ele agiu sem ordens diretas minhas!

Santinelli nem tentou esconder o sorriso sarcástico do rosto.

— Trataremos disso mais tarde, senhor Bardine. Quero mesmo lhe fazer algumas perguntas sobre a participação da falecida senhorita Von Bauer. Como ela se envolveu em toda essa história?

— Er... Ela... — Bardine se sentia como um depoente acuado no banco das testemunhas. — Eu... estava conversando com ela sobre esse problema específico, e ela... Bem, ela se propôs a cuidar de tudo.

— Ela se ofereceu para matar Sally Roe?

— Sim senhor, pela soma de vinte mil dólares. — Bardine acrescentou depressa: — Como sabe, esse tipo de coisa acontece de vez em quando.

Santinelli estreitou os olhos. Estava se preparando para o golpe final.

— Você disse que conversava com ela a respeito desse problema específico?

— Bem, eu...

— Senhor Bardine, o senhor sempre discute assuntos tão delicados com tipos tão questionáveis?

— Não, senhor, claro que não!

— O senhor discute abertamente questões tão importantes com uma *satanista*?

— Não uma satanista, senhor — pelo menos não no sentido pejorativo. Ela pertence ao Vidoeiro Quebrado sim, mas eles são muito respeitados, mesmo entre o nosso pessoal.

— E onde foi que essa discussão teve lugar?

— Bem, suponho...

— Não foi na sua casa, senhor Bardine? Mais especificamente, no seu quarto?

Bardine ficou em silêncio. Sentia-se aturdido.

Santinelli explicou em rápidas palavras:

— Nós nos mantemos informados sobre tudo, senhor Bardine. — Em seguida voltou ao ataque. — O senhor mantinha um relacionamento de caráter romântico com Alicia Von Bauer, certo?

Bardine tentava formular uma resposta quando Santinelli atingiu-o de novo:

— O senhor já tinha tido diversos encontros clandestinos com Von Bauer antes disto, já lhe revelara muitos dos nossos segredos. E agora, no auge da paixão, quando ela já contava com sua total confiança, relatou-lhe acerca desse problema, de modo que os dois fizeram um pacto, não é verdade?

Bardine resolveu optar pela honestidade.

— Eu... achei que seria seguro. Quer dizer, ela estava envolvida com um grupo estranho, já tinha antecedentes criminais... Achei que se algo desse errado, sempre poderíamos nos desassociar dela, alegar ignorância de suas ações. Ela era... uma entidade descartável, puramente utilitária. Eu tinha certeza de que funcionaria.

Santinelli colocou as duas mãos espalmadas sobre a mesa, como quem tenta se controlar logo antes de explodir.

— Suponho, senhor Bardine, que jamais imaginou o que poderia fazer não apenas à sua própria reputação, como também à desta organização, o fato de associar-se intimamente com uma criminosa condenada?

— Senhor... — Bardine tentou minimizar a importância das coisas. — Nosso pessoal é visto em companhia desse tipo de gente o tempo todo...

— Não desse tipo, senhor Bardine! Não satanistas! Não queremos nada com eles por não querermos ser associados a eles pelo público, compreendeu? Seu relacionamento com Von Bauer foi de extrema imprudência! — Santinelli se conteve, insatisfeito com a palavra. — Imprudência? Não, senhor Bardine, foi absolutamente *condenável*!

A Bardine não restou alternativa que ficar ali sentado, em silêncio, todo arrebentado. Santinelli, por sua vez, ainda não terminara.

— Nunca lhe ocorreu que ela podia ser uma espiã? Nunca lhe ocorreu que todas as informações confidenciais que lhe passava, sem dúvida para impressioná-la, seriam logo a seguir relatadas a seus comparsas do Vidoeiro Quebrado? Nunca aprendeu nada sobre a política do poder? Tem alguma ideia de quanto nos tornou vulneráveis a esses sanguessugas desprezíveis?

Santinelli estava quente e a mil; nada o deteria agora.

— Eles querem poder, senhor Bardine, da mesma forma que todos nós queremos! Não são uma exceção neste jogo! Todos o queremos e todos fazemos nossas próprias maquinações e truques para obtê-lo. Mas de uma coisa esteja certo: o poder, o verdadeiro poder, pertence a uns poucos escolhidos. Somos *nós* esses escolhidos... Entende? — Não deu chance a Bardine para responder. — Todos os outros, sejam ricos, sejam da realeza, sejam ratazanas de esgoto como esses satanistas, simplesmente terão de se acostumar com esse fato e viver com ele. Não permitiremos que nenhum outro caçador insignificante de poder tente competir conosco fazendo uso de alavancas, como tampouco — e chegou a se inclinar para a frente ao dizer isso — permitiremos que mais alguém do nosso pessoal o *entregue* para *eles* de bandeja!

A voz de Bardine soou quase inaudível:

— Eu compreendo, senhor.

Santinelli ignorou a réplica:

— O anel tirado do dedo de Alicia Von Bauer...era seu, não era?

Bardine tentou explicar.

— Ela... Ela o roubou, senhor! Não fui eu quem lhe deu! Deve tê-lo roubado de cima da minha cômoda!

— E isso aconteceu, claro, depois que o senhor firmou seu pacto com ela?

— Sim... Imagino que sim.

— Então ela pegou seu anel, que trazia sua inscrição pessoal, e o colocou no dedo, para o caso de... — Santinelli parou um instante a fim de tomar fôlego e perfurar Bardine com os olhos. — Para o caso de alguma coisa sair errada, e de tentarmos nos desvincular dela, alegando ignorância de suas ações,

tratando-a como um ser descartável. Com seu anel personalizado, veja só, ela teria como recorrer contra nós, teria alguma prova de que fora um dos nossos próprios advogados de alto nível quem a contratara e lhe pagara os 10 mil dólares!

Bardine baixou o olhar à mesa.

Santinelli dera vazão à maior parte de sua zanga. Agora a voz lhe suavizara:

— Senhor Bardine, não é da minha responsabilidade pensar em tudo isso pelo senhor; cabe ao senhor fazer isso, manter sempre os melhores interesses desta organização como prioridade em sua mente.

— Sim senhor. Sinto muito, senhor.

— Tarde demais para isso. O estrago está feito, e por outra complicação romântica! Espero que tenha aprendido — e foi da forma mais difícil — o quanto isso pode ser perigoso.

— Sim senhor, aprendi.

— É um bom homem, Bardine. Gosto do seu currículo. Vamos manter o que aconteceu em segredo, e espero que você também guarde silêncio, para o seu bem e também o nosso.

— Sim senhor. Tem a minha palavra, senhor.

— Vamos lhe conceder licença para... continuar os estudos — e, por favor, providencie algo convincente. Enquanto isso, veremos o que pode ser feito para consertar essa embrulhada toda.

Àquela altura, a última frase era portadora de boas notícias.

— Sim senhor. Obrigado por sua bondade e consideração...

Santinelli pôs-se a ajuntar os papéis.

— No futuro, senhor Bardine, trate de mostrar com seu exemplo que ações como as que discutimos aqui nunca são boa ideia para ninguém que ocupe posição tão delicada quanto a sua.

— Sim senhor — concordou Bardine. — É o que farei, senhor!

Santinelli sorriu apenas.

— Ó, estou certo que sim.

8

De pernas para o ar. O lugar estava um desastre, como bem dissera a sra. Potter.

Ben se deteve no umbral da porta da casinha de aluguel dos Potter e calculou que era melhor dar uma boa olhada dali mesmo antes de entrar. A pequena sala de visitas estava parcamente mobiliada com um sofá velho, uma cadeira de balanço, um pequeno abajur de pernas fininhas e um tapete cinza e marrom.

As almofadas do sofá estavam jogadas no chão, o tapete trançado fora enrolado e amontoado em um canto. No meio do assoalho encontravam-se papéis, livros, caixinhas e diversas peças de vestuário, aparentemente o conteúdo de gavetas de algum lugar, trazidas para ali e despejadas.

Ben consultou o relógio. Sim, tinha tempo para ficar mais um pouco. O desvio de rota que o levara outra vez à cena do suposto suicídio não era oficial, para dizer o mínimo, e ainda precisaria fazer mais algumas paradas. No entanto, algumas perguntas incômodas o atraíam para aquele lugar. Esperava que uma resposta, não importava o quão pequena fosse, surgisse de algum modo. A sra. Potter ficara contente em vê-lo de novo e lhe entregara a chave depois de prepará-lo para o que encontraria.

Entrou na casa e dirigiu-se à cozinha. Cada uma das gavetas fora aberta, e o conteúdo espalhado sobre a velha mesa de cavalete: algumas tigelas e pratos desemparelhados, talheres velhos do exército, alguns panos de prato gastos, algumas panelas e uma caixa de bolachas salgadas meio vazia. As latas de mantimentos sobre o balcão estavam todas abertas. Alguém revirara até a farinha de trigo, o chá e o açúcar, derramando boa parte deles. Examinou a geladeira. Tinham passado também por ali.

Encontrou o quarto. Era o mais bagunçado de todos os cômodos, talvez por conter a maior parte dos parcos pertences de Sally Roe. Ben parou um instante assim que cruzou o umbral da porta, observando o intrincado acolchoado agora arrancado da pequena cama, a bela escultura de cavalo sobre a penteadeira, os quadros pendendo tortos das paredes, gravuras de cenários

bucólicos e serenos, cavalos pastando, lavradores trabalhando com afinco. Na mesa quadrada ao lado da cama havia um pequeno abajur de porcelana, rachado porém enfeitado com flores pintadas à mão, encimado por complicado quebra-luz de crochê. Com certeza aquele era o cômodo favorito de Sally Roe, seu mundinho particular. O que recebera a maior parte de sua atenção e criatividade.

O pequeno guarda-roupas fora revirado, porém a maioria das roupas continuava pendurada dentro dele. Ben notou as blusas, as saias, os vestidos, os lenços. Estavam todos limpos, passados, bem cuidados, conservados. O guarda-roupa recendia a lavanda.

A luz do sol que inundava o quarto entrava pela janela do lado sul. Abaixo da janela ficava a velha escrivaninha de nogueira de Sally, as gavetas escancaradas, o conteúdo espalhado por todos os lados. Mesmo assim, Ben conseguia visualizar com facilidade como as coisas eram antes; alguns livros, um dicionário comum e um de sinônimos em posição de sentido no lado esquerdo, um pequeno estojo de mesa contendo um suprimento de canetas e lápis no lado direito. Já no meio... Bom, fosse o que fosse que Sally costumava deixar ali, fosse o que fosse em que estivera trabalhando, estava agora no chão ou fora confiscado. Por um momento, no entanto, ele a imaginou sentada na pesada cadeira de madeira da escrivaninha, de rodízios nos pés, arrastando-se de um lado para outro, o sol a aquecê-la, toda a paisagem verdejante, florida, banhada de sol em contínua exposição através da janela.

Não foi um pensamento longo, meticuloso, apenas uma impressão ligeira, uma simples conclusão: Mulligan não captou tudo que era Sally Roe com descrições como "resto de *hippie*" e "perdedora".

Ben ouviu passos na varanda da frente e em seguida a voz da sra. Potter chamando:

— Agente Cole?

— Sim senhora, estou aqui.

Ele atravessou a casa para encontrá-la na sala de estar, braços cruzados, meneando a cabeça ante a terrível bagunça.

— Olhe só para isto! Nunca fiquei tão revoltada!

O próprio Ben estava atônito.

— Essa gente foi mandada pelo *nosso* departamento?

— Foi o que disseram. O Sargento Mulligan avisou que viriam em busca de pistas e coisas assim, e que eu deveria deixá-los entrar. Foi o que fiz. Quando se foram, o lugar ficou desse jeito! Acha que eu deveria dar queixa?

— Bem... Quem eram eles? A senhora já os vira alguma vez?

— Não. Eles não eram das redondezas.

— Disseram o que procuravam?

— Não, nem me lembrei de perguntar.

— Nesse caso... — Ben olhou a sua volta sem saber ao certo o que dizer. — Eu... conversarei com o sargento Mulligan a esse respeito. Mas no seu lugar, não me preocuparia. Tenho certeza de que também assumirão a responsabilidade por limpar tudo assim que tiverem concluído a investigação.

Ela balançou a cabeça e encaminhou-se lentamente até a porta.

— Acho melhor eles empacotarem tudo e doarem a alguma instituição de caridade ou algo parecido. Não sei que outro destino dar às roupas e coisas de Sally, agora que ela morreu. Siga-me, o que devo fazer com sua... — De repente se calou, parada na varanda, olhando de um lado para o outro à procura do carro. — Ora... é isso mesmo! A caminhonete!

Ben saiu para juntar-se a ela.

— Algo errado?

A sra. Potter ainda olhava a sua volta.

— Ora, eu já ia perguntar o que fazer com a caminhonete de Sally, agora que ela está morta, quando me lembrei... O automóvel não está mais aqui.

Ben tomou nota do comentário.

— E isso... é anormal?

— Bom, ela sempre dirigia a caminhonete quando ia trabalhar, e sempre voltava nela para casa, todos os dias. Se estava em casa na noite em que morreu, parece razoável esperar que sua caminhonete também estivesse. Costumava estacioná-la logo ali. Está vendo aquela faixa de grama? Era onde ela sempre a deixava.

— Pode ser que tenha sido apreendida. Vou averiguar.

— Mas ela já não estava ali na noite em que encontrei Sally.

O rosto de Ben assumiu expressão curiosa.

— Isso é um tanto esquisito, não acha?

— Ora... Quem é que sabe de alguma coisa a essa altura... — Cecilia olhou pela porta, observando a sala de estar outra vez. — Mas imagino que ela fosse terrivelmente solitária. Parecia que os animais eram seus únicos amigos. Imaginei que fosse divorciada, ou separada, ou coisa assim. Não vejo por que outro motivo uma linda ruiva como ela estaria tão solitária e solteira.

Ben não achou que a pergunta fosse tão importante assim quando a fez.

— Ela era ruiva?

— Claro. Tinha os cabelos da cor da aurora.

Não. Não fazia sentido; por isso o incomodava tanto.

— Hum... Como era a aparência dela, senhora Potter?

— Ó... Era bonita mas de aspecto cansado, sabe como é? Tinha sardas, grandes olhos castanhos... porém muitas rugas, muita preocupação no seu rosto.

— Quanto a senhora diria que ela tinha de altura?

— Deixe-me ver... — Ela ergueu a mão, com a palma para baixo. — Mais ou menos isso.

— Um e sessenta e quatro, um e sessenta e seis... E a idade dela?

— Ela escreveu trinta e quatro no contrato de aluguel, mas isso foi há dois anos. Portanto eu diria cerca de trinta e seis anos; sim, devia ter mais ou menos isso mesmo.

Ben quis se certificar:

— E cabelo ruivo?

A sra. Potter olhou para ele um tanto impaciente.

— O senhor não a viu na outra noite?

— Bom, sim...

Mas de repente já não tinha tanta certeza.

O Porsche vermelho rodava a mais de 140 quilômetros por hora quando, sem conseguir fazer a curva, voou pelo acostamento e mergulhou em um aterro. Vários carros pararam assim que o acidente aconteceu e houve muitas testemunhas.

— É — comentou um veranista aposentado — ele vinha bem, passou meu *trailer* como se eu estivesse parado, e então, *zuum*! Voou do acostamento, sem mais nem menos!

— Ele estava correndo demais — acrescentou a esposa —, demais mesmo!

O guarda rodoviário anotava tudo. Havia uma boa equipe no local: duas viaturas, dois carros de socorros e até um caminhão de bombeiro, todos com suas luzes piscando, colocando tochas na pista, compondo um espetáculo e tanto. Todos os motoristas, ao passar, espichavam o pescoço como de costume e o tráfego na rodovia se reduziu a passo de tartaruga.

O guarda rodoviário gritou:

— Ei, vamos mandar alguém para cuidar do tráfego! Fazer esses carros andarem!

Um companheiro seu escalou o aterro depois de examinar os destroços lá embaixo.

— Tenho uma identidade para você, Brent!

— Eu estava certo ou não?

— Sim, é James Bardine, o advogadozinho metido a importante, seu favorito.

— Morto, aposto.

— Ó, claro. Metade do corpo atravessou o para-brisa e ele ficou preso no capô. Terão de serrar o carro para tirá-lo de lá.

O guarda rodoviário anotou tudo com rabiscos apressados.

— Bem, não poderemos mais brincar de pega-pega com ele. Que pena!

Seu companheiro baixou os olhos à ravina, onde vários homens cortavam e separavam a dianteira do carro, tentando soltar o corpo.

— Puxa, ele fazia cada curva naquele carro! Nunca errou uma! Um pneu deve ter explodido ou algo assim.

— Provavelmente dormiu no volante.

— No meio do dia? — O companheiro franziu a testa. — Não ele. Era bom motorista. Estou meio surpreso.

— Ah, os caras acabarão encontrando uma explicação. Portanto, não se preocupe. Vamos fazer o nosso serviço e cair fora.

James Bardine estava tão amassado e espremido quanto o carro; seu sangue ainda pingava no chão quando os paramédicos começaram a puxar-lhe o corpo para fora do metal retorcido. Era um trabalho cansativo e eles estavam indo bem devagar.

Durante essa tarefa sinistra, no entanto, ninguém sentiu o cheiro de enxofre ou viu os olhos amarelos espiando da traseira do carro; ninguém ouviu a risadinha demoníaca, ou o súbito adejar de asas pretas, ressequidas, quando os espíritos saíram voando.

Lucy Brandon e a filha Amber voltaram para casa mais ou menos às 5 da tarde, ambas cansadas, mal-humoradas e desorientadas. O dia de Lucy fora bastante traumático com a entrada da ação e tudo o que isso acarretara. Ela se apavorava com a ideia de ver o próprio rosto na televisão aquela noite. O dia de Amber também fora um desastre. Passara a maior parte do tempo na casa de Claire, em vez de na escola com as amigas, e ainda não sabia exatamente por quê.

Lucy encontrou um pouco de ensopado no congelador. Podia esquentá-lo no micro-ondas e preparar uma salada. Isso resolveria o problema do jantar, ao menos por enquanto. Sentia-se demasiado cansada e preocupada para dedicar grande esforço a uma refeição naquela noite.

Amber tirou o casaco e deixou-se cair no chão da sala de estar entre suas bonecas e brinquedos. Pegou uma boneca, um bebê loiro de longo vestido cor-de-rosa, e abraçou-a, ninando suavemente.

— Mãezinha? — chamou.

— Sim, meu bem — respondeu Lucy.

— Não posso voltar à escola?

Lucy não gostou da pergunta. Tornava ainda mais difícil manter a decisão que tomara.

— Não, benzinho, não à escola cristã. Tentaremos colocar você de volta na classe da senhorita Brewer. Gostaria disso?

Sempre ninando a boneca, Amber baixou os olhos para os olhinhos pintados de seu brinquedo.

— Eu quero ir para a escola cristã.

Lucy apertou os botões no micro-ondas, fazendo-o zumbir.

— Falaremos... Bem, falaremos sobre isso mais tarde, Amber. Foi um dia confuso.

Amber mergulhava cada vez mais na melancolia.

— Não quero voltar para a classe da senhorita Brewer. Não quero mais fazer aquelas coisas.

Lucy retornou à sala de visitas.

— Amber, pendure o casaco, por favor.

A garotinha ignorou-a.

— Amber!

A criança permaneceu sentada onde estava, imóvel, os olhos azuis olhando fixos para a frente, vazios. A boneca rolara de seus braços.

Lucy aproximou-se dela para dar mais ênfase à ordem.

— Amber, eu mandei você pendurar o casaco!

— Aahhh! — a garotinha guinchou de alegria, o rosto abrindo-se em um sorriso extasiado. Olhava para um carrinho de brinquedo sobre a mesinha de centro.

O medo paralisou Lucy. Ó, não! Acontecera de novo.

Amber ficou de pé, deu um salto, e pôs-se a dar patadas no ar como se fosse um triunfante cavalo de espetáculo. Relinchou feito um garanhão selvagem, os olhos azuis dançando; atirou a cabeça para trás, fazendo com que os cachos dourados se agitassem sobre os ombros...

— Verdade! Está tudo bem, Amber! Verdade, não tenha medo, pois seus amigos seguem a sua frente!

Lucy não sabia o que fazer. Simplesmente estava ficando muito cansada dessa história.

— Amber, chega! Não precisa ser Ametista! Não quero que você seja Ametista! Agora pendure o casaco!

Amber trotou até à mesinha de centro e segurou o carrinho.

— Varruuum! — Fez que ele corresse em volta da mesinha, imitando o som de pneus cantando.

Lucy estava zangada de verdade agora.

— Amber! Quer que eu lhe dê umas... — Ia dizer “palmadas”, porém... De repente a palavra lhe pareceu sem cabimento.

— Mais rápido — incitou Ametista —, mais rápido, mais rápido... Até você morrer, até você morrer!

Então, com um último cantar de pneus e um poderoso impulso de mão, arremessou o carrinho pela ponta da mesa. Ele atravessou a sala voando e mergulhou no tapete, dando uma cambalhota.

— E agora você se foi, afastado daquilo que se chama vida! — festejou Ametista com uma risada insana e outro relincho. — Você foi muito desajeitado, só isso!

Lucy recuou enquanto a filha dançava e pulava ao redor do carrinho virado. Apanhou o casaco de Amber e pendurou-o ela mesma.

9

— Você fez o *quê*?

Wayne Corrigan, advogado, ouvira pacientemente a história de Tom Harris até aquele ponto quase sem dizer uma palavra. Era sua primeira pergunta.

Tom procurou retroceder um pouco para explicar.

— Ela estava... bem... "recebendo" um espírito.

Corrigan descansou a fronte nas pontas dos dedos e fitou a escrivaninha, folheando a ação judicial apenas como um escape para as emoções. Olhar para baixo parecia mais seguro nesse momento do que fitar Tom Harris e o pastor Mark Howard.

— Recebendo...

— Sim, sim. Em geral, chama-se isso de mediunidade; a pessoa permite que um espírito demoníaco fale por seu intermédio...

— Bem, sim, sei o que é, mas... — E então Corrigan não conseguiu pensar nas palavras certas para expressar seus sentimentos. Restou-lhe apenas sacudir a cabeça.

Era seu último compromisso do dia e, acabava de descobrir, provavelmente o pior. Tentava ser agradável mas não era fácil. Ah, o que as pessoas esperavam dele! Lá estava ele, quarenta e poucos anos de idade, advogado de cidade pequena mal ganhando o suficiente para sobreviver, um homem sensato casado

com uma mulher querida, quatro filhos, prestações da casa própria para pagar e uma vida de lutas e erros como qualquer um. Contudo, mais uma vez, alguém necessitado e sem dinheiro se sentava ali esperando que ele operasse um milagre e sugerisse respostas rápidas e simples para um caso complexo e difícil. Não era justo.

O pastor Mark decidiu entrar no assunto.

— Senhor Corrigan, posso lhe garantir que Tom é um homem sensato e fala a verdade. Creio no que ele está dizendo. Além disso, a senhora Fields pode confirmar tudo. Ela estava lá; também viu o que aconteceu.

— Está bem, está bem.

Corrigan parou para pensar um instante. Precisaria ouvir o resto? Quanto tempo mais devia deixar que aqueles dois prosseguissem, antes de dizer não? Talvez bastasse lhes contar o quanto custaria defender um caso como esse. Isso com certeza encerraria a conversa. Não conhecia Tom Harris muito bem, mas sabia quem era Mark Howard e gostava dele. Esse homem bondoso, genuíno, de seus 50 anos de idade, tinha o cabelo grisalho que, de acordo com a Bíblia, é "uma coroa de esplendor, e se obtém mediante uma vida justa". Corrigan o considerava um homem de Deus decente e quase todos concordavam que a Igreja da Comunidade do Bom Pastor fazia muito por seus membros e pelos cidadãos da cidade.

Corrigan balançou a cabeça. *Isso sempre acontece com gente boa*, pensou. Reclinando-se para trás com um suspiro, pediu:

— Está bem, continue.

Mas Tom já não estava tão certo de querer fazê-lo.

— Ela... Bem, ela veio para nossa escola cerca de três meses atrás. A mãe a trouxe e registrou.

— A senhora Brandon concordou com sua Declaração de Fé?

— Bem, sim. Ela a assinou dizendo que aceitava. E conhece nossa posição doutrinária.

— E o parágrafo no manual que fala de castigos corporais?

— Bom, presumi que o tivesse lido.

— Muito bem, continue.

Tom reordenou os pensamentos e retomou o fio da história.

— Amber se deu bem com as outras crianças por algum tempo. Demorou cerca de um mês para se adaptar. Então, durante o recreio, começou a ensinar as crianças... a relaxarem.

— Técnicas de relaxamento?

Tom e Mark se entreolharam com um raio de esperança nos olhos.

— Já ouviu falar nisso? — perguntou Tom.

— Tivemos um caso há um ano envolvendo o ensino de ioga durante uma aula de educação física, e técnicas de relaxamento faziam parte dela. Alguns pais, pais cristãos, reclamaram que a escola ensinava religião oriental.

— E daí... — Mark estava curioso —, o que aconteceu?

— Demos queixa junto à delegacia de ensino da região mas não obtivemos o resultado que desejávamos. A escola apenas mudou todos os termos e remodelou o programa de forma a não parecer religião. Fora isso, continuou fazendo a mesma coisa.

— Quer dizer... — arriscou Tom —, acho que vocês perderam esse caso.

— Não perdemos exatamente. Desistimos dele. Agora vamos ouvir o resto da sua história.

— Bom... Vi o que Amber fazia e lhe perguntei o que estava acontecendo. Ela me disse que aprendera na classe da senhorita Brewer — imagino que na Escola Elementar de Baskon —, e que era divertido porque ajudava a gente a se sentir melhor e a encontrar amigos especiais, guias imaginários. Eu não sabia muito bem como enfrentar a situação, por isso deixei passar. De qualquer forma, as outras crianças não pareciam interessadas.

— Até que as crianças começaram a brincar de faz-de-conta; o senhor sabe como é. Fingiam participar de um espetáculo equestre, algumas delas agiam como cavalos e faziam seus truques, enquanto as outras representavam os

domadores. Elas brincam assim o tempo todo; não havia nada de estranho, na verdade.

— Mas então... Amber se tornou a líder do grupo e seu cavalo — o que ela fingia ser — mostrava a todos os outros cavalos como empinar, fazer truques e... bem, como ser um bom cavalo, eu acho. Até aí, tudo bem. Depois do recreio, no entanto, ela não parou de fingir que era cavalo. Entrava empinando na sala de aula e ficava sentada junto da carteira por algum tempo, mas de repente se dirigia empinando até o apontador de lápis, empinava de um lado para o outro dos corredores entre as carteiras sem nenhum motivo e fazia sons de cavalo sempre que eu a chamava. Começamos a ter um problema sério de disciplina. Ela perturbava a classe e causava confusão a toda hora.

Mark sugeriu:

— Diga-lhe o nome do cavalo.

— Ó, sim, certo — lembrou Tom. —, Fui atrás dela uma vez. Disse: "Amber, sente-se agora mesmo e fique quieta", mas ela — e Tom representou os movimentos com as mãos — deu patadas no ar como um cavalo selvagem. Relinchando, respondeu: "Não sou a Amber. Meu nome é Ametista!" — Deu de ombros. — Foi a gota d'água. Levei-a até a sala da senhora Fields para ser castigada.

— Ah... — Corrigan olhou o documento sobre a escrivaninha. — Acho que esse é o segundo item na queixa aqui.

— Creio que sim. Seguimos o procedimento claramente estabelecido no manual, com o que qualquer pai ou mãe que matricule o filho na escola deve concordar. Usamos uma régua de madeira quando a criança resolve impor sua vontade contra a vontade do professor e depois de pesarmos muito bem todas as circunstâncias. Ficamos a sós com o aluno, oramos com ele e imediatamente tentamos entrar em contato com os pais.

— Conseguiram falar com a senhora Brandon?

— Não. Tentamos encontrá-la em casa e no correio, mas ela não estava disponível em lugar nenhum. Por outro lado, a situação estava bastante tensa.

— Quem bateu em Amber?

— A senhora Fields. É diretriz nossa que as meninas apanhem de uma mulher e os meninos de um homem.

— Ó, isso é bom. Contaram com alguma testemunha?

— Sim, nossa professora de arte estava lá aquele dia e serviu de testemunha. Preparamos um registro de tudo. Por fim conseguimos entrar em contato com a senhora Brandon aquela noite e contar o que acontecera.

— E daí, qual a reação dela?

— Essa é a parte mais estranha. Ela concordou com nossa atitude. Não se opunha a que batêssemos em Amber se ela precisasse disso.

Corrigan olhou para a ação judicial outra vez.

— Hum. Alguém mudou de ideia. Mas quando foi que você...

Tom já sabia o que Corrigan pretendia dizer:

— Há cerca de um mês apenas. Depois que punimos Amber, tudo correu muito bem por uns três dias, e então... — Tom parou para pensar. — Acho que deve ter recomeçado durante o intervalo do meio-dia. Amber tornou-se um cavalo de novo, como antes, e voltou para a classe como... como Ametista. Dessa vez eu não estava disposto a tolerar isso e fui firme com ela, confrontei-a mesmo. Foi quando...

Precisou parar outra vez. Parecia prestes a cair em pranto. Obrigou-se a continuar:

— Foi quando algo tomou conta da menina. Sua personalidade como um todo se transformou. Ela começou a blasfemar, a xingar e a zombar do nome de Jesus, e... tive de tirá-la de lá. As outras crianças ficaram muito perturbadas com aquilo. Tomei-a pelo braço e precisei arrancá-la da sala de aula literalmente — ela se agarrava às carteiras e cadeiras, até a outras crianças. A senhora Fields ouviu a confusão do outro lado do corredor e veio depressa saber o que estava acontecendo. Foi necessário nós dois para levá-la à sala comum e segurá-la. Ela estava tendo um verdadeiro acesso de raiva... Não, pior que isso. Não era ela mesma. Não era mais Amber Brandon.

Tom calou-se outra vez. Nem Corrigan nem Mark disseram nada. Ninguém tinha perguntas para fazer. Ambos se limitaram a esperar para ouvir o resto.

Com grande esforço, Tom prosseguiu:

— Então, eu... discerni em meu espírito que Amber manifestava um demônio e confrontei essa tal de... Ametista em nome de Jesus. Ordenei-lhe que ficasse quieta e saísse de Amber.

Corrigan afundou na cadeira e soltou um longo suspiro.

Mark interrompeu:

— Mas ela ficou bem depois disso, não ficou?

— Voltou a ser ela mesma, sim.

Corrigan quis saber:

— Portanto, nada mais natural que sua conclusão de que o demônio deixara Amber e de que você fora bem-sucedido em expulsá-lo?

Tom sentia-se obviamente sem graça.

— Sim. Acho que sim. Mas ela deve ter contado histórias bem exageradas quando voltou para casa. A senhora Brandon compareceu à escola para uma conferência no dia seguinte. Estava fora de si quando a encontrei, acusando-me de maus tratos físicos, de terror, de intimidação...

Corrigan olhou para sua estante de livros, afundando cada vez mais na cadeira.

— Você tentou expulsar um demônio de uma criança de 10 anos de idade...

Mark protestou:

— Senhor Corrigan, o senhor sabe o que a Bíblia diz a respeito da atividade demoníaca. O senhor tem consciência de que os demônios são reais, não tem?

Corrigan deixou cair o braço sobre a escrivaninha e apontou para o rosto de Mark.

— O senhor acha que um júri vai aceitar isso, pastor? Pois então, siga em frente! Cometa uma proeza dessas e depois tente convencer qualquer júri deste país de que seu comportamento foi apropriado! — Usou as duas mãos porque precisava de um gesto mais abrangente: — Uma criança, uma criança de 10 anos e você tentou expulsar um demônio dela!

— Bem, o que *esperava* que eu fizesse?

Corrigan retesou-se na cadeira antes que escorregasse de vez e caísse. Inclinou-se por cima da escrivaninha e folheou a queixa a sua frente.

— Bem, para começo de conversa, não devia ter agido sozinho nem ter levado adiante esse... esse ato... sem ter-se aconselhado com alguém, com alguém que entendesse de *leis*.

— Agora ele sabe disso — comentou Mark.

— Como assim? — Tom protestou. — Como eu poderia saber dessas coisas? Desde quando Paulo e Silas foram atrás de alguém que entendesse de leis antes de...

— Eles acabaram indo parar na cadeia, lembra? — interrompeu Corrigan bruscamente, e para ele usar um tom de voz um *pouco* mais alto já significava que estava transtornado. — Foram surrados e jogados na cadeia por expulsar um demônio, e você enfrenta uma versão semelhante da mesma situação. Uma ação civil não fará que o mandem para a cadeia, porém mesmo assim você precisará de um terremoto digno de Filipos para tirá-lo dessa enrascada. A Associação dos Cidadãos Americanos pela Liberdade deixou impressões digitais em toda essa história... Imagino que saiba disso.

Mark e Tom se entreolharam. A acal, aquela associação — seria até possível chamá-la de conspiração — infame, composta por técnicos judiciais idealistas, caiados de branco, virtuosos, por fora grandes defensores da liberdade, quando na verdade eram morbidamente liberais e anticristãos em seus motivos e atividades. Nos últimos tempos, era difícil encontrar uma ação judicial movida contra cristãos, igrejas ou organizações paraeclesiásticas que não tivesse por trás a acal e suas numerosas filiais em todo o país.

— Achamos que talvez fosse esse o caso... Mark começou.

Corrigan bateu no rodapé da primeira folha da queixa.

— Ames, Jefferson e Morris são membros da acal; eles gerenciam a sede local e têm sido os valentões liberais, os senhores da justiça da vizinhança há anos. De que outra maneira a imprensa saberia tudo sobre o fato de seus filhos terem sido levados e ficarem de plantão para amolar você em sua casa e na delegacia de polícia? Como eles conseguiriam estar presentes para filmar quando você recebeu a intimação? Tudo isso para criar um escândalo e sujá-lo na imprensa. Aliás, antes de mais nada, por que acha que seus filhos foram levados? Assim que a acal soube do acontecido, vazou a informação — provavelmente acrescentando mais de um detalhe — para o pessoal da Proteção à Criança, trazendo-os para o caso. Eles adoram notícias picantes como essa. Você já está rotulado como quem maltrata crianças, Tom, antes mesmo de chegar ao tribunal. A acal joga sujo.

— Bem, veja a queixa apresentada contra... o pastor, o diretor, a igreja e o conselho eclesiástico: "Comportamento religioso ultrajante contra uma criança" — a expulsão do demônio, claro, e "Maus tratos físicos por espancamento, instrução religiosa excessiva e prejudicial à criança, perseguição, discriminação e doutrinamento religiosa usando fundos do governo federal".

— Essa coisa toda é dinamite pura; vai dificultar o caso porque a acal usará todas essas questões quentes para conseguir a atenção do público e causar alvoroço.

— E vocês prestaram atenção nas grandes palavras-chave, *fundos do governo federal*? São elas que abrirão as portas dos tribunais federais para eles: "infringindo os direitos civis da mãe ao ensinar religião usando fundos do governo federal — uma violação do Decreto Munson-Ross de Direitos Civis e do Decreto Federal de Assistência Escolar a Creches e Escolas Particulares de Primeiro Grau.

— Fundos do governo federal? — perguntou Tom.

— Lucy Brandon trabalha no correio, certo? É funcionária do governo federal, e sob esse Decreto Federal das creches, ela recebe um subsídio que ajuda a pagar a mensalidade de Amber. Não sabia disso?

Era evidente a surpresa de Tom.

— Não, é novidade para mim. Ela nunca disse nada a esse respeito.

— Interessante. Talvez por não querer que você soubesse. De qualquer forma, se você recebe fundos federais, quer dizer que não pode discriminar ou impor religião ou bater ou causar angústia mental ao sugerir que a criança está possuída por demônios, ou qualquer outra coisa que a acal queira alegar perante um tribunal de justiça. Essa é a grande questão: eles encontram uma lei vaga e então arranjam casos judiciais como este aqui a fim de esticar o alcance da lei tanto quanto puderem nos tribunais. Esse Decreto Federal de Assistência Escolar a Creches e Escolas Particulares de Primeiro Grau é uma grande nuvem de fumaça, bem vaga, onde vale tudo. Uma medida inteligente da parte do Congresso de que a maioria das pessoas nunca ouviu falar. Agora a acal está pronta para fazer que o Decreto seja definido por meio de uma lei estabelecida por decisão judicial, por precedentes legais, talvez até uma decisão do Supremo Tribunal.

— É por isso que estão evocando tanto o aspecto federal do caso, citando lei federal. Olhe aqui: "V. Sa. está intimado a comparecer às 9 horas da manhã, dentro de duas semanas, no departamento da juíza Emily R. Fletcher do Tribunal *Federal* Regional, Distrito Ocidental, Sala 412, Corte *Federal*, blá, blá, blá." O caso é federal, meus chapas.

— Então o que fazemos? — quis saber Tom.

Corrigan permaneceu calado, tateando o interior da gaveta. Afinal, respondeu:

— Bem... eu diria que você precisa de um advogado, com certeza, mas... Não sei muito bem com quem deveria se consultar sobre um assunto como este.

— Quer dizer que não aceitará o caso? — perguntou Mark.

Corrigan deu uma risadinha nervosa e balançou a cabeça.

— Bem... não. Não posso. — E continuou abruptamente: — Agora antes que digam alguma coisa ou perguntem o motivo...

Então parou. *Ó, vida, aqui estou eu outra vez, tendo de explicar a mesma coisa a um novo bando de mártires ingênuos*.

— Ouçam, não quero ofendê-los, por favor, compreendam. Quer dizer, posso avaliar sua posição... — Empurrou a cadeira da escrivaninha para trás, agitou as mãos no ar por alguns instantes e fixou os olhos na estante enquanto tentava encontrar as palavras. — Acabo de estabelecer uma nova política para este escritório: não defender cristãos que não me podem pagar por meus serviços.

Mark achou a declaração um tanto estranha.

— Mas... Não estávamos pensando que o senhor trabalharia de graça.

Baixar os olhos para a escrivaninha não foi uma boa tática de fuga para Corrigan — que os desviou então para o tapete.

— Pastor Howard, o senhor é a última pessoa sobre a face da terra a quem eu gostaria de não atender, porém... Bom, permitam-me ao menos partilhar uma informação deprimente com vocês. Sou cristão e todo mundo sabe disso; a polícia sabe, os juízes locais sabem, o promotor municipal sabe... O pior é que todos os cristãos deste município sabem. Isso quer dizer que, quando os cristãos se metem em dificuldades judiciais, eles me chamam porque sou um irmão em Cristo.

— Mas então, por serem... cristãos... de antemão eles já presumem algumas coisas sobre como meus serviços serão pagos, se é que isso vai acontecer; sentam-se em meu escritório, falam-me da fé e da provisão divina, via de regra mencionam alguma coisa sobre Deus recompensar todo o meu tempo e sacrifício; nesse meio tempo, no entanto, meu escritório entra pelo cano por causa de dívidas não saldadas.

— Por favor, não me interpretem mal. Não culpo os cristãos. É apenas o modo como o sistema funciona. O meu povo — os cristãos — se mete em

complicações legais porque o estado, ou a acal, ou alguma outra organização secularista fanática, papa-cristão, resolve persegui-lo, e essa gente tem sempre todo o poder, as conexões e o dinheiro necessários para ganhar qualquer batalha que deseje em um tribunal. O mesmo não acontece com os cristãos. Eles precisam promover jantares e operações lava-carro e maratonas só para contratar um advogado pobre, de segunda como eu, alguém que se imagina amar tanto a justiça que não se importa com o dinheiro.

Corrigan percebeu que Mark e Tom escutavam sem qualquer sinal de animosidade, pelo menos por enquanto. Por isso, continuou:

— Ora, essa é a metade do problema. A outra metade é o fato de, com demasiada frequência, os cristãos simplesmente não serem verossímeis. Eu já cheguei a instruir alguns clientes a não se declararem cristãos perante o tribunal porque em muitos casos a informação diminuiria sua credibilidade! O mundo aí de fora... o sistema... acha que nos entende. Ele nos identificou, categorizou, definiu. Acreditamos em Deus; acreditamos em absolutos. Portanto, talvez não sejamos dignos de crédito! — Deu uma risada irônica. — Quando eu estava na faculdade de direito, a coisa era o contrário. A percepção era a de que as pessoas não tinham credibilidade se não acreditassem em Deus. Como as coisas mudaram, não?

— Assim, de qualquer forma, defrontamo-nos com duas opções: posso ser contratado pelos cristãos e descobrir mais tarde que eles não têm condições de pagar meus honorários, ou aceitar o caso de graça ou por preço reduzido — em geral, uma redução drástica. No caso específico que temos em mãos, a probabilidade de eventual recuperação é quase nula. Só me restaria nutrir a esperança de receber parte do acordo, porém mesmo assim o sistema já está de tal forma pré-disposto contra mim que não tenho a mínima chance de ganhar; portanto, nenhuma chance também de receber.

— Será que estou deixando bem claro para vocês? Simplificando mais ainda, não tenho condições de me dar a esse luxo, pelo bem das minhas finanças e da minha reputação. Já cheguei muito perto da falência demasiadas

vezes para aceitar outro caso como este. Acho que vocês precisam de um visionário recém-formado, um potro novinho em folha com disposição para correr alguns quilômetros, alguém que possa se fatigar por quase nada.

Corrigan se calou. O desabafo lhe fizera bem, embora o envergonhasse um pouco também. Olhou para a parede e seus olhos incidiram sobre o diploma que lhe permitia exercer a advocacia. Foi então que resolveu concluir dizendo:

— Às vezes, quase admito a mim mesmo o quanto odeio este trabalho. Vejam o que ele faz comigo... Leva-me a despejar todo o meu ressentimento em cima de gente boa como vocês.

Mark olhou para o torpedo judicial sobre a escrivaninha de Corrigan e suspirou.

— Então, aonde isso nos leva? Os filhos de Tom lhe foram tirados e ele ainda não sabe onde se encontram. Agora a escola é atacada com uma ação judicial. Bem, parece que nossas próprias liberdades estão sendo ameaçadas. Não existem advogados em Baskon; poderíamos ter ido a outro lugar mas viemos atrás de você em Claytonville porque — e não me envergonho de dizê-lo — sabíamos que era cristão. Sabíamos que teria a perspectiva correta.

Corrigan fitava o ministro com um bocadinho de acanhamento apenas.

— Bom, acho que acabei de vez com essa ideia sua.

— Mas e quanto ao Tom? Ele poderia se sentir amargurado neste momento. Perdeu a esposa em um desastre de carro há apenas três anos, seu salário é uma miséria, mas ele permaneceu aqui com os dois filhos e vem servindo como diretor de nossa escola cristã já há quatro anos, fazendo um excelente trabalho. Que recompensa ele recebe? Ter os filhos surrupiados e ver uma ação judicial contra a escola que pode colocar em risco tudo o que ele e o resto de nós mais prezamos. Não é justo. Mesmo assim, ele permaneceu fiel ao seu chamado. É um homem justo, um homem de princípios e convicção...

— Daí o salário miserável. Desculpe-me, continue.

Mark começava a se aborrecer.

— Já terminei.

Corrigan permaneceu ali sentado em silêncio. O queixo apoiado nas juntas dos dedos, pensou por um instante e então assentiu com a cabeça, como se concordasse com os próprios pensamentos.

— E pensar que tudo começou em Baskon! Acho que tinha mesmo de acontecer em algum lugar. — Sentou-se mais ereto e cruzou as mãos sobre a escrivaninha. Pela primeira vez em vários minutos, olhou diretamente para Tom e Mark. — Pastor, a acal não está interessada em sua escolinha; Tom, tampouco em você. Quanto a essa criança que alegam ter ficado traumatizada, não se importam nem um pouco com ela. Não, o que de fato querem é um precedente legal, algo para atingir não só vocês dois, mas todos. Eles têm os recursos financeiros e a habilidade necessários para fazer essa coisa dar certo. Sabem que o mesmo não acontece com vocês e é com isso que estão contando. Por isso escolheram um lugar acanhado como Baskon e uma igreja paupérrima como a de vocês.

— E acho que conseguiram me colocar bem onde queriam. Posso até ver os advogados da acal sentados em seu escritório lá da Ames, Jefferson e Morris, dizendo: "Sim, vamos atacar Baskon. O tal Wayne Corrigan é pavio queimado, jamais aceitará o caso." Não seria uma beleza para eles?

Olhou novamente os papéis sobre a escrivaninha.

— Muito bem, o negócio é o seguinte: vou voltar atrás... em parte, pelo menos. Aceitarei o caso, mas só o mínimo possível. Isso quer dizer que o trabalho pesado ficará por conta de vocês. Vocês que terão de andar por aí, fazer pesquisas, construir a defesa enfim. Eu lhes direi o que fazer, redigirei os depoimentos, tomarei nota das declarações, defenderei vocês, apresentarei os argumentos e os aconselharei; mas qualquer informação relacionada a este caso será de responsabilidade de vocês. Sugiro que arrumem um investigador particular para ajudar. No que diz respeito a meu envolvimento, receberão pelo que pagarem e... — Engoliu em seco, chegou com relutância a uma decisão e concluiu: — Reduzirei meus honorários pela metade, mas terão de se comprometer a levantar a outra metade.

Tom e Mark trocaram um rápido olhar e concordaram depressa.

— Está certo.

— E daí, por onde começamos? — perguntou Mark.

Corrigan folheou os papéis.

— Número um, vocês têm uma injunção temporária aqui que os impede de fazer quase tudo que foi mencionado na queixa. Er... Acho que, em resumo, vocês terão de desistir dos castigos físicos de uma vez por todas, bem como de qualquer outro "comportamento religioso chocante". Isso quer dizer que não poderão expulsar nenhum outro demônio até à audiência no tribunal, em duas semanas.

— O que acontece em duas semanas? — Tom quis saber.

— Temos que comparecer ao tribunal... "Para apresentar a razão, se tiver alguma, pela qual o senhor e todas as pessoas que o representam ou à escola não devam ser imediatamente impedidas de bater, espancar, ou de alguma outra forma manter contato físico com as crianças por qualquer motivo que seja, e porque o senhor e todas as pessoas que o representam e estão de comum acordo consigo não devam ser imediatamente impedidas de qualquer outro comportamento religioso que seja comprovadamente nocivo ao bem-estar mental, emocional ou social das crianças, ou de qualquer instrução religiosa excessiva, direta ou indireta, de qualquer tipo, na escola ou na creche, que seja comprovadamente nociva..." A injunção continua e fala a respeito de todas essas outras coisas.

— O que exatamente querem dizer com instrução religiosa excessiva? — Tom insistiu.

— Isso ainda vai ser definido.

— O que devemos fazer? — perguntou Mark.

— Procurem ficar bem comportados nas próximas duas semanas. Não façam nada chocante, qualquer que seja o significado disso. Nesse meio tempo, precisam me fornecer bons argumentos que justifiquem a continuidade das atividades mencionadas acima. Aí então protocolarei as súmulas e os

depoimentos junto ao tribunal e iremos até lá ver se conseguimos livrar vocês dessa injunção. Esse é o primeiro passo.

— E depois? — Mark indagou.

Corrigan de repente pareceu preocupado e desgastado.

— Um bocado por vez, pastor. O senhor terá de que se ocupar durante muito, muito tempo.

— E o que me diz de Ruth e Josiah? — Tom quis saber.

— Não existem respostas fáceis para isso. Será uma embrulhada daquelas, e poderia até ser pior, dependendo de com quem tivermos de lidar dentro do sistema. Acho que você tem direito a uma audiência dentro de setenta e duas horas a fim de determinar se a remoção das crianças é procedente ou não, mas essa costuma ser uma sessão predeterminada na qual o juiz aprova a remoção das crianças baseado no testemunho da assistente social. Você pode ser chamado a depor ou barrado completamente da audiência. Depende de quem estiver cuidando do caso. Vou procurar saber.

— Mas... não vou recuperar os meus filhos?

Corrigan hesitou antes de responder.

— É provável que tenha de ser julgado primeiro, o que implica em uma espera de seis meses ou mais.

Nem Tom nem Mark estavam preparados para ouvir isso.

— Tem de haver alguma coisa que possamos fazer! — exclamou Mark. — Tem de haver outras opções.

— Vocês podem orar — respondeu Corrigan. — Especificamente, orem pedindo alguns amigos nos lugares certos. Têm uma bela briga pela frente.

10

Sally passaria mais uma noite no Repouso Tranquilo. Tinha ainda todos os 10 mil dólares para gastar nesse único quarto se quisesse, se nenhuma ideia melhor lhe ocorresse. Como era o caso naquele momento.

Gastara a tarde e todos os papéis de carta do hotel rabiscando pensamentos à medida que lhe ocorriam. Agora, quando o dia fora das janelas dava lugar à noite, sentou-se à mesa e folheou o trabalho do dia.

A primeira página não era nenhuma obra-prima: "Louca meu nome é Sally Roe", seguida de uma página cheia de linhas errantes e cobrinhas. Pelo que tudo indicava, não conseguira traduzir os próprios pensamentos. Mas aquilo era deprimente. Talvez *fosse* um registro correto do que lhe passava pela cabeça. Nem se lembrava mais de ter feito aqueles rabiscos.

A página seguinte trazia algumas palavras rabiscadas dando a impressão de que poderiam ser Morte e Loucura, impossível dizer com certeza. Depois disso, sua escrita se desfez em rabiscos caóticos de novo, até que, no fim da página, escrevera seu nome diversas vezes, circunscrevendo-o em garranchos estranhos, sombrias. Lembrava-se de ter feito aquilo no abismo da depressão, quando não tinha vontade de pensar ou escrever qualquer coisa. Era gostoso rabiscar apenas, despejar sentimentos no papel sem usar nenhuma linguagem.

A terceira página lhe parecera ótima quando a escrevera: "Eu sou eu: penso, existo, mas nada sei a respeito da apreensão da essência de tudo o que está debaixo e acima das atitudes abismais que tanto destroçam nossa percepção nos últimos outonos de violência sobre a terra..." Agora, nem conseguia decodificar aquilo. Aparentemente o cérebro funcionara enquanto sua mente estivera desligada.

Sentiu-se encorajada mesmo assim. Não porque o projeto para aquela tarde produzira tanta idiotice, mas porque conseguia se sentar tranquilamente agora que a mente estava desanuviada e *perceber* que era idiotice. Acabava de atravessar algum tipo de tempestade espiritual, uma batalha furiosa, torturante. *Como nos velhos tempos*, pensou. Muitas das impressões, das alucinações, das perambulações irracionais lhe eram familiares. Sua mente não divagava daquele jeito havia quase dez anos. Sem dúvida era esse novo e misterioso terror que trouxera tudo de volta. Ela se interpusera no caminho de um antigo Mal e o reconhecera bem demais. Ele também devia tê-la reconhecido, por isso a

perseguia agora. Bastava um pouquinho de imaginação para senti-lo ainda de emboscada do lado de fora do quarto do hotel, pronto a se abater sobre ela outra vez caso se descuidasse.

Mas... O que fazer? O quê? Qual era o próximo passo? Como podia se libertar?

Apanhou o exemplar daquele dia do Jornal *A Estrela de Hampton*. Não trazia nada de novo sobre sua morte. Imaginou que nunca traria. Aquela história, sua vida, seu nome, estava agora enterrada, muito bem guardada em arquivo para nunca mais ser lembrada.

Retornou à primeira página e estudou uma grande foto. Uma senhora loura entregava a um sujeito o que parecia ser uma intimação. Bem, havia outras notícias de Baskon, um escândalo na escola cristã. Tom Harris, diretor da Escola Cristã do Bom Pastor... acusado de abusar de crianças... Acusações feitas pela agente local do correio...

Os olhos de Sally se fixaram nessas últimas palavras. Agente local do correio? Releu o parágrafo mais uma vez.

"...A mãe da criança, agente local do correio, desconfiou quando a filha de 10 anos, brincando de faz-de-conta, começou a relatar um comportamento questionável por parte de seu professor da escola..."

Sally olhou para o relógio. Passava um pouco das 5. Talvez achasse alguma coisa na televisão. Ligou o aparelho.

Bem... Não havia muita coisa, apenas a venda de um time profissional de futebol a algum milionário desconhecido, a limpeza de lixo perigoso em uma cidadezinha do Meio Oeste, nova pintura para um prédio histórico na capital do estado.

Deixou a televisão falando sozinha enquanto terminava a leitura do jornal.

Segundo fontes fidedignas, os dois filhinhos de Tom Harris tinham sido levados de casa por assistentes sociais na tarde do dia anterior... O DPC dispunha do que considerava motivo suficiente para retirar as crianças de casa. "Se temos de errar, que seja em favor da criança", disse a fonte... O DPC está

iniciando uma investigação dos supostos abusos contra as crianças da escola... A chefe do correio Lucy Brandon e os advogados da acal moveram uma ação contra a escola, acusando-a de comportamento religioso ultrajante contra uma criança, abusos físicos por espancamento, instrução religiosa em excesso a ponto de ser nociva à criança, perseguição, discriminação e doutrinamento religiosa mediante uso de fundos federais. A garotinha contou que Harris tentou expulsar um demônio dela...

Ó! Lá estava, na televisão! Sally aumentou o volume no exato momento em que a filmagem no local começou a rodar. De repente surgiu na tela a escolinha, e Tom Harris, o diretor, em pé no umbral da porta. Sim, lá estava a senhora loura, entregando-lhe a intimação.

Chad Davis, repórter do noticiário do Canal Sete, sobrepunha à cena a sua voz: "A ação judicial em favor da senhora Brandon levanta mais uma vez a questão do quanto a liberdade religiosa é excessiva, principalmente no que diz respeito a crianças pequenas, e exige que se limite práticas fundamentalistas extremas quando elas transgridem as leis do estado."

Outra cena: Lucy Brandon, a agente do correio, e... Amber! Nenhuma das duas disse coisa alguma. Apenas se encaminharam para o carro e entraram nele. Davis narrou: "O caso pode ter implicações em nível federal pelo fato de fundos da União estarem sendo usados para educar a menina nessa escola. A acal argumenta que as práticas e ensinamentos da escola são extremos, nocivos e transgridem claramente as leis referentes à separação entre a igreja e o estado."

Uma senhora loura apareceu na tela. Abaixo do rosto, a legenda com seu nome: Claire Johanson, acal. "Estamos preocupados com o bem-estar de nossas crianças", disse ela, "e desejamos protegê-las de quaisquer abusos cruéis e indesculpáveis que lhes forem infligidos sob licença da religião."

A seguir, uma rápida entrevista com uma mulher do Departamento de Proteção à Criança, Irene Bledsoe.

"Sempre investigamos todas as comunicações que chegam até nós", dizia ela, "e estamos examinando também este caso."

Davis fez uma pergunta sem aparecer diante das câmeras: "As crianças do senhor Harris foram retiradas de casa?" "Sim, mas isso é tudo o que posso dizer."

"Enquanto isso", Davis prosseguiu com sua narrativa, "o Tribunal Federal Regional emitiu uma injunção temporária contra a escola, proibindo qualquer outro castigo, ensinamento religioso que possa ser nocivo às crianças, ou comportamento religioso ultrajante, até a audiência que ocorrerá em duas semanas."

O âncora do telejornal tornou a ocupar a tela, fitando solenemente a câmera.

"Obrigado, Chad, por essa reportagem. Podem ter certeza de que estaremos acompanhando esse caso e apresentando as novidades assim que forem ocorrendo. Falando de assuntos mais amenos agora..."

Propaganda. Uma rapaziada correndo, gritando e abrindo garrafas de cerveja.

Sally desligou a televisão e sentou-se atônita em cima da cama. Irene Bledsoe... A mesma mulher do cabelo despenteado e rosto em forma de lua cheia enrugada de sempre. A mesma carranca de sempre!

A mulher da quase colisão. Era *ela*? Aquelas eram as crianças de *Tom Harris*?

Lucy Brandon. Amber. *Ó, justo quando minha mente começava a clarear*!

Pensamentos começaram a encher a mente de Sally no ritmo explosivo de pipocas, arrastando-a em uma enchente desordenada, impelindo-a para a frente como um automóvel desgovernado sem ninguém ao volante; a correnteza avançava a toda velocidade e projetava-se em guinadas de um pensamento para outro, saltando por cima de lembranças e colidindo com cenas repetidas, prendendo-se e arrastando situações por seu consciente mais depressa do que ela conseguia vê-las, fazendo brotar conversas, fatos e fisionomias.

Apertou com força as laterais da cabeça com as mãos, como se estivesse sendo atacada por uma horda de ruídos. *Por favor, um de cada vez! Não os posso*

ouvir quando gritam todos ao mesmo tempo! Devagar!

Olhou de novo para a fotografia de Tom Harris que o jornal estampava, em pé no umbral da porta da escolinha, recebendo o grande envelope branco da senhora loura.

Então ele também conhecera a pequena Amber!

A mão de Sally dirigiu-se para o anel pendurado debaixo da blusa. Parecia que coisas ruins aconteciam às pessoas cujo caminho cruzava com o de Amber Brandon.

Avançou até a mesa e encontrou o primeiro pedaço de papel que rabiscara aquele dia. Era tudo o que tinha; talvez alguma mensagem legível aparecesse depois de toda aquela tolice.

A menos que só escrevesse mais tolices. Seria uma luta, porém tentaria de novo. Tentaria a noite inteira se fosse preciso. Sua cabeça fervia com pensamentos soltos, incontroláveis, e cedo ou tarde eles teriam de jorrar de alguma forma clara.

Então, de repente, em toda a volta do hotel, começou a chover tamanha e inesperada legião de demônios torturadores que Chimon e Scion já não puderam se esconder, tendo de jogar toda sutileza pelos ares. Estavam em plena glória, brilhantes e visíveis, espancando e retalhando os demônios que enxameavam ao seu redor como abelhas desprezíveis. A intensidade do ataque era chocante, surpreendentemente forte. Parecia que cada espírito destruído servia apenas para ser substituído por outros dois, de modo que o ar encheu-se deles. Eram audaciosos, atrevidos, afoitos, atacando com berros e guinchos, chegando mesmo a dar risada de escárnio.

— Pelo Destruidor! — berravam como brado de guerra. — Pelo Destruidor!

Então era isso! O comandante demoníaco experimentava nova tática agora, e essa dificuldade só podia ter uma explicação: alguma coisa acontecera à cobertura de oração.

— Bem — disse Judy Waring —, nunca se sabe... Nunca se conhece de fato uma pessoa. Sempre tive minhas dúvidas sobre ele. Votamos por recomendação sua, não nos opusemos, e agora, o que vamos fazer?

Mark tentava encerrar a conversa telefônica e voltar à reunião. O telefone da casa pastoral tocara o dia todo e ele estava prestes a arrancar o fio da parede.

— Ouça, Judy — disse ele —, estamos para começar agora mesmo uma reunião de emergência do conselho para tratar desse assunto. Por isso, tenho de desligar. Mas posso lhe garantir que Tom está tratando de tudo muito bem, de modo aberto e franco. Acho que podemos confiar nele.

— Certo... É que fiquei sabendo uma porção de coisas...

— Eu entendo... Deixe-me dizer algo a esse respeito antes de desligar. Não quero mais fofocas por aí sobre o Tom ou a escola ou qualquer um desses assuntos. Se existe alguma coisa a ser resolvida, o será nesta reunião, com Tom presente e apto para se defender. Agora, por favor...

— Você *ouviu* o que o noticiário disse esta noite?

— Judy! Ouça o que eu digo! Você não precisa obter informações pelo noticiário, não quando tudo está acontecendo *conosco*, em nossa própria igreja. Agora fique sentadinha aí e não dê ouvidos a nenhum outro boato. E, por favor, tampouco espalhe nada, está bem?

— Está... Mas não sei se posso manter o Charlie matriculado na escola com tanta coisa acontecendo...

— Faremos nossa reunião esta noite e então cuidaremos das suas preocupações. Só lhe peço que tenha paciência.

Judy estava para dizer mais alguma coisa. Era sempre ela quem tinha a última palavra em qualquer conversa. Calma e delicadamente, Mark desligou antes que ela se pusesse a falar outra vez.

Cathy Howard estava por perto, fazendo café para os homens reunidos na sala de jantar e escutando sem querer aquela que devia ser a vigésima conversa de Mark. Ele lhe pediu baixinho:

— Talvez você possa desconectar esta coisa da parede ou deixar fora do gancho.

Ela assumiu um ar inquisitivo.

— Ou pelo menos atender às chamadas? — Mark sugeriu então.

— Vá lá e faça a sua reunião — disse ela com uma risada. — Selecionarei as chamadas para você.

Essa merecia um beijo. Cathy, uma loura atraente de finos traços nórdicos, era dona de uma serenidade extraordinária. Manteria a calma durante aquele período difícil. Mark sentiu-se grato pela esposa, mais do que seria capaz de traduzir em palavras. Naturalmente, ela não gostava de confusão — quem gosta? — mas, naquele exato momento, quando força e resistência a mais se faziam necessárias, ela as supria. Isso dava a Mark a certeza tranquila de que venceriam a crise.

Ele passou pela porta da cozinha e entrou na sala de jantar. Os quatro presbíteros da Igreja estavam reunidos em torno da mesa, ouvindo Tom contar o que acontecera até aquele momento.

— E o que foi que esse espírito disse? — perguntou Jack Parmenter, um fazendeiro de cabelos prateados, trabalhador e estável.

Tom não gostava nem de se lembrar.

— Ó... Disse que somos um bando de tolos por adorarmos Jesus, um mentiroso. Que ele não tem nada de Deus, trata-se apenas de um filho ilegítimo... — quer dizer, o espírito usou outra palavra, claro — e prosseguiu acusando Jesus de perversões sexuais... com riqueza de detalhes.

— Tudo isso pela boca de uma criança de 10 anos — comentou Bob Heely, revoltado. Bob era veterano do Vietnã, o mecânico de equipamentos a *diesel* responsável por manter funcionando todo o maquinário agrícola das redondezas de Baskon. Tinha as mãos ásperas e enegrecidas pela graxa.

— Tudo isso está me parecendo bem esquisito — disse Doug Parmenter, filho de Jack e a cara do pai. — O que acha, Mark? Nunca vi uma pessoa possuída por demônios antes.

Mark tomou seu lugar à ponta da mesa.

— Eu já e creio que as impressões de Tom foram corretas.

Vic Savan, que cuidava da fazenda vizinha à de Parmenter, concordou:

— Ora, o que essa garotinha — ou esse demônio — tinha a dizer combina com tudo o mais que o diabo anda dizendo hoje em dia sobre os cristãos e sobre Cristo. Vejam as campanhas difamatórias que ele tem espalhado em jornais e na televisão. E não me refiro só à situação daqui. Parece que os direitos civis e as liberdades de todas as outras pessoas são importantes, porém quando chega a vez dos cristãos, o pessoal — e acho que os demônios também — pode falar o que bem entender.

— Bom — disse Mark —, como Wayne Corrigan disse, uma ação judicial, um teste para a liberdade cristã, tinha de acontecer em algum lugar. Parece que esse lugar é aqui em Baskon, e em nossa escola.

— Mas não é típico de Satanás usar uma criança? — perguntou Jack. — Quer dizer, é um golpe muito baixo!

— Ora, ele pode usar o próprio povo de Deus também. Quantos de vocês ouviram algum tipo de conversa destrutiva a esse respeito antes de virem à reunião esta noite?

Todos levantaram a mão.

Vic relatou:

— Encontrei os Jessup no posto de gasolina e eles se perguntavam quantas outras crianças teriam sido molestadas.

Tom encolheu-se ao ouvir isso.

— Molestadas? O que queriam dizer com isso?

— Os espaços em branco você preenche como bem entender, Tom.

— Esse é o favor que o jornal e o Canal Sete nos fizeram — desabafou Jack. — Eles vêm usando essa palavra por aí como se fosse um fato.

— E é a isso que estou me referindo — disse Mark. — Somos os presbíteros desta igreja e temos de manter a situação sob controle. Muitas

perguntas serão feitas de todos os lados, haverá uma porção de acusações e fofocas, e é melhor começarmos a pensar em como enfrentar tudo isso.

Vic ergueu a sobrancelha, encolheu o ombro e respondeu:

— Bom, no que diz respeito aos Jessup, eles estão tirando os dois filhos da escola. Não querem ter nada a ver com essa história.

— Os Winger também — Doug emendou.

— E eles me chamaram de idiota por deixar os meus três estudando lá — disse Bob.

O telefone da cozinha tocou de novo. Ouviram quando Cathy atendeu.

Mark comentou:

— Provavelmente é outra família com as mesmas preocupações. — Olhou para Tom. — Bem, vamos cuidar do primeiro item e assim por diante.

Cathy chamou Mark:

— É Ted Walroth no telefone. Ele viu o noticiário desta noite e quer saber se vamos convocar uma assembleia da congregação.

— Diga que retornarei a ligação — pediu Mark. Cathy afastou-se para dar o recado enquanto ele tornava a fixar a atenção em Tom. — Você quer contar para eles?

Tom não pensou duas vezes.

— Estou me exonerando do cargo de diretor da escola; vou tirar uma licença até que tudo seja esclarecido.

Jack estava pronto para contestar essa medida.

— De quem é essa decisão?

— A escola está em apuros por minha causa. Se quisermos salvá-la de alguma forma, preciso sair de cena.

Ele tinha razão. Os homens sentados àquela mesa detestavam admiti-lo, mas o fato era que ele estava coberto de razão. Fez-se silêncio longo incômodo e inquieto. Todos olhavam para a mesa, ou pela janela, ou em volta da sala. Só de vez em quando um olhava para o outro.

Mark resolveu quebrar o silêncio:

— Tom e eu conversamos e oramos a respeito e concordamos que temos de enfrentar os fatos como eles se apresentam. A confusão está girando em torno dele; ele está no centro dessa controvérsia toda. Ó, eu sei que estamos todos ao lado dele, mas a questão da sua inocência é secundária. A maior e mais importante preocupação neste momento diz respeito à confiança dos pais e da comunidade. Essa confiança está levando uma verdadeira surra agorinha mesmo e será difícil recuperá-la se mantivermos Tom em seu cargo.

Jack remexeu-se na cadeira, olhou de um lado para outro e depois deu um murro na mesa.

— Mas Mark, não podemos fazer isso! Seria o mesmo que admitir que Tom é culpado!

Doug interveio.

— Papai, algumas pessoas já estão achando isso! Conversei hoje mesmo com gente que está disposta a desistir de tudo, retirar seus filhos da escola e deixar que ela morra. Estão muito abaladas com tudo isso.

Mark interrompeu.

— Acontece que isso faz parte da guerra, minha gente. Satanás organizou toda essa confusão de modo a nos enfraquecer com fofocas e difamação. Precisamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para nos proteger disso, ou pelo menos não jogarmos gasolina no fogo.

Tom explicou:

— Se eu permanecer na escola, não conseguiremos convencer ninguém de que estamos realmente preocupados com tudo isto. *Eu* estou preocupado. E disposto a deixar o cargo até conseguirmos resolver toda essa dificuldade.

— Faremos tudo o que pudermos para manter a escola aberta. A senhora Fields permanecerá e lecionará às crianças que ficarem em suas classes. Eu cuidarei do restante das séries mais adiantadas. Tom, que número de matrículas espera?

Tom rabiscou uma possível lista.

— Acho que deveríamos pensar no pior dos casos... o que significaria que Judy Waring tirará o filho Charlie... Depois tem os Jessup e os dois deles... E os Winger com seus três...

— E os Walroth? – perguntou Jack.

Mark respondeu:

— Ligarei para ele. Acho que posso convencê-lo a aguentar um pouco mais.

— Então deixamos os dois filhos dele na lista?

— Por enquanto.

Tom os colocou de volta na lista.

— Muito bem. Isso quer dizer que sairão cinco crianças da classe da senhora Fields. Ou seja, a classe dela diminuirá à metade. A minha classe perderá um aluno. Não está tão ruim.

— Então, por enquanto, conseguiremos sobreviver — concluiu Mark. — Mas esta noite precisamos conversar sobre o salário de Tom enquanto ele estiver fora, além de um pouco mais de trabalho voluntário para manter tudo funcionando — não vou ter tempo de fazer toda a contabilidade e cuidar da administração. Depois, teremos de mudar a rota do ônibus escolar, agora que os Winger saíram, e conseguir outra pessoa para organizar os almoços, já que estaremos sem os Waring.

— Donna Hemphile telefonou hoje — Tom lembrou. — Ela apoia bastante a escola e está disposta a oferecer todo seu tempo disponível, quando não estiver ocupada na fábrica de portas.

— Quem? — perguntou Doug.

— Donna Hemphile — disse Mark. — É a supervisora da Fábrica de Portas Bergen, uma mulher solteira.

— Sim, ela é simpática.

— Seja como for — disse Tom —, ela diz que cuidará dos almoços, provavelmente dois dias por semana.

— Já serve. — Mark acrescentou o fato a suas notas. — Muito bem, outros itens que precisamos discutir esta noite: aquilo que Wayne Corrigan nos disse e o que fazer para lutar no tribunal. — Olhou para Tom. — Temos ainda o último relatório a respeito de seus filhos.

Tom parecia cansado. Já enfrentara enorme batalha por causa desse assunto.

— Wayne Corrigan ligou hoje à tarde. Finalmente conseguiu falar com alguém do Tribunal Regional em Claytonville. Tiveram uma audiência hoje, na corte do juiz Benson. Levou cerca de dez minutos, pelo que fiquei sabendo. Acho que não perdi nada; teriam barrado minha entrada na sala de audiência de qualquer forma. O juiz aprovou a remoção das crianças e marcou a data do julgamento para outubro.

— Outubro? — exclamou Jack. — E o que acontece enquanto isso?

— Devo me aconselhar com um profissional indicado pelo juiz. Poderei visitar as crianças, não sei exatamente quando, e as visitas serão controladas; será necessária a presença de uma assistente social ... — Tom não pôde continuar.

— O fato é que precisamos lutar contra essa coisa — disse Jack. — Os outros que fujam e se escondam. Se consideram difícil demais ser cristão, bem, não podem dizer que Jesus não avisou. Nós vamos lutar! Vamos dobrar os joelhos e rogar ao Senhor que nos mostre uma saída. O nosso Deus é maior que qualquer ação judicial ou bando de burocratas da assistência social! Ele se postará ao nosso lado, e essa é... bem, é a minha palavra final sobre o assunto!

Mark olhou à volta da mesa.

— Então, o que vocês acham? Quero saber o que pensam agora, antes de darmos o próximo passo.

— Compramos a briga — respondeu Doug.

— Estamos nisto pelo Senhor — declarou Bob. — Ele nos ajudará.

Vic ergueu a mão para que contassem com ele.

— Ei, se tinha de acontecer conosco, então é porque tinha de acontecer conosco. Parece que estamos na frente da fila, minha gente. Se caírmos, todas as outras escolas cristãs cairão em seguida. É melhor oferecermos uma boa resistência, com a ajuda do Senhor.

Mark sentiu a mão de Deus sobre aqueles homens. Seus olhos encontraram os de Tom e, entre as lágrimas que os dele vertiam, viu uma confiança tranquila.

— Sendo assim, vamos à oração — anunciou —, e que nosso acordo desta noite seja estabelecido nos céus.

Deram-se as mãos ao redor da mesa, firmando sua aliança uns com os outros e com Deus.

Muito acima da cidade, planando entre céu e Terra, com as asas feito um dossel macio, indistinto, Tal, o capitão, ouviu os termos da aliança. Os santos haviam se unido em oração, de acordo com a vontade de Deus; o todo-poderoso Senhor lhes recebera a petição. Houve acordo e ele agora estava selado.

— Que bom — disse Tal. — Já chega!

Em Claytonville, de repente os demônios deram por encerrado o dia de trabalho. O último deles voou baixo, cuspiu alguns insultos e então chispou pelos ares noite adentro, como uma andorinha enlouquecida, deixando Chimon e Scion sozinhos no telhado do hotel. O silêncio repentino era enervante.

— Afinal — Chimon quis saber —, conseguimos uma oração?

— É o que parece — respondeu Scion.

Eles se sentaram no telhado, as espadas descansando sobre as telhas, os olhos varrendo o céu. Embaixo deles, Sally Roe se deitava, preparando-se para dormir.

Talvez agora todos tivessem um pouco de paz, ao menos aquela noite.

11

A Fábrica de Portas Bergen era um lugar barulhento, empoeirado, que empregava cerca de cem pessoas. A única indústria de verdade encontrada em Baskon. Era manhã de sexta-feira e, durante o turno normal de trabalho, as plainas, lixas, serras e furadeiras produziam um alarido tão ensurdecedor que era preciso usar protetores nos ouvidos e também ler bastante os lábios.

Ben usava protetores nos ouvidos — pequenos tampões feitos de espuma de borracha — e óculos de segurança enquanto atravessava a fábrica. Nunca estivera ali antes e achou o lugar fascinante por causa do cheiro de pó-de-serra tomando conta do ar, e das portas, portas e mais portas por todos os cantos, algumas empilhadas, outras de pé, algumas sendo transportadas pela empilhadeira rumo à plataforma de embarque; portas pequenas, portas grandes, portas baratas, portas requintadas.

Percebia algumas olhadelas dos empregados ao passar por eles. A visão de um agente policial uniformizado costumava despertar curiosidade, como se "alguma coisa" estivesse acontecendo. Ele se limitava a sorrir cordialmente para as mulheres musculosas, para os homens empoeirados, para os estudantes em tempo parcial, para as mães solteiras. Reconheceu muitos deles, inclusive Donna Hemphile, ocupada em supervisionar um grande projeto de classificação de materiais. Ela o reconheceu e acenou com a mão.

— Ei, Ben, o que faz por aqui? — berrou.

— Ó, vim tratar de um pequeno negócio — respondeu ele, provavelmente não alto o bastante para que ela ouvisse. Hesitava em tocar no assunto.

Um pouco mais à frente, no centro de todo aquele rebuliço, ficava o espaço fechado para escritório da supervisora de linha, Abby Grayson. Ela o avistou pela janela do escritório e fez-lhe um aceno. A recepção já ligara e ela estava a sua espera.

— Saia desse barulhão e entre aqui — disse ela, escancarando a porta. Ele entrou no pequeno cubículo e ela fechou a porta a suas costas, interrompendo o ruído.

— Sente-se — disse ela. — Você deve ser o novo tira. Acho que não nos conhecemos e talvez seja uma boa ideia fazê-lo, sabe?

Passaram para apresentações amistosas. Abby era uma senhora quarentona, feia, mas de boa aparência; ela e o marido eram pessoas que tinham feito carreira naquele lugar realmente. Ela acabara de receber o distintivo de vinte anos de serviço, e ele o de vinte e cinco.

— Bem — disse ela — estamos todos muito chocados. Sally era uma boa operária. Pena que não se abria um pouco mais. Achamos que podia ter problemas sérios, mas... Olhe, tentamos fazer amizade; o que posso dizer?

— Várias pessoas me disseram que ela se isolava — disse Ben.

— Sim, era quase uma eremita. Nós a convidamos para a festa de Natal do ano passado e acho que ela quase veio, mas então arrumou uma desculpa e ficou em casa. Não saía muito, pelo que sabíamos.

— Você não teria fotos dela, teria?

— Engraçado você mencionar isso. Acho que ela detestava ser fotografada. Todos nós íamos posar para uma foto da empresa... Quando foi isso? Acho que perto do começo de setembro. Lembro que ela simplesmente se escondia atrás dos outros ou virava o rosto. É, algumas pessoas são assim.

— E daí, que tipo de pessoa ela era de fato? Quais eram as suas impressões?

Abby parou um momento para considerar a pergunta.

— Sally era esperta e inteligente, habilidosa com as mãos, e aprendeu a fazer o serviço imediatamente. Foi muito fácil treiná-la. Mas sempre houve algo meio esquisito em torno dela. — Sorriu a uma ideia que lhe ocorreu. — Bem, acho que agora posso dizer. Tenho a impressão de que ela escondia alguma coisa: uma porção de gente aqui pensava isso.

— Escondendo alguma coisa?

Abby balançou a cabeça e riu.

— Ora, nos ocorreu as ideias mais estapafúrdias, de que talvez fosse uma fugitiva da lei, ou ex-presidiária, ou bruxa, ou prostituta, ou lésbica... Era

muita tolice, mas quando as pessoas são tão reservadas assim, tão quietas, a gente sempre se pergunta um pouco sobre elas. Nada mais natural.

— E daí?

— Daí o quê?

— Ficou sabendo se ela era de fato alguma dessas coisas?

A mulher achou graça.

— Não. Era conversa fiada, nada além disso.

— Mas mesmo assim você acha que ela escondia alguma coisa...

— Não sei. Ela só agia como se estivesse escondendo, creio eu.

Ben riu com o intuito de manter o tom descontraído da conversa.

— Está certo... Que tal uma descrição agora? Como ela era em termos de aparência?

— Ó... — Os olhos de Abby vaguearam pela sala enquanto ela reconstruía a imagem de Sally Roe na cabeça. — Era mais ou menos da minha altura, sendo que tenho um metro e sessenta e sete. Cabelos ruivos... longos... Eu a vi escovando-os certa vez; chegavam até quase o meio das costas. Mas os mantinha presos debaixo de um lenço xadrez quando trabalhava aqui, por isso a gente nunca via muita coisa.

— Cor dos olhos?

— Cor dos olhos... Puxa, nunca pensei muito sobre isso. Acho que castanhos.

— Que idade tinha ela?

— Trinta e alguma coisa. Talvez um pouco mais velha.

— E quanto ao peso?

— Muito bom. — E Abby riu outra vez do próprio comentário. — Não sei, ela me parecia bem. Pelo menos o suficiente para despertar ciúmes.

Ben ouvira o bastante por enquanto. Levantou-se.

— Olhe, muito obrigado. Se me ocorrer mais alguma pergunta eu telefono. Ah, sim... — Rabiscou o número do seu telefone em um pedaço de

papel. — Caso se lembre de mais alguma coisa que ache que eu vá gostar de saber, pode ligar lá para casa. Não tem problema.

— Claro. — Ela também se levantou e apertou-lhe a mão. — Confesso que foi um choque, uma notícia muito dura de receber.

Ele fez que sim com a cabeça.

— E agora essa notícia que deram pela manhã, sobre a escola cristã e as coisas que aquele professor andava fazendo! Que mundo, hein? Nunca se conhece realmente as pessoas... É meio apavorante.

Ango não era nada importante, ninguém diante de quem se curvar, adorar, venerar ou temer. Pequeno, era magro feito uma aranha e muito feio. Ó, ele sabia. Convivia com isso. Suportava os insultos dos outros espíritos que se faziam de donos dele, dando-lhe todo o tipo de ordem, roubando-lhe a glória e atribuindo-lhe sua culpa. Ah, tudo isso fazia parte da guerra, do plano de seu senhor para a terra. Cada espírito tinha um papel próprio, uma posição própria, um nível próprio de poder. Sabia que sua posição era baixa. Para o resto do mundo demoníaco, o que era a Escola Elementar de Baskon? Que importância tinha, comparada a todas as escolas do mundo?

Seus beiços se espicharam e abriram, os dentes pontiagudos bateram e rangeram quando ele sibilou uma risadinha. Ah, como aquele lugar tinha importância *agora*! Os outros espíritos tinham rido e censurado, mas em algum lugar, sentado altaneiro no topo do poder, o Homem Forte em pessoa escolhera aquele lugar para dar início ao plano. Ele pronunciara o nome de Ango, referindo-se a ele como o espírito que seria posto no comando! Agora o pequenino e feio Ango contava com o favor do Homem Forte — e a inveja dos outros espíritos!

Mas por que não? Ele merecia. Levara anos para conseguir controlar a escola — para expulsar os que resistiam, implantar simpatizantes, cegar os pais para o que acontecia com seus filhos. Não fora um trabalho fácil.

Mas acontecera e tudo graças a Ango! Os outros espíritos que o chamassem de pequeno e feio. Nessa escola, ele era *Ba-al* Ango, o belo e poderoso. Todos os enganadores que esvoaçavam, chispavam e sobrevoavam o lugar estavam sob o seu comando, e por intermédio deles muitos dos professores, bem como o diretor e o vice-diretor. Esse poder era precioso, um incentivo constante, uma recompensa maravilhosa por tantos anos de dedicação e tanto trabalho. Sentado sobre os calcanhares na vasta cobertura de piche do teto, ele permitiu-se o prazer de umas risadas secas, sulfurosas.

Pensava em todas as criancinhas impressionáveis, ocupando todas aquelas salas de aula lá embaixo e no que deviam estar aprendendo naquele exato momento. Como de costume, a maioria de seus subalternos demoníacos estava ocupado com essa tarefa. Eram os melhores que havia e ele se deleitava com o fato de que, nos últimos anos, desde a mudança das leis, seu trabalho fora muito facilitado. Ah, com que facilidade os homens aceitavam as mentiras mais chocantes quando a Verdade deixava de ser levada em consideração!

Sim, mas ainda havia alguns santos de Deus corajosos, escondidos por ali como ervas daninhas teimosas de um jardim outrora florescente, criando caso com seus protestos, conferências de pais e professores, tagarelices ao telefone e bilhetes, bilhetes, e mais bilhetes para os professores. Ainda assim...

Ango resfolegou outra risada sulfurosa e rolou como um cãozinho brincalhão no piche preto. Não importava. Eles estavam perdendo. Que protestassem. O poder ali era todo *seu*.

Mota, alto, forte, cor de bronze escuro, mantinha a espada na mão, os olhos penetrantes na Escola Elementar de Baskon, os pés submersos em mais de 20 centímetros de esterco de galinha. Seu amigo oriental e companheiro de armas, Signa, estava ao lado, afundado tanto quanto ele no mesmo material. Não fossem espíritos angelicais, seria muito desagradável. Mas eram e não se perturbavam com os arredores. Tampouco as 800 galinhas brancas cacarejantes lhes notavam a presença dentro do velho galinheiro.

Era sexta-feira, quase hora do almoço e do recreio do meio-dia.

— Ela está a caminho — avisou Signa.

— Agora — disse Mota.

Desapareceram.

A sineta tocou anunciando o almoço. Ango escutou quando as portas de todas as salas de aula se abriram e as turbas de crianças encheram os corredores. O recreio seria uma ocasião agradável, como sempre. A corrupção que os professores não conseguiam disseminar pela sala de aula, as crianças podiam espalhar entre si no pátio.

— Salve! — cumprimentou uma voz retumbante atrás dele.

— Argh! — A espada de Ango surgiu na mesma hora em sua mão, ao mesmo tempo em que se virava para enfrentar o guerreiro celestial. Ó, era um gigante! Um polinésio maciço, brilhante como o relâmpago, dono de asas que alastravam o fogo do sol. Trazia a espada desembainhada, refulgindo uma luz viva, porém a segurava apontada para baixo, a extremidade descansando sobre o teto da escola.

— Tropas! — berrou Ango, e 50 demônios surgiram pelo teto como ratazanas assustadas, grasnando e piando de surpresa e raiva. Eles rodearam o grande guerreiro enquanto Ango exigia saber:

— O que o traz aqui?

No entanto, Mota queria um pouco mais de espaço. Ergueu a espada, segurou-a estirada à frente na altura da cintura e pôs-se a brandi-la em um amplo arco a sua volta. Os espíritos agitados e sibilantes recuaram quando a pontinha da espada passou debaixo de seus narizes resfolegantes. Agora, sentindo-se mais confortável, ele falou:

— Estou à procura de uma lagartixa insignificante chamada... Anco...Inco...

— O nome é Ango!

Mota sorriu e ergueu o indicador.

— Exato! Ingo, isso mesmo!
— Ango! — corrigiu o demônio.

Dois guardas ocupavam seus postos ao lado da porta principal quando Signa mergulhou do céu como uma bola de relâmpago e lançou-os por terra apenas com sua presença.

— Tropas! — berraram eles, pondo-se de pé com grande esforço, agarrando as espadas. Vinte demônios se apresentaram imediatamente, espadas desembainhadas, outros fitando pasmados o visitante.

Um espírito disparou de dentro da escola com pressa, mas sem cuidado, ansioso por não perder nada, a espada balançando, as asas farfalhando. E chegou perto demais do guerreiro.

Vapt! A espada agiu tão depressa que pareceu um disco de luz. Partículas esfrangalhadas do espírito voaram e flutuaram em todas as direções, deixando uma trilha de fumaça vermelha a se dissolver aos poucos. A ponta da espada já estava posicionada e pronta para o próximo atacante atrevido.

Ninguém se sentia tão atrevido assim. Permaneceram todos feito estátuas, os olhos fixos no guerreiro. Que também ficou imóvel, observando-os com seus olhos ardentes.

Sally Roe ergueu a mão e puxou o cordão. A pequena campainha na frente do ônibus soou e o motorista diminuiu a velocidade para parar no próximo ponto da Rodovia Toe Springs-Claytonville. Ela podia ver a Escola Elementar de Claytonville mais adiante. Nunca estivera em seu interior mas precisaria dar um jeito de chegar onde queria sem ser vista por muitas pessoas. Fizera o máximo que podia para parecer diferente de Sally Roe; penteara o cabelo — agora preto — em uma trança que prendera atrás da cabeça. Encontrara uns óculos de sol que podiam passar por óculos normais escurecidos, embora a incomodassem. Sabia que suas velhas roupas para trabalhar na fábrica não seriam uma boa ideia, por isso dera um jeito de comprar peças mais esportivas

— calça, blusa, mocassins. Fora isso, só lhe restava esperar que ninguém na escolinha a tivesse visto antes ou soubesse quem era.

O ônibus encostou junto ao ponto e ela desceu bem na frente da escola.

Mota ainda parecia inseguro.

— Não... Não pode ser Ango. Não vejo ninguém aqui que corresponda ao que ouvi falar. Procuro Ango, o pequeno, fraco e miserável espírito.

Ango podia sentir sobre si os olhares fixos de seus subordinados. Naturalmente queriam ver o que faria. Ele ergueu a espada e todos eles o imitaram.

— O Ango que procura é poderoso! Ele é o Ba-al deste lugar!

— Ba-al? — Mota perguntou. — Um espírito com apenas metade de coração e menos cérebro ainda?

— Gaaaa! — gritou Ango, elevando a espada acima da cabeça. — *Eu* sou Ango!

Fez baixar a espada em um borrão vermelho, ardente. A enorme espada do guerreiro surgiu no mesmo instante e aparou o golpe.

Mota se surpreendeu. O pequeno demônio sabia golpear duro, com força muito maior do que imaginara. Contudo, escondeu sua preocupação e limitou-se a agir como se afinal percebesse a quem se dirigia.

— Ó...

— Tropas! — convocou Ango.

Mota enfiou a espada bem debaixo do nariz de Ango.

— Antes que você ataque... — e Ango engoliu a ordem presa na garganta —, gostaria de explicar o que me fez procurá-lo.

Signa tinha a atenção dos guardas na frente da escola e de pelo menos metade dos demônios dentro dela.

— E agora — disse ele —, gostaríamos de dar uma olhada no interior desta escola.

Os guardas cuspiram enxofre nele, cegando-o por um instante. Ele ergueu a espada para se defender e tentou limpar os olhos, cambaleando de costas sobre o gramado da escola. Os guardas o seguiram, empurrando-o para trás, brandindo as espadas. Os outros espíritos sentiram coragem renovada e se aproximaram, sibilando, cuspindo, erguendo alto as suas espadas.

Não vigiavam mais a porta.

A passos enérgicos, Sally subiu o caminho de entrada e passou pela porta. O relógio no corredor principal mostrava que chegara no momento exato; eram 11:50, hora do intervalo do almoço. Agora só precisava encontrar a classe da srta. Brewer, a Sala 105. Ficava ou à direita ou à esquerda, mas primeiro teria de passar pelo escritório da escola. Havia uma recepcionista em pé atrás do balcão e diversos funcionários do escritório trabalhando em escrivaninhas atrás dela. *Bem, se eu der a impressão de saber o que estou fazendo, talvez ninguém se ofereça para me ajudar*.

Encaminhou-se pelo corredor, passando pelo balcão da recepção com os olhos voltados bem para a frente, sem diminuir a marcha, sem parecer desnorteada. *Vamos lá, Sally, seja convincente*.

— Não se movam! — disse o demônio atrás do balcão. — Não se aproximem de mim nem mais um passo!

Chimon e Scion tinham entrado com Sally e estavam agora em pé diante do balcão, asas desfraldadas, bloqueando totalmente a visão do corredor. Mantinham as espadas desembainhadas porém junto ao corpo. Não disseram nada, apenas olharam para a criatura viscosa que berrava contra eles.

— Como foi que entraram aqui? — quis saber o demônio. — Guardas!

De repente a lâmina ardente de Scion descansou bem entre as presas amarelas do demônio. Que achou melhor não pronunciar mais nenhuma palavra.

A recepcionista consultou o relógio. Hum. A srta. Brewer esperava uma visita aquele dia; pensou ter ouvido alguém entrar, mas não havia ninguém no corredor. *Bem, a visita deve ter se atrasado*.

Sally virou à esquerda no final do corredor, desaparecendo ao dobrá-lo. Só por milagre a mulher atrás do balcão não a vira. Muito bem. Agora era localizar a Sala 105.

Ótimo! Ali estava a Sala 103, agora a 104... Bingo! Sala 105! Colocou-se no vão da porta aberta e bateu no batente.

A srta. Brewer, jovem e bonita professora da quarta série, ergueu-se da escrivaninha com um sorriso de boas-vindas e estendeu a mão.

— Olá! Deve ser a senhora Jenson!

Sally tomou-lhe a mão e respondeu agradavelmente:

— E você deve ser a senhorita Brewer.

— Por favor, entre.

Nem acredito que estou fazendo isto, pensou Sally. Na mesma hora, tratou de pôr de lado esse tipo de pensamento — poderia estragar sua encenação.

A srta. Brewer indicou a Sally uma cadeira ao lado da escrivaninha e em seguida encaminhou-se até a estante que ficava atrás.

— E então, como estão as coisas na Associação?

Sally sentou-se e manteve os olhos fitos na srta. Brewer.

— Simplesmente maravilhosas até agora. Estou contente de verdade por estar trabalhando para eles agora.

— Bem — disse a srta. Brewer, puxando uma pasta de folhas soltas da prateleira —, sem dúvida nós gostamos deste currículo escolar, e a criançada se deu muito bem com ele. A maior parte dos pais tem se mostrado bastante satisfeita.

Depositou a pasta sobre a escrivaninha na frente de Sally, que sorriu ao apanhá-la. Na capa lia-se as palavras "Compreensão Sexual e Vida em Família,

Quarta Série". No rodapé, o nome da editora, Associação Educacional Homem Livre. Pôs-se a folhear as páginas.

— Será que posso ajudá-la a encontrar o que está procurando?

— Ó, não perca seu horário de almoço para me ajudar. Tenho toda uma lista de pontos a verificar... Deixe-me ver, esta é a última edição, não é? Muito bem, isso deve facilitar, não tem muita coisa para rever.

— Qual foi o problema exatamente?

Sally ensaiara bem a sua história.

— As citações em si estão razoavelmente corretas, porém as fontes acharam que o modo como foram atribuídas não ficou claro o suficiente. Portanto, agora tenho de preparar uma resposta e... Imagine só, deixei minha cópia na última cidade. Bem, faz parte dos riscos de se viver viajando de um lugar para outro.

— Ao mesmo tempo, deve ser emocionante prestar assistência a tantas escolas em todo o estado. O currículo escolar tem sido bem recebido nos outros distritos?

— Sim, na maioria.

A srta. Brewer parou para pensar, depois riu, sentando-se na beira da escrivaninha.

— Problemas com os fundamentalistas de direita?

Sally retribuiu-lhe a risada e fez que sim com a cabeça.

— Essa é uma das razões pelas quais tenho de revisar todas as citações, para ter certeza de que estejam todas legalmente cobertos.

— Ó, que mundo!

Sally resolveu arriscar:

— Falando em problemas com fundamentalistas, parece que Amber Brandon estava na sua classe?

A srta. Brewer sorriu, curiosa.

— Ora, como sabe disso?

— Bem, a sua é a única classe de quarta série e o jornal noticiou que a criança envolvida na ação judicial estava na quarta série. Fiquei sabendo em algum lugar que a criança era Amber, por isso...

A ex-professora de Amber assentiu com tristeza.

— Que coisa horrível, não? Que bom que levaram o caso à justiça. Temos de dar um basta em tanta censura e assédio. Já passou da conta.

— Ouça, não vá perder o almoço por minha causa!

A srta. Brewer caminhou até à porta.

— Posso lhe trazer alguma coisa?

— Ó, não, não se preocupe comigo. Não vou demorar.

— Está bem. Demore o tempo que quiser.

Assim dizendo, saiu pelo corredor afora.

Sally esperou um instante apenas, então fechou a pasta e a devolveu à prateleira de onde fora tirada. Em seguida olhou entre as outras pastas, livros e materiais se achava um determinado título. A garotada da classe desenhara figuras de faces estranhas, animais esquisitos, deuses e personagens bizarros de desenho animado. Sem contar os desenhos ainda em exposição nas paredes, acompanhados de outros tantos, padrões hipnotizantes e complexos, utilizados para estudo. O currículo escolar só podia estar ali.

De repente o encontrou.

Ango se pôs a maldizer Mota enquanto seus guerreiros demoníacos se tornavam cada vez mais audaciosos.

— Fora daqui! Vá embora, você! Este território é nosso e você não tem nada que fazer aqui!

Mota resolveu provocá-lo um pouquinho:

— Ora, então é isso o que você pensa? — Fez um movimento em direção ao telhado, pronto para atravessá-lo e invadir o quartel-general dos demônios.

— Atacar! — berrou Ango, e todos os demônios se ajuntaram com ímpeto, as lâminas vermelhas brilhando. — Acabem com ele!

Mota arremeteu rumo ao céu, atraindo uma horda de espíritos atrás de si. Parou, deu um salto de 180 graus e enfrentou-os. Sua espada tornou-se uma fita de luz ininterrupta.

O primeiro demônio se transformou em duas metades que passaram cada qual por um lado de Mota antes de mergulharem no esquecimento. Do segundo e terceiro ele se livrou a pancadas. Chutou e fez sair rolando um grupo de oito. Mas os demônios simplesmente continuavam chegando, cada vez mais depressa, golpeando com a espada e atacando sempre com mais força. Mota planejara fazer uma encenação para mantê-los no seu encalço, mas de repente descobriu que já não simulava. A luta era real.

A próxima leva de espíritos jorrou para cima. Ele recuou, estendendo as asas mais e mais alto. Não podia permitir que a coisa acabasse cedo demais, porém começava a desejar que isso fosse possível.

A oeste, viu Signa envolvido no mesmo tipo de escaramuça, alvo de ataques sérios, brandindo com rapidez a espada e atraindo os guardas para longe da escola. Recuava, prestes a ser cercado.

Chimon e Scion escutavam a confusão por toda a parte do lado de fora da escola. Os demônios pareciam bem exultantes.

— Iáááá! — De repente quatro enormes sujeitos mal-encarados se projetaram pelas paredes de todos os lados, dentes à mostra, garras prontas para dilacerar.

Chimon e Scion arremeteram pelo telhado da escola como dois foguetes, batendo em retirada, totalmente surpresos e danados da vida.

— De onde foi que eles vieram?

Scion estava ocupado demais para responder, defendendo-se das espadas e dos dentes afiados de seus agressores. Era como ser acuado em cima de uma árvore por uma matilha espumante de cães raivosos.

Eles foram recuando, cada vez mais para cima, tentando se manter longe das lâminas vermelhas a zunir. Em que horrível situação haviam se metido?

As mãos de Sally tremiam e ela temia abrir o fichário de três argolas que repousava em seu colo. O título parecia bastante inofensivo: Descobrindo o Verdadeiro Eu — Estudos sobre Autoestima e Realização Pessoal para Alunos da Quarta Série.

Abrindo o fichário, examinou rapidamente o frontispício. Não reconheceu o nome do autor, porém o nome da editora revirou-lhe na mesma hora o estômago: Centro Ômega de Estudos Educacionais. Com enorme esforço, folheou diversas outras páginas, correndo os olhos pelo conteúdo. Encontrou a lingueta do índice e pulou para um capítulo posterior.

Seu coração batia forte, como se ela tivesse escalado um monte correndo. Sentia as mãos escorregadias de suor. Tremia cada vez mais.

Os velhos tormentos! Sua mente disparou outra vez. Podia ouvir as vozes chamando, zombando, xingando. Havia espíritos na sala!

Precisava sair dali.

Carregou o fichário até a prateleira e tentou colocá-lo de volta. Um grande atlas pendeu para o lado, tapando o buraco. Quase chorou alto enquanto os dedos se enterravam no volume tombado, procurando agarrá-lo. Ergueu-o afinal, ele escorregou de seus dedos, ela tornou a levantá-lo e tentou mantê-lo no lugar enquanto enfiava o fichário ao lado. O fichário se prendeu a um gordo envelope amarelo e não havia meio de entrar; teve de empurrar o envelope para o lado com a palma da mão.

O fichário escorregou para seu lugar afinal. Assim que seus dedos o soltaram, a náusea que sentia começou a se dissipar.

Preciso cair fora daqui. Já!

Disparou pelo corredor e então rumo à entrada norte, saindo para o ar livre com a fúria de quem foge de um incêndio.

Acima e à volta de toda a escola, os demônios retornavam de gloriosa debandada. Finalmente haviam expulsado os irritantes guerreiros do céu e agora o território do glorioso Ango estava seguro outra vez.

Bem alto acima da escola, a uma distância segura, Mota, Signa, Chimon e Scion se reuniram para mútua atualização.

— O que aconteceu lá embaixo? — Chimon quis saber.

— Ango e seus demônios nunca foram tão fortes! — exclamou Signa, ainda esfregando os olhos para livrá-los do ardor do enxofre.

Scion examinava um corte de bom tamanho na perna enquanto dizia:

— Fizemos todos papel de bobos ao entrar nessa pensando em criar uma distração apenas. Eles não estavam para brincadeira!

Embaixo, parecendo pequenina como um inseto sobre o vasto campo verde, Sally corria de volta para a Rodovia Toe Springs-Claytonville. Provavelmente seguiria até o ponto de ônibus seguinte, em vez de esperar diante da escola, onde poderia ser vista. Pelo menos cinco espíritos torturadores a perseguiam, insultando o tempo todo, zumbindo em torno de sua cabeça feito marimbondos zangados.

— Eles a acompanharão até seu próximo destino — constatou Signa.

— Quando estiverem longe deste lugar, daremos um jeito neles — disse Mota. — Não podemos lutar contra eles aqui.

— Cree e Si já estão em Ômega. Não têm a menor ideia do que os aguarda!

Todos sabiam qual era o problema, sem que ninguém precisasse traduzi-lo em palavras. Coisa que Mota acabou fazendo mesmo assim:

— A cobertura de oração. Nós a estamos perdendo!

Tom Harris empurrava o carrinho de supermercado para cima e para baixo dos corredores do Bom Preço, fazendo suas compras semanais. Estava encontrando uma certa dificuldade para tomar decisões; com Ruth e Josiah longe, não sabia ao certo quais itens precisava repor e de quais podia esquecer por enquanto. Riscou da lista os cereais para o café da manhã — ainda tinha bastante em casa. O leite na geladeira até azedara. Resolvera jogá-lo na pia e comprar um único litro, em vez dos quatro habituais.

— Ei, senhor Harris!

Ó! Era Jody Jessup, uma aluna da quinta série. Estranho vê-la no supermercado durante o horário das aulas, mas via de regra tampouco Tom frequentava o lugar naquele horário. De qualquer forma, ficou contente em rever o sorriso alegre da garotinha.

— Oi, Jody! Como vai?

Ela veio correndo em sua direção, passando pelas gôndolas dos flocos de milho e da aveia, o longo cabelo castanho esvoaçando.

— Estou aqui com minha mãe. Vim ajudar a fazer as compras.

Ela se recostou na lateral da perna dele e ele lhe deu um aperto carinhoso nos ombros.

— Que ótimo ver você.

— É esquisito o senhor não estar mais na escola.

Tom concordou.

— É, eu também acho.

Nesse instante soou uma voz alarmada na outra ponta do corredor.

— Jody! Venha cá!

Era Andrea Jessup, mãe da menina, empurrando seu carrinho de compras com o filho mais novo, Brian, ao lado. Tom ficou chocado e incrédulo com a frieza em seus olhos.

Ele acenou.

— Oi, Andrea. Prazer em vê-la. Oi, Brian!

Andrea ignorou-o.

— Jody, venha para cá agora mesmo! Não quero vê-la conversando com o senhor Harris!

Jody apressou-se em voltar para junto da mãe. Andrea se inclinou e, com voz esganiçada, ordenou bem junto ao rosto da menina: — De agora em diante trate de ficar perto de mim e não falar com estranhos!

Jody ameaçou protestar:

— Mas é o senhor Harris!

— Não discuta comigo!

Contornaram então umas prateleiras e desapareceram, porém Tom ainda podia ouvir-lhes a conversa no outro corredor.

— Fique longe daquele homem — dizia a mãe. — Não chegue nem perto dele! E isso vale para você também, Brian!

O menino quis fazer uma série de perguntas, mas Andrea silenciou as duas crianças e seguiu em frente pelo corredor.

A vida de Tom de repente parou, bem ali, ao lado dos cereais para o café matutino.

Os Jessup costumavam ser tão bons amigos e apoiavam-no tanto! Jantara com eles em diversas ocasiões, brincara com seus filhos, acompanhara-os em excursões da escola. Jody e Brian eram — costumavam ser — dois de seus melhores alunos.

Não mais. Tudo mudara. Tom quis pensar em um bom motivo para isso, mas não conseguiu. Tentou pensar no que faltava comprar, mas também isso não lhe veio à mente.

Senhor, orou em silêncio afinal, *não fiz nada! Por que Andrea me tratou desse jeito*?

Pôs-se então a imaginar quantos outros irmãos e irmãs em Cristo se sentiriam da mesma forma em relação a sua pessoa.

Andrea continuava empurrando seu carrinho, pegando picles e condimentos das prateleiras, mal reparando nos produtos que comprava, seguindo sempre em frente. Queria sair dali antes que tornasse a ver aquele homem, antes que seus filhos o vissem. Nunca ficara tão aborrecida com alguém em toda a sua vida. Que cara-de-pau!

Um espírito pequenino, Contenda, acompanhava Andrea. Tinha asas nervosas, agitadas, que jamais paravam de tremer, e uma boca ruidosa para mais do que lhe compensar o tamanho. Corria sobre as tampas dos vidros e caixas, transpondo os biscoitos de água e sal e pulando por cima das toalhas de papel.

Ele mentiu a você o tempo todo!, gritou ele à mulher. *E, sabe como é, o pastor Mark está mentindo também, tentando protegê-lo! Você não faz ideia do que acontecia naquela escola*!

Do outro lado do corredor, por cima da farinha de trigo e do açúcar, dando saltos mortais sobre o óleo de cozinha, Mexerico tratava de preencher todas as pausas de Contenda. Sexual! *Ele tem problemas sexuais! Só pode ser! Pergunte para as pessoas e veja se alguém sabe alguma coisa! Com gente assim nunca se sabe! Converse com Judy Waring. Ela deve saber*!

Andrea ia se enfurecendo quanto mais pensava no escândalo da escola cristã. *Esse tal de Tom Harris precisa é de oração*, concluiu.

Mas não que tivesse orado muito.

De tão vermelhas, as orelhas de Mulligan quase resplandeciam.

— Cole! Mais um pouco e você será despedido!

Mulligan se elevava ao lado da escrivaninha de Ben feito uma árvore podre prestes a desabar, e Ben achava melhor se levantar para não ser esmagado. Só que Mulligan poderia interpretar o movimento como agressivo.

Mulligan apontou o dedo — também um tanto vermelho — para o rosto de Ben.

— Você esteve no sítio dos Potter outro dia?

— Quarta-feira à tarde, senhor — ele retrucou, só então percebendo que chamara Harold de senhor. *Puxa, devo estar mesmo com medo*.

— E quem lhe disse para ir até lá?

— Foi uma visita voluntária, senhor. Eu tinha um certo tempo livre, por isso...

— Por isso achou de xeretar por lá sem autorização, não é?

Ben inspirou e expirou lentamente antes de dizer qualquer coisa. Precisava tomar cuidado porque estava aborrecido.

— Não era do meu conhecimento, senhor, que a residência dos Potter fosse terreno proibido para um agente da lei, principalmente por se tratar de

alguém convidado e bem recebido pela própria senhora Potter.

— Então o que me diz da visita à fábrica de portas? Que me diz?

— O pessoal ficou contente em me receber lá.

— Pois eu afirmo que você abusou do seu distintivo.

De repente Ben ficou de pé, alto e muito ereto.

— O senhor poderia se interessar pelo que descobri, sargento Mulligan.

— Se for a respeito de Sally Roe, pode esquecer! O caso está encerrado desde quando eu disse que estava!

— As descrições de Sally Roe que obtive da senhora Potter e de Abby Grayson, na Fábrica de Portas Bergen, são coerentes. Ela contava com trinta e poucos anos de idade, cerca de um metro e sessenta e sete e tinha cabelo ruivo comprido.

— E daí?

— A mulher que encontramos no barracão das cabras era mais jovem, tinha cabelo preto, provavelmente até os ombros, não mais que isso.

Mulligan exibiu um sorriso piedoso. Colocou a mão enorme no ombro de Ben e disse em tom condescendente:

— Cole... deixe disso. Estava escuro lá dentro. Você viu o corpo por um segundo apenas. Não sei que bicho o mordeu.

— Harold... Por que reviraram a casa daquele jeito? Você deu autorização para isso?

— Claro que sim. Procurávamos provas.

— Provas do quê? Você disse que foi suicídio.

— Procedimento padrão. Seu turno já não está terminando?

— Tenho um recado para você da senhora Potter. Ela gostaria que quem fez a bagunça desse um jeito nela.

— Já cuidei disso... Não precisa preocupar sua cabecinha.

— E o que aconteceu com a caminhonete de Sally Roe?

Mulligan olhou para ele de um jeito só um pouco estranho.

— Que caminhonete?

— Sally Roe sempre dirigiu uma caminhonete azul, ano 65. Deixei a senhora Potter consultar nosso álbum de identificação de veículos ontem e ela indicou a marca e o modelo. A caminhonete não está em parte alguma da propriedade. Roe deve tê-la dirigido do trabalho para a casa na noite em que supostamente se matou. Na minha opinião, o mesmo pessoal que revirou a casa pode ter dado sumiço na caminhonete.

Mulligan parecia mais preocupado agora.

— Não sei de nada a esse respeito.

— Já que tocamos no assunto, ainda estou pensando na blusa suja de sangue que encontramos. O legista chegou a verificar o tipo sanguíneo? A cena estava cheia de sinais de violência. E o corpo... Aquela mulher não se enforcou!

Mulligan voltou as costas para Ben, foi até seu escritório pisando duro e voltou com alguns papéis na mão, que atirou com estardalhaço sobre a escrivaninha de Ben.

— Aí está o relatório do legista municipal sobre a morte de Sally Roe! Leia você mesmo! Morte por asfixia causada por enforcamento. Nada de homicídio, nada de luta, nada de nada! Agora, se não concorda com ele, por que não descobre outro corpo para ele examinar?

— Pode até ser que haja outro corpo.

Mulligan chegou a agarrar-lhe a camisa entre os punhos. Havia fúria em seus olhos e ele sibilou as palavras sem mover o queixo travado pela raiva:

— Pare com isso agora mesmo! Nem mais uma palavra! — Ben nada respondeu, mas tampouco voltou atrás. Fato de que Mulligan não gostou nem um pouco. — Por hoje seu turno chegou ao fim, agente Cole. Mas se eu ouvir mais uma palavra sua sobre este assunto, será o fim do seu *emprego*, entendeu?

Mulligan soltou o uniforme de Ben com um empurrão leve, porém enérgico.

Ben fez o que pôde para se livrar das rugas na camisa.

— Vou ficar de olho em você, cara, de olho *mesmo*. Desista dessa história de Sally Roe, ouviu? Mais um passo em falso que dê e terei o imenso prazer de

arrancar esse distintivo do seu peito!

12

Bom, acho que esses sujeitos não estão pra brincadeira.

Sentado à escrivaninha após o expediente, Wayne Corrigan bebia a última xícara de café da garrafa térmica enquanto examinava diversas páginas de notas que Mark Howard, Tom Harris e o conselho da igreja haviam compilado, em resposta à injunção temporária contra a escola.

Todos os argumentos de sempre em favor de castigo corporal estavam delineados com clareza — os versículos bíblicos de Provérbios acerca da vara, claro, e procedimentos completos sobre a aplicação do castigo muito bem descritos no Manual para Pais e Alunos. A assinatura de Lucy Brandon na ficha de matrícula abrangia sua concordância com o manual, de forma que aquilo não seria difícil de argumentar. Era evidente que o conselho da igreja fizera sua lição de casa muito além do necessário nessa área.

Quanto ao argumento contra qualquer restrição a "comportamento religioso que se mostre nocivo ao bem-estar mental, emocional ou social da criança, ou qualquer instrução religiosa excessiva que se comprove prejudicial ao seu desenvolvimento", eles também tinham feito um bom estudo da questão ao elencar versículo após versículo declarando a existência, propósito, comportamento e "expulsão" de demônios, bem como uma apologética geral da mensagem básica do evangelho. Definitivamente uma questão de crença religiosa, que se supunha protegida pela Constituição, com certeza...

Mas perpetrar exorcismo em uma criança de 10 anos? Uma menor de idade, sem o consentimento dos pais? Onde se encontrava essa cláusula no manual? Quando a Sra. Brandon consentiu que lhe tratassem a filha desse jeito?

Súbito ele estacou. O caso era grande demais, os valores em jogo, altos demais. Muito além do que ele tinha condições de trabalhar.

Sim. Os caras da acal tinham encontrado exatamente o que procuravam. Do jeito como conduziriam o caso, a Constituição e um pedaço de papel higiênico seriam a mesma coisa; havia crianças envolvidas.

Bem, Corrigan, você conseguiu de novo: disse que sim com muita facilidade. Agora terá uma audiência em doze dias. É melhor fazer alguma coisa.

— Senhor Deus — ele orou —, estou com água pelo pescoço outra vez. Preciso da sua ajuda para me tirar desta... Para tirar *todos* nós desta enrascada.

Começou a traçar um sumário para o tribunal, tentando cobrir todos os itens da queixa. Mau uso de fundos federais era fácil de refutar; discriminação e perseguição, moleza. Mas então vinha a parte capciosa, e ele se pôs a orar com fervor enquanto escrevia cada linha.

Na manhã de segunda-feira, uma semana depois de Ruth e Josiah serem arrancadas de sua casa, Tom recebeu um telefonema de uma mulher do Departamento de Proteção à Criança. Ela não quis se identificar. Sem consultá-lo e sem qualquer notificação anterior, havia sido marcado um horário para ele visitar os filhos por uma hora, sob a supervisão de um conselheiro. Seria às 11 da manhã, no tribunal de Claytonville.

Por pouco ele não chega a tempo, estacionando em uma vaga para visitantes às 10:52. Tornou a verificar como estava no espelho do quebra-sol, endireitou a gravata, assentou o cabelo, as mãos tremendo e o estômago enjoado de tanta ansiedade. Passou a mão no saco de papel pardo cheio de coisas para as crianças, trancou o carro e subiu de dois em dois os degraus de concreto do velho prédio de pedras.

O saguão interno era de mármore frio, alto, cinzento, imponente. Cada passo ecoava como uma declaração pública. Tom se sentia nu naquele lugar. Advogados, escreventes e pessoas comuns passavam por todos os lados, e ele achou difícil fitá-las nos olhos. E se reconhecessem seu rosto do jornal ou da televisão? Provavelmente não lhe pediriam autógrafo.

A moça no balcão de informações anotou seu nome e disse que podia se sentar no duro banco de madeira junto à parede.

— Avisarei que o senhor está aqui — emendou.

Tom sentou-se e ficou passando a mão no queixo devagar, observando o piso de mármore. Estava zangado, no entanto sabia que não podia deixar transparecer tal sentimento, não podia dar vazão à zanga, ou só pioraria a situação. Repetidas vezes ele orou: *Ó, Senhor, o que posso fazer? Não sei nem o que dizer...*

Naturalmente, ele pensou em Cindy, que partira havia já três anos. Momentos difíceis como os atuais faziam-no recordar o quanto precisara sempre dela e o quanto perdera com sua partida. Conseguira se recuperar da dor inicial, sim. Às vezes, no entanto, quando a vida lhe parecia mais obscura e a luta mais árdua, tinha o hábito de procurar por ela, pensar nela, ensaiar as palavras para compartilhar sua dor. Mas então lhe vinha o mesmo lembrete persistente, a aceitação de que ela se fora, substituída pela sombra de uma dor que o seguia de perto.

Cindy, pensou, *você simplesmente não acreditaria no que está acontecendo aqui embaixo. Acho que faz parte da perseguição de que Jesus e os apóstolos nos advertiram. Algo que sempre me pareceu muito distante, talvez típico da Rússia Soviética, ou dos tempos de Roma, mas não aqui, não agora. Jamais imaginei que aconteceria justo comigo, menos ainda às crianças*.

Tirou o lenço do bolso para enxugar as lágrimas. Não podia deixar que as crianças o vissem daquele jeito — e o que pensaria o pessoal do governo?

— Senhor Harris?

Ele respirou fundo imediatamente, com desespero até, tentando se recompor. *Tom, seja cordial em tudo que fizer, não importa o quê! Não lhes forneça armas para usar contra você*!

À sua frente, ninguém menos do que Irene Bledsoe.

— Estou certa de que se lembra de mim — disse ela, sentando-se perto dele no banco.

— Sim. — Concluiu que essa resposta era segura.

— Antes de levá-lo para cima a fim de ver as crianças, preciso lembrá-lo de que estas visitas são um privilégio que pode ser revogado a qualquer momento. Esperamos que o senhor se comporte da melhor maneira possível e que siga as minhas instruções o tempo todo. O senhor não deve tocar as crianças e sim permanecer do lado da mesa de conferência que lhe for atribuído. Não pode perguntar-lhes coisa alguma sobre onde estão. Quaisquer perguntas que eu venha a considerar impróprias serão proibidas e o encontro pode ser interrompido a qualquer momento que eu julgar necessário. Ficou tudo claro para o senhor?

— Mas... Senhora Bledsoe, teremos oportunidade de conversar a respeito do que está acontecendo? Quero esclarecer essa embrulhada e levar meus filhos comigo para nossa casa, que é o lugar deles.

— Isso não será possível por enquanto; nossa investigação ainda está em andamento.

— Que investigação? Ninguém me disse nada, nem consegui falar com a senhora.

— Temos uma lista de casos muito extensa, senhor Harris. O senhor terá de ser paciente.

Tom sentiu uma raiva tremenda, uma fome de vingança invadi-lo. Algo totalmente não cristão, sabia disso, porém irreprimível. Simplesmente não conseguia pensar em palavras corteses.

Irene Bledsoe fitou-o outra vez, agora com mais firmeza:

— Tudo o que expliquei ficou claro para o senhor?

Só lhe restava dar a resposta certa:

— Sim.

— O que tem nesse pacote?

Tom abriu-o para ela ver.

— Resolvi trazer algumas coisas das crianças. Eles estão sem suas Bíblias, por isso eu as trouxe, além de canetas e papéis de carta.

— Muito bem. — Ela pegou o saco de papel. — Venha comigo.

Saiu a passos eficientes, o *poc, poc, poc* de seus saltos avisando a todos do andar que ela estava passando. Enquanto isso, Tom se esforçava para andar sem fazer barulho; não precisava desse tipo de atenção.

Ela o conduziu até o segundo andar por uma escadaria de mármore em caracol, ao longo da sacada que dava para a entrada da frente e passando por uma porta pesada, hostil, com grandes dobradiças de latão e uma maçaneta que devia pesar quase 10 quilos. Atravessaram uma antecâmara fria e nua, com uma única janela alta deixando entrar a luz acinzentada. Um segurança postava-se junto a uma passagem em arco à direita, parecendo um pouco entediado porém guardando seu posto.

Acompanhando a sra. Bledsoe, Tom passou pelo guarda e atravessou o arco. O coração saltou-lhe à garganta e lágrimas inundaram-lhe os olhos. Lá estavam, sentados do outro lado de uma grande mesa, Ruth e Josiah. De repente, ao vê-lo, eles se levantaram de um salto, gritando papai, as vozes esganiçadas de tanta emoção. Os dois correram para ele.

Mas Irene Bledsoe plantou-se no meio do caminho e bloqueou-os com os braços.

— Sentem-se! Vamos, sentem-se à mesa!

— Quero ver o meu pai — protestou Josiah.

— Papai! — foi tudo o que Ruth conseguiu dizer, as mãos estendidas.

Ele não podia tomá-los nos braços. Não podia tocá-los. Só o que podia fazer era chorar.

— Sentem-se, crianças. Façam o que a senhora Bledsoe está mandando.

Ruth começou a soluçar, quase aos gritos:

— Papai...

— Amo você, Ruth! O papai ama você. Mas vá, sente-se. Vai dar tudo certo.

Com a mão firme em seus braços, Irene Bledsoe encorajou as crianças a se sentarem.

— Senhor Harris, o senhor pode ocupar a cadeira que está de frente para seus filhos. Permita-me lembrá-lo do que discutimos lá embaixo.

Não "discutimos" coisa nenhuma, pensou Tom. A senhora deu as ordens e eu fiquei lá sentado, ouvindo.

Puxou lentamente a cadeira para trás e sentou-se. Não podia desperdiçar aquela hora com choro. Procurou se controlar e tirou o lenço do bolso para enxugar os olhos outra vez.

— Como vocês dois estão passando?

— Quero ir para casa, papai — disse Ruth, ainda soluçando.

Josiah tentava se mostrar corajoso e enxugou os olhos como o pai.

— Sentimos saudades de você.

— A senhora Bledsoe está cuidando bem de vocês?

Foi a própria quem respondeu essa pergunta:

— Seus filhos estão em ótimas mãos, senhor Harris, e acho que essa deve ser a última pergunta desse tipo.

Tom olhou-a furioso. Não conseguia esconder a raiva.

— Então eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas mais tarde.

Ela sorriu, toda agradável na presença das crianças.

— Podemos discutir isso depois.

Tom notara o galo na testa de Ruth assim que a vira. Agora estava pronto para lhe perguntar acerca dele.

— O que aconteceu na sua cabeça, Ruth?

A sra. Bledsoe interveio de novo, chegando mesmo a se erguer um pouco da cadeira.

— Não podemos discutir esse assunto! Tenho a certeza de que compreende!

— Bati a cabeça no carro — respondeu a menina.

— Ruth, mude de assunto ou a levarei embora!

A menina recomeçou a chorar, agora de raiva.

— Por quê?

— Tudo bem, minha querida — disse Tom. — Não precisamos falar nisso. — Voltando-se para Josiah: — E então... O que vocês têm feito?

Josiah se sentia infeliz e não fez o menor esforço para esconder o fato.

— Nada. Ficamos sentados lá, assistindo televisão.

Tom não gostou de ouvir isso, mas não o demonstrou.

— Ó, a senhora Bledsoe deixa vocês assistirem televisão?

— Não, é a senhora Henley que deixa...

Irene Bledsoe interferiu na mesma hora:

— Josiah, não podemos comentar nada sobre nossos pais temporários. É segredo.

Tom tentou levar a conversa de volta a um terreno seguro.

— E... o que me dizem de livros? Leram algum livro bom?

— Não – Ruth respondeu.

— Eles têm uns *videogames* aqui — informou Josiah. — Esses até que são divertidos.

— E... há outras crianças com quem possam brincar? — Tom encolheu-se todo enquanto formulava a pergunta, porém Irene Bledsoe a deixou passar.

— Sim. Tem um menino chamado Teddy e outro chamado Luke. Mas não gosto deles.

— Sei...

— São maiores do que nós e implicam com a gente.

— Implicam com vocês?

— É, ficam provocando a gente e falando palavrão. Não são cristãos.

Ruth fez beiço e emendou:

— Luke me chama de nomes feios.

— Ó, Ruth, que pena. Você já tentou fazer amizade com ele?

A menina o encarou e seus olhos voltaram a se encher de lágrimas.

— Eu quero ir embora para casa!

— Eu também quero que vocês venham para casa.

Tique, tique, tique. Irene Bledsoe batia na mesa com as unhas e olhava furiosa para Tom. Josiah deve ter percebido o sinal. Tinha 9 anos e era um garoto muito esperto.

— Ruth bateu a cabeça na lateral do carro.

— Agora chega! — exclamou a sra. Bledsoe.

Tom fitou-a tentando manter a calma estampada no rosto.

— Que carro, senhora Bledsoe?

Ela fitou-o com as sobrancelhas erguidas e a cabeça inclinada para a frente, com enorme condescendência.

— Senhor Harris, já se descobriu que as crianças costumam inventar histórias para proteger os pais.

Tom compreendeu o que ela queria dizer. Teve de optar — com seriedade, com a mais *absoluta* seriedade — por manter a calma e a cordialidade.

— E qual a história inventada por Ruth e Josiah, senhora Bledsoe?

Ela ergueu o queixo e pareceu medi-lo de alto a baixo.

— Senhor Harris, posso entender sua preocupação com o machucado na cabeça de Ruth. Mas, como deve saber, nós também estamos. Tenho certeza de que, depois de algum tempo, após vencerem seus temores e o condicionamento anterior, seus filhos estarão prontos para nos contar a verdade. Por ora, creio que devo dar esta visita como encerrada. — Ergueu-se da cadeira. — Crianças, despeçam-se de seu pai.

— Mas acabamos de chegar! — protestou Josiah.

— Não quero ir! — gritou Ruth, o rosto se enchendo de medo.

— Crianças, vamos embora! — disse a sra. Bledsoe.

— Um momentinho só! — Tom interveio. O encontro terminara, de qualquer forma. Só queria tirar o máximo da oportunidade. — Josiah, continue. Conte como foi que Ruth fez aquele galo na testa.

— Quase sofremos um acidente...

— John! — berrou a sra. Bledsoe.

O segurança entrou no aposento e limitou-se a fazer que sua presença fosse notada. Tom não queria encrencas, por isso não se mexeu.

A sra. Bledsoe agarrou as duas crianças pelos braços.

— Senhor Harris, eu o avisei para que se controlasse. Pode ter certeza de que seu comportamento será registrado no meu relatório!

— Do que exatamente a senhora não gostou? Da parte em que mordi a perna da cadeira ou quando quebrei todas as janelas?

Ela se pôs a arrastar as duas crianças em direção à porta. Tom levantou-se, pronto para fazer alguma coisa. O guarda postou-se a sua frente — da mesma forma que Mulligan havia feito a uma semana. Estava acontecendo tudo de novo, bem diante dos seus olhos. A sra. Bledsoe puxava Ruth e Josiah pelos braços, fazendo que se pusessem a berrar. Ela chegou à passagem em arco. A vontade de Tom era impedir-lhe o caminho, estender os braços e detê-la.

Não podia. Só lhe restava mesmo presenciar o que acontecia.

— Que acidente, Josiah? — perguntou ele.

— Crianças, vamos! — gritou Bledsoe, puxando-os para a antecâmara.

— Bati a cabeça — repetiu Ruth. — Ela parou muito depressa e eu bati minha cabeça.

Josiah deu a última cartada.

— Ela atravessou um sinal de pare e quase trombou com uma caminhonete azul! Ruth bateu a cabeça na porta do carro!

— Ela? Você quer dizer a senhora Bledsoe?

Irene Bledsoe já passara Ruth pela porta e puxou Josiah com um safanão, antes que ele conseguisse completar a resposta. Mas o garoto balançava a cabeça fazendo que sim ao desaparecer.

— Meninos, estou orgulhoso de vocês! Muito orgulhoso de vocês! Eu os amo!

Tinham ido embora.

— Dê-lhes alguns minutos — orientou o guarda, impedindo que Tom os seguisse.

Ele sentou-se à mesa outra vez. O segurança foi até a porta para se certificar de que a sra. Bledsoe se fora.

Tom notou o saco de papel pardo no chão. Irene Bledsoe deixara o pacote para trás, de modo que os meninos não tinham recebido suas Bíblias nem os papéis de carta. Tampouco dessa forma seria possível tocá-los.

— Tudo bem — anunciou o segurança —, pode ir agora.

Findo o serviço, o segurança saiu pela porta e foi cuidar de outras tarefas, deixando Tom sozinho no aposento frio, vazio.

— Ó Senhor...

Interrompeu-se. As lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

Mas não eram apenas lágrimas de tristeza, muito menos de desespero. Vira os filhos e eles tinham lhe contado algo, a despeito de Irene Bledsoe, a despeito do segurança. Sabia que suas almas haviam se tocado, que seus corações continuavam juntos. Claro que não era suficiente vê-los por aqueles poucos minutos apenas. Uma visita tão fria e regimentar jamais bastaria. Por ora, no entanto, saber que o amavam já o satisfazia. Amavam o papai. Queriam estar com ele.

Suas dúvidas se dissiparam de vez. Em meio a tanta dor e desafios, da lama e da sujeira que lhe haviam jogado sobre o nome, ele se descobrira questionando qual sua verdadeira posição. Vozes em sua mente lhe diziam coisas terríveis, que jamais pensara a seu próprio respeito. Tentou não dar lugar a essas mentiras; contudo, por serem tão implacáveis aquelas vozes, acabara se questionando se haveria algo de errado consigo, algo para o qual estivera cego. Talvez, diziam as vozes, ele merecesse o que estava acontecendo.

Mas agora ele sabia. Ainda tinha sua integridade e graças a Deus, também o amor de seus filhos. Naquele exato momento, era maravilhoso saber disso com certeza.

Ben e Leonard entraram depressa no restaurante de beira de estrada Don's Wayside, tentando aparentar despreocupação apesar do uniforme completo que

usavam, dos cassetetes que carregavam, das armas que portavam e dos rádios portáteis presos à cinta, chiando e grasnando sem parar. Todos os olhares do lugar foram atraídos no mesmo instante para a direção deles.

Uma batida! Coisa para todo mundo ver e depois ficar comentando a respeito em casa. Os construtores sentados junto ao balcão e os caminhoneiros sentados às mesas desviaram os olhos do almoço e moveram o queixo hirsuto o suficiente apenas para terminar de engolir o último bocado de sopa e de sanduíche. Houve quem continuasse falando só para aparentar naturalidade, mas observando sempre, claro.

Em um resmungo ininteligível, o nome foi proferido pelo aposento afora por várias pessoas, elevando-se acima do vozerio geral.

— Krantz. Isso mesmo, o rapazinho dos Krantz. Ele continua aprontando.

Na extremidade do balcão, Kyle Krantz estava sentado debaixo do olhar vigilante de Don Murphy, o calvo e gorducho proprietário, e de dois rapazes vestidos de brim, filhos de sitiantes, de constituição robusta graças ao trabalho de arremessar fardos de feno, lidar com o gado e dar o flagra em mãos-leves.

— Oi, Kyle — Ben chamou. — O que você anda aprontando agora?

— Peguei-o com a mão na caixa registradora — disse Don. — Aí ele se mandou pela porta, tentando fugir. Bub e Jack entravam e o seguraram até vocês chegarem aqui.

— Quanto ele pegou? — Leonard quis saber.

— Oitenta e cinco dólares — disse Don, indicando o pacote de notas em cima do balcão.

Leonard examinou cuidadosamente todo o corpo dele. O rapaz tinha apenas 15 anos, era magricela feito um trilho, com cabelo preto desgrenhado e sujo, e espinhas. O rosto era apático e sem expressão, e os olhos vermelhos e lacrimejantes.

— Sabe, filho — disse Leonard — acho que tenho motivos para achar que você poderia estar carregando algo ilegal. Gostaria que esvaziasse seus bolsos para mim.

Kyle hesitou.

— Você ouviu o que o homem disse — esbravejou Jack, empurrando o chapéu para a frente a fim de enfatizar-lhe a inclinação.

— Podemos ajudá-lo se você não conseguir — disse Bub.

Kyle começou a esvaziar os bolsos. Primeiro colocou uns trocados em cima do balcão, depois alguns papéis de cigarro.

— Os bolsos da jaqueta — instruiu Leonard.

Kyle hesitou, depois murchou, vencido; procurou insistentemente o bolso da jaqueta e retirou um saco plástico cheio de folhas verdes moídas.

A porta da frente se abriu.

— Er... — começou Don, triste por ter de perder o resto da história. — Freguês.

Ben relanceou os olhos pelo homem que acabava de entrar. Era de meia-idade, boa aparência, bem vestido. Ben reconheceu-o: Joey Parnell, o médico-legista do município.

Leonard estava cuidando muito bem do garoto Krantz. Tanto que murmurou em um sussurro:

— Ei... Você está com tudo sob controle; talvez eu vá até ali trocar uma palavrinha com Parnell...

Leonard deu de ombros.

— Pode ir.

Ben caminhou até a outra ponta do balcão, onde Parnell ocupara um banquinho e examinava o menu simples.

— Com licença — disse Ben. — Joey Parnell?

O outro ergueu os olhos e sorriu:

— Sim.

Ben apresentou-se.

— Pode me dar um minutinho da sua atenção?

Parnell concordou em fazê-lo. Ben então ocupou o banquinho ao lado dele e ficou pensando por onde começar.

— Cá entre nós, sem nada de oficial... — ele começou, sentindo-se meio acanhado ainda enquanto dizia essas palavras. — Gostaria de lhe perguntar o que descobriu no caso do suicídio de Sally Roe.

Parnell olhou outra vez o menu, um sinal claro de que não estava interessado em falar sobre o assunto.

— Mexo com uma porção de casos, agente Cole. O que exatamente quer saber?

— Bem... Sei que pode parecer meio estranho, mas... O Senhor conseguiu fazer uma identificação positiva do corpo?

Parnell olhou para Ben como se ele estivesse brincando.

— Ora, espero que sim. Eu não seria um legista muito bom se não conseguisse determinar a quem pertenciam os restos mortais que examinava.

Ben sabia que parecia tolice, mas resolveu insistir:

— Mas então o que me diz daquela blusa xadrez suja de sangue? O senhor a recebeu?

Parnell não respondeu de imediato. Parecia estar encontrando dificuldade para se lembrar.

— Hum... Sim, acho que recebi.

— Os tipos sanguíneos eram os mesmos?

— O que você quer dizer com isso?

— Ora, o sangue na blusa era do mesmo tipo que o da falecida?

Parnell abriu-se em um sorriso e correu os olhos pelo menu outra vez.

— Para ser franco, não sei. Acho que nunca examinei esse detalhe. Por que deveria?

— Havia algum ferimento na falecida que explicasse de onde veio o sangue da blusa?

— Eu... não me lembro se havia ou não.

— E qual foi a causa da morte? Acho que o senhor disse asfixia por enforcamento no seu relatório, correto?

— Isso mesmo. Dessa parte eu me lembro.

— Eu estive na cena do crime, doutor Parnell, e o que vi indicava morte violenta, de modo algum o que se esperaria em um suicídio. Além disso... o corpo não estava pendurado, mas atirado violentamente no chão, sem corda nenhuma em torno do pescoço.

Parnell ficou olhando-o apenas, escutando, sem nada dizer.

Ben prosseguiu mais um pouco.

— Poderia me fazer... Só para que eu tenha certeza... Uma descrição da falecida?

Don aproximou-se pelo lado de dentro do balcão e Parnell pediu um sanduíche de bife e uma sopa. Parnell demorou o quanto quis, parecendo gostar de não ter de conversar com o jovem e curioso policial.

Ben esperou pacientemente. Afinal o legista se voltou para ele e, com um sorriso irônico, falou:

— Não, agente Cole, não poderia.

Aquilo não soou bem a Ben.

— É... informação confidencial?

— Isso mesmo.

— Bom, e quanto à cor do cabelo? Lembro-me de ter visto uma mulher de cabelos pretos, de vinte e poucos anos, altura média...

— Que tal me perguntar outra coisa?

Ben parou, meditou um instante e então mudou de assunto:

— De acordo com o que vi na delegacia, e depois na casa que os Potter alugam, tem alguma coisa faltando. Talvez algo que pertencesse à falecida. O senhor faz alguma ideia do que todo mundo está procurando?

Era evidente que Parnell se impacientava cada vez mais.

— Ora, essa pergunta eu não tenho condições de responder mesmo.

— Bem, o Sargento Mulligan enviou alguém à casa para dar uma busca, e sei que ele lhe perguntou sobre alguma coisa.

— Sem comentários, senhor! — Ele estava visivelmente aborrecido.

Ben achou melhor abandonar esse tipo de pergunta. Mas e agora?

— Er... Bem, só mais uma pergunta.

Parnell foi enfático:

— Só uma.

— Ainda é possível ver o corpo?

O legista deu risada ao ouvir aquilo.

— Sinto muito. Já foi cremado. Agora será que consegue se dar por satisfeito?

Ben sorriu.

— Claro. Muito obrigado, doutor Parnell. Desculpe tê-lo importunado.

— Tudo bem.

Parnell abriu um exemplar do *A Estrela de Hampton* e devotou-lhe toda a atenção. Ben juntou-se a Leonard, que agora tinha Kyle Krantz sob custódia, e saíram dali para a viatura.

13

Sally Roe se encontrava longe de Baskon, sentada no banco duro da estação rodoviária de outra cidade, vestida bem de acordo com o papel de nômade instável, que viaja sempre de carona, com seu *jeans* velho e sua jaqueta azul, o cabelo tingido penteado em trança e enfiado debaixo de um gorro de lã, as roupas mais finas escondidas na grande mochila a seu lado no banco. Mantinha-se alheia aos viajantes que passavam com suas crianças chorosas, as páginas de jornais lidos espalhadas pelos bancos, os papéis de goma de mascar no chão coberto de linóleo, e os anúncios ocasionais das saídas e das chegadas sendo grasnados pelo sistema de alto-falantes. Seu ônibus sairia dentro de uma hora. Passaria aquele período de tempo escrevendo no caderno de espiral sobre o colo. Seria uma carta, sua primeira, para Tom Harris.

Caro Sr. Harris:

Parou de repente. *Por onde começo isto? Ele nem me conhece. Acho que eu poderia dizer o seguinte*:

> Não sei como iniciar esta carta. Afinal, o senhor nem sabe quem eu sou. Permita que me apresente e me explique, não só nesta carta como nas muitas outras que se seguirão. Talvez depois que escrever minha última carta para o senhor, tudo esteja mais claro para nós dois.
>
> Meu nome é Sally Roe, ex-lixadora/operadora de plaina da Fábrica de Portas Bergen. Pode ser que o senhor tenha lido a recente notícia sobre minha morte por suicídio. Pois lhe asseguro que sou eu mesma, a Sally Roe de que trata a notícia e, claro, que estou viva.
>
> Deixe-me contar-lhe o que de fato aconteceu...

Sally podia ver tudo acontecendo de novo enquanto procurava as palavras para descrever o ocorrido.

O dia fora perfeitamente normal e absolutamente maçante. Aliás, trabalhar na fábrica era sempre maçante, ainda mais no departamento de lixação, operando lixadeiras elétricas que zumbiam, sibilavam e vibravam até parecer que o cérebro da gente caíra dentro de um liquidificador. Depois de um dia inteiro e cumprida sua cota de 25 portas, finalmente ela enveredara a caminhonete azul pela entrada de carros coberta de pedriscos de sua casa. Estava cansada, com gosto de pó de serra na boca e não tinha outros planos além de tomar uma chuveirada, comer alguma coisa e deitar-se.

Mas havia as cabras: Betty, a mãe, e os dois filhotes, Buff e Bart. Bichinhos de estimação, em grande parte. Ela herdara um macho e uma fêmea de uma senhora da fábrica que não tinha condições financeiras de criá-los. Vendera o macho, ficara com a fêmea, fizera que acasalasse e agora tinha mãe e dois filhotinhos, as coisinhas mais lindas do mundo inteiro. Boa companhia também, sempre contentes em vê-la chegar à casa.

Sally estacionara o veículo e se dirigira ao cercado das cabras. Primeiro cumprimentaria os bichinhos, daria um pouco de ração para eles, teria a conversa normalmente unilateral com eles acerca do seu dia e depois iria para dentro e desmoronaria.

As cabras estavam agitadas, porém não de felicidade. Pareciam contentes em vê-la de novo, ansiosas até, mas em grande parte porque algo as perturbava.

— Ei... acalmem-se... Mamãe chegou...

Ela enchera um balde com ração trilhada no depósito ao lado da casa e atravessara o portão do cercado. Betty rodeou-a, feliz mas inquieta. Os filhotes continuaram a balir e a pular pra frente e pra trás ao longo da cerca.

Sally sacudira o balde para chamar-lhes a atenção.

— Venham, venham buscar umas guloseimas!

Ela se encaminhara para o barracão, esperando que os animais simplesmente a seguissem e se acalmassem. O cachorro do vizinho devia ter estado por lá. Ele costumava se divertir aterrorizando as cabras.

Sally entrara no barracão.

— Ora, podem vir, está tudo bem.

Que choque! Uma corda descera por sua cabeça, vinda de trás, e começara a lhe esmagar a traqueia antes até que tivesse tempo para entender o que estava acontecendo! O balde caíra e a ração se espalhara pelo chão. Com força inacreditável, um atacante invisível puxara o laço de corda, dando-lhe ao corpo um safanão para trás, tirando-lhe os pés do chão. Ela chutara, tentando agarrar a corda. Faltara-lhe ar.

Seus pés encontraram a parede e ela empurrara. Sally e o atacante caíram de costas contra o cevador, que se partiu. A corda bambeara e ela, retorcendo-se, escapulira, caindo no chão, rolando sobre o capim, aspirando fundo o ar.

Uma mulher vestida de preto, olhos insanos de ódio, uma faca! A assassina dera um bote como um leopardo. Sally se desviara para o lado e a faca lhe alcançara o ombro com dor ardente.

Tentara se contorcer e sair do canto onde estava encorujada, chutando e agarrando-se a capim e pó. O joelho da mulher descera sobre seu peito e a mantivera presa a seu lugar. A corda descera em torno de seu pescoço outra vez. Sally chutara a mulher com a perna livre.

Zás! Rápida assim, feito uma boneca de pano, a mulher se chocara contra a parede oposta do barracão, cabeça e membros batendo contra as tábuas como se um gigante a tivesse agarrado e jogado longe. Sally mal a tocara com o chute, por isso ficara um pouco assombrada. Mas pelo menos a mulher saíra de cima dela. Por isso se apressara a deixar o local onde se encontrava, os olhos fixos em sua agressora. A assassina escorregara da parede, batera os pés no chão e tombara para a frente, os olhos vazios e esgazeados, o queixo caído.

Bam!! Alguma coisa atingira a mulher com tanta força que a levantara acima do chão. Ela desmoronara sobre o capim, braços frouxos e esvoaçando, a cabeça torta, o corpo sem vida, a corda ainda em sua mão.

> Não parei para olhar. Simplesmente fugi daquele lugar, ainda tentando respirar, minha única preocupação era a de continuar viva. Lembro-me de ter passado pelo portão e depois caído ao chão, com ânsia de vômito. Não culpo Betty e os filhotes por terem fugido. Talvez tenha sido uma boa coisa.

Reclinando-se para trás, Sally se afastou do que escrevia, batendo distraída com a caneta no caderno, meditando apenas. Que jeito estranho de começar uma carta. Talvez se simplesmente continuasse escrevendo, sua história se tornasse mais crível à medida que progredisse. Bom, tudo o que podia fazer era tentar.

> O que posso lhe dizer, Tom? Por que me considero como testemunha confiável? Se você me perguntasse quem sou, eu teria de responder que não sei. Durante anos tenho me feito a mesma pergunta

e hoje gostaria de saber se, escrevendo estas cartas, obtenho uma resposta.

Sabe, Tom, quero ajudá-lo. Do meu jeito e a partir da minha experiência, entendo sua situação e sei como deve se sentir. Entidade perdida, sem fonte nem destino em um universo que no fim das contas não faz sentido, não posso lhe dizer de onde foi que veio meu conceito de "errado". Chame de sentimento, ou de "o modo como fui criada", imagine que estou só fazendo uma tentativa desesperada ao buscar significado na moralidade antiquada, continuo a sentir do mesmo jeito — o que está acontecendo com você é errado e fico penalizada com a sua dor.

Ela consultou o grande relógio acima da porta da rodoviária. Seu ônibus devia partir em meia hora. Logo o sistema de alto-falantes faria o anúncio com seu som estridente.

Se me permite, eu gostaria de pelo menos agir como se alguma coisa tivesse importância. De fazer o que é certo. Posso estar inventando meu próprio conceito de "boas obras" no esforço para fugir do desespero, para me convencer de que a vida não é fútil afinal de contas, mas nada tenho a perder. Se o desespero é a verdade final que todos enfrentamos, então me deixe esconder dele, pelo menos desta vez. Se a esperança é mera ficção que nós mesmos engendramos, então deixe-me viver em uma fantasia. Quem sabe? Talvez haja algum significado nisso tudo em alguma parte, algum propósito, alguma recompensa.

De qualquer forma, vou reconstituir algumas pegadas antigas e descobrir algumas coisas, por você e por mim. Espero partilhar alguma informação útil com você muito em breve — suficiente para tirá-lo deste apuro e, mais importante, devolver seus filhos a você.

Por favor, guarde esta carta mesmo que lhe pareça estranha, mesmo que não acredite nela. Escreverei de novo em breve.

Atenciosamente,

Sally assinou o nome completo, Sally Beth Roe, tirou cuidadosamente as páginas do caderno espiral e dobrou-as. Tinha uma caixa de envelopes na bolsa de viagem. Em Baskon, procurara o endereço da casa de Tom e o anotara na frente do caderno. Agora, copiou-o no envelope e enfiou a carta dentro. Não o selou ainda; em vez disso, ergueu-se do banco e caminhou até a pequena lanchonete da rodoviária a fim de trocar algum dinheiro. Se corresse, conseguiria mandar a carta antes de partir para a próxima cidade.

Chimon e Scion caminhavam a seu lado, asas desfraldadas, espadas desembainhadas. Por enquanto, os demônios se mantinham escondidos. Chimon olhou para a carta na mão de Sally.

— A palavra de seu testemunho — observou.

— Uma delas — disse Scion.

Terga, príncipe de Baskon, satisfeito com as boas notícias que recebera, estava disposto a partilhar um raro sorriso com Ango, o pequeno príncipe da Escola Elementar de Baskon.

— Expulsou-os mesmo, hein? — disse Terga, andando empertigado de um lado para o outro do teto de piche da escola, tendo Ango a seu lado.

Ango ficara extasiado com tamanha honra. Pensar que todos os seus subordinados o viam agora na companhia do príncipe de Baskon! Antes, Terga nem sabia seu nome. Procurava se mostrar à altura da ocasião, apresentando seu relatório como um verdadeiro comandante no campo de batalha.

— Foi um ataque atrevido, meu Ba-al. Um guerreiro celestial incrivelmente grande desafiou-me no telhado, e outro a meus guardas na porta da frente. Dois guerreiros foram pegos lá dentro e expulsos na mesma hora.

— Mas você venceu todos eles?

— Não sem uma luta mortal. Estou muito orgulhoso dos meus guerreiros, que se mostraram corajosos, ferozes e ousados!

— E eu, de você, Ango, por me provar que Baskon ainda é segura para as nossas operações.

— Obrigado, Ba-al.

— Com os meus louvores a você e a seus guerreiros, deixo-o agora...

Terga calou-se no meio da frase. Os dois demônios ouviram um som conhecido e puseram-se a esquadrinhar o horizonte a leste. De algum lugar além do topo das árvores, um ronco baixo, um zumbido, chegava-lhes aos ouvidos, cada vez mais alto, cada vez mais perto.

— Ora, quem poderia ser? — indagou-se Ango.

Os enganadores e os guardas dentro e ao redor da escola também ouviram o som e interromperam seus afazeres, sibilando e esvoaçando até o pátio da escola para dar uma olhada, ou pipocando pelo teto para enxergar ainda melhor.

As asas de Terga inflaram e ergueram-no do teto. Ele sacou da espada enquanto espiava na direção leste. Afinal se retesou um pouco e gritou para Ango e suas tropas:

— São dos nossos!

— Mas quem?

Terga tinha um aspecto sombrio, balançando a cabeça em sinal de consternação.

— Creio que é o Destruidor, acompanhado de tropas adicionais do Homem Forte.

Suas palavras provocaram um murmúrio de medo em toda a tropa lá embaixo.

Então surgiram os visitantes, ainda a quase dois quilômetros de distância, aproximando-se como um esquadrão de bombardeiros voando baixo. Havia pelo menos uma centena deles, voando em formação de ponta de flecha e

chegando mais perto, mais perto, mais perto. Já se via o brilho rubro de suas espadas contra o borrão escuro de suas asas.

Terga pousou no telhado outra vez.

— Ango, prepare as tropas para saudar hóspedes ilustres!

— Tropas! — berrou Ango.

Os guerreiros adejaram até ele, saindo da escola e do pátio. Ango ordenou-lhes que se organizassem em filas no gramado da frente. Eles se perfilaram na mesma hora, um bando heterogêneo e desleixado de cerca de 300 espíritos — os pequeninos da raiva, ódio e rebelião; os enormes e pesados gigantes de violência, vandalismo e destruição; os enganadores espertos com seus modos astutos e olhos evasivos. Um grupo impressionante, todos posicionados em filas ordeiras, os mais altos atrás, os mais baixos na frente, cada demônio segurando sua espada atravessada sobre o peito.

O esquadrão do Destruidor chegou em cima da cidade, lançando uma sombra espiritual sobre toda a extensão da Rua da Frente e provocando uma frente fria que até os seres humanos lá embaixo sentiram. A sombra passou sobre o corpo de bombeiros e depois por uma fileira de casas ao longo da alça de acesso conhecida como Strawberry Loop, fazendo que os cães da vizinhança começassem a uivar.

Terga, Ango e toda a assembleia de demônios já podiam ver o líder do esquadrão à frente, na ponta da formação. Reconheceram-lhe o brilho amarelo dos olhos e o fulgor vermelho de sua espada. Todos fizeram profunda reverência.

O Destruidor e um aterrorizante batalhão dos melhores guerreiros selecionados a dedo pelo Homem Forte desceram sobre a escola feito uma nuvem de gafanhotos gigantes, suas asas produzindo um rugido que se podia até sentir e levantando um vento tal que os demônios menores no gramado da frente foram soprados longe, rolaram como folhas pela grama.

O Destruidor pousou no telhado da escola com 12 hediondos capitães a seu redor. O restante do batalhão posicionou-se em todo o perímetro da escola.

As asas se aquietaram, o rugido diminuiu. Terga e Ango encontravam-se agora na presença de um espírito tão mau a ponto de impedir qualquer um dos dois de levantar os olhos, por puro medo.

O Destruidor reservou-se um instante para olhar a volta toda. Com olhos ardentes, espreitou as tropas reunidas no gramado. Não lhe causaram boa impressão. Aproximou-se devagar dos dois príncipes locais curvados a sua frente, pousando os artelhos sobre o piche, enterrando fundo as garras a cada passo. Plantou-se diante deles, seus capitães em pé dos dois lados como troncos de árvores.

— Então, Terga? — perguntou, a voz fria como o gelo. — Parece que você tem motivos para se sentir atordoado.

Endireitando-se, Terga replicou:

— Tenho sim, meu Ba-al. — E curvou-se de novo em seguida.

Entorpecido pelo medo, de repente sentiu a lâmina quente do Ba-al debaixo do queixo. Seguindo a orientação da espada, ergueu a cabeça.

— Quem é esse a seu lado?

— É Ango, o príncipe desta escola, um líder corajoso.

A espada ardente ergueu o queixo de Ango.

— Você é o príncipe deste lugar?

Ango tentou imprimir força à voz, mas não conseguiu evitar que tremesse.

— S-sim, meu Ba-al.

O Destruidor inclinou-se mais para perto da cara dele.

— Fui informado de que você teve um confronto aqui com a hoste celestial.

Ango sorriu de leve.

— É meu dever e júbilo agradá-lo, senhor, e expulsar os guerreiros celestiais.

— Quantos?

— Quatro, meu Ba-al. Um atacou-me no telhado, outro investiu contra nossos guardas na frente e os dois restantes lançaram um ataque de dentro. Nós

os expulsamos imediatamente.

O Destruidor ponderou o que ouvira por um momento apenas. Não elogiou as ações do príncipe da escola.

— O que mais aconteceu no dia de hoje?

Ango não estava preparado para a pergunta de forma alguma.

— Como assim?

— Houve alguma visita humana inesperada na escola?

O Destruidor o encarava, aguardando uma resposta, e Ango podia sentir que também Terga o observava. Mas nem assim conseguiu pensar em uma resposta.

— Eu... Nenhuma, que eu saiba.

— Pode me dar alguma boa razão pela qual quatro — apenas quatro — integrantes do exército inimigo apareceriam aqui de repente, só para serem expulsos por espíritos insignificantes e fracos como vocês?

Ango estremeceu. A conversa se tornava desagradável.

— Eles... Eles vieram nos espionar, invadir a escola...

— É essa a sua explicação?

— É... Sim, é tudo o que sei.

O Destruidor embainhou a espada e todos respiraram mais aliviados.

— Volte para seus deveres, Ango, o terrível, você e seus guerreiros. Faça o pior que puder a essas criancinhas. Terga, quero ter uma palavra com você.

Terga acompanhou o Destruidor até a outra ponta do telhado enquanto Ango dispersava os demônios para que retomassem seus afazeres. Quando o Destruidor parou, satisfeito com o lugar, os 12 capitães circundaram-no e a Terga como a muralha de um castelo.

Terga estava preocupado.

O Destruidor fitou-o com fúria — enraivecido, mas propositalmente controlado.

— Ela esteve aqui.

Terga, lógico, não quis acreditar.

— Como sabe, meu Ba-al?

— Aonde ela foi ao sair do hotel em Claytonville?

— Eu...

— Seus desordeiros insignificantes a seguiram? Eles a tinham sob cuidadosa vigilância o tempo todo?

Terga teve a impressão de que derreteria telhado adentro.

— A hoste celestial... Ficamos confusos... Eles nos atrapalharam... Não conseguíamos mais vê-la...

— Vocês a perderam de vista! Ela os enganou!

Terga sabia muito bem que os saqueadores do próprio Destruidor também a seguiam, mas aquele não parecia o momento apropriado para lembrá-lo disso.

— Er... Sim. Mas... ela não voltaria aqui, o lugar de maior perigo...

— Perigo? — A voz de Destruidor era tão cortante quanto sua lâmina. — Que perigo, quando você e esse tal Ango são responsáveis pelo lugar?

— Mas por que ela viria aqui?

Terga nem chegou a ver a mão enorme do Destruidor antes que ela o atingisse, jogando-o no telhado. Não fez qualquer movimento com sentido de retaliação. Não lhe passou pela cabeça fazê-lo e, de mais a mais, 12 espadas enormes se encontravam a apenas poucos centímetros de sua garganta. Só lhe restava erguer os olhos para a cara furiosa do Destruidor enquanto o espírito maléfico descarregava seu veneno.

— Idiota! — berrou o Destruidor. — Por que ela não viria aqui? Foi aqui que nosso plano começou, ou não se lembra de todos os anos de desenvolvimento, de infiltração neste lugar? Você estava presente, participou de tudo. Acha que tivemos tanto trabalho sem um objetivo em mente?

— Sinto muito, meu Ba-al.

O pé do Destruidor atingiu Terga debaixo das costelas e chutou-o mais de metro para o ar. O corpo de Terga chocou-se contra o peito impassível de um dos capitães, para então tombar em cima do telhado outra vez.

— Sente muito... — resmungou Destruidor com desdém. — Você permite que ela escape em Claytonville, permite que entre sorrateiramente nesta escola bem debaixo do seu nariz, permite que o engane de novo! Que desapareça até se revelar outra vez, não se sabe de onde, só para causar mais estragos, para expor ainda mais o nosso plano! E tudo o que tem a dizer é "sinto muito"?

Terga queria se desculpar ainda outra vez porém sabia que a desculpa não seria aceita. Por isso, não tinha mais nada a dizer.

— Vá! — ordenou o Destruidor. — Cuide de sua cidadezinha. Deixe Sally Roe por minha conta.

Um dos capitães, com a compleição de um touro, tomou Terga por uma asa e arremessou-o ao céu. Terga rodopiou e adejou rumo ao céu até conseguir recuperar o controle das asas. Isso feito, disparou para bem longe, envergonhado.

O Destruidor ficou olhando Terga sumir; só então falou em voz baixa aos 12 demônios que o acompanhavam:

— O Homem Forte dispôs todos os jogadores em seus devidos lugares e conta com uma forte rede pronta para ser usada, mas vimos por nós mesmos o quanto um plano pode ser vulnerável. Ainda mais com a hoste celestial interessada em nosso empreendimento, e com toda a certeza também em Sally Roe. Eles tentam construir uma cerca em torno dela, ocultá-la dos nossos olhos, acompanhá-la. Eles também têm um plano.

Um espírito desajeitado lembrou o Destruidor:

— Mas o Homem Forte não abandonará seu plano. Ele está bastante comprometido com ele.

— Posição fácil de assumir, para ele — sibilou o Destruidor, rancoroso, ao mesmo tempo que acariciava o cabo da espada. — Se o plano falhar, não é a cabeça dele que rolará, mas sim as nossas. Ele próprio cuidará disso. Precisamos ser bem-sucedidos.

Calou-se para pensar um instante, as garras pretas em forma de gancho repuxando os pelos duros do pescoço.

— Estou aprendendo cada vez mais sobre esse Tal; é bom estrategista, um mestre da sutileza. Até aqui, a hoste celestial foi eficaz, embora invisível a maior parte das vezes. Tal está esperando, manobrando. Ele é do tipo que coloca armadilhas, que arma ciladas.

Outro espírito, grotesco e cheio de cicatrizes, grunhiu:

— Eu estive em Ashton. Vi a emboscada.

O Destruidor cuspiu enxofre e deixou a própria raiva crescer.

— Então sabe como Tal aguardou até nossas tropas, impetuosas e desavisadas, não poderem mais esperar e voarem de cabeça sobre sua paciente armadilha. Tínhamos apenas nossa confiança, porém Tal estava *pronto*. Não cometeremos o mesmo erro novamente.

Esquadrinhou a cidade de seu poleiro no telhado.

— Se Tal é sutil assim, seremos ainda mais sutil do que ele. Se tudo só depende das orações do povo de Deus, então trabalharemos com mais afinco para evitar que esse povo ore. — Deu uma risada sulfurosa. — Vocês não sabem nada sobre os diabinhos que requisitei do Homem Forte: Contenda, Divisão, Mexerico e uma hoste de outros tantos que vêm inundando a cidade neste exato momento! Os seres humanos são feitos de carne e barro apenas. Pois eu afirmo existir um poder mais forte que seu zelo por Deus: sua própria perfeição! Façamos que se transformem em juízes uns dos outros, orgulhosos, puros aos próprios olhos, vingativos e injustos, e teremos provocado tamanho barulho entre eles que nem a mais simples oração será pronunciada!

Os guerreiros ficaram impressionados e murmuraram seu espanto e aprovação.

— Enquanto isso — continuou o Destruidor —, não nos esqueçamos de que nosso povo também está orando, dedicando muito tempo e adoração a nosso senhor. E ele vem respondendo com grande favor para conosco, enviando mais e mais tropas para reforçar nossas fileiras e confundir os inimigos! O tempo está do nosso lado! — Parou um instante e sorriu. — Portanto, se Tal é mestre na espera, faremos o mesmo! Embora ele agite Sally

Roe como uma cenoura diante dos nossos narizes, não a atacaremos cedo demais. Não sairemos voando para cair em outra emboscada. — Os olhos do Destruidor se estreitaram, cheios de astúcia. — Esperaremos, da mesma maneira que Tal. Observaremos, acompanharemos, até o momento certo para nós, até esse poderoso capitão das hostes celestiais ficar menos poderoso e mais confuso, destituído de seu poder pelos próprios santos de Deus!

— E então, em algum momento, em algum lugar, Sally Roe terá o seu Getsêmani. Ficará sozinha. Seus acompanhantes estarão desavisados, despreparados, em pequeno número. Será nossa oportunidade para tomá-la.

— Mas como saberemos? — perguntou um quarto demônio.

— Saberemos, como da outra vez, porque um Judas nos contará. Só precisamos encontrá-lo. — O Destruidor deu uma risada hedionda. — Que coisa mais maravilhosa, a traição!

14

Ben sairia em ronda um pouco mais cedo aquela manhã. Tinha planos de sentar-se atrás das árvores na extremidade oeste da ponte sobre o Rio Snyder e flagrar motoristas em excesso de velocidade por algum tempo, talvez elevar um pouco sua cota de multas.

Mas primeiro... Se conseguisse agir em silêncio suficiente, pensava em usar o teletipo da polícia para pedir uma averiguação da ficha criminal de Sally Roe. Talvez revelasse alguma coisa.

— Cole...

Era Mulligan. Havia algo estranho em sua voz.

— Sim, senhor.

Mulligan deixou o escritório e foi até a escrivaninha de Ben. Debruçou-se em cima dela apoiado no punho grande e trespassou o subalterno com os olhos. Ben estava disposto a conversar, mas não a ser encarado daquele jeito.

— Algum problema, Harold?

Mulligan quase sorriu.

— Você andou bisbilhotando por aí outra vez?

— Bisbilhotando?

— Leonard me contou que você esteve amolando Joey Parnell, o legista.

De certa forma, Ben ficou espantado ao saber que o relato da história partira justo de Leonard.

— Se ele lhe disse que *amolei* Parnell, serei obrigado a discordar do termo. Não acho que amolei o doutor Parnell nem um pouco. Sentei-me ao lado dele no restaurante do Don e lhe fiz algumas perguntas, só isso. Tudo muito descontraído.

— Já não falei pra você parar com esse negócio de Sally Roe? O que há de errado com sua memória, Cole?

Ben se mostrara fraco por bastante tempo. Mas agora se levantou e enfrentou Mulligan, olho no olho.

— Não há nada de errado com a minha memória, Harold, ou melhor, sargento! Nunca esqueci o que testemunhei em relação a esse caso, nem vou esquecer o modo como ele vem sendo tratado. Fiquei um pouco aborrecido por causa disso, perdi até sono e, para ser franco, fiquei muito desapontado com a incompetência de alguns funcionários públicos eleitos pelo povo que deveriam conhecer melhor suas obrigações. Se precisamos discutir a questão da memória, descobri que a do doutor Parnell não é melhor do que sua visão, sargento, no que diz respeito à mulher morta que encontramos e sua verdadeira identidade. Perdoe-me por falar com tanta sinceridade, senhor.

Mulligan se inclinou para Ben de modo que seus rostos ficaram a apenas cerca de 2 centímetros de distância.

— Pensei que você e Leonard estavam incumbidos de fazerem uma batida à procura de drogas no restaurante do Don. Não vejo nenhum contrabando, Cole. Onde está ele?

— Leonard cuidou de tudo, senhor.

Mulligan chamou:

— Leonard?

— O que é? — veio a resposta. Ele estava ocupado com alguma coisa nos fundos da delegacia.

— Você trouxe algum contrabando dessa batida de drogas?

— Sim. Uns 250 gramas de maconha. Ben cuidou de tudo.

Ben fez uma careta e sorriu um pouco da confusão.

— Leonard, você cuidou de todo o caso, lembra-se? Enquanto eu conversava com Parnell.

Leonard entrou na sala, o rosto cheio de assombro.

— Ei, você perdeu um parafuso? Eu entreguei a erva para você arquivar como prova.

Ben parecia incrédulo.

— De jeito nenhum!

Mulligan olhava ora para um, ora para o outro.

— Caras, tem maconha faltando aqui. Vamos, onde está ela?

— Entreguei a Ben para arquivar como prova — respondeu Leonard.

— Nada disso! — Bem retrucou.

— Claro que foi!

Mulligan sorriu com ar astuto.

— E se a gente der uma olhada no seu armário, Cole?

— Pode olhar. — Ainda enquanto dizia isso, passou-lhe pela cabeça o que poderia estar acontecendo. Caminhando todos os três pelo corredor até o local dos armários, ele reconheceu que não ficaria surpreso se...

Mulligan escancarou a porta do armário. O saco plástico de maconha tombou para fora e foi parar no chão. O sargento levantou uma sobrancelha. Não era segredo para ninguém que se divertia com aquilo.

— Parece que você arquivou no lugar errado, Cole.

Ben fez que sim com a cabeça, plenamente consciente do que acontecia.

— É, certo, certo. — Em seguida, olhando para Leonard, disse: — Da próxima vez, terei de pôr um cadeado no meu armário ao invés de confiar nas pessoas com quem trabalho.

Leonard revidou na mesma hora:

— Cuidado com o que diz, Ben. Isso pode ser sério.

— Sério? Gente, isso tudo é *deplorável*! — Ben estendeu a mão para o peito do outro. — E então, o que me diz, Harold? Aposto que já tem um relatório apimentado sobre o assunto, prontinho. Não se preocupe. Não vai precisar dele. Caras, o jogo para por aqui. Não estou brincando.

Retirou seu distintivo e estendeu-o para Mulligan pegar. Que o aceitou e ainda disse:

— Devolva o uniforme até amanhã.

— Pode contar com isso.

Ben voltou em silêncio para sua escrivaninha, despiu-se do revólver, do rádio e de outros equipamentos e colocou-os em cima. Abriu a gaveta, pegou um Novo Testamento e outros objetos pessoais e tornou a fechá-la.

Enquanto colocava a jaqueta, percebeu que nutria sentimentos mistos em relação ao que acontecera. Estava triste e ansioso por perder o emprego; ao mesmo tempo, porém, eufórico e aliviado. Ao menos perdia o emprego pelos motivos certos. Esperava que o Senhor o abençoasse por isso.

Mulligan e Leonard permaneceram junto no corredor, vendo-o partir. Ben ainda examinou-lhes o rosto por um rápido instante e saiu porta afora.

As duas semanas se haviam esgotado. A audiência aconteceu no dia marcado, às 9 da manhã, no departamento da meritíssima senhora juíza Emily R. Fletcher, do Tribunal Federal Regional, sala 412, no prédio do Tribunal Federal, na cidade de Westhaven, cerca de cem quilômetros ao sul de Baskon.

Tom e Ben foram de carro com Mark e Cathy. Desafiaram a autoestrada, respeitaram os sinais de trânsito, dobraram as curvas certas e chegaram a Westhaven com tempo suficiente apenas para deixar o carro em um estacionamento de vários andares, pegar o cartão de identificação, atravessar correndo a rua até o prédio do tribunal e tomar um elevador apinhado de gente até o quarto andar onde enfim localizaram a sala 412.

Imediatamente, perceberam que a experiência toda seria grandiosa, estranha, atemorizante e inescrutável. Já era ruim o bastante o fato de acontecer naquele grande prédio de paredes de mármore pesado, dando a impressão de se fecharem sobre ele. Pior ainda não saber quase nada acerca do que aconteceria e de como o destino de Ben seria decidido por tantos profissionais de terno e gravata como nunca se vira antes. Pior ainda era descobrir que nada menos do que umas cem pessoas se aglomeravam no saguão, do lado de fora do tribunal, tentando entrar. Quem eram elas, afinal?

Tom se encolheu todo. Muitos eram jornalistas. Não lhes fora permitido entrar com as câmeras, graças a Deus, mas sem dúvida fitavam-no embasbacados e resmungando, trocando informações, rabiscando em seus blocos de notas. Alguns artistas se encontravam ali, cavalete e giz prontos para desenhar um retrato rápido dos estranhos cristãos de uma cidadezinha obscura.

Onde se metera Wayne Corrigan? Ele dissera que os encontraria ali. Ó, lá estava a mão dele, acenando no ar acima de um círculo fechado de jornalistas. Avançou às cotoveladas até sair do círculo, apressando-se a encontrá-lo, os jornalistas o seguindo como se ligados a seu corpo por barbantes.

— Vamos lá para dentro — disse ele, um tom desesperado na voz. — Isto aqui mais parece um zoológico.

Forçaram passagem aos poucos entre a multidão e, de algum modo, um passo a cada vez, conseguiram chegar às grandes portas de madeira, pelas quais passaram.

Encontraram-se agora em uma sala cavernosa do tribunal, com lambris de madeira profundamente escurecida, um espesso tapete verde, janelas altas, vedadas por cortinas, e uma bancada que se erguia como uma montanha na frente. A galeria estava quase cheia.

Corrigan conduziu Tom e Mark ao banco dos réus; Ben sentou-se com Cathy na primeira fileira da galeria. A sra. Fields já se encontrava lá, bordando um trabalho em ponto cruz. Três membros do conselho, Jack e Doug Parmenter e Bob Heely, também estavam prontos para dar seu testemunho.

Corrigan falou com Tom e Mark em tom sussurrado:

— O juiz pode não aceitar nenhum testemunho oral, mas é bom estar preparado caso ele decida o contrário. Isso aqui é um verdadeiro circo, fiquem sabendo. A acal está presente em peso, a imprensa, e algumas pessoas da Liga Nacional de Educação. Nossa posição é difícil. É...

Nesse momento, Lucy Brandon entrou na sala do tribunal trajando um vestido azul e parecendo muito formal. Ladeavam-na a loura Claire Johanson e um homem alto, de aspecto jovem, com certeza seu advogado.

— Aquele é Gordon Jefferson, o advogado da Brandon. Ele é da acal.

Um advogado mais velho vinha entrando, queixo alto, segurando uma pasta preta na frente do estômago.

— Wendell Ames, outro advogado de Brandon, sócio majoritário da firma Ames, Jefferson e Morris. Seu pai foi fundador da acal no Estado lá pelos anos 30.

Os quatro sentaram-se à mesa reservada para os proponentes da ação sem olhar para os lados.

— *Dois* advogados? — Tom questionou.

— Estão determinados a ganhar. Fazer o quê? Fiz o melhor que pude com o sumário. Ficou pequeno, 12 páginas apenas. Os depoimentos, as declarações

juramentadas de vocês e da senhora Fields, parecem bastante eficazes. Mas nossos argumentos bíblicos terão dificuldade para resistir aos relatórios psicológicos. Eles contrataram um profissional, sabem, um psicólogo infantil chamado Mandanhi. É aquele sujeito sentado na segunda fileira lá adiante.

Olharam para o homem de cabelos escassos e pele escura, aparentando ser originário da Índia.

— O que ele foi obrigado a dizer? — perguntou Mark.

— O que o senhor acha? Diagnosticou Amber como uma pobre menina doente e traumatizada, e tudo por sua culpa, claro.

— É lógico — resmungou Tom.

— Veremos como vamos nos sair, minha gente. Lembrem-se apenas de que esta é a primeira batalha, não a guerra inteira.

A porta à esquerda da bancada se escancarou. A meirinha colocou-se de pé e anunciou:

— Todos em pé. Declaro os trabalhos deste tribunal abertos a partir de agora, presididos pela meritíssima senhora juíza Emily Fletcher.

A juíza era mulher séria de seus 50 anos, cabelo curto e loiro e expressão facial agradável. Ocupou seu lugar atrás da bancada e disse com voz bem clara:

— Obrigada. Podem se sentar.

Assim o fizeram todos.

— Trata-se do caso Brandon *versus* Academia Bom Pastor. Para hoje está agendada a audiência sobre uma injunção temporária emitida por este tribunal há duas semanas impedindo a Academia Bom Pastor... — encarapitou os óculos de leitura sobre o nariz e examinou melhor os documentos a sua frente. — ... de adotar comportamento religioso que se mostre nocivo ao bem-estar mental, emocional ou social da criança, ou qualquer instrução religiosa excessiva que se comprove prejudicial ao seu desenvolvimento, a perseguir, discriminar e empregar doutrinamento religioso com fundos federais." Os advogados estão prontos para prosseguir?

Ela olhou na direção de Lucy Brandon e seus dois advogados.

Ames se pôs de pé.

— Sim, Meritíssima.

Ela então voltou os olhos para Tom, Mark e Wayne Corrigan.

— E os acusados, estão prontos?

Corrigan ergueu-se e respondeu afirmativamente.

Ela dirigiu o olhar para a sala lotada, por cima dos óculos de leitura, e explicou:

— Este caso é sem dúvida de grande importância e interesse para o público. Se não houver objeções por parte dos advogados, o tribunal está preparado para permitir o uso de câmeras e equipamento de gravação pela imprensa.

Gordon Jefferson ergueu-se imediatamente.

— Não temos objeções, meritíssima.

Corrigan percebeu pronto meneio de cabeça de Tom e Mark. Por isso se levantou e disse:

— Meritíssima, os acusados pediriam que não fosse admitida a presença de nenhuma câmera.

Jefferson se opôs:

— Meritíssima, como a senhora mesma observou, este caso reflete realmente questões de grande interesse público. Acho que o público estaria bem servido se recebesse os informes em primeira mão que as redes de televisão podem fornecer.

Corrigan sussurrou para Tom:

— A acal adora ver certos casos sendo julgados através da imprensa. É o que desejam agora.

A juíza Fletcher não demorou muito para chegar a uma conclusão sobre o assunto.

— Senhor Corrigan, o tribunal não vê prejuízo na cobertura pelas câmeras, e considera que a importância da conscientização do público pesa muito mais. As câmeras serão permitidas.

Diversos jornalistas voaram da sala em busca do equipamento.

A juíza virou uma página e concentrou-se na seguinte.

— Li os sumários e os depoimentos apresentados por ambas as partes. Bem elaborados, excelentes, todos os dois. E, como seria de se esperar, deixam antever uma disputa acirrada. Considerando o prazo curto, evitaremos testemunhos orais, se os advogados concordarem, e trataremos do caso com base em depoimentos e argumentos orais da parte dos advogados.

Wayne Corrigan sussurrou para Tom:

— Tudo bem. A vantagem é nossa. Eles terão de satisfazer um padrão mais alto na apresentação de provas, se não houver testemunho oral. — Em seguida falou à juíza: — Não temos objeções, meritíssima.

Ames e Jefferson ainda sussurravam um com o outro. Não pareciam muito contentes com a sugestão do tribunal. Por fim Ames respondeu:

— Er... Sem objeções, meritíssima.

A juíza pareceu satisfeita com o progresso que faziam.

— Muito bem. Então, se os advogados estiverem prontos, senhores... Ames e Jefferson... Podem apresentar seu argumento.

Jefferson se levantou abotoando o paletó.

— Obrigado, meritíssima.

Adiantou-se e começou a expor seu argumento, caminhando de um lado para o outro, estudando o carpete, abanando uma das mãos no ar como se estivesse regendo um coro.

— Meritíssima, este caso não é difícil. Como o tribunal já percebeu pelo sumário e pelos depoimentos, as queixas contra a Academia Bom Pastor são bem fundamentadas. Acreditamos na liberdade religiosa, claro, e longe esteja de nós supor que podemos infringir esse direito sagrado. Mas, meritíssima, como uma criança de 10 anos poderá decidir livremente questões como essa quando rodeada por um ambiente repressivo tal como encontramos na Academia Bom Pastor?

Tom ouvia embevecido o discurso. Jefferson optara pela difamação, pensou ele, mas vendia seu peixe muito bem. A imprensa com certeza engoliria toda a sua história.

— A senhora viu o relatório do doutor Mandanhi, ilustre psicólogo bastante familiarizado com traumas emocionais em crianças. Ele declarou com clareza que a jovem Amber ficou seriamente traumatizada com o comportamento religioso chocante dessa gente, e demonstrou que sintomas tais como enfermidades, dores de cabeça, perda de apetite e molhar a cama de noite — para não falarmos nas severas fantasias religiosas e até mesmo nos distúrbios de personalidade —, podem ser atribuídos ao currículo ensinado e ao exemplo dado pela liderança da Academia Bom Pastor. Sinto-me no dever ainda de informar ao tribunal que o senhor Harris está sob investigação pelo DPC por possível abuso contra crianças, e que seus próprios filhos foram retirados de sua casa até a conclusão das investigações.

Corrigan pulou da cadeira.

— Protesto!

— Acatado — disse a juíza. — Senhor Jefferson, questões do Departamento de Proteção à Criança são estritamente confidenciais e não devem ser discutidas em sessão do tribunal aberta ao público. A partir de agora, o senhor evitará novas referências ao fato.

— E à luz de táticas como essa — propôs Corrigan —, posso solicitar novamente que as câmeras e equipamentos de gravação sejam retirados do tribunal?

— Solicitação negada — declarou a juíza, que em seguida olhou para os membros da imprensa. — Mas a imprensa tem ordens de não publicar nada sobre essa última revelação.

— Obrigado, meritíssima — disse Corrigan, sentando-se. Ele sussurrou para Tom: — Jefferson sabia o que estava fazendo.

Jefferson continuou, sereno:

— Quanto ao comportamento religioso ultrajante, os detalhes são claros, conforme constam dos arquivos entregues ao tribunal, naturalmente. Nem preciso comentar o comportamento descrito, ou seja, a tentativa de expulsar um demônio de Amber. Aliás, o simples fato de sugerir a uma criança impressionável que ela está possuída por um espírito já é ultrajante. Meritíssima, essa é uma tendência muito diferente, uma forma nova e evidentemente bizarra de abusar de crianças, que deve ficar de fora da garantia à liberdade religiosa. Assim pedimos que seja a decisão deste tribunal.

— O abuso físico por espancamento também é igualmente claro — prosseguiu Jefferson —, e até os acusados admitem que ele ocorreu. Como é do conhecimento deste tribunal, essa prática já é proibida pelo Estado em qualquer lar temporário e nas escolas públicas, e gostaríamos de lembrar que os precedentes na lei e na sociedade são claros sobre essa questão. Esse não é um comportamento apropriado para com uma criança, mas outra forma de abuso, que também deveria ser retirado da proteção da garantia de liberdade religiosa.

Tom e Mark podiam ver o caso se delineando. Aquele advogado esperto desfazia pouco a pouco de algo que ele chamava repetidas vezes de proteção da liberdade religiosa. Estava claro para eles que proteção pouco tinha a ver com aquilo. A liberdade religiosa em si se transformara em objeto de seus ataques. Mas Jefferson, dono de oratória vigorosa, bem coreografada e persuasiva, era bom no que fazia, tinham de reconhecê-lo. O pensamento inquietante naquele momento era um só: *será Corrigan capaz de se sair melhor*?

— Quanto à instrução religiosa excessiva — Jefferson prosseguia —, quem pode se opor ao ensinamento de virtudes como honestidade, autoestima, a regra do "faça ao outro o que você quer que lhe façam"? Nossa dificuldade está na ideia fundamentalista penetrante de que todos somos pecadores fracos, desprezíveis, insignificantes, incapazes de qualquer bem em nós mesmos, mas dependentes de um "salvador" externo que nos levante do atoleiro moral em que nos encontramos, e sem o qual não temos a mínima esperança... Uma

ideia que, temos de admitir, é destrutiva à saúde e ao bem-estar mental de qualquer criança. O relatório do doutor Mandanhi reflete isso.

— Para encerrar rapidamente a questão e não tomar mais tempo do tribunal — continuou Jefferson —, as ofensas mencionadas acima constituem necessariamente uma forma de perseguição e discriminação porque nenhuma ideia que se oponha a essas crenças fundamentais é permitida; isso é intolerância, claro, terreno fértil para a semente do fanatismo.

— Mas, naturalmente, uma questão legal ainda maior aqui é o fato de que esses ensinamentos e doutrinas são sustentados por fundos federais, visto que a senhora Brandon é funcionária federal e recebe subsídio para sustento da filha sob o Decreto Federal de Assistência a Creches e Escolas Particulares de Primeiro Grau. Parte desse subsídio ela utilizou para pagar as mensalidades da filha.

A juíza Fletcher interrompeu.

— Senhor advogado, é impressão do tribunal que Amber já foi retirada da escola.

— Sim, meritíssima, para seu próprio bem, com certeza. Mas ressaltamos que a questão da separação entre igreja e Estado ainda é necessária, visto que fundos federais foram usados no doutrinamento religioso de Amber enquanto frequentava a escola, o que fazia que a escola incorresse em responsabilidade para com o Estado. O assunto é tratado com riqueza de detalhes em nosso sumário sobre a aplicabilidade do Decreto de Direitos Civis Munson-Ross e o Decreto Federal de Assistência a Creches e Escolas Particulares de Primeiro Grau. Conquanto o Congresso intente prestar assistência aos pais que trabalham fora no cuidado aos filhos, ninguém em seu juízo perfeito argumentaria que fundos federais devam ser usados para instrução religiosa. Nosso sumário mostra como a história legislativa e a lei de antecedentes legais tornam isso abundantemente claro.

— Por último, solicitaríamos que o tribunal levasse em consideração não apenas Amber, que teve a sorte de ser retirada da escola e portanto salva de

maiores prejuízos; solicitaríamos que o tribunal levasse em consideração também as crianças que continuam lá, ainda sujeitas a esse comportamento e instrução excessivos, ainda muito sujeitas a serem prejudicadas. Não sabemos quem são as outras crianças da escola, e se fundos federais estão ou não sendo empregados para também suplementar sua mensalidade. Por esse motivo solicitamos ao tribunal que exija que os acusados apresentem o nome de cada criança e qualquer informação financeira relacionada à matrícula da criança na escola, além de manter as restrições.

— Sua decisão hoje afetará o futuro bem-estar de outras crianças também — concluiu o advogado — e por isso estamos certos de que o tribunal decidirá em seu favor.

Jefferson sentou-se enquanto cada câmera de televisão na sala o seguia até seu lugar e os *flashes* pipocavam das máquinas fotográficas.

Tom e Mark olharam para Corrigan. Ele reexaminava às pressas seus rabiscos como quem espera receber uma inspiração. Essa inspiração parecia não estar vindo.

— Senhor Corrigan? — chamou a juíza.

Tom deu a Corrigan um tapinha encorajador no ombro.

— Vá com Deus, irmão.

Corrigan se levantou. Chegara o seu momento. Abotoou o paletó também, não para mostrar sua determinação de batalhar, mas porque suas mãos nervosas precisavam de algo para fazer. Mas também foi uma oportunidade para orar.

— Meritíssima, o advogado da acusação envidou grandes esforços para pintar um quadro triste e horroroso da Academia Bom Pastor. Podemos lhe assegurar que as coisas na escola são muito diferentes daquilo que tentaram fazer parecer. Em primeiro lugar, não tivemos oportunidade de nos reunir com o doutor Mandanhi e discutir seu parecer; portanto, não podemos estar certos de que os problemas de Amber são inteiramente devidos ao fato de ela frequentar a escola. Conforme tentamos mostrar nos depoimentos, ela já veio para a Academia Bom Pastor com alguns problemas, e proponho não ser justo

nem correto atribuir todos eles ao ambiente da escola. Deveríamos ter a oportunidade de fazer que nosso próprio perito examinasse Amber, pois estou certo de que outro perito poderia equilibrar o relatório do doutor Mandanhi.

— Quanto a castigos corporais — prosseguiu Corrigan —, sem dúvida não são o anacronismo que a acusadora tenta dizer que são. Tampouco resolveremos a questão com este caso. O castigo físico, quando administrado por pais amorosos, ou pelo diretor de uma escola cristã de acordo com procedimentos previamente aceitos, não é abuso de forma alguma, mas disciplina apropriada. Conforme demonstramos em nossa ficha do tribunal, é questão de doutrina bíblica, de profunda convicção religiosa. Além do mais, gostaria de relembrar ao tribunal que as diretrizes para disciplina corporal estão estabelecidas claramente no manual da Academia, e que a senhora Brandon assinou uma carta concordando com essas diretrizes. Os dois itens estão incluídos em nosso sumário e falam por si.

— Por isso, acho que a questão do castigo físico não está resolvida de forma alguma, especialmente quando não pode haver dúvida de que o castigo de Amber foi administrado de forma apropriada e amorosa. Não seria justo nem correto rotulá-lo de abuso infantil. Fazer isso significaria invadir a privacidade e convicções de milhões de pais em todo o país que ainda acreditam no castigo físico. Além do mais, existe a questão de convicção e da liberdade religiosa. Elas devem ser protegidas e não infringidas.

— Precisamos protestar também contra a acusação de ter havido instrução religiosa excessiva. A acusação se refere a algo que é parte fundamental do evangelho, mas preciso relembrar ao tribunal que evangelho significa Boas Novas e não Más Novas. A mensagem do evangelho não nos deixa a todos condenados... Ou, como o advogado da acusadora declarou, como pecadores fracos, desprezíveis. Cremos... isto é, a posição doutrinária da Academia Bom Pastor é... a de que, sim, o homem é pecador, está separado de Deus porque transgrediu a lei justa de Deus, e não tem salvação em si mesmo. Acontece que essa mensagem nunca é forçada ou imposta a qualquer criança sem o lado

positivo da mensagem, de que Deus enviou seu filho para pagar o preço dos nossos pecados com a própria vida, e portanto, salvar-nos e reconciliar-nos com Deus.

— Ora, reconheço que posso estar parecendo um pregador aqui, mas esse é, afinal de contas, um ponto de disputa levantado pela acusadora, e preciso responder a ele.

Corrigan se animou um pouco quando uma ideia lhe ocorreu.

— Mas talvez seria apropriado eu demonstrar, neste ponto exato, que esta é claramente uma questão religiosa. Meritíssima, estamos discutindo doutrina religiosa em um tribunal de justiça! Sim, meritíssima, de fato, contestamos a alegação da acusação de ter havido qualquer instrução religiosa excessiva que fosse prejudicial a Amber. Mas também relembramos ao tribunal que, por intermédio dessa queixa, a acusação pediu que o Estado legisle sobre a correção de uma crença religiosa específica, e isso é algo que o Estado está proibido de fazer por força da Constituição.

Você os pegou agora, pensou Tom.

— Também negamos qualquer perseguição ou discriminação, e como o arquivo do tribunal demonstra, embora a acusação tenha obtido o parecer profissional do doutor Mandanhi relacionando a suposto trauma da criança, deixou de provar quaisquer alegações específicas de comportamento excessivo ou ultrajante.

A juíza ergueu os olhos de suas notas com uma expressão inquisitiva.

— Senhor advogado, seu sumário incluiu pelo menos uma referência superficial ao suposto "comportamento religioso ultrajante" mencionado pela acusação. O senhor agora nega a alegação da acusação de que o senhor Harris tentou expulsar um demônio da criança?

Tom e Mark sabiam que Corrigan ficaria encurralado por essa pergunta, mas ele não demonstrou querer evitá-la. Aparentemente, pensara muito sobre ela.

— A alegação pode ser contestada, meritíssima, visto que poderia haver muitas interpretações diferentes, muitas definições diferentes da palavra "demônio".

A juíza inclinou-se para a frente, abaixando o queixo até deixá-lo a poucos centímetros apenas da bancada.

— Seria justo supor uma interpretação judaico-cristã ou bíblica da palavra "demônio" neste caso?

Tom sentia o coração batendo forte e o estômago dando nó.

Corrigan respirou fundo e apresentou sua resposta:

— Suponho que seria, meritíssima, mas então, mesmo dentro dos parâmetros de uma interpretação bíblica, seria necessário decidir entre... er... Seria uma interpretação liberal, alegórica da palavra, ou a interpretação mais fundamentalista, literal...

A juíza sorriu um pouco. Alguém na sala do tribunal deu uma risadinha abafada.

— Suponho que poderíamos ficar insistindo nesse ponto, senhor advogado, e entrar em uma argumentação teológica realmente. Por favor, continue.

Tom olhou para Mark. Era um bom ou um mau sinal? Não podiam deixar de tentar adivinhar o que a juíza pensava.

Corrigan quis encerrar sua argumentação com chave de ouro:

— Estamos aqui hoje, Meritíssima, apenas para mostrar porque não devemos ser impedidos de certas atividades. Bem, antes de mais nada, eu argumentaria que essas alegações são espúrias e sem base, na melhor das hipóteses, e que a acusação neste caso ficou aquém de provar a veracidade de cada uma delas, infelizmente. Sendo esse o caso, uma ordem restritiva contra a escola é simplesmente desnecessária. Eu sugeriria que tal atitude acarretaria violação da separação entre igreja e Estado, pelo fato de o Estado se intrometer no livre exercício da religião por parte da Academia Bom Pastor ao se colocar em posição de decidir pela Academia o que é religião aceitável e o que não é.

Espero que não encontremos esse tipo de situação ocorrendo aqui, e que essa ordem restritiva seja revogada. É apropriado nesse instante que o tribunal revogue a restrição porque a acusação já não é mais afetada pelas políticas da escola, e nenhum outro aluno se apresenta aqui como acusador. Portanto, este caso é irrelevante.

Dito isso, Corrigan sentou-se.

— Muito obrigada, senhor Corrigan — disse a juíza Fletcher.

Então veio a longa espera. Sentia-se o peso de cada segundo. A juíza Emily R. Fletcher folheou suas notas, rabiscou algumas observações ao lado delas e em seguida, fitou as notas enquanto um silêncio tenso caía sobre o grande aposento.

15

Por fim, a juíza Fletcher pousou a caneta e falou, contemplando alternadamente, por detrás dos óculos de leitura, os papéis a sua frente e, por cima deles, os advogados, litigantes, plateia em geral e câmeras de televisão.

— Duvido que qualquer um dos lados fique inteiramente satisfeito com minha decisão, mas contrariando a afirmativa inicial do senhor Jefferson, este é um caso difícil sim e me coloca em posição mais difícil ainda. Estou sendo chamada a estabelecer um equilíbrio, por assim dizer, entre a Constituição e os melhores interesses de uma criança de 10 anos. Ao buscar esse tipo de equilíbrio, é inevitável que ambas as partes nesta disputa percam alguma coisa e descubram que seus respectivos desejos não foram totalmente correspondidos.

— Li os autos e ouvi os argumentos dos senhores advogados. Creio ser este um caso onde alguma reparação injuntiva se faz necessária. Entretanto, existem argumentos fortes e fracos em ambos os lados, e alguns pontos que me parecem, pelo menos a esta altura, inquestionáveis. Tratarei das queixas separadamente, uma a uma.

— Repassando a lista... Com relação ao comportamento religioso ultrajante contra uma criança, concordo com a Constituição no sentido de que

existe lugar para a persuasão e as práticas religiosas individuais. Mas afirmo que sem sombra de dúvida também existe lugar para a restrição quando necessária, e lugar nenhum para qualquer violação das leis do Estado. A queixa da acusação é clara e direta: Amber teria sido perseguida e efetivamente rotulada como alguém possuída por um espírito, um demônio, qualquer que seja a definição dessa palavra. Acredito que a correção desse comportamento deva ser questionada; creio que essa proteção deva permanecer. Portanto, a ordem restritiva contra esse tipo de comportamento persistirá até a questão ser resolvida em julgamento.

— Direi o mesmo quanto a qualquer outro castigo físico aplicado a qualquer criança na Academia. O estado tem interesse em proteger suas crianças e têm havido muitos casos em que o castigo corporal foi considerado impróprio. Conquanto a convicção religiosa tenha seu lugar legítimo em nossa sociedade, a possibilidade de abusos a crianças ainda existe, e, portanto, acho apropriado que uma ordem restritiva seja dada seguindo o teor do pedido da senhora Brandon, e que essa questão seja levada a julgamento.

— Quanto às três queixas seguintes, "Instrução Religiosa Excessiva Prejudicial à Criança", "Perseguição" e "Discriminação", eu concordaria com o senhor Corrigan de que tais queixas são um tanto vagas, que não foram estabelecidas para satisfação do tribunal como sendo prejudiciais às crianças. O tribunal concorda que essas são questões religiosas, e está claro que a posição religiosa da Academia foi bem anunciada e claramente explicitada, de forma que a senhora Brandon estava ciente da natureza religiosa da Academia antes de matricular a filha. Se a acusação argumenta que essas crenças e ensinamentos são impróprios para qualquer criança, então que seu advogado monte um processo e o apresente em julgamento.

— Quanto à queixa final, "Doutrinamento Religioso Mediante Uso de Fundos Federais", a senhora Brandon retirou a filha da escola, e enquanto nenhum outro pagamento for feito à escola saindo do salário da senhora Brandon, não existe, na minha opinião, nenhuma outra violação da lei, bem

como nenhum prejuízo até que essa questão possa ser resolvida em julgamento. A restrição é irrelevante, e portanto, fica revogada.

— Assinarei a ordem por escrito, como convém, quando completada pelo senhor advogado. Os senhores advogados devem discutir a fiança apropriada a ser fixada na ordem. Se não chegarem a um acordo, chamem meu escrevente.

— Estou retendo uma decisão neste momento sobre a ordem de apresentação que a acusação requisitou. Estou preocupada com isso. Outros argumentos talvez sejam necessários, ou talvez irrelevantes, mas é uma questão importante.

— Com essa ordem, não estou dizendo que as alegações da acusação são infundadas. Apenas que toda a restrição solicitada até haver o julgamento é injustificada. A questão toda prosseguirá a julgamento no devido tempo.

Apanhou o martelo e bateu-o com força.

— Este tribunal entra em recesso a partir de agora.

— Levantem-se todos — disse a meirinha. Todos se ergueram e os murmúrios e resmungos começaram ainda enquanto a juíza Fletcher saía da sala.

— E agora? — Tom quis saber.

— Agora fugimos dos jornalistas e damos o fora daqui — respondeu Corrigan.

— Como nos saímos? — quis saber Mark enquanto Cathy o tomava pelo braço e escutava.

— Bem, ainda temos uma longa batalha pela frente. Revisando, sua escola pode permanecer aberta e vocês podem continuar ministrando o currículo normal, mas castigos físicos estão proibidos e expulsar demônios é tabu. A juíza disse que vocês não têm de apresentar nomes ou registros financeiros de qualquer outra criança. Ou seja, evitamos essa amolação. Eu diria que nos saímos bem, considerando o que poderia ter acontecido. Vamos dar o fora daqui.

A sra. Fields e os Parmenter também estavam cheios de perguntas.

— A escola pode permanecer aberta? — indagou a sra. Fields.

— Sim, isso ficou bem claro — disse Tom.

Cathy deu um abraço na professora e disse:

— Vamos fazer uma reunião com todos e explicar tudo.

Jack Parmenter continuava doido para brigar.

— Precisamos pegar aquele... aquele bandido do Jefferson. Não somos obrigados a aguentar o seu tipo de conversa!

— Conversaremos sobre tudo isso em outro lugar — disse Corrigan. Ele saiu na frente e os demais o seguiram em fila indiana para fora da sala do tribunal.

As luzes das câmeras ofuscavam; era como se fosse dia ali fora, no corredor.

— Senhor Harris! — veio o primeiro jornalista. — Qual a sua reação à decisão da juíza?

— Nada a declarar — respondeu Wayne Corrigan.

— E os seus filhos? — perguntou outro jornalista. — Quanto tempo faz que foram levados de sua casa?

Grande coisa a ordem da justiça, pensou Tom.

— É verdade que tentou exorcizar o demônio de uma criança? — quis saber uma senhora, enfiando um microfone no rosto de Tom.

Corrigan agarrou o microfone.

— Pretendemos levar nosso caso a julgamento num tribunal de justiça, não na imprensa. Obrigado.

Mais perguntas.

— Vamos embora — disse Corrigan a Tom e aos outros.

Continuaram andando, escapulindo sorrateiros no meio da multidão.

Passaram por um grupo de jornalistas e câmeras amontoados em torno de Lucy Brandon e seus dois advogados. Jefferson apresentava um longo comentário em forma de discurso para a imprensa:

— A decisão da juíza foi exatamente como esperávamos. Embora nos custe acreditar que alguém permitisse que os filhos fossem submetidos a esse tipo de

currículo e ao tratamento severo que ele requer, posso compreender por que a juíza relutou em decidir com base na evidência sucinta que se pôde produzir para uma audiência marcada com tão curto espaço de tempo. No entanto, ficamos satisfeitos com o fato de a juíza ter escolhido proteger as crianças de Baskon de outros abusos físicos nas mãos de Tom Harris e sua equipe... Esses fundamentalistas.

Tom escutou essa parte e se voltou. Tinha de dizer alguma coisa. Não podia deixar que aquilo fosse parar na imprensa.

— Venha, vamos embora — chamou Corrigan, puxando-o pelo braço.

Deixaram apressados o tribunal.

A reunião de oração da quarta-feira à noite, na casa de Mark e Cathy, lotou. A frequência não costumava ser ruim às quartas, porém naquela noite estava longe de ser normal. De modo que faltaram cadeiras para acomodar todo mundo.

Todos os membros do conselho compareceram acompanhados das esposas, bem como algumas pessoas da corrente de oração: Donna Hemphile, Lester e Dolly Sutter, Tim e Becky Farmer, Brent e Amy Ryan, e a viúva Alice Buckmeier. Ben Cole marcou presença com a esposa, Bev; a sra. Fields estava lá, embora frequentasse regularmente a igreja batista local nas noites de quarta-feira. Wayne Corrigan também ali se encontrava e provavelmente constituía o centro das atenções.

A única ausência perceptível era a de Tom Harris. Ele tirara licença e se sentia compelido a ficar afastado. Além disso, Mark achara que a discussão da noite fluiria com maior liberdade e quaisquer reclamações seriam expressas com maior facilidade se ele não comparecesse. Tom concordara com ele.

Outras ausências incomodavam Mark que, sendo o pastor, estava mais apto a notá-las. Andrea e Wes Jessup, em geral presentes nas reuniões do meio da semana, assim como os Winger. Mark sabia o motivo dessas ausências. Ainda havia alguns descontentes entre eles necessitando que seus temores e falsas

informações fossem esclarecidos. Como de hábito, quem mais precisava estar ali não comparecera. Lidar com essas pessoas seria uma tarefa penosa e desagradável.

Ao todo, a casa devia estar abrigando não menos que 50 pessoas. Só podiam estar vivendo uma crise de fato.

Mas a casa também se enchera de outros visitantes, não menos de 50, quase igualando em número os demais. Tal estava ali, ao lado de Guilo, recém-chegado de uma inspeção perto da cidade montanhosa de Summit; Nathan e Armoth estavam em posição, ao lado de Tal, e tinham sob seu comando uma tropa de guerreiros grandiosa. Mota e Signa, concluída a tarefa na escola primária, estavam presentes, supervisionando a barreira de guardas que cercava a casa. Seria uma reunião que nenhum espírito saqueador conseguiria invadir.

— Os mensageiros estão prontos — relatou Nathan. — Só precisam de uma ordem sua.

Tal correu os olhos ao redor da sala e só conseguiu esboçar um sorriso amarelo.

— Talvez obtenhamos melhor ideia de onde está a dificuldade e onde nossa cobertura de oração foi parar. Talvez o Senhor conceda a seu povo uma porção especial da sua sabedoria esta noite. — Deu mais uma olhadela à volta da sala e disse: — Os mensageiros esperarão pela minha ordem.

— Feito.

— E Sally Roe?

Chimon adiantou-se.

— Scion e eu acabamos de entregá-la aos cuidados de Cree e Si. Eles a estão acompanhando até o Centro Ômega.

— Bom. Dirijam-se imediatamente a Bentmore e preparem o caminho para ela ali.

— Feito.

Chimon e Scion desapareceram rumo ao próximo encargo recebido.

Wayne Corrigan ficou de pé a fim de se dirigir ao grupo e responder-lhes as perguntas.

— Eu diria que fomos 50% vitoriosos — disse ele —, o que não deixa de ser um modo positivo de ver as coisas. A Academia poderá funcionar tranquilamente, sem um número excessivo de interrupções...

— Até algumas daquelas crianças descobrirem que vocês não podem surrá-las — disse Tim Farmer, fazendeiro, exibindo a falta de um dente sempre que ria e cujo filho cursava a quinta série da Academia. — Façam o que fizerem, só não comentem sobre essa parte com o Jesse!

Todos riram. Ficaram contentes por ter sido o próprio pai do Jesse a dizer isso.

— Vocês estarão em desvantagem, com certeza — observou Corrigan. — Terão de arranjar outras formas de resolver problemas de disciplina.

Judy Waring, sempre que ouvia e transmitia más notícias, quase explodia de vontade de dizer o que pensava.

— Bem, quero saber o que nos meteu neste apuro, antes de mais nada. O que, exatamente, Tom Harris anda fazendo com as nossas crianças?

— Judy! — interrompeu Mark. — Estamos aqui para discutir esse assunto até que todos fiquem satisfeitos, não se preocupe.

Amy Ryan fez uma pergunta bastante simples:

— Mark, será que podíamos ouvir isso da sua parte? Tom tentou expulsar um demônio dessa garotinha, filha da senhora Brandon?

Mark sabia que enfrentaria problemas assim que deu a resposta.

— Sim, tentou. Ela estava...

— Ora, que atitude mais besta — manifestou-se Brent, o marido de Amy. Era um construtor musculoso que incluía em sua área de competência o gás natural, a Palavra de Deus, e atitudes bestas. — Como ele sabia se era um demônio ou não?

Judy Waring estava mais do que pronta para esporear esse cavalo.

— Ele não tinha a menor ideia do que fazia e acabou metendo nossa escola em uma embrulhada da qual ela jamais sairá!

Mark tentou restaurar a ordem. Mas foi preciso falar em tom bastante firme.

— Muito bem, pessoal. Agora, antes que disparemos todos em uma centena de direções diferentes, vamos ficar quietos e primeiro ouvir o que Wayne tem a dizer. Façam suas perguntas para ele, uma de cada vez!

— Cometemos algum erro — insistiu Judy. — Não estaríamos sendo processados se não tivéssemos cometido algum erro.

— Judy!

Ela se calou porém manteve a expressão de desafio no rosto.

— Vamos lá, santos do Senhor — conclamou Tal —, vocês são capazes de produzir coisa melhor do que isso!

Guilo murmurou:

— O senhor queria saber onde foi parar nossa cobertura de oração?

Wayne Corrigan tentou recomeçar do início:

— Quero traçar um quadro correto para vocês, mas não que soe negativo. Estamos no meio de uma ação judicial, o que não é o fim do mundo... Ou da escola. É possível que consigamos atravessar essa coisa e sair ilesos, com a ajuda do Senhor e de todos os que puderem dar uma mãozinha. Por ora, a escola se encontra sob uma ordem restritiva que proíbe o uso de castigo físico ou de qualquer comportamento religioso que possa ser considerado prejudicial às crianças.

— Expulsar demônios... — sussurrou Brent baixinho. Todos ouviram.

— Não, deixem-me comentar a esse respeito agora mesmo. Vocês precisam entender como o sistema funciona, e como a acal opera. Expulsar demônios não é o ponto principal de toda essa história, mas apenas a questão que fica sendo trazida à tona por sua natureza sensacionalista e principalmente por envolver uma criança. A acal sabe disso e está tirando o máximo proveito da situação, fazendo desse o ponto de convergência de todo o problema.

— Mas seria melhor acompanhar e observar a expressão "comportamento religioso ultrajante". Sabem, o que poderia acontecer neste caso é que os tribunais — para o bem das crianças — tenham de determinar que tipo de ação particular de um grupo religioso constitui comportamento religioso ultrajante. Uma vez estabelecido o precedente legal, pode ser usado em casos futuros a fim de ampliar a definição original do tipo exato de comportamento religioso que se considera malévolo, e que pode ser desafiado legalmente, haja ou não o envolvimento de uma criança. Teremos enfim aberto a porta para os tribunais estabelecerem que tipo de crença religiosa é aceitável e qual não é, para falar francamente.

— Mas e a liberdade religiosa? — perguntou Lester Sutter, um dos cidadãos mais velhos da congregação. — Desde quando o governo nos diz como viver nossa vida e como educar nossos filhos?

— Exato. Essa é a verdadeira questão aqui, e quero que vocês entendam isso. A ação judicial não diz respeito a surras ou demônios ou qualquer outra coisa. A acal está por trás dessa coisa toda, e podem ter certeza de que ela está trabalhando para estabelecer alguns precedentes legais que darão ao governo federal o poder de controlar a religião e as escolas religiosas.

— Eles não podem fazer isso! — exclamou Amy Ryan.

— Já estão fazendo — retrucou Brent.

— Mas e a Constituição?

Brent deu de ombros.

— O que tem?

Corrigan interveio:

— Brent compreendeu a que me refiro. Hoje em dia a ideia mais popular é de que a Constituição é um documento vivo, que pode ser reinterpretado pelos tribunais à medida que a sociedade evolui moralmente.

— Ou *apodrece* moralmente — emendou Jack Parmenter.

— Ou *espiritualmente* — lembrou Mark. — Ouça, minha gente, esta não é apenas uma batalha legal. É uma batalha espiritual, não se esqueçam disso.

— Tem razão — disse Brent, demonstrando leve reviravolta em sua atitude. — E se fosse mesmo um demônio? Logo, logo, vai ser contra a lei expulsar um deles.

— Mas quem foi que disse que temos de fazer o que o governo diz? — perguntou Tim Farmer. — E os apóstolos? Eles não obedeceram aos governantes judeus quando receberam ordens de não pregar sobre Jesus.

Corrigan replicou:

— Esse é um ponto importante, e algo que vocês precisam levar em consideração com grande seriedade: podem escolher a desobediência civil como os apóstolos fizeram e obedecer antes a lei de Deus do que a dos homens...

— Vamos fazer isso! — anunciou Frank Parmenter.

— Mas — Corrigan acrescentou depressa — lembrem-se de que os apóstolos foram para a prisão, foram açoitados, torturados e martirizados por causa de sua posição. E como já disse antes, Paulo e Silas expulsaram um demônio em Filipos e acabaram presos por causa disso. Há um preço a se pagar pela desobediência civil.

Agora a sala ficara silenciosa. Corrigan continuou:

— E esse preço poderia também significar dano extremo para a credibilidade de vocês nesta ação judicial. Os argumentos de vocês, em uma apelação, serão difíceis de sustentar. Agora, é claro que precisam seguir sua consciência diante de Deus, e existem precedentes bíblicos para a desobediência civil — as parteiras hebreias ao violarem as ordens de faraó de matar os meninos hebreus, Raabe ao esconder os espias, os apóstolos ao pregarem em nome de Jesus quando receberam ordens de não fazê-lo. Mas meu conselho é de que vocês trabalhem de acordo com o sistema primeiro, ao velho modo de Romanos 13. Será melhor para vocês no julgamento!

— E se perdermos? — perguntou Brent.

— Nesse caso... — Corrigan hesitou e pensou bem antes de responder. — Nesse caso, terão simplesmente de fazer o que julgarem necessário fazer. — E acrescentou mais que depressa: — Mas, por favor, lembrem-se: o processo legal

demora. Precisam ser pacientes e não fazer nada impensado, que prejudique sua chance de vencer no tribunal. Lembrem-se de que a acal pretende levar este caso para a esfera nacional, o mais longe que conseguir, chamando a atenção da imprensa nacional e toda a publicidade negativa que conseguir gerar. Estão usando o decreto das creches para entrar nos tribunais federais também, de modo que este caso poderia facilmente ter precedentes danosos capazes de afetar todas as outras igrejas, todas as outras escolas cristãs no país. Vocês não estão fazendo opções apenas para si mesmos esta noite, mas para seus irmãos e irmãs de toda parte. São a primeira pedra do dominó. Lembrem-se disso.

— A primeira pedra do dominó — Brent repetiu baixinho, sacudindo a cabeça ao pensar nisso. — Parece que a perseguição começou, minha gente.

Mark interveio.

— E então, o que acontecerá a seguir, Wayne?

— A parte mais difícil de todas, creio eu. Teremos de enviar interrogatórios ao outro lado, tomar depoimentos deles e construir uma defesa. Para aqueles de vocês que não sabem o que essas palavras significam, o interrogatório é apenas uma lista de perguntas, coisas que queremos descobrir da parte deles. Queremos saber quais são as suas queixas e o que sabem, de modo que possamos rebater seja lá qual for o argumento. Os depoimentos são parecidos. Faremos uma reunião com as testemunhas que falarão contra nós, e elas responderão as nossas perguntas sob juramento, com um taquígrafo do tribunal para fazer o registro do que elas disserem. O outro lado agirá da mesma forma com as nossas testemunhas. Supostamente, os dois lados acabarão descobrindo que testemunhos e provas serão apresentados, de modo que possam preparar seus argumentos para o julgamento.

— Então o que podemos fazer para ajudar? — perguntou Jack Parmenter, e todos os rostos na sala concordaram com a pergunta.

— Bem... — Corrigan olhou para o teto em busca de uma resposta. — Todo advogado só é tão bom quanto a informação de que dispõe. Conforme já discuti com seu pastor e com Tom Harris, estou sem tempo disponível para

fazer toda a lição de casa. Eu... — Não sabia ao certo se devia expressar suas ideias ou não. — Bem, apesar de uma certa reserva, permitam-me dizer o seguinte: é claro que estamos enfrentando pessoas agressivas, muito organizadas, altamente motivadas, com contatos e assistência em todo o país tão à mão quanto seu telefone. Eles não estão brincando, querem ganhar, e seus métodos nem sempre são limpos...

— São um bando de vigaristas, em outras palavras — disse Brent.

— Bom... — Corrigan ergueu as mãos para o ar. — Acho que não vou debater essa opinião. O que estou tentando dizer é que vocês precisam de um investigador; alguém que possa desenterrar os fatos que nossos oponentes tentarão ao máximo esconder. Já enfrentei a acal antes e eles não cooperam quando se trata de fornecer qualquer informação em resposta a interrogatórios. São dissimulados, maquinadores, fraudulentos e implacáveis. Respeitando os limites cristãos, naturalmente, vocês necessitam de alguém tão implacável assim, que descubra o que precisam saber, mesmo que a acal tente escondê-lo. Isso requer tempo, habilidade e experiência; precisam de alguém que possa ajudá-los a fazer isso.

— Então, a quem vamos chamar? — questionou Jack Parmenter.

— Não sei de ninguém aqui por perto que faça o trabalho por um preço que vocês possam pagar.

De repente Ben Cole falou:

— Ora, talvez eu possa trabalhar nisso. Estou desempregado no momento; tenho tempo, ao menos por enquanto.

Amy Ryan inclinou-se para a frente a fim de ver Ben adiante de várias outras cabeças.

— Ben, não sabia que você estava desempregado. O que aconteceu?

Ele deu de ombros.

— É uma história comprida.

Bev olhou-o só por um momento.

— Você vai contar a eles?

Ben hesitou, por isso Bev mergulhou no assunto.

— Se querem falar sobre os negócios sujos que andam acontecendo, acho que Ben foi pego com o nariz enfiado onde certas pessoas não queriam. Ele descobriu alguma coisa, tenho certeza disso.

Ben se desculpou.

— Ora, isso nada tem a ver com o assunto.

Mas Bev não desistiu. Alta, esguia e atlética, estava longe de ser uma fracote e conseguia se mostrar muito persistente quando tinha de lutar pela verdade.

— Pelo contrário, talvez tenha tudo a ver com o assunto. Sabem aquele suicídio que aconteceu há cerca de duas semanas?

Alguns sabiam, alguns não. Poucos enxergavam o que uma coisa tinha a ver com a outra.

— Ben acha que foi assassinato, mas os tiras estão encobrindo tudo. Acho que ele chegou muito perto de descobrir a verdade e por isso o despediram.

Ele ergueu a mão e sorriu, desculpando-se.

— Olhem, a história é muito boa. Prometo contá-la para vocês depois.

— Oraremos sobre o assunto esta noite — disse Mark com toda sinceridade.

Ben assentiu com a cabeça.

— Obrigado. De qualquer jeito, eu só queria dizer que ficarei feliz em colaborar no que for possível. Estou disposto a ajudar em parte das investigações; só me digam o que fazer.

Mark agradeceu a Wayne Corrigan e em seguida encaminhou-se para o centro da sala.

— Vamos orar. Acho que teremos uma verdadeira montanha de coisas para fazer, e todos os tipos de batalhas para lutar no nível natural: contra as intrigas dos homens, contra todas as jogadas de efeito escondidas nos tribunais, contra o desafio financeiro que isto vai ser. Mas parte alguma da batalha será vencida

se não lutarmos primeiro onde a verdadeira batalha acontece, ou seja, no reino espiritual.

— Pastor — disse Donna Hemphile —, posso só dizer uma coisinha?

— Diga.

Dona Hemphile colocou-se em pé e dirigiu-se ao grupo.

— Sinto um espírito de derrota no grupo esta noite, por isso só quero que todos nós saibamos que não temos de aceitar nada disto! Deus é a nossa vitória e ele já venceu por nós! Tudo o que precisamos fazer é avançarmos e nos apoderarmos dessa vitória. Simplesmente colhê-la como uma fruta madura!

— É isso aí — concordou alguém.

— Amém — disse Jack Parmenter.

Donna continuou falando nesses termos. Suas mensagens à congregação costumavam demorar além do necessário, porém suas palavras eram sempre encorajadoras. Por isso todos aprenderam a tolerá-las com paciência.

Tal podia sentir o Espírito de Deus falando e percebeu Cathy Howard ouvindo a voz mansa do Senhor.

Cathy inclinou-se e sussurrou ao ouvido de Mark:

— Meu bem, sinto um impedimento. Não confio nela.

Ele apertou-lhe a mão em sinal de que recebera a mensagem. Donna continuava:

— Temos o direito de falar o que quisermos e ver acontecer. Precisamos buscar em nossos próprios corações a força que é nossa!

Muito bem, já bastava. Com destreza, mas muito boas maneiras, Mark retomou a palavra e prosseguiu:

— Vamos todos clamar ao Senhor esta noite e lhe pedir que nos ajude e guie através de tudo isso. Como disse Jônatas, o Senhor não é constrangido a vencer nem por muitos, nem por poucos. Se Deus estiver do nosso lado, ele fará as coisas acontecerem exatamente como deseja. Oremos.

Os santos se uniram em oração, um verdadeiro concerto de louvor e súplica. Concordes de coração, tinham um só propósito, como um corpo

realmente. Pediram a direção especial de Deus para Wayne Corrigan que trabalhava no caso, e clamaram ao Senhor em prol da escola. Jack Parmenter orou pelas crianças que ainda continuavam ali matriculados, para que sua educação e treinamento espiritual persistissem fortes e claros. A sra. Fields orou em favor de Tom, para que o Senhor lhe desse forças e o reunisse aos filhos. Brent Ryan orou por Lucy Brandon e os outros que moviam a ação contra eles; Mark orou por Ben e seu problema de emprego.

Tal sentia um bom concerto de oração ali, ao mesmo tempo em que o perturbava uma presença má no grupo. Em algum lugar, de alguma forma, o Destruidor plantara uma infecção invisível, insidiosa. Tal podia senti-la crescendo. Destruidor trabalhara bem; na superfície, a infecção era quase impossível de se notar. Seria difícil desmascará-la e mesmo que as hostes celestiais a revelassem, o coração das pessoas envolvidas teria de mudar antes que o germe fosse exposto.

Da maneira comum, no entanto, inconscientes do que acontecia às ocultas, os santos continuavam a orar e, por enquanto, isso bastava.

Ben orou pedindo ajuda, qualquer ajuda, que o Senhor pudesse lhes dar — alguém que soubesse o que fazer, para onde olhar, como lutar.

E Tal recebeu sua ordem do céu.

— Vá! — disse ele.

Nathan transmitiu a ordem aos dois mensageiros que esperavam do lado de fora da casa:

— Vão!

No mesmo instante os dois irromperam em vultos de luz brilhantes, arremetendo para o céu com um ruflar de asas adornadas de pedrarias. Alçaram alturas cada vez maiores, a cidade de Baskon diminuindo até virar um aglomerado de pequeninas luzes abaixo deles, perdida no centro de um vasto planalto de quadradinhos de plantações. Em seguida, dispararam como um raio em direção ao leste, passando sobre morros verdes e montanhas cobertas de florestas como se, em um salto instantâneo, rios sinuosos, estradas rurais e

autoestradas cinzentas surgissem à frente e desaparecessem atrás num piscar de olhos.

E então chegaram a seu destino, outro aglomerado de luzes, embora muito maior que Baskon, em meio a pequenas fazendas e uma área rural. Mergulharam de cabeça na cidade, que cresceu diante deles transformando-se em um quadriculado discernível de ruas, vilas, bairros, um novo centro de compras e o gracioso *campus* de uma faculdade. Ainda havia automóveis circulando sem parar, para cima e para baixo na rua principal, besourinhos escuros com luzes vermelhas nas caudas e faróis dianteiros perscrutando as poças de luz que formavam na rua à frente. As luzes dos postes ardiam em cálido âmbar, agradável de se ver. Subindo o morro acima da rua principal, as luzes das varandas brilhavam em todas as casas onde as famílias se refugiavam da noite munidas de lições de casa, arrumação de cozinha após o jantar, talvez um jogo de futebol na televisão.

Os dois mensageiros interromperam o mergulho e dispararam pela rua principal, sulcando duas trilhas brilhantes entre as luzes dos postes. A seguir diminuíram a velocidade até flutuarem acima de um pequeno escritório em um prédio comercial, entre a nova padaria e uma loja de bicicletas. Deixaram-se cair pelo telhado e pousaram na área do escritório da frente.

O lugar estava deserto. Não havia expediente naquele momento. Detiveram-se um momento a fim de observar os arredores. O humilde e pequenino lar do jornal da cidade não mudara muito desde a última vez em que haviam estado ali. As três escrivaninhas velhas ainda se encontravam no mesmo lugar, porém uma das duas máquinas de escrever fora substituída por um computador e o sistema de telefones, ganhara uma linha adicional.

O escritório do editor, fechado por vidro, continuava o mesmo — ainda não se encaixava no prédio entulhado, apertado, sempre um pouco bagunçado. Na parede acima da escrivaninha encontrava-se um pequeno calendário indicando todos os jogos do próximo campeonato do time de futebol favorito do editor; sobre a escrivaninha, em um canto especial isolado de qualquer

papel, galé, foto ou nota rabiscada, via-se fotos emolduradas de uma bela ruiva e alguém que só podia ser sua filha, também bonita e igualmente ruiva.

Logo atrás da divisória ficava a sala de teletipo. Os mensageiros examinaram as notícias recentemente publicadas, encontraram a que queriam, separaram com cuidado das outras matérias para publicação e levaram-na ao escritório do editor. Colocaram-na bem no centro da escrivaninha.

Então esperaram. Ele a veria. Estavam ali para garantir que a visse.

Exatamente às 8 horas, uma chave girou na fechadura da porta da frente, a porta se abriu, um sininho em cima da porta tilintou e o editor entrou, acendendo as luzes, aumentando o termostato, dependurando o casaco e dirigindo-se à cafeteira. Despejou pó dentro dela, encheu-a de água e ligou-a na tomada. Depois entrou no escritório.

Os dois mensageiros lá estavam, observando cada movimento seu. O homem ainda não olhara para a escrivaninha; em vez disso, pôs-se a remexer em algumas notas fixadas no quadro de avisos acima dos fichários, resmungando palavras ininteligíveis de frustração com alguém que não fizera o que devia ter feito, embora dissesse que o faria. Derrubou alguns pinos do quadro de avisos e teve de apanhá-los. Em seguida, tendo removido alguns dos itens do quadro de avisos, descobriu que finalmente tinha pinos suficientes para prender cada item sem reuni-los e isso o deixou satisfeito.

Depois se encaminhou até o telefone em cima da escrivaninha e pegou o aparelho. Seus olhos deram com a cópia do teletipo que os mensageiros tinham colocado ali, mas não lhe prestou grande atenção.

O Senhor falou.

Os mensageiros ouviram sua voz claramente e se perguntaram se o sujeito grandalhão, ruivo, também ouvira. Ele ainda não usava o telefone, apenas segurava o aparelho perto da cabeça, sem se mexer. Ficou daquele jeito por apenas um momento.

Sacudiu de leve a cabeça — seu modo de dar de ombros sem chegar a dar de ombros — e depois começou a discar um número no telefone.

O Senhor falou outra vez.

Ele parou no meio e desligou. Os mensageiros chegaram mais perto a fim de ver melhor.

Sim, ele estava lendo a notícia. Ela dizia respeito à recente audiência na cidade de Westhaven. Falava no escândalo em uma escola cristã que abalara uma obscura cidadezinha rural chamada Baskon.

O Senhor falou. O homenzarrão sentou-se à escrivaninha e ouviu, segurando a notícia na mão, lendo-a de novo, devagar.

Por fim, com voz baixa, grave, de quem acordou há pouco, disse:

— Bem, Senhor... o que deseja que eu faça?

16

Próximo do litoral leste, no topo dos montes verdejantes acima de um rio pitoresco, gente do mundo inteiro encontrara um lugar especial para se reunir. Com devoção, visão e suor, haviam trabalhado para transformar um antigo acampamento da Associação Cristã de Moços em um *campus* especial, um centro de aprendizado, enriquecimento pessoal e comunitário. O Centro Ômega para Estudos Educacionais estava agora em seu décimo quarto ano de existência e crescendo a cada ano, sustentado e melhorado por professores, profissionais, estudiosos, artistas, intelectuais e peregrinos espirituais de todas as esferas de ação e de muitos países do mundo. O espírito que os ligava, que os motivava: uma visão e a esperança de paz e comunhão mundiais; a união com os ritmos da natureza e a eterna expansibilidade do Universo; a aceitação do impulso de mudar; o desafio do desconhecido.

Entre os vizinhos, o Centro Ômega era descrito em termos de gradação variada, desde rótulos como "uma vanguarda de verdade no potencial humano" até acusações como "seita satânica". As pessoas que trabalhavam, moravam e estudavam no Centro não se deixavam perturbar por isso. Sabiam que nem

todos entenderiam sua missão e propósito de imediato, mas agarravam-se ao sonho de que, com o passar do tempo, a união de todos os homens se manifestaria. Dedicavam-se a fazer que isso acontecesse.

Era cedo em uma manhã de sexta-feira. Cree, asas desfraldadas e imóveis como as de uma gaivota, deixou-se cair sobre os topos dos bordos rodeando a propriedade e deslizou acima da superfície lisa como vidro do lago Pauline, passando silencioso pelos pequenos chalés de veraneio, pelas balsas de mergulho, pelos desembarcadouros flutuantes e canoas encalhadas na praia. Subiria por trás do Centro, na esperança de evitar quaisquer espíritos que pudessem estar de sentinela perto do principal prédio da administração.

Diminuiu a velocidade, ergueu-se do lago e deixou-se perder altura aos poucos, até pousar na praia. A areia estava molhada de orvalho e uma neblina subia do lago. Barcos a remo repousavam de barriga para cima sobre cavaletes; a área de natação, isolada por uma corda, refletia o desembarcadouro dos barcos como um espelho perfeito. De um lado, nos fundos, entre árvores, encontrava-se o barco de equipamento. Cree atravessou-lhe sorrateiramente as paredes e se escondeu entre os remos, as bolas de vôlei e as raquetes de tênis.

A seguir ficou à escuta. Não distinguia som algum. A hora estava certa. O Centro parecia quase deserto agora. Era um breve período entre dois retiros educacionais. O grupo da semana terminara, fizera as malas e partira quinta-feira à noite; o grupo do fim-de-semana deveria chegar naquela noite.

Mais importante ainda: o príncipe do lugar estava ausente, sentindo-se descansado e confiante durante a calmaria, provavelmente em alguma missão de diabruras junto ao grosso das hordas demoníacas. As preces dos poucos santos fiéis na distante Baskon surtiam efeito; a cobertura de oração era leve, ainda em decadência, mas suficiente no momento. Contanto que Cree e seus guerreiros escolhessem a hora exata.

As tropas celestiais estavam ali para encontrar certo membro residente do corpo docente, uma senhora que vivia no alojamento dos professores.

Cree, com a aparência de índio norte-americano de poderosos braços bronzeados e cabelo cor-de-ébano até os ombros, era dotado da dissimulação e astúcia de um caçador habilidoso. Seus olhos penetrantes espiaram pela janela e até o outro lado do lago. Desembainhou a espada e deixou que apenas a ponta brilhasse pela janela.

Das árvores próximas, dos barcos no lago, dos chalés e das casas de barcos, da espessa mata do outro lado, pequeninos pontos de luz responderam, as pontas de centenas de lâminas angelicais.

Todos os guerreiros estavam em seus lugares, prontos.

Cree fez um rápido sinal de aceno com a lâmina. Um guerreiro apareceu de trás de um barco a remo, deslizou pela água mal roçando a superfície, ziguezagueou entre as árvores e reuniu-se a Cree no barracão. Outro guerreiro surgiu de uma casa de barcos, disparou pela água, escondeu-se atrás do cais de natação, depois deu um jeito de chegar ao barracão também. Mais dois, arremetendo de árvore em árvore e voando baixo, completaram o número que Cree desejava. Permaneceram todos por um momento no barracão, colados às paredes, olhos e ouvidos atentos.

— Ela acordará em breve — informou Cree. — Terá quatro para guardá-la. Não são fortes, mas compensam isso com a boca que têm. Não os deixem gritar.

Puxaram da espada e puseram-se a atravessar o *campus*, abrindo caminho de prédio em prédio, de árvore em árvore, suaves, furtivos.

— Claro, oras. Os zangões não prestam para grande coisa depois que completam o voo com a rainha. Por isso são simplesmente atirados fora da colmeia com o lixo. Ah! Conheço uma porção de homens que são assim mesmo, só prestam para comer e acasalar.

Pomeroy, jovial senhor aposentado de calça *jeans*, camisa de flanela e botas pesadas, falava sobre abelhas, seu passatempo e obsessão. Sally deixou-o falar

simplesmente. Quanto mais ele falasse, menos ela teria de dizer o que quer que fosse, e menos perguntas para responder sobre si mesma.

Estavam na velha caminhonete Chevrolet de Pomeroy, com a bagagem na caçamba e o lado direito amassado — ele passara por cima de um toco ao tentar arrancar um outro. Contou-lhe tudo sobre o incidente. Estava mesmo a caminho da casa de um colega apicultor a fim de examinar-lhe as colmeias quando divisou a moça solitária e errante na estrada, vestida de calça *jeans* e uma velha jaqueta azul, um gorro de meia azul na cabeça e a grande mochila apoiada nos ombros. Ele era o tipo amigável e não gostava de ver mulher sozinha pedindo carona; por isso encostou, apanhou-a e ainda lhe fez uma pequena preleção sobre os perigos de pedir carona. Depois perguntou aonde ela ia.

— Ao Centro Ômega — Sally respondera.

Quase esperara uma reação negativa por parte daquele pensador local, conservador. Aparentemente, no entanto, ele se acostumara a ter o Centro na vizinhança e não guardava ressentimentos, apenas curiosidade.

— Lá em cima deve ser interessante — observou ele.

— Não sei. Faz anos que não vou lá.

— Bem... Estamos todos à procura de alguma coisa, não acha?

Sally não queria se meter em nenhuma discussão profunda, mas respondeu mesmo assim:

— É, estamos mesmo.

— Sabe, eu descobri que o Deus da Bíblia é resposta espetacular às minhas perguntas. Já pensou nisso alguma vez?

Sally notou o chapéu de apicultura e o véu atrás do banco e usou isso para mudar de assunto.

— Ei, você cuida de abelhas?

E fora isso que levara o sr. Pomeroy a começar a discursar sobre trabalhadoras, zangões, rainhas, colmeias, mel, extratores e daí por diante. Sally

achou bom. Tirava-os dos assuntos incômodos e dava-lhe uma desculpa para não ter de falar.

— Aquele Centro fica só uns poucos quilômetros mais adiante nesta estrada. Posso deixá-la bem no portão da frente... Que tal?

O alojamento dos professores ficava em um prédio novo, de dois anos apenas, com vinte unidades. O revestimento externo das paredes de madeira compensada chanfrada de cor escura e o telhado de ripas combinava com a decoração geral do *campus*: rústico, selvagem mas funcional. Cree e seus guerreiros encontraram abundância de lugares onde se esconder no espesso matagal, logo abaixo das janelas dos fundos.

Em uma das pontas do prédio, um braço escuro, de couro liso, pendia pela janela fechada e balançava do lado de fora, as garras prateadas andando distraídas, brincalhonas, de um lado para o outro da parede. Sim, havia espíritos inimigos por ali. Aquele devia pertencer a outro membro residente do corpo docente. Era esse o seu quarto.

A extremidade oposta do prédio era uma parede lisa, sem janelas e flanqueada por grandes árvores. Cree nomeou uma sentinela e então, enquanto ela vigiava os arbustos, os outros quatro guerreiros se escondiam atrás daquela ponta do prédio, flutuavam parede acima e desapareciam no local do sótão. Só então a sentinela os seguiu.

Eles se agacharam debaixo dos caibros, os pés na manta de fibra de vidro cor-de-rosa. Agora podiam ouvir um som leve, queixoso, não muito diferente do de um violino nas mãos de um principiante. Vinha de um dos cômodos não muito longe dali. Adiantaram-se, o suporte do teto atravessando-lhes os peitos enquanto caminhavam. Encontravam-se agora acima do som.

Cree lançou-se para a frente, mergulhando devagar pela fibra de vidro e as vigas do teto até conseguir olhar dentro do quarto.

Sim. Tinham encontrado o quarto de Sybil Denning, antiga educadora, bondosa e matronal, cochilando em sua cama, não exatamente acordada. Pelo

que tudo indicava, ela se deliciava com alguns fragmentos de sonhos que ainda lhe brincavam na cabeça. Não estava pronta para abrir os olhos.

Sentado a seu lado na cama, um espírito brincalhão, pequenino, revolvia-lhe o cérebro com o dedo como se mexesse uma tigela de sopa, cantando baixinho para si mesmo, dando risadinhas entre as próprias frases monótonas, ásperas, enquanto lhe pintava quadros na mente.

— Você vai gostar deste aqui — provocou, soando como um corvo. — Vamos... Deixe seu corpo e toque a lua...

Havia três outros espíritos no quarto: um pendurado na parede feito um morcego, um de costas sobre o tapete, com os pés cheios de garras no ar, e um deitado na extremidade da cama como que dormindo. Lembravam a Cree jovens delinquentes escondidos em algum antro proibido, cometendo pecados em segredo e alegremente.

— Ah, não lhe dê *esse* aí de novo — disse o espírito pendurado na parede.

— Por que não? — quis saber o pintor de sonhos. — Ela sempre acredita.

— Posso fazer um melhor.

— Hoje à noite será a sua vez.

Cree ergueu os olhos para os guerreiros. Estavam prontos.

Os olhos amarelos do pintor de sonhos dançavam de prazer ante sua própria esperteza.

— Oooo, lembra-se deste lugar? Você já esteve aqui antes. Ele faz parte de você!

Um clarão ofuscante! Quatro anjos, quatro demônios! Espadas rutilantes, fumaça vermelha!

A sra. Denning acordou assustada.

Ó! Era de manhã. O que sonhara mesmo? Que andava sobre a lua, tocando-a, conhecendo-a como se a tivesse feito. Sim. Que lindo! Talvez fosse verdade, apenas enterrada atrás de um véu de esquecimento. Algum dia precisava analisar o que poderia significar.

Sentou-se. Estava descansada, mas não cheia de energia. Por algum motivo, sua inspiração costumeira não se fazia presente. Talvez o trabalho da semana anterior lhe tivesse esgotado o poder.

Cree e seus guerreiros se reagruparam no sótão a fim de vigiá-la. O quarto estava vazio agora, exceto por ela.

A sra. Denning se levantou, vestiu e desceu as escadas. Talvez uma breve caminhada com o frescor da manhã límpida despertasse outra vez seu potencial íntimo e recolocasse os humores criativos em circulação. Sempre dava certo.

— Pronto, aqui está — disse o sr. Pomeroy, encostando perto de uma larga entrada de pedriscos que se curvava para dentro do bosque. Bem ao lado da estrada via-se uma bela placa, tratada com jato de areia: CENTRO ÔMEGA PARA ESTUDOS EDUCACIONAIS.

Sally empurrou a porta e pulou fora.

— Muito obrigada.

— Que Deus a abençoe — desejou o bondoso homem.

Mais exemplos de um pensamento tradicional, ela concluiu.

— Claro. Se cuide.

Ele fez que sim com a cabeça e sorriu. Ela fechou a porta da cabine e tirou a mochila da carroceria da caminhonete. Acenou e ele se foi, aparentemente cheio de abelhas e colmeias na cabeça.

O barulho da velha caminhonete se desvaneceu, restando então apenas o silêncio da manhã na montanha. Sally permaneceu imóvel por um momento, olhando fixo a placa. Concluiu que provavelmente a haviam repintado em alguma ocasião, mas fora isso, continuava a mesma. A entrada de pedriscos também era a mesma. Quantos anos haviam passado? Pelo menos dez.

Tinha medo, mas precisava arriscar. Começou a subir a entrada de pedrisco, vigiando cuidadosamente todos os lados. Tentou lembrar como era, onde ficava cada coisa. Tinha a esperança de que nada lhe escapasse à observação e a surpreendesse.

A velha caminhonete do sr. Pomeroy subiu roncando a estrada na montanha e descreveu uma longa curva. Quando a estrada passou por trás de um bosque fechado, o som da caminhonete desapareceu logo, substituído pelo farfalhar murmurante de asas sedosas.

Quando a estrada reapareceu, Si, o indiano escuro, estava no ar, as asas desfraldadas e a espada na mão. Com uma explosão de energia, ele ganhou altura em linha quase reta e fez um semicírculo, voltando na direção do Centro.

A sra. Denning sentiu-se melhor com o ar fresco, andando pelo caminho liso de asfalto que ficava entre as salas de aula e os salões de reunião. Logo o *campus* estaria cheio de gente outra vez e essa solidão repousante terminaria. Com certeza estava bastante agradável naquele momento; lá ia um esquilinho subindo a árvore, e como os pássaros tagarelavam!

Ó, mas o que era aquilo? Alguém chegando antes da hora? Pouco além do campo de esportes, uma jovem subia a estrada principal que levava ao conjunto. Seus olhares se encontraram.

Cree tocou nos olhos da sra. Denning. *Calma lá... Não enxergue tão bem assim*. Em seguida ele disparou para dentro das árvores, sumindo de vista. Em algum lugar, os outros guerreiros estavam presentes, prontos e invisíveis.

Sally observou com cautela a mulher de quem se aproximava. Não tinha certeza de quem poderia ser. Receava que já se conhecessem. Continuou andando.

Enfim, as duas se encontraram face a face, diante do pitoresco Café Cabana de Toras.

— Olá — cumprimentou a sra. Denning. — Quem é você?

Sally sorriu, a mente já bem longe, no entanto, há mais de dezoito anos de distância.

Eu conheço esta mulher.

A mulher à sua frente, trajando calça cinza e um moletom esportivo do Centro Ômega, estava dezoito anos mais velha, mais grisalha, o rosto mais enrugado. Contudo, os olhos cinzas mantinham o mesmo brilho e a cabeça, a mesma inclinação bem-humorada quando ela falava. Era Sybil Denning!

Sally recuperou a fala já com o nome em mente que resolveu usar:

— Er… sou Bethany Farrell. Estava passando por aqui e alguém me disse que encontraria um lugar para ficar se subisse a montanha.

A sra. Denning sorriu.

— Ora, até pode ser que sim. Temos lugar onde se pode acampar durante a noite e alguns bons chalés. Estamos esperando algumas pessoas que chegarão esta tarde para um retiro de fim de semana, mas é um grupo pequeno. Tenho certeza de que ainda restam alguns quartos desocupados. O que tem em mente?

— Ó, apenas um lugar quente, ao abrigo da chuva, alguns cobertores, talvez um colchão.

A sra. Denning riu.

— Ah, podemos oferecer um pouquinho mais do que isso! Escute, o escritório ainda demora algumas horas para abrir. Acho que os Galvin já estão de pé a essa hora; talvez abram o restaurante e a gente possa tomar uma xícara de café, está bem?

— Está.

A sra. Denning voltou-se rumo ao Café Cabana de Toras e Sally a seguiu.

— A propósito, sou Sybil Denning.

— Prazer em conhecê-la.

— Desculpe. Como é mesmo o seu nome?

— Bethany Farrell.

A sra. Denning se deteve no grande pátio à frente do restaurante.

— Bethany Farrell... — Olhou fixo para Sally por um instante. — Não sei por que tenho a impressão de conhecê-la. Como se escreve seu último nome?

— F-a-r-r-e-l-l.

A mulher fez que não com a cabeça, de leve.

— Não... Não parece familiar. Diga-me, já nos encontramos antes?

O sargento Mulligan dirigiu-se ao correio assim que recebeu o chamado. Estacionou o carro sem o menor alarde, subiu as escadas em absoluto silêncio e, silenciosamente ainda, encontrou a agente de correio Lucy Brandon. Quase estourou uma veia tentando se conter.

— Oi, Lucy — disse, talvez alto demais.

— Ó, olá, Harold — ela respondeu detrás do balcão. Ajudava uma freguesa a resolver se mandava algo de primeira ou quarta classe. A mulher baixinha parecia incapaz de se decidir. Lucy voltou-se para Debbie, que acabava de entregar uma caixa de pintinhos a uma ginasiana atordoada.

— Debbie, você poderia terminar de atender a senhora Barcino?

Debbie aproximou-se e começou verificando o peso do pacote na balança.

— Quarta classe?

A sra. Barcino ainda não se deu por satisfeita.

— Bem, não sei... Desse jeito demoraria mais, não é?

Lucy passou depressa para a sala dos fundos e abriu a porta com os dizeres reservado para funcionários para Mulligan. Ele entrou, mão no quadril, remexendo os pés em sinal de nervosismo. Lucy não disse nada, mas entrou rápido atrás de uma divisória, de modo a ficar isolada. Mulligan seguiu-a e quando ambos se viram resguardados de algum olhar vigilante, ela lhe mostrou uma carta ainda no envelope fechado.

Mulligan segurou-a entre os dedos grandes, leu o endereço e o endereço do remetente — na verdade, apenas um nome — e não fez qualquer comentário. Não conseguiu pensar em nada para dizer.

A carta estava endereçada a Tom Harris. No canto superior esquerdo, o nome de Sally Roe.

— Quando foi que isto chegou? — perguntou Mulligan.

— Hoje. E olhe a data do carimbo: três dias atrás apenas.

Mais uma vez Mulligan não conseguiu pensar em nada para dizer.

Lucy estava muito preocupada.

— Não entendo. Acho que poderia ter ficado perdida em algum canto, ou ter sido reenviada, não sei, mas... Ela só traz um carimbo, e... de um lugar a meio país de distância.

Mulligan murmurou:

— Alguém está sendo bem mórbido. É uma piada.

— Bom, não tem endereço para o qual a possamos devolver. Não sei.

— Podemos abrir esta coisa?

— Não, não podemos mexer com a correspondência...

— Hum.

— Mas é meio apavorante. A data é posterior ao suicídio de Sally Roe. E se Sally Roe ainda estiver viva em algum canto?

Mulligan não soube lidar muito bem com a pergunta.

— Não está! Isso é loucura!

Ela levou o dedo aos lábios na tentativa de fazê-lo aquietar-se.

Tarde demais. A explosão de Mulligan já chamara a atenção de Debbie. Ela acabara de atender a sra. Barcino e podia ver um pouquinho do que acontecia atrás da divisória.

Mulligan esforçou-se para encontrar uma saída:

— Bem... Ouça, não sei o que é tudo isto, mas deixe-me levar a carta e averiguar o que está acontecendo.

— Mas ... é correspondência!

Ele ergueu a mão.

— Ei, só vamos atrasar a entrega, mais nada. Precisamos verificar o que houve.

— Mas...

— Se Tom Harris algum dia receber esta carta... Nunca se sabe, ela poderia até atrapalhá-lo na ação judicial.

Lucy hesitou quando ouviu isso.

— Mas estou preocupada com a lei...

— Não precisa. Nós protegeremos você. Farei apenas que alguns amigos examinem isto aqui e a devolveremos para você.

— Você não vai abri-la...

— Não se preocupe. Simplesmente não se preocupe com nada.

Ele guardou a carta no bolso e saiu, deixando Lucy perturbada, curiosa, nervosa e, sim, preocupada.

Debbie viu quando ele colocava a carta no bolso. Ela não sabia o significado daquilo tudo; só achou que talvez um dia valesse a pena lembrar-se desse fato.

Ela não foi a única testemunha do ato. Dois pequenos espíritos seguiam Mulligan, adejando sobre seus ombros como mosquitos enormes, de olhos grudados na carta, fungando e sibilando em uma conversa secreta frenética.

Mulligan entrou no carro e ligou o motor. Teria de dar alguns telefonemas quando retornasse à delegacia.

Os espíritos tinham visto o suficiente.

— Destruidor! — sibilou um deles.

— Ele nos recompensará por isto! — babou o outro.

Saíram em disparada pela rua, derrapando nas curvas sobre capotas de carros e caminhões, desviando dos postes, avançando pra lá e pra cá, em meio a lojas e negócios. Destruidor devia continuar por perto; em breve o encontrariam.

Logo abaixo deles, despercebido, um grande carro marrom descia a rua da Frente. O homenzarrão que o dirigia passeava tranquilo pela cidade, procurando apenas sentir o lugar. Não era grande coisa, a cidade. De um lado ficava o único posto de gasolina, que se gabava de oferecer preços módicos e consertar pneus de graça para as senhoras. Ao lado ficava a Mercearia Baskon, um armazém veterano de muitas épocas difíceis, bem como o velho trator coberto de ferrugem, estacionado na lateral sobre a grama da altura dos eixos.

Do outro lado da rua ficava a Casa Agrícola de Ração Myers. Os negócios pareciam estar indo bem, pois havia uma porção de caminhonetes bastante

gastas a sua volta e diversos chapéus de tratoristas para todo lado. Depois vinham os elevadores de grãos, as altas sentinelas eram visíveis por muitos quilômetros, ostentando o nome da cidade para qualquer pessoa que por acaso se perguntasse o que todas aquelas pequenas construções faziam naquele fim de mundo. O supermercado Bom Preço parecia fora de lugar; precisava de outras lojas ao redor para perder esse ar de desajustamento.

— Então, aonde vamos agora? — perguntou o grandalhão à esposa.

Ela estava sentada a seu lado, tão radiante na vida real quanto na foto que ele mantinha sempre em cima da escrivaninha.

— Que igreja era aquela por que passamos, lá atrás?

— Metodista, eu acho.

— Ó, aqui está uma luterana.

— Sim. Muito atraente.

— Então, onde podemos encontrar uma Igreja do Bom Pastor?

— Estamos deixando a comunidade para trás, Kate. Precisamos voltar.

— Acho melhor perguntar a alguém.

Ele estacionou na frente da Barbearia do Max, para grande interesse dos dois cavalheiros sossegados que ocupavam suas cadeiras de madeira na varanda da frente.

— Olá — cumprimentou ele, e os dois se puseram de pé e chegaram mais perto.

— Ora, olá — respondeu Ed.

— O que desejam? — Mose quis saber.

— Estou à procura da Igreja da Comunidade do Bom Pastor.

Os dois homens grisalhos se entreolharam e trocaram uma piada silenciosa e muito pessoal com os olhos.

Ed reclinou-se contra o carro e quase botou a cabeça para dentro pela janela.

— Você é outro repórter?

— Bem... de certa forma, sim. Er... Não exatamente.

Mose postou-se atrás de Ed para fazer sua pergunta, enquanto o amigo permanecia no mesmo lugar, o nariz quase atravessando a janela, dando uma olhada no sujeito grandalhão.

— Acho que não há ninguém na igreja agora. Mas a escola está aberta, e talvez o pastor esteja lá, mas ele e aquela outra senhora...

— A senhora Fields — emendou Ed.

— Isso. Eles devem estar muito atarefados com as crianças no momento. Se bem que o quente mesmo dessa história toda é Tom Harris. Se você quiser falar com *ele*...

O homem olhou para a esposa. Ela já estava com uma sobrancelha erguida. Aquela era uma notícia importante na cidadezinha. Ele se voltou para Mose — e Ed, impossível de ignorar.

— Está bem. Onde posso encontrar Tom Harris?

— Está quase lá. Suba até o banco, vire à direita. Aquela é a Estrada do Lago. Siga por uns 800 metros e verá primeiro a igreja, à esquerda, e depois a casa do Tom Harris. Fica bem do outro lado do lago, à direita, verá uma casinha branca com um terraço de vidro na banda sul.

— De onde vocês são? — perguntou Ed.

— De um lugar do qual você nunca ouviu falar.

— Perguntei por perguntar.

Ed se afastou e deu um pequeno aceno quando o carro partiu.

Mose limitou-se a ficar olhando com um sorriso no rosto.

Ed balançou a cabeça com grande convicção.

— Ele é repórter, Mose. Sei que é.

Tom repassava algumas notas que escrevera para os interrogatórios futuros. Wayne Corrigan dissera que a acal provavelmente tentaria se esquivar da maioria de suas perguntas, porém ele as faria de qualquer jeito. Tinha uma porção de dúvidas a esclarecer com aqueles tipos e começaria a se preparar para isso desde já.

Alguém bateu à porta. Ele fechou a pasta e a enfiou na prateleira. Só então abriu. Sua primeira impressão foi de que se defrontava com outro grupo de jornalistas, só que esses dois provavelmente eram casados, pelo modo como se colocavam próximos um do outro. O homem era alto, de aspecto forte, na meia-idade aproximadamente, trajando roupa esporte. A esposa era atraente, também em trajes esportivos, mas irradiando tranquila dignidade.

— Tom Harris? — perguntou o homenzarrão.

— Sim — respondeu ele, sem nenhum esforço para esconder sua contrariedade diante dos estranhos. — E vocês, quem são?

— Meu nome é Marshall Hogan e esta é a minha esposa, Kate. Viemos de muito longe e gostaríamos de conversar com você.

17

Tom fez da ocasião um almoço. Convidou Mark e Cathy, Ben e Bev, e Wayne Corrigan. Corrigan estava no tribunal e não pôde comparecer, porém os outros aceitaram correndo. Reuniram seus sanduíches, batatas fritas, saladas e refrigerantes e se juntaram aos dois forasteiros no quintal de Tom para um encontro sério, uma avaliação profunda do tal Marshall Hogan. Claro, ele era cristão e, claro, ele próprio enfrentara interessante batalha espiritual; mas também era membro da imprensa e, àquela altura, a imprensa deixara de ser considerada amistosa ou confiável.

Sentaram-se em um círculo de cadeiras no quintal, mastigando sanduíches e conversando gravemente. Marshall contou, em estilo conciso, jornalístico, a aventura que vivera na cidade de Ashton. Todos ficaram espantados. Naturalmente, a conspiração de fundo ocultista para controlar Ashton e o desmantelamento da trama toda não fora reportada pela imprensa nacional. Nenhuma das pessoas sentadas no quintal aquele dia ouvira falar de tal lugar, muito menos do que lhe acontecera.

— Tampouco eu jamais ouviria falar de vocês — disse Marshall —, se a coisa toda não tivesse tanto potencial para o escândalo. Olhem, este tipo de

acontecimento a imprensa chama de notícia. Vende jornais e foi assim que chegou até mim: via teletipo. Pelo que vi no material para publicação, lendo nas entrelinhas, é lógico, vocês enfrentam a mesma coisa que nós enfrentamos, só que pior.

Mark perguntou:

— Então você não se decepcionou com os relatos do nosso "comportamento religioso ultrajante"?

— Talvez o comportamento de vocês seja *de fato* ultrajante. Talvez sejam como tantos cristãos que enxergam demônios debaixo de toda toalhinha de crochê. Talvez mereçam a ação judicial e a publicidade que estão recebendo. — Marshall fitou cada um deles nos olhos ao falar. — Ou talvez toda essa coisa seja legítima. Se for, então eu poderia ficar por aqui e fazer o que estiver ao meu alcance para ajudá-los. Tenho uma moça que pode cuidar do jornal enquanto eu estiver fora. Tenho condições de arcar com minhas próprias despesas, até certo ponto. Sou bom em bisbilhotar, sei desenterrar coisas e sei brigar. Se o que está acontecendo aqui for o que parece, estou disposto a me colocar à disposição de vocês, e Kate também.

Seria ele uma resposta de oração? Mark se dispunha a investigar melhor o assunto, com o que todos concordaram. Decidiram contar a Marshall os detalhes da ação judicial e do estranho incidente envolvendo Amber Brandon que dera início a tudo. Marshall ouviu a história toda com atenção e pareceu acreditar nela.

Afinal, perguntou:

— E daí, Ametista voltou a aparecer?

Tom pensou na pergunta um instante.

— Não da mesma forma. Amber ficou quieta, mas andava realmente muito estranha... Deprimida, nervosa, desatenta. Não conseguia ficar quieta durante as nossas devocionais matutinas e não suportava ouvir a Palavra de Deus. Agora sabemos por quê. Ametista não podia mais se manifestar na escola, porém nunca foi embora de vez.

— Um caso mais difícil do que você imaginava, creio eu?

Tom voltou-se para Cathy Howard.

— Por que não conta a ele o que Alice Buckmeier lhe disse?

— Alice Buckmeier é uma viúva que frequenta a nossa igreja. Um amor de pessoa — explicou Cathy. — Não faz muito tempo, quase na mesma época em que esta ação começou, Alice estava no correio enviando um pacote quando escutou uma grande comoção. Virou-se e deparou com Amber aos berros com uma freguesa. Lucy Brandon, a agente, saiu da sala dos fundos e tentou aquietar a filha, porém a menina continuou berrando. Alice contou que Amber empinava como um cavalo, correndo em círculos ao redor da mulher, gritando com ela e quase a matando de susto. A mulher fugiu dali correndo, apavorada, e Alice ficou... parada no lugar, abismada com tudo aquilo.

— Quem era a mulher?

Cathy deu de ombros.

— Alice não sabia; nunca a vira antes. De qualquer forma, Lucy Brandon correu atrás de Amber pelo saguão do correio por muito tempo, e acho que finalmente Amber se acalmou e agiu como se nada tivesse acontecido, como se submetida a uma completa mudança de personalidade. Ora, isso parece... bem...

Marshall assobiou ao ouvir a história.

— Isso parece cada vez mais convincente.

Tom, entristecido, meneou a cabeça apenas.

— Agora tente convencer o resto do mundo.

— Certo. — Marshall tirou alguns recortes de notícias de sua pasta. — O jornal *A Estrela de Hampton* parece saber tudo a respeito de vocês.

— E a maioria dos grandes jornais também — acrescentou Mark. — A história foi transmitida pela upi e ap. Imagino que o país inteiro fala disso agora.

— Ó, claro. Vejo que estão explorando o aspecto do abuso infantil: "Crianças vítimas de comportamento fundamentalista bizarro." Que bom. Ou

então este aqui, da costa leste: "Religião e abuso: por trás das portas de uma escola particular." Ah, sim, eu queria mesmo lhes perguntar sobre este: "Escola cristã responde a intimação de tribunal." A matéria afirma que vocês ainda não tinham decidido se cumpririam ou não as ordens do tribunal. Onde está aquela citação? Achei: "'Precisamos obedecer antes às leis de Deus do que às dos homens', disse o pastor Mark Howard."

Mark fez que sim com a cabeça e viu-se na obrigação de dar risada.

— É verdade, eu disse isso, mas creio que minha declaração completa foi no sentido de que ouvíramos as manifestações de gente de ambos os lados da questão; algumas diziam que precisávamos obedecer às autoridades constituídas por Deus, enquanto outras afirmavam que deveríamos obedecer antes às leis de Deus do que as dos homens. Parece que usavam a última parte do meu depoimento, mas não a primeira.

— Mas afinal, o que resolveram?

— Por enquanto, nos submeteremos à ordem do tribunal. Achamos que seria melhor para nós, até o final da ação. Depois teremos de reexaminar a questão.

Bev falou:

— Isso só mostra como as pessoas detentoras do poder conseguem decidir o que devemos ou não saber. É a mesma coisa que aconteceu com o Ben.

— Isso não é nada... — Ben começou a dizer.

Bev ficou furiosa.

— Nada? Deixou você sem emprego, portanto, não acho que seja *nada*!

Cathy defendeu Bev.

— Tem alguma coisa errada acontecendo lá no departamento de polícia. Uma senhora foi morta poucas semanas atrás e eles dizem que foi suicídio, mas Ben acha que foi assassinato. Agora eles resolveram esconder a coisa toda.

— E o *A Estrela* também está escondendo — explicou Bev. — Viram o artigo de nada que publicaram afirmando que tudo fora mesmo suicídio? —

Marshall se limitou a menear a cabeça. — Aqui, está vendo? Não se preocupe, ninguém viu. Eles não queriam que ninguém visse o artigo.

Marshall conseguiu intercalar uma pergunta:

— Ben, o que aconteceu com seu emprego?

— Eles o puseram na rua — adiantou-se Bev. — Ele sabia demais.

Ben riu e colocou o braço em torno da esposa.

— É como eu vejo a coisa, sim.

Marshall pensou um instante no que acabava de ouvir.

— Está bem. Talvez tenhamos de conversar mais a respeito desse assunto depois. Mas voltemos agora ao cerne da questão: Amber. Tom, você disse alguma coisa sobre ela alegar ter aprendido todo esse negócio na escola primária.

— Certo. A classe da senhorita Brewer. Acredito nisso. As instituições de ensino têm feito experiências com todo tipo de currículo escolar. Pode ser que alguma matéria ocultista bem disfarçada tenha se infiltrado neste caso.

— O que você sabe a respeito da senhorita Brewer?

— Absolutamente nada. Acho que ela é nova, começou este ano.

Cathy confirmou:

— Ela é nova sim. Tenho algumas amigas que a conhecem.

— Muito bem, teremos de conversar com elas e ver o que sabem. A própria senhorita Brewer pode ter trazido novidades para o currículo, ou talvez o conselho escolar esteja experimentando algo novo. De qualquer jeito, seria bom saber como Amber se tornou o que é e conseguir prová-lo. O que me diz, Kate? Que tal fazer uma visitinha à senhorita Brewer?

Ela ergueu os olhos das anotações e sorriu, pensando na aventura.

— Estou morrendo de vontade.

— Muito bem... Pessoas com interesses semelhantes tendem a se agrupar, como nós agora, e isso é chamado de rede de relacionamentos. Uma vez participantes de uma rede, as pessoas começam a trabalhar juntas, o que lhes dá um poder desconhecido até então. Gostaria de saber até que ponto a cidade

está interligada por uma rede de grupos ocultistas ou cósmicos de qualquer espécie, que talvez já estejam até nas escolas. Talvez se tenham infiltrado inclusive em outras áreas do poder.

— Temos o Círculo Vital— informou Mark.

— Uma comunidade ocultista?

— Ó, sim, a gente ouve falar muito deles pela cidade. Vendem ervas e literatura mística, holística, lá na mercearia. Falam alguma coisa sobre um "círculo de apoio de amigos devotado ao crescimento e à evolução pessoais".

— Quem pertence a esse bando?

Todos se entreolharam na mesma hora. Ninguém sabia ao certo quem estava envolvido naquilo.

— Não consigo pensar em ninguém assim de pronto — explicou Mark. — Eles não atuam muito em público; não são muito visíveis.

— A senhorita Brewer é uma dessas pessoas?

Ninguém sabia.

— E Lucy Brandon?

Não houve resposta.

— Bem, é melhor descobrirmos então. Ainda não conseguimos ver nada e talvez o que procuramos não seja só esse tal de Círculo Vital, mas algum tipo de conexão, algum tipo de ligação entre os sujeitos da acal, Claire Johanson, Lucy Brandon, a senhorita Brewer e, por fim, Amber. Temos de conhecer o inimigo antes que possamos enfrentá-lo. — Marshall tomou as últimas gotas do seu refrigerante. — E acho que vocês sabem que esta é uma batalha espiritual. Como andam as coisas nesse departamento? Vocês têm bons guerreiros de oração?

A reação não foi imediatamente afirmativa. A dúvida se instalara em cada rosto.

Mark tentou explicar:

— Tem sido duro por causa da ação judicial, por causa das acusações lançadas em cima de Tom. As pessoas aqui presentes hoje estão todas orando,

mas de fato a igreja vem encontrando dificuldades com essa história toda. Temos muitos membros bastante aborrecidos. Ainda tento dar um jeito para controlar toda a conversa que circula por aí.

— Quer dizer que o pessoal conversa, mas não ora?

Mark assentiu com a cabeça.

— É mais ou menos isso.

Marshall pensou no assunto e fez que sim com a cabeça, silenciosamente.

— Parece uma estratégia de Satanás. Se ele puder dividir a igreja e separar vocês em campos isolados, seu trabalho será moleza.

— Então — propôs Mark —, podemos orar agora, só nós. Sei que estamos juntos neste negócio.

— É, vamos fazer isso — concordou Ben.

Eles oraram demoradamente. Marshall e Kate se uniram a eles, o que significou muito para todos. Sem sombra de dúvida havia união ali, unidade de espírito. O homenzarrão vindo de tão longe e a esposa não pareciam estranhos de forma alguma, mas companheiros de combate. Isso era a mão de Deus.

Não muito depois de Mark ter proferido o último "Amém", Marshall fez a pergunta final.

— E então, o que lhes parece? Querem deixar a gente entrar nessa e ver o que acontece?

Àquela altura já se sentiam prontos. Mark adiantou-se e ele e Marshall selaram o acordo com um aperto de mão.

— Existe comunhão entre nós, irmão.

— Muito bem. Já tenho alguns projetos em mente. Cathy, veja o que suas amigas podem nos dizer sobre a senhorita Brewer. Depois Kate fará uma visita pessoal a ela. Bev, precisaremos conversar com Alice Buckmeier a respeito do incidente no correio, e, se possível, obter mais detalhes com ela; talvez então possamos descobrir onde foi que Amber conseguiu esse amigo cavalinho e com quem estamos lidando realmente. Verei se consigo averiguar esse Círculo Vital e descobrir quem está envolvido.

As ideias pareceram muito boas a todos.

O grupo começou a se dispersar. Cathy e Bev puseram-se a tirar os pratos da mesa de piquenique; Mark e Tom, a dobrar as cadeiras.

— Ó, Ben... — chamou Marshall, e Ben uniu-se a ele junto à cerca dos fundos. Marshall se recostou na cerca e correu os olhos por um pasto verde, largo, que dava para o quintal de Tom. — Você era tira, não?

— Sim. *Era*. Fui mandado embora há duas semanas.

— Porque chegou perto demais de algo que eles tentavam esconder?

Ben sorriu, se desculpando.

— Bom... Olhando hoje para o que aconteceu, não tenho certeza. Só sei que a coisa toda me parecia suspeita.

— Digamos que você descobriu alguma coisa. Conte-me o que foi.

Ben olhou umas vacas malhadas pastando preguiçosas à distância.

— Não faço a menor ideia, Marshall. O fato é que a falecida, uma mulher chamada Sally Roe, foi morta de forma violenta — pelo menos era o que indicavam as evidências. Havia sinais de luta, uma blusa manchada de sangue, um pouco de ração de cabras derramada. O corpo, encontrado dentro de um cercado de cabras, jazia no chão como se tivesse ocorrido uma luta violenta. O médico legista atribuiu a morte à asfixia por enforcamento — a mesma conclusão a que chegara inicialmente o sargento Mulligan. Mas não acho que essa conclusão seja coerente com a situação encontrada na cena do crime. Quando a proprietária, a senhora Potter, encontrou o corpo, ele não estava dependurado nos caibros, não havia corda em volta do pescoço nem amarrada aos caibros. A falecida estava com uma corda na mão, isso sim. E o corpo jazia na grama, do mesmo jeito que o encontramos. Também me perturba o fato de que, quando recebemos o chamado, o sargento Mulligan se referiu a ele como suicídio antes até de ter ido para lá. Tenho certeza de não lhe ter dado nenhuma informação que o levasse a pensar isso.

Ben continuou:

— Acrescente a isso algo inquietante que descobri conversando com gente que conhecia Sally Roe antes que ela morresse. A descrição que fizeram de Sally não batia com a da mulher que encontramos no cercado das cabras. O que nos leva a implicações assustadoras. A coisa toda não faz sentido algum e ainda estou incomodado com isso.

— Vejo que vocês têm toupeiras nesta parte do país também — Marshall comentou, apontando alguns montinhos novos no quintal.

Ben ficou um tanto desapontado. Aparentemente suas preocupações não tinham importância para o homem que se dizia tão interessado nos problemas enfrentados por ele e os amigos.

— Bom... sim. É difícil ficar livre delas. Quando surgem no meu quintal, destruo os montinhos com uma pá de pedreiro para que não matem a grama. Não há muito mais que se possa fazer.

Uau, pensou Ben, *que conversa idiota isso está virando*.

— Parece que os vizinhos também têm o mesmo problema. — Marshall apontou vários montinhos no pasto.

— É, elas se espalham por aí — explicou Ben, pronto para pôr fim àquela conversa desapontadora, olhando a sua volta sem parar.

— São duas propriedades diferentes aqui — Marshall comentou, olhando de um lado para o outro da cerca. — Tom tem uma toupeira, e aquele fazendeiro tem uma toupeira. — Então Marshall ficou olhando para Ben um instante, até contar com sua total atenção. — Quanto você quer apostar que os montinhos deste quintal e os montinhos daquele pasto foram feitos pela mesma toupeira?

Ben interrompeu todos os seus outros pensamentos e prestou atenção. O sujeito queria dizer alguma coisa que parecia interessante.

Marshall enfatizou seu ponto de vista:

— Ben, daqui de onde estamos, acima do solo, pensamos em termo de limites de propriedades, de domínios separados. Tom tem o seu quintal, o fazendeiro, seu pasto, e as duas propriedades se dividem por esta cerca. Mas e a

toupeira? A cerca não a detém; ela simplesmente vai aonde bem entende e constrói seus montinhos de terra. No que lhe diz respeito, é tudo apenas um grande pedaço de chão.

— Continue — pediu Ben.

Marshall sorriu, fechando um pouco os olhos por causa do sol, a brisa soprando-lhe o cabelo ruivo.

— A Academia Bom Pastor tem um problema e você tem um problema. A Academia tem uma toupeira e você tem uma toupeira. Estou sugerindo que poderiam ser a mesma toupeira. Falamos de guerra espiritual aqui; os espíritos não querem nem saber de quem é o quintal, ou onde nossas cercas possam estar.

— Mas o que exatamente você está querendo dizer?

— Estou querendo dizer que eu me sentiria muito melhor se você e eu conseguíssemos descobrir tudo o que for possível sobre essa tal de Sally Roe.

Ben sentiu-se melhor.

— Sabe, eu esperava que alguém visse a coisa dessa maneira.

— Acho que Bev já o fez.

Ben pensou no assunto com cuidado.

— Tem razão. — Em seguida aproveitou para desenterrar uma ideia que deixara de lado. — Eu pretendia fazer uma averiguação criminal de Sally Roe antes de ser despedido. Acho que ainda poderia levar a ideia adiante; tenho um amigo na polícia de Westhaven que talvez faça isso para mim.

Marshall examinou de novo os montinhos de terra.

— Mal posso esperar para ver.

18

Sybil Denning era uma pessoa bondosa e sociável. Parecia jamais esgotar seu estoque de palavras ou assuntos. Ela e Sally passaram a maior parte da manhã perambulando pela propriedade do Centro Ômega para Estudos

Educacionais. A sra. Denning passou o tempo todo indicando os prédios e para que serviam e quais os novos projetos atualmente em andamento.

— Esta praça deve ficar pronta dentro de poucas semanas — disse ela, apontando um grande pátio do tamanho de uma quadra de basquete, mas sem marcas no chão e limitada por cercas vivas recém-plantadas. — O programa de Tai Chi Chuan tornou-se tão popular que achamos melhor criar um espaço funcional para ele.

Caminharam um pouco mais.

— Aqui fica o nosso teatro. Conta com 400 lugares e é a vitrine que disponibilizamos para todas as modalidades de arte tais como música, movimento, dança, poesia, drama e assim por diante. Ó, e aqui em baixo... — Chegaram a uma grande estrutura de pedras e vidro. — Este é o nosso centro de artes terapêuticas. Tivemos várias oficinas de trabalho em sala de aula por todo o *campus*, mas desde o ano passado tentamos consolidar a pesquisa em um único prédio. Estamos experimentando novos enfoques holísticos do sistema de imunização, bem como terapia nutricional, e depois homeopatia, cristais, terapia vibracional e até medicina tibetana. Esse é um curso que pretendo fazer enquanto estou aqui. Está com fome? É quase hora do almoço e tenho certeza de que a essa altura os Galvin já têm alguma coisa pronta.

— Vamos lá — disse Sally, codinome Bethany Farrell.

Sentaram-se para um gostoso almoço vegetariano. Sally pediu arroz com legumes levemente fritos; a sra. Denning optou por uma grande salada de verduras.

— É evidente — continuou a sra. Denning, sem perder o ritmo da preleção da manhã inteira — que o alvo da educação, da verdadeira educação, não é apenas transmitir geração após geração a mesma quantidade de conteúdo acadêmico como preparo para a vida, sempre os mesmos princípios básicos, como dizem. A raça humana está evoluindo depressa demais para isso. Na educação, estamos mais preocupados em facilitar as mudanças. Precisamos

mudar as gerações futuras a fim de prepará-las para uma comunidade global. Isso significa que uma porção de ideias antiquadas sobre a realidade terão de ser jogadas fora; noções tais como nacionalismo, a prestação de contas a um Ser Supremo, até mesmo o antigo dogma judaico-cristão de moralidade absoluta. Em lugar disso, nós nos propomos a implantar uma nova visão de mundo, um plano global da realidade no qual nossos filhos percebam que toda a terra, toda a natureza, todas as forças, todo o consciente, constituem uma unidade enorme, interligada e interdependente. E já não estamos sozinhos nesse alvo; até a Liga Nacional de Educação abraçou nossa causa.

Continuou mastigando a salada como um coelho feliz.

— Assim, trazemos todas as sabedorias do mundo para este lugar, todos os sistemas de crença, todas as tradições místicas, sem excluir quase nada. Por intermédio disso tudo, a verdade pode ser encontrada pelos indivíduos onde quer que cada um deles a tenha encontrado.

— O potencial humano — disse Sally.

— Ó, sim, isso, bem como a perfeição espiritual, a consciência universal, tudo o que foi dito antes! — A sra. Denning riu com prazer. — Tem sido um tempo tão compensador para mim... Quer dizer, há muitos anos, na verdade. Dei aulas de inglês para o colegial até seis anos atrás, quando vim trabalhar com a equipe aqui.

Sally sabia disso. Embora sua lembrança da sra. Denning, a professora de inglês, remontasse a dezenove anos antes, conseguia enxergá-la como se tivesse sido ontem. Uma cena começou a brincar em sua mente. Lá estava uma sra. Denning bem mais moça, com mais cabelos castanhos do que brancos, fazendo-lhe uma carranca, brava por ter sido interrompida. Sally também estava muito mais jovem, aluna do terceiro colegial usando uma roupa de malha verde desbotada, uma saia que lhe subia acima dos joelhos e o cabelo ruivo liso, comprido, a lhe bater na cintura.

— Quem é você e por quê? — exigira saber a sra. Denning. Era uma pergunta de rotina que ela sempre usava; devia considerá-la inteligente. Para

Sally, soara rude.

Evidente que a sra. Denning não se sentia bem no momento. Tentava conduzir um grupo de reforço de leitura e quase todos os alunos eram do tipo desgrenhado, usuários de drogas, que cospe no chão. Nem conseguiam ler, nem ligavam se jamais conseguissem. A sra. Denning definitivamente não se sentia à vontade, muito menos contava com a melhor das disposições.

Tampouco Sally se sentia bem. A mãe, a quem passara quase doze anos sem ver, acabara de morrer, uma alcoólatra miserável. Sally não sentia piedade, porém o acontecimento fez aprofundar algumas atitudes que ela vinha desenvolvendo no colégio. Atitudes como fatalismo, cinismo e melancolia.

Ora, Sally só estava fazendo seu trabalho como assistente da secretaria no quarto período e tentando levar à sra. Denning uma folha numa prancheta para que fosse assinada, uma lista típica de participantes em um futuro sei-lá-o-quê voluntário. Não pediu para levar bronca. A pergunta da sra. Denning atingiu uma porção de nervos expostos.

Quem sou eu e por quê? Boa pergunta.

Ela baixou o olhar para a professora que a encarava carrancuda e respondeu, muito direta:

— Não sei, e vocês professores me convenceram de que jamais saberei.

Claro que a sra. Denning ficara danada.

— Mocinha, não gosto da sua atitude!

Naquele ponto de sua vida, Sally nem ligava para o que a sra. Denning gostava ou deixava de gostar.

— Senhora Denning, vim a esta sala porque a senhora Bakke gostaria de ter sua assinatura nesta folha. Só estou fazendo meu serviço e não mereço ser tratada com grosseria.

A sra. Denning se pôs de pé, pronta a aceitar o desafio.

— Qual é o seu nome?

— Roe, Sally Roe. R-o-... Tem um lápis?

A sra. Denning tinha um lápis.

— R-o-e. Tenho certeza de que se lembrará dele.

— Estou surpresa por deixarem você trabalhar na secretaria. A senhora Bakke vai ouvir por causa disso!

Sally estendera a prancheta.

— A senhora Bakke poderá contar com a senhora como voluntária?

A Sra. Denning pegara a prancheta e assinara às pressas.

— Agora saia daqui!

— Obrigada pelo seu tempo.

Sally já estava quase na porta quando a sra. Denning lhe disse algumas palavras de despedida:

— Isto contará contra você, mocinha!

Ela se detivera e voltara o olhar para a professora, para essa representação de autoridade.

— Bem, a senhora é a professora; a senhora tem o poder. O certo e o errado dependem da situação e a lei deriva do poder, portanto, acho que isso faz que a senhora esteja certa. — Em seguida Sally achou melhor acrescentar uma espécie de nota de rodapé dos seus comentários. — Senhor Davis, Estudos Humanos 101, sexto período.

A sra. Denning tinha a intenção de denunciar o comportamento de Sally, mas nunca o fez. Alguma coisa naquele breve encontro ficara com ela, e não, ela não se esquecera do nome Sally Roe.

A mente de Sally retornou ao presente. Ela perseguia um cogumelo pelo prato enquanto a sra. Denning continuava a tagarelar. Sally teve de sorrir ao pensar no quanto a conversa daquele dia estava sendo diferente da primeira.

— Naturalmente eu me envolvi com este lugar antes até de vir trabalhar com a equipe. Passei aqui quase todos os verões, trabalhando para aumentar os meus créditos em educação e ajudando com o programa de potencial jovem. — Sally esteve prestes a perguntar, mas não precisou; a Sra. Denning prosseguiu a fim de explicar o que era. — Diversos professores familiarizados com o Ômega participavam regularmente de um programa para recrutar jovens

de diversos colégios que representávamos em todo o país, jovens que demonstrassem verdadeiro potencial para futura liderança, que demonstrassem habilidades especiais. Eu mesma recrutei vários deles no colegial em que lecionava. Esses Jovens Potenciais, como os chamávamos, participariam de nosso programa de verão aqui no Centro, e diversos deles voltariam alguns verões em busca de treinamento intensivo. Inclusive depois de terem começado uma faculdade.

Sally sorriu. Lembrava da Denning de dezenove anos atrás, sentada à escrivaninha na sala de aula vazia durante o recreio do almoço, estranhamente agradável.

Ainda a arrogante magrela de rosto de pedra, Sally se detivera no lado de fora da classe a fim de fortalecer bem os nervos antes de entrar. Quando a Sra. Denning sorriu e lhe ofereceu uma cadeira, ela ficou muito surpresa, até um pouco desconfiada.

— Como já deve ter percebido — comentara a professora —, não denunciei a confrontação que tivemos há algumas semanas.

Sally nada respondeu. Estava ali porque a sra. Denning lhe pedira que viesse; pois então, ela que se desincumbisse da conversa.

A professora descansou os cotovelos em cima da escrivaninha e cruzou as mãos sob o queixo.

— Peço desculpas por ter sido tão rabugenta. Pensei em tudo o que disse e sim, acho que fui rude com você.

Sally ainda não sentia vontade de falar.

— Está bem.

— Conversei com o senhor Davis, também com a senhora Bakke e o senhor Pangborn, e todos concordamos que você promete muito; venceu grandes obstáculos em sua vida e saiu-se excepcionalmente bem nos aspectos acadêmico e intelectual. Os outros professores me dizem que você faz perguntas incisivas e analisa o material muito mais do que o curso exige.

— Quero descobrir o *propósito* das coisas — explicou Sally.

A sra. Denning ficou impressionada e assentiu com a cabeça, sorrindo.

— Sim. O significado por trás de tudo, não é mesmo?

Sally não estava disposta a desperdiçar palavras.

— Saí-me excepcionalmente bem. Aprendi. Mantive a nota máxima como média constante. Contudo, se não sou mais do que um acidente cósmico, então não vejo vantagem alguma em tudo o que fiz. Para ser sincera, estou ficando bastante entediada com tudo isso.

A sra. Denning estendeu a mão para apanhar um folheto que entregou a Sally.

— Pode ser que isto a interesse.

Sally o examinou enquanto ouvia.

— É um programa especial de verão para alunos que demonstram um desempenho excepcional. Atuo como conselheira de cursos de verão há anos e sempre procuro novos Jovens Potenciais. Acho que você preencheria as qualificações.

— O que eu aprenderia?

A sra. Denning ficou encantada em responder:

— O significado por trás de tudo.

O significado por trás de tudo. Agora, dezenove anos depois, Sally mal conseguiu conter um sorriso amargo. Por sorte a sra. Denning não o percebeu.

— Quer mais um pouco de chá? — perguntou a professora.

— Sim, por favor.

A sra. Denning despejou o preparado verde, feito com ervas, na xícara de Sally. Que perguntou:

— E então, como se saíram todos esses Jovens Potenciais?

— Maravilhosamente bem! Tivemos casos impressionantes em que nossos Jovens Potenciais se tornaram educadores, médicos, psicólogos, até estadistas. Veja, a força do Ômega está nas gerações futuras que educamos. Quando as moldamos na juventude, elas amadurecem para se tornar os futuros agentes de

transformação da nossa cultura, trazendo as massas mais e mais perto do objetivo maior que é a comunidade mundial. Tudo começa na sala de aula.

— E é isso que tanto emociona em relação às mudanças que ocorreram nos últimos anos. Nosso material e currículo escolar vêm obtendo aceitação muito mais ampla agora. As escolas e os educadores de todo o país frequentam nossos seminários e se matriculam em nossos programas. Acho que uma das explicações para isso seria a dissolução do velho modo tradicional de ver o mundo, o fator cristão, um enorme obstáculo há tantos anos. As pessoas começam a despertar para si mesmas e para a necessidade da comunidade global. É o único jeito de garantir a sobrevivência da nossa raça, claro. Agora que educamos novas gerações completamente livres dos velhos resquícios da intolerância judaico-cristã, nosso sucesso aumenta em progressão exponencial.

Cree ouvia tudo, escondido no sótão do pequeno restaurante. Estava ficando nervoso; o tempo passava sem parar e não demoraria muito para que outras pessoas começassem a aparecer, mais professores, mais líderes, mais gurus e xamãs. E, acompanhando-os, mais demônios do que ele e seus guerreiros queriam enfrentar. Pior de tudo, o príncipe do lugar também estaria de volta e se aborreceria muito ao encontrar sabotadores escondidos por ali.

Ouviu um assobio especial. Era Si, indicando problemas. Disparou por toda a extensão do sótão, saiu pela extremidade do prédio e enfiou-se no esconderijo oferecido pelos galhos de uma grande árvore.

Uma luz minúscula brilhou nas árvores junto ao portão da frente — o sinal de Si. Estava alertando todos os guerreiros.

Eis o problema! Primeiro surgiram os demônios, rodopiando e pairando em bando de pelo menos cem, acompanhando a mais de 6 metros de altura um veículo invisível. Não eram grandes demais. Provavelmente nem combatiam na linha de frente. Mas eram mortais, de qualquer forma. Cree se encolheu todo só de olhar para as presas cintilando e o fechar estridente das garras afiadas. Seria melhor evitar o confronto com aquele bando.

Foi então que o veículo apareceu, um grande furgão, dirigindo-se pesadamente para o *campus*, levantando poeira. Estava cheio de hóspedes para o fim de semana, bem como de guerreiros demoníacos.

A janela da oportunidade se fechava depressa. Precisavam tirar Sally de lá!

— Diga-me — Sally perguntava como se acabasse de lembrar de algo —, foi o Centro Ômega que publicou aquele currículo que vi... *Encontrando meu eu*...?

Os olhos da sra. Denning brilharam.

— *Encontrando o verdadeiro eu*! Sim, esse é um programa bastante popular, destinado às séries de 1a. a 6a. ; temos programas diferentes para cada série, mas a implementação mais fácil até agora tem sido com os alunos da quarta série. Sabe, estamos com esse currículo disponível há cerca de dez anos, mas ele só foi adotado nas escolas há poucos anos — os velhos obstáculos cristãos outra vez. Contudo, estamos tendo grande sucesso com ele agora. Ainda funciona, o que diz muito sobre a equipe que o criou.

Si assobiou de novo e Cree entendeu o sinal. Outros veículos subiam a estrada: um ônibus com 50 passageiros, cheio de colegiais, vários carros, mais um furgão.

O primeiro furgão estacionara em frente à secretaria, a nuvem de demônios que o acompanhava começando a se dispersar, todos cacarejando e tagarelando, alguns se empoleirando nas árvores, outros pousando em cima do furgão, outros ainda apenas adejando sobre o lugar, à cata de diabrura.

Não! Cree ainda não vira aqueles dois. De dentro do furgão, feito enormes dinossauros desajeitados, dois demônios guerreiros surgiram e montaram guarda, as espadas de prontidão ao lado deles, os olhos amarelos movendo-se rápidos, com grande cautela. Passavam um pente fino na área, nas árvores, em todos os esconderijos possíveis, em busca de algum intruso.

Em seguida, um homem saiu do furgão e espreguiçou um pouco. Trajava um agasalho esportivo azul-marinho e usava óculos escuros. Estava na meia-idade, mas era um entusiasta da saúde, sem dúvida alguma. Seu rosto tinha uma expressão estranha, pétrea; os músculos pareciam rígidos.

Cree o reconheceu na mesma hora.

Steele. O misterioso sr. Steele, supervisor do Centro Ômega! Não era de admirar a presença de guardas demoníacos tão monstruosos!

Quatro outros homens deixaram o furgão, cada qual acompanhado de pelo menos quatro demônios grudados em si. Eram tipos ferozes de verdade. Havia algo estranho acerca dos quatro, Cree podia senti-lo, algo mais insidioso e maléfico do que o sr. Steele.

O Sr. Steele se deteve na secretaria para trocar rápidas palavras com alguns velhos amigos que acabavam de chegar no ônibus escolar. Acenou para todos os colegiais que ainda aguardavam para desembarcar.

Cree já não podia fazer sinal para ninguém sem ser visto. Em breve, ele e seus guerreiros estariam cercados.

As duas mulheres haviam terminado o almoço e agora relaxavam tomando chá.

Sally imaginou que chegara a hora de fazer a próxima pergunta. Começando a tirar a correntinha de dentro da camisa, disse:

— Estive pensando... Em todas as suas viagens... já viu alguma vez um anel como este?

Enfim tirou o anel para fora e deixou que a sra. Denning lhe desse uma boa olhada.

Ela precisou colocar os óculos de leitura para enxergar melhor.

— Hum... Que símbolo é este aqui?

— Também sempre tive curiosidade de saber.

— Onde arrumou isto?

— Com um amigo.

A sra. Denning virou o anel de um lado e de outro, a estudá-lo.

— Bem... esta face poderia ser de um gárgula, porém é triangular demais... Como se combinasse um rosto vampiresco com um triângulo... Fascinante.

— Mas a senhora nunca viu nada parecido antes?

— Ó, não, não que eu me lembre.

Steele se dirigia para o restaurante. Cree olhou para o outro lado da área em que se encontravam. Seus guerreiros estavam bem escondidos, tanto que nem ele conseguia distingui-los. Não tinha certeza de onde se encontravam, ou se estavam mesmo por lá.

Ah, não! Adiante do lago, bem acima do topo das árvores, grande destacamento de demônios se aproximava feito um enxame de morcegos. Formavam algo parecido com uma mancha longa e fina de carvão céu afora. O príncipe de Ômega retornava, pronto para novas maldades. Logo ele e sua horda estariam sobre o lago.

Cree enfiou-se de volta no sótão do restaurante para verificar o que acontecia com Sally.

O sr. Steele entrou no Restaurante Cabana de Toras e imediatamente cumprimentou o sr. Galvin, que estava em pé atrás do balcão, polindo com toalha branca e macia uma longa fileira de copos dispostos ao longo da prateleira de trás.

— Ei, senhor Steele, já de volta!

O sr. Steele não tirou os óculos escuros, mas permitiu que um sorriso cruzasse seus lábios cerrados.

— Queria estar aqui para o fim de semana, Joel.

— O que vai tomar?

— Café, por favor!

— Está fresquinho.

A sra. Denning ouviu a voz de Steele e voltou-se na cadeira.

— Ó, senhor Steele! Que surpresa!

Ele sorriu-lhe e aproximou-se de ambas.

Sally abaixou os olhos para a mesa no mesmo instante, tentando afastar a expressão horrorizada do rosto. Seu coração ainda batia? Por um momento achou que tivesse parado.

— E então, como foi a semana, Sybil? — indagou Steele.

— Senhor Steele, quero lhe apresentar uma visitante que recebemos hoje. Esta é Bethany Farrell, uma viajante de Los Angeles à procura de mudanças, de um pouco de desafio.

Steele tirou os óculos escuros. Sally ergueu os olhos para ele. Seus olhos se encontraram.

Eles se conheceram.

Cree sacou da espada, tentando arquitetar um plano. Com Sally encurralada no restaurante, talvez fosse obrigado a convocar um ataque realmente. De qualquer forma, tinham poucos minutos para gastar. As forças demoníacas se ajuntavam em todos os cantos. E Si...

ROARRRR! Cree abaixou-se depressa enquanto a espada flamejante cingia o ar logo acima de sua cabeça! Dentes! Olhos amarelos! Bocarra escancarada!

As asas de Cree explodiram em um brilho indistinto. Ele se lançou pelo sótão em direção à ponta da cumeeira, a espada do demônio como uma serra guinchando logo atrás dele.

IAAA! O outro guarda demoníaco apareceu à sua frente feito a explosão de uma bomba, os dentes amarelos arreganhados. Cree não conseguiu parar a tempo e brandiu a espada, descrevendo um arco chamejante.

A cabeça do demônio e Cree saíram voando pela ponta do prédio; a cabeça se dissolveu enquanto Cree arremetia para o céu, soltando um berro desesperado que ecoou sobre o *campus* e alcançou a margem oposta do lago.

O outro guarda demoníaco, monstro horripilante, tentou agarrar-lhe os pés. Cree disparou para o alto com novo ímpeto de velocidade. Outro

demônio, vindo de cima, caiu sobre ele como um gavião e investiu com a espada. Cree bloqueou-o e mandou o demônio para longe, girando loucamente.

A lâmina do guarda desceu com toda força em direção ao meio do seu tronco. As espadas colidiram em uma explosão de fagulhas incandescentes e Cree foi jogado nas árvores.

Os lábios de Steele estavam até mais apertados agora e seus olhos, penetrantes. Ele estendeu a mão para cumprimentar:

— Muito prazer em conhecê-la, Bethany.

Sally tomou-lhe a mão e ele a apertou com tanta força que a machucou. Por um período de tempo que parecia não ter fim, ele não a soltou. Em vez disso, continuou segurando-lhe a mão, os olhos fitos nela.

— Muito prazer em conhecê-lo — ela respondeu assim que conseguiu recuperar o fôlego.

Ele não mudou nada! Continua com a mesma cara!

A sra. Denning agia com a jovialidade costumeira:

— O senhor Steele é o diretor do Centro Ômega. Um homem formidável. — Em seguida, voltando-se para ele: — Estive mostrando o Centro para ela, apenas para familiarizá-la com o nosso propósito... — E seguiu em frente, falando sem parar.

Ó, sra. Denning, por favor, cale-se. A senhora vai acabar fazendo que me matem.

— Quer dizer então que você já viu tudo, não foi? — perguntou Steele.

— Bem, não exatamente... — Ele lhe machucava a mão.

Steele era assim mesmo quando lecionava as classes de verão ali no Centro, anos antes. Sally tinha medo dele na época. E agora também. Havia um poder sinistro, uma presença em torno daquele homem. Ele seria capaz de hipnotizar qualquer um com aqueles seus olhos.

Si arrojou-se de entre as árvores naquela extremidade do *campus,* acompanhado de cerca de 50 guerreiros, pegando os demônios de surpresa. Um aglomerado deles acabava de chegar ao local, junto de outro automóvel repleto de hóspedes para o fim de semana. Os guerreiros celestiais caíram em cima deles antes que os demônios tivessem tempo para perceber o que acontecia, livrando-se daquela complicação imediatamente.

Em resposta ao grito de Cree, os cem guerreiros remanescentes cobriram o lago como um lençol chamejante, dividido em muitas correntes, e invadiram o *campus* feito uma enchente. Demônios rodopiavam e depois arremetiam das árvores, prédios e veículos com gritos agudos e uivos cruéis. Espadas se entrechocavam, asas ruflavam, fagulhas voavam. Os anjos concentravam toda a atenção dos demônios, pelejando ferozmente contra dois, três, seis deles de uma só vez, mas não prevaleciam. Os espíritos malignos se mantinham firmes.

Cree voou feito um raio, ziguezagueando entre as árvores, aqui, ali, dentro, fora, para cima, para baixo, ludibriando o adversário, avançando velozmente.

CRUNCH! O guarda veio por cima dele e suas espadas tornaram a se cruzar. Não conseguia se livrar daquele demônio!

A vasta nuvem de espíritos na outra margem do lago ouviu os gritos e viu a batalha. Na frente, as presas projetando-se além do queixo e a cabeça eriçada de ferrões, Barquit, o príncipe de Ômega, rugiu uma ordem e desembainhou a espada. Com um floreio ecoante, sonoro de rubras lâminas ardentes, os guerreiros que retornavam mergulharam no *campus*.

A sra. Denning não pararia enquanto não contasse tudo a Steele.

— Ó, sabe de uma coisa? Ela tem um anel esquisito que deveria lhe mostrar.

Steele soltou a mão de Sally. E inclinou-se mais para perto. Ela teve a impressão de sentir o calor do rosto do homem.

— Anel?

Sally meneou a cabeça e tentou sorrir, como se a coisa toda não tivesse a menor importância.

— Ó, não é nada.

Ele continuava inclinado para a frente, próximo demais.

— Ora, é sim. Gostaria muito de vê-lo.

O guarda desceu do alto das árvores feito um meteoro. Cree jogou-se para o lado e mal conseguiu evitar que o cortassem ao meio. Deu outro impulso poderoso às asas e dirigiu-se para o céu.

O guarda segurava seu calcanhar! Cree forçou as asas ao máximo, porém o bruto continuou a sacudi-lo pra baixo!

ZZOOOSH! Si! Deus o abençoe!

UFA! O calcanhar de Cree estava livre.

Em longa trilha de luz, Si caiu do céu e chocou-se com toda a força contra o guarda. Os dois rolaram em uma bola de fogo, engalfinhados, rosnando. Cree deu uma cambalhota e caiu outra vez rumo ao chão, a espada em riste.

O guarda agarrara-o pela garganta, a grande espada erguida.

Cree lançou a espada e ela atravessou o dorso do guarda como um míssil. Si escapou contorcendo-se e partiu o bicho em dois. Ele se dissolveu em uma nuvem sufocante de fumaça vermelha.

Cree apanhou novamente sua espada. Podia ver o príncipe de Ômega descendo sobre eles como uma tempestade.

— Vamos tirá-la daqui!

Sally pendeu a cabeça para a frente.

— Algum problema? — perguntou a sra. Denning.

— Acho que vou passar mal do estômago. — Não estava mentindo.

Steele segurou-lhe o pulso.

— Deixe-me ajudá-la a chegar ao banheiro. — Dizendo isso, fez que se levantasse.

— Não, deixe que vou sozinha...

A sra. Denning parecia um pouco surpresa com o comportamento atrevido de Steele.

— Sr. Steele, talvez ela possa ir sozinha...

Ele não demonstrou tê-la ouvido. Fazia sinais pela janela para os quatro homens que o haviam acompanhado no furgão. Eles observavam apenas, até então. Mas ao ver-lhe o aceno, puseram-se a caminho do restaurante.

Cree e Si tinham criado sua oportunidade.

— Nenhum guarda à vista — gritou Cree. — Abrimos a passagem!

Barquit e seus demônios mergulhavam pelo lago rumo ao *campus*, espadas em prontidão.

Sally viu os quatro homens dirigindo-se apressados ao restaurante. Podiam vê-la pela janela e o que viam apertava-lhes os passos. Steele não fazia força alguma para chegar ao banheiro. Nem a soltava.

Aquilo não era um homem. Era... algo diferente.

— Vou vomitar! — ameaçou Sally.

Cree inclinou-se para o lado bruscamente, fez uma curva fechada e projetou-se feito um míssil rumo à extremidade do restaurante, as asas rugindo. A parede do lugar tomou-lhe por completo o campo de visão e de repente ficou para trás. Ele a penetrara, adernando sobre as mesas, ao longo do balcão, a espada estendida.

Joel Galvin abaixou-se, os braços sobre a cabeça, e a sra. Denning soltou um grito estridente quando toda a fileira de copos se despedaçou, de uma ponta a outra.

Steele também se abaixou, levando Sally consigo. Cree saiu pela outra ponta do restaurante, arremetendo rumo ao céu no exato momento em que Si se atirava como uma bala pela frente do restaurante e atravessava Steele.

— Ahhh!! — Steele levou a mão aos olhos.

— Sr. Steele! — gritou Galvin.

Sally estava livre. E saiu correndo em direção à porta.

A espada de Si estivera naquele lugar. Os quatro homens não a viram, tampouco a viram os espíritos que estavam grudados neles. Eles adejaram pelas imediações, procurando quem os atacara; os quatro homens postaram-se de olhos semicerrados, mãos a sombreá-los, tentando perceber de que direção vinha o sol.

O príncipe de Ômega e suas hordas desceram sobre o *campus*, espantando do esconderijo uma avalanche de guerreiros brilhantes que se espalharam em todas as direções, fugindo como pássaros assustados. Os demônios soltaram berros estridentes e perseguiram-nos. Era esse o tipo de esporte que estavam esperando. Barquit procurava o líder da hoste saqueadora, porém não o avistava.

Bater em retirada! Bater em retirada! Os anjos fugiram, levando as hordas demoníacas cada vez mais alto no céu, cada vez mais longe do *campus*, cada vez mais longe dos problemas em terra.

— Muito bom! — disse Cree, seguindo Sally.

Ela descia correndo a estrada de pedriscos, passando por outros carros que chegavam com mais gente.

— Ei — gritou alguém —, onde fica a secretaria?

— Siga em frente — respondeu ela. — Você a encontrará.

Assim fizeram. E ela continuou em seu caminho.

O príncipe de Ômega e seus demônios gritavam vivas e berravam, ao mesmo tempo em que perseguiam inúmeros guerreiros angelicais pelo céu. Tinham o poder e a quantidade. Limpariam o território dos desordeiros brilhantes e pronto.

Cree e Si limitavam-se a permanecer perto de Sally, tentando forçá-la para baixo de árvores e para longe das vistas. Ela parecia saber o que fazer, aonde ir, como se esconder. Os dois voavam rápido logo acima dela, espadas desembainhadas, rodopiando o tempo todo de modo a enxergar o céu, a terra, o céu...

Não sabiam quantos haviam perdido na batalha. Mas ainda tinham Sally Roe... Por enquanto.

Que bom. Corra, menina, corra com vontade.

19

Steele estava parado, porém as mãos ainda lhe cobriam os olhos. Galvin e a sra. Denning apressaram-se a socorrê-lo.

— Ei, calma! Entrou vidro no seu olho? — perguntou Galvin.

— Deve ser, deve ser.

Os quatro homens entraram apressados, ainda vendo manchas à frente dos olhos. Um postou-se junto da porta. Outro examinou a porta dos fundos. O terceiro segurou o braço da sra. Denning. Ela protestou:

— Ai, ai! Ora, faça-me o favor!

— Essa é a senhora Denning! — Steele exclamou de repente.

O homem a soltou.

— O que aconteceu?

O quarto homem ajudou Steele a se levantar.

— Puxa, que bagunça!

— Senhor Steele, o senhor está bem? — perguntou Galvin.

Seus olhos clarearam. Galvin observou-os com atenção.

— Não estou vendo nada, senhor Steele. Está sentindo alguma coisa?

Steele tinha outras preocupações em mente.

— Vocês a viram?

O quarto homem respondeu:

— Não muito bem, só pela janela.

— Vocês a viram *sair*? — ele exigiu saber.

— Não.

— Não vimos coisa alguma — respondeu o terceiro homem. — O sol batia em cheio em nossos olhos.

Steele sentou-se furioso e desgostoso.

— O sol...!

Galvin estava curioso.

— Quem era aquela mulher, senhor Steele?

Ele sorriu então, como se Sally fosse um assunto agradável.

— Uma velha amiga, Joel. Que eu não via há anos.

As sobrancelhas da sra. Denning se ergueram bruscamente em sinal de surpresa.

— O senhor *conhece* Bethany Farrel?

Ele voltou-se bastante atrapalhado para a sra. Denning e não respondeu.

— Como estão os seus olhos? — ela quis saber.

— Bem, obrigado.

Galvin apanhou uma vassoura a fim de varrer os cacos de vidro. Steele ergueu-se e, com um gesto, indicou aos quatro homens que o acompanhassem para fora. Assim que saíram para a varanda, Steele avisou:

— Ninguém pode saber do que aconteceu.

— Certo — responderam eles —, pode contar com isso.

Steele falou depressa e baixinho:

— Ela usa tintura agora, o cabelo está preto, e óculos de lentes coloridas. Está com o anel, sim.

— Não conseguirá ir muito longe — tranquilizou o primeiro homem.

Steele sussurrou para o quarto homem:

— Posso lhe passar um serviço agora mesmo, se você quiser.

O quarto homem entendeu. Sussurrou algumas ordens rápidas aos outros três.

— Examinem imediatamente a estrada, em ambas as direções, e depois os arredores de Fairwood.

Steele sugeriu:

— Eles poderiam dar uma olhada no Hotel Schrader em Fairwood. Onde ela costumava se hospedar.

O quarto homem concordou com um movimento de cabeça e deu uma ordem definitiva:

— Se a encontrarem, cuidem dela com discrição e sem fazer alarde.

Os outros três homens puseram-se imediatamente em ação.

Steele voltou os olhos na direção do restaurante.

— A sra. Denning terá de ser entrevistada. Goring virá do Alto Posto na segunda-feira e Santinelli disse que estaria aqui até segunda à noite. Conversaremos com a sra. Denning assim que Goring chegar. Acho que você também deveria estar presente a essa entrevista.

O quarto homem fez que sim com a cabeça. Era moreno e esbelto, todo vestido de preto, nariz bem definido, profundos olhos castanhos e sobrancelhas esquisitas, pontudas.

— Parece que suas energias se chocaram contra uma massa crítica lá dentro — disse ele. — Foi um tumulto e tanto.

— Talvez. — Steele não estava nem um pouco disposto a admiti-lo. — Roe deve ter encontrado algum novo tipo de poder... *Pode* ser isso. — Então sua voz adquiriu um tom estranho, sinistro. — Mas agora ela está lutando contra *nós*, por isso não durará para sempre. O verdadeiro poder nos pertence e continuará sendo assim!

— Não — disse Ted Walroth, começando a erguer a voz. — June e eu conversamos sobre o assunto, oramos a respeito e concluímos que não podemos continuar com isso. Ouça, Mark, desviamo-nos da vontade do Senhor com esta escola. É o que sempre achei, e agora estamos descobrindo, do jeito mais difícil possível, que eu tinha razão. O Senhor não está abençoando esta coisa!

Mark e Ted encontravam-se na pequenina secretaria da escola; Mark reunira todos os papéis dos dois filhos dos Walroth, Mary e Jonathan, e os preparara para entregar a Ted. Mas ainda nutria a esperança infundada de convencer Ted a manter os filhos ali.

— Mas, Ted... Se for honesto consigo mesmo, com June, com Mary e Jonathan, terá de admitir que a escola lhes fez muito bem. Suas notas subiram, eles estão perto do Senhor, têm ótima autoestima, estão felizes...

— Ah, estão, é? — desafiou Ted. — Por quanto tempo? Quanto tempo vai demorar, Mark, para que alguma coisa lhes aconteça também?

Mark tinha ouvido aquele tipo de conversa muitas vezes antes e se cansara dele.

— Ted, não sei com quem você tem conversado, porém existe uma porção de mentiras descaradas circulando por aí, e espero...

— Não me importo com as mentiras e as fofocas, conheço todas essas bobagens. Mas acredito que por trás de todo falatório e medo existe um elemento definido de risco.

— Não existe nenhum elemento de risco!

Agora Ted não disfarçava mais a zanga. Apontou o dedo para Mark e seus frios olhos azuis acompanharam o movimento.

— Isso sim é que é um problema! Você perdeu sua objetividade, Mark, total e completamente! Se houvesse um problema, mesmo que fosse um problema sério, não creio que você admitiria! Você ficou do lado do Tom em toda essa história e considero isso inaceitável para um pastor! Você não sabe que tipo de pessoa o Tom é quando não o tem por perto! Nenhum de nós sabe! E se você vai defendê-lo nesta questão, então acho que também não posso confiar em você, e que não podemos ficar debaixo do seu pastorado!

Mark esperou um momento para se acalmar e quebrar o ímpeto de comprar a briga que estava se armando. Baixinho, disse:

— Ted... Satanás está trabalhando ativamente em nosso meio, tentando separar-nos, tentando causar divisão...

Ted concordou.

— Eu que o diga! Você já não consegue nem enxergar a vontade do Senhor, Mark, mesmo quando ela está clara como o dia, bem na sua frente! A

escola é um erro colossal, um passo errado que jamais deveríamos ter dado. Agora estamos pagando por ele e você se recusa a ver isso.

Mark tentou explicar o que queria dizer.

— Eu me referia...

— Sei muito bem a que você se referia! E insisto em afirmar que você está enganado, completamente enganado. Tem se mostrado teimoso, cego, tem se metido a defender um homem em quem não podemos confiar, e agora estamos todos sob ação judicial. A briga agora é pra valer. June e eu não queremos ter nada a ver com ela, muito menos que nossos filhos sejam arrastados para o meio disso tudo. — Girou a maçaneta com força e abriu a porta. — Tenho de ir.

Mark entregou-lhe a papelada.

— Obrigado.

Ted caminhou apressado, aborrecido, para a porta principal.

— Até domingo? — perguntou Mark.

— Não — replicou Ted, sem se voltar. — Não conte com isso. Não acho que o Senhor esteja feliz com essa igreja no momento.

Assim dizendo, ele se foi.

Tal, Natã e Armoth se posicionaram do lado de fora, vendo-o partir.

— Está se espalhando — disse Natã. — Primeiro na escola, agora na igreja. Eles se atracam a toda hora.

Tal pendeu para trás e reclinou-se contra o prédio da escola.

— Destruidor! Se não houver mudança de direção, os santos aqui não terão uma escola para defender.

— E nós não teremos o amparo da oração para sermos bem-sucedidos... em nada!

— Mas e os espíritos responsáveis por isso? — Armoth quis saber. — Com certeza podemos exterminá-los!

— Não — disse Tal, parecendo bastante zangado e frustrado. — Eles têm o direito de estar lá. Foram convidados. Os santos se entregaram à briga e enquanto não se quebrantarem, enquanto não se arrependerem, esse câncer de maneira nenhuma diminuirá a velocidade com que se espalha.

— E então, o que acontecerá agora? — perguntou Natã.

— Mota e Signa trabalham para encontrar uma brecha nas fileiras do inimigo, algum ponto fraco no plano de Destruidor que possamos expor a fim de que os santos o vejam. Enquanto isso, tudo o que podemos fazer é manter o núcleo orando, lutando. O Senhor se moverá segundo os seus propósitos. Ele...

Desembainharam as espadas.

Não, não era nenhum exército demoníaco, nem mesmo um espírito terrível, apenas um pequeno mensageiro, feio e atrevido o suficiente para voar bem acima de suas cabeças, abanando as mãos vazias para mostrar que não era um agressor.

— Ah aaaah!!! — chamou ele. — Você é o capitão Tal?

— Sou.

— O Destruidor tem uma mensagem para você! — O diabrete pairou bem acima deles, gritando a mensagem em voz aguda, irritante:

— Ele diz: Eu o abati, grande capitão! Ômega é meu, sempre será, e seu exército foi exterminado e espalhado! Mande mais! Meus guerreiros estão famintos!

O diabrete disparou dali feito um mosquitinho. Tal não sorria quando disse:

— Sally Roe está a salvo. Se a tivessem destruído, seria essa a mensagem do Destruidor. — Embainhou a espada. — Vamos encontrar Cree e Si e nos assegurar de que estejam bem. Enviei Guilo na frente para ajudar Chimon e Scion em Bentmore. Nós três tomaremos conta da próxima parada de Sally. Precisamos mantê-la viva.

— Estamos enfraquecidos, capitão — observou Natã.

Tal assentiu com a cabeça.

— Reúna todas as tropas de que puder dispor, Natã. Faremos o melhor possível.

Sally lembrou-se de uma estrada secundária quando deu com ela, mas não de onde exatamente ela levava. Tomou-a de qualquer jeito, só para sair da estrada principal. Havia uma casa vermelha de fazenda não muito longe, à direita, com uma ravina na frente e um típico celeiro vermelho. O quadro geral conferia com sua lembrança. Já o vira antes, talvez quando andava de bicicleta. A estrada deveria acabar levando-a de volta a Fairwood.

Ouviu um veículo se aproximando e se escondeu no mato. Era apenas um camponês em sua caminhonete.

Ela resolveu esperar só um pouquinho mais. Tirou seu caderno espiral e acrescentou algumas anotações rápidas para outra carta, primeiro contando como acabava de escapar por um triz, depois tentando resumir suas lembranças perturbadoras, inquietantes.

> Estou me lembrando, Tom, pouco a pouco. O Centro Ômega cresceu bastante e dobrou de tamanho, em relação ao que era na última vez em que lá estive. Mas as forças espirituais são as mesmas, assim como as filosofias e metas daquela gente.
>
> Tudo parecia tão utópico dezoito anos atrás! Ainda me lembro das aulas de filosofia oriental e as longas sessões nos campos, sentada por horas em meditação, sentindo imensa unidade com o todo da vida, com tudo o que existe. Que contentamento havia! Lembro-me dos espíritos-guia especiais que vieram até mim durante meu último verão. Eles me abriram a consciência para eu poder perceber minha própria divindade, e revelaram mundos de experiência e percepção que eu jamais conhecera antes. Foi como um passeio excitante e sem fim por um mundo de segredos sedutores, e meus guias prometeram ficar comigo para sempre.

Mas o gozo daqueles dias terminou por azedar como leite morno, envelhecido. O contentamento da meditação tornou-se mais e mais uma forma de loucura e escape; os espíritos-guia não permaneceram comigo como haviam prometido, mas se deterioraram, transformando-se em ilusões, imagens fantasmagóricas, tormentos. Eu fora ao Ômega a fim de encontrar, como diz a sra. Denning, "o significado por trás de tudo"; em vez disso, porém, encontrei um mundo de credulidade irracional e anseios infundados, uma busca de experiência instável e vaga no lugar da racionalidade. Significado? Não, só autoengrandecimento. E seja a pessoa um pequeno acidente cósmico, seja um deus a preencher tudo o que existe, continua sozinha.

De modo que era inútil. Hoje eu enxergo isso, mas "hoje" é tarde demais, claro. Estou bem mais velha e anos infrutíferos demais se passaram. Olhando para trás, acho muito triste contar os anos que dediquei àquele lugar e ao que ele representa. Mais triste ainda pensar que ele continua no mesmo lugar, atraindo mais e mais Sallys Roes para sua teia. Pergunto-me, será que algum dia esses adolescentes otimistas de olhos brilhantes se voltarão para o passado e verão a mesma futilidade que encontro agora? A partir desse ponto de observação privilegiado, será que avaliarão suas vidas e encontrarão tão pouco valor quanto eu?

Como já disse, aqueles foram dias de loucura. Mas eu preciso LEMBRAR, custe o que custar. Essa história ainda é bem mais longa. Por isso preciso lembrar de quem são essas pessoas, de onde se encontram, e o que pretendem fazer. Preciso lembrar quem sou, e o que sou — ou fui — para eles.

Continuarei escrevendo sempre que possível.

— Sim, e é capaz de o sol esfriar antes que eu consiga crer nisso! Você ouviu o que eu disse!

Wayne Corrigan bateu o telefone com força e disse, furioso:

— Eles não respondem aos meus interrogatórios! Ficam protelando, fazendo joguinhos!

— Mas isso não surpreende — comentou Marshall.

Corrigan, Marshall, Ben e Tom se encontravam sentados no escritório de Corrigan, comparando notas e repassando o caso.

— Quantos interrogatórios você enviou? — Marshall quis saber, sentado do outro lado da escrivaninha de Corrigan, examinando uma pilha de papéis.

— Só os preliminares, os básicos — respondeu Corrigan. — Mas nem esses eles respondem. Não me retornam as ligações que faço. Quando consigo falar com alguém, criam um monte de empecilhos. Devem ter percebido qual foi a resposta que obtive do advogado de Brandon, o tal de Jefferson.

— Percebi a resposta que ele obteve de *você*.

— Ora, eu fiquei aborrecido.

Ben estava reclinado contra o peitoril da janela, apenas ouvindo a conversa.

— Você se saiu muito bem. Eles mereceram.

Marshall concordou.

— Eles estão apenas se protegendo. Não faria mal apertá-los um pouquinho, mantê-los em posição menos confortável.

Corrigan tentou explicar sua frustração.

— Mas eles ficam dizendo que seus registros são demasiadamente pessoais e confidenciais. O tal Jefferson me disse que eles ainda nem reuniram seu material investigativo. Mas acho que é conversa fiada dele. Além do mais, acho que estão adiando a tomada de depoimentos do nosso pessoal. Querem que a gente faça isso primeiro para lhes dar mais munição. Eu não posso ficar adiando desse jeito; simplesmente não temos tempo.

— Parece que eles não vão lhe dar nada sem uma ordem do tribunal.

— Agora me conte alguma coisa que eu não sei.

— Ei, ouça. Kate anda fazendo perguntas por aí sobre essa tal de senhorita Brewer, da escola primária. Já até marcou uma visita à classe para a segunda-

feira. Talvez, quando voltar, ela tenha alguma prova que envolva a senhorita Brewer e você possa usar em alguns depoimentos.

— Bom, é disso que preciso: mais pistas, mais participantes neste jogo. Até agora estou no escuro quanto ao que o outro lado vem aprontando.

Marshall atirou os interrogatórios de volta sobre a escrivaninha de Corrigan.

— Bem, a coisa é maior do que parece, sei disso.

— Toupeiras — disse Ben.

— Como? — Tom perguntou.

— Peça para Marshall lhe explicar um dia desses. É um ótimo paralelo.

Corrigan estava pronto para mudar de assunto.

— E os seus garotos, Tom? Vai conseguir vê-los de novo?

Tom não se mostrava satisfeito ao responder:

— Logo, mas não sei ao certo quando. Está tudo a cargo dessa tal de lrene Bledsoe, e ela é... Bem... Implacável. Tento não pensar muito a respeito.

Corrigan balançou a cabeça e recostou-se na cadeira, fazendo as molas rangerem. Para ele, recostar-se e examinar o teto era uma típica expressão de frustração.

— Ela está se fazendo de importante, se entende o que quero dizer. Tom, se você fosse rico e poderoso, a essa altura provavelmente já teria os garotos de volta. Mas Bledsoe sabe que tem todo o poder de que precisa, e sem bastante pressão de gente em posições importantes, ela tem liberdade para fazer o que bem entende. As leis são vagas, permitem bastante flexibilidade de caso para caso.

— Mas ela é tão exagerada! — Tom protestou. — Guarda os meninos como... como se estivesse com medo de perdê-los de vista, como se quisesse controlá-los.

— Ela quer e está — disse Marshall.

— Mas você me ouviu contar do galo na cabeça de Ruth, não ouviu?

Marshall estava sentado em uma cadeira giratória. Com um simples chute, girou de modo a ficar de frente para Tom.

— Não. Conte-me.

— Na última vez que visitei as crianças, Ruth tinha um galo enorme na cabeça. Os dois disseram que ela ficou assim depois que Bledsoe quase causou um acidente quando os levava de casa! Ela quer pôr a culpa pelo galo em mim, sugerindo que fui eu que o causei!

Pelo que tudo indicava, Marshall ouvira uma notícia chocante.

— Acidente?

— Isso mesmo. Precisava ver a senhora Bledsoe tentando impedir que os meninos dissessem *qualquer coisa* a respeito, mas Josiah me contou mesmo assim. Disse que ela não respeitou um sinal de pare e quase bateu em uma caminhonete azul. A freada foi muito brusca, as crianças deviam estar sem o cinto, e Ruth...

Ben interrompeu:

— Espere um minuto! Você falou em caminhonete azul?

— Sim, foi o que Josiah disse.

— Quando foi isso? — Ben começou a relembrar.

— Não tenho certeza... — Agora era a vez de Tom puxar pela memória. — Evidentemente, na noite em que ela veio e levou as crianças...

O rosto de Ben iluminou-se com a lembrança.

— A mesma noite em que fomos averiguar o suposto suicídio no sítio dos Potter! Ouçam: Cecilia Potter me contou que Sally Roe guiava uma caminhonete azul — uma Chevrolet 65, para ser exato — e quando estive lá, mais tarde, examinando o local, a caminhonete desaparecera. Não sabíamos o que tinha acontecido.

— A caminhonete não estava mais lá? — perguntou Marshall.

Ben começava a ficar inquieto.

— Não. Agora ouçam. De acordo com a senhora Potter, Sally Roe sempre ia para o trabalho dirigindo a caminhonete, e com ela voltava para casa todos

os dias. Portanto, se ela se suicidou de fato, como Mulligan e o médico-legista afirmaram, quem levou a caminhonete dela embora?

— A pessoa com quem a senhora Bledsoe quase trombou! — respondeu Tom.

Marshall estava sentado ereto na cadeira.

— Seus garotos viram quem dirigia o automóvel?

— Não sei. Acho que... de algum modo... eu podia perguntar-lhes.

— Marshall olhou para Ben.

— Você pediu aquela averiguação criminal, certo?

— Consegui que Chuck Molsby desse uma olhada. É aquele amigo meu da polícia de Westhaven.

— Espero que consigamos uma foto de identificação policial ou algo assim.

— Espero que ela seja uma criminosa — disse Tom.

— Sim — Marshall concordou —, existe esse pequeno detalhe. Mas se conseguirmos uma foto dela, e se for possível levá-la para que os garotos a identifiquem...

— A vaca iria para o brejo! — exclamou Ben. — Provaríamos que Sally Roe ainda está viva, que não foi o seu suicídio que descobrimos.

Marshall colocou-se de pé.

— Toupeiras.

— De novo essa palavra — observou Tom.

Corrigan endireitou-se na cadeira e debruçou em cima da escrivaninha.

— Ei, pessoal, quando quiserem me explicar tudo isso, terei prazer em ouvir. Pelo que me consta, *eu* sou o advogado de vocês, lembram?

Marshall apanhou um pedaço de papel de notas da escrivaninha de Corrigan.

— É exatamente como uma toupeira no seu quintal e no quintal de outra pessoa... Quer dizer, na cidade, vamos considerar três quintais. Existem três monturos de terra, mas todos da mesma toupeira. — Pegou uma caneta e desenhou um pequeno círculo. — Este é o primeiro monturo: a ação judicial

contra a escola cristã, Lucy Brandon, a acal e tudo o mais. — Desenhou outro círculo. — O segundo monturo: a acal usa sua linha direta, disponível para denúncias contra abuso infantil, contra Tom e de modo a envolver o DPC na história. Irene Bledsoe obtém a ordem para apanhar as crianças e as leva embora. Isso liga os dois montinhos... de certa forma. — Ele desenhou uma linha de ligação entre os dois círculos.

— Talvez — disse Corrigan. — Isto é, você sabe disso e eu sei disso, mas provar o que sabemos é outra história.

Essa parte vem mais tarde — explicou Marshall. — Agora, no entanto... — Desenhou um terceiro círculo. — Aqui está o terceiro monturo: a morte misteriosa de Sally Roe... ou alguma outra pessoa. De algum modo, é possível que a verdadeira Sally Roe, viva, tenha cruzado o caminho de Irene Bledsoe logo depois do horário em que deveria estar morta. — Desenhou outra linha estabelecendo a ligação entre o segundo e o terceiro círculos. — Agora vejamos: vocês têm dois garotos que talvez — *talvez* — sejam testemunhas disso, e por esse motivo... possivelmente... Irene Bledsoe os está retendo, escondendo, retardando de propósito as coisas tanto quanto pode, a fim de mantê-los quietos. Ora, ela também poderia estar apenas pensando em sua própria posição, esperando o galo de Ruth sarar, ou as duas crianças esquecerem o que aconteceu. Ou...

Ben tomou da própria caneta e ligou o terceiro círculo ao primeiro, formando um triângulo fechado.

— Ou ela está ajudando a encobrir seja o que for que tenha acontecido no sítio dos Potter. Nesse caso, a história de Sally Roe poderia estar relacionada de alguma forma com o ataque à escola cristã, que sabemos estar ligado ao fato de tirarem as crianças de Tom.

— Vocês não podem provar nada disso — Corrigan lembrou-os outra vez.

— As provas virão mais tarde — Marshall repetiu. E sorriu. Sentia-se bem. — Mas é isso o que está acontecendo. Temos toupeiras — poderes espirituais e

seus equivalentes humanos — por baixo de tudo, e eles abriram saídas para a superfície nessas três áreas.

Tom fixou os olhos nos três círculos.

— Se vocês querem discutir a atividade espiritual subterrânea... O que me dizem da enorme vitória de Satanás com esse negócio de DPC? Eles me marcaram como um tipo que abusa de crianças e a igreja está se desmantelando por causa disso. Não temos condições de ganhar luta nenhuma, de nenhum tipo, no estado em que nos encontramos.

Marshall fez que sim com a cabeça.

— Exato. Agora você está começando a perceber.

Tom queria acreditar naquilo.

— Mas... Não vejo ligação *direta* entre o que aconteceu a Sally Roe e o que está acontecendo na escola. Nada mesmo.

— Pois ela existe sim — asseverou Marshall.

— Não existe! — Corrigan insistiu. — Você não pode provar nem um tiquinho disso!

— Provaremos. Chamem-me de fanático, mas acho que Deus está mostrando isso. Ele nos está dando um esboço, tudo o que precisamos fazer é preenchê-lo.

Ben estava agitado com a conversa.

— Você já tem de onde começar, Marshall!

— Mas nada que *eu* possa usar! — choramingou Corrigan.

Marshall guardou a caneta no bolso de novo e apenas olhou para o pequeno diagrama.

— Conseguiremos algo para você, Wayne. Não sei o quê, mas conseguiremos.

A música tocava suave, contínua, irresistível, em ritmo e tom relaxantes. A srta. Brewer, jovem e bonita professora, dona de um sorriso muito amável, lia um roteiro em voz branda, quase hipnótica.

— Sintam a brisa roçando-lhes os cabelos, sintam o sol cálido na pele, a terra firme e acolhedora debaixo do corpo. Vocês são apenas uma boneca de pano, completamente frouxa, cheia de pó de serra...

Kate Hogan, sentada em silêncio nos fundos da sala de aula, tentava rabiscar algumas notas às escondidas, enquanto observava os 23 alunos da quarta série fazerem o exercício. A disposição das cadeiras criava uma área livre no fundo da sala para o desenvolvimento de várias atividades, de modo que, naquele momento, as crianças estavam deitadas ali, de costas sobre cobertores, travesseiros ou casacos, os olhos fechados, a respiração lenta e profunda, os braços frouxos ao lado do corpo.

— Primeiro o pó de serra escoa da sua cabeça... Depois do pescoço... Depois do peito... Vocês começam simplesmente a afundar, afundar, afundar na direção do chão...

Kate olhou para o relógio na parede. Fazia dez minutos que as crianças estavam deitadas no chão.

A música continuava tocando. A srta. Brewer chegou ao fim de seu monólogo calmo, cadenciado. Ela se calou, olhou para cada criança e continuou, passando instruções em tom de voz bem baixo:

— Estão escutando um vozerio? — Sussurrou então: — Ouçam! Estão escutando? — Esperou um momento para que as crianças pudessem ouvir. — Está chegando mais perto agora, não está? É seu novo amigo, seu conselheiro; ele veio conversar com você. Deixe seu amigo aparecer em sua tela mental. Qual o nome do seu amigo?

Kate rabiscou poucas palavras, apenas para orientar a lembrança. A maioria dos detalhes do que testemunhava naquele momento já lhe eram familiares.

— Selecione um lugar para seu amigo; arranje um lugar em sua mente para ser a casa do seu novo amigo. Faça que seja um lugar perfeito para ele. Agora converse com seu amigo, um conselheiro só seu. Lembre-se, esse amigo sabe tudo a seu respeito... Como você se sente... Do que gosta... Do que não gosta... Ele conhece todos os seus problemas e tristezas...

O exercício durou outros quinze minutos, mais ou menos. O silêncio na sala era impressionante, para um grupo daquela idade. Enfim, depois de um tempo predeterminado, a srta. Brewer contou lentamente até cinco e estalou os dedos. As crianças como que despertaram de um transe e se sentaram.

— Muito bem! Agora vamos todos nos acomodar na carteira enquanto os monitores distribuem papel. Cada um de nós vai desenhar nosso novo amigo.

As crianças dobraram os cobertores, guardaram os travesseiros, dependuraram os casacos e voltaram para suas carteiras. Uma de cada fileira passou papel de desenho às demais. Sob a orientação firme, porém bondosa da srta. Brewer, as crianças pegaram seus lápis de cera e puseram-se a desenhar retratos.

A srta. Brewer percorria as fileiras de carteiras para cima e para baixo, conferindo o progresso de cada aluno.

— Ó, que amigo bonito! O que é isso na cabeça dele? Estrelas? Ele deve ser uma criatura maravilhosa!

Kate também deu sua voltinha. As crianças desenhavam pôneis, dragões, príncipes e princesas, mas também alguns monstros apavorantes. Todas receberam elogios e os parabéns de Brewer.

Um garotinho mostrou sua figura a Kate.

— Este é o Pé-grande — apontou ele. — Vou guardá-lo no meu porão mental.

O desenho era arte típica de criança da quarta série, mas reconhecia-se facilmente nele um vulto gigantesco, pesado, de pés enormes.

— Olhe que pés grandes ele tem — brincou Kate. — Para que servem?

— Para esmagar minha mãe, meu pai e todos os meninos grandes.

— Nossa!

Uma garotinha voltou-se para tomar parte na conversa e ergueu seu desenho para Kate ver.

— Está vendo o meu amigo? É um dragão, mas ele não solta fogo pelo nariz. Ele cospe balas de chupar, daquelas bem duras!

— Ó, e você o viu hoje?

Ela fez que não com a cabeça, triste.

— Não. Ele mora na minha cabeça já faz tempo. Somos amigos, mas não consegui ver meu novo amigo hoje. Ouvi o que ele dizia mas não deu para vê-lo.

— Veja a minha figura! — chamou outra menina.

Kate dirigiu-se até ela para dar uma rápida olhada. Mas dessa vez sentiu vontade de examinar um pouco melhor. A menina traçara um pônei de olhos grandes e bochechas arredondadas. O desenho era excepcional.

— Este é Ponderey — ela explicou. — É o meu guia interior.

— Um pônei... — disse Kate assombrada. E sorriu. — É uma figura maravilhosa, querida. Você desenha muito bem.

— Ponderey me ajuda. Ele adora desenhar.

Kate sentou-se no fundo da sala outra vez e tomou mais algumas notas, embora sentisse a mão um pouco trêmula. Parecia tão transtornada que temia perder os modos quietos, profissionais. Não demorou muito e chegou a hora do recreio. As crianças saíram em fila ordeira até a porta do pátio. A partir dali, deixaram o prédio como marinheiros abandonariam um navio que afundasse.

A srta. Brewer deixou-se cair na cadeira junto à escrivaninha e suspirou, com um grande sorriso nos lábios.

— Bem, essa parte do dia terminou.

Kate aproximou-se dela e encontrou uma cadeira por perto.

— Elas formam um grupo maravilhoso.

— Não é mesmo? Tem sido um ano ótimo para mim; as crianças desta cidade são realmente especiais!

— O exercício de criatividade também foi bastante especial; provocou uma porção de reações.

Brewer riu de prazer e orgulho.

— É uma aventura, todas as vezes. As crianças sabem ser muito criativas. Há grande sabedoria e percepção trancafiada dentro de cada uma delas.

Impossível prever o que elas vão revelar.

— E que nome você dá a isso? Achei parecido com a pedagogia do *Cérebro como um todo*.

— Claro. Faz parte disso. No entanto, a maioria dos conceitos e exercícios vêm do círculo *Descobrindo o verdadeiro eu*. É um programa experimentado e aprovado e inclui as melhores teorias que estão sendo empregadas hoje em dia. É bastante abrangente.

— Bem, qual é o princípio subjacente a tudo isso?

A srta. Brewer sorriu.

— Você não é uma das mães, é?

— Não, apenas uma cidadã curiosa. Como disse pelo telefone, ouvi muito a respeito do que você faz aqui e achei que seria interessante ver com meus próprios olhos.

— Claro. Bem, naturalmente a nossa perspectiva tem como pressuposto que cada criança deve ser livre para atingir seu potencial mais elevado. Isso requer uma certa quantidade de liberdade criativa e intuitiva. Com grande frequência o educador sufoca esse potencial ao impor uma regra de comportamento ou verdades particulares ao aluno, quando ele deveria experimentar suas próprias realidades, criando um conceito de mundo todo próprio.

— Descobrimos que exercícios de relaxamento e visualização são a verdadeira chave para soltar cada criança, libertando-a para começar seu próprio processo de realização. O consciente humano, mesmo na criança, carrega em si uma incrível riqueza de conhecimento que nenhuma aula tradicional poderia jamais cobrir, nem durante uma vida inteira. Esse conhecimento está à disposição de cada criança em sua própria sabedoria interior. Não ensinamos a elas como sentir ou como perceber a realidade. Cabe-nos apenas mostrar-lhe como liberar sua própria sabedoria e intuição interiores. O resto acontece simplesmente.

— E era isso o que fazia hoje?

— Ora, claro, exatamente. De qualquer forma, usamos apenas cerca de dois por cento do cérebro. Quando ensinamos as crianças a ter acesso aos amplos recursos escondidos no restante do cérebro, o céu é o limite.

— Mas onde é que esses guias interiores e conselheiros entram nisso tudo?

A srta. Brewer deixou os olhos perscrutarem o céu enquanto formulava uma resposta.

— Simplificando, existe um vasto depósito de conhecimento trancado em nosso próprio subconsciente. Uma das maneiras de chegar até ele é personificando-o, vestindo-o como se fosse uma pessoa, um personagem que nos seja familiar. Digamos que eu seja uma garotinha com medo de gente grande, adultos, talvez até dos meus pais. Na realidade, já tenho dentro de mim todo o conhecimento de que preciso para enfrentar qualquer situação com que me depare. Só preciso aprender a fazê-lo comigo mesma. Assim, para facilitar,

eu relaxo, deixo a mente solta e crio — visualizo — uma imagem de que eu goste demais, um personagem, um amigo. Você observou as figuras que as crianças desenharam? Cada um desses desenhos era como as crianças expressavam um amigo íntimo, um guia interior, uma personificação de sua própria sabedoria com a qual sentem-se livres, desimpedidas e à vontade. Uma vez criada essa imagem, ela ganha vida própria e pode conversar com elas, dar-lhes os conselhos e instruções necessários para seja qual for o problema que estejam enfrentando no momento. Em suma, aprendem consigo mesmas, do próprio consciente enterrado dentro delas.

— E tudo isso está contido nesse currículo *Descobrindo o verdadeiro eu*?

— Está tudo lá dentro, tudo organizado, categorizado e classificado. Torna a tarefa bem mais simples.

— Mas — se me permite fazer o papel de advogado do Diabo por um instante —, o que elas aprendem de fato com tudo isso? Existe algum progresso acadêmico relacionado com o tempo que você gasta para pôr em prática esses exercícios?

A srta. Brewer permaneceu calada por um momento, formulando sua resposta.

— Acho que está se referindo a um tipo de argumento que ouvimos bastante, alegando que na verdade não estamos ensinando nada às crianças, mas sim programando-as ou usando-as como cobaia. Mas, pensando bem, o que é educação? Treinar e equipar as crianças para viverem suas vidas, sobreviverem neste mundo, terem as atitudes e habilidades certas para se adaptarem a um ambiente social em rápida e constante mudança.

— E... Suponho, naturalmente, que a leitura, a escrita, a matemática, os estudos sociais, matérias como essas tenham seu lugar nessa definição abrangente de educação...

A srta. Brewer fez uma cara esquisita.

— Bem... Treinamento acadêmico básico é uma coisa, mas não promoverá a mudança necessária...

— Mudança?

— Bem, a leitura, a linguagem, a aritmética e essas outras matérias que você citou estão em uma categoria diferente. Não podem ser aplicadas no sentido afetivo, clínico...

Kate hesitou. A mocinha era uma entusiasta de seu trabalho e estilo de lecionar, além de vaga nas respostas.

— Muito bem... — disse ela, correndo os olhos por suas anotações. — Você usou a expressão "sentido clínico". Quer dizer que encara seu papel como algo além de simples professora? Você vê a si mesma também como uma espécie de terapeuta?

A srta. Brewer sorriu e fez que sim com a cabeça.

— Acho que é esse o jeito certo de colocar as coisas. Educação completa não consiste em simplesmente encher a cabeça das crianças com as ideias antiquadas ensinadas a seus pais. Precisamos equipá-las para que se elevem acima de qualquer conhecimento anterior e procurem sua própria verdade e valores pessoais.

Kate estava cansada de generalidades.

— Mesmo que isso signifique treinar criancinhas em xamanismo e meditação oriental?

A srta. Brewer riu como se acabasse de ouvir uma piada.

— Você fala como se tratássemos de algum tipo de religião aqui. Essa é uma objeção comum que ouvimos o tempo inteiro. Há pais que me procuraram por causa desse conceito, mas logo eu esclareci tudo. A questão aqui não é religiosa, mas puramente científica.

— Pelo que entendi, esses mesmos pais tiraram os filhos da escola, certos de que vocês ensinavam religião aqui, algo contrário às crenças deles.

A srta. Brewer assentiu. Ela se lembrava dos casos.

— Acho que foi assim que resolvemos a coisa. Parece que você andou conversando com eles.

Kate também assentiu.

— Sim.

A srta. Brewer ainda se mostrava amável e mais confiante do que antes até.

— Bem, não tenho dúvidas quanto ao que fazemos aqui. Creio que o conselho da escola e todos os professores que eles contratam estão mais do que qualificados para julgar o que é útil e construtivo para as crianças. E os tribunais têm apoiado a comunidade educacional nesse aspecto. Quando os pais não acreditam que podem confiar em profissionais altamente qualificados, então imagino que tirar os filhos da escola seja sua única opção, realmente. Não estamos aqui a serviço de elementos marginais que insistem em viver no passado.

— Você se referiu ao conselho da escola. Depreendo que eles selecionaram e autorizaram o currículo *Descobrindo o verdadeiro eu*?

— Claro. Foram unânimes. Você deveria conhecê-los antes de tirar suas conclusões finais. É um grupo maravilhoso de pessoas. Orgulho-me de trabalhar com elas.

— Estou certa de que são mesmo fantásticas. Mas diga-me... — Kate estava disposta a fazer a pergunta, mas não sabia se a srta. Brewer estava pronta para lhe dar uma resposta. — Amber Brandon não estava na sua classe este ano?

A srta. Brewer recebeu a pergunta como uma revelação. Fechou os olhos e exibiu um sorriso demorado, soberbo, como quem diz *A-ha*!

— Então é esse o motivo desta visita?

Kate resolveu se servir de um pouco de retórica educacional.

— Bem, vamos apenas lembrar de que todos acreditamos na liberdade de pensamento, na liberdade de informação e, acima de tudo, na isenção de censura contra aqueles que têm o direito de saber. — Em seguida, experimentou usar uma resposta direta. — Quero que saiba que sou amiga de Tom Harris e faço algumas pesquisas para ele.

A srta. Brewer era pessoa verdadeiramente admirável. Ela permaneceu firme, sentada muito ereta.

— Não me importo com isso. Não tenho de pedir desculpas ou esconder nada do que faço em classe. Respondendo a sua pergunta, sim, Amber Brandon estava na minha classe. Aliás, para ser franca, ela acaba de voltar para lá, a fim de completar o ano letivo.

— Ela esteve aqui hoje? Acho que não a vi.

— Não, e é compreensível. Devido ao trauma que vem atravessando, não tem se mostrado mais disposta a assistir a esta parte da aula. Portanto, este período ela passa na biblioteca, retornando à sala de aula depois do almoço.

— Então será que você pode me falar um pouco a respeito de Ametista, pônei?

A srta. Brewer ergueu-se da escrivaninha e apontou uma figura feita com giz de cera, colocada bem acima do quadro-negro.

— Aqui está ela.

Kate aproximou-se para ver melhor. Foi uma experiência sinistra, como dar pela primeira vez com um assaltante na madrugada, ou ver pela primeira vez o rosto de um estuprador em série.

Então aquela era Ametista!

O desenho reproduzia um pequeno pônei roxo de crina brilhante e cauda cor-de-rosa, olhos grandes e cintilantes e uma estrela de cinco pontas na bochecha. Pequenas asas brancas projetavam-se dos seus ombros. O animalzinho se postava ereto e alerta sob a curvatura de um arco-íris. Era lindo, um desenho admirável para uma criança de 10 anos. No canto inferior direito, Amber escrevera cuidadosamente o próprio nome em letra de forma e com lápis escuro.

— Ela desenhou isso cerca de um mês antes de ser transferida para a escola cristã — explicou a srta. Brewer. — Estava vivendo experiências extraordinárias em nossas sessões de exercícios. Nunca vi tanto progresso em uma criança.

Kate engoliu em seco.

— E você... — começou, mas teve de limpar a garganta. — Você entende que essa... imagem... é uma...

— Uma visualização da sabedoria interior da própria Amber.

— Sei. — Kate aguardou um instante antes de formular a próxima pergunta. — Então... como já deve saber, a atual ação contra Tom Harris advém de um confronto entre ele e... e Ametista, personificada por Amber.

A srta. Brewer sorriu.

— Bem... Só o que posso lhe dar é a minha opinião.

— Por favor.

— Sempre que uma criança se vê em uma situação intolerável, como em caso de abuso, não é incomum que ela enterre a lembrança dos fatos ou de qualquer pensamento a eles associados para evitar a dor e o trauma. Muitos conselheiros que lidam com abuso infantil descobriram que uma forma de fazer que as coisas sejam expostas é permitir que a criança projete a lembrança sobre um objeto neutro, tal como uma imagem, uma boneca ou um fantoche. No caso de Amber, temos um pequeno pônei, personagem sagaz, confiante e puro, dotado de força para enfrentar os problemas, ao contrário de Amber. Quando se trata do que de fato aconteceu na escola cristã, Amber não consegue falar a respeito; em vez disso, deixa que Ametista tome a frente e fale em seu lugar.

Kate digeriu a informação por um momento.

— E isso explicaria porque Ametista apareceu e causou tanta agitação antes mesmo que Tom Harris a confrontasse?

— Bem, não sabemos tudo o que aconteceu, sabemos? Poderia ter havido algum abuso antes dos acontecimentos que Tom Harris lhe contou.

— E se Amber tivesse ido à escola já se manifestando como Ametista? Isso sugeriria ter havido algum tipo de abuso antes de Amber ter conhecido Tom Harris, antes até de ter passado um único dia na Academia Bom Pastor?

A srta. Brewer fez que sim com a cabeça.

— Duvido. Amber vem de um lar muito amoroso.

Kate concordou com um meneio de cabeça.

— Está bem. Diga-me uma coisa: você teria uma cópia desse currículo à mão? Gostaria de dar uma olhada nele.

— Sem dúvida.

A srta. Brewer dirigiu-se às prateleiras atrás da escrivaninha e examinou todos os títulos.

— Bem... não, hum... — Endireitou as costas e voltou-se. — Não está aqui. — De repente ela se lembrou. — Ó, claro, me desculpe. O senhor Woodard, diretor da escola, pediu-o emprestado. Já devia tê-lo trazido de volta, mas é evidente que ainda não o fez. Mas se quiser, posso pedir um exemplar à editora.

A ideia despertou o interesse de Kate.

— E que editora seria?

— O Centro Ômega para Estudos Educacionais. Creio que tenho o endereço deles por aqui, em algum canto.

A srta. Brewer revirou algumas pastas sobre a escrivaninha.

Kate tinha outra pergunta, um tiro no escuro, para lhe fazer:

— Já ouviu falar de algum grupo de apoio aqui em Baskon? Um grupo chamado Círculo Vital?

A srta. Brewer ergueu os olhos das pastas.

— Sim, claro. São pessoas maravilhosas.

— Qual exatamente o objetivo do grupo?

— Ó, é apenas uma comunidade não muito estruturada de pessoas com interesses comuns: artes, religião, filosofia, ecologia, paz, esse tipo de coisa.

— Você participa do grupo?

— Sim, participo.

— Então deve conhecer Lucy Brandon pessoalmente.

— Er... — Ela se conteve e sorriu. — Isso mesmo. Vejo que você já deve estar sabendo tudo sobre ela.

Kate sorriu e deu de ombros.

— Claro.

— Pronto, aqui está o endereço. — Ela o rabiscou em um pedaço de papel.

— Aquela outra mulher, a assistente da firma Ames e Jefferson...?

— Claire Johanson.

— Sim.

— Ela também deve estar envolvida no grupo.

— Sem dúvida. É uma das líderes. Mas muita gente pertence ao grupo.

— Quem, por exemplo?

A srta. Brewer parou, bateu com o dedo no queixo enquanto pensava um instante e então retrucou:

— Talvez fosse melhor fazer essa pergunta diretamente aos interessados.

20

Barquit se manteve firme, as narinas expelindo enxofre ruidosamente e em linha reta acima de seu peito avantajado. Os olhos amarelos permaneciam resolutos, inabaláveis. Ele era o poderoso príncipe de Ômega, provocara mais danos e alcançara mais vitórias para seu senhor do que o novato pomposo e pretensioso que se postava a sua frente, vomitando ameaças e abusos.

O Destruidor não estava disposto a ser ignorado. Desembainhou a espada e a brandiu no ar, pronto para um teste entre os dois.

— Seu indolente, cego, desastrado! Curve-se diante de mim em reverência agora, ou então me desafie! Aceitarei qualquer uma das alternativas!

Eles pairavam bem alto sobre o prédio da administração no *campus* do Centro Ômega, rodeados pelos respectivos guardas, acompanhantes e assistentes.

De ambos os lados de Barquit, seus acompanhantes puseram-se a implorar:

— Não, não o ataque, Ba-al. Ele foi enviado pelo Homem Forte!

— Ele ousa me chamar de indolente! — sibilou Barquit pelos dentes cerrados.

— *E* desastrado! — disse o Destruidor. — Você estava longe do seu posto e permitiu que a mulher passeasse por aí à vontade, descobrindo tudo o que bem entendesse!

Barquit desembainhou a espada tão depressa que ela assobiou. Estendeu-a para reforçar sua resposta.

— E o que foi feito do aviso que nunca recebi de que essa miserável entraria em meu domínio? Se está tão interessado em capturá-la, por que nunca me disse nada? — Continuou com maior aspereza ainda: — E como é que ela continua viva e livre para nos importunar? Não devia ter sido destruída em Baskon?

As duas espadas quase se tocaram.

Nesse exato momento, uma voz humana irrompeu:

— Senhores, se quiserem fazer o favor de se sentar...

Os espíritos enrijeceram no ar. O dever os chamava. Abaixo deles, os seres humanos davam início à reunião.

Barquit embainhou a espada.

— As hostes celestiais foram expulsas e ainda somos donos do território. Desta vez eu deixarei passar.

O Destruidor também embainhou a espada.

— Deixarei os erros passados de lado... por enquanto.

Em seguida despencaram pelo telhado do prédio a fim de se juntarem à reunião que estava tendo lugar em uma pequena sala de conferência. Steele ocupava a cabeceira da mesa; à sua direita, o homem moreno todo vestido de preto; à esquerda, outros dois homens. Na outra ponta da mesa, parecendo nervosa, sentava-se a sra. Denning.

Steele dirigia os trabalhos.

— Sybil, gostaríamos de lhe agradecer por ter vindo. Deixe-me apresentar todos os presentes. Claro que o senhor Tisen você já conhece. Senhores, este é Gary Tisen, presidente do corpo docente aqui em Ômega.

Tisen era um sujeito de barba, com seus trinta e tantos anos, um tipo agradável.

— O cavalheiro aqui a minha direita é o senhor Khull, jornalista e fotógrafo autônomo. A minha direita imediata está o senhor Goring, do Instituto Summit.

Goring era um homem idoso de olhos penetrantes, cabelos brancos penteados com esmero e barba bem aparada. Usava diversos colares de contas em volta do pescoço.

— Senhores, esta, naturalmente, é Sybil Denning, membro de nosso corpo docente já há diversos anos.

Todos se cumprimentaram com um movimento de cabeça. A sra. Denning sorriu um bocadinho, concluindo que afinal a reunião seria menos séria do que imaginara.

Steele manteve o sorriso nos lábios, porém, havia algo de cortante em seu olhar.

— Agora, Sybil, temos algumas perguntas a respeito dessa mulher que veio ao Centro na sexta-feira passada. Como ela disse que se chamava mesmo?

Sybil foi pega de surpresa pela pergunta.

— Ora, senhor Steele, aquela era Bethany Farrel, da região de Los Angeles, lembra-se? O senhor disse que a conhecia.

Steele esboçou uma risada encabulada e mentiu:

— Pensei que era outra pessoa. Estamos agora tentando determinar quem ela de fato era. Ela lhe deu alguma outra identificação, qualquer outra prova de quem pudesse ser?

— Bem... não.

Steele fez uma pausa ao ouvir aquela resposta.

— Ou seja... Sybil, você percebe o que aconteceu? Uma pessoa absolutamente desconhecida entrou em nosso *campus*, deu-lhe nada mais que um nome e a afirmação de ser proveniente de Los Angeles, e só isso bastou para conseguir carta branca para excursionar pelo Centro.

A sra. Denning não sabia o que dizer. Steele apenas sorriu.

— Bem, Sybil, é isso que sempre admirei em você: você gosta de pessoas, confia nelas, procura alcançá-las. É essa a finalidade do Ômega, não?

Ela se animou um tantinho.

— Sim, claro.

— Ela disse alguma outra coisa a seu respeito?

A sra. Denning tentou se lembrar.

— Por exemplo, ela é casada?

— Não, divorciada. Disse que estava percorrendo o país de carona, tentando se encontrar. Procurava um lugar para ficar, pelo que me lembro.

— E por isso você a levou em uma excursão pelo *campus*.

— Sim. Levei-a para fazer uma caminhada, falei a respeito do Centro, do que fazemos aqui e de quais são os nossos objetivos.

Steele e Goring chegaram a prender o fôlego por alguns instantes. Afinal, Steele continuou:

— Hum... Sybil, era a esse tipo de coisa que eu me referia. Simplificando, você não deveria ter feito isso. Não sabemos quem era a mulher, nem quais as suas intenções. Tenho certeza de que percebe que lá fora existem muitos interesses hostis a nossa causa. Nossos objetivos podem correr sério risco se não tivermos cuidado na escolha das pessoas a quem repassamos informações. Que objetivos você discutiu com ela?

A sra. Denning vasculhou a memória. Seria doloroso admitir fosse o que fosse que encontrasse.

— Nossos objetivos de mudança pela educação...

A frase provocou um suspiro audível. Tisen chegou mesmo a tamborilar na mesa com os dedos.

— O que mais, Sybil?

— Nossos programas, currículos, o trabalho para entrar no sistema educacional público... — Suas emoções começaram a se manifestar. — Sinto muito. Eu não sabia...

— O que mais?

— Er... Sei que conversamos a respeito do programa dos Jovens Potenciais... E de nossa busca por uma comunidade global... Também da nossa abordagem clínica da educação.

Goring fez uma rápida pergunta:

— Chegaram a falar do currículo *Descobrindo o verdadeiro eu*?

A sra. Denning ficou surpresa por Goring conhecer o assunto.

— Bem... Sim, falamos. Mas acho que foi por estarmos conversando sobre fazer que nosso currículo fosse adotado pelas escolas públicas. Parece que ela o vira em algum lugar e queria saber se de fato éramos nós que o publicávamos.

— Hum. Bem, fiquei sabendo que ela lhe mostrou um anel?

— Sim. Usava-o preso a uma corrente em volta do pescoço. Queria saber se eu já vira algum anel como aquele antes.

— E sua resposta, qual foi?

— Que não.

— Como era o anel?

— Ó... — Ela tentou desenhar pequenas imagens com as mãos enquanto o descrevia. — Relativamente grande, como um anel de formatura... De ouro... Em cima tinha um rosto estranho, meio mitológico, como uma gárgula, só que triangular.

Com evidente esforço, os homens mantinham uma expressão inescrutável no rosto.

Steele perguntou:

— Tem certeza de nunca tê-la visto antes?

A pergunta sugeriu outras possibilidades.

— Bem... Não sei. Será que eu deveria tê-la visto?

Goring interveio.

— Não, claro que não.

Mas a sra. Denning pensou naquele rosto de novo, naquele primeiro encontro e na mulher soletrando o nome: "F-a-r-r-..."

Goring entendeu que já tinham indagado o suficiente.

— Não se preocupe com isso, senhora Denning. É óbvio que não houve prejuízo. Sabemos que tomará cuidado no futuro.

Uma lembrança começava a emergir na cabeça da sra. Denning. Um nome soletrado. Quem era a mocinha que fizera isso? Fora um gesto de flagrante insolência.

Steele também tentava dar por encerrada a conversa.

— Você fez um excelente trabalho, Sybil. Ficamos contentes em tê-la no conselho. Obrigado por seu tempo.

Mas a sra. Denning continuava atenta à lembrança. Via agora um rosto sardento, duro como pedra, emoldurado por longos cabelos ruivos.

— R-o-e... — dissera a garota.

Os olhos da sra. Denning de repente se escancararam, bem como a sua boca.

— Roe! Sally Roe!

Goring pareceu não ouvi-la.

— Muito obrigado, senhora Denning. Senhores, estou com vontade de tomar um café.

A sra. Denning se sentia apalermada, a mente invadida pela lembrança.

— Ela foi minha aluna anos atrás! Aqui no Centro, participando do programa de Jovens Potenciais! Agora me lembro dela!

Steele interrompeu.

— Sybil ...

— Mas o que ela veio fazer aqui? Por que não me disse quem era?

— Sybil!

Afinal, em silêncio, ela lhe deu atenção.

Steele estava com um aspecto sinistro.

— Contenha-se. Posso lhe assegurar de que não era Sally Roe.

Ora, essa seria difícil de engolir.

— Não?

— Sally Roe está morta. Suicidou-se há poucas semanas.

A notícia calou-a de vez. A sra. Denning estava chocada, confusa, sem fala.

Steele então a dispensou:

— Obrigado mais uma vez. Acho que, se correr, chegará à sua primeira aula bem na hora.

Ela se levantou e saiu da sala sem dizer uma palavra.

O Destruidor cuspia enxofre, tentando alcançar e agarrar Steele, ao passo que Barquit tentava detê-lo. *Idiota! Já não atrapalhou o suficiente? Cortarei fora a sua língua*.

Goring olhou furioso para Steele.

— Não foi exatamente uma linha de raciocínio muito prudente que você adotou com suas perguntas.

Steele tentou não parecer constrangido.

— Senhor Goring, podemos repassar nossos deslizes ou discutir o que vamos fazer.

Goring resolveu seguir em frente, mas infeliz.

— A senhora Denning se tornou um risco. Tanto eu quanto você sabemos que ela desconfia que Sally Roe ainda está viva — e ambos sabemos por quê.

— Não — Tisen interveio —, eu não me preocuparia com isso. Ela já demonstrou sua extraordinária e profunda lealdade para com a liderança local.

Steele mudou de assunto:

— Ela não é problema. O que eu gostaria de saber é onde Sally Roe aparecerá a seguir, e se há alguém que devêssemos avisar com antecedência antes que ela possa chegar até a pessoa e extrair informações, como fez com a senhora Denning.

O Destruidor deu um passo para trás e olhou furioso para Steele. *Desastrado! Tolo! Idiota!*

Goring revirou os olhos.

— Você está *mesmo* propondo que avisemos todo mundo que saia à procura de uma mulher supostamente morta? Até que nível hierárquico a informação deveria descer? Não seja tolo, Steele! Assim que a notícia deixasse esta sala, estaria fora de controle. Além disso, a quem contaríamos? Como decidir que direção Roe seguirá? Não sabemos o que ela está pensando e é evidente que você não tinha a menor ideia de que ela apareceria por aqui!

Barquit colocou-se entre Steele e o Destruidor antes que o zangado predador tomasse alguma atitude precipitada.

— Gostaria de lembrá-lo, grande guerreiro, que não recebemos nenhum aviso! O senhor poderia ter previsto que ela passaria por aqui e nós então teríamos sido poupados dessa dificuldade e vergonha!

O Destruidor ficou um pouco mais calmo.

— Está bem. Concordo. Durante algum tempo, a hoste celestial a escondeu de nós, em resposta às orações dos santos de Deus. Os santos de Baskon têm grande interesse nesta batalha. Mas suas preces se enfraquecem agora. Estão preocupados com outras coisas. — Bastou essa ideia simples para alegrar o Destruidor, que se tornou mais amável. — Descobriremos Sally, Barquit, mas na surdina e por astúcia em vez de força. — O Destruidor notou alguém se aproximando da sala. — Ah! Vejam só! Acabamos de conseguir outra vantagem com que a hoste celestial nem pensou em contar.

— Vantagem?

O Destruidor limitou-se a sorrir amarelo, olhando na direção da porta.

Ouviu-se uma batida.

— Quem pode ser? — perguntou Steele.

— As ordens eram para que não fôssemos perturbados.

— Quem é? — Steele exigiu saber.

A porta abriu-se um vão e um jovem estudante e assistente enfiou a cabeça dentro da sala.

— Desculpe, senhor Steele. Tenho uma entrega especial para o senhor Goring.

— Pode entregar — disse Goring.

O rapaz entrou na sala carregando um envelope pardo.

Dois espíritos entraram também, muito contentes, tentando não cacarejar alto demais. O Destruidor ordenou-lhes que se postassem atrás dele, no que foi obedecido na mesma hora.

— Muito pontuais — ele comentou.

Os espíritos deram uma risadinha abafada e cacarejaram sua satisfação pelo elogio.

Enquanto o Destruidor e Barquit observavam o rapaz entregar o envelope para Goring, o Destruidor explicou:

— Estes dois mensageiros descobriram por acaso algo interessante lá no correio de Baskon. Resolvi recompensá-los e garantir futuros serviços da parte deles.

O rapaz deixou a sala. Goring abriu o envelope e sacou o conteúdo com uma expressão perplexa. Um envelope pequeno e uma carta explicativa de três páginas caíram em cima da mesa.

Quase ao mesmo tempo, os quatro homens viram o nome no canto superior esquerdo do envelope: Sally Beth Roe.

Goring leu a carta explicativa.

— Veio de Summit. Esta carta de Sally Roe chegou a semana passada ao correio de Baskon. Lucy Brandon encontrou-a e mostrou ao agente de polícia Mulligan. Ele consultou o Círculo Vital e Ames e Jefferson, os advogados do caso. Eles a enviaram ao Summit. O pessoal do Summit abriu-a e achou que eu deveria vê-la imediatamente.

Goring apanhou a tão viajada carta de Sally Roe, endereçada a Tom Harris." Os quatro homens olharam-na chocados, embasbacados, com um júbilo cada vez maior.

Goring falou primeiro.

— Quer dizer então... que Sally Roe anda escrevendo cartas!

Steele quase sorria abertamente.

— E para... *Tom Harris*?

Goring já passava os olhos rapidamente pela carta vinda do alto comando.

— Brandon tem quase certeza de que esta é uma primeira correspondência. — Tirou então a carta de Sally do envelope já aberto; era um documento escrito à mão em papel de fichário espiral triplo. Examinou-a às pressas e disse: — Sim. Parece mesmo ser uma primeira correspondência. Ela se apresenta... Ó, não! Também descreve seu encontro com Von Bauer!

Ouvindo isso, todos se reuniram para espiar por cima do ombro de Goring.

Steele leu o relato, interessando-se muito pela forma como Von Bauer morrera subitamente. Então se lembrou do que acontecera no restaurante Cabana de Toras. Olhou para Khull e comentou:

— Ela *só pode* estar metida com algum tipo de poder psíquico tremendo. *Alguma coisa* a está protegendo!

Goring não se deixara impressionar por completo.

— E no entanto, ainda parece perdida, confusa. Veja aqui, como ela fala sem parar em moralidade, significado, desespero. A mulher está um verdadeiro caos!

Steele leu mais adiante.

— Hum. 'Vou reconstituir algumas pegadas antigas e fazer novas descobertas'. Por isso ela veio para cá. Está à caça de informação.

— E encontrou — disse Goring desgostoso.

Outro pensamento sombrio ganhou voz:

— Se Tom Harris tivesse recebido esta carta...

Goring ergueu o olhar.

— Sim. Talvez significasse o fim de tudo, inclusive da ação judicial de Brandon.

Mas o estado de espírito de Goring começava a melhorar.

— Por outro lado, considerando as coisas como estão agora... Sally Roe praticamente traiu-se para nós. Estão vendo aqui? Ela planeja escrever mais cartas como esta. Podem ser a chave para encontrá-la, para prever onde ela estará, descobrir o que sabe e o que exatamente planeja fazer!

Os quatro se entreolharam. Talvez fosse mesmo assim.

— Se pudermos continuar interceptando essas cartas, verificar os carimbos do serviço postal, extrair pistas dos conteúdos, eu diria que teremos uma vantagem extraordinária — resumiu Goring.

— Mas é possível confiar que Brandon interceptará as cartas? — perguntou Steele. — Ela não cederá à pressão da legalidade?

Goring sorriu.

— Não, não Brandon. Ela tem muito a perder se não cooperar, agora que a ação judicial está em andamento. Além disso, se pudermos persuadi-la de que seria mais interessante para ela cooperar conosco, então... tanto mais influência teremos sobre ela a cada carta com que mexer.

Eles se entreolharam e assentiram com a cabeça. Parecia um plano viável.

Goring concluiu:

— Precisamos consultar Santinelli quando ele chegar. Se também estiver de acordo, avisaremos o Círculo Vital para que convença Brandon a continuar interceptando as cartas e remetendo-as ao Summit. Uma hora, e digo isso quase que com certeza absoluta, Sally Roe nos dirá onde se encontra, e... o senhor, senhor Khull, nos será de grande valia.

Khull sorriu, saboreando a ideia.

Os dois mensageiros atrás do Destruidor cacarejaram e babaram de alegria.

— Um Judas — disse o Destruidor. — Alguém que entregará Sally Roe em nossas mãos: a própria Sally Roe!

Claire Johanson e o namorado Jon Schmidt dividiam um casarão branco na orla da cidade. A casa fora sede de uma grande fazenda, agora dividida em várias fazendas menores. A casa ainda permanecia como uma propriedade confortável e adequada para os propósitos de Claire e Jon. Ela, claro, era uma das assistentes da firma Ames, Jefferson e Morris; Jon trabalhava como arquiteto e pintor.

Acima de tudo, no entanto, eles eram fundadores e facilitadores de um movimento, uma comunidade, um agrupamento conhecido pelos membros como Círculo Vital.

Para aquele dia fora marcada uma reunião do Círculo. Ocasião não muito formal, mais uma oportunidade para ficarem juntos, descobrir interesses comuns, discutir novas descobertas e percepções. Havia carros de sobra estacionados de ambos os lados da estrada que passava na frente da casa que estava cheia de gente, não só de Baskon como também da vizinhança.

Na sala de estar, os entusiastas das artes apreciavam um mini-concerto de música para abrir a mente, executada por um popular trio instrumental constituído de flauta, guitarra e contrabaixo. O presidente da associação de fazendeiros locais estava presente, em um estranho torpor enquanto escutava; o sr. Woodard, o diretor da escola primária, também se encontrava ali com a esposa, relaxando ao som cadenciado. Alguns jovens fazendeiros também compareceram, alguns para apreciar a música, outros para pensar em mudar de atividade em algum outro lugar da região.

No andar de cima, em um quarto completamente vazio exceto pelas almofadas forrando o chão, rapazes e moças participavam de uma sessão de ioga, zumbindo e entoando mantras feito uma colmeia, sentados em posição de lótus. Eram gente comum, um fazendeiro, um carpinteiro, o motorista de um furgão de entregas, uma professora de crianças portadoras de necessidades especiais, um casal que dirigia uma creche e a srta. Brewer, que lecionava a quarta série da Escola Elementar de Baskon.

Do lado de fora da porta dos fundos, espalhado em cadeiras confortáveis sob vasta parreira, um grupo de cerca de uma dúzia de pessoas compartilhava ideias e ouvia as opiniões de um autor visitante com relação à aplicação do zen à agricultura.

Em um canto do quintal, não muito longe de um conjunto de balanços, várias crianças pequenas pinoteavam pelo gramado, fingindo ser pôneis.

À frente de todas elas ia Ametista, pulando, empinando e proferindo palavras de sabedoria.

— O que você vê, isso é o que existe — dizia ela. — Quando você se vê como um cavalo preto, é isso o que você é. Quando você se vê diante de um prado aberto, é aí que você está. Crie seu próprio mundo e corra à vontade por ele!

Assim, a meninada criava seu próprio mundo e corria à vontade por ali — pelo menos até a cerca dos fundos.

No escritório de Claire, localizado no piso principal da casa, por trás das portas fechadas, desenrolava-se uma reunião de grande importância. Claire estava sentada regiamente atrás de sua escrivaninha; Gordon Jefferson, o advogado da acal, se acomodara em uma ponta da escrivaninha, sua pasta ao lado; do lado oposto a eles encontrava-se Lucy Brandon. Perto da porta, em posição neutra, estava Jon, companheiro de Claire. Ele era loiro e bonito, como um garoto-propaganda de sapatos de corrida, e tinha um ar tranquilo, confiante.

Havia outra mulher presente, uma advogada esguia, de cabelo curto, vinda de Sacramento. Trouxera um sumário de outro caso que a acal encerrara por lá.

— Vocês encontrarão vários paralelos úteis neste caso — dizia ela, entregando a documentação para Jefferson. — Se tiverem alguma pergunta, o senhor James terá prazer em oferecer-lhes seus préstimos.

— Esplêndido! — replicou Jefferson, pegando o material. — Pelo que fiquei sabendo, o senhor James conseguiu desenterrar um precedente legal convincente neste caso aqui.

— Que também pode ser usado pelo senhor.

Claire sorriu agradecida.

— Obrigada, Lenore. Acho que sabe que o pessoal de Chicago está acompanhando o andamento do caso aqui em Baskon.

A mulher chamada Lenore sorriu.

— Ó, claro. Por isso, se descobrirem que precisam de alguma coisa, estamos prontos para mandar mais gente, mais documentos, o que for.

Jon deu risada e bateu palmas.

— A corrida começou!

— E isso me faz lembrar — disse Claire — que temos estado meio em baixa no que diz respeito ao noticiário; John Ziegler e o pessoal da kbzt estão sempre abertos para mais notícias, basta que consigamos encontrá-las.

Jefferson retrucou:

— Bem... O caso fica quase sem divulgação até o julgamento.

Jon perguntou:

— E os problemas de Harris com o pessoal de assistência à criança?

Claire sacudiu a cabeça.

— Não podemos nem chegar perto disso agora, ao menos por enquanto. A juíza deu ordens à imprensa para que se mantivesse afastada. Se eles tentassem desenterrar alguma coisa, pareceria uma violação dessa ordem.

— Certo — Jefferson pensou em voz alta —, mas se conseguíssemos encontrar alguma coisa que ficasse fora dessa ordem, seria de grande ajuda. Precisamos manter os cristãos em fuga, escondidos.

Jon brincou:

— Talvez se usássemos a linha direta para denúncias de abuso infantil de novo e metêssemos Harris em apuros com os filhos de *outra* pessoa...

— Não... — disse Claire, mesmo sabendo que Jon não falava a sério. — Não queremos começar a parecer óbvios. Além do mais, Irene Bledsoe já está sofrendo pressão suficiente, do jeito como as coisas estão hoje.

— Bem, tenham paciência — aconselhou Lenore. — É um processo gradual, um caso de cada vez. O grande consolo é pensar que, uma vez conquistado o terreno, jamais o perderemos novamente.

— Então, o tempo está a nosso favor — disse Jon.

A conversa perdeu o ímpeto inicial. Todos os olhares foram aos poucos se voltando para Lucy Brandon, silenciosa até o momento, apenas ouvindo o que os outros diziam.

Ela retribuiu-lhes o olhar e sorriu, nervosa.

— Estão me pedindo muito.

Claire deu uma risada apaziguadora.

— Ora, nada de muito sério dessa vez.

Jon deu umas palmadinhas na mão de Lucy.

— Não se preocupe. Há muito poder representado aqui para que você corra algum risco real. Certo, Gordon?

Gordon Jefferson entrou na conversa com tudo.

— Sem dúvida. Ouça, Lucy, essas cartas não são correspondência legítima. Estão sendo redigidas por algum maníaco, um doente mental que vem acompanhando o caso pela imprensa. Acontece o tempo todo. Cartas como essa não deveriam mesmo ser entregues.

Claire acrescentou:

— Por outro lado, nunca se sabe quem ou o que está por trás delas. Não podemos nos dar ao luxo de correr nenhum risco.

— É isso mesmo — Jefferson apoiou. — Não sabemos o que as cartas contêm, mas temos certeza de que não contribuiria em nada para sua ação judicial se Tom Harris chegasse a recebê-las algum dia.

Lucy permaneceu sentada em seu lugar, pensando naquilo tudo. Ainda não parecia convencida.

— Bem — perguntou Claire — quantas chegaram até agora?

— A segunda veio ontem.

— O que você fez com ela?

— Continua em situação de "retida". Eu quis conversar com vocês primeiro.

— Fez bem.

Jefferson concordou.

— Fez muito bem. Sabe, Lucy, pode ser que estejamos enfrentando gente bem malandra neste caso. Nunca se sabe que tipo de proeza podem tentar. — Em seguida acrescentou, a voz um pouco mais baixa: — Considere também todos os interesses em jogo. Se vencer este caso, haverá um bom pacote de dinheiro para você receber.

— Deixando o dinheiro de lado, no entanto — acrescentou Claire —, pense em todas as crianças que sua ação judicial pode alcançar, inclusive no futuro. Se algum dia vamos construir um futuro de paz e comunhão mundial, precisamos enfrentar os cristãos; precisamos afastar-lhes a influência das futuras gerações. Para o seu próprio bem, para o bem da humanidade.

— Mas e Amber? — perguntou Lucy.

Jefferson foi rápido em responder:

— Sabe, Lucy, acho que você nem precisa se preocupar com isso. O doutor Mandanhi apresentará relatórios e testemunhos em favor de Amber. Ela jamais terá de chegar nem perto do tribunal. Vamos isolá-la completamente deste caso.

— Isso seria bom.

— Bem, levaremos a coisa dessa maneira.

Com grande sinceridade na voz, Claire disse:

— De fato, se achássemos que o caso seria prejudicial a Amber, não lhe daríamos prosseguimento. Afinal, é com as crianças que estamos preocupados.

— Certo, com toda certeza — disse Jon.

Afinal Lucy sorriu e aquiesceu com a cabeça.

— Está bem. Eu só queria ter certeza, mais nada.

— Nenhum problema — disse Claire.

— Entendemos sua posição — assegurou-lhe Jon.

Jefferson verificou mais uma vez:

— Você tem o endereço para onde mandar as cartas?

Lucy achou que se lembrava.

— O Instituto Summit, certo?

— Certo.

— Tenho o endereço em meu arquivo particular. Enviarei as cartas assim que as receber.

Todos demonstraram sua aprovação inclinando a cabeça.

— Excelente, excelente.

A música ainda tocava, as discussões continuavam, o zumbido e os mantras faziam as janelas tremerem. No cômputo geral, o Círculo estava tendo um dia produtivo.

Marshall Hogan também. Não demorara muito para passar devagarinho de carro pela casa e por todos os carros estacionados, matraqueando em um pequeno gravador de mão:

— ghj 445, hef 992, bbs 980, cjw 302…

Bastou passar duas vezes pelo local para pegar o número de todas as placas.

21

Caro Tom,

Quero ter certeza a respeito de alguma coisa. No momento, não tenho.

Pode pôr a culpa no orgulho. Quando entrei para o colegial, deliciei-me com o que me ensinaram: que eu era a autoridade máxima sobre minha vida, o árbitro final de toda a verdade, a única a decidir quais os meus valores, e que nenhuma tradição, ideias acerca de Deus ou sistemas de valor antigos tinham qualquer autoridade sobre minha vontade, meu espírito, meu comportamento. “Autonomia máxima”, era

esse o nome que davam a isso. Esse tipo de conceito consegue ser muito convidativo.

Mas havia um dificultador em toda essa liberdade: eu precisava aceitar a ideia de ser um acidente, a mera soma de tempo mais acaso; não apenas eu como também tudo o que existe. Uma vez que aceitei essa ideia, era impossível acreditar que alguma coisa realmente importasse, pois fosse o que fosse que eu pudesse fazer, ou criar, ou mudar, ou melhorar, não seria menos acidental do que eu mesma. Então, onde estava o valor de qualquer coisa? Que valor tinha a minha própria vida?

De modo que toda essa "autonomia máxima" não foi a grande liberação e alegria que imaginei que seria. Sentia-me uma criança solta para brincar em um quintal infinitamente enorme e comecei a desejar que houvesse uma cerca em algum lugar. Pelo menos então eu saberia onde estava. Poderia correr até ela e dizer a mim mesma: "Estou no quintal", e sentir que era certo. Ou poderia passar por cima da cerca e dizer a mim mesma: "Ó, estou fora do quintal", e sentir que era errado. Certa ou errada, e com infinita liberdade para correr e brincar, eu sei que ainda ficaria perto da cerca.

Pelo menos então eu saberia onde me encontrava. Saberia alguma coisa com certeza.

Sally estava em Fairwood, um cidadezinha às margens de um rio importante, um porto de compras razoavelmente movimentado para aquela parte do estado. Mesmo o Centro Ômega ficando a apenas meia hora de carro acima da cidade, por uma daquelas estradas sinuosas que subiam as colinas, resolvera permanecer ali escondida no final de semana, a fim de percorrer o lugar novamente, andar por suas ruas durante o dia e passar as noites frescas no bosque junto ao rio.

A cidade não mudara muito em dez anos. Havia um novo centro de compras na extremidade norte da principal via pública, mas toda cidade precisa ter um *shopping center*, cedo ou tarde. Quanto ao centro da cidade, as lojas permaneciam as mesmas. Até a lanchonete Fique Mais um Pouco continuava lá, com o mesmo toca-discos automático e o feio balcão revestido de fórmica azul. Os cardápios eram novos, mas apenas os preços tinham mudado; as páginas exibiam o mesmo logotipo e as mesmas refeições.

Aos poucos lhe ocorriam lembranças das coisas. Estava fazendo que voltassem. O parque no centro da cidade era com certeza do jeito como se lembrava. A piscininha rasa estava seca e vazia, esperando tempos mais quentes, porém crianças brincavam nos balanços e nos escorregadores. Sally então considerou que o parquinho continuava o mesmo, apenas a criançada mudara; não demoraria muito para que as crianças de dez anos antes mandassem os filhos ao mesmo parquinho para brincar nos mesmos balanços.

> A cidade em si não é de todo má. Não posso culpá-la pelos sentimentos que evoca, os estranhos conflitos que sinto. Este lugar esconde minhas lembranças mais felizes e as mais amargas, lado a lado. Ambas enterradas há muito tempo, obliteradas pelas drogas, pelas ilusões, por estados alterados do consciente. Por isso obriguei-me a ficar aqui para revivê-las. Eu preciso recordar.

Sally estava sendo seguida por amigos. Do topo do prédio do Primeiro Banco Nacional, no outro lado da rua, Tal, Natã e Armoth mantinham-na sob vigilância enquanto ela, sentada em um banco do parque, escrevia outra carta.

— Ela ainda não achou — disse Natã. — Creio que não quer achar. Passou por todas as ruas, menos a rua certa.

— Ela quer encontrar sim, mas ao mesmo tempo não quer, e não a culpo por isso — disse Tal. — Mas teremos de ajudá-la. Com nossas táticas atuais, só manteremos aquele quarto de hotel disponível por hoje.

— Lá vai ela de novo — comentou Armoth.

Sally guardava seu caderno de volta na mochila e se preparava para seguir em frente.

Natã observou os céus acima da cidade.

— Os batedores do Destruidor continuam por aí. Devem saber da nossa presença.

Tal concordou.

— Simplesmente não estão com medo de nós. Considero isso uma vantagem. Prefiro vê-los bastante confiantes. — Viu Sally virando à direita na Avenida Schrader. — Opa! Não, Sally, por aí não.

Desenrolaram as asas e saltaram do prédio, flutuando sobre a capota dos carros que passavam, dobrando silenciosamente a esquina e pousando na calçada nos dois lados daquela viajante singular, embora cansada. Ela parecia um tanto perplexa, sem saber que direção seguir.

Natã sussurrou-lhe: *Não, Sally, você já passou por aqui. Vire*.

Ela parou. *Ora, céus, já passei por esta rua antes e foi uma chatice*.

Voltou-se e seguiu a avenida na outra direção, cruzando várias ruas, passando por outros pedestres, sempre olhando por cima do ombro. Os três guerreiros acompanhavam-na bem de perto.

Sally olhava ao seu redor enquanto caminhava. Não, não passara por ali ainda. As fachadas de algumas lojas pareciam familiares. *Ó, aquela floricultura! Lembro-me dela!*

Até que finalmente seus olhos depararam com um quadro que não via, ou não quisera ver, havia dez anos. Lá na frente, do seu lado da rua, estava uma grande placa retangular, schrader hotel. Abaixo dela, uma placa menor: servimos refeição. taxas para dia, semana e mês. Estacou de repente e ficou olhando a placa boquiaberta, fascinada realmente.

Aquilo não mudara. O hotel continuava lá!

Tal chegou-se por trás dela. *Calma, Sally. Não fuja*.

Ela queria fugir, mas não conseguia. Não queria enfrentar essa recordação, porém ainda assim sabia que precisava fazê-lo.

Se procura conhecer a verdade, disse Tal, *precisa enfrentá-la mesmo que seja dolorosa. Você já fugiu demais*.

Permaneceu imóvel no meio da calçada como se seus sapatos estivessem grudados ao cimento. Começava a lembrar de mais e mais coisas relacionadas com aquele lugar. Andara por aquela calçada antes, muitas e muitas vezes. Visitara aquela floricultura. Havia uma loja de ferragens na esquina, mas de repente se lembrou que ali antes funcionava uma loja de miudezas.

Pôs-se a caminhar de novo, devagar, absorvendo cada quadro. As jardineiras eram novas; antigamente havia apenas a calçada nua ali. O estacionamento do outro lado da rua estava sob nova direção, mas continuava sendo um estacionamento.

O Hotel Schrader era o mesmo grande hotel de sessenta unidades e três andares, em forma de L, com um estacionamento na frente e outro na parte dos fundos. Nunca fora caro, nada tinha de extravagante, nem piscina. Talvez o prédio tivesse sido pintado; não saberia dizer com certeza. A entrada para a recepção parecia a mesma de que se lembrava. E ainda havia uma grande cobertura projetando-se para fora da entrada.

Ergueu os olhos para o terceiro andar e perscrutou todas as portas azuis que davam para a sacada guarnecida por grade de ferro. Podia ver o Quarto 302 quase na ponta. Fora seu lar durante quase dez meses. Um período tão curto, e havia tanto tempo!

Passando por debaixo da cobertura e chegando à porta da recepção, sentiu-se um pouco irracional. A que propósito uma ação como aquela serviria? Por que desenterrar o passado? Nada disso era necessário.

Mesmo assim, decidiu seguir em frente. Tinha de ver aquilo tudo de novo; não prestara atenção da primeira vez.

Abriu a porta.

Assim estava escrito, veio uma lembrança de alguma parte de sua mente. Era sua própria voz. Agora se lembrava de ter dito aquilo. *Meu eu superior o ordenou*.

— Olá — cumprimentou a simpática senhora atrás do balcão. — Em que posso ajudá-la?

Sally ainda ouvia a própria voz ecoando do passado: *Afinal de contas, a morte não existe; a única coisa que existe é a mudança*.

Sabia que alguém lhe fizera uma pergunta.

— Er... Gostaria de saber se a senhora tem uma unidade com cozinha disponível.

A mulher consultou seus registros.

— Hum. Está com sorte. Sim, aquele sujeito foi embora este fim de semana mesmo. Fica no terceiro andar... Pode ser?

— Pode. Er... Por acaso seria o 302?

As sobrancelhas da senhora se ergueram.

— Ora, sim, isso mesmo. Você já ficou nesse quarto antes?

Sally examinou cuidadosamente a mulher. Não, nunca tinham se visto antes, com certeza. Devia ser a nova proprietária, ou uma nova funcionária, ou algo assim.

— Algumas vezes.

A mulher fez a ficha deslizar pelo balcão e Sally a preencheu. Assinou como Maria Bissell, colocou um endereço absolutamente fictício em Hawthorne, Califórnia, e ainda alegou estar dirigindo um Ford Mustang 79 com placa da Califórnia, inventando também o número para a placa. Só esperava que a mulher ficasse contente de receber em dinheiro e não lhe questionasse as credenciais.

De fato, foi o que aconteceu. Sally pagou não só uma semana de aluguel adiantado como também um depósito para cobrir pequenos danos. Tudo isso em dinheiro. Na mesma hora a mulher lhe entregou a chave do quarto.

A escada tinha agora um novo tapete verde. Sally podia lembrar-se do gasto tapete marrom que a recobria antes.

Chegou ao terceiro andar e caminhou ao longo da sacada, de onde se avistava o estacionamento e, além dele, a Tipografia e Encadernadora Nelson. As impressoras de *offset* ainda roncavam em seu interior.

Sally levou a mão à grade e percebeu-a solta. A última vez que vira essa mesma grade ela estava muito bem presa.

De memórias enterradas veio a imagem de viaturas no estacionamento abaixo, as luzes piscando. Em seguida lembrou-se de outros locatários observando das janelas, espiando por trás de cortinas, curiosos e anônimos. Podia sentir a dor de mãos grandes segurando-lhe os braços, impelindo-a ao longo dessa mesma sacada.

Havia uma ambulância lá embaixo também, e paramédicos correndo para todo lado. Mas deles quase nem se lembrava.

Chegou à porta. Com a respiração presa e uma volta da chave, abriu-a. A fechadura fora consertada e a maçaneta devia ter sido trocada.

Algumas coisas estavam diferentes. O sofá era novo, mas ainda ficava no mesmo lugar. O quadro na parede acima dele costumava ser de um barco a vela e agora exibia um vaso de flores surrealista. Ela gostava mais do barco a vela.

A cozinha parecia a mesma e os armários não tinham mudado nada. A pia continuava rachada no mesmo lugar. As panelas estavam no mesmo guarda-louças, do lado esquerdo da pia.

Passando um arco no fundo do cômodo ficava o quarto. Ela conhecia a disposição da cama, bem como do grande guarda-roupas. Não se deu ao trabalho de ir olhá-los.

Ao lado do quarto ficava o banheiro. Onde Sally não queria entrar de jeito nenhum.

Ben estava quase fora de si quando Marshall encostou na entrada de carros. Mal o viu e ele saiu correndo ao seu encontro.

— Ei, por onde você andou?

Marshall se sentia muitíssimo bem.

— Consegui os números de algumas placas dos carros que pertencem aos membros locais do Círculo Vital. Isso dará ao seu amigo em Westhaven algo mais para fazer, vasculhando fichas do Departamento de Veículos.

— Chuck já fez *muita* coisa — exclamou Ben, caminhando inquieto na calçada. — Venha para dentro!

Marshall apressou-se a obedecer, seguindo Ben até a sala de jantar. Bev estava lá, olhos aparvalhados, estudando documentos espalhados em cima da mesa.

— *Ó Senhor*... — disse ela.

Ben não perdeu tempo: apontou para uma foto policial granulada, em preto e branco, de frente e de perfil esquerdo.

— Essa é a mulher. Sally Roe!

Marshall apanhou a foto e estudou-a com atenção.

— Puxa, que mulher gasta!

De fato, a mulher cansada, emaciada e aturdida das fotos dava a perfeita impressão de uma andarilha meio bêbada ou drogada. Fotos policiais nunca eram muito lisonjeiras, mas mesmo assim...

No entusiasmo, Ben agarrou Marshall pelo ombro e pôs-se a fincar o dedo nas fotos.

— Marshall, esta não é a mulher que encontramos morta no sítio dos Potter! Mas é Sally Roe sim! Já estive nos Potter e na fábrica Bergen para conversar com Abby Grayson. Eles confirmaram que esta é Roe.

— Não devem ter ficado muito felizes...

— Ficaram chocados. Sim, muito chocados. — Ben prosseguiu com a explicação. — Chuck solicitou uma averiguação de fichas do Centro Nacional de Informação Criminal e da Seção Estadual de Informação. Sally Roe foi presa uma única vez, há dez anos. Ele conseguiu o relatório dessa prisão, depois

acompanhou seus registros com a polícia local da cidade onde a prisão aconteceu.

— Fairwood, Massachusetts...

— Exato. Eles forneceram as fotos.

Marshall hesitou. Alguma coisa o incomodava.

— Fairwood, Massachusetts... Fairwood... Vou apurar os fatos melhor com Kate. — Deu mais uma olhada nas fotos. — E acho bom fazermos cópias desses retratos.

— Farei isso agora mesmo — prontificou-se Bev. — Vou descer e usar a copiadora da igreja.

— Ótimo. Kate vai precisar de uma, tenho certeza. — Examinou os outros documentos. — Muito bem, mas o que foi que ela fez?

Ben apontou para o registro criminal. Marshall perdeu a fala. Virou o papel em sua direção a fim de poder lê-lo melhor.

— Não é demais? — perguntou Ben.

— Essa história está ficando cada vez melhor! Algum detalhe?

Ben mostrou um breve comunicado policial.

— É muito estranho; nada do que eu esperaria encontrar.

Enquanto lia o comunicado, o rosto de Marshall se enchia de horror e descrença. Só o que pôde dizer em seguida foi:

— Por quê? Isto é loucura!

— Precisamos investigar melhor isso tudo.

Marshall fitou a fotografia novamente.

— Tenho um amigo em Nova York chamado Al Lemley. Um amigo de verdade, e pode nos ajudar. Talvez ele nos consiga mais dados sobre essa história.

Ben teve uma ideia:

— Você poderia dar um pulo no Serviço de Secretaria da Judy. Fica naquela lojinha com vitrine, no cruzamento que tem os quatro sinais de pare. Ela tem fax, de modo que você poderia conseguir o que precisa imediatamente.

— Sim. Boa ideia. — Marshall olhou para a ficha criminal outra vez e balançou a cabeça. — Homicídio culposo!

— Vocês não passam de assassinos sanguinários, no que me diz respeito — disse Santinelli, aquecendo-se na lareira das acomodações particulares de Steele. Deixara sua agenda cheia e confusa em compasso de espera e apanhara o voo da tarde que saía de Chicago para chegar ali. Agora se sentia cansado e irritado, e nada satisfeito com parte das pessoas que lhe faziam companhia naquele instante.

Sua declaração fora dirigida ao moreno e misterioso Khull, que se sentara com todo o conforto no sofá, girando um preparado de gin e tônica no copo, fazendo tinir os cubos de gelo. Não se deixara abalar nem um pouco com a afirmação grosseira de Santinelli.

— Somos todos assim mesmo, senhor Santinelli — se não em atos, ao menos de coração. Afinal, o senhor me contratou.

Goring, estirado em uma cadeira estofada diante do fogo, gracejou:

— Uma decisão da qual todos nos arrependemos, senhor Khull.

Santinelli arrancou uma baforada indignada do charuto. Não gostara do tom do comentário de Goring.

— Gostaria de lembrar, algo de que estou certo que o senhor Khull ficará feliz em se gabar, que ele já conta com um poder controlador sobre nossa organização, graças às aventuras românticas do homem que acabou eliminando, nosso noviço, o senhor James Bardine.

— James Bardine... — Khull parecia ter sofrido um lapso de memória. Afinal se lembrou. — Ó, sim! Ele morreu em um trágico acidente de carro! Creio que dormiu na direção...

— É o que todos pensam — disse Santinelli. — Meus parabéns.

— Obrigado. Procuramos ser cuidadosos.

Santinelli sentou-se em uma cadeira oposta a Khull, sem fazer o menor esforço para esconder seu desdém.

— Vocês todos são satanistas cuidadosos, com certeza. Prestam culto ao mesmo tempo em que fogem, não é verdade, sempre olhando por cima do ombro?

Khull inclinou-se para a frente, a bebida nas mãos, a cabeça caída entre os ombros, os olhos penetrantes.

— Não. Na realidade, ainda não fomos perseguidos.

Steele, ouvindo toda a conversa da cadeira bem diante do fogo, interveio:

— Cavalheiros, e senhor Khull, sabemos como nos sentimos uns acerca dos outros. Portanto, encaro essa questão como resolvida. Não confiamos uns nos outros e é assim que desejamos que seja.

Santinelli acrescentou:

— Também podemos considerar resolvido o fato de um empecilho ter sido afastado, a saber, Alicia Von Bauer, James Bardine e o pequeno ninho de amor que compartilhavam. Relacionamentos como esse podem causar profundo constrangimento. De agora em diante, espero termos deixado um exemplo claro o suficiente para os nossos subordinados de que quaisquer outros relacionamentos com essa gente do Vidoeiro Quebrado não será tolerado.

Khull tomou um gole de bebida e recostou-se no sofá macio.

— Principalmente aqueles que sabem demais, como era o caso do senhor Bardine.

Santinelli disse furioso:

— Ou o de vocês agora, graças a essa devassa, a senhorita Von Bauer!

Khull deu risada.

— Assim funciona a política do poder.

Goring respondeu:

— Exato, e por isso sua presença em nossa companhia foi tolerada!

Steele ansiava por concluir aquele acordo detestável.

— Muito bem. Gostemos ou não, o Vidoeiro Quebrado agora participa do plano. Façamos o balanço do livro-caixa a fim de que o senhor Khull possa ir embora satisfeito para cuidar de seus negócios.

Santinelli preencheu um cheque e entregou-o a Khull.

— Pronto. Enquanto nossa empregada, e admitimos que devido a uma negligência nossa, a senhorita Von Bauer foi morta. Demos ao senhor a liberdade de matar o senhor Bardine e aqui está a indenização conforme o senhor exigiu.

Khull examinou o valor do cheque e balançou a cabeça em sinal de aprovação. Em seguida dobrou-o e fez que deslizasse para o interior do bolso.

— Problema resolvido.

— Muito bem — disse Steele. — Agora trate de recuperar aquele anel.

Khull tornou a se servir de um gole de bebida.

— Seu crédito conosco é bom, naturalmente, mas...

Dessa vez foi o senhor Goring quem preencheu um cheque.

— Conforme acordado, eis aqui a primeira metade do pagamento, para que o senhor comece o serviço. Receberá a segunda metade quando o anel tiver sido recuperado e Sally Roe eliminada.

Khull tomou mais esse cheque e embolsou-o.

— Como sabem, ela tem sido muito arredia.

— E estamos lhe pagando para fazer que desapareça de vez.

Khull fez girar os cubos de gelo.

— Como os senhores sabem, o sangue dela estaria em *nossas* mãos. Muito conveniente para vocês!

Steele objetou:

— Suas mãos já estão sujas de sangue.

— E as suas não? — Khull riu deles. — Ah, não se preocupem. Compreendo. Nós matamos regularmente, como forma de culto; é um sacramento para nós. Se vocês matam... Bem, fazem-no apenas por intermédio de gente contratada para isso, como nós. Assim mantêm limpas as próprias mãos. Vocês não enterram a faca, por isso não sentem a pontada na consciência. — Riu de novo. — Talvez ainda sejam cristãos demais!

Santinelli detestava o sarcasmo daquele homem.

— Se me permite lembrar, senhor Khull, o senhor serve igualmente a interesses próprios, talvez mais do que a nós. Se Sally Roe algum dia for encontrada viva, se ela chegar a contar sua história, o senhor e seus seguidores poderão facilmente ser indiciados por assassinato. E, ao contrário dos sacrifícios humanos que desaparecem sem deixar rasto, essa vítima está viva, andando e falando. Pelo menos nossa história, de que ela teria se suicidado, serviu de cobertura e deu mais tempo para todos nós. Eu diria que o senhor nos deve algo por isso.

Khull se mostrou impressionado apenas de leve.

— Sim, ambos os lados têm algo a perder se ela continuar viva. Mas quanto temos a perder depende de quanto já investimos, não é verdade? O que é o Vidoeiro Quebrado comparado com o seu plano?

— Não muito — Steele respondeu, aparentemente admitindo algo, mas na realidade usando as palavras como um insulto.

Khull arriscou um sorriso escarnecedor.

— Vocês não são melhores. Algum dia perceberão isso. Estão se transformando depressa naquilo em que somos hoje. Se nos detestam tanto, talvez seja por se enxergarem em nós!

Santinelli vociferou:

— Acompanharei o *senhor* até a porta!

Alice Buckmeier era uma anfitriã maravilhosa, claro, e adorava receber visitas. Por isso, a breve entrevista planejada por Kate acabou se transformando em uma deliciosa visita em que foram servidos chá e guloseimas na sala de jantar da viúva, rodeada por badulaques, toalhinhas de crochê, cristal e fotos de filhos, filhas e netos.

— A senhora deve ser a avó de todo mundo — comentou Kate.

Alice riu.

— Um título que uso com orgulho. Não tenho apenas meus próprios netos, sabe, mas sou a vovó Alice de toda a criançada da igreja também!

— Isso é maravilhoso.

— Gosto muito de crianças, gosto mesmo. Às vezes é difícil entender como as pessoas tratam seus filhos. Sei que isso parte o coração do Senhor. — Ela despejou mais chá quente na xícara de Kate e continuou: — Estive pensando sobre a pequena Amber desde que presenciei aquela cena no correio. O que ela estará sendo obrigada a enfrentar em casa?

Kate deixou o caderno de notas de prontidão.

— Bev Cole diz que a senhora tem uma história e tanto.

— Ó, sim. Foi muito inquietante. Eu mandava um pacote para meu filho — bem, na verdade, para meu neto, Jeff. Tricotei uma malha para ele e tentava mandar a tempo para seu aniversário. Bom, eu estava em pé na frente do balcão enquanto aquela outra mocinha, Debbie, pesava meu pacote, carimbava e tudo o mais...

Judy Balcom enfiou a cabeça no restaurante do Don e chamou:

— Senhor Hogan! Al Lemley no telefone!

Marshall levantou-se do balcão, pagou o café e dirigiu-se apressado para o prédio vizinho.

Judy comandava um pequeno serviço de secretaria muito bem montado, digitando cartas, fazendo e atendendo ligações, tirando cópias, processando textos e transmitindo mensagens, para mencionar apenas algumas de suas tarefas, para muitos dos negócios locais espalhados pela cidade. Por uma taxa razoável, ela permitiu que Marshall ligasse para Al Lemley em Nova York. O amigo, bem de acordo com seu estilo, não perdera tempo para encontrar aquilo de que Marshall necessitava.

— Alô, de Nova York — soou a voz familiar da costa leste ao telefone.

— Al, você vai me deixar contente?

— Não, amigão. Vou deixar você doente. Seu fax está pronto?

Judy estava com tudo preparado.

Marshall deu o sinal verde para Al iniciar a transmissão.

Alice continuou sua história:

— Ora, nem percebi quem estava no saguão onde ficam todas as caixas postais. Nunca presto atenção a isso, a menos que seja algum conhecido. De repente, no entanto, ouvi aquela comoção toda, como se uma criança estivesse fazendo arte — sabe, comportando-se mal. Lembro de ter pensado: Ora, onde estão os pais dessa criança? Não deveriam deixá-la agir desse jeito!

— Pois bem. Debbie terminara de cuidar do meu pacote, por isso saí para o saguão. Foi quando pude ver melhor a coisa toda. Lá estava aquela mulher, simplesmente parada no meio do saguão... Tinha algumas cartas na mão, por isso achei que tivesse ido buscar sua correspondência... E então vi a menininha, a tal Amber, berrando e gritando e... empinando como se fosse um cavalo. A pobre mulher estava apavorada!

O fax se pôs a zumbir e deitar fora cópias de documentos. Marshall apanhava cada página à medida que ela caía na bandeja. Eram relatórios policiais semelhantes aos que já tinha lido. Em seguida vieram alguns artigos noticiosos de jornais locais. Um deles estampava outra foto de Sally Roe, dessa vez algemada, sob a guarda de dois policiais uniformizados.

— As coisas que aquela criança dizia! — exclamou Alice.

— O quê? — Kate quis saber.

— Em determinado momento ela empinou, bateu na mulher e berrou, sem parar de bater na mulher, dizendo: "Eu sei quem você é! Você matou o seu bebê! Você matou o seu bebê!" A pobre ficou horrorizada; parecia que estava sendo atacada por um cão raivoso ou algo assim.

— Por fim a mulher conseguiu se desvencilhar e sair correndo porta afora como um coelho assustado. Amber correu no seu encalço até a porta, ainda gritando: "Você matou o seu bebê! Eu sei quem você é! Você matou o seu bebê!" Então a senhora Brandon saiu da sala dos fundos, pegou a filha e tentou arrastá-la de volta para dentro, mas ela não quis saber de acompanhar a mãe, de

jeito nenhum. Elas tiveram um pega feio bem ali, no meio do saguão, na minha frente. A senhora Brandon gritava: "Pare com isso, Amber! Pare com isso agora mesmo! Não quero mais saber dessa brincadeira!"

Kate perguntou:

— A senhora Brandon chegou a usar o nome Ametista?

Uma luz se acendeu na cabeça de Alice.

— Ora, sim! Lembro-me bem disso! Ela chamava Amber de Amber um minuto, e de Ametista no minuto seguinte. Dizia: "Ametista, Ametista, pare com isso agora! Pare de gritar e se acalme!" Não entendi o que ela queria dizer; imaginei que fosse um apelido ou coisa parecida.

Outro artigo noticioso caiu da máquina de fax. Marshall correu os olhos por ele rapidamente. Sally Roe fora presa depois que a polícia derrubou a porta de seu quarto de hotel em Fairwood. Dentro, encontraram-na no banheiro em estado de estupor, aparentemente causado por drogas, e à filhinha de menos de dois meses afogada na banheira. Sally fora então acusada de homicídio culposo pela morte por afogamento da própria filha.

Kate mal podia esperar para fazer a próxima pergunta. O incidente no correio podia ter sido mera coincidência — coisa pouco provável em uma cidade tão pequena. Enfiando a mão na pasta, sacou das fotos policiais de Sally Roe, colocando-as diante de Alice.

— É essa a mulher que a senhora viu naquele dia?

Os olhos de Alice se arregalaram. Ela então fez um movimento afirmativo com a cabeça, lento e surpreso.

— Ela está com uma cara horrível nesta foto... mas é ela. Sally Roe, hein?

— Isso mesmo.

— Uma criminosa?

— Sim.

— O que ela fez?

— Bem... de fato ela matou alguém.

Marshall encaminhou-se devagar para o carro, sentou atrás do volante e então se deixou ficar ali por algum tempo, lendo os artigos dos jornais e os relatórios policiais que Al Lemley mandara. Uma história fascinante, cheia de prováveis pistas, porém ao mesmo tempo muito trágica. Muito mesmo.

A promotoria a chamara de "vagabunda". Além de "feiticeira diabólica, egoísta, egocêntrica, mulher desprezível, assassina de crianças".

O relatório policial dizia que Sally Roe estava ensopada quando a encontraram no chão do banheiro. A água vertia pela borda da banheira. No interior da banheira, a criança morta. Na hora Sally dissera à polícia que matara a bebê. Mais tarde, no entanto, quando questionada a esse respeito, alegou não ter a menor lembrança do que acontecera.

Durante o julgamento — e isso Marshall achou interessante —, Sally parecera distante, sem demonstrar remorso. "Estava escrito que seria assim", ela dissera. "Meu ser superior ordenou que acontecesse. O ser superior de Raquel desejava morrer nessa ocasião e Jonas estava lá para fazer que acontecesse. Todos nós determinamos nosso próprio destino, nossa porção na vida, quando devemos morrer e em que situação nasceremos da próxima vez. Não existe morte; só mudança."

Jonas. Um espírito-guia, segundo Sally. A princípio ela admitira ter afogado a filha, porém, mais tarde parecia ter mudado seu depoimento, culpando o espírito-guia.

— Ele assumiu o controle da situação — ela alegara — e conduziu o afogamento.

O júri não engolira essa. Declararam-na culpada, depois sentenciada a trinta anos de prisão.

Quanto ao pai da criança, ele nunca se apresentou ou foi localizado. Sally jamais o identificou. Simplesmente retrataram-na como uma vagabunda e sua filha ilegítima.

Tudo acontecera havia dez anos.

22

Ping. Ping. Ping.

A torneira parecia delimitar segmentos de tempo, anunciando a passagem de um instante, e mais outro, e mais outro, e mais outro, feito um relógio, sem parar jamais, sem nunca diminuir a marcha — pingando sem parar, instantes a passar.

O trânsito fluía do lado de fora da janela do banheiro, mas Sally não o ouvia. Uma sirene tocou uma vez, mas ela não se mexeu ou percebeu. Não tinha forças nem disposição para se levantar do lugar onde se encontrava: no chão do banheiro, as costas contra a parede azul-claro, as mãos frouxas sobre o colo, a cabeça descansando contra o reboco duro. Apesar disso tudo, não se esquivava ao desconforto.

Simplesmente permanecia ali, os olhos vazios fixos na banheira, ouvindo a torneira pingando, vendo cada gota se formar na ponta do cano — e depois, espichando-se com o peso, soltar-se e desaparecer.

Ping. Ping. Ping.

— Senhorita Roe, achou que não havia lei superior à sua pessoa?

— Não existe realidade superior, senhor, à que eu mesma criei.

Ping. Ping. Ping.

— Você honestamente não se lembra de ter pego sua filha e segurado debaixo da água, afogando-a?

— Já lhe disse antes, eu não estava lá; foi Jonas.

— Mas você admitiu ter afogado sua filha!

Jonas fez tudo sozinho. Meu ser superior o quis, ele executou...

Ping. Ping. Ping.

— Encontramos a acusada no banheiro... Ela parecia atordoada...

— E que foi que ela lhe disse?

— "Ó, não! Matei o meu bebê."

Ping. Ping. Ping.

— ... senhoras e senhores do júri, ouviram um relato do inconcebível... Esta vil criatura, destituída de consciência, sem remorso..."

Destituída de consciência, sem remorso. Destituída de consciência, sem remorso. Destituída de consciência, sem remorso.

Uma criança em um quintal infinito sem cerca. Criadora e juíza de toda realidade. Centro de seu próprio universo. Não existe certo, não existe errado. Só o próprio eu. O eu é tudo o que importa.

Pelo menos era assim que costumava ser.

Sally remexeu-se um tantinho apenas. O chão duro de linóleo lhe fez lembrar onde se encontrava seu glorioso universo. Um banheiro pequeno, frio, cheio de eco, com a torneira da banheira pingando, ocupado por uma assassina, uma vadia, uma vagabunda, um fracasso, um vidro vazio drenado constantemente por dez anos de existência sem sentido, sem rumo, um pedaço de carne desprezado que ninguém queria.

Agora estava sentada no linóleo, a cabeça contra a parede, o cotovelo descansando em cima do vaso sanitário, ao lado da banheira em que tirara a vida da própria filha.

Seu universo. Seu destino. Sua verdade.

Faltavam-lhe lágrimas. Sentia-se vazia demais para chorar; não havia alma dentro de si. Continuava a respirar, mas não porque o desejasse. Acontecia apenas. A vida acontecia apenas. Ela acontecia apenas, e não sabia por quê.

Os espíritos a encontraram: Desespero, Morte, Loucura, e agora Suicídio. Atacaram-na, sussurravam-lhe, arranhavam-lhe a alma, uma camada de cada vez. *Assassina*, diziam. *Assassina imprestável e culpada! Jamais conseguirá fazer o bem! Não há nada de bom em você! Não pode ajudar ninguém! Por que não desiste de tudo?*

É solitário este universo, concluiu. *Imagino que tenha sido criado por mim, mas agora estou perdida dentro dele. Gostaria de ter certeza de alguma coisa. Gostaria de poder encontrar uma cerca no fim deste quintal.*

Ah, mas agora é tarde demais para isso.

A mão caiu-lhe do colo e bateu de leve na lateral da banheira.

Uma cerca.

Não, não era uma grande ideia; não era uma ideia emocionante e não provocou a menor mudança em sua respiração ou pulso. Era apenas uma noção, uma sugestão vaga de possibilidade, uma simples proposição para debater um pouco: a banheira talvez fosse uma cerca.

Olhou para a banheira; tocou a porcelana fria, de um azul esverdeado. *Eu podia fazer de conta*, pensou. *Só para permitir o debate, eu podia fingir que isto é uma cerca, um limite, uma fronteira*.

Uma fronteira que atravessei, coisa que não devia ter feito.

Permitiu aos pensamentos continuarem por conta própria, entregando-se apenas ao prazer de ouvi-los se agruparem e conferenciarem dentro de sua cabeça.

E se o que aconteceu aqui foi errado?

Ora vamos, de acordo com quem? Não existem absolutos; não se pode saber nada com certeza.

E se existirem, e se eu puder?

Mas como?

Depois. Depois. Simplesmente responda à primeira pergunta.

E se foi errado?

Sim.

Então eu sou culpada. Fiz uma escolha errada, pulei a fronteira, fiz algo errado.

Mas pensei que fronteiras existissem apenas na própria mente!

Fiz algo errado. Quero pensar assim, ao menos uma vez.

Por quê?

Porque preciso de uma cerca. Mesmo que esteja no lado errado dela, preciso de uma cerca. Preciso estar errada. Preciso ser culpada.

Por quê?

Porque...

Sally se mexeu. Pressionou a mão firmemente contra a lateral da banheira onde sua filha morrera. Movimentou os lábios anunciando palavras sem som, em seguida sussurrou-as, depois as proferiu em voz alta:

— Porque pelo menos então eu saberia onde estou!

Pelo que tudo indicava, despertara uma emoção adormecida; a dor engolfou-a de repente, uma dor no fundo da alma, e com dentes cerrados e um gemido sufocado, bateu com força na lateral da banheira: *Ó, Deus*!

Descansou contra a parede de reboco duro outra vez, ofegante de dor, raiva e desespero.

— Ó, Deus, me ajude!

Desespero escorregou e caiu. Perdera o controle das próprias garras. Pronto. Ela o dissera. Seguira a proposta até a conclusão, tivera seu pequeno acesso e agora terminara. Não sabia dizer se estava melhor. Sentia-se um tanto tola por falar em voz alta consigo mesma, ou com Deus, qualquer que fosse o caso. Não importava.

Por algum motivo, sentiu um peso em torno do pescoço, contra o peito. Levou a mão ao anel pendurado ali. Puxou-o para fora e olhou-o de novo. O pequeno e feio gárgula arreganhou os dentes para ela.

E então uma lembrança a assaltou. Atingiu-a com tanta força e tão de repente que ficou abismada por tê-la escondido tanto tempo.

— O anel! O anel de *Owen*!

Irene Bledsoe estava visivelmente constrangida.

— Senhor Harris, seus amigos terão de permanecer aqui.

Considerando-se as circunstâncias, Tom nunca se sentira melhor. Estava sentado no mesmo banco duro de madeira, no mesmo saguão frio, cheio de eco e revestido de mármore do tribunal de Claytonville. Fora até ali para outra visita pré-arranjada com os filhos e mais uma vez Irene Bledsoe comandava tudo.

Mas dessa vez ele estava ladeado por...

— Senhora Bledsoe, este é o meu pastor, Mark Howard, e meu advogado, Wayne Corrigan.

Os dois homens estenderam as mãos, que ela apertou por obrigação, mas sem se mostrar muito cordial.

— Olá. Como disse, o senhor Harris só terá permissão para ver os filhos desacompanhado.

Corrigan se encontrava em sua melhor forma aquele dia.

— Estamos aqui a convite do senhor Harris e o acompanharemos na visita. Se a senhora se recusar a permiti-lo, terá de comparecer ao tribunal para apresentar a causa que justifica sua atitude. — Dito isso, sorriu.

Bledsoe ficou indignada a ponto de ter de procurar as palavras certas para responder.

— O senhor... Esta é... Esta é uma reunião particular! O senhor Harris precisa encontrar os filhos sozinho!

— Então tenho a certeza de que a senhora ficará feliz em permanecer aqui conosco enquanto ele o faz, certo?

— Não foi o que eu quis dizer e o senhor sabe disso! A visita tem de ser entre o senhor Harris e seus filhos, na presença de uma assistente social.

— Ou seja, a senhora?

— Naturalmente!

Corrigan sacou de seu bloco de notas.

— Por ordem de quem?

Ela procurou ganhar tempo.

— Eu... tenho de averiguar.

— Se não se importa — disse Tom —, gostaria de ver meus filhos. Eles estão a minha espera, não?

— Um momento — disse ela, erguendo a mão. — O senhor trouxe os questionários que lhe enviei?

Corrigan tinha algo a dizer também a esse respeito.

— Em vista da ação judicial pendente, aconselhei meu cliente a adiar o preenchimento de quaisquer levantamentos psicológicos ou outros testes por enquanto.

A resposta dela foi fria e ameaçadora.

— O senhor compreende, é claro, que isso retardará a devolução das crianças à guarda do senhor Harris?

— De acordo com as fichas do DPC, vocês nunca devolveram criança alguma aos pais sem que tenha havido um julgamento primeiro, fato ao qual nos resignamos pelo momento. Agora, se pudermos prosseguir com a visita...

Ela cedeu.

— Muito bem. Queiram me acompanhar.

Pôs-se a caminho rumo à grande escadaria de mármore outra vez, o *poc, poc, poc* de seus saltos ecoando pelo saguão como que a lhe anunciar a autoridade, talvez a expressar também o quanto se sentia afrontada. Chegaram ao segundo andar, passaram pela grande e repulsiva porta e entraram na antecâmara onde John, o guarda, estava postado de novo. Ele pareceu surpreso ao ver três homens em vez de apenas um, mas como vinham com Bledsoe, imaginou que estava tudo bem.

— Olá, crianças!

Com gritos de alegria, Ruth e Josiah correram para o pai. Tom apoiou-se em um dos joelhos a fim de abraçá-los. Por algum motivo, Irene Bledsoe não se interpôs entre eles. Josiah estava realmente encantado por rever o pai; Ruth apenas começou a chorar, sem largar dele para nada. Tantos abraços continuaram por um bom tempo.

— Pobres crianças maltratadas — sussurrou Corrigan para Mark.

Bledsoe tomou seu lugar na ponta da mesa e ofereceu cadeiras a Mark e Corrigan. Eles as ocuparam em silêncio, no lado da mesa reservado para Tom.

— Muito bem, crianças — disse Tom afinal. — Agora vão se sentar.

Os dois se dirigiram para suas cadeiras do outro lado da mesa. Só então notaram a presença de Mark.

— Oi, Pastor Howard.

— Oi. Como estão vocês?

— Bem.

— Temos quarenta minutos — Bledsoe anunciou, mais para lembrar todo mundo que ela ainda mandava por ali.

Nos trinta minutos seguintes, Tom conversou com os filhos, inteirando-se das pequenas trivialidades de todos os dias. As crianças estavam tentando ler mais e pareciam estar se dando melhor com as outras crianças no lar temporário, embora Tom não pudesse dizer com certeza de que se tratava do mesmo lar da última vez. Não estavam estudando nada, contudo, o que significava que teriam que repor as lições durante o verão. Isso na melhor das hipóteses. O galo na cabeça de Ruth sarara e mal se notava.

No entanto, à medida que o tempo passava, Tom se conscientizava mais de que havia algo que precisava fazer antes de sair, enquanto ainda tinha a oportunidade.

Acima de tudo, sabia que precisava orar com as crianças.

— Olhem, o papai terá de ir embora daqui a pouco, por isso, vamos orar juntos.

Estendeu a mão para o outro lado da mesa e segurou as mãozinhas deles. Formavam uma família outra vez, só por aquele momento, e ele desempenhava o papel de cabeça espiritual, de líder e exemplo, como deveria ser.

— Querido Senhor, oro agora apenas por meus filhos. Eu lhe peço que coloques uma cerca de proteção ao redor deles. Proteja seus corações e mentes, e que jamais duvidem de que o Senhor os ama e de que estão em suas mãos. Ajude-os a serem sempre bons meninos e viver da maneira como o Senhor deseja que vivam. Peço-lhe, Pai, que possamos estar todos juntos novamente.

Mark e Corrigan uniram-se a eles na oração e ouviram enquanto a pequenina Ruth orava pelo pai, pelo irmão e até pela senhora Bledsoe. Em seguida foi a vez de Josiah orar, declarando seu amor por Jesus e o desejo de ser um bom filho de Deus.

Nada disso aconteceu por acaso. Uma batalha estava sendo travada naquela sala, pois embora o Estado erigisse muros intransponíveis de burocracia em torno das crianças, a oração de cada uma delas, feita com a fé mais simples do mundo, seria suficiente para derrubá-los. Ali começaria a vitória. Eles todos o sabiam, e enquanto as crianças ainda oravam, podiam senti-lo.

— Amém — disse Josiah.

— Amém — concordaram todos. Todos, exceto Irene Bledsoe.

Mais um pouco e seria hora de irem embora. Tom abriu um saco de papel.

— Tomem. Eu pretendia lhes dar isso da última vez.

— Ei, que bom! — exclamou Josiah, recebendo sua Bíblia.

— Obrigada, Papai! — disse Ruth, apertando a sua contra o peito.

Tom também lhes levara alguns de seus livros favoritos e o papel de carta que não tinham recebido ainda. Ele viu Irene Bledsoe de olho em tudo que tirava do saco, mas continuou a agir lentamente, sem esconder nada.

Quase nada, a bem da verdade. Josiah estava folheando seu novo livro sobre baleias quando encontrou algumas fotos inseridas entre as páginas.

Tom, Mark e Corrigan tentaram não olhar diretamente para o garoto para não atraírem a atenção da Bledsoe.

— Gostou do seu livro, Ruth? — Tom perguntou, estendendo a mão para o outro lado da mesa de modo a ajudá-la a encontrar a dedicatória que lhe escrevera na primeira página. O gesto deu resultado; Bledsoe o observou na maior atenção. — Viu o que escrevi? Aqui diz: "À minha querida filha Ruth. Jesus acha você muito preciosa e eu também!"

— Ei! — exclamou Josiah. Ele estava olhando as fotos. — A mulher da caminhonete!

Na mesma hora Bledsoe voltou-se para ele. Deparou com o menino segurando as fotos, estudando-as, de olhos arregalados por tê-la reconhecido. A mulher empalideceu a olhos vistos.

Corrigan perguntou:

— Como assim, filho? Você já viu essa mulher antes?

Bledsoe pôs-se em pé de um salto.

— Senhor Harris!

Tom respondeu com toda calma:

— Sim?

— Como o senhor se atreve! Como se *atreve*!

Corrigan pressionou Josiah para responder.

— Você a reconhece?

— Claro — respondeu o menino. — É a mulher que estava dirigindo a caminhonete em que quase batemos. Ela está sempre com cara de doente, não é?

Pisando duro, Bledsoe avançou até Josiah e arrancou-lhe as fotos da mão. Demorou-se apenas um instante para observá-las furiosa. A seguir, com ar desafiador, rasgou-as em dois, quatro e oito, e então as amassou e jogou no cesto de lixo.

Isso feito, permaneceu imóvel no lugar, trêmula, olhando enraivecida para Tom.

— O que exatamente o senhor está tentando provar com isso?

Mark interveio, falando pausadamente:

— Senhora Bledsoe, a senhora vai deixar as crianças inquietas.

Ela apontou o dedo para o rosto de Tom e sua voz tremeu de fúria:

— O senhor cometeu uma ofensa grave! Posso dificultar-lhe *muito* a vida! Não pense que sou incapaz de fazer que seus filhos lhe sejam tirados em caráter definitivo!

Tom replicou muito tranquilo, mais para benefício das crianças:

— Então do que a senhora tem tanto medo?

Ela reagiu.

— Ora, não tenho medo algum, senhor Harris. O senhor não me assusta!

Tom então lhe dirigiu uma declaração ensaiada mentalmente havia um bom tempo:

— Senhora Bledsoe, está muito claro para mim que a senhora não está tão preocupada com os interesses dos meus filhos quanto com os seus. Seja como for, acho que está abusando de seu poder — e dos meus filhos e de mim —, e pretendo descobrir exatamente quem a senhora está querendo proteger.

Ela tentou manter baixo o tom de voz porque gritar seria uma atitude própria de amadores.

— Ora, seu...! — Com grande esforço descontraiu-se, assumiu uma pose profissional e anunciou: — A visita está encerrada. Considero deplorável o modo como o senhor traiu minha confiança, e me lembrarei disso quando for decidir a data da nossa próxima reunião.

— Será mais cedo do que pensa — prometeu Corrigan. Deu a volta na mesa, tomou a mão da mulher e forçou-a a pegar uma intimação. — Procure não rasgar isto aqui. Tenha um bom dia.

> Caro Tom,
>
> Sinto-me diferente hoje, mas não sei se sou capaz de explicar isso. Com certeza a sensação tem a ver com minha proposta imaginária desta manhã, a possibilidade de ser tudo culpa minha. Ser culpada, ou mesmo sentir-me culpada, não é agradável, claro, porém a simples sugestão disso parece ter enfraquecido o outro companheiro emocional que tenho e sempre me aborrece: o desespero. Faz-me pensar em um palhaço que bate no polegar com um martelo para esquecer a dor de cabeça: agora que me sinto culpada, não sinto tanto desespero.
>
> Mas — e toco no assunto puramente pelo bem da discussão —, seria possível dizer que as razões vão mais fundo do que isso. Como disse antes, o mergulho completo no humanismo e sua total falta de absolutos pode deixá-lo tateando à procura de cercas, perguntando-se quem é, desejando poder ter certeza de alguma coisa. Ora, isso é desespero.

Então, de repente, a culpa — ou melhor, a possibilidade da culpa —, entra em cena. Vejo-me então brincando com a ideia de que poderia estar em posição errada, o que significa que eu poderia ter violado um padrão em alguma parte, e que poderia existir algum padrão a ser violado, e também significa que existiria, em algum lugar, algo de que se pode ter certeza.

Portanto, acho que dei toda essa volta para dizer o seguinte: se posso ser culpada realmente, se sou culpada de fato, então pelo menos sei onde estou. De repente, depois de todo esse tempo, encontrei uma cerca, uma fronteira, e o simples fato de pensar nisso dispersa aquela antiga nuvem de desespero. Tanto é verdade que até notei-lhe a ausência.

Só lhe peço que considere por um instante, Tom, tudo o que fiz em toda a minha vida para vencer o desespero. O programa de Jovens Potenciais do Centro Ômega apresentava um possível escape; mergulhei em tudo o que ofereceram: ioga, meditação transcendental, regime, remédios caseiros, estados alterados da mente, drogas e uma porção de viagens mentais acerca de minha própria divindade e capacidade de criar minha realidade. Foi uma longa excursão dentro da loucura, admito. O que adiantou construir minha própria verdade? Eu estava perdida e vagando quando comecei, e qualquer realidade nascida em minha cabeça não poderia estar em melhor situação. Eu e o universo que criei estávamos perdidos e vagando juntos.

E então havia Jonas, meu "amigo consumado". Ele era um maravilhoso vendedor, dono de grande lábia, extraordinariamente capaz de lisonjear. Fizemos várias e longas caminhadas juntos durante meus transes em ioga. Palavra como ele me convenceu de que toda a realidade, inclusive a morte, era uma ilusão a ser manipulada, e que eu, sendo deus, podia moldar a realidade para ser qualquer coisa que desejasse.

E por um período crucial de tempo acreditei nisso. Acreditei que eu moldara uma realidade que me servia e supria o que eu quisesse, como também acreditei ter moldado um homem que me dava prazer sem culpa. Acreditei ter moldado uma criança que me pedia que a mandasse para sua próxima vida, deixando-me livre para continuar o que fora interrompido.

Mas será que moldei as grades da prisão também? Eu estava falando em cercas, não?

Vivi atrás daquela cerca durante sete anos e Jonas nunca foi me visitar. Fiquei muito ressentida. Culpei-o pela morte de Raquel. Na minha cabeça, fora tudo ideia dele. Foi ele quem assumiu o controle do meu corpo e apagou a vida dela. Ele cometeu o ato. A culpa era dele.

Mas não é o que penso agora. Mudei de ideia em algum ponto; talvez hoje de manhã.

"Ametista" tinha razão; eu matei o meu bebê.

Sally deixou o caderno de lado e saiu, a mente cheia de pensamentos, revirando coisas, desfazendo-se de algumas delas. Sentia uma mudança se aproximando, embora não fizesse ideia do que poderia ser ou que direção tomaria. Mas essa caminhada, naquele exato momento, seria parte da mudança; descobriria o rasto de uma lembrança e encontraria a outra parte que faltava do quebra-cabeças de sua vida.

Tanto quanto conseguia se lembrar, era um prédio antigo de tijolos vermelhos não muito longe do hotel, e havia uma viela, uma velha vila de paralelepípedos com um riachinho a lhe correr pelo centro e uma grade sobre um bueiro. Ó, onde seria?

Tal a seguia muito de perto. Natã e Armoth pairavam logo acima, espadas desembainhadas, olhos observando cautelosos os arredores. O Destruidor estava chegando perto. Havia pouco tempo.

Siga em frente, Sally, disse Tal. *Você está quase lá*.

Ela deu meia-volta e entrou em uma travessa. A calçada parecia conhecida; os olmos plantados nos canteiros pareciam corresponder a uma lembrança, embora estivessem muito maiores agora.

Um caminhão de lixo barulhento roncou e saiu rugindo da viela atrás de uma velha cervejaria, enfiou-se no tráfego e então, rosnando ao mudar de marcha, seguiu rua abaixo.

Sally dirigiu-se à viela.

Só podia ser ali! A mesma viela estreita de paralelepípedos, os mesmos muros altos de tijolos vermelhos da velha cervejaria! Caminhava por seu passado. O bueiro ainda se encontrava ali, o musgo nas paredes de tijolo continuava o mesmo, o lixo exalava mau cheiro exatamente como se lembrava. Apertou o passo. Devia ser por ali, em algum lugar. Um tijolo solto no peitoril de uma janela. As lembranças lhe sobrevinham cada vez mais ao correr por aquele lugar, examinando cuidadosamente cada janela, a procura de algum detalhe que lhe despertasse uma memória.

Tal podia ver as sentinelas angelicais mais à frente, guardando o lugar. Havia quatro delas, audaciosas e brilhantes, implacáveis em sua dedicação, as espadas em riste. Guardavam aquele posto, vigiando-o, preservando-o, havia dez anos. Ao avistarem Sally Roe se aproximando, ergueram as espadas e soltaram um viva cauteloso, abafado.

Ela se aproximou do canto dos fundos do prédio. Tinha de estar ali, em algum lugar; parecia lembrar-se de que era perto do canto.

Havia uma última janela e o peitoril de tijolos ficava no nível dos olhos. Ela se deteve e olhou ao redor. Estava sozinha na vida. Tocou o peitoril, passou os dedos ao longo dele. Tinha de ser o mesmo. O tijolo solto ficava do lado direito ou esquerdo? Colocou o polegar sob o tijolo da ponta esquerda e pressionou suavemente para cima.

Ele se mexeu. Pela primeira vez em dez anos, mexeu. A luz do dia inundou a cavidade abaixo dele.

O coração de Sally pulou. Conseguiu ver um leve cintilar de ouro. Empurrou o tijolo um pouco mais. Lá estava o anel. Como um milagre. As emoções de Sally atingiram tal ponto que um grito sufocado escapou de sua garganta. Ela enfiou a mão no nicho e agarrou o anel entre o polegar e o indicador. Tirou-o para a luz, deixando que o tijolo caísse de volta no lugar.

Dez anos depois, o anel continuava extraordinariamente limpo, exceto por poucas teias de aranha acinzentadas. Esfregou-o contra a fralda da blusa e o brilho retornou. Tirou o primeiro anel para fora da blusa e segurou os dois juntos. Sim, eram os mesmos. Agora havia dois pequeninos gárgulas, arreganhando os dentes para ela, com expressão idêntica nos rostos.

Tal dispensou as sentinelas.

Sally recostou-se contra a parede de tijolos e pensou no dia em que depositara o anel naquele esconderijo. Estava desesperada, com medo de ser traída. Talvez tivesse sido um ato furtivo, conspiratório roubar o anel daquele homem e escondê-lo ali. Mas ela acabou traída do *mesmo* jeito e agora, dez anos mais tarde, o anel podia ser a chave que lhe reabriria o passado, que lhe permitiria revê-lo no todo e descobrir o que dera errado.

Pensou em Tom Harris e nos cristãos da escolinha de Baskon.

Será que agi errado? Se agi, então que eu faça alguma coisa certa*, ao menos desta vez.*

Abriu o fecho da corrente que trazia em torno do pescoço e colocou o segundo anel ao lado do primeiro.

De volta ao Hotel Schrader, a porta da frente se abriu; o olho elétrico emitiu um bipe avisando a entrada de alguém.

A senhora atrás do balcão ergueu os olhos.

— Olá. Em que posso servi-lo?

Khull sorriu amistosamente.

— Bom dia. Estou procurando minha esposa. Ela disse que alugou um quarto aqui... O 302?

— Ó! — Ela consultou o livro de registro. — É o senhor Rogers?

Khull abriu-se em um largo sorriso.

— Sim, exato! Que bom que finalmente a encontrei.

A mulher ficou curiosa.

— Como sabia onde procurar?

— Ó, já alugamos o quarto antes. Gostamos muito. Ficamos aqui todas as vezes que passamos por este lugar. Fiquei preso em casa por alguns dias, mas ela me ligou avisando que conseguira o mesmo quarto. Eu estava com esperança de que fosse aquele em que eu pensara.

— Bem... — A mulher se deparara com um problema. — Er… Ela alugou o quarto apenas para uma pessoa. Creio que o entendeu mal.

Khull sacou da carteira.

— Claro, foi engano dela. Deixe-me pagar a diferença. Ela está lá em cima agora? Gostaria de lhe fazer uma surpresa.

— Não, acho que saiu. Mas posso lhe fornecer uma chave.

— Ótimo.

— Por que não preenche outro formulário para que eu possa manter os registros em ordem?

— Com prazer.

Ele preencheu o formulário, inclusive os nomes: sr. e sra. Jack Rogers. Tinha também um pacote de notas de bom tamanho, que usou para quitar o saldo devido.

A mulher olhou para o endereço que ele forneceu.

— Como vão as coisas em Las Vegas? Aquele lugar é tão maluco quanto dizem?

— Que nada... — Khull sorriu. — Quer dizer, alguns lugares, sim. Mas não é uma cidade ruim de se morar.

— Certo. Aqui está sua chave... Ó, que coisa, acho que sua esposa levou a única cópia. Bom, venha comigo, subirei e abrirei a porta para o senhor entrar.

— Obrigado. Mas por favor, não lhe diga que cheguei. Ela só espera por mim amanhã!

Do outro lado da rua, agachados sobre a loja de ferragens e em frente ao estacionamento do hotel, escondidos no telhado da Impressora e Encadernadora Nelson, pelotões de guerreiros imundos resfolegaram, soltando uma nuvem de enxofre no ar ao ver Khull subir com a mulher até o quarto 302.

O Destruidor observava de seu ponto privilegiado acima da floricultura.

— Eles acertaram em suas previsões — sibilou. — Ela está aqui!

23

— Deus seja louvado! — exclamou Tom, emocionado demais para conseguir ficar parado. — Nem posso acreditar! Progresso!

— Talvez ainda muito fragmentado — disse Marshall. — Mas vamos dar tempo ao tempo; no fim, todas as peças se encaixarão.

Tom, Marshall, Kate e Ben confabulavam de novo com Wayne Corrigan em seu escritório. Pouco tempo se passara desde o encontro explosivo com Irene Bledsoe.

Ben se refizera da emoção. Agora estava pensativo, sondando o terreno.

— Ela está viva. Sally Roe está viva e Mulligan sabe disso.

— Parnell também — acrescentou Marshall. — Coloquei-o na minha lista.

— Mas o que pretendem, e por quê? — questionou Kate.

— É isso que ainda espero ouvir — disse Corrigan. — Gosto demais de todo esse negócio, gente, realmente me divirto, porém cedo ou tarde — e esperemos que seja cedo — terá de resultar em alguma coisa. Precisamos de um caso passível de ser apresentado em juízo. Até agora, no entanto, não vejo nada que se aplique diretamente à ação judicial.

— Certo — Marshall concordou, passeando os olhos por algumas notas. — Até agora, está tudo muito indireto, periférico. Mas chegamos um pouco mais perto. Vejam aqui os nomes das pessoas que consegui no Departamento de Trânsito, com base nas placas dos carros. As seguintes pessoas estão possivelmente envolvidas na organização conhecida como Círculo Vital, e algumas delas se encaixam direitinho nesse perfil: o senhor Bruce Woodard, diretor da escola primária, e, sem nenhuma surpresa, nossa destemida senhorita Brewer.

Kate interveio:

— No que diz respeito ao senhor Bruce Woodard, conversei de novo com ele hoje, pelo telefone, e ele ainda garante que encontrará o currículo para eu poder ver. Mas, se querem saber, só está querendo ganhar tempo.

— Se ele continuar agindo assim, tente estes nomes: Jerry Mason, Betty Hanover e John Kendall, três membros do conselho de educação de Baskon, todos os três provavelmente ligados ao Círculo Vital.

— Daí o currículo *Descobrindo o verdadeiro eu* ser aplicado na escola primária — explicou Tom. — Encaixa-se direitinho no modo como essa gente vê o mundo.

— Além de ter tudo a ver com o propósito deles — emendou Marshall. — Eles são tão evangelísticos em sua religião quanto nós, e não perdem tempo. — Ele ergueu uma sobrancelha diante do próximo grupo de nomes. — Jon Schmidt e Claire Johanson. Schmidt ainda não me impressiona, mas Johanson é importante, uma ligação direta com a acal. Ó, e quem era aquele outro sujeito? Ah, sim, Gordon Jefferson também estava lá, de forma que agora temos uma ligação garantida com a acal. Isso sem falar... — Correu os olhos até o fim da página. — Lenore Hofspring, da Califórnia. Verifique a lista de membros da acal na Califórnia, Kate. Aposto que o nome dela estará lá. Eles estão trazendo artilharia pesada de fora do estado.

— Não é justo! — exclamou Tom.

— Tenha fé. Já apanhamos tantos peixes hoje que nossas redes ameaçam arrebentar. E aqui temos outro peixe... Que surpresa! Lucy Brandon. Que receita! Pegue uma mãe envolvida com este grupo cósmico místico, acrescente o grupo cósmico místico controlando o conselho local de educação e implantando currículos cósmicos místicos na escola local, depois tome uma professora bem intencionada e idealista, que acabou de sair de... Qual é mesmo a faculdade?

Kate respondeu:

— Bentmore.

— Certo, uma das melhores do país, dizem. A senhorita Brewer aprendeu tudo o que sabe com eles e agora empanturra as crianças desse tipo de alimento. Essa gente costurou o sistema todinho, de alto a baixo.

— Seja como for, jogue tudo na panela, misture bem e qual o resultado? Uma garotinha servindo de canal para um espírito, da mesma forma que todas as mães e pais e tios e tias lá no casarão branco.

— Falamos em uma porção de toupeiras, uma porção de demônios ligando a coisa toda: Lucy Brandon, o Círculo Vital, o conselho de educação, a escola, a acal, até uma garotinha.

Ben estava perplexo.

— Mas... Está dizendo que eles matricularam Amber propositadamente em nossa escola, a fim de forçar o confronto?

Marshall colocou as anotações sobre a escrivaninha e pensou no assunto.

— Não. Talvez Lucy Brandon realmente quisesse o melhor para a filha. Talvez o surgimento do problema tenha sido visto pelos outros, o Círculo Vital, a acal, como uma oportunidade. O que acha, Tom?

A ideia deixara Tom intrigado.

— Quando ela matriculou Amber, parecia preocupada com as mudanças por que a filha passara a partir do momento em que começou a estudar na classe da senhorita Brewer. Na ocasião, achei honestamente que Lucy Brandon queria uma educação mais básica e tradicional para a filha.

— Essa é a impressão que tenho — afirmou Marshall. — Será interessante conversar com ela e descobrir o que pensa de fato, e até se pensa por conta própria.

Kate relatou:

— Alice Buckmeier contou-me sobre Debbie, a garota que trabalha com Lucy no correio. Debbie estava presente naquele dia e viu a confrontação entre Amber e Sally Roe. Talvez ela pudesse nos dizer mais alguma coisa a respeito de Lucy.

— Parece bom. E agora... — Marshall espalhou algumas folhas de papel sobre a escrivaninha de Corrigan, que se limitou a observar apenas. — Eis aqui a melhor parte, na minha opinião. Poderia levar o caso para além dos limites de Baskon... Ou até encerrá-lo. Não sabemos ainda.

Os outros se reuniram em torno da escrivaninha.

— O endereço me preocupava, a localização do Centro Ômega, que publicou aquele currículo. Era Fairwood, Massachusetts, certo?

Kate confirmou a informação.

— Exato. Obtive o endereço com a senhorita Brewer.

— Ben, onde conseguiu aquela ficha de prisão, a que incluía as fotos policiais de Sally Roe?

Ben ficou espantado ao verificar outra vez o documento.

— Fairwood, Massachusetts!

— Então... Uma mulher vai presa por homicídio do outro lado do país, mas depois aparece neste lugarzinho sem nenhum motivo aparente. Enquanto isso, um currículo é publicado na mesma cidade onde ela foi presa e acaba chegando aqui... Uma coincidência apenas, talvez, exceto por mais alguns montinhos de toupeiras: uma garotinha endemoninhada, muito provavelmente por causa do tal currículo, que confronta Sally Roe no correio. A toupeira tira a cabeça do chão e diz: — Eu sei quem você é, você matou seu bebê! — Marshall sorriu e meneou a cabeça ante sua própria conclusão. — Aquele demônio esteve em Fairwood; sabia tudo a respeito de Sally.

— E então... — disse Ben, que começava a entender tudo.

Marshall confirmou-lhe o raciocínio.

— De repente surge alguém e tenta matar Sally Roe...

— No mesmo dia em que levaram os meus filhos! — exclamou Tom.

— *E* na véspera do dia em que você recebeu a intimação.

— Estou gostando de ver — comentou Corrigan. — Mas o que isso quer dizer realmente?

Marshall examinou de novo todas as suas anotações e respondeu:

— Temos montinhos de terra feitos por toupeiras para todo lado, e demônios cavando túneis por toda parte, talvez até no outro lado do país, mas... — Suspirou. — Nada que constitua um caso digno de ser apresentado em juízo. Podemos teorizar que o suposto suicídio de Sally Roe tem a ver com a ação judicial contra a escola, mas... e daí? Por enquanto, inexiste uma conexão visível entre as coisas.

Ben voltou as costas, frustrado.

— Temos de descobrir quem era aquela mulher, a que encontramos morta no cercado das cabras!

— Parnell é o homem com quem precisamos conversar.

— Ora, ele não quis falar comigo! Ele e Mulligan estão nisso juntos, é óbvio, e um protege o outro.

— Eu diria que alguém mais acima os observa atentamente, se entende o que quero dizer.

Corrigan se intrometeu.

— *Eu* não sei do que se trata.

— Seja indulgente com um velho repórter — pediu Marshall. — Tenho o palpite de que ambos pertencem a algum tipo de grupo secreto, talvez uma dessas sociedades, talvez algo oculto, quem sabe, algo como o Círculo Vital ou ligado intimamente a ele, talvez até fazendo parte dele, porém nada tão requintado. Oculto. Poderoso. Alguma coisa que mantém os dois sob rédeas realmente curtas.

— Mas é apenas um palpite — lembrou Corrigan.

— Siga em frente com palpites — disse Tom. — Está indo bem.

Marshall correu os dedos pelos cabelos.

— Estou do seu lado, Wayne; um palpite é bom apenas se estiver correto no fim. Temos de encontrar os botões certos para apertar, um modo de pressionar essa gente. Ó, Kate, por falar em botões, esqueça a história de Woodard lhe arranjar o currículo. Procure o conselho de educação, aquelas três pessoas... — Consultou sua lista outra vez. — Hum... Jerry Mason, Betty Hanover e John Kendall. Só para ver o que dizem, mas tampouco espere muito deles. Se tentarem ganhar tempo, escreva ao Centro Ômega pedindo uma cópia. Quero ver esse currículo.

Corrigan descansou o queixo sobre os nós dos dedos e fixou os olhos nas anotações.

— Puxa, onde andará Sally Roe?

Marshall respondeu, sombrio:

— Imagino que outras pessoas também queiram saber.

Um farfalhar percorreu as tropas demoníacas rodeando o hotel; asas negras puseram-se a tremer e ardentes lâminas vermelhas surgiram.

Sally Roe retornava ao hotel, caminhando com entusiasmo pela rua, só e desprotegida.

— Permaneçam em seus lugares — ordenou O Destruidor. — Não se mexam.

Imediatamente ouviu-se um sibilar e uma agitação entre as tropas. Os oficiais de ambos os lados do Destruidor ficaram inquietos.

— Ela é nossa! — disse um deles.

— Só nossa! — acrescentou outro.

— Permaneçam em seus lugares — ordenou o Destruidor.

Sally não sentia ansiedade nem medo. Aliás, se sentia alguma coisa era um novo tipo de euforia. Ainda não conseguia acreditar na incrível recuperação do segundo anel. Considerava-se extremamente feliz, ou afortunada... Não estava pronta para dizer abençoada.

Contornou a esquina do prédio, passou debaixo da cobertura e pôs-se a subir as escadas rumo ao quarto 302.

— Deveríamos saturar o prédio! — exclamou o monstro à direita do Destruidor. — Khull e seus homens necessitam do nosso poder!

— Precisamos reforçar os demônios do Vidoeiro Quebrado! — sugeriu o bruto à esquerda do Destruidor.

O Destruidor observava apenas, ainda em silêncio, enquanto seus guerreiros se alvoroçavam e sibilavam à sua volta, loucos de vontade de participar da matança.

Sally chegou ao primeiro patamar e começou a subir o segundo lance de escadas.

Khull estava no quarto, esperando. Um de seus homens, vestido de técnico, postara-se junto à máquina de refrigerantes na outra escada, pronto para bloquear qualquer tentativa de fuga por ali. Outro homem, parecendo um veranista qualquer, assumiu seu posto ao pé da escada pela qual Sally acabara de subir.

Um terceiro homem, vestindo roupas escuras e fumando um cigarro, pôs-se a subir os degraus atrás dela, em silêncio, furtivamente.

Sally atingira apenas o segundo lance de escadas quando alguma coisa não lhe pareceu bem.

Tal estava do seu lado. *Pare*, disse ele. *Espere*.

Ela parou. Vira o homem parado junto à porta da recepção quando dobrara o canto do hotel, e agora tinha certeza de que ele subia logo atrás.

Quando parou, ele hesitou. Fez-se um silêncio carregado de mau agouro.

Tal permaneceu ao lado dela; Armoth estava no pé da escada, Natã no topo. Estavam se tornando nitidamente visíveis.

Tal sacou a espada lentamente e deixou seu brilho refletir na parede do prédio para todos verem. Natã e Armoth fizeram o mesmo. Já podiam ver a reação demoníaca: dos telhados em volta do hotel, o céu iluminou-se com o brilho vermelho das espadas inimigas, o ar se encheu de seu alarido e do farfalhar de asas negras.

Havia um empate.

Uma mão arrematada em garras segurou o braço do Destruidor.

— O senhor não vai atacar? São somente três a guardá-la! — exclamou o guerreiro. Os demônios à volta grasnaram seu entusiasta acordo.

— Somente três? — replicou o Destruidor. — Você quer dizer que consegue *ver* somente três. — Apontou um dedo torto para o guerreiro que o segurara e depois para outro murmurador, e depois mais outro ansioso por lutar. — Muito bem. Você, você e você, ataquem! Façam o pior que puderem!

Eles ganiram, ergueram as espadas e arremeteram pelo telhado como foguetes, precipitando-se na direção do hotel. Dariam ao Vidoeiro Quebrado todo o poder de que precisava e Sally Roe já podia se considerar morta!

Tal arremeteu da escada em uma explosão reluzente de asas e encontrou os três atacantes acima do estacionamento. Dois foram despedaçados instantaneamente; o terceiro saiu adernando e adejando sobre a tipografia, o que restara dele deixando uma trilha de fumaça vermelha. Nas escadas, Natã e Armoth chegaram mais perto de Sally Roe, asas estendidas, espadas em riste.

CAVUUUM! Surgindo de uma hora para outra de seu esconderijo, pelo menos uma dúzia de guerreiros cercou o hotel, asas estendidas para formar uma parede impenetrável.

— Ó, senhora Bissell!

Era a mulher da recepção. Sally se sentiu aliviada ao reconhecer-lhe a voz.

— Sim, estou aqui em cima!

— Será que eu poderia lhe falar um instante?

No lance inferior de escada, o homem deixou cair o cigarro, que esmagou com a ponta do pé. Em seguida desceu apressado e saiu correndo pelo estacionamento. Sally dirigiu-se ao gradil da sacada a tempo de vê-lo dobrando a esquina do prédio.

— Hum — fez o Destruidor. — Quantos guerreiros mais vocês acham que ele escondeu lá dentro?

Nenhum demônio se aventurou a adivinhar.

— Talvez nenhum... Talvez milhares! Alguém gostaria de descobrir?

A mulher da recepção tirou a sacola de viagem de Sally de trás do balcão.

— Espero que não considere muito atrevimento esse meu gesto — disse ela —, mas antes que suba ao quarto, é bom saber que tem um homem lá à sua espera. Ele disse ser seu marido.

Sally ficou horrorizada.

— O quê?

— É ou não?

Sally retrocedeu em direção à porta.

— Não tenho marido.

— Não vá lá para fora, não ainda.

Sally estacou.

— E aquele outro homem, o que a seguia escada acima?

Sally estava estupefata. Olhou pelas janelas.

— Ele... Eu o vi sair correndo... — Então se afastou da janela, com medo de ser vista.

— Não sei quem a senhora é, ou quem ele é, mas descobri que não existe esse tal Mustang 79 com a placa que a senhora deu, e nem um Buick Regal com a placa que ele forneceu. Talvez duas pessoas possam ser casadas e ter

sobrenomes diferentes, mas como a senhora disse ter vindo de Hawthorne, Califórnia, e ele de Las Vegas, começo a achar que as coisas não estão cheirando bem.

Sally não sabia o que dizer.

— Sinto muito.

— Tirei sua sacola do quarto quando o abri para ele; dei a desculpa de que o inquilino anterior a deixara lá. Qual o problema? Não quero nada estranho acontecendo em meu hotel.

Sally apanhou a sacola.

— Obrigada.

— Devo chamar a polícia?

— Er... não. Não se preocupe, irei embora. Fique com o dinheiro do aluguel — está tudo bem.

— E o "senhor Rogers" lá em cima?

Sally já se afastava em direção à porta. Olhou pela janela para se certificar de que o homem não estava escondido por perto.

— Pensando bem... Sim, chame a polícia.

O Destruidor e seu exército viram Sally deslizar às pressas pela porta da frente e correr rua abaixo, completamente rodeada pelos guardas angelicais.

Um demônio sibilou e apontou. Lá ia Khull, saindo sorrateiro do quarto 302, descendo depressa as escadas dos fundos com o "técnico". O veranista também desaparecera. De alguma forma, sabiam que a festa acabara. Talvez tivesse sido a oportuna interrupção por parte da mulher da recepção; talvez tivessem sentido o grande "poder psíquico" de Sally Roe no lugar. Talvez ainda pudessem sentir seus acompanhantes demoníacos sendo bloqueados pela guarda angelical. Fosse o que fosse, as coisas não pareciam estar dando certo, de modo que desistiram.

O Destruidor soprou um jato de enxofre pelas narinas.

— Lembrem-se — disse ele a seus guerreiros —, Tal adora colocar armadilhas e criar ciladas. Um pequeno ser humano tão perigoso para nós quanto Sally Roe não andaria pela rua só e sem cobertura. Ele estava lá. Seus guerreiros estavam prontos. — Deu risada. — Mas isso agora vai mudar.

Olhou para a rua a tempo de ver Sally Roe desaparecer ao dobrar uma esquina, ainda fortemente guardada.

— Não, capitão da hoste celestial! Não desta vez. Você ainda é forte demais, porém o tempo está do meu lado! Tenho seus santos nas minhas mãos. Este jogo será *nosso*. *Nós* estabeleceremos as regras, *nós* escolheremos a hora.

Judy Waring não passava tanto tempo em casa ensinando seu filho Charlie quanto prometera para si mesma e a todo mundo que faria. No momento, o resoluto aluninho da terceira série fazia o que bem entendia no quintal, enquanto ela cuidava de alguns assuntos urgentes ao telefone.

— Bem, foi o que ouvi — dizia. — Ele tem tido problemas sexuais desde que Cindy faleceu, e acho até que eles tinham dificuldades no casamento por causa disso. Você notou como ele ficava sempre grudado em Cathy Howard? Talvez ela fosse a próxima da lista, não sei.

Enquanto a outra pessoa falava por algum tempo, Judy se manteve ocupada recortando cupons de descontos do caderno de compras do jornal.

Sua vez tornou a chegar.

— Ora, também acho isso. Quer dizer, como se pode saber ao certo o que acontecia naquela sala de aula? A senhora Fields vive ocupada demais com toda a criançada de sua classe; não pode de jeito nenhum ficar vigiando Tom o tempo todo.

Sentado nos ombros dela, Mexerico balançava os dedos finos no interior de seu cérebro, enquanto Contenda, acomodado em cima da mesa, observava apenas.

— Que ideia maravilhosa! — exclamou Contenda.

— Sabe — afirmou Mexerico —, esta mulher é capaz de acreditar em qualquer coisa!

24

— Ele foi duro, agressivo e assustou as crianças em muitas ocasiões — disse Irene Bledsoe, o rosto desafiador, a espinha ereta como um pedaço de pau.

Estava ladeada por dois advogados da acal, Jefferson e Ames, sentados em uma sala de conferências adjacente ao escritório de Wayne Corrigan. Do outro lado da mesa de conferência, à sua frente, alinhavam-se Wayne Corrigan, Tom Harris e Mark Howard. Na ponta da mesa ficara o taquígrafo do tribunal, anotando tudo o que se dizia.

Wayne Corrigan passou os olhos por suas anotações. A mulher era uma tigresa, sem dúvida. Só queria ter mais dados a partir dos quais prosseguir. Com a pouca informação de que dispunha até o momento, seria um depoimento breve.

— Mas isso é baseado exclusivamente na palavra de Amber Brandon, não é? — perguntou ele afinal.

— Sim, e ela é uma garotinha inteligente, confiável e responsável.

— No entanto, a senhora nunca viu com seus próprios olhos o senhor Harris se comportar dessa forma, viu?

— Claro que vi: na primeira vez em que veio visitar os filhos. Ele violou as regras com as quais havíamos concordado, foi rude e agressivo.

— Agressivo. A senhora usou essa palavra duas vezes. Me diga uma coisa: a palavra é sua ou de Amber?

Jefferson interveio.

— Que espécie de pergunta é essa?

Corrigan não precisava responder mas optou por fazê-lo:

— Estou tentando chegar ao que Amber Brandon disse e salientar os floreios acrescentados pela senhora Bledsoe. — Passou para a pergunta

seguinte. — O que tem a me dizer sobre o testemunho de Amber para a senhora? Especificamente, quais as alegações dela com relação ao que o senhor Harris fazia?

Bledsoe inclinou-se um pouquinho só para a frente, mas manteve a espinha reta.

— Amber me disse que o senhor Harris e as outras crianças caçoavam dela, perseguiam-na e tentavam impor-lhe seus conceitos religiosos.

— A senhora poderia ser mais específica? Caçoavam como?

Bledsoe hesitou.

— Bem, elas...

— Chamavam-na de nomes feios?

— Acho que sim.

— Chamavam ou não?

— Amber não disse nenhum nome específico, mas tenho certeza de que se lhe perguntássemos, ela os repetiria.

— Está bem, faremos isso. — Corrigan prosseguiu. — Agora, quanto à perseguição: de que modo o senhor Harris perseguia Amber?

Bledsoe riu ao ouvir a pergunta.

— Ora, de que modo, francamente! Suponho que considere normal uma criança ser taxada de endemoninhada, ser proibida de brincar com as outras crianças...

— O senhor Harris proibiu Amber de brincar com as outras crianças?

— Proibiu sim. Ela foi obrigada a ficar na sala de aula durante o recreio e copiar uma página da Bíblia.

Corrigan tomou nota desse dado.

— E Amber disse qual foi o motivo disso?

Bledsoe deu de ombros.

— Ao que parece, o senhor Harris não estava satisfeito com o ponto de vista de Amber sobre uma determinada questão, e por isso, resolveu que ela precisava de doutrinamento mais intenso.

— São essas as palavras que Amber usou?

— Não...

— Então expressam apenas uma interpretação sua?

— Bem, sim.

— O que Amber disse exatamente?

— Que o senhor Harris não lhe permitira sair para o recreio e a fizera ficar na sala, copiando a Bíblia.

— Ela sugeriu que estava sendo castigada por ter violado regulamentos da escola?

— Não inferi isso do que ela disse.

— Aconteceu uma vez, durante um recreio específico, ou era prática constante, diária?

— Não tenho certeza.

— E, de novo, a senhora não foi testemunha direta de nada disso?

— Não, claro que não.

— Alguém foi?

— Bem, o senhor Harris, mas...

— Hum-hum. — Corrigan voltou outra página de suas anotações. — Vamos falar de Ametista, a pônei. É o nome correto desse... outro ego, se não me engano.

— Não sei. Ela de fato se identifica como Ametista, e tanto quanto sei, é uma pônei, um personagem mitológico.

— Então a senhora já conheceu Ametista pessoalmente?

Ames interveio de supetão nessa hora.

— Desculpe, senhor Corrigan... Não creio que essa pergunta tenha ficado muito clara.

Corrigan perguntou à mulher:

— A pergunta está clara para a senhora?

— Não.

— A senhora alguma vez teve de lidar com Amber quando ela agia como se fosse Ametista?

Bledsoe deu de ombros, tranquila.

— Claro.

— E a senhora não estranhou nada?

— Não, evidente que não. Todo mundo sabe que as crianças se desassociam em personalidades alternativas, ou inventam amigos imaginários ao enfrentarem um trauma sério. É muito comum.

— E de que trauma sério estamos falando?

Bledsoe tentou dar uma resposta clara.

— Houve trauma sério em toda a experiência por que Amber passou na escola cristã: perseguição, discriminação, tensão, a imposição do dogma cristão... Tudo isso fez que ela recorresse a uma falsa personalidade para conseguir enfrentar o problema. O senhor Harris podia ter reagido de maneira apropriada e tratado da verdadeira fonte dos problemas da menina, mas em vez disso, complicou o trauma ao taxá-la de endemoninhada. Coisa que acho simplesmente horrenda.

A senhora não foi testemunha direta de nada disso?

— Não.

— Tudo isso a senhora soube por intermédio de Amber?

— Sim.

Corrigan rabiscou algumas anotações e passou para uma nova página.

— Vamos falar agora sobre os filhos do senhor Harris. Qual foi a primeira coisa que fez que a situação na casa dele chamasse sua atenção?

Ela hesitou.

— Creio que... Recebemos uma queixa.

— Refere-se a um telefonema para o número dedicado a esse tipo de queixa?

— Sim.

— Então a senhora não sabe quem ligou?

— Não.

— Não foi um dos advogados da senhora Brandon?

Jefferson pulou para não deixar essa passar.

— Protesto!

Corrigan apontou o dedo para Jefferson.

— Isto aqui não é um tribunal, e o senhor não é o juiz, senhor Jefferson.

— A última pergunta me ofende!

— O senhor quer respondê-la?

— Não seja atrevido!

Corrigan voltou-se para Bledsoe.

— Senhora Bledsoe, tanto quanto a senhora sabe, a queixa foi feita por alguém ligado a esta ação judicial?

— De jeito nenhum! — disse ela com grande indignação.

— Nem de nenhum dos advogados da senhora Brandon?

— Não!

— Ou da própria senhora Brandon?

— Não!

— Muito bem. Estou certo de que já teve oportunidade mais que suficiente para conversar com Ruth e Josiah.

— Ó, sim.

— Eles relataram algum tipo de abuso por parte do pai?

— Sim, relataram.

Tom ergueu os olhos ao ouvir tal declaração.

Corrigan a pressionou ainda mais.

— Muito bem. Qual o abuso?

— Surras frequentes com uma colher de pau.

— Pelo que posso depreender, a senhora teve razão para crer que essas surras não foram administradas de forma amorosa e controlada?

— Elas foram administradas, senhor Corrigan, e isso para mim é abuso.

— Muito bem. Algum outro abuso contra as crianças?

— Ele não lhes permite assistir à televisão.

O rosto de Corrigan permaneceu sem expressão enquanto ele tomava nota disso.

— Era do seu conhecimento que o senhor Harris nem mesmo possui um aparelho de televisão?

— Sim. Seus filhos me contaram.

— Eles estavam reclamando a esse respeito?

— Acredito que sim. Foi como entendi. Ficam encantados com os programas mais simples, como se jamais tivessem visto algo parecido antes. Sabem pouquíssimo do que acontece em nossa cultura. Levam vidas protegidas demais para um desenvolvimento social apropriado.

— E essa é sua opinião profissional?

— Sim, naturalmente.

— O que me diz de evidências diretas de abuso físico, qualquer que seja ele? Alguém encontrou algum tipo de machucado nas crianças, algum sinal da existência de problemas?

— Sim, claro! Ruth tinha um grande galo na cabeça!

Tom mal conseguiu ficar quieto nesse momento.

Corrigan perguntou:

— Depreendo que o mesmo queixoso anônimo, aquele que se serviu da linha de emergência, tenha contado sobre esse galo. Estou certo?

— Sim, está.

— Ruth chegou a dizer como foi que lhe surgiu o galo?

A senhora Bledsoe assumiu uma postura ainda mais rígida e respondeu:

— Continuamos examinando a questão e até o fim de nossas investigações, ela permanecerá estritamente confidencial.

— Pois eu entendo que o galo é matéria de conhecimento público — Corrigan retrucou. — A senhora tem ciência, é claro, de que as crianças contaram ao pai, na sua presença, como aquele galo surgiu.

— Lembre-se, senhor Corrigan, de que estavam falando com o pai delas. Por medo, as crianças são capazes de inventar uma história, só para evitar abusos maiores.

Corrigan permitiu-se um breve suspiro de frustração.

— Senhora Bledsoe, por que tenho a impressão de que a senhora não dispõe de um motivo concreto para manter essas crianças sob sua guarda, em uma casa e um ambiente que lhe são estranhos, longe do próprio lar e do pai?

Bledsoe fez um esforço visível para manter a calma.

— Temos suspeitas, senhor Corrigan, e elas são motivo suficiente. Ainda estamos trabalhando com as crianças. Contamos com meios de fazer que revelem a verdade eventualmente. Elas querem *sim* nos dizer toda a verdade, mas muitas vezes têm medo disso.

— Quer dizer que a senhora acredita que Ruth e Josiah querem dizer a verdade?

— Sim.

— Então por que não aceita o relato de Ruth e Josiah, de que quase houve uma colisão entre seu carro, senhora Bledsoe, e uma caminhonete azul, e de que nesse incidente, Ruth bateu com a cabeça, restando-lhe hoje um galo?

A mulher fez uma careta de desgosto diante da pergunta.

— Essa é uma questão completamente diferente! Não se pode confiar que crianças serão testemunhas confiáveis em assuntos desse tipo.

— Ou seja, elas só são testemunhas confiáveis quando o que dizem ter visto confirma as suspeitas que a senhora já tinha? — Jefferson ameaçou encrespar. Corrigan falou primeiro. — Não precisa responder.

Ele pegou uma foto e colocou-a na frente de Bledsoe.

— A senhora já viu esta mulher alguma vez?

Bledsoe olhou a foto de Sally Roe e fez o melhor que pôde para permanecer impassível.

— Não, acho que não.

— Alguma possibilidade de que fosse ela quem estivesse dirigindo a caminhonete azul?

— Protesto! — exclamou Ames. — O senhor nem chegou a estabelecer a existência dessa caminhonete.

— Senhora Bledsoe, a senhora quase colidiu contra uma caminhonete azul quando levava os filhos do senhor Harris da casa dele?

— Não, absolutamente!

— Com qualquer veículo de qualquer cor?

— Não!

Corrigan apontou para o retrato de Sally Roe.

— A senhora afirma nunca ter visto essa mulher. Já viu esta foto antes?

Ela hesitou.

— Pode ser.

— Onde?

— Não me lembro.

— A senhora se lembra de ter rasgado algumas fotos que estavam com Josiah Harris durante a última visita do senhor Harris aos filhos?

Ela estava visivelmente pouco à vontade.

— Ora... Eu rasguei alguma coisa, não tenho certeza do que era.

Corrigan pegou a foto de volta.

— Falemos agora sobre sua ficha de motorista. Alguma infração de tráfego nos últimos três anos?

Dessa vez ela hesitou de fato.

— Como assim?

— Multas de trânsito. Intimações.

— Acho que sim.

— De acordo com o Departamento de Trânsito, a senhora teve cinco multas por excesso de velocidade nos últimos três anos. É verdade?

— Se é o que eles dizem...

— A senhora também foi intimada duas vezes por desobedecer sinais de pare, certo?

— Não vejo o que isso tem a ver com o resto!

Corrigan insistiu:

— Certo?

Ela suspirou.

— Sim, certo.

— A senhora teve de mudar três vezes de seguradora?

— Não sei.

Jefferson falou abruptamente:

— Acho que está importunando a testemunha, senhor Corrigan.

— Não tenho mais perguntas para fazer a esta testemunha, senhor Jefferson. — Corrigan dobrou suas anotações, descontraiu-se e sorriu. — Muito obrigado por ter vindo, senhora Bledsoe. Obrigado a todos.

Bledsoe e os dois advogados não viram motivo para ficar por ali e o taquígrafo do tribunal tinha outro compromisso. Não demorou nada para que Corrigan, Mark e Tom ficassem sozinhos na sala de conferência.

— Que tal? — perguntou Tom.

Corrigan queria se certificar de que a mulher e os outros tinham partido. Inclinou-se para olhar pela porta. Não havia ninguém. Sentou-se afinal e meditou por um momento, sempre consultando as anotações.

— Ela está mentindo, claro. Não deve ser muito difícil apanhá-la em uma armadilha quando estiver depondo no tribunal.

Mark perguntou:

— E o que diz da teoria de Marshall? Ela está ligada à coisa toda, não está? Trabalha para eles.

Corrigan pensou no assunto um instante, depois fez que sim com a cabeça.

— A evidência ainda é circunstancial, mas que existe uma ligação, isso existe. Ela dá duro para escondê-la. Esse é um dos motivos pelos quais está teimando tanto com relação aos seus filhos, Tom. Eles são testemunhas. Se quiserem ouvir minha mais recente teoria, eu diria que ela foi introduzida na história toda apenas para desacreditá-lo. Mas acontece que cruzou o caminho de Sally Roe tendo as crianças por testemunhas, o que complicou tudo. Agora não apenas tem de manter as crianças caladas quanto ao fato de terem visto Sally, como também ao quase-acidente que sofreram. Sendo que o galo na cabeça de Ruth não vai facilitar em nada sua vida.

— Meus filhos estão detidos como verdadeiros reféns! — Tom protestou, enraivecido.

Mark também estava furioso.

— Irene Bledsoe está ligada a Mulligan então; ela o ajuda a proteger toda essa história de suicídio.

Corrigan folheou suas anotações.

— Quanto mais fundo entrarmos nessa história, acho que mais evidente ficará para nós que todo mundo está ligado a todo mundo. E não esqueçam Parnell, o legista. Para fazer que se aceitasse a teoria de suicídio, ele também teria de estar envolvido.

Mark consultou o relógio.

— É melhor orarmos por Marshall e Ben. Estão conversando com ele neste exato momento.

Joey Parnell não ficou nada contente ao abrir a porta e deparar com Marshall Hogan e o mais recente desempregado da cidade, Ben Cole, parados a sua frente.

— Olá — Marshall cumprimentou. — Desculpe incomodá-lo em casa. Parece que se esqueceu de nossa entrevista.

Ele estava com dificuldade para encará-los.

— Sinto muito. Minha secretária devia ter ligado para vocês. Não me sinto muito bem.

— Foi o que ela nos disse — Ben retrucou —, mas só depois de passarmos meia-hora lá sentados, esperando.

— Ó, eu sinto muito. Bom, talvez em outra ocasião...

— É melhor mandar sua secretária telefonar para a Associação Médica de Westhaven também — sugeriu Marshall. — Vi o anúncio no jornal e acabo de conversar com eles. Ainda contam com sua presença para falar na conferência dentro de uma hora.

— É por isso que está usando calça e sapatos tão finos? — perguntou Ben. — Me deu a impressão de que estava se vestindo para ir a algum lugar.

Parnell ficou bravo.

— Que direito têm vocês de xeretar minhas atividades diárias?

Marshall enfiou a mão em um envelope amarelo.

— Talvez isso aqui ajude você a entender. — Sacou de uma foto e mostrou ao legista. — Doutor Parnell, considerando tudo o que sabe e conhece, esta é a mulher que cometeu suicídio no sítio dos Potter há várias semanas?

Ele não quis olhar para a foto.

— Ouçam, rapazes, tenho compromissos a cumprir e preciso me aprontar. Agora, se me dão licença...

Marshall mostrou-lhe o retrato de novo.

— Dê uma boa olhada. Perguntamos a mesma coisa a várias testemunhas, que a identificaram; temos impressões digitais, uma ficha criminal, tudo. Esta é Sally Roe?

Ele observou a foto por um minuto.

— É, claro que é. Lembro-me dela. Morte por estrangulamento. Ela se enforcou.

— Eu só queria ter certeza — disse Marshall.

Parnell afastou-se da porta.

— Agora, se isso é tudo...

— Doutor Parnell — disse Marshall —, o retrato que lhe mostrei é da minha irmã.

O atordoamento de Parnell estampou-se em seu rosto e ele empalideceu. Suas mãos começaram a tremer.

Marshall continuou:

— Imaginei que, como mora aqui em Westhaven, provavelmente não saberia que cara tinha a verdadeira Sally Roe. Agora ficou claro que tampouco chegou a vê-la morta.

Parnell ficou sem fala. Olhou para baixo, depois para a porta, depois para dentro da casa, afinal para Marshall e Ben outra vez. O pobre sujeito agia como um animal encurralado.

Ben perguntou:

— Pode nos dizer quem de fato era a morta?

— Não posso dizer nada! — ele explodiu afinal. — Só quero que vão embora... Deem o fora daqui!

E bateu a porta.

Marshall e Ben voltaram para o carro.

— Você viu aquilo? — perguntou Marshall.

— O sujeito ficou *apavorado*! — Ben concordou.

A tarde de Kate fora bastante esclarecedora, de certa forma. Pelo menos estava descobrindo, da maneira mais frustrante possível, como era custoso pôr os olhos em um exemplar fidedigno do currículo *Descobrindo o verdadeiro eu* para a quarta série.

Passou pela secretaria da escola primária a fim de se encontrar com o sr. Woodard, o diretor, e dar uma olhada no currículo. O sr. Woodard não estava. Encontrou-o mais adiante no corredor, quando ele de repente se lembrou da hora marcada com ela.

Depois o currículo não se encontrava em parte alguma e ele não conseguia entender o que teria acontecido com o material. Sugeriu que Kate conversasse com a srta. Brewer. A srta. Brewer estava em sala de aula e não podia ser incomodada, mas lhe telefonaria depois. Coisa que a srta. Brewer não fez.

Então Kate ligou para Jerry Mason, um membro do conselho de educação e, muito provavelmente, membro também do Círculo Vital.

— Ora, acho que a professora deveria ter um exemplar — disse ele.

Kate começava a cansar de ouvir isso.

— Não, ela não tem. Já verifiquei com ela, que me mandou falar com o senhor Woodard, que me mandou de volta para a senhorita Brewer.

— Bem, eu não tenho nenhum comigo.

— Eu apenas pensei que talvez tivesse uma cópia, já que o senhor aprovou o currículo para as séries de primeiro grau.

— Mas a senhora tem algum filho estudando pelo currículo?

— Não, só quero ver um exemplar dele.

— Não há muitos deles por aí. E não creio que alguém que simplesmente quer conhecê-lo possa aparecer a qualquer hora e ser atendido. Preferimos trabalhar apenas com os pais. A senhora deve marcar uma hora.

Kate deu mais umas voltas na ciranda com Jerry Mason, depois ligou para Betty Hanover, outro membro do conselho de educação.

— Olhe — disse Betty —, já passamos por tudo isso antes com os... marginais religiosos. A cidade resolveu que gosta do currículo e preferiríamos ter um pouco de sossego agora, está bem?

Com John Kendall não foi melhor.

— Perguntou à senhorita Brewer? São os professores os supostos responsáveis por ele. Deveriam poder ajudá-la.

Kate desligou o telefone e riscou outro nome. Em seguida, fingiu soltar um berro.

Se não por outro motivo, valia a pena ver o tal currículo só para saber o motivo pelo qual tanta gente se esforçava tanto para mantê-lo escondido.

Outra carta! Igualzinha às outras — mesmo envelope, mesma letra, o mesmo volume espesso de papel pautado de caderno no interior! Lucy pegou-a da pilha de correspondência que chegava e enfiou-a rápido dentro do bolso. De onde vinham todas elas? Se era uma piada, não tinha a menor graça, mesmo sendo tão duradoura.

Mas... e se não fosse uma piada, e essas cartas realmente fossem de Sally Roe...

Não queria pensar no assunto; era mais fácil nem considerar a possibilidade e continuar confiando em todas as pessoas em quem agora confiava.

Debbie estava por perto, separando a correspondência de outra sacola. Ela parara de trabalhar e parecia examinar a etiqueta com o endereço de uma revista, mas... Lucy tinha a impressão de que na verdade Debbie a observava, tentando fingir o contrário.

— Algum problema? — perguntou.

— Ó, não... Nada — Debbie respondeu, voltando-se e enfiando a revista em uma caixa postal.

Continuaram separando a correspondência e não trocaram mais nenhuma palavra.

Mas Debbie tinha visto tudo.

25

Wayne Corrigan lera o relatório detalhado do dr. Mandanhi acerca de Amber Brandon. A maior parte fora escrita em linguagem tão técnica que seria necessário outro perito para refutá-lo, se fosse o caso. Mas uma coisa ficava clara, mesmo para um leitor leigo do documento: Mandanhi responsabilizava a Academia Bom Pastor pelos problemas de Amber, e tinha o cristianismo em baixa conta. Aquela acareação não seria fácil.

Contudo, Mandanhi era um homem gentil, nem um pouco desagradável no trato. Tinha quarenta e poucos anos de idade, era originário do leste indiano, bem vestido, educado, profissional. Os advogados Ames e Jefferson estavam sentados um de cada lado dele, como tinham feito com Irene Bledsoe. Só que dessa vez não pareciam tão nervosos. Deviam estar certos de que Mandanhi era capaz de cuidar de si mesmo.

Corrigan começou com alguns pontos básicos.

— Então, o senhor poderia, para que conste dos registros, revisar os principais sintomas do trauma de Amber?

Mandanhi trouxera alguns apontamentos, porém não dava mostras de que seriam necessários.

— O comportamento de Amber é típico de qualquer criança da mesma idade que tenha passado por extenso trauma emocional: molha a cama, é rabugenta às vezes, tem náuseas ocasionais e recorre a frequentes escapes fantasiosos... Apresenta perda de contato com a realidade, paranoia, medo de inimigos invisíveis — assombração, bicho-papão, esse tipo de coisa.

— E o senhor atribui tudo isso ao ambiente da escola cristã?

Ele sorriu.

— Não completamente. Poderia haver outros fatores, mas as difusas implicações religiosas do currículo da escola seriam, na minha opinião, suficientes para exacerbar os distúrbios emocionais preexistentes em Amber. As doutrinas cristãs do pecado e de um Deus que se ira e julga, bem como a imposição cristã da culpa e responsabilidade, seriam assimiladas imediatamente na estrutura de identidade preestabelecida da criança, produzindo todo um novo conjunto de razões para ela se sentir insegura e com medo do mundo.

— O senhor discutiu qualquer um desses dados com o pastor da Igreja do Bom Pastor ou com o diretor da escola?

— Não senhor, não discuti.

— Então como sabe com certeza de que a escola estava impondo algum tipo de culpa ou temor sobre a criança?

— Examinei a menina e sei que ela frequentava aquela escola. Não é difícil inferir uma conexão clara.

Corrigan desenhou marcas na margem de sua cópia do relatório de Marshall.

— Agora... Passemos à tal Ametista, o poneizinho em que Amber se transforma... Qual foi o termo que o senhor usou?

— Desordem dissociativa ou neurose histérica, do tipo dissociativo.

— Hum... Certo. Poderia explicar exatamente o que é isso?

— Para simplificar, é um distúrbio ou alteração nas funções normalmente integrativas da identidade, da memória ou do consciente.

— Preciso disso em termos mais simples, doutor.

Ele sorriu, pensou por um instante e em seguida tentou de novo:

— Amber está exibindo o que chamamos de Desordem de Personalidade Múltipla. Trata-se de uma condição em que duas ou mais personalidades distintas existem dentro de uma única pessoa. Essa desordem é quase sempre causada por algum tipo de violência, geralmente sexual, ou severo trauma emocional. O início ocorre quase invariavelmente durante a infância, mas muitas vezes não é descoberto até mais tarde na vida. As estatísticas afirmam que ela é de três a nove vezes mais frequente no sexo feminino do que no masculino.

— Poderia descrever-nos algumas destas complicações que o senhor enumerou?

Mandanhi consultou sua cópia do relatório.

— Sim. Complicações, dificuldades que podem surgir quando esta desordem se manifesta.

Corrigan examinou a lista.

— Violência externa?

— Sim. Um distanciamento completo das normas sociais de comportamento, das inibições sociais. Fúria cega, danos a outras pessoas.

— E berreiro, chutes, resistência à autoridade?

— Ó, sim.

— Tentativas de suicídio?

— Muito comuns.

— E no caso de Amber?

Mandanhi pensou por um momento, depois meneou a cabeça.

— O caso dela parece bem moderado nessa área.

Corrigan encontrou outra palavra.

— O que é coprolalia?

— Linguagem violenta, obscena, via de regra involuntária.

Esse detalhe chamou a atenção de Corrigan.

— Involuntária?

— A vítima não tem o menor controle sobre o que diz; a expressão é espontânea e pode incluir ruídos de animais, grunhidos, latidos, sibilos e assim por diante.

— Hum... Blasfêmias também? — Corrigan sentiu necessidade de explicar: — Quer dizer... Vitupérios, obscenidades, declarações caluniosas contra uma divindade?

— Sim. Muito frequente.

— Quer dizer que existem... estados alterados de consciência?

— Sim, transes.

— De acordo com a sua experiência, esse tipo de coisa em geral — ou quase sempre — é provocado por um severo trauma emocional ou por abuso sexual?

— Correto.

— E tem sido essa sua suposição no que diz respeito à Academia Bom Pastor?

— Isso mesmo.

— Mas o senhor não conversou com o pessoal da escola sobre o assunto?

— Não.

— Entendo. — Corrigan rabiscou algumas anotações e consultou outros de seus apontamentos. — A imprensa parece ter opiniões fortes sobre o que acontecia na escola, e fez afirmações bem duras sobre Tom Harris. Os jornalistas obtiveram algumas das informações de que dispõem com o senhor, doutor?

— Não conversei com nenhum deles pessoalmente, não.

Corrigan ergueu uma sobrancelha.

— Mas é razoável pensar que suas opiniões, de uma forma ou de outra, foram parar nas mãos da imprensa?

O médico não parecia muito satisfeito ao ter de responder:

— Creio que sim.

— E o Departamento de Proteção à Criança?

Mandanhi olhou para os advogados, que não lhe pareceram muito angustiados.

— O DPC recebeu uma cópia completa do meu relatório e tenho sido consultado por eles com uma certa regularidade.

Para Corrigan, isso não era nenhuma surpresa, porém assim mesmo ele sentiu uma certa raiva.

— Então... Eles devem pensar que a Academia é um lugar bem perigoso para crianças.

— O senhor teria de perguntar para eles.

A voz de Corrigan elevou-se apenas um tantinho.

— O que o senhor lhes disse?

Mandanhi refugou diante da pergunta.

— O que eu lhes disse?

— O senhor tem sido consultado com regularidade. Deu-lhes a entender que a escola é um lugar perigoso para as crianças?

— Não posso responder pelo modo como têm interpretado minhas palavras.

Corrigan desistiu da pergunta.

— Então, suponho que, pelo mesmo motivo, o senhor não possa explicar por que não houve uma ampla devassa na escola e no seu pessoal, e em todos os pais que mantêm filhos matriculados lá.

Mandanhi deu de ombros.

— Não seria da minha responsabilidade saber esse tipo de coisa. Não tomo decisões.

— Por acaso a representante do DPC que se consulta com mais frequência com o senhor é Irene Bledsoe?

— Sim.

Corrigan nada comentou em relação a isso; apenas tomou nota.

— O senhor já ouviu falar de uma certa senhorita Nancy Brewer, professora da quarta série na Escola Elementar de Baskon?

— Não senhor.

— Já ouviu falar do currículo *Descobrindo o verdadeiro eu*, com base no qual a senhorita Brewer dá suas aulas à classe da quarta série?

— Não senhor.

— Então o senhor tampouco tem conhecimento, doutor, de que a senhorita Brewer ensina as crianças a relaxarem em determinado momento da aula, a atingirem estados de consciência de maior suscetibilidade e entrarem em contato com guias íntimos?

A pergunta chamou a atenção de Mandanhi, mas ele ainda se viu obrigado a replicar:

— Não.

— O senhor sabia que, antes de Amber ser matriculada na escola cristã, ela era aluna da classe da senhorita Brewer e foi submetida a esse currículo?

O interesse de Mandanhi cresceu. A expressão em seu rosto tornou-se mais sombria.

— Eu não tinha conhecimento disso.

— O senhor já ouviu falar de uma organização local chamada Círculo Vital?

— Sim.

— O senhor sabe que eles praticam regularmente técnicas de alteração do consciente tais como ioga, meditação e... — Corrigan fez uma pausa para aumentar a ênfase na expressão: — ... canalização por transe?

— Tenho conhecimento disso.

— Tem conhecimento de que Lucy Brandon e sua filha Amber estão intimamente envolvidas com esse grupo e suas práticas?

— Sim.

Corrigan não contara com tantas respostas afirmativas; elas o chocavam um pouco.

— Então o senhor pode por favor explicar exatamente como tem tanta certeza de que só a Academia Bom Pastor deve ser culpada pelo

comportamento anormal de Amber?

Ele sorriu.

— Não culpo a Academia pelo comportamento de Amber; culpo-a pelo trauma que precipitou o comportamento.

Corrigan precisou se controlar. O homem começava a irritá-lo.

— Mas tendo em vista o que vem acontecendo na escola elementar e no Círculo Vital, o senhor concorda que um comportamento como o de Amber pode ser ensinado e condicionado em uma criança pequena sem trauma severo?

Mandanhi riu.

— Já que me pergunta, digo que não reconheço a validade de qualquer coisa que possa estar acontecendo na escola primaria ou no Círculo Vital. Vejo essas coisas como altamente subjetivas, até mesmo como questões religiosas, algo que prefiro não tratar clinicamente.

— Portanto o comportamento de Amber, na sua opinião, deve indicar severo trauma emocional como sua única causa?

— Foi o que escrevi e é essa a minha opinião.

Corrigan calou-se um instante. Sentia-se frustrado, mas procurou não demonstrá-lo. Voltou a outras notas rabiscadas no relatório.

— Então, doutor, considerando os cristãos, o pessoal do Círculo Vital, a senhorita Brewer e mesmo Amber, parece que dispomos de várias opiniões diferentes sobre o que essa Ametista de fato é.

— Não sou responsável por nenhuma opinião além da minha — contrapôs o doutor.

— O senhor concordaria que Amber é capaz de se comunicar com esse...seja o que for?

— Isso não é atípico para um dissociador. As várias personalidades geralmente têm consciência umas das outras, com frequência até se falam, às vezes discordam e brigam.

— E é normal para Amber desligar-se e não se lembrar do passado, quando Ametista está se manifestando?

— Bastante típico.

— O que me diz dos conhecimentos especiais? É possível Ametista dispor de informações que Amber não teria como conhecer sem uma oportunidade prévia de se inteirar?

Mandanhi hesitou.

— Não estou certo de ser capaz de responder a isso. A desordem de fato apresenta uma porção de questões por vezes...

— Tais como?

— Ó... Meus colegas e eu sempre ficamos perplexos por essa característica que o senhor mencionou, os conhecimentos especiais — alguns o chamariam de clarividência ou percepção extrassensorial. No entanto, outro fenômeno que sempre encontramos nessa desordem é a mudança fisiológica real da pessoa afetada. A personalidade normal pode nunca precisar de óculos, ao passo que a personalidade alternativa, sim; ou ambas podem usar óculos, porém, de graus bem diferentes. A pressão sanguínea pode diferir, ou a reação a certos medicamentos; os índices de sangramento e coagulação podem ser diferentes. Chegamos a observar uma nítida e mensurável mudança na composição do sangue.

Corrigan tomou nota de tudo aquilo.

— Alguma explicação, doutor?

Mandanhi sacudiu a cabeça e sorriu.

— Existe muito ainda que não conhecemos sobre nós mesmos.

Corrigan ouvira o suficiente. Estava pronto para a próxima testemunha.

— Como se sentiria se eu conversasse a esse respeito com Amber? Ela estaria disposta a tocar no assunto?

Mandanhi considerou um instante a pergunta.

— Não creio que causasse qualquer dano, contanto que o senhor adotasse perguntas e um comportamento razoáveis em se tratando de uma criança.

— Bem, andei pensando... Gostaria que nosso próprio psicólogo também examinasse Amber.

De repente Jefferson se intrometeu:

— Não, Corrigan. Esqueça. Isso não vai acontecer.

Corrigan viu que tocara em um nervo exposto.

— Ei, qual o problema? O doutor Mandanhi não parece acreditar que seja prejudicial à menina.

Mas Ames foi deveras veemente.

— Você não vai chegar nem perto daquela criança! Ela já sofreu o suficiente.

Corrigan voltou-se para o dr. Mandanhi.

— O que me diz, doutor? Acha que não haveria problema?

Mandanhi olhou para os advogados e entendeu muito bem a mensagem.

— Bem... Suponho que sim, senhor Corrigan. Suponho que seria prejudicial.

— O senhor supõe?

— *Seria* prejudicial.

— Esqueça! — disse Jefferson.

Nem por decreto, pensou Corrigan.

26

Antes que Sally o notasse, escrevia à luz da lâmpada acima do seu banco e não à luz do dia que entrava pela janela. Entardecia. O crepúsculo rubro e difuso desaparecia no cinza cada vez mais escuro da noite. Fazendas e campos, passando apressados do lado de fora, agora se escondiam atrás do reflexo de seu próprio rosto. O balançar ritmado do vagão do trem e o *claque-claque* dos trilhos tinham um efeito calmante, entorpecente. Começava a se sentir sonolenta.

Levaria mais ou menos um dia para chegar a seu destino e então rever a velha Universidade Bentmore. Seu estômago se contorcia de medo cada vez

que pensava nisso. Seriam pessoas poderosas, influentes, que moldavam a educação e os educadores. Se o pessoal do Ômega se lembrara dela, sem dúvida também o fariam em Bentmore. Mesmo assim, precisava ir. Tinha de ver outra vez aquele lugar.

> Assim, minha estada no quarto 302 em Fairwood terminou de repente. Estou na estrada — estrada de ferro, na verdade —, mais uma vez, apenas com minha mochila e minha vida como bens. Não tenho a intenção de parecer petulante, mas fugir para salvar a vida é uma experiência totalmente nova para mim. Primeiro, porque nunca fiz isso antes, e depois, jamais pensei que fugiria das pessoas em quem um dia confiei e admirei tanto. Uma das lições mais difíceis que tive de aprender é que o sonho utópico de uma nova ordem mundial não deixa de ter seu lado escuro, seus alucinados pelo poder, maquinadores, manipuladores e assassinos. Por trás de todas as sra. Dennings e srta. Brewer do mundo, que sonham em refinar e guiar a humanidade, existe gente como o sr. Steele, que sonha em subjugar e controlar a humanidade. As Denning e Brewer dão duro para preparar a humanidade inteira para uma comunidade global; os Steele esperam com ansiedade a hora de dominá-la.
>
> E existem também as Sally Roe que de repente se veem no meio do fogo cruzado, desiludidas com o sonho idílico das Denning e Brewer, tentando permanecer longe do alcance do pé esmagador dos Steele. Talvez sejam o que os Steele mais temam na vida; conhecem todos os dogmas, porém deixaram de acreditar na fé. Podem atrapalhar com maior eficácia do que ninguém.

Fez uma pausa e observou o próprio reflexo na janela, um rosto cansado, com o negror da noite atrás de si. Ocorreu-lhe então todas as alegorias que teria extraído de um quadro assim poucos dias antes, ou mesmo no dia

anterior. Poderia ter escrito sobre o negror em sua alma, ou do grande vazio além da Sally Roe visível, ou o caráter efêmero de sua vida, nada mais do que um reflexo passageiro em uma fina lâmina de vidro — presente durante a noite, invisível pela manhã.

Ó, imagens ótimas. Por algum motivo, no entanto, simplesmente não se sentia assim. Algo muito profundo em seu íntimo mudava, como o tempo que desanuvia aos poucos, mas continuamente.

> Tom, lembra da minha última carta, quando falei sobre a culpa? Não esqueci nenhuma daquelas ideias; na verdade, elas ainda rodopiam dentro da minha cabeça e não sei aonde acabarão me levando.
>
> Desde a última vez em que escrevi, produzi uma proposição desafiadora a respeito da culpa, a de que ela pode ser um fato, e não apenas um sentimento.
>
> Imagino que saiba o quanto o resto de nós despreza esse aspecto do cristianismo: a clássica "viagem na culpa". Se me lembro bem do jargão, somos todos pecadores, somos todos culpados. A religião sempre foi, sob o meu ponto de vista, uma grande viagem na culpa, sendo que ninguém quer se sentir culpado. Por isso meus amigos e eu gastamos tanto tempo e energia inventando um universo em que o certo e o errado não existiam — e se não existe o certo ou o errado, ninguém precisa se sentir culpado por motivo nenhum.
>
> Agora, quanto ao que fez a coisa toda emperrar pela primeira vez hoje de manhã: a possibilidade da culpa como um fato e não apenas um sentimento... Se, e enfatizo a palavra se, existir um padrão fixo para o que é certo e errado, uma cerca, como já disse, então é possível alguém ser culpado de uma ofensa, independente de todos os sentimentos de culpa. Posso estar do lado errado da cerca e estar errada, independentemente de como me sinta a respeito.

Por favor, seja paciente se eu declarar o óbvio; receio que você tenha tudo isso muito claro em sua mente desde criança e que esteja ficando entediado, mas por favor, tenha paciência comigo. Preciso pensar a respeito até entender, e ajuda se eu o faço no papel.

Digamos que eu roube um banco. Isso me torna culpada do roubo. Digamos que não me sinta culpada por isso. Se conseguir estabelecer que é errado roubar um banco, então ainda sou culpada, independentemente de como me sinta.

O sentimento — ou falta dele — não muda o fato.

Então, refletindo no que aprendi no decorrer dos anos mergulhada nos campos humanistas e místicos, vejo que muito disso era uma tentativa de escapar à culpa por meio de filosofia, meditação, drogas etc., etc. Mas agora necessito perguntar de que exatamente venho tentando fugir? Dos sentimentos ou do fato? Consegui fugir dos sentimentos — por algum tempo. Os sentimentos a gente pode enterrar, suprimir, negar ou convencer a si mesma de que não existem.

Mas o que pode mudar ou apagar o fato? Até agora não pensei em nada.

Wayne Corrigan estava confuso quanto ao depoimento de quinta-feira. Sentia-se preparado em alguns aspectos; em outros, sabia que ele e sua equipe voluntária de investigadores ainda não tinham nem arranhado a superfície do que de fato impulsionava Lucy Brandon e sua ação judicial. Mas ali estava ela, a autora da queixa em pessoa, envergando um terninho cinzento, ladeada por Ames e Jefferson, pronta para falar e parecendo nervosa.

Mark e Tom também estavam presentes outra vez, e Corrigan contava com notas mais do que suficientes às quais recorrer.

Primeiro eles repassaram informações antigas, incluindo as ofensas contra Amber na escola cristã. Lucy parecia ter uma compreensão muito melhor dos detalhes do que Irene Bledsoe.

— Ele com frequência agarrava Amber pelos ombros e a sacudia até ela produzir a resposta que ele queria — disse Lucy.

— Pode dar um exemplo? — pediu Corrigan.

— Bem... Ela me contou sobre uma ocasião em que o senhor Harris tentou fazer com que Amber "fosse salva", e ele foi bem insistente, sacudindo-a, insistindo em que confessasse que Jesus era o seu Salvador. Ela só queria dizer que ele era seu exemplo, ou amigo, ou guia, mas isso não bastava. Ele a sacudiu, gritou com ela, deixou-a transtornada realmente. Em seguida, fez que permanecesse na sala de aula durante o recreio até que mudasse de atitude. Foi horrível; Amber chorou a noite inteira. Foi com muita dificuldade que consegui fazê-la voltar à escola no dia seguinte.

Tom rabiscou uma observação para si mesmo. Aquele testemunho era uma mentira deslavada, porém não o surpreendia. Já ouvira Amber usar o mesmo método, distorcendo a verdade toda vez que abria a boca.

— Isso, naturalmente, foi o que Amber lhe contou? — Corrigan quis saber.

— Exato.

— Mas a senhora não testemunhou nada disso?

— Não, mas acredito em minha filha.

— Alguma vez discutiu o assunto com o senhor Harris?

— Não, não discuti.

— Por quê?

Ela teve de pensar em uma resposta.

— Ora, acho que eu andava com a cabeça em outras coisas e não me pareceu importante na ocasião.

— Mas parece importante agora?

— Ó, claro.

Corrigan mostrou-lhe um documento.

— A assinatura neste Formulário de Consentimento Paterno é sua, correto?

Ela olhou o papel.

— Sim.

— E se a senhora notar o parágrafo nono deste formulário, verá que ele declara que a senhora leu o Manual do Aluno e dos Pais e concorda com tudo o que ele contém. A senhora leu o manual e concordou com tudo o que ele continha?

Lucy estava bem relutante em responder.

— Sim.

Corrigan conferiu alguns apontamentos.

— É verdade que Amber apanhou no dia... 25 de março, e que o senhor Harris informou-a do ocorrido por telefone naquela noite?

— Sim.

— E é verdade que, na ocasião, a senhora aprovou o fato de ela ter apanhado?

— Sim.

— Tanto quanto a senhora sabe, Amber apanhou mais alguma vez desde então?

— Não.

— Ou seja — só para ter certeza de que entendo corretamente —, a senhora move uma ação contra a escola por violência física em forma de surra, mas tanto quanto sabe, houve apenas um incidente desse tipo, sendo que a senhora o aprovou de antemão ao assinar o Consentimento Paterno, e também na ocasião em que a surra foi ministrada. Entendi certo?

Lucy não gostou de fazê-lo, mas disse a verdade:

— Sim, entendeu.

— A senhora tomou conhecimento da infração pela qual Amber apanhou?

Lucy pensou por um momento.

— Acho que ela atrapalhava a aula.

Corrigan preferiria não entrar no próximo tema, mas tinha de fazê-lo.

— A senhora lembra o que ela fazia para atrapalhar? Lembra-se de como o senhor Harris descreveu a situação para a senhora?

Lucy gaguejou a resposta:

— E-ela estava... fazendo barulho... Brincando na carteira.

Corrigan se aprofundou no assunto:

— Bem, vamos seguir em frente e falar sobre Ametista.

Lucy iluminou-se com a lembrança.

— Ó...

— A senhora agora lembra que Amber apanhou porque fazia o papel de Ametista na classe e atrapalhava a aula, não dando atenção às ordens do senhor Harris de que parasse com aquele comportamento?

— Sim.

— Senhora Brandon, ouvimos uma porção de opiniões a respeito de quem ou o que Ametista de fato é. Na sua opinião, quem é Ametista?

Lucy baixou os olhos à mesa, meditou na pergunta, chegou até a dar uma risadinha, mas depois meneou a cabeça.

— Não tenho certeza. Acho que um personagem inventado por Amber, mas... Bem, o doutor Mandanhi fala em uma possível personalidade alternativa, mas não sei...

— A senhora está associada de algum modo com um grupo de Baskon chamado Círculo Vital?

— Er... Sim.

— Não é verdade que esse grupo acredita em canalização de espíritos e em espíritos guias?

Ela riu, mas foi um riso nervoso.

— Bem, abraçamos uma porção de crenças diferentes; todos temos as nossas opiniões sobre a canalização de espíritos. Acho que, em última análise, não a questionamos, experimentamos apenas.

— A senhora diria que Amber canalizava Ametista?

— Ó, ela poderia canalizar, ou fingir que canalizava, ou sei lá. As opiniões são muito desencontradas. É realmente algo a ser experimentado pelo bem que pode ser derivado dele; não é para ser questionado.

— Já lhe passou pela cabeça que Ametista poderia ser um espírito?

A ideia pareceu chocá-la.

— Um espírito?

— Sim, um espírito-guia, ou senhor ascendido, ou espírito desincorporado do plano astral. Esses termos são familiares para a senhora, não?

Ela sorriu, impressionada.

— O senhor conhece muito a respeito desse tipo de coisa, não?

Corrigan devolveu-lhe o sorriso, prazenteiro.

— Bem, tento manter-me informado. A senhora acredita que Ametista poderia ser um espírito-guia? Isso lhe parece possível?

Ela franziu a testa e baixou os olhos à mesa, lutando contra a ideia.

— Alguns acham que sim. Eu ainda não sei o que pensar.

Corrigan rabiscou em seu bloco de anotações.

— De qualquer forma, no dia 28 de março, o senhor Harris e Ametista tiveram uma confrontação. A senhora se lembra de ter ouvido alguma coisa a esse respeito?

— Sim. O senhor Harris ligou-me no correio. O problema parecia ser sério, por isso fui até lá.

— Ele lhe contou o que havia acontecido?

— Sim. Disse que Amber tinha sido... Ó, não recordo mais quais as palavras que usou, mas em resumo, disse que julgavam-na endemoninhada e que haviam tentado expulsar o demônio de dentro dela. Fiquei chocada. Nunca ouvira falar em uma coisa dessas.

— A senhora nunca ouviu falar em expulsão de demônios?

Ela retrucou, amarga:

— Trata-se de um conceito estritamente cristão, uma invenção da religião constituída. Fico indignada com o fato de tentarem impô-lo a minha filha!

Canalizar é um dom, uma capacidade especial; nada tem a ver com religião!

— Mas a senhora entende que a Bíblia ensina diferente?

Lucy ficou zangada e magoada.

— Senhor Corrigan, Amber é só uma *criança*, uma criança com um dom especial! Não tem a obrigação de me explicar seu dom, ou de defender o que está experimentando. Nunca a isolei ou incomodei; apenas a amei, aceitei e permiti que exercesse seu dom, pelo bem que pode lhe fazer e a nós todos. Ela é só uma criança, não uma teóloga ou estudiosa ou ministra ou advogada. Que poder tem uma criança de 10 anos para se levantar contra... — Ela hesitou, mas afinal despejou as palavras: — Contra os adultos religiosos, obstinados e preconceituosos que trabalham naquela escola, que abusam do seu poder e de seu tamanho, que não têm tolerância nem compreensão, que apenas... a atacaram, pularam em cima dela, berraram com ela, acusando-a de estar possuída...

Ela enterrou o rosto nas mãos por um momento. Corrigan estava prestes a anunciar um intervalo quando a viu se recuperar e concluir a declaração:

— Eles não tinham o direito de tratar minha filha daquela forma, de isolá-la e persegui-la só por ser diferente.

Corrigan entendeu que chegara a hora de passar para a questão seguinte.

— Quando a senhora chegou à escola, o que encontrou? Como estava Amber?

Lucy pensou um instante, recordando.

— Ela estava... sentada na secretaria da escola. Tinha uma aparência horrível, muito cansada, molhada de suor e o cabelo todo desgrenhado. Parecia transtornada... Mal-humorada. Quando a levei para casa, descobri que o corpo dela estava machucado em vários lugares, como se ela tivesse participado de uma luta terrível. Isso simplesmente me deixou em estado de choque.

As emoções de Lucy começaram a vir à tona.

— Eu não conseguia acreditar que uma coisa dessas pudesse acontecer com minha filha, ainda mais em uma escola cristã onde... Bem, já houve época em

que, na minha opinião, se existia lugar bom para Amber, lugar seguro, era uma escola cristã. Não imaginei que os cristãos se rebaixassem a um comportamento desses. Mas foi o que fizeram.

Corrigan falou-lhe suavemente:

— Senhora Brandon, foi Amber como Amber mesmo quem se lembrou do incidente? Ela conseguiu lhe contar o que aconteceu?

Lucy ainda se recompunha.

— Acho que ela nunca foi capaz de me falar diretamente a esse respeito. Precisa estar como Ametista para tocar no assunto.

— Então foi Ametista quem lhe contou o que aconteceu?

— Amber fingindo ser Ametista, ou canalizando Ametista, sim.

Corrigan pensou bem antes de fazer a próxima pergunta.

— Senhora Brandon, toda vez em que Amber se torna Ametista, depois que deixa de ser Ametista, ela se lembra de alguma coisa que disse ou fez?

Lucy se sentiu um tanto encabulada.

— Bem... Ela diz que não.

— Está certo. De qualquer forma, o incidente aconteceu em 28 de março, porém a senhora não tirou Amber da escola antes de vinte de abril. Pode explicar por que, após um incidente tão chocante e um comportamento tão seletivo e prejudicial em relação a Amber, a senhora ainda manteve sua filha matriculada na escola?

— Eu...

— Obviamente a senhora consultou um advogado nesse ínterim.

— Consultei sim.

Corrigan apresentou-lhe a xerox de um documento escrito a mão.

— Parte do material de revelação foi esta xerox de um diário que a senhora mantinha. Reconhece-o?

— Sim.

— Então, entre 28 de março e 20 de abril, a senhora manteve apontamentos detalhados sobre a escola... — Corrigan folheou as muitas

páginas copiadas. — A senhora anotou todas as lições, os versículos bíblicos de cada dia, os problemas de disciplina, os projetos bíblicos... Um relatório bastante minucioso.

— Sem dúvida.

— Não é verdade que a senhora continuou registrando tudo esse tempo todo, com Amber ainda matriculada, porque a senhora tinha toda a intenção de mover essa ação judicial contra a escola?

Jefferson deu um salto ao ouvir a pergunta.

— Protesto, senhor. Isso é especulação, conjectura, sem qualquer base real.

— Pois então, estabeleçamos uma base. Senhora Brandon, algum tempo depois de 28 de março, a senhora não consultou uma amiga do Círculo Vital com o intuito de obter aconselhamento judicial sobre esses problemas?

Lucy chegou a dar levemente de ombros.

— Consultei.

— Essa amiga era Claire Johanson, assistente legal dos senhores Ames e Jefferson?

— Sim.

— E qual foi o resultado dessa conversa?

— Resultado?

— A senhora não resolveu ali mover uma ação judicial contra a escola?

— Acho que sim.

— Acha que sim?

— Bem, sim, resolvi.

— E para se preparar para a ação, a senhora começou a manter os tais apontamentos detalhados de tudo o que acontecia na escola, correto?

Lucy ficou mortificada.

— Sim.

— Muito bem. Agora, estabelecido isso, deixe-me fazer-lhe a seguinte pergunta: visto que a senhora manteve Amber matriculada na escola, apesar do comportamento chocante demonstrado contra ela, é possível que coletar novos

materiais para sua ação fosse mais importante para a senhora do que o bem-estar de sua própria filha?

— Definitivamente eu protesto contra isso! — Jefferson esbravejou.

— E eu abro mão da pergunta — disse Corrigan, impassível. Voltou-se para suas notas. — Amber ainda se transforma em Ametista de vez em quando?

Lucy sorriu, admitindo o fato com relutância.

— Sim, ainda o faz.

— Ela exibia esse tipo de comportamento mesmo antes de ser matriculada na escola cristã?

— Sim.

— É verdade que ela aprendeu a... criar ou visualizar Ametista na classe da quarta série da Escola Elementar de Baskon, classe essa cuja professora é uma certa senhorita Brewer?

— Sim. A senhorita Brewer é uma professora maravilhosa.

Corrigan fez uma pausa.

— Então por que a senhora transferiu Amber para a escola cristã?

Lucy pareceu um tanto encabulada.

— Ó... Na ocasião achei que a escola de primeiro grau havia cumprido sua finalidade. Amber atingira seu potencial máximo e se descobrira, claro, mas... Não aprendera muito além disso.

— Ou seja, era fraca nas outras matérias?

— Um pouco. Achei que lhe faria bem um certo equilíbrio; ampliar seus campos de experiência.

— Compreendo. — Corrigan passou para outro assunto. — A senhora se recorda de um incidente no correio várias semanas atrás quando Amber, como Ametista, teve uma confrontação com uma freguesa no saguão?

Lucy ficou visivelmente perturbada com a pergunta.

— Como foi que descobriu isso?

— A senhora se recorda do fato?

— Sim.

— Amber também?

— Não. Ela estava como... Bem, como Ametista na ocasião, de modo que agora não se lembra de nada do que aconteceu.

— Não se lembra?

— Não.

— É verdade que Amber, como Ametista, tomou-se bastante agressiva com a freguesa?

Lucy sentiu-se nauseada pela lembrança, e talvez pela pergunta.

— Sim.

— Ela deu a volta em torno da mulher e lhe bateu diversas vezes?

— Eu... Eu a vi bater na mulher, sim.

— E Amber, como Ametista, fez acusações em altos brados contra a mulher?

— Sim.

— A senhora diria que o comportamento de Amber foi violento, descontrolado?

— Eu não queria admitir.

— Violento a ponto de aquela senhora ser forçada a fugir do saguão?

Lucy se perturbava; a recordação era uma ferida dolorosa, desconcertante.

— Foi o que aconteceu. Não consegui deter Amber. Fiquei muito envergonhada.

— Amber conhecia a mulher?

— Não. Não sei como poderia conhecê-la.

— Pelo que a senhora sabe, a mulher nada fez para provocar o ataque?

— Não.

— A senhora se lembra do que Amber berrava?

Os olhos de Lucy caíram para a mesa e ela descansou a testa nos dedos.

— Ela dizia... alguma coisa sobre o bebê da mulher... Do tipo "Você matou seu bebê".

— A senhora sabe quem era a mulher?

— Não... Acho que não.

Corrigan pegou uma foto e mostrou-lhe.

— É ela?

Jefferson interveio depressa.

— Realmente, não vejo o que isso tenha a ver com coisa alguma!

Corrigan se limitou a lançar-lhe um olhar de censura, permanecendo calado.

— É esta a mulher? — insistiu afinal.

Lucy fitou a foto granulada. Seu rosto respondeu à pergunta antes que ela abrisse a boca.

— Sim.

— A senhora sabe quem é esta mulher?

Ela pareceu desistir.

— O nome dela é Sally Roe. Era freguesa do correio. É só o que sei a seu respeito.

— E que ela se suicidou há poucas semanas, não é verdade?

Lucy revidou com fúria:

— Não foi culpa de Amber!

Corrigan calou-se por um rápido instante apenas, diante da explosão. Depois retrucou:

— Não foi o que eu disse. Muito bem. A senhora ouviu Ametista/Amber — fosse quem fosse naquele momento — acusar Sally Roe de ter matado seu bebê, certo?

— A pergunta foi feita e respondida — Jefferson interveio.

— Só quero me certificar de que entendi bem — justificou-se Corrigan.

— Sim, ouvi — disse Lucy.

— A senhora sabia que Sally Roe tinha antecedentes criminais?

Uma novidade para Lucy Brandon, como ficou evidente.

— Não.

Corrigan mostrou alguns documentos.

— Esta é uma cópia da ficha criminal de Sally Roe, e aqui estão alguns recortes de notícias. A senhora verá algumas áreas destacadas: ela foi condenada por homicídio culposo há dez anos. Como pode ver aqui, e nesta outra notícia aqui, foi declarada culpada da morte por afogamento da própria filhinha.

Esperou a novidade calar fundo, observando o sangue fugir do rosto de Lucy Brandon.

— Obviamente sua filha, personificando Ametista, tinha razão nas acusações que fez a Sally Roe no saguão do correio. Pelo que a senhora sabe, Amber poderia ter tomado conhecimento, de alguma forma, do passado de Sally antes de tudo o que houve?

Lucy mal conseguia falar.

— Não. Nem eu sabia disso.

— A senhora pode explicar, então, como *Ametista* sabia desses fatos todos?

Lucy demorou a falar pelo simples fato de não dispor de uma resposta fácil.

— Não. — Tentou fazer melhor: — Uma habilidade psíquica, talvez.

— Da parte de quem, Amber ou Ametista?

A mulher balançou a cabeça, toda atrapalhada.

— Não faço ideia. Não compreendo esse tipo de coisa. Mas pode acontecer na canalização.

— Então Amber estava canalizando?

— Sim, acho que sim.

— E, pelo que tudo indica, há um lado bastante violento nesse dom especial que ela tem, não acha?

— Não sei.

— A senhora também travou uma briga e tanto com Ametista, não foi? Precisou de vários minutos para controlar sua filha?

— Sim.

— E quando o incidente acabou afinal, a senhora diria que sua filha estava molhada de suor, provavelmente descabelada, cansada, mal-humorada, talvez até um pouco machucada?

Como Lucy relutasse para responder, Corrigan pressionou:

— Não era esse o seu estado geral?

— Suponho que sim.

— Durante o tumulto, a senhora não se dirigiu a sua filha chamando-a de Ametista?

Ela pareceu confusa. Corrigan reformulou a pergunta.

— A senhora não lutou com sua filha e disse palavras mais ou menos como "Ametista, pare com isto... Ametista, acalme-se"?

A voz de Lucy era quase inaudível.

— Imagino que sim.

— Com quem exatamente a senhora estava falando?

Lucy não gostou da pergunta.

— Com minha filha!

— Qual delas?

Lucy hesitou, razão pela qual Corrigan elaborou melhor a pergunta.

— A senhora declarou que Amber não lembra nada do incidente. Aliás, não costuma mesmo se lembrar do que Ametista diz ou faz. Ao mesmo tempo, admitiu que Amber canalizava. Seria correto dizer que Ametista, e não Amber, se comportava daquele modo tão agressivo naquele instante?

— Mas era minha filha...

— Com uma personalidade diferente, independente, certo?

Lucy fitou-o enquanto pensava no assunto. Corrigan sentia Ames e Jefferson cada vez mais tensos.

— Certo? — ele tornou a perguntar.

— Sim — ela por fim concordou. — Acho que está certo.

— Então... se alguém — mesmo a senhora — confrontasse Ametista, estaria na verdade confrontando uma personalidade outra que não a de sua filha?

— Creio que sim. Talvez.

Ames e Jefferson não gostaram dessa resposta. Sem dúvida teriam uma conversa dura com Lucy Brandon quando o interrogatório terminasse.

Corrigan resolveu que chegara a hora de encerrar com uma provocação.

— Ainda lhe parece tão estranho assim que o senhor Harris também tenha vivido um encontro semelhante, não com sua filha Amber, mas com Ametista, uma personalidade independente, e com ela tenha travado uma luta violenta, um confronto direto, um embate aberto? A senhora já imaginou como deve ter sido para ele ver Ametista se comportando em sala de aula como ela o fizera no correio, berrando, batendo e divulgando informações que Amber, como Amber, não poderia conhecer? A senhora consegue agora entender a que conclusão um cristão seguidor da Bíblia chegaria quando confrontado com uma personalidade alternativa violenta e incontrolável em uma criança pequena, inocente?

Ele não precisava de uma resposta, nem ficou à sua espera.

— Obrigado, senhora Brandon. Sei como essa entrevista foi difícil para a senhora. Por enquanto é só.

27

A universidade Bentmore aninhava-se, quase se escondia, dentro da apertada rede de tijolos vermelhos de uma grande metrópole. Em todas as direções, bastava apenas atravessar a rua para se encontrar barulho, lixo, tráfego e problemas de crescimento urbano. Ela sobrevivera à ascensão e queda de um conjunto habitacional de baixo nível em seu flanco norte; a oeste, as padarias, alfaiatarias e tinturarias que agora estavam nas mãos de terceiras gerações; a leste, os rebocadores que ainda puxavam as balsas para cima e para baixo no rio turvo, o ronco de seus motores audíveis por todo o *campus* quando o vento soprava na direção certa; ao sul, diversos novos apartamentos que haviam se tornado a única vista naquela direção, de modo que agora as ruas daquele lado viviam cheias de grandes carros velhos dirigidos sem pressa nenhuma por gente aposentada.

No centro de tudo aquilo, Bentmore resistia, firme e sólida com seus tijolos vermelhos e pedras brancas, seus salões, dormitórios, bibliotecas e laboratórios espalhados por igual sobre o terreno coberto de grama, suas calçadas de tijolos formando desenhos e irradiando como raios a partir de cada entrada, entrecruzando-se e ligando-se em malha como se fossem rotas comerciais.

Ao olho humano, Bentmore parecia um oásis de paz, reflexão e aprendizado em meio ao rebuliço que a rodeava; na esfera espiritual, o verdadeiro problema existia dentro de suas fronteiras, não fora.

Guilo encontrou-se com Tal e seus mais importantes guerreiros no telhado da velha Companhia de Latas Norte-Americana, localizada bem na frente do *campus*, do outro lado do rio. Abaixo de seus pés, latas de sopa, de suco, de frutas e de sardinhas tomavam forma e passavam com alarido pelas janelas, em um desfile sem fim sobre as esteiras rolantes; do outro lado do rio, ainda velada pela neblina matutina, envolvia a velha Bentmore um silêncio carregado de mau agouro.

Guilo postou-se ao lado de Tal para apresentar seu relatório. Sentia-se nervoso, agitado, pronto para uma briga, apoiando a mão no cabo da espada.

— Alguns dos seus melhores guerreiros estão ali. Os grandes enganadores, os grandes construtores do reino vindouro do inimigo, todos supervisionados por um animal gigantesco que se dá o nome de Corruptor.

— Já ouvi falar nele — disse Tal. — Tem poder e grande capacidade para enganar, mas pouca velocidade e esperteza em batalha.

— Uma vantagem, com certeza. Se trabalharmos às escondidas, há muito que poderemos fazer antes que ele perceba.

Natã espiou por entre a neblina e imaginou ter visto alguns espíritos vultosos deslizando de vez em quando entre as estruturas. A maioria, no entanto, permanecia invisível.

— Eles ficam escondidos, enfiados dentro dos prédios.

— Muito ocupados — disse Armoth. — As aulas estão em andamento.

— O Corruptor se sente de certa forma confortável no momento, e com a guarda baixa — disse Guilo —, porém o Destruidor será outro problema. Está vindo para cá agora, com todas as suas tropas. Portanto, a velha Bentmore em breve se transformará em uma colmeia de marimbondos em repouso. Bastará sacudir a árvore e...

— Eles nos dominarão — disse Tal. — Os encrenqueiros do Destruidor em Baskon têm se saído bem; nossa cobertura de oração anda mais fraca do que nunca, de modo que ficamos com as forças seriamente enfraquecidas. Os confrontos diretos são arriscados. Dependeremos muito da ação às escondidas e da estratégia.

Guilo permitiu-se uma risada rápida, abafada, enquanto fitava o *campus*.

— Quero lembrar a todos: eles poderiam comer-nos vivos.

Aqui e ali no *campus*, os bancos continuavam molhados de orvalho e neblina, porém Sally encontrou uma escrivaninha confortável escondida entre as estantes da biblioteca de pesquisa. Até então, nenhum dos funcionários do lugar a reconhecera e isso a deixara um pouco mais à vontade. Graças a uma pequena tinturaria no lado oeste do *campus*, suas roupas melhores como calças, blusas e um casaco fino estavam limpas e passadas; trocara o conjunto de viajante desconhecida por algo mais apresentável e guardara a mochila, substituindo-a por uma sacola menos indiscreta. Lembrava-se ainda da aparência elegante e profissional que tinha doze anos antes, quando usava conjuntos combinando nos mínimos detalhes e o cabelo bem preso. Agora, o melhor que podia fazer era adotar um ar despreocupado e assumir os doze anos a mais, com direito a óculos de lentes coloridas e cabelo tingido de preto, preso da melhor maneira possível. Bastava agora esperar que estivesse suficientemente diferente da Sally Roe de quem as pessoas se lembrariam.

> Ó, eu devia me sentir tão orgulhosa de minha vocação como educadora! Sentada aqui, vendo passar os estudantes da pós-graduação,

dando duro para conseguir o título de mestre como eu fiz, sou capaz de identificar o mesmo orgulho em seus rostos, pressentir a mesma conduta pseudointelectual. Para falar a verdade, enxergo a mim mesma naquela época. A velha fama de Bentmore não foi corrompida. Posso adivinhar o que estarão pensando: são os conquistadores do mundo, missionários de uma mensagem audaz de mudança global.

E eu diria que têm razão. Bentmore ainda produz grandes educadores, grandes agentes de mudança. Eles serão os professores, os administradores, os diretores, os autores, os lobistas. Uma nação os seguirá; reestruturarão toda uma cultura.

Consultou o relógio. Passava das 9 da manhã; alguém já deveria ter chegado à sala do professor Lynch àquela altura: ou a secretária, ou o próprio Lynch. Seria o maior de todos os riscos, mas precisava entrar em contato com ele. Devia ser a única pessoa, dentre tantas, capaz de lhe dar algumas das respostas de que necessitava.

Verificara o nome e o número dele no catálogo do *campus* e, por surpreendente que lhe parecesse, após doze anos, Samuel W. Lynch ocupava o cargo de diretor da Faculdade de Educação. Tanto quanto se lembrava, ele era perfeito para o posto, sempre um homem imponente de grande conhecimento, estatura e força.

Um estudante de graduação alto e atlético terminara de usar o telefone público que ficava na parede atrás dela. Sally aproveitou a oportunidade. Tentaria marcar uma entrevista com Lynch, talvez durante o horário normal de expediente. Depois disso, só lhe restaria esperar que o homem não fosse tão brilhante quanto se recordava; talvez não se lembrasse de quem ela era.

Wayne Corrigan e Gordon Jefferson, advogado da acal, jamais seriam bons amigos, isso era fácil de constatar.

— Senhor Jefferson, só estou dizendo que temos o direito de acarear a pessoa que nos acusa! — Corrigan se sentia muito vigoroso e mantinha a boca tão perto do bocal do telefone que seu interlocutor ouvia um rugido toda a vez que ele pronunciava uma sílaba tônica.

Jefferson revidou com igual firmeza e em tom até um pouco depreciativo.

— Quem o acusa, senhor Corrigan, é Lucy Brandon, não Amber; o senhor já tomou o depoimento da senhora Brandon e o fez com tanta crueldade que lhe causou terrível perturbação! Nem nos passaria pela cabeça colocar Amber na mesma situação.

— Não queremos causar nenhum sofrimento a Amber — de forma alguma! Aceitaremos as restrições que nos impuserem, seremos delicados. Mas até agora, tudo o que ouvimos, todos os testemunhos, todas as queixas, vieram por intermédio de Lucy Brandon ou do doutor Mandanhi. A verdadeira queixosa neste caso não é nenhuma dessas pessoas, mas Amber.

— A criança não testemunhará nem será forçada a se submeter a um depoimento. Lutaremos contra isso, senhor!

— Precisamos ter o testemunho direto de Amber com relação às queixas apresentadas contra os meus clientes.

— Seria traumático demais. Ela já foi profundamente magoada com esses acontecimentos infelizes; não podemos permitir que sofra traumas ainda maiores sendo forçada a passar pela tensão e dor de um depoimento seguido de julgamento!

— Então queremos que nosso psicólogo a examine. Pelo menos assim teríamos nosso próprio laudo pericial para contrabalançar o testemunho do doutor Mandanhi.

— De jeito nenhum! Amber não deve ser envolvida neste caso de forma alguma. Pelo contrário, será mantida longe dele, protegida de maiores abusos e intimidações!

Corrigan suspirou e olhou para Marshall do outro lado da escrivaninha, que o ouvia e observava com atenção enquanto falava ao telefone. Marshall fez

com a mão o gesto de quem torce um braço invisível e sussurrou:

— Seja firme!

— Receio não poder recuar nessa questão — disse Corrigan a Jefferson. — Se o senhor não mudar de ideia, então teremos de pedir ao tribunal que a obrigue a depor.

— Estamos preparados para isso — disse Jefferson.

— Muito bem, então.

Corrigan desligou e parou um instante para pensar.

— Talvez eu tenha sido duro demais com Lucy Brandon. Agora eles querem esconder Amber debaixo de sete chaves.

Marshall assentiu enfático com a cabeça.

— Claro. Irene Bledsoe, Lucy Brandon e esse tal de doutor Mandanhi podem dizer o que quiserem, mas Amber é fundamental em toda essa história. Enquanto Ametista apronta das suas, Amber constituirá um perigo real.

— Claro, mas se conseguíssemos levá-la àquele banco de testemunhas, ou fazer que nosso perito a examine... Isto é, se pudéssemos fazer que Ametista se manifestasse ao menos uma vez, argumentaríamos que o comportamento de Tom ao confrontar Ametista se justificava. — Sorriu. — Não seria ótimo se conseguíssemos que Ametista destruísse o tribunal? Ganharíamos fácil o caso.

— Eles sabem disso.

— Bem, e nós sabemos o que aconteceu no correio, o que os assusta. Precisamos reforçar essa linha de defesa; temos o testemunho ocular de Alice Buckmeier, porém outra testemunha seria melhor ainda, principalmente se Lucy decidir guardar de alguma forma para si parte do que revelou no depoimento.

Marshall respondeu:

— Ainda contamos com aquela moça, Debbie, a que trabalha no correio com Brandon. Alice diz que ela estava presente, mas não sei dizer a quem seria leal.

— O jeito é intimá-la e descobrir.

— E tem também a vítima do ataque de Ametista.

Corrigan fez que sim com a cabeça.

— Nosso maior mistério por resolver. Ela é como um fantasma, sabe? Temos retratos dela, relatos de testemunhas oculares sobre ela, fatos e informação a respeito dela, porém, quando se trata de estabelecer o que ela tem a ver com o caso, Sally Roe se transforma em uma espécie de miragem, algo que não está onde deveria.

— Então force essa questão de acarear Amber. Vá em frente, peça uma audiência com a juíza. A acal bem que mereceria tomar uma dose do próprio remédio. Mesmo que não ajude muito, permitirá que ganhemos tempo. Nunca se sabe quando um fato importante vai estourar.

Corrigan se sentiu atraído pela ideia.

— Amber, vamos colocá-la no banco das testemunhas!

Claire Johanson falou com o dr. Mandanhi por telefone minutos depois de Jefferson ter encerrado a conversa telefônica com Wayne Corrigan.

— Doutor, seu relatório está muito fraco.

O dr. Mandanhi ficou perplexo e também um pouco impaciente.

— Ora... Que relatório é esse, o primeiro ou o segundo? Ou a segunda versão do primeiro?

Claire fez uma careta de desagrado só porque o dr. Mandanhi não a veria pelo telefone.

— A primeira versão do segundo relatório. A que estabeleceu que Amber se encontra em condição mental delicada demais para prestar depoimento ou testemunhar.

— A que você se refere quando diz que ele está muito fraco?

— Ao fato de não ser persuasivo o suficiente. Seria muito fácil para a defesa diminuir-lhe a importância. Corrigan vai pedir uma audiência que decidirá se Amber deve ou não ser forçada a depor, e precisamos de algo mais forte para apresentar ao tribunal.

Mandanhi calou-se por um momento. Era claro seu descontentamento.

— Senhorita Johanson, já passamos por isso antes. A senhorita achou que meu primeiro relatório também não era forte o suficiente!

— Bem, é assim que as coisas funcionam...

— Senhorita Johanson, quando a senhorita me envolveu nisso, dei minha opinião mais sincera, mais objetiva no tocante à condição de Amber. Concordei com a senhorita e com a mãe da menina em que a criança fora prejudicada. Por que não bastou?

Claire sentia a pressão de cima e, agora, também de baixo, do doutor.

— Porque, doutor Mandanhi, o argumento precisa ser vigoroso perante um tribunal, precisa ter um poder de persuasão esmagador. Sua primeira versão foi muito... muito...

— Factual? — sugeriu Mandanhi. — A senhorita preferiria que eu mentisse e inventasse traumas adicionais só para obter uma decisão favorável da juíza?

— Inventar, não, doutor. Exagerar talvez; tornar sua opinião mais vigorosa apenas.

— Bom, creio que foi o que fiz no primeiro relatório. Dei-lhe o que a senhorita queria, até mais do que os fatos se justificavam, na minha opinião. Agora quer que eu faça tudo de novo?

Claire hesitou. Mas afinal disse bruscamente:

— Com os fatos que temos em mão, seu segundo relatório podia ser exagerado. Torne-o mais forte, mais persuasivo! Não deve ser difícil demonstrar como a tensão sobre Amber poderia causar-lhe danos psicológicos irreversíveis.

— Está me pedindo para mentir?

— Estou pedindo que use os fatos, que seja um defensor e que proteja Amber. Ela não pode depor!

Sally conseguiu marcar uma hora com o professor Samuel W. Lynch e chegar a sua sala na hora, às 6 da tarde. Horário estranho, mas ele geralmente

permanecia na sala até essa hora mesmo. Fosse como fosse, ficaria feliz em recebê-la.

Ele agora tinha uma nova sala, no segundo andar do Edifício Whitcombe, o centro nervoso da Faculdade de Educação Bentmore. O prédio em si era uma estrutura mais nova de aço, mármore e vidro que se erguia dez andares acima do resto do *campus*. Aparentemente Bentmore se orgulhava de suas contribuições à educação e fazia questão de mostrar esse orgulho de forma grandiosa.

A Sala 210 era mais do que apenas um cômodo; ocupava toda a ala norte do andar, separada por uma parede de vidro com magníficas portas duplas. A secretária também estava trabalhando depois do expediente. De onde se sentava, podia olhar através da parede de vidro e enxergar qualquer pessoa que se aproximasse pelo corredor. Viu Sally assim que ela saiu do elevador, mas não se demorou muito a observá-la. O que era animador.

Sally passou pelas portas e tentou dirigir-se à secretária a uma certa distância.

— Meu nome é April Freeman, marquei hora com o professor Lynch.

A mulher sorriu e acenou afirmativamente com a cabeça.

— Sim, a moça do *Register*?

— Eu mesma.

— Muito bem. — Apanhou o telefone e apertou um botão. — A moça do *Register* chegou. — Olhou para Sally. — Ele a atenderá em um minuto. Pode se sentar.

Sally permaneceu de pé junto ao sofá da sala de espera. Sentia-se incomodada demais para se sentar, pronta para correr, na verdade. A mentira sobre ser uma repórter do jornal universitário funcionara por enquanto, mas se alguém pensasse em ligar para o escritório do *Bentmore Register* a fim de averiguar qualquer coisa, seu disfarce seria logo descoberto. Além do mais, já havia um homem sentado ali. Ela o pegara a olhá-la uma vez, embora fingisse ler uma revista. Talvez lesse de fato a revista, mas também podia ser que não. O

que fazia ali às seis horas da tarde? Do jeito como se sentia naquele momento, cada pessoa naquele lugar representava um assassino em potencial.

Seu coração batia forte; se as mãos lhe tremessem mais, daria para notar. Procurou encher os pulmões de ar algumas vezes a fim de se controlar.

— Senhorita Freeman!

Aquela voz! Depois de doze anos, ainda se lembrava. Ela se voltou.

Ali estava o professor Samuel W. Lynch. Ó! O tremor tornou-se tão intenso, só podia estar dando na vista! Sally enrijeceu o corpo para se manter firme, forçou um sorriso e estendeu a mão.

— Olá.

O professor apertou-lhe a mão.

— Um prazer. Venha por aqui.

Ele se voltou e Sally o acompanhou até o interior do escritório.

Não estava certo. Não podia ser doze anos depois. Tinha de ser doze anos *antes*. Ele não mudara. Continuava o mesmo *gentleman* gordo e distinto de cabelo grisalho, o mesmo pedagogo eloquente que ela admirava. Seria capaz de reconhecê-lo em qualquer lugar.

Seria igualmente familiar para ele? Centenas de estudantes deviam ter passado pela vida dele desde a última vez em que estivera ali; com certeza a lembrança de seu rosto se perdera atrás de todos aqueles outros.

Ele a conduziu para o interior do escritório e ofereceu-lhe uma confortável cadeira estofada. Sally sentou-se imediatamente e pôs-se a observar todos os detalhes. As paredes forradas de livros erguiam-se a tão grande altura que ela imaginou-se sentada no fundo de um poço. Reinava no cômodo um silêncio mortal, como uma cripta.

Lynch acomodou-se atrás da escrivaninha e relaxou por um momento, estudando o rosto dela, as mãos cruzadas sobre o peito.

Ela devolveu-lhe o olhar e tentou sorrir. Começava a sentir o silêncio. Não estava certo. Alguém já devia ter dito alguma coisa àquela altura.

— Quer dizer que você trabalha com o *Register*? — perguntou ele, ainda descontraído, reclinando-se na cadeira.

— Sim, comecei este trimestre.

— E qual a sua área de estudos?

— Er... Economia.

Ele sorriu.

— Muito bom. O que acha de Parker?

Seria um teste? Quem era Parker? Homem ou mulher? Vivo ou morto?

Sally titubeou.

— Ora... Ainda confundo o nome dos mestres. Acabo de me transferir...

Ele riu.

— Não tem importância. Acabará por conhecê-los e eles a você, estou certo disso. Descobrirá que somos uma instituição cordial, uma grande família. De onde você é?

Ela fingiu um sotaque:

— Ó, de Knoxville, Tennessee.

Ela abriu o caderno só para ter o que fazer, algo que preenchesse o tempo incômodo, vazio. Sua mente apagara de repente, como se uma nuvem escura a tivesse penetrado. Em um minuto ela sabia o que fazer, e no minuto seguinte, teve a impressão de que parte do cérebro morrera.

Enquanto isso, o professor Lynch permanecia sentado ali, sem dizer coisa alguma. O silêncio encheu a sala como água profunda; o ar quente, abafado pressionava de todos os lados.

— Er... Gostaria apenas de lhe fazer algumas perguntas... — disse Sally, tirando um caderno da sacola e folheando-o. Onde estavam as perguntas? Ela as anotara ali, porém agora... — Estou tentando encontrar as minhas perguntas; devem estar aqui, em algum lugar.

— Não fique nervosa — tranquilizou-a Lynch. — Não vou mordê-la.

Ela riu. Então ele percebera!

— Obrigada. Ainda sou um pouco nova nesse tipo de coisa. — Encontrou as perguntas afinal. — Ó! Aqui estamos. Imaginei que seria interessante conhecer uma história de sucesso de Bentmore e escrever um artigo sobre Owen Bennett.

Ele sorriu.

— Ah... Daria uma ótima história. Owen Bennett é um homem fascinante.

— Ele fez parte do corpo docente daqui durante anos, pelo que sei.

— Ó, sim! Ouça, poderia me dar licença por um minuto apenas?

— Claro.

Ele se levantou da cadeira e saiu apressado da sala, deixando-a sozinha no fundo do poço escuro, opressivo.

O silêncio fechou-se em torno dela outra vez, mais pesado do que nunca. Tinha dificuldade para respirar, como se lhe esmagassem o peito, como se o ar fosse espesso demais para ser aspirado. Só podia ser coisa da sua imaginação, a tensão, o nervosismo.

Fechou os olhos e tornou a abri-los. A sala ainda parecia escura. Talvez mais até.

No alto, acima dela, as paredes contendo centenas de livros em todas aquelas prateleiras pareciam se inclinar mais e mais em direção ao centro do aposento. Era de admirar que tantos livros — alguns deles bastante volumosos — não escorregassem das prateleiras e caíssem com estrondo sobre ela. Ao mesmo tempo, o teto, distante que era, parecia se afastar cada vez mais, tornando esse poço, esse abismo, essa armadilha mais funda ainda.

Sally fechou os olhos. Não queria acreditar que seus antigos tormentos estivessem escondidos por ali. Custava-lhe aceitar que talvez estivesse presa no abismo com eles, sem escape, indefesa, sem escolha, a não ser esperar o primeiro estrépito de suas mandíbulas invisíveis.

Por mais que tentasse, no entanto, não podia livrar-se dessa... dessa *presença*. Não, não que as paredes e os livros se fechassem sobre ela. Essas

ilusões simplesmente nasciam de um terror íntimo, devorador. Havia alguma outra coisa penetrando o aposento, algo de seus pesadelos infantis — aquela coisa de terror, firme, inexorável que avançava lentamente, o bicho papão, o monstro, o inimigo invisível, voraz, imbatível, do qual, por mais depressa que corresse, não conseguia escapar. Ele estava ali, em algum lugar, escondido atrás dos livros, talvez contorcendo-se para passar através deles, fitando-a incansável, vendo-a afundar na cadeira, tremer e suar.

Suas palmas estavam deixando marcas molhadas nos braços da poltrona. Sua pele formigava.

Precisava cair fora dali. Cometera um erro; entrara em uma armadilha mortal. O aposento estava vivo de maldade, prestes a esmagá-la.

Ela viu! Um grito escapou-lhe da garganta antes que pudesse detê-lo. Bem atrás da escrivaninha, diretamente à frente de onde se encontrava sentada, uma fileira de olhos enraivecidos, dourados, fitavam-na furiosos da prateleira. Seus próprios olhos piscaram, fechando-se. Pensando melhor no que vira, tornou a abri-los.

Eles continuavam lá, imóveis. Mas... não. Não eram olhos. Sally exalou devagar, procurando controlar emoções e pensamentos com todas as forças. Fitou-os deliberadamente; olhou-os fixo, chegando mesmo a desafiá-los.

Eram quatro símbolos dourados nas lombadas de quatro volumes de encadernação bastante ornamentada. Ainda pareciam observá-la. Tentou se impor sobre a própria imaginação. Precisava ser objetiva a respeito daquilo. Inclinou-se na direção deles. Eram caras. Medonhas, triangulares, todas olhando fixo, todas aparentemente rosnando para ela. Pequenos gárgulas. Olhos profundos, vazios, quase como cavidades. Dentes à mostra. Testas altas, brilhando.

Seu coração disparou, seu queixo caiu e ela, paralisada, encarou-os. Com dedos amortecidos e agitados, puxou a corrente que trazia em volta do pescoço. Os dois anéis surgiram do esconderijo e ela os segurou lado a lado em frente ao rosto, olhando-os e depois além deles, as caras nos quatro volumes.

Idênticos.

28

Quando Lynch retornou à sala, encontrou sua hóspede toda encolhida e visivelmente branca.

— Sente-se bem? — perguntou.

Sally sorriu debilmente.

— Ó, para ser franca, acho que estou em luta contra um resquício de gripe ou coisa parecida.

— Ora, eu sinto muito. Prossigamos com a entrevista o mais rápido possível, então.

Ela não se sentia disposta, mas continuou. Pegou a caneta e se preparou para fazer algumas anotações.

Lynch pôs-se a falar sem que lhe dirigisse nenhuma pergunta:

— Como deve saber, Owen Bennett foi professor de direito aqui por diversos anos, um bom amigo para todos nós. Era aventureiro, inovador, inteligente...

Esse comovente tributo a Owen Bennett continuou por vários minutos. Sally anotou tudo o melhor que pôde, desesperada por encontrar um momento em que pudesse interromper o professor Lynch, agradecê-lo e dar o fora dali.

O professor passara o tempo todo em sua cadeira, voltado de leve na direção oposta a Sally, de frente para os livros na parede. Falava em sentenças fluidas, os dedos abertos, as pontas unidas e as mãos batendo uma na outra. De repente, quase sem pausa, mas com uma estranha e nefasta mudança de tom, ele voltou a cadeira para ela e prosseguiu com seus comentários.

— Ora, foi naquele ano em particular que Owen, tendo completado a estruturação inicial do Conselho Legal de Consulta e entregue sua administração a gente competente, assumiu outro desafio, mais pioneiro ainda, servindo na diretoria consultiva de um novo esforço visionário: o Centro

Ômega para Estudos Educacionais, localizado em Fairwood, estado de Massachusetts.

Sally tomou nota. Percebeu que ele parou a fim de vê-la escrever.

— Foi uma surpresa para muita gente. Algumas perguntaram "Que interesse você pode ter em um lugar como aquele?" Para um homem da estatura profissional de Owen, esse papel no conselho consultivo de uma instituição metafísica obscura parecia uma condescendência.

— O fato é que as pessoas não o conheciam tão bem quanto seus amigos íntimos. Quem o conhecia bem sabia que Owen era um mestre na política do poder; compreendia que o poder pode ser um bem a ser negociado em troca de favores e mais poder, um suborno a ser transferido às pessoas certas a fim de satisfazer certas necessidades, ou mesmo uma alavanca para controlar a vontade e o propósito de subalternos ou inimigos profissionais. Ele já costumava ser bem recebido por legisladores e juízes, executivos e políticos, todas as pessoas *certas* capazes de fazer as coisas acontecerem nos lugares certos, para qualquer um que tivesse influência o suficiente com que negociar. Owen tinha influência, mas aceitar essa posição lhe deu mais influência ainda.

— O Centro Ômega, você compreende, é um local que visa facilitar a mudança em nossa sociedade. Como o homem pensa, assim é. Mude seu modo de pensar e terá mudado esse homem. Mude o modo de pensar de uma sociedade e se mudará a sociedade. O Centro Ômega dedica-se a mudar o modo de pensar da nossa sociedade e, portanto, a mudar nossa sociedade, começando de seu segmento mais vulnerável e moldável: as crianças.

— Esse, senhorita Freeman, era o tipo de coisa capaz de atrair Owen como o mel às abelhas. Se uma instituição como o Centro Ômega puder verdadeiramente ter algum papel no controle daquilo em que nossa sociedade se transformará, então seria um benefício muito grande ser um dos controladores do Centro. Owen Bennett tornou-se um deles, o controlador de um controlador! Tinha algo que outras pessoas desejariam ter.

Lynch virou a cadeira de modo a ficar bem de frente para Sally.

— Mas, claro, você sabe de tudo isso. É um dos princípios de sobrevivência mais simples deste mundo: quem quiser progredir, que tenha amigos em posições elevadas. — Seus olhos se estreitaram e um sorriso — parecia malicioso — espalhou-se devagar em seu rosto. — Como exemplo, lembro-me de uma aluna que tive algum tempo atrás, uma moça extremamente inteligente que na verdade passara alguns verões no Centro Ômega antes de começar seus estudos aqui em Bentmore. Ela nos veio muito bem recomendada pelo Centro, de modo que ficamos felizes em lhe conceder uma atenção especial. Permaneceu conosco até tirar seu mestrado em educação. A partir desse momento, como seria fácil prever, quis retornar ao Centro Ômega e fazer parte daquele sonho.

— Felizmente ela e Owen Bennett eram amigos muito íntimos e, na ocasião, ele fazia parte do conselho consultivo do Ômega, de modo que o aproveitamento dela no Centro tornou-se uma realidade instantânea. — Ele riu e apoiou-se sobre os cotovelos. — Portanto, como vê, e como ensinei aos meus alunos, é útil ter amigos influentes, mais ainda em um campo onde se pode estar mudando a sociedade contra a vontade dela própria.

Sally sorriu e rabiscou algumas notas. O professor limitou-se a continuar a encará-la.

Terminada. *Mesmo*. Tudo o que queria era sair dali.

— Muito obrigada por suas opiniões. Gostaria de levar o material para casa agora e organizá-lo. Poderia voltar a conversar com o senhor em outra oportunidade?

— Ó, só mais uma coisa! — insistiu ele, indicando com um gesto que permanecesse sentada. — Sim, amigos nos lugares certos são importantes, e o poder é definitivamente uma ferramenta, mas a pessoa precisa lembrar-se de nunca chegar perto demais dos amigos, porque qualquer arma, qualquer alavanca que se possa usar para obter poder sobre outros, pode também ser usada para outros obterem poder sobre a própria pessoa, a menos que ela tome as precauções necessárias. Fiquei sabendo de um homem, um jovem advogado

habilidoso e promissor, que permitiu a uma amiga de antecedentes questionáveis conhecê-lo um pouco bem demais, e depois a amiga tentou usar esse conhecimento como alavanca contra ele. Uma situação muito delicada! Compreende?

Ela estava na ponta do assento, pronta para se levantar e sair.

— Bem, sim, uma chantagem, suponho.

O professor iluminou-se ante a resposta correta.

— Sim, exato! Ao se obter poder sobre outros, nunca se deseja descartar a chantagem como uma alavanca para se conseguir o que se deseja ou para proteger a si mesmo! — De repente, enfiou a mão no bolso e sacou dali uma caixinha de joias. — Isto foi o que me levou a sair da sala por uns instantes. Eu sabia que você estaria interessada.

Abriu a caixinha com um piparote e mostrou-lhe o conteúdo. Era um anel de ouro. O mesmo gárgula.

A voz do Professor Lynch tornou-se mais baixa e sombria.

— Esse jovem advogado contratou a amiga para matar alguém. Sim, isso mesmo, matar alguém. Pagou-lhe uma grande soma de dinheiro para isso. Mas ela era sutil e esperta; roubou-lhe um item muito pessoal, seu anel sagrado, sabendo que para sempre depois ela poderia, se precisasse, provar que tinham uma aliança. Ela trazia o anel em seu corpo quando tentou executar o ato medonho, e temos bons motivos para acreditar que levava o dinheiro consigo também, de modo que, se alguma coisa desse errado, seria encontrada com ele e seria fácil ligar uma coisa com outra. De qualquer forma, o anel era idêntico a este e, com o dinheiro, seria uma alavanca perfeita para chantageá-lo e manipulá-lo.

Permitiu-lhe ver o anel apenas por um instante. Em seguida, abandonando toda a cordialidade, perguntou:

— Você está de posse do anel, não está?

Ela ficou de pé, mas cambaleou, sentindo-se prestes a desmaiar, tonta de pavor. As palavras lhe fugiam. Não tinha o que dizer.

— Eu... Obrigada, senhor — respondeu afinal, mergulhada em náusea. — Preciso ir agora.

Encaminhou-se depressa para a porta e escancarou-a.

O homem da sala de espera! Não estava mais lendo uma revista — preenchia agora o umbral da porta, bloqueando-lhe a fuga!

Muito frio, Lynch disse:

— Este é o senhor Khull, indivíduo dotado de grande motivação, que agora trabalha para nós. Sabíamos que havia uma possibilidade de você vir para cá. Por isso convidamos o senhor Khull a ficar por perto caso isso acontecesse. Por que não se senta de novo a fim de podermos completar a entrevista... Sally Beth Roe?

Khull inclinou-se em direção a ela. Sally foi se afastando até dar de encontro com a poltrona da qual se levantara e afundar-se nela.

Lynch também se sentou e encarou-a furioso por vários minutos. Afinal, perguntou:

— E então, o que Jonas lhe tem dito estes dias?

Ela sustentou-lhe o olhar pela primeira vez desde que tornara a se sentar. Não parecia haver motivo para continuar fingindo. O sotaque do Tennessee desapareceu.

— Ele se foi. Não o canalizei mais desde que fui para a prisão.

Lynch sorriu.

— Imagino que ele achou haver pessoas mais respeitáveis com quem trabalhar, em vez de miseráveis assassinas de bebês.

Sally abaixou os olhos, envergonhada, derrotada. Já não sabia como se defender.

— Sua história é lamentável — Lynch prosseguiu. — Eu tinha tanta esperança em você! Treinei-a, refinei-a eu mesmo, fiz de você o que é... Ou melhor, o que foi. Você nasceu para ser líder, Sally. Contávamos com você. Owen contava com você. Um potencial tão maravilhoso, conexões espirituais

tão incríveis! — Fez uma pausa só para observar melhor o vulto lastimável da mulher. — Mas ah, como você ruiu! Como você caiu!

Talvez fosse o ódio que deu a Sally forças para dizer:

— Acho que não caí baixo o suficiente. A mulher de quem o senhor falava, que roubou o anel do homem... Pelo que entendi, foi ela quem tentou me matar?

O professor não se perturbou nada com suas palavras.

— Foi o que ouvi dizer. O que nos traz de volta à minha pergunta original: o que você fez com o anel que tirou do dedo de sua agressora?

Sally não conseguiu inventar uma mentira boa o suficiente, por isso resolveu se calar.

Ele assentiu com a cabeça ante essa reação.

— Claro. Não vai me contar. Conforme discutimos, você o pegou como seguro, como... — Não pôde deixar de rir —, como uma alavanca! Ó, Sally, na qualidade de seu professor, sinto-me condenado! — Estendeu a mão e apanhou a caixinha de joias, olhando o anel dentro dela. — Bom, bom. Não precisa me contar. Agora que temos você, o anel não importa. Mas, realmente... — Fitou-a e riu como se ouvisse uma piada. — Por que você quer ajudar aquele professorzinho miserável de Baskon? Que bem você conseguiria lhe causar?

Agora ele circulava a escrivaninha, postando-se acima dela, fazendo que se sentisse menor ainda.

— Sente-se culpada, talvez? Ora, isso seria tão estranho ao seu caráter, Sally. — Abaixou o tom de voz, cada palavra cortando feito navalha. — Desde quando a culpa significa alguma coisa para você, uma prostituta assassina destituída de consciência? Quanto a Tom Harris, jamais se encontrará nulidade mais insignificante! Ele é um lixo, como você! E o que pode o lixo oferecer ao lixo? Quem acreditaria em uma única palavra que você dissesse? Quem lhe daria crédito por coisa alguma? — Riu, divertindo-se de verdade. — Por outro lado, compreendo sua paixão pelo homem; vocês formam um par perfeito: uma assassina de crianças e um pedófilo!

Lynch tentava rebaixá-la. Apesar da fraqueza e tormento que experimentava naquele instante, ela começava a se ressentir disso.

— O que vai acontecer agora? — perguntou.

Ele retornou para a poltrona e sentou-se, fazendo-a esperar por uma resposta.

— Primeiro, um conselho que provavelmente será ignorado, mas talvez não. Sugiro enfaticamente, Sally, que abandone esta sua aventura, quaisquer que sejam as suas intenções. Encontre um novo sitiozinho em algum canto perdido de outro obscuro vilarejo rural e desapareça para sempre.

Parecia muito descontraído. Um momento se passou e nada aconteceu. Nada foi dito.

Sally olhou para ele, depois para o sinistro sr. Khull, depois para Lynch de novo. Sentia-se fraca demais para sair da poltrona, impotente, fosse qual fosse a resposta que ele lhe daria.

— Vão me matar?

Ele sorriu.

— Você é mesmo um bichinho apavorado. Será bom para você. Fornecerá o incentivo para que considere com muita seriedade suas opções. São apenas duas: encontre um buraco bem, mas bem fundo em algum canto, Sally, e desapareça dentro dele. Não nos deixe ver seu rosto outra vez nesta vida. Ou considere que sua vida chegou ao completo fim, talvez hoje, talvez amanhã, mas sem dúvida ao fim.

Ele fez um movimento afirmativo de cabeça para Khull, que se afastou da porta. Com um olhar furtivo na direção dela, deixou-a partir.

Sally curvou-se e apanhou sua sacola. Em seguida, obrigou-se a sair da poltrona, encontrou forças para dar o primeiro passo, depois o seguinte, até chegar à porta.

— Sally! — Lynch chamou.

Ela não estava disposta a parar. Khull assegurou-se de que o fizesse.

— Jamais culpe Jonas pelo que aconteceu. Foi você quem fez aquilo, mocinha. A culpa é *sua*!

— Sei disso, senhor — replicou ela.

— Desapareça daqui. Desapareça!

Passando pela porta, ela encontrou novas forças para apressar os passos pelo corredor até as grandes portas de vidro. Que também deixou para trás.

Afinal se pôs a correr. Lágrimas começavam a inundar-lhe os olhos. Com a renovação das forças, percebeu o quanto estava apavorada. Nem pensar em ficar esperando o elevador. Desceu as escadas.

Tal tinha alguns guerreiros especiais ocupados em uma granja distante. Precisava sacudir um pouco as coisas em uma casa próxima ao *campus* de Bentmore.

Marv e Claudia Simpson estavam apenas começando a desfrutar da curta estada com a filha e o genro quando o telefone tocou.

— É o Mack, da granja — anunciou Jessica, a filha do casal. Marv franziu as sobrancelhas e pegou o aparelho.

— Muito bem, Mack, conte tudo, mas seja gentil.

— Marv — disse Mack — é melhor voltar para cá. Lizzy está prestes a dar cria!

— Agora? Mas ainda falta uma semana!

— E a ordenhadeira automática também entrou em pane. Não sei o que aconteceu!

Marv fez uma careta.

— Ora, que ótimo!

— E o idiota do trator não quer dar partida por nada deste mundo!

— Caramba! Ed e eu estávamos planejando ir assistir ao jogo esta noite.

— Bem, a granja é sua. Faça como quiser.

— Ó, está bem, está bem. Como se eu tivesse alguma escolha! — Olhou para Claudia, que se limitou a balançar a cabeça em triste resignação. —

Estamos a caminho, Mack, mas teremos de dirigir a noite toda.

— Bem, tentaremos defender o forte até você chegar aqui. Desculpe interromper o passeio.

— Sei...

Marv desligou, perguntando-se porque Deus permitia coisas assim acontecerem em horas tão inoportunas.

Mota estava no aposento, certificando-se de que as coisas acontecessem a contento. *Vamos, Marv, depressa com isso*!

Khull tirou um momento para relaxar na mesma poltrona onde Sally se sentara e acompanhar uma ligação interurbana do professor Lynch.

— Senhor Goring, fiquei desapontado. Achei-a tudo, menos o inimigo terrível que parece ser nas cartas. Uma brisa a teria derrubado. Isso mesmo. — Ouviu o que diziam do outro lado por um instante e depois endereçou uma pergunta a Khull: — Quantos homens você colocou para segui-la?

— Cinco ao redor do prédio, outros cinco nas vias principais do *campus* — Khull apressou-se a responder.

Lynch repetiu a resposta ao telefone e continuou:

— Bem coberta. Depois de hoje, a saga de Sally Roe estará terminada. Sim. Avisarei assim que souber. Ó, e vai querer o anel de volta? — Deu risada. — Acho que posso jogá-lo no vaso e dar descarga. Seria um modo de reunir Bardine e seu anel!

Parou de falar por algum tempo para rir do gracejo. Do outro lado da linha, Goring parecia imitá-lo. Khull também riu, mas parou de repente.

Lynch começou a se despedir:

— Muito bem, então. Alegro-me por ter sido útil. Sim. Dê lembranças minhas a todos. Sim, nos veremos na conferência. Está bem. Até logo.

Desligou o telefone e reclinou-se na cadeira.

— Ora, quanta sujeira! — Olhou para Khull. — Mas suponho que vocês satanistas não se incomodam muito com isso.

— No fundo, somos todos assassinos, professor Lynch.

— Pois eu só espero que o faça depressa e que me poupe dos detalhes!

— Que pena tê-la deixado ir.

— Não seja tolo. Não quero que nada aconteça perto daqui. Não posso admitir que alguém deste gabinete suspeite do meu envolvimento em tudo isso.

— Bom, talvez a tenha considerado fraca e indefesa, mas parece que ainda foi esperta o bastante para lhe passar a perna.

Lynch olhou na direção de Khull, depois acompanhou-lhe o olhar até a prateleira por trás da escrivaninha.

Khull anunciou ao mesmo tempo em que Lynch o notava:

— Parece que ela levou as suas listas.

Os quatro volumes que traziam o estranho símbolo dos gárgulas de dentes arreganhados haviam sumido, deixando um triste buraco no lugar.

— O Destruidor! — disse Tal, e todos os guerreiros olharam. Sim, lá estava ele, precipitando-se sobre o *campus* qual enorme gavião preto. — Desta vez, ele a pegará!

Guilo apontou com a espada um enorme vulto preto que se elevava do Prédio da Administração.

— O Corruptor! Lerdo, mas enxerga bem!

— Mantenha-o ocupado e longe do que nos interessa! — Então, Tal pôs-se a bradar ordens, ao mesmo tempo em que guerreiros arremetiam para os céus em todas as direções. — Scion, as iscas! Chimon, fique com ela. Signa, sirva-lhe de apoio! Natã, Armoth, bloqueiem o ponto de ônibus! Cree e Si, protejam!

Lynch agarrou o braço de Khull. Estava desesperado.

— Khull, certifique-se de que seus homens se saiam bem! Eles precisam ser bem-sucedidos!

Khull olhou para Lynch, depois para o buraco na prateleira, e deu um sorriso maldoso.

— Hum. O senhor deve estar bem apavorado.

O Destruidor avistou um vulto diminuto e assustado saindo à toda do edifício Whitcombe.

— Hum. Então, até que ponto vai sua força agora, capitão Tal? Faremos que nos mostre. — Voltando-se para seus capitães, gritou: — Peguem-na!

— Lá está ela! — disse um homem a seu companheiro. Vira Sally sair correndo do edifício Whitcombe, rumo sul, em direção ao ponto de ônibus mais próximo. Estava escuro. Podiam alcançá-la em qualquer um dos jardins, travessas ou arvoredos e matá-la na mesma hora.

Eram homens grandes, corpulentos, muito tatuados; um tinha uma cicatriz profunda na face esquerda, ambos usavam um grande brinco em uma das orelhas. Sob os casacos escuros de couro, carregavam as brilhantes ferramentas prateadas de morte ritual.

O segundo levou um rádio portátil ao queixo e resmungou:

— Ela está...

Estava prestes a dizer a direção em que Sally seguia, porém de repente perdeu-a de vista.

Os dois homens pularam de seu esconderijo e postaram-se no meio do caminho. Sally Roe sumira.

Cree e Si postavam-se bem à frente dos dois, asas estendidas. Por trás deles, Sally continuava correndo rumo ao sul.

Ouviu-se um guincho do céu! Os dois guerreiros lançaram um rápido olhar ao sul. Sally se precipitava por alguns degraus, desaparecendo de vista. Acima deles, quatro demônios guerreiros caíram como falcões. Cree e Si

pularam, um para cá, o outro para lá, desaparecendo em um traço de luz no meio dos prédios de ambos os lados do caminho. Os demônios os perseguiram.

— A mulher! — berrou o Destruidor do céu. — Peguem a mulher!

Os demônios giraram, descrevendo círculos fechados, as lâminas vermelhas de suas espadas traçando riscos de fogo, e chutaram os dois homens nas costas. *Mexam-se! Por aqui*! Em seguida, arremeteram pelo *campus*, as paredes, janelas e passarelas transformadas em borrões ao lado deles, suas asas negras esvoaçando com estrondo.

Os dois bandidos correram atrás deles.

— Ela estava seguindo para o sul — bradou o homem pelo rádio.

O Corruptor elevou-se acima do *campus* com a agilidade de um balão de ar quente, observando o incrível espetáculo de uma perspectiva privilegiada. Viu Sally e apontou.

— Lá! Lá — estão vendo?

Um raio de luz apareceu do nada, atingindo-o com tanta força na cabeça que ele virou para trás, dando cambalhotas, como uma bola de praia a rodopiar impotente, uivando e choramingando.

Guilo sabia que o golpe o manteria afastado por algum tempo. Por isso arremeteu dali, preocupado em dar cabo de outras ocupações.

Sally necessitou de poucos segundos para pular no meio de uns arbustos e apanhar a mochila escondida. Enfiou a sacola dentro dela e continuou correndo.

Virou uma esquina perto da biblioteca de psicologia, viu o ponto de ônibus iluminado pela luz âmbar de um poste, arremeteu naquela direção, escorregou e tropeçou, disparando de novo em outra direção.

O ponto de ônibus estava sendo vigiado. De alguma forma, ela sabia quem eram aqueles dois homens.

Corra!, incitou Natã. *Na outra direção*!

Armoth aparou os socos dos demônios que guardavam o ponto de ônibus por tempo suficiente apenas para retardá-los um pouco. Não o queriam — mas sim a Sally Roe.

Dois outros assassinos de aparência normal estavam a postos junto à Fonte Memorial. Um olhou por entre os vários jatos verticais de água e divisou a mulher correndo rumo ao norte, na direção do Jardim das Esculturas.

— Para o norte! — bradou ele pelo rádio. — Para o Jardim das Esculturas!

Sally seguia para oeste — não para o norte —, em direção ao prédio de física, quando se enfiou atrás de uma árvore, buscando se esconder dos quatro personagens de aspecto selvagem que corriam para o norte, rumo ao Jardim das Esculturas. Assim que passaram, retomou o caminho para o oeste.

— Aonde ela foi? — perguntou um assassino, olhando para todos os lados.

O Jardim das Esculturas continha um número abundante de esculturas esquisitas de pedra e aço, porém nenhuma fugitiva.

Scion, reassumindo sua própria aparência, alçou voo e arremeteu do Jardim das Esculturas com quatro morcegos pretos encaniçados no seu encalço. Assim que passou da altura dos telhados, ainda deixando um rasto luminoso, Si cruzou-o também com seu rasto incandescente, atraindo para o lado dois dos demônios. Pelo menos aqueles urubus ficariam ocupados por algum tempo.

Correndo, Sally passou pelo prédio de física, atravessou uma praça e desceu um longo lance de escadas até a movimentada rua de baixo. Um táxi se aproximava. Ela acenou desesperada.

— Táxi! Táxi!

Dois homens que passariam por universitários sem o menor problema, viram-na e puseram-se a correr em sua direção.

O motorista do táxi achou que vira alguém lhe fazer sinal.

Dois demônios caíram pela capota e unharam-lhe o cérebro.

Huh? É, não tem ninguém... Para onde mesmo que eu estava indo?

O táxi passou, ziguezagueando de uma faixa para outra, sem diminuir a velocidade. Sally se atirou dentro de um beco.

Era um beco sem saída — rodeado de paredes de concreto de todos os lados.

Os dois homens foram se aproximando por trás, silenciosos, habilidosos. Se fossem rápidos o suficiente, conseguiriam liquidá-la antes que tivesse chance de gritar. Um deles trazia um lenço comprido nas mãos, o outro, uma faca de lâmina brilhante.

Espíritos imundos também se achavam presentes, dando vivas e espumando, saltitando nas paredes como bolas de golfe correndo pela sarjeta. Chegara a hora!

Mota seguia na capota da caminhonete rústica de Marv Simpson, que rodava preguiçosa pela avenida Hannan, no extremo sul do *campus* de Bentmore. Chegando a uma esquina, as asas de Mota explodiram para diante como fogos de artifício. Quando Marv percebeu, ocupava uma faixa da rua a partir da qual só podia dobrar à direita. Assim o fez, dirigindo-se rumo ao lado oeste do *campus*.

— Que droga — ele resmungou.

— Não devíamos ter seguido na outra direção? — perguntou Claudia. Mas ele olhava de um lado para outro, tentando mudar de faixa, cada vez mais frustrado.

— E agora, como saímos *daqui*?

Sally retrocedeu até dar de encontro com o concreto puro e liso do fim do beco. Não tinha para onde fugir. Então, o jeito era lutar. Ergueu a mochila a fim de se proteger.

Nenhum som, apenas sombras borradas à luz dos postes. O lenço atingiu-lhe o rosto, sua cabeça bateu contra a parede, um olho ficou coberto, não conseguiu mais enxergar.

Uma faca rebrilhou!

Chimon estava ali e aparou o golpe.

A faca desviou da rota e se enterrou na mochila.

Um golpe no pescoço dela! Sally tombou para a frente, agarrando o homem da faca. Ele retirou a lâmina e mergulhou contra ela de novo.

A faca rasgou-lhe o casaco. Seu grito foi abafado pelo lenço.

Uma lâmina incandescente abriu o ombro de Chimon. Dois demônios foram pegos pelo golpe oblíquo de sua espada e se dissolveram.

A faca rasgou o casaco de Sally, mas não lhe atingiu o corpo.

Scion chegou por baixo, desviou de um agrupamento de espíritos que atacava com violência e golpes cortantes, e rolou entre as pernas do homem da faca, que caiu para trás. A faca retiniu no concreto. Scion se metera em uma armadilha mortal. Contorcendo-se e revirando-se, conseguiu se defender da maioria dos golpes dos demônios, porém uma lâmina atroz atingiu-lhe a perna, cortando-a fundo.

Chimon segurava pelo pé um demônio que berrava, se debatendo atabalhoadamente e babando. Investiu contra os agressores de Scion com um golpe poderoso, depois arremessou por cima da cabeça o corpo em movimento e atingiu o rosto do homem do lenço.

O lenço escorregou, permitindo a Sally ver o que acontecia. Ela se atirou para a frente, conseguindo se safar.

O homem da faca agarrou-lhe a manga do casaco.

Signa despencou do céu, traçando um ponto de exclamação luminoso. Sua espada atingiu a costura do casaco de Sally na altura do ombro e a manga se soltou.

Ela correu. Viva!

O homem da faca procurava sua arma. O homem do lenço não sabia nem onde estava, naquele escuro.

Chimon, Scion e Signa ostentavam cortes, ferimentos e mancavam, porém seguraram Sally e tiraram-na do beco.

O Destruidor viu tudo e bradou por suas hordas. Os espíritos reuniram-se de todos os cantos do *campus*, espadas ardendo, asas rugindo, prontos para a matança. Com o Destruidor na frente de uma formação maciça, lembrando a ponta de uma flecha, eles mergulharam para a rua.

Em Baskon, Lucy entrou correndo no quarto de Amber esperando encontrar sangue, machucados, um acidente, alguma coisa terrível.

— O que foi? — bradou a mãe, tentando abraçar a menina.

Amber rodopiou feito um animal selvagem e postou-se longe da mãe, os dedos curvos como garras, o olhar violento e furioso, arremetendo pelo quarto como se observasse acontecimentos distantes.

— Cortem essa mulher! Agarrem, segurem, cortem-na!

Lucy encostou-se na parede e ali permaneceu, muda. Impossível fazer com que Ametista parasse quando estava assim. Já tentara antes.

O Destruidor e suas hordas soltavam seu brado de guerra, os hálitos sulfurosos formando serpentinas amarelas a sulcarem o céu como dentes de um pente.

Marv Simpson procurava o local certo para fazer o retorno, cada vez mais frustrado. Mal notou a mulher que saiu correndo de um beco.

— Minha nossa — disse Claudia —, o que está acontecendo ali?

Tal entrou pela capota e ocupou todo o banco traseiro com seu vulto possante. *Pare e pegue-a*!

Marv viu-a de novo. Na verdade, ela corria para a rua.

— Ó — Claudia exclamou —, está vindo em nossa direção!

— Ora, bolas, uma doida varrida! Temos de sair daqui...

Tal agarrou a cabeça de Marv entre as duas mãos enormes e forçou-o a olhar para a mulher. *PEGUE-A*!

— Vamos pegá-la — disse Claudia.

Ele encostou a caminhonete.

Guilo precipitou-se ao céu, ladeado por Natã, Armoth, Cree e Si. Interceptaram o Destruidor e seus capangas como o retumbar de um trovão sobre o *campus*. Os demônios formavam uma espécie de parede irresistível e os guerreiros angelicais foram revirando e girando para o lado. O Destruidor e sua horda prosseguiram no curso original, descendo sobre a caminhonete de Marv; os cinco guerreiros se recuperaram, deram a volta e mergulharam como falcões sobre as costas dos demônios. Os vis espíritos os combateram, mas perderam um tempo precioso fazendo-o.

— Precisa de carona?

Sally abriu a porta e jogou-se com dificuldade no banco traseiro.

— Por favor. Tirem-me daqui!

Quatro homens apareceram na calçada, dois com rádios. Viram-na entrar no carro e desapareceram rápido.

Marv continuava perdido.

— Como faço para sair daqui?

— À esquerda, lá na esquina — Sally o orientou —, depois passe por dentro do túnel.

— Túnel?

O Destruidor e seus guerreiros passaram raspando sobre o topo do prédio de física e se projetaram sobre a rua, aproximando-se cada vez mais da caminhonete. Tal e Mota agarravam-se à capota do veículo, espadas em riste, asas cobrindo os passageiros. De repente Guilo disparou de uma rua lateral,

Natã e Armoth contornaram à toda o prédio de um banco, Scion deixou-se cair de um viaduto, Chimon e Signa ziguezaguearam entre os carros a apenas centímetros acima do asfalto, Si surgiu de um bueiro e todos eles lançaram-se em cima do carro, cobrindo cada centímetro, as espadas desembainhadas fazendo-o parecer um porco-espinho brilhante.

Era isso, mediriam forças em uma batalha direta!

De súbito, no entanto, para surpresa de todos, o Destruidor saiu de um voo rasante e os acompanhou a uns 6 metros acima do carro, passando por semáforos, cabos telefônicos e placas de ruas, mantendo-os sob vigilância, avaliando-lhes a força. A visão do pequeno bando de guerreiros preso ao veículo, espadas desembainhadas para um último ataque, o fez rir. E a seus capangas.

Afinal, ele gritou-lhes:

— Pode chamar isso de vitória, capitão. *Eu* chamo de progresso! Você está mais fraco do que nunca agora, e a próxima vez será nossa. A fruta estará madura, nós a apanharemos com facilidade! E não se dê ao trabalho de escondê-la. Sempre saberemos onde ela se encontra!

Elevaram-se para o céu noturno e desapareciam na escuridão quando o carro entrou no túnel.

— E agora? — perguntou Chimon, segurando o ombro ferido.

— É só dizer, capitão — disse Scion, a mão na perna imprestável. — Nós o faremos.

— Estamos esgotados — disse Tal. — Embora tenhamos confundido os homens de Khull, o Destruidor poderia nos ter vencido. Só pela mão do Senhor ele não sabe disso. Está na hora de escondermos Sally em Ashton.

— E deixar que ouça sobre a cruz! — disse Natã.

— Faremos que chegue lá e deixaremos que o Espírito lhe fale. — Com raiva incontida, acrescentou: — Enquanto voltamos a Baskon e eliminamos esse bloqueio das orações de uma vez por todas!

— Hum, para onde você vai? — perguntou Marv.

Ofegante, Sally tentava respirar, doente de pavor e suando em bicas. Não agia motivada completamente pela razão.

— Não importa. Para qualquer lugar. Qualquer lugar longe daqui.

Claudia olhou por cima do ombro a criatura miserável atirada sobre o banco traseiro, chorando, arquejando, suando muito.

— Coitada!

Marv observou-a pelo espelho retrovisor e enxergou o medo em seus olhos. O Senhor lhe falou ao coração. Não a tirara da rua por acaso.

— Olhe, acalme-se, procure descansar. Vamos levá-la para bem longe daqui. Conheço o lugar certo para você.

29

Lucy Brandon se sentia fraca e adoentada, mas tentava não demonstrá-lo, mesmo enquanto rabiscava o novo endereço em mais uma carta de Sally Roe e a fazia deslizar para dentro do malote de correspondência que saía. Fazia-o contra a vontade, mas não enxergava alternativas. Seus advogados continuavam a pressioná-la, os amigos do Círculo Vital sorriam e a encorajavam, o sargento Mulligan a vigiava, a ação judicial prosseguia a toda velocidade e o ímpeto era irresistível, impulsionando-a para a frente como um trem em disparada.

Depois de nada menos que 20 dessas cartas, no entanto, sentia-se cansada. Tinha medos, era ignorante da estratégia legal e talvez um pouco confiante e crédula demais, mas não burra. Não havia dúvidas em sua mente de que Sally Roe vivia.

Quanto mais pensava no assunto, mais devastadora se tornava a situação. Pouco a pouco, uma ideia por vez, permitiu-se imaginar o impensável: havia mais do que uma ação judicial em jogo e alguém lhe mentia. Aliás, talvez *todos* mentissem. E se mentiam, provavelmente ela estava infringindo a lei em prol

dos amigos, não de si mesma. Se isso fosse verdade, então — tentara sufocar esse pensamento durante semanas — estava sendo usada.

Não tinha dúvidas de que Amber estava sendo usada, se não por raposas em leis, com certeza pela pônei que um dia fora engraçadinha e com quem Amber travara amizade na classe da senhorita Brewer. Os risos, o divertimento e as brincadeiras, o charme como de um desenho animado, tudo isso pertencia agora ao passado. Ametista não era amiga, de jeito nenhum.

Contudo, Lucy mergulhara tão fundo... Como sair dessa? Para que direção se voltar? Como...

A sineta soou no balcão da frente. Debbie estava em horário de folga, por isso Lucy apressou-se a atender.

O homenzarrão que a aguardava parecia familiar. Vira-o pela cidade, mas com certeza não era das redondezas. Na mesma hora sentiu-se incomodada.

— Em que posso servi-lo?

— Oi. Sou Marshall Hogan, amigo de Tom Harris. Acabo de receber uma carta do Centro Ômega para Estudos Educacionais em Fairwood, Massachusetts...

Agia como se lhe desse uma pista, porém ela não entendeu qual fosse.

— Sim? Algum problema?

— Bem... Suponho que saiba quem são os editores do currículo *Descobrindo o verdadeiro eu*, adotado pela senhorita Brewer na escola primária.

— Ainda não entendi onde o senhor quer chegar.

— Escrevi para o Centro Ômega pedindo um exemplar do currículo *Descobrindo o verdadeiro eu* e eles me dizem aqui nesta carta que só fornecem o currículo a instituições educacionais e não ao público em geral. A senhora não acha isso um tanto estranho?

Lucy sabia que não desejava discutir esse assunto.

— Não sou o Centro Ômega, senhor, nem sou responsável por suas diretrizes. Agora, a menos que tenha alguma coisa a tratar com o correio...

Marshall olhou atrás de si. Não havia ninguém em fila.

— Só um segundo. Vamos falar sobre um grupo local... O Círculo Vital. Soube que o Círculo exerce grande influência na educação por estas bandas — três integrantes do conselho escolar pertencem a ele: o diretor da escola de primeiro grau, o senhor Woodard, a senhorita Brewer e a senhora. O conselho escolar adotou o currículo do Centro Ômega, o senhor Woodard implementou-o, a senhorita Brewer o ensina e sua filha entrou em contato com seu guia interior, Ametista, por causa dele.

Uma semana antes e Lucy teria se sentido invadida e muito zangada. Agora era diferente.

— E daí? — Queria mesmo saber.

Embora ela tentasse parecer forte e inabalável, Marshall percebeu a curiosidade em seus olhos.

— Deixe-me lhe fazer uma pergunta: Por qual motivo a senhora imagina que a senhorita Brewer não pôde nos apresentar o currículo quando lhe pedimos que o fizesse, tampouco o senhor Woodard, tampouco o conselho escolar? E por que o próprio Centro Ômega não me permite adquirir um exemplar? Quando penso em como vocês todos estão ligados, fico pensando se a sua ação judicial contra a Academia Bom Pastor teria algo a ver com isso, claro. A senhora acha que existe alguma coisa naquele currículo que seus amigos não desejam que vejamos?

Lucy não respondeu por longo momento. Nunca pensara a esse respeito antes. Gostaria muito de saber a resposta.

— Não faço ideia, senhor...

— Hogan. Marshall Hogan.

— O que o senhor é, um investigador ou coisa parecida?

— Isso, coisa parecida. Acima de tudo, apenas um amigo de seus oponentes na ação judicial.

— Bom, já deixei claro que não tenho condições de falar sobre nada disso.

— Eu entendo. Muito obrigado por seu tempo.

— De nada.

Ele deixou o local e Lucy retornou ao trabalho. Ou, pelo menos, tentou fazê-lo. Se estava pensativa e preocupada antes da visita do sr. Hogan, agora parecia completamente desnorteada. O que mais aquele homem sabia, e por que ela não?

Marshall voltou para a casa de Ben e Bev e fez um chamado interurbano.

No seu jornal, uma bonita morena de óculos atendeu o telefone de dentro do escritório fechado por vidro.

— *O Clarim de Ashton*, fala Bernice Krueger.

— Oi, Bernie, aqui é Marshall.

— Ora, ora! — Ela fechou a porta do escritório por causa da barulheira do lado de fora e deixou-se cair sobre a escrivaninha, pronta para ouvir as últimas. — Tem alguma notícia boa aí de Baskon?

— Bem... As muralhas do forte estão cada vez mais finas, porém, ainda não se abriu nenhuma brecha.

— Continue cavando.

— Foi por isso que liguei. Lembra-se de que lhe falei sobre um currículo de escola primária?

— Sei. A criançada está entrando de cabeça nessa de controle alfa da mente e espíritos guias. Você chegou a receber um exemplar dele?

— Nada feito. Estão obstruindo nosso acesso, inclusive o Centro Ômega. Você continua em contato com aquele sujeito de Washington, como é mesmo o nome dele...?

— Cliff Bingham. Claro. Ele me conseguiu um material de acesso restrito para a última edição.

— Andei imaginando se ele não poderia verificar com a Biblioteca do Congresso se existe a possibilidade de conseguir um exemplar original desse negócio.

Bernice pegou uma caneta e pôs-se a anotar.

— Ligarei para ele. O que exatamente você quer?

— O *Descobrindo o verdadeiro eu*, um currículo para as quartas séries.

Ela tomou nota.

— Publicado pelo Centro Ômega...

— Hum... Centro Ômega para Estudos Educacionais, Fairwood, Massachusetts.

— Alguma ideia do ano?

— Nenhuma.

— Está bem. Veremos o que é possível fazer.

— Certo. Agora, quanto à edição da terça-feira: tire a história da lanchonete. John gosta dela, mas a esposa terá um acesso...

Conversaram sobre trabalho. Bernice tomou nota de tudo, pegou arquivos, leu matérias para publicação ao telefone e recebeu ordens do chefe.

Do lado de fora, em pleno meio-dia da metade da semana, a cidade de Ashton estava em plena atividade. Gente, carrinhos de compras e veículos circulavam pelo estacionamento da Mercearia Carlucci. Os bombeiros lavavam o pátio de manobras da Estação Quinze e davam lustro na bomba. Clyde Sodeberg e os filhos batiam o concreto ainda fresco de umas fôrmas do novo projeto do Citibank do centro-oeste.

Passando por tudo isso e depois parando no segundo dos quatro semáforos ao longo da rua principal, Marv e Claudia Simpson apresentaram Sally Beth Roe — pensavam que se chamasse Betty Smith — a sua cidade.

— É um ótimo lugar para se viver e negociar — disse Marv. — Pelo menos agora é, já tivemos nossa quota de dificuldades. Mas as coisas hoje estão bem mais tranquilas e melhorando sempre.

O farol mudou para verde e Marv conduziu sua grande caminhonete à frente, passando por lojinhas, pela Ferragens True Value, pelo jornal local...

— Aqui fica o *Clarim de Ashton* — explicou Marv. — Sai às terças e sextas e o editor é um santo. Acho que ele está fora da cidade faz algum tempo; não sei o que anda aprontando.

Passaram pelo colégio. Era início do período e as matrículas estavam abertas.

Marv dobrou à esquerda no terceiro semáforo e seguiu por uma rua que subia aos poucos, em uma vizinhança tranquila, onde carvalhos maciços se alinhavam ao longo da rua, pequenas bicicletas pintadas de cores berrantes repousavam encostadas nos carvalhos e via-se arcos alaranjados para basquetebol em quase todas as garagens. Os gramados eram bem cuidados, as calçadas limpas e os carros todos pareciam conhecer bem seu lugar de estacionar.

Marv dobrou à esquerda de novo e chegou a uma fileira de grandes casas do início do século, com revestimento branco chanfrado, imponentes chaminés, telhados maciços, águas-furtadas aconchegantes e varandas largas e amplas. Estacionou na frente da terceira casa à direita, provavelmente a mais convidativa de todas, com um gramado perfeitamente aparado, cercado de plantas coloridas e uma varanda com pilares e um balanço convidativo. Na frente, bem ao lado da entrada para pedestres, via-se uma placa pequena, despretensiosa: Pensão Sara Barker.

— Este é o lugar de que lhe falei — disse Marv.

— Vai dar tudo certo, creio eu — comentou Claudia. — Você terá tempo de analisar as coisas e tirá-las da cabeça.

Sally tomou-lhe as mãos e segurou-as bem apertadas.

— Vocês me fizeram uma maravilhosa caridade. Muito, muito obrigada.

— Não há de quê — retrucou Marv. — Precisamos levá-la até nossa granja uma hora dessas.

— Eu gostaria muito.

— Ó, aí vem a Sara! — exclamou Claudia.

— É uma boa mulher; vai gostar dela.

De fato, foi o que aconteceu. A casa na realidade pertencia a Sara e Floyd, o marido. Mas eles acharam que usar apenas o nome dela na placa seria mais atraente. Floyd era um homem alto, magro, de poucas palavras, recém-

aposentado do negócio de cereais, tentando dar uma de escritor quando não fazia o papel de pau-pra-toda-obra na pensão — como naquele exato momento. Ficou contente em conhecê-la e apertou-lhe calorosamente a mão. Quanto a Sara, ela impressionou Sally por corresponder à ideia que todo mundo tem da vovó perfeita: uma mulher baixinha de cabelos curtos e brancos, pequenos óculos redondos e uma história engraçadinha sobre quase tudo.

— Tínhamos oito filhos, mas agora eles se foram. Por isso tantos quartos vazios e prontos para as pessoas certas — explicou ela, mostrando a casa para Sally. — Temos recebido quase que só mulheres solteiras aqui; algumas com problemas em casa e precisam ficar longe, outras a caminho de algum outro lugar — sabe como é, em um momento de transição... As duas que estão aqui no momento vieram para ficar de vez, até se casarem, acho.

A sala de estar era antiga, clássica, de teto alto, revestida de madeira muito bem laminada, com mobília convidativa, confortável, antiga também. Havia até um velho órgão de pedal da igreja pioneira em Ashton. A sala de jantar era ampla e bastante apropriada para uma família grande ou uma porção de pensionistas.

— Bem, há um banheiro aqui embaixo, porém ele está sendo reformado...

Encontravam-se no vestíbulo central, logo debaixo da escada, e podiam ver uma caixa de ferramentas projetando-se no vestíbulo pela porta do banheiro, além de ouvir as batidas e tinidos do trabalho em andamento.

Sara deu a volta na caixa de ferramentas e saiu da frente a fim de que Sally pudesse espiar lá dentro.

— Quando consertarmos o encanamento, as coisas deverão voltar ao normal.

Sally espiou dentro do banheiro. Era espaçoso e, em condições normais de uso, provavelmente muito gostoso. Naquele exato momento, estava na maior bagunça: o tapete estava enrolado, havia ferramentas e conexões espalhados pelo chão, uma forte lâmpada de serviço pendurada do espelho do toucador e,

mais estranho que tudo, um rapaz de macacão ajoelhado na frente do vaso sanitário. Ele parecia berrar dentro do vaso.

— Não — gritava ele —, suba de novo! Você foi na direção errada!

Uma voz abafada — era Floyd — veio de algum lugar lá embaixo:

— Afinal, quem foi que colocou tudo isso aqui?

— Foi você, Floyd; não venha agora pôr a culpa em mim!

Então o rapaz reparou que Sally o observava.

— Ó, oi.

— Olá.

Sara inclinou-se para dentro.

— Hank, esta é Betty Smith, nova pensionista. Betty, este é Hank Busche, nosso pastor.

Ele acenou com uma chave inglesa.

— Prazer em conhecê-la. E em lhe apertar a mão, mais tarde.

Dava bem para ver que as mãos dele estavam imundas no momento.

Sally ficou fascinada. Um pastor?

— Por que está gritando dentro do vaso?

Ele achou graça.

— Bem... Floyd está lá embaixo. Já o conhece?

A voz de Floyd veio de baixo do assoalho.

— Sim. É a Betty, certo?

Hank respondeu com outro grito:

— Ela mesma.

— Já nos conhecemos.

— Ela veio inspecionar o serviço que você fez com os parafusos.

— Agora sim que estou em apuros!

Hank explicou:

— Floyd colocou os parafusos errados ao instalar este vaso, quinze anos atrás; agora não estamos conseguindo soltar as porcas do lado de baixo.

O sorriso de Sally era um sorriso cansado, mas que lhe fez bem.

— Você deve estar exausta — comentou Sara. — Vamos subir e lhe mostrarei seu quarto.

Contudo, Sally hesitou por um instante.

— Você não parece um pastor.

Hank sorriu, empurrando algumas mechas de cabelo da testa com o antebraço.

— Obrigado.

Por que não ser direta? pensou ela.

— Imagino que conheça Deus.

— Claro, eu o conheço sim — disse ele, com muita naturalidade. Nem hesitou em responder.

Sally tentou uma pergunta mais difícil:

— Pode provar que ele existe?

Hank sentou-se à frente do vaso e fitou-a por um momento.

— Você tem uma Bíblia?

Sally ia dizer que não, porém Sara se adiantou:

— Tem uma no quarto dela.

Hank pensava. Na verdade, parecia ouvir alguma coisa.

— Vou lhe dizer uma coisa: leia o salmo 119 e simplesmente peça a Deus que fale ao seu coração enquanto isso. Veja o que acontece.

— Salmo 119 — repetiu Sally.

— Isso mesmo.

— Boa sorte com o vaso.

— Obrigado. Foi um prazer conhecê-la.

Hank permaneceu sentado um momento, depois que Sally e Sara se foram. O Senhor lhe falara sobre aquela mulher chamada Betty.

A voz de Floyd veio de baixo:

— Salmo 119? Que passagem é essa para levar alguém à salvação?

O próprio Hank se sentia perplexo.

— Não sei. Foi a passagem que o Senhor me disse para dar a ela.

— O capítulo mais comprido da Bíblia... — resmungou Floyd.

Hank orou ali mesmo:

— Senhor Deus, por favor, torne-se real para Betty Smith. Mostre-lhe o quanto a amas.

— Amém — disse uma voz vinda de baixo da bacia. — Agora pode me jogar uma chave menor?

No topo da casa, Tal confabulava com os dois príncipes angelicais de Ashton, Krioni e Triskal.

— Sentimo-nos honrados em vê-lo outra vez, capitão — disse Krioni.

— Sempre nos lembraremos da vitória que obtivemos aqui.

Tal perscrutou o horizonte e avistou a espessa barreira de guerreiros angelicais à roda da cidade, vedando-a contra invasões demoníacas. Estavam ali a serviço dos santos que habitavam na cidade, em resposta a suas orações, ampliando as portas das oportunidades para ministrar. A cidade não era perfeita, não deixava de ter problemas; ainda mantinha seus bares e conflitos, suas enrascadas e seus pecados. Mas o Senhor operava em Ashton, seus santos oravam e, para Sally Beth Roe, a cidade era segura.

— Deixo-a em suas mãos, Krioni. Vejo que Hank já está plantando as sementes certas.

Triskal sorriu.

— O Espírito de Deus continua a atraí-la.

— Cuidem dela enquanto isso. Assegurem-se de que conheça Bernice, mas não permitam a Bernice saber quem ela é antes da hora.

Krioni olhou para Tal como quem entendera tudo.

— Mais uma vez, o senhor tem um plano. Como está se desenrolando?

Tal pareceu sombrio.

— Ininterruptamente, porém muito devagar.

Krioni assentiu com a cabeça.

— Vejo que o senhor e os outros precisarão de tempo para se recuperar.

— O Destruidor soube o que fizemos aqui. Ele alcançou os santos primeiro. Ele e seus demônios espalham contenda e divisão como há anos a igreja não vê, e a cada dia a nossa situação fica mais precária. Volto a Baskon a fim de deter a campanha. Nada mais pode prosseguir enquanto eu não fizer isso.

O rosto de Triskal crispou-se de preocupação.

— Mas há tempo, capitão?

Tal limitou-se a responder:

— Não. Teremos de nos contentar em fazer o que for possível. Se você conseguir usar esta crise para despertar orações específicas por parte dos santos daqui, tanto melhor.

Triskal sorriu.

— Conte com isso. Eles orarão.

Krioni acrescentou:

— Mas parece que Sally Roe segue na direção de perigo maior ainda.

Tal confirmou com um movimento de cabeça, a contragosto.

— Não podemos abreviar o plano, ou poupá-la de cada passo. Nossa vitória será completa... ou nossa derrota o será.

Krioni e Triskal o abraçaram.

— Vá com Deus.

Tal puxou a espada a fim de reunir seus guerreiros e eles arremeteram para o céu, rumo a Baskon.

— Perderam? — bramiu o Destruidor. — Atrevem-se a me dizer que a perderam?

Seis espíritos hediondos estavam diante dele no telhado do edifício Whitcombe, na Universidade Bentmore. Mantinham os olhos cravados no telhado espesso, ondulado, e recusavam-se a erguê-los. Guardavam silêncio, sem palavras apropriadas de explicação. O Destruidor e o Corruptor não estavam muito longe de reduzi-los a migalhas naquele momento.

O Destruidor queria uma explicação imediata. Agarrou um demônio pelo cabelo e puxou-lhe a cabeça para cima com um safanão, de forma que seus olhos se encontrassem.

— Eu pensei que *você* jamais a perderia, mas a seguiria até os confins da terra para que pudéssemos escolher nossa hora, escarnecer da hoste celestial, colher a fruta quando estivesse madura, mas agora... Agora você a perdeu? Explique-me como!

— Nós a seguimos — disse a coisa.

— E?

— Ela foi para o oeste com o dono da granja.

— *E*?

O espírito olhou para seus camaradas. Que nem lhe devolveram o olhar, com medo de que o Destruidor pensasse que sabiam alguma coisa.

— O fazendeiro levou-a para Ashton.

O Destruidor deu outro puxão violento no cabelo do demônio, torcendo-lhe o pescoço para trás.

— *Ashton*?

O demônio fez uma careta de dor.

— Seguimos até onde deu, mas nos obrigaram a voltar.

Os olhos do Destruidor ardiam de raiva.

— A hoste celestial?

O guerreiro estava quase caindo, contorcido sob o aperto de ferro da mão de Destruidor.

— Eles controlam aquele território, eles e os santos de Deus!

O Destruidor soltou o cabelo do demônio, que caiu em cima do telhado, girando o pescoço para livrar-se do mau jeito.

O Destruidor e o Corruptor afastaram-se para conversarem a sós. O Destruidor tornava o ar amarelo com seus arquejos desvairados, ansiosos.

— Aquele capitão de hoste nojento, escorregadio e ardiloso! Eu deveria ter previsto essa manobra! Ele a está escondendo em uma fortaleza impenetrável

para nós!

O Corruptor resmungou:

— Ela continua viva e livre. E agora tem tanto o anel quanto as listas.

— As listas são culpa sua! — insistiu o Destruidor.

— E o desaparecimento dela? Não é sua culpa?

— Se a perdermos de vista agora...

— Essa opção não existe para nós.

— ... o Homem Forte nos arrancará a cabeça do corpo com as próprias mãos! — O Destruidor cuspiu enxofre em nova explosão de raiva. — Jamais! O capitão da hoste celestial não me derrotará! Não serei humilhado por esses santos medíocres!

Esbravejou com seus capangas que montavam guarda ali perto. Prontamente eles se colocaram em posição de sentido.

— Reúnam suas hordas! Estamos retornando para Baskon! Concluiremos esse negócio e dizimaremos os santos, silenciando suas orações de uma vez por todas!

Claire Johanson desligou o telefone do escritório, mas continuou olhando fixo para o aparelho, profundamente pensativa.

Jon conhecia aquela cara.

— O que foi?

— Era o senhor Goring, do Summit. Sally Roe apareceu em Bentmore. Esteve até na sala de Samuel Lynch.

Jon ergueu-se da cadeira, antecipando uma resposta de que não iria gostar.

— Ela escapou?

Claire suspirou, deixando a mão cair sobre a escrivaninha com um tapa.

— Escapou. Khull e seus homens a perseguiram por todo o *campus,* mas ela conseguiu pegar carona com um estranho e eles a perderam.

Jon atirou as mãos para cima, furioso.

— Ótimo. Que ótimo! Para ser franco, começo a duvidar desse Khull. Ele já teve duas oportunidades e apareceu de mãos abanando nas duas!

Claire advertiu-o:

— Por favor, fale baixo. Há alguns membros do Círculo Vital na casa.

Jon tentou se acalmar, mas não conseguiu de jeito nenhum ficar sentado ou relaxar.

— Ela está com as listas — Claire acrescentou.

Jon olhou-a com curiosidade.

— Que listas?

— As listas de membros do professor Lynch.

Jon fitou-a com o olhar vazio. Não conseguia acreditar naquilo. Meneou a cabeça.

— Só pode ser engano. Alguém está enganado. Não é verdade.

— Sim, é.

Ele sacudiu a cabeça outra vez, com mais veemência.

— Não, não pode ser! É impensável demais para ser verdade!

— Lynch saiu da sala para apanhar seu anel e entrar em contato com Khull. Ela deve tê-las tirado da prateleira enquanto ele ficou fora. Ele só percebeu depois de ela ter partido.

John gritou ao ouvir isso.

— Quer dizer que ela *partiu* simplesmente?

Claire fez-lhe sinal para abaixar a voz, adotando posição em defesa de Lynch.

— Ele não podia fazer que a matassem dentro da sua sala! Os homens de Khull deviam cuidar dela em algum outro lugar, secretamente.

Esbravejando, bufando, Jon andava à roda do escritório.

— O Professor Lynch ainda vive?

— Claro que sim.

— Por quê?

Claire desviou o olhar, impaciente.

— Jon, o que isso resolveria?

Ele tinha dificuldade para manter baixo o tom de voz.

— Aquele velho amalucado é um perigo! Deveria ser eliminado, e Khull também!

Claire suspirou e descansou o queixo na mão.

— Talvez sejam, não sei. Não controlo essas coisas.

— E então, quando é a audiência?

— Às 9 da manhã, segunda-feira.

Jon praguejou.

— Já devíamos saber a essa altura! Há outras forças trabalhando a favor de Roe, em oposição direta a nós. Sinto isso. Sem dúvida operam contra a ação judicial também. Pode ser até que o juiz tome uma decisão contrária aos nossos interesses.

Claire estava prestes a discordar, mas concluiu que não podia fazê-lo.

— Creio que existe essa possibilidade.

Jon parou para olhá-la nos olhos.

— Se perdermos nessa audiência e eles conseguirem levar Amber para o banco das testemunhas, ou mesmo colher o depoimento dela...

Claire concordou.

— Entrarei em contato com os demais.

— Com Hemphile também. Eu a quero ela envolvida nessa história. Precisamos atacar aquela igreja!

— Já atacamos.

— Falo de atacá-los com mais veemência! Algo bem visível!

Claire pôs-se de pé, o dedo nos lábios.

— Alguém poderia ouvi-lo.

Ele procurou se acalmar. Podiam ouvir a aula de ioga do Círculo Vital em andamento no segundo andar, bem acima de suas cabeças.

Claire tinha outra advertência:

— Você sabe que, com qualquer ação pública, nos arriscamos a ficar expostos...

Jon deu risada ao ouvir isso.

— Qual o problema? Eles não passam de um bando de cristãos antiquados, marginais, fanáticos. Quem lhes dará crédito?

Ela aquiesceu.

— Está bem.

— Amaldiçoaremos a igreja e amaldiçoaremos Sally Roe. Podemos arranjar alguma coisa que lhe pertença?

— Bem, acho que a casa que ela alugava ainda contém todos os seus pertences.

— Alguma coisa viva?

Claire pensou por um momento.

— Ó, sim. De fato, creio que ela mantinha alguns animais.

Jon sorriu e se acalmou um pouco.

— Bom. Muito bom.

30

Tudo era silêncio na casa de Floyd e Sara Barker depois do jantar. Eles se acomodavam no sofá do primeiro andar para ler um pouco; Michelle, a universitária, estudava em seu quarto; Suzanne, jovem advogada recém-chegada à cidade, saíra para se encontrar com um possível sócio.

Sally estava alimentada, banhada e segura em seu quartinho de canto, confortavelmente instalada na cama macia debaixo de um dos acolchoados de Sara feitos à mão, as costas apoiadas por amplo suprimento de grandes travesseiros.

Pela primeira vez, em tantos anos que nem saberia dizer quantos — acabou concluindo que deviam ser uns 25 —, tinha nas mãos o livro que culpara pelos sofrimentos do mundo, desprezara como antologia de mitos superestimada, do qual se ressentira devido às ideias estreitas sobre a moralidade, condenara como

opressivo e autoritário e ignorara como um peso de chumbo ultrapassado e estagnado em volta do tornozelo intelectual da humanidade.

Tratava-se de uma das Bíblias de Sara Barker.

O livro dos Salmos ela encontrou imediatamente. "É só abrir a Bíblia no meio", soou uma voz do seu passado. "Os salmos ficam bem ali."

Como era mesmo o nome daquela mulher? Ó, sra. Gunderson, isso mesmo. Era uma mulher idosa. Aliás, sempre fora velha, desde que Sally a conhecera. Como se tivesse atingido seu número máximo de anos e estacionado no tempo. Cada manhã de domingo, Sally descia ruidosamente as escadas da igreja, acompanhada de todas as outras crianças de 7 e 8 anos em diante, e se reunia com elas na classe da escola dominical da sra. Gunderson no frio porão da igreja. Ocupavam uma salinha cheia de eco, com cadeiras duras de madeira e uma lousa que ainda trazia as marcas indeléveis das lições de semanas antes.

Então a sra. Gunderson lhes contava uma história, dispondo personagens bíblicos de papel no mesmo cenário de grama verde e céu azul do flanelógrafo. Mesmo agora, deitada na cama com a Bíblia no colo, Sally se lembrava daquelas histórias: o homenzinho que subiu no sicômoro, os pescadores que passavam a noite inteira sem pegar nenhum peixe, o discípulo — talvez Pedro, pelo pouco que se lembrava — que caminhou em cima da água para ir ao encontro de Jesus, o homem chamado Lázaro a quem Jesus ressuscitou dos mortos, Moisés, Noé e, naturalmente, Jonas, o homem engolido por um peixe.

Estranho. Tirara essas histórias da cabeça desde o fim do primeiro grau. Agora, no entanto, aos 36 anos de idade, não só se lembrava delas como também da profunda convicção e sentimento moral que experimentava depois de cada aula da escola dominical: quero ser boa. Quero fazer coisas boas e amar a Deus. Quero que Jesus entre em meu coração.

Lembranças tão antigas, sentimentos de tanto tempo antes. Contudo, eram lembranças agradáveis e os sentimentos que evocavam, cálidos e reconfortantes, o que fazia que parasse para refletir. Quantas lembranças agradáveis tinha de

verdade? Não muitas. Talvez essas, das mais antigas, fossem também as mais felizes.

Salmo 119. Hum. Um longo capítulo. Leu o primeiro versículo: "Como são felizes os que andam em caminhos irrepreensíveis, que vivem conforme a lei do Senhor!"

Foi o suficiente para lhe prender a atenção e ela prosseguiu com a leitura.

O versículo 3 dizia: "Não praticam o mal e andam nos caminhos do Senhor."

Os versículos 4, 5 e 6 continuavam no mesmo tema: "Tu mesmo ordenaste os teus preceitos para que sejam fielmente obedecidos. Quem dera fossem firmados os meus caminhos na obediência aos teus decretos. Então não ficaria decepcionado ao considerar todos os teus mandamentos."

Como aquele pastor sabia? Ela lhe dirigira a pergunta mais difícil em que conseguira pensar. No entanto, ele lhe deu a resposta de que precisava, perfeita para sua situação, naquele exato momento e lugar. O passo seguinte em seus devaneios.

Sally continuou lendo e as palavras lhe falaram vez após vez sobre algo de que fugira havia anos, que negara, contra o que lutara e que acabara perdendo... Mas talvez, acima de tudo, de que precisava muito.

Absolutos. O certo de verdade, e o errado de verdade. Uma cerca, um ponto de referência, um modo de conhecer algo com certeza.

Não podia permitir que essas ideias lhe escapassem. Saltou da cama e correu ao armário, em busca de sua mochila. Deixara suas poucas peças de roupa na lavanderia, de modo que a mochila estava quase vazia. Continha apenas uma assustadora quantidade de dinheiro em notas novinhas, o caderno, que ela deixou de lado, e... As listas da sala do professor Lynch.

Sentiu-se mal ao dar com elas, como se houvesse um mal associado àquelas listas, como se um passageiro clandestino invisível, porém venenoso, as acompanhasse para assombrá-la. Assustaram-na; causaram-lhe o mesmo medo

e repugnância que se sente enquanto se espera algo horrível saltar da tela, nesses filmes de terror que passam tarde da noite.

Invisíveis a Sally, que só lhe sentia a presença, o pequeno quarteto de demônios continuava escondido por ali, observando-a, em busca de oportunidades. Seguiam-na por toda parte em que andara, capazes de atravessar qualquer barreira angelical, porque Sally os carregava consigo. O Desespero gostava cada vez menos do seu trabalho; quanto mais ela prosseguia em sua busca, menor a quantidade de veneno que ele conseguia semear em sua mente. O Medo trabalhara muito e se divertira bastante com isso, e se alegrava com a presença das listas, porém a Morte e a Loucura se sentiam frustradas. Sally encontrara um novo propósito em algum lugar; a Morte já não era bem-vinda em seus pensamentos, os quais se tornavam demasiado claros e racionais para que Loucura pudesse embaralhá-los.

Todos os quatro estendiam as mãos para ela, porém, ao menos por enquanto, não havia nada para agarrar.

Sally fechou a mochila, deixando as listas escondidas e confinadas. *Agora não, listas; lidarei com vocês mais tarde. Não quero me sentir mal, não quero lutar. Deem uma folga para mim. Me deixem descansar um pouco*.

Os demônios se retiraram furtivamente para esperar.

Ela passou a mão no caderno e na caneta e pulou para a cama de novo. *Sentimentos bons, não vão embora. Deixem-me ficar com vocês um pouco, estudá-los, entendê-los; deixem-me chegar a alguma conclusão*.

Começou a escrever outra carta para Tom Harris.

> Estou estudando o Salmo 119 e, se entendi bem a mensagem, pelo menos dois absolutos são apresentados ali, duas coisas que posso saber

com certeza:

1) Existe um certo: obedecer às leis de Deus e seguir os seus caminhos.

2) Existe um errado: desobedecer às leis de Deus e não seguir os seus caminhos.

Como estou me saindo até aqui? Espero que você esteja acompanhando, porque agora vai ficar mais difícil.

O Salmo 119 fala sobre duas condições humanas, resultado direto dos dois absolutos:

1) Faça o certo e você será feliz e abençoado.

2) Faça o errado e será envergonhado.

Ora, isso é simples ou não é? Simples demais, imagino; básico demais para que pessoas como eu, que insistem em afirmar que não existe realidade superior a elas próprias, acreditem ou aceitem.

Mas, Tom, acredito de verdade que tenha sido envergonhada. Até os comentários cruéis e cortantes de um inimigo, o professor Lynch, deixaram isso claro para mim. Ele tentava me destruir, sei disso, porém não houve nada que ele dissesse que não fosse verdade. Não pude argumentar com ele. A verdade é que a minha vida está em ruínas.

Mas será que posso aceitar a explicação fornecida pela Bíblia para isso? Atrevo-me a confiar nesse livro? Se a Bíblia é confiável e se eu optar por acreditar nela, então poderia, de uma vez por todas, determinar quem sou e onde estou: no erro, fora do favor de Deus, envergonhada.

Não é um pensamento confortável, mas pelo menos eu teria uma pedra irremovível debaixo dos pés.

Desespero caiu pesadamente no chão ao lado da cama, segurando o estômago e gemendo. Tampouco a Morte e a Loucura se sentiam bem, mas ainda assim, resolveram descontar no Desespero.

— Você a está perdendo, seu sanguessuga! Você é o responsável por esta missão! Faça alguma coisa!

O Medo ofereceu:

— Talvez eu consiga pensar em algo para assustá-la.

Desespero sibilou-lhe:

— Você já fez isso e a empurrou mais para perto da verdade!

Afinal, Sally sentiu o sono pesar-lhe nas pálpebras. Por ora, suas dúvidas estavam solucionadas, seus pensamentos, registrados. De modo que podia descansar. Deixou o caderno sobre o criado-mudo, deixou de lado todos os travesseiros, menos um, e desligou o abajur.

Deitada no escuro, percebeu quanta paz sentia. Era a primeira noite em muito tempo em que não tinha medo. Em vez disso... o que era aquilo? Esperança? Sim! Só podia ser esperança. Uma sensação estranha, tão diferente!

Do passado distante, conseguiu se lembrar mais uma vez dos antigos sentimentos e pensamentos da escola dominical: quero ser boa. Quero fazer coisas boas e amar a Deus. Quero que Jesus entre no meu coração.

Afofou o travesseiro e deixou a cabeça afundar nele. Hum. Jesus. Ora, o que ele tinha a ver com tudo aquilo?

Na manhã de domingo, logo cedo, Ben Cole parou no portão do cercado das cabras de Sally Roe, incrédulo, nauseado, cauteloso ao entrar. Não podia ser real. Coisas assim simplesmente não aconteciam, não por ali.

Olhou por cima do ombro na direção do campo entre a casa dos Potter e a casa de aluguel. A sra. Potter estava bem no meio, retorcendo nervosa as mãos e olhando, recusando-se a chegar mais perto.

Ele tornou a encarar o cercado das cabras. Buff e Bart, os dois filhotes, continuavam vivos, embora irrequietos e trêmulos. Quanto a Betty, a mãe...

Por fim Ben entrou no cercado, fechando o portão atrás de si, pisando com cautela sobre a palha e a terra, procurando alguma pista no chão. Aproximou-

se da carcaça morta e retalhada de Betty. Não fazia muito tempo que ela fora morta. No máximo, na noite anterior.

Voltou-se então e gritou para a sra. Potter:

— A senhora ouviu alguma coisa?

— Não — ela respondeu.

Ben olhou em volta da carcaça. Nenhuma pista. Nenhuma pegada. A terra parecia remexida, mas devia ter sido varrida e rastelada para apagar qualquer indício de quem fizera aquilo.

A sra. Potter aproximou-se um pouco mais, no entanto, sem olhar para o interior do cercado.

— A senhora chamou a polícia? — Ben quis saber.

— Na verdade... só chamei você.

Ele sorriu.

— Já não trabalho para o Departamento de Polícia.

— Eu sei. Mas queria que você viesse. Não confio no sargento Mulligan. Duvido que ele fizesse alguma coisa a respeito.

Ben afastou-se da carcaça de Betty e se juntou à sra. Potter perto da cerca. Queria ter uma câmera para registrar aquilo.

— Bem — disse ele, respirando fundo pela primeira vez —, *eu* vou fazer alguma coisa.

Betty estava deitada na palha, a garganta cortada, o corpo totalmente drenado de sangue e sem as quatro pernas. Tinham sido removidas de maneira limpa e habilidosa, e não se via nem rasto delas.

O ar matutino estava gelado, mas Ben sentia um frio que nada tinha a ver com o tempo. Em seu espírito sabia que um enorme problema se aproximava.

Bom, talvez fosse uma boa ideia. É uma das coisas que ainda não tentei. Talvez obtivesse mais informações para completar minha análise. Poderia esclarecer algumas das antigas lembranças incompletas. Seria um vislumbre interessante da cultura religiosa americana da classe média. Talvez, se...

— Pegue seu casaco então — sugeriu Sara Barker. — Floyd já saiu para esquentar o carro.

Sally demorou um pouco, mas respondeu:

— Claro... Eu vou. Por que não?

Esse o motivo pelo qual ela agora se via parada diante da igrejinha branca da Comunidade de Ashton, cerca de 800 metros subindo Morgan Hill, em Poplar Street, numa cálida e linda manhã de domingo. Já havia pessoas entrando, conversando, rindo e se abraçando como velhas amigas, levando os filhos pequenos pela mão e chamando os maiores para que se apressassem, que o culto já ia começar.

Sara não poupou esforços para se certificar de que Sally fosse apresentada a todos.

— Oi, Andy, esta é Betty Smith. Edith, como vai? Gostaria de lhe apresentar Betty Smith, nossa nova pensionista. Cecil, que bom saber que está passando melhor. Já conhece Betty Smith?

Sally sorria e apertava as mãos que lhe estendiam mas, na verdade, sem prestar grande atenção. Avistara uma garotinha de vestido domingueiro, segurando a mão da mãe e carregando uma Bíblia, e isso fizera aflorar uma lembrança.

Trinta anos atrás, essa era eu.

Lembrava ainda do bonito vestido que usara, e da fita na mesma cor que lhe enfeitava o cabelo. Também carregava uma Bíblia, presente da senhora que lhe segurava a mão na época, sua tutora, tia Bárbara. Sua mãe se perdera no álcool e nunca exercera uma influência positiva em sua vida. Tia Bárbara, no entanto, sempre a levava à escola dominical. Religião era coisa séria para ela e, naqueles dias, Sally respeitava isso. Fazia bem para Tia Bárbara e sim, parecia ser bom também para Sally.

— É melhor entrarmos — disse Sara, suas palavras arrancando Sally de chofre do seu devaneio.

Subiram os degraus da frente, passaram pelas portas duplas e entraram em um pequeno vestíbulo onde grupos de pessoas — Floyd fazia parte de um deles — ainda se atualizavam sobre o que acontecera com os demais durante a semana.

Ó, lá estava o rol de comparecimento à escola dominical pregado na parede. Sally se lembrava daquilo. Bem como de levar sempre uma oferta; era importante na época.

Rodeavam-na pessoas de todos os tipos. Algumas se vestiam bem, outras usavam calças de brim; havia pessoas idosas e muitos jovens; havia crianças pequenas por toda parte, sugerindo uma explosão de bebês na classe média protestante.

Sally depressa teve de admitir para si mesma que, a não ser pelo cristianismo em si, quase não havia motivos para se sentir desconfortável naquele lugar. A falta de trajes mais apropriados poderia ter sido um deles — só tinha aquelas calça e blusa e não podia usar a jaqueta por causa dos buracos da faca, sem falar da manga faltando —, mas agora percebia que os trajes pouco tinham a ver com a aceitação. O mesmo valia para os antecedentes étnicos ou a posição social.

Acho que não me sentirei mal.

Acompanhou Floyd e Sara a um banco de madeira perto dos fundos e sentou-se. Seus pés tocavam o chão. A última vez em que se sentara em um banco de igreja seus pés ficaram balançando no ar. Isso acontecera quando... Tommy Krebs! Isso mesmo, agora se lembrava dele, aquele molequinho chato, com o cabelo cortado à escovinha e a caneta de ponta de fibra sem tampa. Acabara por delatá-lo, o que lhe garantira um pouco de sossego durante algum tempo. Mas não antes que ele lhe deixasse o joelho roxo. Sim, tudo isso acontecera em um banco idêntico, durante a abertura da escola dominical. Ó! Como era mesmo a canção que ela e todas as outras crianças costumavam cantar? "Sei que Jesus me quer bem, pois a Bíblia assim o diz..." Exato. Devia

estar entre as dez canções mais populares do protestantismo americano; nunca a esquecera.

Ela tentou se descontrair e olhou em redor do pequeno templo, para as nucas de todas aquelas cabeças. Ó, lá estava o pastor Hank, encerrando uma conversa e ocupando uma cadeira na plataforma. Agora se parecia mais com um pastor, de terno e gravata. No entanto, tinha certeza de que jamais se esqueceria de quando o vira às voltas com o vaso sanitário lá da pensão.

Aquela estava sendo uma experiência e tanto. Havia tanta coisa para ver e relembrar, tantos sentimentos para analisar que, em vez de se sentir entediada, sentia-se cativada.

Mas... O que estou fazendo aqui realmente? perguntou-se. *É tudo apenas por que Sara me convidou*?

Não, na verdade, não. O convite fora um incentivo tão bom quanto qualquer outro, mas não o verdadeiro motivo. Sally desejara estar ali, mesmo que só agora se conscientizasse disso.

É só uma questão de curiosidade?

Não, é mais que isso. Curiosidade era uma coisa, fome, outra.

Fome? De quê — de lembranças queridas? De matar saudades?

Não, mais do que isso também. Parecia-se mais com uma sensação persistente de ter completado um círculo após trinta anos e encontrado, tão forte quanto antes, a verdade, um tesouro, uma questão especial do coração que ela já possuíra, mas perdera. Não lembrava que sua vida fosse tão instável na infância passada na escola dominical como fora desde então. Devia haver alguma coisa nas convicções daquela cultura, a certeza sólida de tudo.

Talvez isso explicasse... Talvez as experiências de tanto tempo antes fossem o último chão firme em que Sally caminhara.

Sim, as coisas eram bem diferentes então.

Sally, Sara e Floyd escorregaram um tantinho para o lado a fim de dar lugar para uma moça se sentar ao lado de Sally.

— Olá — ela cumprimentou, estendendo a mão. — Sou Bernice Krueger.

— Er... Betty Smith. — Precisou assegurar-se de que ainda se lembrava do nome certo.

— A nossa nova pensionista — explicou Sara.

— Ah, ótimo! — disse Bernice. — Você é nova na cidade?

— Sim.

— O que a trouxe aqui?

— Ó... Estou apenas viajando.

— E faz tempo que chegou?

— Er... Cheguei ontem. — Sally esperava que a entrevista não fosse muito longa. Afinal, achou melhor mudar o assunto de sua pessoa. — E você, o que faz?

— Trabalho para o jornal da cidade. Sou repórter e assistente do editor, além de lavar as xícaras de café e tirar o lixo.

— Ó, que interessante.

Bernice riu.

— Às vezes é mesmo. Bom, é ótimo tê-la conosco.

— Obrigada.

Fez-se uma breve pausa. Bernice fixou o olhar na frente e Sally pensou que a conversa havia terminado. De repente, no entanto, Bernice voltou-se para ela a fim de acrescentar:

— Olhe, se eu puder fazer alguma coisa por você, por favor, avise.

A oferta foi um tanto abrupta e inesperada. Deixou Sally curiosa quanto ao que a tal Bernice Krueger estava pensando. *Será que pareço tão miserável assim*? Na verdade, apreciou a compaixão da moça, porém estava consciente de que jamais poderia aceitá-la.

— Obrigada. Não me esquecerei disso.

O culto começou e foi um verdadeiro estudo do fundamentalismo de classe média. Sally resolveu que seria uma observadora objetiva e faria seus apontamentos mentais.

O conteúdo das canções era digno de nota: em todos os casos, a letra falava de amor, culto, adoração e reverência a Deus e a Jesus Cristo. Logo ficou claro, como era de se esperar, que as pessoas acreditavam e praticavam com grande convicção os sentimentos expressos nas canções.

No desenrolar do culto, em meio a mais canções e um momento para se compartilhar experiências pessoais inspiradoras, Sally percebeu que era fácil deixar-se envolver pelo próprio fenômeno que observava. Gostava dele. Aquelas pessoas estavam felizes. E embora a forma e o processo de culto parecesse um tanto esquisito e estranho para alguém de fora, ela sabia e relembrou a si mesma que, perto de suas próprias técnicas de ioga e canalização por transe, aquilo tudo era inofensivo, normal e absolutamente ameno.

Chegou a hora da oração e o pastor Busche deu a palavra a quem tivesse pedidos para fazer. Um senhor idoso estava com problemas por causa de um músculo distendido e pediu que orassem por ele. O mesmo fez uma jovem preocupada com o marido que não conhecia o Senhor, um pai novo necessitando de emprego e uma senhora cuja irmã dera à luz um bebê prematuro.

Então a moça que trabalhava no jornal, Bernice Krueger, falou:

— Lembremo-nos de orar por Marshall e Kate enquanto eles estiverem fora. Acho que as coisas ficaram bem difíceis para eles. Estão encontrando grande resistência espiritual.

— Certo — concordou o pastor Hank —, temos acompanhado os acontecimentos. Com certeza oraremos a esse respeito.

Em seguida o pastor conduziu a congregação em oração, glorificando e louvando a Deus, e depois lhe pedindo que respondesse a todos os pedidos feitos pelas pessoas.

— E lembremo-nos de Marshall e Kate também, envolvidos em conflito espiritual...

Esse tópico atraiu o interesse de Sally. Conflito espiritual. Puxa! Se aquela gente soubesse o que *ela* vinha enfrentando...

31

— "Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados."

Bernice Krueger leu em voz baixa as palavras de sua Bíblia, enquanto Sally acompanhava na Bíblia que trouxera da casa de Sara Barker. Estavam sentadas a uma mesa isolada do Restaurante do Danny, na rua principal, não longe do *Clarim*. Tinham pedido o almoço, que estava a caminho, e agora, enquanto tomavam o café, davam uma segunda olhada no texto que Hank citara no sermão daquela manhã, alguns versículos de Isaías 53.

Bernice leu o versículo seguinte.

— "Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós."

— Pecado e redenção — disse Sally.

Bernice ficou impressionada.

— Certo. Então você sabe alguma coisa sobre isso.

— Não, na verdade, não. Apenas repeti uma frase que ouvi em determinados círculos, aparentemente uma forma rápida de definir a opinião cristã típica sobre as coisas. Sempre detestamos essa ideia.

Bernice tomou um golinho do seu café.

— Quem é esse "nós"?

Sally desconversou:

— Uns velhos amigos, só isso.

— E o que vocês detestavam nisso?

Sally também tomou um gole de café. Era um modo eficaz de conseguir tempo para formular sua resposta.

— A noção de pecado, acho. Já é difícil o bastante qualquer pessoa sentir-se bem consigo mesma. Parecia muito negativo e opressivo ensinar que somos todos miseráveis, imprestáveis pecadores. O cristianismo foi a maldição da humanidade, escravizando-nos e impedindo-nos de alcançar nosso verdadeiro

potencial. — Sentiu que precisava limitar o que dizia. — Pelo menos, era assim que pensávamos.

— Muito bem, então era isso o que você pensava sobre a parte que diz respeito ao pecado. — Bernice sorriu e deu umas batidinhas na passagem de Isaías 53 que continuava aberta debaixo do nariz de Sally. — Mas você captou bem a parte da redenção? Deus a ama e enviou seu Filho para pagar por esse pecado com sua própria morte na cruz.

Sally se lembrou que tia Bárbara e a sra. Gunderson lhe haviam contado a mesma história.

— Foi o que me disseram.

— Mas voltando ao que a Bíblia afirma sobre o pecado: desde quando isso é um choque tão grande assim? Os seres humanos vêm provando há milhares de anos de que tipo de material são feitos. Ouça, os problemas do homem não são resultado de política ou economia ou ecologia ou níveis de consciência; o problema do homem é sua ética — ela não presta.

Sally ficou escutando. Deixou a frase calar fundo. Era um jeito simples de expressar a situação. Por outro lado, ela própria não demonstrara a veracidade daquelas palavras em sua vida?

— Acho que concordo com você nesse ponto. Mas deixe-me confirmar uma coisa: pelo que estou entendendo, a Bíblia é o padrão ético pelo qual definimos o que "não presta"?

Bernice assentiu firmemente com a cabeça.

— *E* o que é bom, o que é justo.

Sally pensou um instante naquilo.

— Nesse caso, imagino que esse padrão nos coloca a todos do lado errado da cerca.

— Acho que você descobrirá que essa ideia é aceitável se for honesta consigo mesma. Já viveu tempo suficiente para saber do que nós, seres humanos, somos capazes.

Sally chegou a dar risada.

— Ó, sim, de fato.

— E aqui está a resposta de Deus para isso. — Bernice apontou as frases e as revisou. — "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças... Foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades... O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós."

— Por quê?

Bernice pensou um momento.

— Bem, vamos falar de justiça. Se cometer algum crime, você vai parar na cadeia, certo?

Sally concordou sem restrições:

— Certo.

— Agora, no sentido ideal, deixando de lado todas as brechas legais, só existem duas maneiras de sair de lá: mudando as regras, de modo que o que você fez não seja errado e, portanto, você deixe de ser culpada, ou pagando o preço.

— Eu tentei mudar as regras — admitiu Sally.

— Bem, no plano de Deus, regras são regras porque, se não fossem, não teriam muito valor; certo e errado não fariam sentido. Então o que sobra? O preço. É aí que entra o amor de Deus. Ele sabia que jamais conseguiríamos pagar nós mesmos o preço, por isso ele o fez em nosso lugar. Assumiu forma de homem, tomou sobre si todos os nossos pecados e morreu numa cruz romana há 2 mil anos.

Sally examinou de novo a passagem.

— Se é assim, então me diga: funcionou?

Bernice inclinou-se para a frente e rebateu:

— Julgue você mesma. A Bíblia diz que a consequência do pecado é a morte, mas depois que Jesus pagou esse preço, ele ressurgiu dos mortos no terceiro dia. Por causa disso, *alguma coisa* mudou. Ele venceu o pecado, por isso venceu o preço do pecado. Claro que funcionou. Sempre funciona. Jesus

satisfez a justiça divina naquela cruz. Suportou o castigo em toda sua plenitude, sem que jamais Deus precisasse transigir com as regras. Por isso chamamos Jesus de nosso salvador. Ele derramou seu próprio sangue em nosso lugar. Ele morreu e depois ressurgiu do túmulo a fim de provar que vencera o pecado e que podia nos libertar. — Bernice começava a ficar emocionada. — Sabe o que me faz vibrar nisso tudo? O fato de significar que somos especiais para ele; ele nos ama realmente, e nós... temos algum significado, estamos aqui por um motivo! Sabe do que mais? Não importa quais sejam os seus pecados, não importa onde estivermos ou em que condição estivermos, podemos ser perdoados, libertos e purificados, ganharmos uma ficha em branco! O almoço foi servido — sopas e duas saladas. Sally sentiu-se grata pela pausa na conversa. Deu-lhe a oportunidade de pensar e refletir. Afinal, quem dera o roteiro àquela mocinha? Como ela podia dizer tantas coisas falando diretamente à situação em que se encontrava, ela, uma desconhecida?

Bom, Bernice frequentava a igreja do pastor Hank Busche e ele tinha um jeito todo especial de acertar o prego bem na cabeça. A sugestão para que lesse o Salmo 119 fora perfeita e o sermão daquela manhã sobre Isaías 53 fora só uma nova dose da mesma mensagem feita sob medida. Era exatamente o que ela estava precisando ouvir.

Contudo, ainda havia um problema nisso tudo. Sally comeu um pouco de salada enquanto considerava a próxima pergunta. Depois reformulou-a em forma de simples comentário:

— Eu não me sinto perdoada.

Bernice retrucou na mesma hora:

— Você já pediu a Deus que a perdoasse?

— Nunca nem sequer acreditei em Deus, pelo menos, não no sentido tradicional.

— Bem, ele existe.

— Mas como posso saber disso?

Bernice olhou para Sally como se lhe conhecesse o coração. E respondeu simplesmente:

— Você sabe.

— Então...

Sally se calou de repente e comeu mais um pouco de salada. Não podia fazer a pergunta que tinha em mente. Pareceria tola demais, infantil demais; parecia ter feito uma pergunta idiota já respondida. Mesmo assim... Precisava ouvir uma resposta direta, algo para levar consigo sem nenhuma dúvida.

— Bem, espero que você me permita perguntar...

— Claro.

— É fácil falar em termos confortáveis, genéricos...

— Pode ser tão específica quanto quiser.

— Será... — Calou-se outra vez. De onde vinha aquela emoção? Empurrou para baixo outro bocado de salada. Agora se sentia melhor. Teve a impressão de que agora seria seguro perguntar. — Será que Jesus morreu por *mim*?

Bernice não respondeu com leviandade ou pouco caso. Em vez disso, olhou Sally nos olhos e deu uma resposta firme, serena:

— Sim, ele morreu por você.

— Por mim, por... — Precisou se lembrar do pseudônimo. — Por Betty Smith? Quero dizer, Bernice, você não me conhece...

— Ele morreu por Betty Smith da mesma forma que morreu por Bernice Krueger.

Bem, obtivera sua resposta.

— Está bem.

Esse foi o último item do tópico. Bernice notou que sua convidada do almoço se sentia pouco à vontade e não quis piorar as coisas. Sally receou ter se aberto um pouco demais com uma estranha inocente e não ousou correr o risco de arrastar a simpática moça para o interior de suas dificuldades.

Bernice recorreu a uma conversa puramente social.

— Então, quanto tempo faz que está viajando?

Sally ficou com medo até dessa pergunta.

— Ó... Mais ou menos um mês ou algo assim.

— De onde é na verdade?

— Isso tem importância?

Depois dessa, a conversa ficou difícil, coisa que ambas lamentaram. Exceto pela troca de palavras casuais e com intuito puramente social, o almoço foi mais importante do que qualquer outra coisa. As saladas desapareceram, as tigelinhas de sopa se esvaziaram, os minutos passaram rápidos.

— Gostei de conhecê-la — disse Bernice afinal.

— Acho melhor eu voltar para a casa da Sara — comentou Sally.

— Sim, mas escute... Por que não passa pelo *Clarim* quando tiver um tempinho? Poderíamos almoçar juntas de novo.

O primeiro impulso de Sally foi recusar, mas ela acabou se permitindo relaxar um pouco, confiar o suficiente apenas para aceitar o convite.

— Ora... Claro, gostaria disso.

Bernice sorriu.

— Vamos, levo você de carro até a pensão da Sara.

O velho sítio perto de Baskon permanecera deserto durante anos, o celeiro vazio perdia a cor de tão velho. Desde que o proprietário morrera, nenhum ser humano jamais fora visto naquele lugar, nem se ouvira som algum, nem se vira nenhuma luz brilhar — exceto em determinadas noites, a respeito das quais ninguém devia saber.

Nessa noite, o brilho opaco e alaranjado de velas aparecia pelas rachaduras no revestimento de tábuas e pelas trincas na porta empenada pelo tempo do celeiro velho e amplo. Dentro dele, vozes humanas sussurravam cantilenas e fórmulas cabalísticas ritmadas.

Havia cerca de 20 pessoas ali dentro, todas vestindo roupões pretos, exceto uma mulher de branco, em pé diante de um grande pentagrama sulcado no chão de terra nua. No centro do pentagrama, duas pernas traseiras tiradas de

uma cabra jaziam cruzadas formando um X, e uma vela ardia em cada uma das cinco pontas do pentagrama.

Na cabeceira do círculo, a mulher de branco conduzia a reunião, falando em tom baixo e claro, um grande cálice de prata nas mãos estendidas.

— Assim como foi desde o princípio, os poderes serão invocados pelo sangue, e a restituição por nossa mão equilibrará a balança.

— Que assim seja — entoaram os outros.

— Invocamos os poderes e agentes das trevas para que testemunhem esta noite nossa aliança consigo.

— Assim seja!

Asas demoníacas farfalharam nos caibros enquanto espíritos sinistros, destrutivos se reuniam também ali, olhando para baixo com brilhantes olhos amarelos e sorrisos dentuços, deleitando-se com tanta adoração e atenção.

Na parte mais alta do telhado, agarrado aos caibros e supervisionando tudo, o Destruidor conseguia formar na boca, silenciosamente, as palavras da cerimônia ao mesmo tempo em que as ouvia.

— Que sua fúria se inflame contra os nossos inimigos, contra todos os que se opõem. Que o seu favor esteja conosco ao lhes dedicarmos esta oferta.

— Assim seja!

— Que a mulher seja encontrada!

— Assim seja!

— Assim seja — concordaram os demônios, entreolhando-se.

— Assim será — disse Destruidor. — Assim será.

— Que ela seja retirada de seu esconderijo e esmagada como pó — declarou a mulher.

— Assim seja — entoaram os demais.

Os demônios assentiram com as cabeças e cacarejaram em sinal de aprovação, as asas vibrando de prazer. Outros espíritos chegaram. Caibros, palheiros, emendas do telhado enchiam-se deles.

— Derrota e divisão para os cristãos, enfermidade e má vontade.

— Assim seja.

O Destruidor falou depressa aos demônios que se reuniam, apontando para um e para outro, designando hordas para cada tarefa, enquanto os espíritos murmuravam à medida que as aceitavam.

— Que o tribunal julgue a nosso favor! Nós lhe entregamos o coração e a mente da juíza Emily Fletcher!

— Assim seja.

O Destruidor correu os olhos por seu grupo até pousá-los afinal em um espírito mais avultado, pesadão, empoleirado em um suporte diagonal. Ele já lidara com tribunais; seria responsável por essa parte.

— E agora... — A mulher ergueu o cálice de prata na direção dos lábios. — Pelo sangue selamos o sucesso dos poderes, a morte de Sally Beth Roe e a derrota dos cristãos!

— Assim seja!

Todos os demônios se inclinaram para a frente e esticaram o pescoço, querendo ver. Riam, babavam e trocavam tapinhas e cutucões. O Destruidor estava embriagado de alegria.

A mulher puxou o capuz para trás e tomou um gole do cálice. Quando retirou a taça, a mancha de sangue fresco de cabra permaneceu em seus lábios.

Claire Johanson, a sumo sacerdotisa do bando, passou a taça para Jon, que bebeu e repassou-a para a pessoa mais próxima. Cada bruxo e bruxa bebeu do sangue com o intuito de selar as maldições.

A seguir, em coro, braços estendidos para cima, bruxos e bruxas emitiram um berro lúgubre:

— Assim seja!

— Vão! — ordenou o Destruidor com uma batida seca de asas, apontando um dedo torto.

Os espíritos saqueadores arremeteram do celeiro, despejando do telhado como a fumaça preta de um incêndio, como morcegos de uma caverna.

Dispersaram-se em todas as direções, uivando e cacarejando, cheios de voluptuosa e destrutiva maldade.

Na manhã da segunda-feira, dia da audiência em Westhaven, o pastor Mark Howard sentiu-se grato por ter chegado à igreja antes de todos os demais. Nutria a esperança de poder limpar a bagunça antes que qualquer criança da escola a visse.

Já abrira o prédio da escola e aumentara o aquecimento; o local estava pronto quando ainda faltavam 45 minutos para os pais começarem a chegar com os filhos. Dirigiu-se então apressado ao porão da igreja, entrou em seu gabinete e pegou o telefone.

Foi com voz baixa e sombria que falou, quase como se tivesse medo de ser ouvido:

— Bom dia, Marshall. Aqui é Mark. Desculpe acordá-lo tão cedo. Por favor, venha até a igreja imediatamente. Vou chamar o Ben e espero tê-lo aqui conosco também. Sim, imediatamente. Obrigado.

Abriu o armário de material de limpeza que ficava debaixo da escada e pegou um esfregão e um balde. Estava tão aborrecido que se esqueceu de que precisaria de uma lata de lixo também. Com o coração em disparada, subiu correndo e saiu para a varanda dianteira da igreja.

O sangue na porta da frente estava seco. Seria preciso esfregar um pouco para eliminá-lo.

Ó, preciso ir buscar a lata de lixo. Não, ainda não. É melhor aguardar a chegada de Marshall e Ben. Espero que cheguem antes das crianças. Ó, senhor Jesus, oramos para que seu sangue derramado cubra e proteja este lugar!

Vamos, caras, depressa! Não posso deixar isso desse jeito!

Aos pés de Mark, cruzadas em forma de X e manchando de vermelho os degraus da igreja, havia duas pernas dianteiras de um animal, muito provavelmente uma cabra.

Às 9 horas daquela manhã, representantes da imprensa, da acal, da Liga Nacional sobre Educação e mesmo de algumas igrejas convergiram para a sala 412 do Tribunal Federal em Westhaven, presidido pela meritíssima juíza Emilly R. Fletcher.

Wayne Corrigan e Tom Harris já se encontravam sentados à mesa da defesa; Gordon Jefferson e Wendell Ames, advogados de Lucy Brandon, também tinham se acomodado e estavam prontos para o combate, tendo Lucy entre os dois. Na primeira fila da tribuna, o dr. Mandanhi esperava para depor.

O repórter Chad Davis, do Noticiário do Canal Sete kbzt, estava presente, rondando por toda parte em busca de algum petisco ou comentário que rendesse notícia, enquanto Roberto Gutierrez armava a câmera de televisão.

John Ziegler também se encontrava presente, bem como Paula, a fotomaníaca, que já tirara algumas fotos — sem pedir permissão — de Tom e Corrigan.

A meirinha colocou-se de pé.

— Levantem-se todos. O tribunal está agora reunido, presidido pela meritíssima juíza Emily R. Fletcher.

A juíza ocupou seu lugar atrás da bancada.

— Obrigada. Por favor, sentem-se.

Assim o fizeram todos os presentes. Até ali tudo estava acontecendo como da última vez. Também como da última vez, a juíza encarapitou os óculos de leitura sobre o nariz e examinou os documentos que tinha diante de si.

— A defesa requereu a audiência de hoje a fim de ser determinado se a criança envolvida neste caso, Amber Brandon, deve ou não ser dispensada de qualquer depoimento ou testemunho. É do conhecimento do tribunal que os advogados de acusação se opõem enfaticamente a qualquer depoimento ou testemunho por parte da criança, de modo que foi requerido ao tribunal que se pronuncie sobre a questão.

Ela ergueu os olhos, parecendo um tanto impaciente com o problema.

— Senhor Corrigan, por favor, prossiga.

Corrigan se levantou.

— Obrigado, meritíssima. Nosso pedido é bastante simples e nada tem de irregular. A queixa contra meu cliente inclui acusações de perseguição, discriminação e comportamento religioso ultrajante. Mas permita-me o tribunal relembrar que até agora nenhum depoimento relacionado com essas acusações partiu da principal testemunha de acusação, a própria Amber, mas sim de segunda mão, por intermédio da mãe de Amber, Lucy Brandon, e do perito da acusação, o doutor Mandanhi. Solicitamos diversas vezes falar com Amber, fazer que nosso próprio psicólogo a visite, de modo que as opiniões do doutor Mandanhi possam ser contrabalançadas pelas de outro perito. Mas o advogado de acusação tem se recusado terminantemente a cooperar, o que nos preocupa por considerarmos que está sendo infringido o direito do meu cliente de confrontar quem o acusa. Além disso, sem oportunidade de questionar Amber e ouvir seu depoimento por nós mesmos, falta-nos a garantia de que o testemunho indireto da senhora Brandon e do doutor Mandanhi não estejam de alguma forma adulterando, modificando ou enfeitando os fatos.

— Os advogados de acusação têm insistido em que Amber se encontra em condição delicada demais, em idade frágil demais para passar pelo depoimento ou por um julgamento no tribunal. Mas podemos assegurar-lhes que não recorreríamos de forma alguma a táticas ríspidas.

— Além disso, os registros mostram claramente que Amber é uma criança voluntariosa e que fez declarações conflitantes, mesmo para a mãe. A qual afirmou em seu depoimento que existem outras influências afetando a vida da filha, às quais ela foi exposta fora da escola. Só a própria Amber pode responder às muitas perguntas pendentes que afloram nessas áreas.

— Tudo o que estamos pedindo é que nos seja permitido ouvir os detalhes da própria Amber, e que o nosso psicólogo tenha permissão de examiná-la, a fim de confirmar ou refutar as conclusões do doutor Mandanhi.

Corrigan voltou para seu lugar e a juíza concedeu a palavra a Wendell Ames.

Ames não era tão empolgante de se observar quanto Jefferson. Era mais jovem, porém, irradiava uma dignidade proporcionada pela experiência que, por si só, já era bastante persuasiva.

— Meritíssima, este caso foi trazido ao tribunal devido ao severo prejuízo causado a uma criança inocente, cuja extensão está mostrada com clareza nos depoimentos e relatórios do doutor Mandanhi. Como advogados de acusação, desejamos corrigir um erro, reparar uma injustiça e, de alguma forma, desfazer o dano causado. Nunca foi nossa intenção, como seres humanos responsáveis, aumentar a dor de Amber, fazendo-a passar pelo processo de julgamento, trazendo à tona todas as suas antigas feridas e tornando públicas as suas dores.

— Apresentamos um parecer adicional do doutor Mandanhi detalhando para o tribunal o atual estado em que Amber se encontra emocionalmente, e estabelecendo que não lhe seria benéfico ver-se obrigada a testemunhar ou prestar um depoimento. Se o tribunal assim o exigir, o doutor Mandanhi está aqui para testemunhar em pessoa sobre a fragilidade do estado de espírito e emocional de Amber na presente ocasião.

A juíza Fletcher olhou para o dr. Mandanhi e depois para Ames.

— O doutor teria outras declarações a fazer que não aquelas já incluídas em seu parecer escrito?

— Estou certo de que ele poderia esclarecer para o tribunal quaisquer itens de que o tribunal julgue necessário conhecer maiores detalhes.

A juíza examinou rapidamente o relatório de Mandanhi.

— Acho que está bastante completo. Qualquer outro testemunho oral provavelmente seria apenas cumulativo.

— Muito bem.

— Alguma coisa mais?

— Sim. Embora existam fortes argumentos de ambos os lados, esperamos que o bom senso e a decência falem mais alto e sejam mais persuasivos do que qualquer argumento. Também que o tribunal poupe essa criança inocente da

dor e tristeza de reviver suas mágoas, de enfrentar o desafio e a dúvida da defesa, de ser colocada em exibição, por assim dizer, em público.

— Entendemos o processo legal, sem dúvida. Entendemos que, de fato, o acusado tem o direito de confrontar quem o acusa. Mas relembramos ao tribunal que estamos diante de um caso de abuso infantil, fato que os acusados já admitiram.

— Protesto — interrompeu Corrigan. — A defesa não admitiu tal coisa.

Ames respondeu:

— Meritíssima, eu apenas me referia àquilo que já foi estabelecido, que as surras de fato ocorrem na escola, e que a escola realmente ensina doutrinas difusas e inoportunas...

A juíza se mostrava um pouco impaciente.

— Os depoimentos são claros com relação ao que a escola pratica e ensina, senhor Ames. Se os acusados desejarem defender suas práticas, isso de forma alguma constitui admissão de culpa. Sustento o protesto.

Ames procurou ajustar sua linha de pensamentos e continuou:

— De qualquer forma, meritíssima, fazemos questão de afirmar que Amber é uma criança em tenra idade, carente de proteção. Afinal, é essa a motivação por trás da ação judicial que nos traz aqui, antes de mais nada. Estabelecido isso, devemos pleitear que o tribunal poupe Amber de maiores dores e traumas, mediante a decisão de que ela não precisa depor nem testemunhar, tampouco passar por algum outro exame extenuante na presença de outro psicólogo.

Ames sentou-se.

A juíza olhou para Corrigan.

— Alguma coisa mais?

Corrigan se levantou.

— Imagino que seria eficaz apontar o motivo pelo qual nada mais tenho a dizer. Se, conforme argumenta a acusação, Amber Brandon se encontra em estado de espírito e emocional tão lamentáveis que simplesmente deve ser impedida de testemunhar ou participar de um julgamento, só nos resta ter de

aceitar a palavra do senhor advogado a esse respeito, impossibilitados de descobrir até que ponto tais alegações são verdadeiras. Amber poderia de fato estar em tão má condição assim, porém, jamais conseguiríamos confirmá-lo. A acusação poderia estar conduzindo uma dissimulação inteligente, proposital, mas tampouco isso conseguiríamos confirmar. Os advogados de acusação obviamente acham que sabem tudo o que precisam saber sobre Amber e aquilo que ela alega ter passado nas mãos dos acusados, mas o acusado e seu advogado não sabem virtualmente nada além de boatos filtrados que nos foram fornecidos até agora. Sem Amber, estamos sendo restringidos, responsabilizados pela apresentação de uma defesa persuasiva, mas proibidos de chegar ao verdadeiro cerne da questão, à verdadeira fonte dessas reclamações. Mais uma vez, repito: não queremos ferir Amber de forma alguma, nem aumentar-lhe seu trauma — se houve algum trauma. Só desejamos chegar aos fatos, de modo que possamos nos preparar para respondermos às acusações. A senhora tem nossa argumentação escrita citando a lei que afirma que Amber deve ser colocada à nossa disposição.

Corrigan tornou a se sentar. A juíza, mais uma vez, voltou-se para Ames e Jefferson.

— Alguma outra coisa?

— Não, meritíssima — disse Ames.

— O tribunal entrará em recesso, então, e se reunirá de novo às 2 da tarde para ouvir minha decisão.

— Levantem-se todos — disse a meirinha, no que foi obedecida enquanto a juíza saía.

Tom murmurou para Corrigan:

— Como acha que nos saímos?

Corrigan não se mostrou muito contente.

— Não faço a menor ideia. Acho que foi o argumento mais fraco que já apresentei em favor de alguma coisa. — Estava irritado, furioso, repassando mentalmente a audiência. — Eu deveria ter enfatizado mais a lei; teoricamente

ela está do nosso lado... Você viu a reação da juíza ao depoimento de Mandanhi? Aceitou-o como se fosse verdade absoluta!

— Que tal almoçarmos? — perguntou Tom.

Corrigan acompanhou-o tribunal afora, ainda resmungando consigo mesmo.

32

Os espíritos voavam exuberantes, instigados pelo sangue da cabra e pelas blasfêmias, pela fúria e pela conjuração, pela indignação afoita do Destruidor e pela sede de vitória imediata sobre o sutil capitão das hostes celestiais e seu prêmio, a esquiva Sally Beth Roe.

Importunados sem descanso por demônios mentirosos, os Waring (Ed e Judy) e os Jessup (Andrea e Wes) se reuniam para o almoço na casa dos Waring para orar e discutir as últimas novidades que acabavam de ser transmitidas pela corrente de oração: June Walroth ficara sabendo que Tom surrava regularmente a filha Ruth, e que sempre a vestia com mangas compridas para que ninguém descobrisse; outra pessoa — eles não sabiam quem, mas só podia ser alguém de confiança — estava preocupada porque o pastor Mark e Cathy tinham problemas conjugais, muito provavelmente porque Mark fora infiel anos antes; a escola cristã estava de fato mergulhada em uma terrível dívida porque Tom e a sra. Fields vinham surrupiando parte do dinheiro.

Andrea ficou estupefata.

— Tem certeza disso? Mal posso acreditar que a senhora Fields faça uma coisa dessas.

— Bem — disse Judy —, você sabe a miséria que ela ganha para dar aula naquela escola? Convenhamos, seria uma tentação e tanto.

— Mas quem foi que lhe contou isso?

Ed relutou em revelar a fonte.

— Foi... Bom, só posso dizer que foi alguém próximo do conselho da igreja, alguém que aprendi a respeitar, está bem? Mas lembre-se, tudo isso é

estritamente confidencial!

Wes ficou zangado na mesma hora.

— E por que o conselho não contou para o resto da igreja?

— A pessoa com quem falei anda preocupada com a mesma coisa. Aliás, ela está em grandes apuros: não quer violar a confiança do conselho; ao mesmo tempo, sente-se magoada por ver tanta coisa sendo mantida em segredo.

Judy se manifestou:

— Acho que precisamos de uma assembleia da congregação!

Andrea concordou.

— E tirar tudo isso a limpo de uma vez por todas!

Ed fez que sim com a cabeça.

— Bem, já falei com Ted e June Walroth e eles estão prontos para uma assembleia.

Wes se limitou a balançar a cabeça, chegando a rir para dar vazão a seu nervosismo.

— Isso tudo será exposto no julgamento, sabiam? De algum jeito, os sujeitos da acal vão desenterrar isso tudo e moverão uma ação que deixará nossa igreja na miséria!

Mexerico, Calúnia e Despeito acharam graça do que ouviram e guincharam de tanto rir. No que aquela gente não acreditaria?

Na escola, a sra. Fields e Mark acabavam de apartar a terceira briga do dia. Deixaram oito garotos — seis dos quais tinham participado da briga e dois que a haviam incitado — de castigo durante o recreio do meio-dia, limpando os quadros-negros, tirando o pó da mobília e varrendo o chão. Fora um dia exasperante.

Por fim, a sra. Fields deixou-se cair em sua cadeira e soltou um suspiro profundo.

— Pastor, o que está acontecendo por aqui?

Mark queria dizer que se encontravam debaixo de ataque espiritual, mas esquivou-se da resposta por preocupação com a sra. Fields. Era uma mulher sensível e ficaria aflita ao saber sobre o que ele encontrara nos degraus da frente naquela manhã. Assim, pediu-lhe apenas que orasse com ele e foi como passaram a hora do almoço: entre missões de paz pelo pátio.

Sonhando, sonhando... Bebezinho... Raquel... Rosada e gorducha, rindo...

— Vamos, doçura, hora do banho.

A água correndo na banheira à temperatura exata. Ela que brincasse um pouco dentro da água.

— Está vendo isso? Não é divertido? Hora de ficar limpinha.

Jonas. Ele está chamando.

Agora não. Estou dando banho na Raquel!

Puxando, puxando, arrancando-me do meu corpo... Não, agora não...

Escuridão repentina, flutuando, nenhum sentimento, nenhum som, nenhuma dor, nada além de doce amor, êxtase, união... Um longo, longo túnel, uma luz brilhante no fim, aproximando-se, mais perto, mais perto, quase lá, preciso voltar! O que está acontecendo com Raquel?

PLAFT! Um tapa no rosto!

— Vamos, moça, acorde! Levante-se!

Água por toda parte, em todo o chão. Estou sentada nela, estou ensopada. Quem é esse sujeito?

— Pode me ouvir? Levante-se!

Um tira! O que houve de errado?

— Ah, ela está fora de si, cara, pra lá de Bagdá!

E Raquel?

— Onde está meu bebê?

A banheira, cheia até a borda, transbordando, água por toda parte, tiras, paramédicos, a senhoria, tudo enevoado.

O horror agudo, penetrante, crescendo devagar. O impensável a lhe invadir a mente.

— Ó, não! Matei o meu bebê!

— Senhora, preciso informá-la dos seus direitos. Tem o direito de permanecer calada...

Em pé, sustentada por braços fortes, as mãos presas atrás de si.

— Onde está o meu bebê?

— Tire-a daqui.

— Onde está o meu bebê?

— Seu bebê está morto, Sally. Venha.

A imagem mais rápida, surgindo apenas por um segundo: um pacotinho sobre a mesa da cozinha, paramédicos ao redor dele, coberto com um pano branco... Uma mãozinha cor-de-rosa aparecendo.

— Ó, não! Raquel! Matei meu bebê! Jonas!

A dor das algemas, os braços sendo retorcidos, ela ensopada, empurrada para fora da porta.

— Raquel!

— Venha, Sally, vamos embora!

AAAH! Sally acordou de um salto no quarto escuro, quase caindo da cama. Os quatro companheiros que a atormentavam sem parar cobriam-na por completo.

Para sempre, para sempre, dizia o Desespero, *você será condenada para sempre. Você é o que é e jamais conseguirá mudar isso*.

Loucura manifestou-se com vigor renovado: *Sabe, tudo está em sua própria mente distorcida. Você é uma mulher muito doente*!

Eu sempre a persigo, disse a Morte. *Tudo o que você toca, tudo o que você ama, simplesmente morrerá*.

E vão apanhá-la por isso! disse o Medo. *Todos os espíritos que você já traiu estão esperando para apanhá-la*!

Sally virou de lado e enterrou o rosto no travesseiro.

— Ó Deus, me ajude!

Ele não pode ajudá-la... Você o ofendeu, ele nunca a ouvirá... Você é nossa agora...

Sally olhou para a janela. A luz do dia ainda era visível por trás da cortina fechada. Olhou para o relógio ao lado da cama. Quatro da tarde. Deixou-se cair de costas e tentou se acalmar, fazer o coração voltar ao ritmo normal, respirar mais devagar.

Disse para si mesma: *Calma, garota, foi tudo um sonho, um pesadelo. Acalme-se*.

Seu coração ainda batia forte e seu rosto brilhava de suor. *Que beleza de soneca esta acabou sendo; sinto-me pior agora*.

Tentou analisar a experiência. Sim, o sonho fora como uma fita de vídeo; tudo acontecera daquele jeito. Não tinha tido uma lembrança tão nítida assim em anos. *Ó, Deus, o que foi que eu fiz, o que foi que eu fiz? Como pude permitir que isso acontecesse comigo, com a minha filha*?

Jonas, meu maravilhoso conselheiro e amigo, meu espírito guia, dono de uma sabedoria infinita!

Pensar naquele espírito deixou-a nauseada.

Eu confiei nele! Dei-lhe minha vida, meus pensamentos, meu espírito, minha mente, e agora... Agora descubro quanto ele era maléfico. Ou é.

Maléfico. Bem, aí está outro absoluto. Jonas é um espírito incrivelmente maléfico e ninguém vai me convencer do contrário.

O que acabava de ler? Rolou devagar na cama, plantou os pés no chão e foi até a janela. Abriu a cortina e teve de proteger os olhos da luz do dia que inundou o quarto. Ali, na mesa debaixo da janela, estava a Bíblia de Sara, ainda aberta no Evangelho de Marcos. Mal começara a ler quando se sentira sonolenta e resolvera deitar-se. Lera alguma coisa que lhe falara ao coração, mas para o que não dera maior atenção na hora.

Sentou-se à mesa e tornou a examinar a passagem. Ali estava, no primeiro capítulo: "Justo naquele momento, na sinagoga, um homem possesso de um espírito imundo gritou: 'O que queres conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus!' 'Cale-se e saia dele!', repreendeu-o Jesus. O espírito imundo sacudiu o homem violentamente e saiu dele gritando. Todos ficaram tão admirados que perguntavam uns aos outros: 'O que é isto? Um novo ensino e com autoridade! Até aos espíritos imundos ele dá ordens, e eles lhe obedecem!'"...

"Ao anoitecer, depois do pôr-do-sol, o povo levou a Jesus todos os doentes e endemoninhados. Toda a cidade se reuniu à porta da casa, e Jesus curou muitos que sofriam de várias doenças. Também expulsou muitos demônios; não permitia, porém, que estes falassem, porque sabiam quem ele era."

Demônios. São demônios. Sally acreditava no que lera. Nunca dera muito crédito à tal da Bíblia, desde o tempo em que frequentava a escola dominical. Naquele exato momento, no entanto, sentada no quarto, tendo acordado da lição mais clara que alguém poderia lhe dar, ela creu no que esse livro dizia a respeito dessas entidades espirituais. A coisa toda era uma impostura, um logro, uma trapaça. Essas coisas eram tão ruins quanto o mal em si.

Onde está aquele caderno? Preciso escrever para o Tom.

> Tom, você já sabe disso — aliás, é por esse motivo que se encontra em tanta dificuldade —, mas deixe que eu, que já estive do outro lado, lhe assegure de que você está certo. Amber Brandon realmente entrou em contato com um espírito guia e agora essa coisa lhe controla a vida, os pensamentos, o comportamento. Eu tinha Jonas, Amber tem Ametista e se eu não disse com suficiente clareza antes, deixe-me fazê-lo agora, porque agora sei com certeza: esses espíritos são maléficos; estão a fim de nos destruir. Veja o que Jonas fez comigo. Não o culpo por completo; pedi-lhe que entrasse em minha vida, entreguei-lhe minha

mente e meu corpo. Mas descobri tarde demais qual era sua verdadeira natureza.

O que dizer de Amber? Suponho que, para ela, tudo não passava de diversão e brincadeiras, no começo. Agora tenho quase certeza de que está envolvida em algo de que preferia se ver livre, mas não consegue escapar. Para falar a verdade, nem eu tenho certeza de que consegui escapar.

Mas se o evangelho de Marcos estiver certo, e esse seu Jesus tiver mesmo autoridade sobre os espíritos e puder livrar as pessoas de seu poder, então espero ter fé suficiente em seu salvador para obter-lhe ajuda.

E, Tom, quando estiver fazendo isso, por favor, diga uma palavrinha em meu favor.

Os espíritos do Destruidor morriam de rir ao saírem voando do tribunal.

A juíza se levantou, todos os presentes também e então ela saiu, deixando os advogados da acal se sentindo bastante arrogantes, enquanto a Wayne e Tom restava apenas ficar de boca aberta.

Corrigan estava tão chateado que mal conseguiu manter baixo o tom de voz enquanto resmungava com Tom:

— Vamos entrar com recurso, sem sombra de dúvida. Nunca vi uma violação da justiça mais evidente nem um desrespeito para com a ordem processual mais flagrante em toda a minha carreira!

Tom não sabia se alimentava esperança, se lutava, se desistia, se ia para casa, se morria ou o quê.

— Está certo. Se você acha que vai funcionar...

— Não sei se vai funcionar ou não, com tanta parcialidade nos tribunais hoje em dia, mas talvez tivéssemos mais sorte com outro juiz. Em última análise, isso não influencia a decisão de apelar. Eu seria tão negligente quanto a

juíza se não entrasse com recurso contra a decisão dela. Venha, vamos dar o fora daqui.

Do lado de fora da sala do tribunal, Wendell Ames se deliciava à luz dos holofotes e se mostrava todo solícito para com os microfones enquanto proferia uma declaração para a imprensa.

— Com certeza, nos sentimos satisfeitos por uma pessoa da estatura da juíza Fletcher reconhecer que crianças de tenra idade ainda precisam de proteção contra os que delas abusam, mesmo em um tribunal de justiça...

— Já chega — disse Corrigan. Com uma raiva súbita, pouco característica, ele forçou passagem até o meio do círculo de repórteres. — Senhoras e senhores, farei uma declaração assim que o senhor Ames completar a sua.

Isso atraiu a atenção de todos imediatamente. Estavam famintos. Inundaram-no de perguntas, muitas delas bem tendenciosas. Ele se livrou de todas as perguntas e deu o seu recado:

— Em primeiro lugar, corrigindo o senhor Ames, o fundamento deste caso é a liberdade religiosa garantida pela constituição e não o abuso de crianças. Nenhuma admissão de qualquer tipo de culpa foi feita. Tentem narrar direito a história quando a publicarem. Se dar palmadas em uma criança for abuso, então metade do país terá de ir para a cadeia agora mesmo!

— Em segundo lugar, visto que os advogados de acusação insistem o tempo todo em levar o caso ao julgamento da imprensa, deixem-me submeter os seguintes pontos à consideração de vocês: a) Tudo o que ouvi neste caso foi filtrado pela mãe de Amber e pelo doutor Mandanhi, o psicólogo infantil nomeado pelos advogados; insistimos em que temos o direito de confrontar aquela que nos acusa, ou seja, Amber, e simplesmente chegar à verdade; b) Não pretendemos ser duros com Amber nem maltratá-la de jeito nenhum. Aceitaremos restrições razoáveis e, para esse fim, trabalharemos com o juiz e com os advogados de acusação.

— Quanto a essa decisão da juíza Fletcher: ela é sem dúvida errônea e absolutamente contrária à lei, de modo que não temos outra escolha a não ser

apelar para o Tribunal de Recursos sem demora. Agora, por favor, tentem não modificar muito o que eu disse.

Em seguida, apesar de todas as perguntas que lhe faziam aos brados, Corrigan e Tom saíram às pressas pelo corredor rumo aos elevadores.

Em Baskon, a pequena Amber Brandon agia de maneira impulsiva, rindo muito quando desceu do ônibus escolar. Provocara tanta confusão lá dentro que por pouco a motorista não escreveu um bilhete de advertência para que ela entregasse à mãe. Contudo, o local em que ela desceria chegou primeiro, de modo que a motorista se deu por satisfeita fazendo apenas com que Amber e seus colegas saltassem do ônibus.

Os colegas estavam acostumados a ver Amber no papel de pônei. Alguns até tinham aderido à brincadeira. Mas naquele dia, Ametista não era um pônei divertido com que brincar. Ela empurrava os amigos, provocava-os, roubava-lhes os livros e os jogava longe, pulava, empinava, dava cambalhotas e caçoava deles.

Todos os amigos de Amber foram para casa muito zangados, jurando nunca mais brincar com ela.

Ametista, no entanto, limitou-se a continuar a rir e a empinar, sem dar bola para o que diziam.

Era definitivamente hora de reunir a equipe toda. Aquela noite, Mark e Cathy abriram a igreja e o grupo se reuniu — os Howard, Ben e Bev Cole, Marshall e Kate Hogan, Tom Harris e Wayne Corrigan — além dos presbíteros Don Heely, Vic Savan, Jack e Doug Parmenter e respectivas esposas. A coisa estava feia. Deus se movia no coração deles e todos podiam sentir a ameaça que vinha de fora. Chegara a hora de levar a obra do Senhor a sério.

Sentaram-se em um círculo fechado nos bancos mesmo. Houve quem trouxesse cadeiras da frente do templo, prontos para comparar notas, dar sua opinião, orar.

— Achei que deveríamos nos reunir aqui esta noite — disse Mark. — Este parece ser o centro da atenção de Satanás no momento, o centro de seus ataques. Precisamos orar pedindo uma barreira em volta deste lugar.

— Vamos sair ao encontro do inimigo! — exclamou Ben.

— Já está mais do que na hora de fazermos isso! — Jack se empolgou.

Mark sorriu, encorajado.

— Quero lhes dizer que a batalha está ficando pesada lá fora!

— E então, como foi seu depoimento da semana passada? — Doug Parmenter quis saber.

Mark suspirou; Corrigan revirou os olhos. No fim, o próprio Mark respondeu:

— Ames e Jefferson estão armando algum tipo de cilada, é evidente. Foram tão bondosos e contudo...

Corrigan completou o pensamento:

— Tentavam arrancar de Mark qualquer coisa que talvez servisse para usar contra ele, jogando verde para colher maduro e fazê-lo cair. — Olhou para o companheiro. — No entanto, acho que o senhor se saiu bem, pastor. Estava tinindo de limpo no final e eles não gostaram nem um pouco disso.

— Bem, o Senhor seja louvado por isso. "Quem anda com integridade anda com segurança."

— É isso aí — concordou Bev.

Mark voltou-se para Corrigan outra vez.

— Wayne, já que começamos a tratar do assunto, por que não nos diz quais os próximos passos de um processo legal?

Corrigan parecia um pouco cansado e deprimido.

— Bem, com certeza Tom e a senhora Fields estão convocados para depor nas próximas semanas. Mas, enquanto isso, vamos apelar contra a decisão de hoje junto ao Tribunal de Recursos e depois teremos de esperar para ver o que acontece. Podemos não ganhar ali também, mas pelo menos isso nos dará um pouco mais de tempo. Vejam bem, este é apenas um pequeno detalhe, no total

da ação, uma pequena escaramuça em uma guerra longa e custosa. — Olhou para Marshall. — Temos de esperar que alguma outra coisa surja neste caso. Parece que estamos tão perto!

— Que tal aquele currículo? — perguntou Kate. — Estou convencida agora de que o sistema escolar não nos permitirá vê-lo sem um pouco de pressão legal de verdade. Eles estão querendo ganhar tempo.

Corrigan assentiu com a cabeça.

— Eu não ficaria surpreso se eles acalentassem a esperança de sobreviver ao sistema judiciário e esconder o currículo até já estarmos no tribunal. Bem, com a decisão de hoje e o processo de apelo começando, será difícil para eles fazer isso. Vou emitir uma intimação para a apresentação do currículo amanhã.

— Quanto à possibilidade de surgir alguma outra coisa — disse Marshall —, acho que tivemos uma pequena, ou minúscula, ou menos que isso ainda, amostra do que nos espera. Refiro-me à maldição colocada na igreja hoje de manhã.

Bob Heely perguntou:

— Vocês deram parte do ocorrido na polícia?

Ben replicou:

— Você está brincando? Tenho certeza quase absoluta de que Mulligan está metido nisso! Aquelas pernas vieram da cabra de Sally Roe e vocês sabem como Mulligan tem tentado encobrir a tentativa de assassiná-la. Ele deve estar participando dessa maldição também, ou pelo menos, está ajudando seja lá quem for que fez isso.

Jack Parmenter precisou perguntar: — Tem certeza quanto a isso?

Marshall interveio:

— Ainda não. Mas o que estou querendo dizer é que agora temos prova concreta de que existe alguma feitiçaria ou satanismo por aqui, alguma forma de ocultismo organizada, embora pesada, como um bando de bruxos, uma sociedade secreta, seja lá o que for. E isso significa que existem pessoas — e me refiro às de aparência normal, gente do dia a dia de quem jamais se suspeitaria

— que pertencem a esse grupo. Em uma cidade deste tamanho, elas podem exercer muita influência e intimidar uma porção de gente. Mulligan e Parnell, o legista, devem estar sob o controle deles, ou talvez pertençam eles mesmos ao grupo.

— Mas não deixem de notar uma coisa: seja lá quem forem essas pessoas, indicaram claramente que esta igreja e Sally Roe têm algo em comum. Somos seus inimigos, por isso querem nos causar danos. Mataram a cabra de Sally e drenaram o sangue, provavelmente para usar em alguma cerimônia. Ora, esse é um ponto de contato para elas, algo que pertenceu à pessoa que desejam amaldiçoar. Tiraram as pernas e deixaram as dianteiras aqui na igreja. Isso nos inclui na maldição lançada contra Sally Roe. Imagino que as traseiras continuam em poder dos bruxos, em algum lugar, como ponto de contato ao lado deles.

— Por que as pernas? — Corrigan perguntou.

Marshall deu asas à imaginação para responder:

— Não se chega muito longe sem elas e, no momento, este é sem dúvida o objetivo de Sally.

— Então de novo temos de volta suas toupeiras, Marshall! Quiseram colocar Sally Roe e a nós debaixo da mesma maldição; portanto, ainda que não consigamos ver essa maldição, existe um vínculo: Sally Roe tem algo a ver com a nossa situação, com este caso, e eles sabem disso.

— Você acertou em cheio.

Corrigan fechou os punhos e ergueu os olhos para os céus em um gesto de dissimulada dramaticidade.

— Ah, se ao menos eu pudesse provar tudo isso! Se ao menos soubesse quem são essas pessoas esquisitas!

— Não sei você, mas eu tenho alguns suspeitos — declarou Marshall. — Seria bom dar uma segunda olhada, com mais cuidado agora, no sargento Mulligan e em Joey Parnell. Eles têm estado próximos a toda essa história

envolvendo Sally Roe, e sabemos que Parnell anda pra lá de apavorado no momento.

Ben foi mais direto.

— Parnell está envolvido, sem dúvida.

— Eu incluiria também Irene Bledsoe, a mulher do DPC, na relação de suspeitos. Ela vem cooperando muito com o grupo Brandon/acal, ao mesmo tempo em que se mostra tudo, menos objetiva.

— Ora, puxa vida, espero que não! — exclamou Tom.

— Como estão os meninos?

— Vi-os na sexta-feira. Estão se aguentando. O lar temporário parece bem duro, mas pelo menos não estão sob os cuidados diários de Bledsoe. Uma bruxa cuidando dos meus filhos, era só o que faltava!

— Poderia haver ainda mais outro suspeito — disse Mark. Todos se voltaram para ouvir quem seria, porém ele permaneceu calado, pensativo, trocando um olhar com Cathy. — Como sabemos que um desses bruxos, ou satanistas, ou seja lá o que forem, não veio parar aqui dentro desta igreja? Temos tido dificuldades até não mais poder e eu nunca vi tanta divisão como agora, em todo o tempo que sou pastor aqui.

Cathy acrescentou:

— Sinto que temos algum tipo de veneno operando diretamente em nosso meio, sem dúvida.

— Isso acontece — explicou Marshall. — Eles se infiltram realmente nas igrejas; conhecem todo o linguajar cristão, conhecem a Bíblia, fazem um sério esforço de se fazer passar por cristãos e perturbar as coisas no lado de dentro.

Tais palavras fez que todos se sobressaltassem. De repente, pegaram-se olhando uns para os outros, como suspeitos em um filme de mistério. Foi uma sensação arrepiante.

Jack perguntou a Mark e Cathy:

— Alguma ideia de quem seja?

Como Mark sacudisse a cabeça, Cathy respondeu:

— Não... Mas ouçam: temos uma toupeira demoníaca nesta igreja. Sinto que o Senhor está me fazendo ver isso.

Marshall assentiu com a cabeça.

— É uma possibilidade muito concreta.

Ponderaram o assunto mais alguns instantes até que, sem dizer nada, Marshall escorregou da cadeira e ajoelhou-se ali mesmo. Os outros o imitaram. Foi espontâneo. Sabiam o que deviam fazer.

— Ó, Senhor Deus, tem misericórdia — orou Mark. — Perdoa-nos naquilo em que pecamos. Dá-nos sabedoria para saber o que estamos fazendo de errado e a capacidade de nos arrependermos desse erro. Tem misericórdia de nós, Senhor Deus, e restaura-nos.

Sua oração continuou e os demais o acompanharam. Lágrimas começaram a rolar, um choro incontido diante do Senhor.

— Senhor — pediu Ben —, ajuda-nos a discernir essa coisa toda. Protege-nos dos nossos inimigos e dá-nos a vitória por aquilo que é certo.

— Pedimos por todas as crianças — disse Cathy. — Esta batalha é delas também, talvez até mais do que nossa. Satanás quer os nossos filhos, mas não podemos permitir que ele os tenha.

Mark declarou:

— Oramos agora para que uma barreira de guerreiros angelicais circunde este lugar e o guardem. Cerca o teu povo, Senhor, e protege-nos de quaisquer maldições que nos tenham sido lançadas. Imploramos o sangue derramado de Jesus sobre nós, nosso ministério, nossos filhos, a escola...

— Protege Ruth e Josiah — orou Tom. — Ó Deus, por favor, protege os meus filhos.

— Dá-nos uma resposta, Senhor — suplicou Marshall. — Temos palpites e teorias suficientes para encher um depósito, mas precisamos de uma resposta, algo sólido, algo positivo, e depressa. Por favor, atravessa as muralhas que o inimigo ergueu; atravessa, Senhor Deus, e traz-nos uma resposta.

— E, Senhor — pediu Jack —, se houver um espião em nossa igreja, uma toupeira demoníaca, amarramos essa pessoa neste instante, atamos os demônios associados a ele ou ela e lhe suplicamos, Senhor, que essa pessoa seja exposta.

Do lado de fora da Igreja, Natã e Armoth armavam uma barreira, um regimento dos melhores guerreiros que havia para a tarefa, todos de pé, ombro a ombro, em torno da propriedade da igreja, espadas em riste, alertas, prontos para a briga.

Tal estava satisfeito com aquele tantinho de progresso.

— Isso deverá fazer que as coisas não se desmoronem por algum tempo. Agora é tratar de expor aquela toupeira!

— Parece que estaremos preparados — comentou Natã, pensando nas orações das pessoas no templo.

— Claro que sim — disse Tal. — E quanta bondade da parte do Destruidor ter ficado tão afoito. Ele expôs a brecha de que precisávamos!

33

Era manhã de terça-feira e o *Clarim de Ashton* estava nas bancas, nas mercearias, nas varandas da frente por toda a cidade. Antigamente, isso significaria uma situação mais calma na redação do jornal; que Cheryl, a repórter novata, podia relaxar e pôr em dia as propagandas dos clientes; que Tom, o encarregado do *paste-up*, podia ir pescar ou trabalhar em casa no seu quintal; que George, o tipógrafo, podia dormir até mais tarde.

Pois nessa terça-feira as coisas estavam um pouco diferentes. O editor durão e exigente do *Clarim* se desincumbia de uma missão — cuja natureza ele nunca chegou a explicar muito bem. Mas isso não significava que haveria algum tipo de férias. Na realidade, por Marshall ser tão trabalhador, significava que havia mais serviço do que antes, e Bernice Krueger, agora ocupando o lugar dele, sabia ser tão dura, exigente e eficiente quando o patrão.

Por isso, a terça-feira seguia em ritmo animado, todos presentes, trabalhando duro. Bernice nunca parecia ficar em uma sala ou cadeira por mais do que 2 minutos de cada vez. Com papéis, galeras ou uma xícara de café na mão, corria constantemente à frente a fim de verificar a história de revisão do trânsito que Cheryl tentava arrancar da turma responsável pela construção de estradas no município, depois dirigindo-se aos fundos com mais matéria para George tipografar, depois correndo ao escritório fechado a vidro de Marshall para atender telefonemas, depois correndo à recepção a fim de atender um cliente porque Cheryl estava ocupada anotando um anúncio pelo telefone.

Eu vou *visitar Betty Smith*, Bernice ficava se dizendo o tempo todo. *Haja o que houver, na hora do almoço, ou durante o cafezinho, ou em algum outro momento, vou sentar e conversar com ela; ela deve pensar que sou tão sem educação, convidando-a para vir aqui só para ignorá-la*!

Até então, no entanto, "Betty Smith" não se sentia nem um pouco negligenciada ou humilhada. Sentada na sala do teletipo, assistia às notícias chegarem ruidosamente pelos fios telegráficos. Na última meia hora, essa atividade havia sido interessante — nos últimos minutos, absorvente. Tinha agora uma notícia especial nas mãos e devorava as novidades.

"WESTHAVEN — A juíza federal regional Emily R. Fletcher decidiu hoje que uma criança de 10 anos, principal testemunha no tão comentado caso de abuso infantil da Academia Bom Pastor, não será obrigada a depor nem a ser examinada por psicólogos da defesa, concordando com os advogados de acusação em que maiores questionamentos e exames suplementares poderiam ser prejudiciais à criança.

"Citando avaliações periciais apresentadas pelo psicólogo dr. Alan Mandanhi, a juíza Fletcher concluiu que o estado mental da criança encontra-se em situação muito delicada e vulnerável devido aos supostos abusos, e que forçá-la a narrar outra vez os mesmos fatos provocariam danos ainda maiores.

"'Estamos aqui para falar pelas crianças,' disse ela, 'e protegê-las de abuso. Não se justifica submetê-las a maiores abusos no esforço de preveni-los.'"

Vários jornais diários de todo o país estavam dispostos em cima da mesa para o exame de Bernice assim que ela tivesse a oportunidade. Sally apanhou o de cima na pilha, um importante periódico da costa oeste. Não encontrou nada acerca do caso na primeira página, mas a segunda trazia a história, acompanhada de uma foto nada lisonjeira tirada de Tom Harris e seu advogado no tribunal. A descrição abaixo da foto identificava-os como "o acusado de maltratar crianças Tom Harris e seu advogado Wayne Corrigan".

Eram só más as notícias para a Academia Bom Pastor.

Encontrou um editorial no segundo jornal. A acal não poderia tê-lo escrito melhor.

"Este será um caso que estabelecerá precedentes, interpretando o Decreto Federal de Assistência a Creches e Escolas Primárias Particulares, e definindo se o Estado tem condições para derrubar o muro de separação a fim de proteger crianças inocentes de danos causados em nome da liberdade religiosa.

"A liberdade religiosa faz parte da nossa herança, mas não significa liberdade para abusar. É nossa esperança que esse caso estabeleça de uma vez por todas um mandato obrigatório legal e social de que a prática religiosa, embora livre, não deve jamais infringir as leis do Estado, mas sim estar sujeita ao Estado para o bem de todos."

Parecia tão virtuoso, tão americano, tão correto! No entanto, o autor nunca se encontrara com Amber Brandon. Nenhum jornalista do país jamais olhara dentro daqueles olhos demoníacos, nem ouvira aquela voz zombeteira, acusadora. Nunca tinham sido vítimas da ira e ruína que os antigos associados de Sally eram capazes de espalhar. Ao contrário, era como se, na hora certa, estivessem escrevendo, reportando, selecionando e interpretando as mesmas ideias e opiniões, como se o mesmo instrutor houvesse ensinado a todos.

Não posso ficar aqui, pensou Sally. *Tenho de seguir em frente. Terminar o que comecei*.

— Ei, Betty! — Era Bernice, parada à porta parecendo um tanto cansada. — Desculpe essa loucura que está vendo aqui, mas acho que pus as coisas em

dia por enquanto. Arranjou alguma coisa para fazer?

Sally colocou o jornal em cima da mesa.

— Ó, fiquei lendo e observando tudo o que vinha pelo telégrafo. É interessante.

Bernice percebeu logo que alguma coisa a incomodava.

— Como você está?

Sally esquivou-se de responder.

— Acho que tem um ônibus que parte dentro de uma hora. Preciso tomá-lo.

— Já vai embora?

— Será que... Tudo bem se eu ficar com seu endereço e número de telefone? Gostaria de poder entrar em contato, mais tarde.

— Claro que sim. — Bernice escreveu-os em um pedaço de papel.

— Ó, e o endereço do *Clarim* também?

Bernice escreveu de novo no papel que lhe entregou. Em seguida, concentrou-se por um momento nos olhos de Sally.

— Alguma outra coisa que eu possa fazer?

Sally pensou um instante, com um sorriso tímido no rosto.

— Bem... Você poderia orar por mim. Nunca se sabe, talvez funcione.

Lá da frente, Cheryl chamou:

— Bernice, é a oficina do Jake no telefone...

— Ligo para eles depois.

— Ele terá de sair dentro de dez minutos. Quer conversar com você agora.

Frustrada, Bernice olhou para Sally como quem pede desculpas e disse:

— Olhe, depois dessa ligação, nós duas vamos simplesmente cair fora daqui. Levarei você para almoçar, está bem?

Sally sorriu. E só.

— Hum... Tem um correio por aqui?

— Claro, a dois quarteirões subindo a rua, do lado direito. Fica no caminho da rodoviária. Posso deixá-la por ali.

— Ótimo.

— Só um segundo, está bem?

Bernice correu para o escritório de Marshall e atendeu ao telefonema da oficina. Jake tinha o hábito de falar e falar repetidas vezes a respeito da mesma coisa, como se não tivessem mais nada para fazer ele e quem quer que estivesse do outro lado da linha.

— Está bem, claro, mudaremos o anúncio na edição de domingo, está certo? — E voltou ao início da conversa outra vez.

Bernice movia os lábios acompanhando as palavras.

— Não, escute, você já me disse isso. Esse problema nós resolveremos na sexta-feira. — Ele se pôs a falar com voz mais esganiçada. — Esse número já saiu, é coisa do passado, não podemos mudá-lo agora. — Deu com o punho no tampo da escrivaninha. Que sujeito impossível! — Está certo. Ouça, Jake, você conhece os nossos prazos tão bem quanto qualquer um; não me venha com essa! Receberá as alterações na sexta. Sim, garantido. Ei, você não disse pra Cheryl que precisava sair em dez minutos? Está atrasado. Até logo.

Ela desligou e saiu às pressas do escritório, agarrando o casaco no caminho.

— Muito bem, Betty, vamos dar o fora! Betty?

Entrou na sala do teletipo. Betty se fora. Saiu para o corredor.

— Cheryl?

— Oi.

— Onde está a Betty?

— Ela saiu.

Aquilo doeu. A primeira pergunta de Bernice a si mesma foi: *O que eu fiz de errado? Aliás, o que foi que eu* não *fiz de errado! Pobre mulher. Não a culpo. Não devia tê-la convidado para vir a este hospício*!

Saiu apressada para a rua, porém não avistou Betty Smith em parte alguma. Sua ideia inicial foi correr atrás dela, ou pegar o carro e tentar encontrá-la, mas depois a ideia se esvaiu, dando lugar a algo mais prático. *Provavelmente é assim*

que ela quer que seja. É seu jeito de ser, coitadinha. Que seja. Talvez ela escreva ou telefone um dia desses.

Talvez. Bernice sentia-se péssima.

Voltou para dentro.

Tom saiu da sala dos fundos.

— Escute, o que me diz daquele anúncio do Jake? Cheryl disse que você conversou com ele.

— Estamos mudando a edição. Cheryl tem o novo anúncio, por isso diga ao George para fazer a composição imediatamente.

— Está bem. Mas e o concurso de latas de alumínio? Tem certeza de que o quer na página 3?

Bernice continuou percorrendo o corredor, a mente ocupada.

— Primeiro mude o anúncio do Jake, depois eu dou uma olhada na página três.

— Bem, eu preciso saber...

— Só estou pedindo um segundo, pode ser?

Tom girou nos calcanhares e dirigiu-se aos fundos outra vez. Bernice entrou rápido na sala do teletipo, consciente de que devia a Tom um pedido de desculpas. Deixou-se cair na cadeira em que Betty Smith se sentara e tirou aquele momento para orar. *Senhor, eu podia ter me saído melhor. Poderia ter lhe dado mais do meu tempo. Devia ter me esforçado mais para lhe falar sobre o Senhor... Droga! Isso tudo terminou de um jeito tão desagradável!*

Seu olhar recaiu sobre a cópia do teletipo em cima da mesa. Era uma notícia de Westhaven...

Westhaven? Passou a mão na cópia do teletipo e examinou-a. Sim. Era a última notícia sobre o caso da Academia Bom Pastor em Baskon!

Triskal, o guerreiro, ocupava a sala do teletipo com ela, observando apenas. Tinha ordens a cumprir e chegara o momento certo. Por isso tocou-lhe delicadamente os olhos.

Muito bem, Bernice. Está na hora de você ver.

Bernice viu o jornal aberto no editorial. Depois, o editorial em si. Academia Bom Pastor. Baskon.

Betty estivera lendo sobre o caso! Por isso ficara tão perturbada, tão calada? Uma mulher viajando sozinha, evasiva...

Foi como se uma facada lhe atravessasse o coração. Marshall não dissera alguma coisa sobre uma mulher que estavam tentando encontrar?

De repente ela explodiu de dentro da sala e correu para o escritório de Marshall.

Bev Cole desligou o aspirador e atendeu ao telefone.

— Alô?

Bernice estava frenética.

— É da residência dos Cole?

— É, sim.

— Marshall Hogan está? Aqui quem fala é a assistente dele no *Clarim de Ashton*, Bernice Krueger.

— Ó, ele não está no momento; posso lhe pedir que ligue para você.

— Bem, com quem estou falando?

— Meu nome é Bev Cole.

— Você sabe alguma coisa a respeito do caso da Academia Bom Pastor?

— Nossa, e como sei!

— E sobre a mulher desaparecida? Sabe alguma coisa a respeito dela?

— Ó, refere-se a Sally Roe?

Bernice reconheceu o nome.

— Sim! Ela mesma! Sabe que cara tem?

Bev hesitou um pouco nessa pergunta.

— Bem... Nunca a vimos em pessoa. Só o que temos é um pacote de fotos da polícia e dos jornais, e não são muito boas...

— Ela tem cabelo comprido, preto?

— Não, acho que é ruiva.

— E a idade?

— Acho que deve estar perto dos trinta e seis anos agora.

— Pode me mandar uma dessas fotos?

— Quer que eu as coloque no correio para você?

— Pode ser pelo fax? Preciso delas neste exato momento.

Bev ficou agitada.

— Bem, a única máquina de fax da cidade fica lá no serviço de secretaria da Judy, e Ben saiu com o carro.

Bernice deu a Bev o número do fax do *Clarim*.

— Mande-as para mim imediatamente, assim que possível, está bem? Mande-me tudo o que tiver sobre ela. E peça para Marshall ligar para mim.

— Ei, o que está acontecendo por aí?

— Preciso desligar. Por favor, dê um jeito de me mandar a tal foto!

— Está bem, vou dar.

Bernice desligou e correu até o escritório da frente.

— Cheryl, pegue suas chaves! Temos de encontrar Betty!

Cheryl levantou-se apenas, ainda sem saber o que acontecia.

— O que...

Bernice pegou a bolsa e enfiou a mão nela, procurando suas chaves também.

— Vá para a rodoviária e veja se a encontra. Vou dar uma olhada no correio. Se a encontrar, impeça-a de ir embora e ligue para o meu bipe.

Cheryl se levantou e pegou o casaco. Não fazia ideia do motivo de tudo aquilo, mas Bernice parecia tão desesperada que só podia ser importante.

Lucy Brandon destravou a porta da frente e recuou, a fim de se certificar de que Amber entraria.

— Vamos, Amber. — Nada aconteceu. — Ametista, entre e trate de ficar quietinha.

Ametista obedeceu, movendo-se um tanto rígida, o rosto amuado. Encaminhou-se para a escada junto à entrada e sentou-se no primeiro degrau, o queixo nas mãos. A seguir, ficou olhando furiosa para a mãe de Amber enquanto Lucy fechava a porta e pendurava o casaco.

— Como se atreve a me trazer para casa! — disse ela afinal, em voz baixa, agitada.

Lucy se sentia zangada o suficiente a essa altura para confrontar a criatura:

— Tive de fazê-lo e você sabe disso! A senhorita Brewer se recusou a permitir que você continuasse na sala de aula.

Ametista arreganhou os dentes de Amber em um rosnado animalesco.

— Ela não sabe o que quer! Primeiro sou convidada, depois, rejeitada! A senhorita Brewer é uma tola, uma traidora!

Lucy inclinou-se o bastante sobre Ametista e falou-lhe, olhando-a bem dentro dos olhos:

— E você é um diabrete sujo, destrutivo e desrespeitoso!

Ametista rosnou para ela. Lucy esbofeteou-lhe sonoramente o rosto.

— Não rosne para mim, seu monstrinho!

No entanto, Ametista caiu em uma gargalhada diabólica.

— Por que está esbofeteando sua *filha*?

Lucy murchou um pouco. Não sabia o que fazer.

— Quero que saia da minha filha. Quero que a deixe em paz!

Ametista sorriu com insolência.

— Sua filha é minha. Ela me convidou para entrar e agora eu a tenho. Ela é minha. — Então apontou o dedo bem no rosto de Lucy. — E você também é minha. Fará o que eu mandar!

Lucy experimentou uma raiva tremenda. Chegou a levantar a mão, mas se deteve.

Ametista escarneceu dela.

— Vamos, dê-lhe outro bofetão.

— Não! Você não vai fazer isso conosco! — Lucy então chamou: — Amber! Amber, acorde! Amber, responda-me!

— Ela não a pode ouvir.

Uma fórmula, uma tradição do passado, veio à mente de Lucy naquele instante.

— Em nome de Jesus Cristo, eu lhe ordeno que saia dela!

Ametista ergueu as sobrancelhas, fingindo horror.

— Ah, agora você profere esse nome a torto e a direito! Ah! O que é Jesus para você?

Lucy não saberia por que, mas agarrou o corpo de Amber. Foi um ato impensado, desesperado. Tentava encontrar a filha nalguma parte daquele corpinho.

— Amber!

plaft! Lucy tropeçou para trás, a mão no rosto, atordoada. Como um animal selvagem escapando da jaula, Ametista disparou da entrada. O sangue pingava do nariz de Lucy, que enfiou a mão no bolso, à procura de um lenço, enquanto corria em volta do canto rumo à sala de jantar. Bateu de encontro à mesa, recuperou-se, passou pelo umbral da porta da cozinha. Ouvia talheres retinindo à sua direita: Ametista abrira a gaveta das facas. Amber segurava uma delas contra a própria garganta.

— Pare ou eu...

Mas aquela ali era a mãe de Amber, enlouquecida pela raiva e pelo instinto maternal. Lucy apertou o braço que segurava a faca e deu-lhe um safanão com tanta força que todo o corpo de Amber se ergueu do chão enquanto Ametista berrava. Lucy foi de encontro ao balcão atrás de si, machucando a coluna. A mão não soltava a faca.

A gaveta abriu-se com força; facões, facas serrilhadas, utensílios, tudo isso voou pela cozinha e foi bater com estrépito nas portas do armário oposto.

Ametista rosnava, xingava, cuspia no rosto de Lucy. Sua força era incrível.

Lucy conseguiu fazê-la soltar a faca, que caiu, ficou parada no meio do ar, girou, e dirigiu-se de ponta a Lucy.

— Aauu, Mãezinha! — veio a voz de Amber.

Lucy rodopiou, desviando-se, quando a faca passou por ela e foi enterrar-se no tapete da sala de jantar. Ela caiu ao chão com Amber ainda nos braços.

Amber soltou um berro longo, angustiado de terror.

— Mãezinha... Mãezinha!

Lucy apertou-a contra si. O sangue ainda pingava de seu nariz. Por isso, naquele momento, ela o limpou com a mão.

— Mãezinha...

Eu a amo, Amber. — Lucy chorou de dor e medo. — Estou bem aqui, do seu lado, meu bem. Você está comigo.

— Mãezinha, por que faço coisas más?

— Não é você, querida. Não é você.

— Não sei por que sou má!

Lucy segurou-a com força. Por enquanto, tinha a filha de volta e isso bastava.

— Psssiuu. Não foi você. Não foi você.

Bernice e Cheryl voltaram para o escritório duas horas mais tarde de mãos abanando, apesar dos esforços frenéticos. Bernice fora até o correio, porém a funcionária de plantão nada sabia a respeito de nenhuma mulher estranha que tivesse passado por ali. Outra funcionária podia tê-la visto, mas ela saíra para almoçar. Por sua vez, Cheryl deu uma busca na rodoviária e até esperou para ver se a misteriosa Beth Smith aparecia, mas nem sinal dela. Houve, contudo, um ônibus com destino ao leste e que partira momentos antes de Cheryl chegar. As duas moças percorreram as ruas que ficavam entre o *Clarim* e a rodoviária para cima e para baixo, porém Betty Smith/Sally Roe desaparecera.

Assim que Bernice pôs os pés na redação, Tom e George caíram em cima dela com uma porção de perguntas.

Enquanto pendurava o casaco, Bernice deu as instruções:

— Cole, publique o anúncio de Jake na página 4 e arraste um pouco para o lado o quadro do seguro; tire os anúncios pessoais e passe-os para o lado dos classificados. Coloque em 12 pontos no lugar de 16 aquela notificação, e troque "uiva" por "late". Faremos um trocadilho com isso.

— Sim — disse George —, foi o que também pensei.

Por ora, todos se deram por satisfeitos. Bernice conferiu a máquina de fax, aninhada contra a parede do escritório da frente, próxima à xerocadora. Tinham recebido um fax — a longa bobina de papel caía fora da máquina e se contorcia em diversas dobras sobre si mesma no chão. Ela a rasgou com cuidado e afinal localizou a primeira página.

Cheryl juntara-se a ela para ver também. Lá estava, olhar vazio acima do número de identidade em uma foto policial, Betty Smith, vulgo Sally Beth Roe.

— É melhor eu ligar para Marshall — disse Bernice, a voz bem fraca. — Ele vai me amar por causa disso.

— E quanto a Sara Barker? — quis saber Cheryl. — Sally Roe se hospedou na pensão dela. Talvez saiba alguma coisa sobre os planos de Sally.

— Telefone para ela.

Bernice entrou em contato com a residência dos Cole em Baskon. Dessa vez, Ben estava lá.

— Você recebeu o fax? — perguntou ele.

— Sim, muito obrigada, e agradeça a Bev também. Preciso falar com Marshall.

— Ele continua fora, ainda à caça de informação.

— Pois eu tenho uma informação para ele. Faça que me ligue, está bem? Ou no *Clarim*, ou na minha casa.

Na escola de primeiro grau, o sr. Woodard era todo sorrisos e amabilidades ao entregar o currículo *Descobrindo o verdadeiro eu* por cima do balcão do escritório a Kate Hogan.

— Aqui está. Na verdade, a intimação era desnecessária. Sei que o teríamos encontrado mais cedo ou mais tarde.

— Bem, nunca é demais cutucar um pouco a memória das pessoas — respondeu Kate. — Muito obrigada.

Ela se dirigiu apressada para o carro, a pasta grossa debaixo do braço. Era quase impossível acreditar que realmente estava de posse daquele documento. Agora a questão era outra: será que ele responderia alguma pergunta? Será que confirmaria algum palpite?

Assim que entrou no carro, ela abriu o currículo na primeira página. A editora: Centro Ômega para Estudos Educacionais, Fairwood, Massachusetts. O título: *Descobrindo o verdadeiro eu: estudos sobre autoestima e realização pessoal para alunos da quarta série*. As autoras: Dee Danworth e Marian Newman.

Kate leu cada palavra da página de rosto e deu uma olhada rápida nas páginas introdutórias em busca de alguma pista, qualquer coisa que se relacionasse com Sally Roe. Até ali, nada.

Bom... Se existisse o que procurava em algum lugar, com certeza o encontraria. Deu partida no carro e voltou para a casa dos Cole.

Quando Bernice ligou para Hank Busche, as lágrimas quase já lhe escorriam pelo rosto.

— Ela esteve bem aqui, Hank, bem debaixo do meu nariz, e eu não percebi; nem me ocorreu! A vida dela corre perigo e nós podíamos tê-la ajudado, mas a deixei escapar!

Hank ficou igualmente chocado e consternado.

— É incrível. Eu conversei com ela quando estive na casa dos Barker. Senti até um toque do Senhor na ocasião. Simplesmente eu sabia que ela estava aqui com uma necessidade real.

— Temos de orar para que a encontremos, para que me escreva, ligue ou sei lá o *quê*!

— Vou dar uns telefonemas. Faremos as coisas acontecerem.

Triskal e Krioni flutuavam bem acima da cidade de Ashton, agitando as asas com ímpeto, derramando riscos ondulantes e faiscantes de luz. As orações começavam por toda a cidade e o Espírito de Deus despertava ainda mais.

— Agora sim — disse Krioni. — Isso deverá fazer diferença em Baskon!

— Só esperamos que não seja tarde demais! — comentou Triskal.

Em toda Ashton, com um único propósito, os santos se ajoelhavam onde quer que se encontrassem — ao lado de camas, junto de sofás e cadeiras em salas de estar, perto de um calhambeque no interior de uma garagem, próximos ao televisor que fora desligado naquele momento importante, junto a pias cheias de pratos de molho na água, aguardando quem os lavasse. Alguns visitaram amigos e juntos buscaram o Senhor; as crianças em idade escolar fizeram uma pausa em suas lições de casa para dar uma palavrinha ao Senhor; avós e parentes por todo o país uniram-se via telefone em oração.

Oraram por essa mulher, essa desconhecida estranha, misteriosa e atormentada chamada Sally Roe. Oraram por sua segurança e para que encontrasse fosse o que fosse que procurava. Acima de tudo, oraram para que se voltasse para Deus e encontrasse Jesus Cristo.

Oraram por um lugar do qual nunca tinham ouvido falar antes: Baskon. Clamaram ao Senhor em favor dos crentes de lá e pediram um vitória real naquela hora de perseguição e luta. Amarraram os espíritos demoníacos em nome de Jesus e sob sua autoridade, proibindo-os de fomentar mais discórdias entre aquela gente.

Bernice deixou de jantar para fazer um jejum aquela noite. Passou o tempo todo sentada no sofá de seu apartamento, orando e esperando que o telefone tocasse. Afinal, por volta das 7 horas, ele tocou.

— Alô?

— Bernie, aqui é Marshall.

— Marshall! — De repente ela engasgou.

— Alô?

De supetão, ela anunciou:

— Marshall, ela esteve aqui!

Na mesma hora ele adivinhou de quem se tratava, mas não quis acreditar.

— Refere-se a Sally Roe?

— Ela esteve aqui, Marshall, bem aqui em Ashton!

— E agora, onde ela está?

Bernice se encolheu no sofá, profundamente deprimida.

— Não sei. Eu não sabia quem era até ela deixar a cidade de ônibus. Estava hospedada na casa de Sara Barker...

Bernice contou a Marshall tudo o que sabia: como conhecera Sally Roe na igreja, almoçado com ela e tentado conversar com ela no *Clarim*. Também como estivera ocupada demais para lhe dar atenção.

Marshall devia ser o homem mais frustrado do mundo naquele momento. Bernice podia ouvi-lo tentando disfarçar, tentando manter a calma e a educação.

— Precisamos encontrá-la, Bernie.

— Eu sei.

— Ela disse alguma coisa sobre a ação?

— Ela a está acompanhando, Marshall. Ficou lendo uma cópia do teletipo que chegou hoje e algumas notícias de jornais sobre o assunto. Pareceu-me bastante perturbada com os últimos acontecimentos.

Marshall ficou em silêncio outra vez. Bernice quase o via mastigando a lista telefônica.

— Bem... Ela falava coisa com coisa?

— Muito. Falava com coerência, inteligência, uma mulher eloquente. E acho que muito faminta em termos espirituais. Conversamos sobre Jesus e a cruz durante o almoço no domingo. Ela não pareceu aceitar, mas

compreendeu. — Em seguida, acrescentou: — No entanto, foi muito evasiva acerca de si mesma. Reservada. Não quis falar de si de forma alguma.

— Isso combina com tudo o que tenho ouvido sobre ela. Você recebeu as fotos policiais de Ben?

— Sim, pelo fax. É ela.

— E eu finalmente vi o currículo *Descobrindo o verdadeiro eu* hoje.

— Puxa vida, não me diga...

— Não digo. Não há conexão visível. Mas o conteúdo é uma confirmação concreta do que a srta. Brewer vem fazendo com a criançada em sala de aula, além de toda aquela história humanista, cósmica de sempre: coletivismo, consciência global, estados alterados, relativismo...

— Ou seja, os "ismos" de sempre...

— Mas nenhuma menção, em parte alguma, de que Sally Roe tenha tido qualquer coisa a ver com o tal currículo. Por isso não sabemos ainda a que se deve essa tentativa de homicídio, ou o que Sally Roe tem a ver com a ação. Só sei que gastei um tempo precioso em tudo isso...

— Ela pegou o número do meu telefone e o meu endereço.

— Sério?

— Por isso, ainda resta uma esperança.

— Sim, e temos esperança de muita coisa. Continue orando.

— Ó, estamos todos orando por vocês, Marshall, agora mesmo. O grupo inteiro de crentes da cidade.

— Ótimo! Precisamos que aconteça alguma coisa boa, e que seja rápido!

34

As preces chegaram ao céus vindas de Ashton, de Baskon e de todos os lugares entre uma cidade e a outra. Foi como se o Senhor Deus estivesse esperando por esse momento exato, por esse clamor especial do seu povo, para mover sua mão soberana.

Tal recebeu o relato por um mensageiro na madrugada da quarta-feira.

— Guilo!

No mesmo instante, Guilo postou-se a seu lado.

A voz de Tal estava tensa de emoção.

— O Senhor falou! Ela está pronta!

— Louvado seja o Senhor! — exclamou Guilo. — Onde? Quando?

— Ela saiu de Ashton e está quase chegando a Henderson. Será questão de horas apenas. Nós a encontraremos lá com tudo o que conseguirmos arrebanhar! Se pudermos fazê-la passar antes que o Destruidor e seus lacaios a descubram, talvez, enfim, seja possível pender a balança a nosso favor!

Guilo puxou a espada, provocando um retinir metálico e um raio de luz.

— Um momento decisivo!

— Mota e Signa permanecerão aqui como seus guerreiros, de prontidão, aguardando essa brecha. — Tal sorriu pela primeira vez em semanas. — Talvez até eles consigam participar de um pouco de ação de verdade hoje!

> Caro Tom,
>
> cheguei de ônibus por volta de 7 da manhã e imagino que arranjarei um quarto sem demora. Por enquanto, sinto-me bastante confortável sentada no Parque Lakeland, quase no centro da cidade. O sol está quente, o banco seco e há um laguinho aqui perto muito sereno, cheio de patos.
>
> Eu diria que Henderson é uma cidade convidativa, porém as reais vantagens dela são: é grande, metropolitana e, portanto, fácil de a gente se esconder dentro dela. Tem uma biblioteca imensa no centro, um lugar excelente para se encontrar certo tipo de informação. Vou lá hoje, ou amanhã, ou quando resolver um problema mais imediato que exige minha atenção.

Problema mais imediato. Sally surpreendeu-se um pouco com seu tom desapaixonado, prático, como se fosse digitar uma carta ou fazer compras. Na realidade, estava prestes a entrar em um relacionamento com potencial para alterar o curso de toda sua vida, reestruturar por completo sua visão de mundo e fazê-la reconsiderar cada questão moral, cada ato, cada decisão e atitude de todos os seus anos anteriores; suas mais profundas cicatrizes e emoções, as áreas mais pessoais e privadas de sua vida seriam expostas. Seria um relacionamento de confronto, talvez devastador.

Pelo menos era o que esperava do acordo, e por esse motivo meditara a noite toda, pesando os prós e os contras, considerando os custos, testando e eliminando opções. Ficou claro para ela que teria de pagar um preço enorme em termos de ego e vontade própria, e que o acordo traria consigo implicações assombrosas para o futuro. Mas todas as dúvidas foram examinadas e respondidas, cada objeção foi ouvida com imparcialidade e, em meio aos debates ferozes e acalorados que travara consigo mesma no tribunal de sua própria consciência, acabara dormindo pensando neles.

Quando a luz do dia espreitou pelas janelas do ônibus, ela já resolvera em sua mente que, considerando tudo, um compromisso real seria a coisa mais lógica, mais prática e mais desejável que podia fazer. As vantagens excediam em muito as desvantagens.

Fazia silêncio no parque. Havia pouca gente por ali além de uma matrona levando seu *poodle* para dar uma volta e alguns jovens executivos correndo para o trabalho. Sally mudou para outro banco mais próximo do laguinho, totalmente exposto ao sol matutino, e sentou-se, a mochila do lado.

Então deu-se uma boa e longa olhada. Vestida de calça *jeans* e jaqueta azul, com um gorro de meia na cabeça e mochila, parecia uma nômade sem lar.

Parecia solitária e sozinha.

E era.

Também parecia pequena e insignificante em um mundo grande demais, e isso pesava-lhe mais na mente do que qualquer outra coisa. Como pareceria a

um Deus grande o suficiente para ter criado esse globo enorme em que estava sentada? Como um micróbio na lâmina de um microscópio? Como ele faria para encontrá-la?

Bem, sua parte consistia em fazer algum barulho, clamar por ele, criar uma confusão, lançar alguns foguetes de sinalização verbais. Talvez assim ele a ouvisse ou enxergasse.

Depositou o caderno no colo e voltou as páginas até chegar às notas que preparara. Agora... Por onde começar?

Procurou falar bem baixinho, mal formando as palavras nos lábios. Sentia-se acanhada e disposta a admiti-lo.

— Er... Olá. — Talvez ele a ouvisse, talvez não. Repetiu: — Olá. — Devia ser o suficiente. — Imagino que saiba quem sou, mas me apresentarei assim mesmo. Parece a coisa certa a fazer. Meu nome é Sally Beth Roe e acho que a gente se refere a sua pessoa como... Deus. Ou talvez Jesus. Pelo menos, foi o que ouvi. Ou então... Senhor. Compreendo que atenda por diversos títulos, por isso espero que me permita experimentar um e outro até descobrir o certo. Muito tempo se passou desde a última vez em que tentei orar.

— Er... De qualquer forma, gostaria de me encontrar com o senhor hoje e discutir a minha vida. Também o possível papel que o Senhor poderia querer desempenhar nela. Desde já, obrigada por seu tempo e atenção.

Olhou fixo para as anotações. Avançara um pouco. Acreditando ter prendido a atenção de Deus, passaria agora para o próximo item.

— Para revisar rapidamente tudo o que culminou com esta reunião, creio que o Senhor se lembra do nosso último encontro, há aproximadamente trinta anos, na.... Igreja Batista de Monte Sião, em Ireka, Califórnia. Quero que o Senhor saiba que eu gostava de verdade das horas que passávamos juntos naquela época. Sei que fiquei muito tempo sem falar nada a esse respeito e peço desculpas. Foram horas preciosas, hoje são minhas recordações favoritas. Alegro-me em tê-las.

— Suponho que o Senhor esteja querendo saber o que aconteceu e porque rompi nosso relacionamento. Bem, não me lembro do que aconteceu exatamente. Sei que os tribunais me devolveram à minha mãe, que não estava disposta a me levar à escola dominical, como fazia tia Bárbara. Fui morar em um lar temporário e depois... Fosse qual fosse o caso, nosso tempo juntos foi interrompido, e isso é tudo... Quer dizer, acho que são águas passadas...

Calou-se. Estaria algum tipo de despertar ocorrendo dentro de si? Deus a ouvia. Sentia isso; de algum modo, sabia. Que coisa mais estranha. E nova.

— Bem... — Agora ela perdera o fio da meada. — Tenho a impressão de sentir que o Senhor está me ouvindo, por isso, quero lhe agradecer. — Conseguiu retomar os pensamentos. — Ó, de qualquer forma, acho que fui uma jovem muito cheia de raiva; talvez o tenha culpado por minhas tristezas, mas... Acabei resolvendo que podia cuidar de mim mesma e foi o que fiz a maior parte da vida. Estou certa de que o Senhor conhece a história: tentei o ateísmo, depois o humanismo com forte dose de evolução incluída, o que me deixou vazia e tirou todo o sentido da minha vida. Então, depois, experimentei o humanismo combinado com o misticismo cósmico e eles serviram para criar muitos anos de ilusões e tormentos em vão. Para falar a verdade, criaram também o apuro em que estou metida no momento, incluindo o fato de ter sido condenada como criminosa. O Senhor sabe tudo a respeito disso.

Muito bem, Sally, e agora, para onde pretende ir? É melhor tratar logo do que realmente importa.

— Bem, seja como for, na verdade estou tentando dizer que Bernice, lá de Ashton, tem razão. Pelo menos no que diz respeito a Sally Roe. Tenho um problema moral. Li um pouco a Bíblia. Er... É um bom livro... um belo trabalho... Fez que eu percebesse que o Senhor é um Deus de moral, de ética, de absolutos. Acho que "santo" quer dizer isso. Na verdade, fico satisfeita, porque só assim conseguimos saber onde estão nossos limites, qual é a nossa posição...

— Estou enrolando, sei disso.

Sally parou para pensar. Como dizê-lo? O que exatamente queria de Deus?

— Acho... — *Ah, a emoção. Talvez por isso não consigo chegar ao que preciso dizer*. — Acho que tenho de lhe perguntar a respeito do seu amor. Sei que ele existe; a senhora Gunderson sempre falava a respeito, e também minha tia Bárbara, e agora tive um curto vislumbre dele outra vez, em minhas conversas com Bernice e o pastor Hank, o encanador. Preciso saber se o Senhor...

Calou-se outra vez. Lágrimas se formavam no canto de seus olhos. Enxugou-as e respirou fundo várias vezes. Devia ser uma experiência concreta, não emocional ou subjetiva, da qual pudesse duvidar mais tarde.

— Desculpe. É difícil para mim. São muitos anos envolvidos, fico emocionada demais. — Respirou fundo outra vez. — De qualquer forma, eu tentava dizer que... Eu gostaria muito que o Senhor me aceitasse. — Parou e deixou que o aperto na garganta melhorasse. — Porque disseram que o Senhor me ama, e que arranjou para que todos os meus erros, minhas transgressões morais, fossem pagos e perdoados. Afinal entendi que Jesus morreu para pagar a minha culpa, para satisfazer a sua santa justiça. Eu... agradeço por isso. Muito obrigada por esse tipo de amor.

— Mas eu... quero estabelecer um relacionamento com o Senhor. De algum jeito. Eu o ofendi e o ignorei, e tentei ser meu próprio deus, sem importar o quanto isso lhe parecesse estranho. Servi a outros espíritos e matei minha própria filha. Trabalhei com afinco para desviar muita gente...

As lágrimas retornavam. Ora, que coisa. Considerando o assunto da conversa, algumas lágrimas não seriam impróprias.

— Mas se o Senhor me quiser... Se me aceitar, estarei mais que disposta a lhe entregar tudo o que sou, e tudo o que tenho, valha o quanto valer. — Palavras de trinta anos antes retornaram-lhe à cabeça. Elas traduziam com perfeição seus sentimentos: — Jesus...

Foi incapaz de conter as emoções desta vez. O rosto corou, os olhos se encheram de lágrimas e ela sentiu medo de continuar.

Mas o fez, embora lhe faltasse a voz, apesar do rosto molhado, sentindo o corpo que começava a tremer.

— Jesus... quero que o Senhor entre em meu coração. Quero que o Senhor me perdoe. Por favor, me perdoe.

Chorava agora a ponto de não conseguir parar mais. Precisava sair daquele lugar. Não podia permitir que a vissem daquele jeito.

Passou a mão na mochila e correu para longe do laguinho. Abandonou a calçada, enveredando pelo meio das árvores próximas. Sob o abrigo das folhas novas e primaveris, encontrou uma pequena clareira e caiu de joelhos no chão fresco, seco. Com a nova liberdade que esse esconderijo proporcionava, o coração de pedra transformou-se em coração de carne, seus mais profundos clamores se transformaram em fonte e ela e o Senhor Deus começaram a falar acerca de várias coisas enquanto os minutos passavam suaves, despercebidos, e o mundo em redor perdia a importância.

Acima, como se outro sol acabasse de nascer, as trevas se abriram e raios puros, brancos, atravessaram as copas das árvores, inundando Sally Beth Roe com uma luz celestial, brilhando através do seu coração, seu espírito mais íntimo, obscurecendo-lhe o vulto com um fogo ofuscante de santidade. Devagar, sem sentir, sem emitir qualquer som, ela se acomodou inclinada para a frente, o rosto em terra, o espírito transbordando com a presença de Deus.

Em toda a sua volta, como raios de uma roda assombrosa, como feixes de luz emanando de um sol, lâminas angelicais descansavam no chão, as pontas voltadas na direção dela, os cabos estendidos para fora, seguros nos punhos fortes de centenas de nobres guerreiros que se ajoelhavam dentro de círculos perfeitos e concêntricos de glória, luz e adoração a Deus, cabeças no chão, asas estendidas na direção do céu como um jardim florescente e animado de chamas. Mantinham-se em silêncio, os corações cheios de santo temor.

Como em inúmeras vezes no passado, em incontáveis lugares, com assombro maravilhoso, inescrutável, o Cordeiro de Deus estava no meio deles,

o Verbo de Deus, e mais: a Palavra final, o fim de todas as discussões e desafios, o Criador e a Verdade que sustenta toda a criação. Mais maravilhoso que tudo ainda, mais inescrutável, o *Salvador*, um título que os anjos sempre contemplariam e do qual sempre se maravilhariam, mas que só a humanidade podia conhecer e compreender.

Viera ser o salvador daquela mulher. Ele a conhecia pelo nome e, pronunciando-o, tocou-a.

Na mesma hora os pecados dela desapareceram.

Um barulho de farfalhar começou na primeira fileira de anjos, passou para a seguinte e assim por diante, feito uma onda arremetendo para fora, as asas sedosas de fileira em fileira de guerreiros arrepanhando o ar, elevando um bramido e erguendo os anjos sobre seus pés. Os guerreiros seguraram as espadas na direção dos céus, uma floresta de lâminas chamejantes, e puseram-se a bradar em júbilo tumultuado, as vozes ribombando e sacudindo todo o reino espiritual.

Guilo, brilhantemente glorificado como jamais o fora, tomou seu lugar acima de todos os demais e brandiu a espada ao redor, descrevendo arcos chamejantes, enquanto bradava:

— Digno é o Cordeiro!

— Digno é o Cordeiro! — trovejaram os guerreiros.

— Digno é o Cordeiro! – bradou Guilo mais alto ainda.

— Digno é o Cordeiro! — responderam todos.

— Que foi morto!

— Que foi morto!

Guilo apontou a espada para Sally Beth Roe, prostrada, o rosto no chão, ainda em comunhão com seu recém-descoberto salvador.

— E com seu sangue comprou para Deus a mulher, Sally Beth Roe!

As espadas ondularam e sua luz trespassou as trevas, assim como o relâmpago atravessa a noite.

— Ele comprou Sally Beth Roe!

— Digno é o Cordeiro que foi morto — principiou Guilo, e todos juntos entoaram essas palavras com vozes que sacudiram a Terra — de receber poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor!

De repente ouviu-se outro rugido de vozes e de asas, e outro relampejar de centenas de espadas. As asas se firmaram e os céus se encheram de guerreiros rodopiando, gritando, aclamando, adorando, sua luz inundando a Terra por quilômetros em derredor.

Longe dali, alguns dos demônios do Destruidor cobriram os olhos contra a luz ofuscante.

— Ó, não! — disse um deles. — Outra alma redimida!

— Um de nossos prisioneiros liberto! — lamentou outro.

Um espia rápido e de olhos penetrantes retornou, depois de ter ido ver mais de perto.

— Quem é dessa vez? — perguntaram.

O espírito respondeu:

— Vocês não vão gostar da notícia!

Tal e Guilo se abraçaram, saltando, rodopiando, rindo.

— Salva! Sally Beth Roe está salva! Nosso Deus a tem afinal!

Continuaram, acompanhados de seus guerreiros, mantendo forte e brilhante a cerca em volta dela, assegurando assim que a comunhão da mulher com o Senhor prosseguisse sem perturbação.

O tempo passou, claro, mas ninguém parecia notar ou importar-se com isso.

Mais tarde — ela não saberia precisar quanto tempo —, Sally pressionou as palmas das mãos contra a terra e foi se erguendo devagar até sentar-se, limpando as folhas secas e o húmus da roupa, usando um lenço para enxugar o rosto. Passara por uma experiência incomum, absolutamente maravilhosa, e o efeito persistia. Uma transformação, uma restauração profunda, pessoal e moral

acontecera, não só em suas percepções subjetivas, mas de fato. Algo novo, algo verdadeiramente extraordinário.

— Deve ser a isso que eles chamam de "ser salva" — pensou ela em voz alta.

As coisas estavam diferentes. A Sally Roe que se escondera no arvoredo não era a mesma agora sentada naquelas folhas, descomposta, trêmula, estupefata, coberta de lágrimas.

Antes, sentia-se perdida, sem objetivos. Agora se sentia segura, resguardada nas mãos de Deus.

Antes, sua vida não fazia sentido. Agora fazia, e tinha certeza de que haveria muito mais propósito e significado a serem descobertos.

Antes, estava oprimida e sobrecarregada de culpa. Agora se sentia limpa. Livre. Perdoada.

Antes, vivia sozinha. Agora, tinha um amigo, mais íntimo do que qualquer outro.

Quanto aos velhos amigos que só sabiam atormentá-la...

Do lado de fora da barreira, jogados para todo lado como lixo em um aterro sanitário, Desespero, Morte, Loucura, Suicídio e Medo, amuados, enfiaram-se nos arbustos, incapazes de voltar. Entreolhavam-se, prontos para um bate-boca se alguém se atrevesse a dizer a primeira palavra.

Tinham sido descartados. Vencidos. Exterminados. E ponto final. De algum modo, mal ela se tornara filha de Deus, começara a exercer seus direitos e autoridade como tal. Não disse muito, não fez um discurso rebuscado. Simplesmente ordenou-lhes que saíssem da sua vida.

— Ela aprende rápido — comentou Desespero.

Os outros cuspiram nele pelo simples fato de ter dito isso.

— É maravilhoso! — disse ela para si mesma, rindo de espanto e êxtase. — Simplesmente maravilhoso!

Tal e Guilo observavam, desfrutando de cada momento.

— A palavra do testemunho dela e o sangue do Cordeiro — disse Tal.

Guilo assentiu com a cabeça.

— Os dois.

— Capitão Tal! — ouviu-se chamar. Um mensageiro caiu do céu feito um meteoro, abrindo as asas de supetão a tempo de pousar bem na frente de Tal. — Mota mandou um aviso de Baskon! As orações provocaram uma ruptura! Abriram uma brecha, senhor! Eles estão prontos para expor o Vidoeiro Quebrado!

Tal riu de contentamento.

— Que coisa boa! A fogueira está armada, e — olhou para Sally — agora temos o fósforo com que acendê-la! Natã e Armoth!

— Capitão! — eles responderam.

— Sally está pronta. Sigam-na daqui por diante e certifiquem-se de que Krioni e Triskal sejam avisados, a fim de impedir uma invasão em Ashton. Quando ela acender a fogueira, dê o sinal para Mota e Signa em Baskon.

— Feito!

— Cree e Si, disponham suas tropas no Centro Ômega. Quando o fogo chegar lá, façam com que atinja Bentmore também.

Os dois partiram imediatamente.

— Chimon e Scion, preparem as tropas para Bentmore; fiquem de prontidão para enviar o fogo de lá até o Summit.

Eles alçaram voo e sumiram.

Tal voltou-se para o mensageiro.

— Diga a Mota e Signa que eles têm cobertura de oração e podem prosseguir com o fechamento da armadilha. Depois disso, eles que aguardem o sinal de Natã e Armoth.

O mensageiro saiu voando com o recado.

Tal passou um braço fraternal no ombro de Guilo.

— Guilo, força de muitos, está na hora de posicionar as tropas no Instituto Summit!

— Iáááá! — rugiu o guerreiro, erguendo a espada para que outros o vissem. — Feito!

Tal desfraldou as asas, emitindo o som de uma onda que arrebenta no mar. Ergueu bem alto a espada e todos fizeram o mesmo, de modo que o Parque Lakeland foi inundado pela luz tremeluzente.

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro!

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro!

Mota recebeu o recado de Tal bem na hora. Naquele momento, ele e Signa se escondiam nos tubos de ventilação da Fábrica de Portas Bergen, esperando uma oportunidade de atrapalhar o assalto invisível, porém muito astuto do Destruidor contra os santos de Baskon.

Signa apontava para a supervisora Abby Grayson, que passava entre as bancadas de entalhe com a eterna prancheta nas mãos, mantendo tudo em funcionamento, como vinha fazendo nos últimos vinte anos.

— Eles nunca trouxeram suas intrigas e manipulações aqui para dentro — alertou Signa. — Pelo menos, não a ponto de serem vistos. Abby não tem a mínima ideia do que vem acontecendo.

Naquele instante exato, um rapazinho com o rosto cheio de espinhas foi se aproximando pela passagem principal que atravessava a fábrica, tornando-se alvo dos olhares de parte dos operários e parecendo bem pouco à vontade.

— Muito bem — disse Mota —, lá vamos nós. Esperemos que os olhos de Abby sejam abertos.

— Vamos, Abby. Preste atenção.

O rapazinho chegou até Abby com ar hesitante e acanhado, mas com a determinação de quem não iria embora sem uma audiência com ela. Não se ouvia voz alguma acima do rugido das máquinas, porém, os lábios de Abby não eram muito difíceis de ler:

— E então, o que posso fazer por você, Kyle?

Vamos, disse Signa. *Conte para ela*.

Dois anjos se postaram na mesma hora ao lado de Kyle Krantz, vestidos como operários — as pessoas não podiam vê-los, mas se houvesse algum demônio por perto, ele os veria. Kyle — rapaz teimoso, muitas vezes pego pela polícia, ex-fumante de maconha — necessitava de todo o encorajamento possível. Simplesmente porque estava apavorado.

Vamos, instigou Mota.

Kyle inclinou-se perto do ouvido de Abby e disse o que tinha para dizer antes que perdesse por completo a coragem. Abby pareceu um tanto perplexa, talvez até chocada, ao ouvi-lo.

— Vamos lá para o meu escritório — disse ela.

Os dois anjos ergueram o olhar para os tubos de ventilação e balançaram com veemência a cabeça em sinal afirmativo.

— Feito! — disse Mota.

— É melhor cercarmos aquele escritório. Esses dois precisam muito conversar! — Signa acrescentou.

Apenas meia hora mais tarde, Abby Grayson dava um telefonema para Ben Cole, do pequenino cubículo que era seu escritório. Ben ainda podia ouvir ao fundo o ruído abafado da fábrica.

— Oi, Abby! Que surpresa agradável.

— Ora, esse mundo maluco é cheio de surpresas. Ouvi dizer que foi despedido. É verdade?

A pergunta parecia um tanto brusca, mas muito ao estilo de Abby.

— Sim, é. A história é longa...

— Pois vou encompridá-la ainda mais. Acabam de me passar umas informações que você deveria conhecer.

Ben sentou-se no sofá.

— Pode falar.

— Tive uma longa conversa há pouco com Kyle Krantz — lembra dele? Você o pegou algumas vezes por porte de maconha.

— Certo, isso mesmo.

— Ele trabalhou aqui e estava indo bem até ontem, quando foi despedido. Correu um boato entre os supervisores de que andava traficando drogas na fábrica e temos regras muito severas para esse tipo de coisa, por isso foi posto para fora. Mas criou coragem e veio me ver hoje, e... Bem, normalmente eu não acreditaria nele, mas levando em consideração tudo o que vem acontecendo, pode ser que desta vez eu acredite. — Ela hesitou.

Ben achou que era melhor facilitar as coisas para ela.

— Ei, não se preocupe. Você tem toda razão, pelo menos no que contou até agora.

— Ora... — Ela precisou reunir coragem para perguntar: — O que você diria se eu contasse que temos bruxos na cidade? E que alguns até trabalham aqui na fábrica?

Ben sentou-se ereto, todo o corpo em estado de alerta.

— Eu ficaria muito interessado em saber mais a esse respeito.

— Então não acha que é loucura? Eu disse *bruxos*.

A memória de Ben ainda guardava muito vívidas a imagem de uma cabra mutilada e das duas pernas dianteiras cruzadas, sangrando, nos degraus da frente da igreja.

— Não, Abby. Temos visto uma porção de coisas estranhas ultimamente. Não creio que seja loucura de forma alguma.

— Então talvez seja melhor ouvir o que Kyle tem a dizer. Você estará livre depois das quatro?

O peixe sabe nadar?

— Só me diga onde.

35

Eram mais ou menos quatro e meia e um vento frio soprava pelos campos havia muito negligenciados, infestados de pragas do velho sítio dos Benson. A tinta branca da sede adquiria um tom cinza granulado e começava a descascar feito queimadura de sol; as janelas estavam quebradas; as telhas de madeira do teto começavam a lascar com o vento. As macieiras e pereiras na frente da casa floresciam, mas erguiam-se agora rumo ao céu em selvagem profusão de troncos não podados e parasitas feiosos. O sítio dos Benson estava abandonado por tempo demais. Deixara de sobreviver para definhar sempre, transformando-se mais em ruína a cada nova estação.

Pesada corrente bloqueava a entrada, impedindo que Marshall avançasse com o carro. Uma placa de ENTRADA PROIBIDA, pendurada na corrente, balançava para a frente e para trás com o vento logo acima do para-choque do carro.

— É este o lugar? — perguntou ele.

Kyle Krantz, o jovem delinquente que, pelo visto, não conseguia se manter muito longe de apuros, estava sentado no banco ao lado, fazendo que sim com a cabeça, com ar de amedrontado. No banco de trás, Abby Grayson e Ben Cole observavam o lúgubre cenário diante de si, pensando em como era fácil acreditar no que o rapaz lhes contara.

Kyle apontou e disse:

— É aquele celeiro ali no fundo. Foi onde aconteceu.

— Pelo que estou vendo, eles invadiam o local como você costumava fazer? — perguntou Marshall.

O rapaz se tornara insensível a declarações tendenciosas como essa.

— Eles estavam aqui, cara.

Marshall olhou para os outros.

— Nesse caso, imagino que também teremos de invadir a propriedade.

Saltaram todos do carro e pararam um instante para examinar melhor o lugar. Tanto quanto podiam ver, eram os únicos seres vivos ali. Não se ouvia

som algum, exceto o do vento e o pio ocasional das andorinhas aninhadas sob o beiral da sede.

Marshall abaixou-se para passar pela corrente e os outros o seguiram. A entrada para carros contornava a casa, passava por uma garagem e um barracão de ferramentas, depois se abria em ampla área coberta de pedriscos nos fundos — um retorno e, ao mesmo tempo, acesso para maquinário agrícola, suprimentos e o gado que já não havia ali. Na outra ponta dessa área aberta ficava o velho celeiro acinzentado, gasto pela ação do tempo, porém intacto, as portas principais fechadas.

— Afinal, o que exatamente você fazia aqui? — Marshall perguntou ao rapazinho.

— Billy e eu procurávamos um bom lugar para dar uma tragada. Sempre fazemos isso porque encontramos lugares que ninguém conhece.

— Esse celeiro devia ser bastante convidativo para vocês.

— Sim, na hora foi o que achamos. Agora não.

— Como foi que conseguiram chegar tão perto sem que ninguém os visse?

— Estava escuro e nos esgueiramos pelo outro lado da casa. De qualquer forma, ninguém vigiava nada; estavam ocupados demais com aquele negócio esquisito.

Chegaram à porta.

— Já foi ali dentro alguma vez?

— De jeito nenhum. Eu e o Billy só pensávamos em dar o fora daqui, mais nada.

A grande porta abriu-se com um longo e velho rangido. O interior do celeiro era fresco, escuro e amplo. Ninguém entrou. Marshall esperou que seus olhos se acostumassem à penumbra.

Por fim, todos conseguiram distinguir o chão de terra. Parecia bastante comum — apenas terra batida. Nada de extraordinário. Voltaram-se para Kyle. Que na mesma hora, pouco à vontade, assumiu posição defensiva.

— Eu vi, cara. Eles estavam aqui.

— Está bem — disse Marshall —, mostre-nos o que viu.

Kyle foi ao centro e girou, descrevendo um círculo com o dedo estendido e apontado para o solo.

— Havia um grande círculo recortado na terra bem aqui, e um pentagrama no meio dele. — Apontou então para algum lugar em direção à parede dos fundos. — Havia um banco ali, como uma espécie de altar, e sangue sobre ele. Umas 20 pessoas estavam em pé ao redor de todo o círculo, usando roupões e capuzes na cabeça. Elas cantavam e gritavam, e tinha velas ao redor do círculos e nas pontas do pentagrama.

Marshall olhou à volta do celeiro.

— Através de que fendas você e Billy espiaram para conseguir ver tanta coisa?

Kyle apontou para o lado do celeiro.

— Por ali.

A luz do dia estava agora bem visível através de dois grandes vãos entre algumas tábuas soltas. Marshall se dirigiu até eles, agachou-se até ficar no mesmo nível e olhou para trás. Deu-se por satisfeito — os vãos forneciam uma visão ampla e clara da área em questão.

— Você disse que eles usavam capuzes nas cabeças?

— Sim. Roupões pretos e capuzes, mas com os pés descalços.

— Então como sabe quem eram?

— Porque alguns ficaram de frente para o lado de cá. Com os rostos voltados bem para mim. — Kyle se sentia ofendido e nervoso. — Não sei por que duvida da minha palavra!

Marshall ergueu a mão para acalmar o garoto.

— Ei, eu não disse que duvidava de você. Mas ouça: você tem motivos de sobra para querer se vingar de Mulligan, ou de qualquer outro tira.

— Sem falar em conseguir o emprego de volta — lembrou Abby.

— Não estou inventando nada, cara! Eu vi Mulligan. Ele estava bem aqui, com um roupão de capuz, contando com todos os outros.

Ben inspecionava o local onde Kyle alegava ter visto um altar.

— Marshall.

Marshall juntou-se a ele. Ben arranhara a terra com o dedo, revelando algumas manchas marrons. Conseguiu apanhar alguns torrões da terra manchada com os dedos.

— Pode ser sangue. Levarei uma amostra comigo.

— Está vendo? — disse Kyle.

Marshall perguntou:

— Conte-me a respeito do sangue que viu. O que faziam com ele?

— Bebiam de um grande cálice de prata. Passavam o cálice de mão em mão.

— Como sabe que era sangue?

— A mulher disse que era.

— Que mulher?

— Bom, a chefe, imagino eu. Ela estava em pé bem ali e disse alguma coisa sobre provocar a morte de uma tal mulher e dar uma surra em todos os cristãos. Er... Ele gritou: "Derrota para os cristãos!" E bebeu do cálice, passando-o em roda. Todo mundo imitou o gesto. — De repente, Kyle se lembrou de mais um detalhe. — Ah, sim, cara, escute essa: eles tinham colocado as pernas de um animal bem aqui, no meio do círculo.

Kyle constatou logo que dessa vez os impressionara de verdade. Hogan e Cole olhavam para ele, muito sérios e dispostos a ouvir mais.

— Fale-me a respeito dessas pernas de animal — pediu Marshall.

— Só podiam ser de cabra. Estavam cruzadas bem aqui, em X. — Alguma coisa chamou-lhe a atenção e ele exclamou: — Ei!

— Espere! — advertiu Marshall, segurando o braço do rapaz, a fim de impedi-lo de remexer a terra a seus pés. — Ben.

Ben agachou-se para olhar mais de perto.

— É. Mais sangue. E também alguns pelos neste local.

— Pelos de cabra, isso sim — Kyle emendou.

— Quer dizer que eles queriam derrotar os cristãos, não é? — perguntou Marshall.

— É, falavam muito sobre isso, aos berros. — Nova lembrança. — Ah, e diziam alguma coisa sobre um tribunal, sobre ganhar uma ação.

— E também estavam interessados em uma certa mulher?

— Isso.

— Disseram o nome dela?

O nome nada significava para Kyle, mas ele se lembrava de tê-lo ouvido.

— Hum... Sally alguma coisa. — Acertara em cheio agora. Podia ver escrito no rosto de todos eles.

Marshall enfiou a mão no bolso do paletó.

— Você entreviu o rosto de alguma outra pessoa?

— Claro. A chefe tirou o capuz, de modo que pude vê-la.

Marshall tirou de dentro do casaco algumas fotografias batidas com grande cuidado, às escondidas e com máquina de telefoto. Mostrou para Kyle um retrato de Claire Johanson.

— Ei! É ela mesma!

— A mulher que chefiou a coisa toda?

— Sim.

Marshall mostrou uma foto de Jon Schmidt ao rapaz.

— Ele também esteve aqui!

Em seguida, foi a vez de Marshall mostrar uma foto da própria irmã.

— Não. Essa daí eu nunca vi antes.

Uma foto de Irene Bledsoe.

— Hum... Não, acho que não.

Do agente Leonard Jackson.

— Não.

Bruce Woodard, o diretor da escola de primeiro grau.

— Não, o senhor Woodard não estava aqui. Cara, onde foi que tirou tantas fotos?

Marshall guardou todas elas antes de dizer:

— Kyle, acho que você fala a verdade. Agora escute: não sou tira, portanto, seja lá o que você me contar, não repassarei para a polícia. Só preciso de informação, está bem? É importante para mim. Quero que me diga toda a verdade: você carregava maconha consigo quando foi trabalhar na Fábrica de Portas Bergen?

Ele ergueu a mão como se fizesse um juramento.

— Não, juro. Ei, Cole sabe que teve época em que sempre tinha um pouco comigo, mas nunca no serviço. Meu velho me mataria. Além disso, não posso ficar sem o emprego.

Abby interveio.

— Ou seja, você está dizendo que armaram uma cilada para que você fosse despedido?

— Isso mesmo. Não coloquei aquela maconha dentro do meu armário.

Marshall olhou para Ben e viu que ele se lembrara de um incidente semelhante envolvendo maconha dentro de um armário.

— Alguma ideia de quem a colocou lá?

— Quem você acha? Eu a vi lá, e comentei sobre isso no refeitório. Ela deve ter descoberto. Ficou me lançando uns olhares bem provocantes depois disso, até que *bam*! Foi *ela* quem sugeriu que revistassem meu armário. Aí encontraram a droga. Muito conveniente, sabem?

Ben acrescentou, compreensivo:

— Considerando sua reputação, não adiantaria muito negar.

— É isso aí.

Abby protestou:

— Mas Donna está na fábrica há quase tanto tempo quanto eu. Não acredito que fosse capaz de uma coisa dessas.

— Ela esteve aqui — Kyle insistiu. — Bem do lado de Mulligan. Eu a vi e ela sabe disso. Por isso me demitiram. — Uma recordação amarga lhe ocorreu e ele prosseguiu: — Depois o Mulligan apareceu lá na fábrica e me disse que faria vista grossa se eu me comportasse e "agisse certo", nas palavras dele. Sei o que quis dizer. Estava me mandando ficar de boca fechada ou seria arruinado de vez.

Marshall reviu tudo mentalmente.

— Então... Parece que tivemos um verdadeiro clube aqui: Claire Johanson, Jon Schmidt, o sargento Mulligan e...

Kyle não gostou da hesitação de Marshall.

— Ela estava aqui! Eu juro!

Marshall completou a sentença:

— Donna Hemphile, supervisora de Kyle na Fábrica de Portas Bergen e membro ativo da Igreja da Comunidade do Bom Pastor!

Na tarde de quinta-feira, o agente Leonard Jackson recebeu visitas indesejáveis. Estava sentado no interior da viatura, escondido com habilidade entre as árvores da extremidade oeste da ponte sobre o rio Snyder, vigiando quem passava em excesso de velocidade e desfrutando de um dia agradável com o incremento de sua quota de multas quando, de repente, sem qualquer

notificação prévia, um grande carro marrom saiu da estrada e enveredou pelo meio das árvores, parando bem ao seu lado.

Ora, quem poderia ser? Leonard sentiu-se invadido. Aquilo era profanação de um lugar santo.

Um negro bonitão abaixou o vidro do lado de passageiros do carro.

— Ei, Leonard, como estão as coisas?

Ben Cole.

— Tudo bem, acho eu — respondeu Leonard, procurando ser sociável. — Em que posso ajudá-lo?

Ben olhou na direção do motorista do carro.

— Já conhece Marshall Hogan?

Leonard o vira pela cidade e nunca tivera uma boa impressão a seu respeito.

— Não, ainda não fomos apresentados.

Marshall saudou-o:

— Olá, agente Jackson.

— Olá.

— Gostaríamos de ter uma palavrinha com você — disse Ben.

— O problema é que estou de serviço...

— A quantas anda sua quota até agora?

Leonard reconheceu que Ben devia saber tudo sobre aquele serviço. Portanto, seria impossível blefar.

— Ora... Acho que estou indo bem. Doze veículos até agora.

Ben ficou impressionado.

— Ei, você está até adiantado! Que tal uma folga rápida para uma pequena conferência?

— Prometo que vai achar interessante — emendou Marshall.

No Summit, cinco mensageiros demoníacos reuniam-se do lado de fora das câmaras escuras, mofadas e secretas do Homem Forte, cada qual com uma

mensagem urgente do Destruidor.

O primeiro demônio avisou os companheiros:

— Trago a notícia de que abriram uma brecha no Vidoeiro Quebrado!

Um segundo demônio assentiu com a cabeça em reconhecimento e acrescentou:

— Eu trago a notícia de que Hogan e Cole estão prestes a encostar o agente Jackson na parede!

O terceiro demônio ofegou ao ouvir essas notícias e rosnou a sua:

— Trago a notícia de que procurarão Joey Parnell outra vez, podendo assustá-lo a ponto de levá-lo a falar!

O quarto disse:

— Trago a notícia de que o pastor Mark Howard está acabando com a divisão em sua igreja neste exato momento, e que o inimigo está sanando todo o dano que causamos!

Disse o quinto:

— Trago a notícia de que Sally Roe se...

Ó. De repente o chão tremeu com um bramido proveniente do interior da toca do Homem Forte. Aparentemente o Destruidor e o Homem Forte já sabiam disso.

O Destruidor não se atrevia a sacar da espada — um movimento agressivo desses só aumentaria a fúria do Homem Forte. Portanto, ele se debatia de um lado para o outro, agarrando o ar em movimentos violentos e desesperados de asas, os braços cobrindo-lhe a cabeça e a cara, enquanto o Homem Forte o perseguia com a lâmina e o punho, a boca espumando de fúria, as bochechas trêmulas, o hálito repugnante tingindo o ar de amarelo.

— Uma reversão! — berrou o Homem Forte. — Ela era nossa e você lhes permitiu tomá-la de volta!

— Não permiti nada disso! — retorquiu o Destruidor. — Só esperava o momento certo.

Contradizer o Homem Forte era má ideia. Valeu ao Destruidor uma violenta pancada na cabeça com a parte chata da lâmina do Homem Forte.

— Idiota preguiçoso, imprestável, cego!

— Ela é nossa, meu soberano! — gritou o Destruidor por cima dos rugidos do Homem Forte. — Tal e suas hordas se enfraquecem a cada dia! — BAM! Um punho enorme no pescoço. — Logo eles cairão para longe dela como fruta que passou do ponto... — Um pé cheio de garras e escamas no traseiro — e caiu longe da árvore. Então a retomaremos! UUF! Um joelho no estômago.

— Você me disse que afastaria a cobertura de oração de Tal! — esbravejou o Homem Forte. — O que houve?

— Como já tentei lhe dizer, temos avançado aos poucos!

— Aos *poucos*, quando deveriam rasgar, espatifar, retalhar, *trucidar*!

— O senhor vai ver!

— Quero vê-la destruída, isso sim, seu espírito presunçoso! Faça jus ao seu nome! Traspasse-a por uma fenda na armadura! Deixe que seus próprios pecados a apodreçam!

— Os pecados dela não existem mais, meu Ba-al! Ela foi à cruz...

Uam! Uma asa dobrada bem no meio do corpo. O Destruidor virou e adejou de lado, atravessando o aposento.

— Nãooooo! — berrou o Homem Forte. — Não mencione *isso*!

— Mas ainda podemos tomá-la... — insistiu o Destruidor, embora sem tanta convicção.

— Não... voltaremos... atrás! — berrou o Homem Forte, brandindo a espada num arco chamejante e impetuoso a cada palavra. — Tenho um plano... Vou colocá-lo em prática! O sangue do Cordeiro que derrote os outros... A mim, não! Eu o pisarei, marcharei à volta dele, avançarei contra ele e o enterrarei, mas não me renderei a ele!

— Sei que a tomaremos! — tornou a insistir o Destruidor.

— *Iáá*! — O Homem Forte desceu a espada com fúria imensurável, deixando uma trilha longa e vermelha de luz.

O Destruidor sacou de sua própria lâmina no mesmo instante e aparou o corte afiado com uma chuva de fagulhas. A força do golpe jogou-a contra a parede e o Homem Forte segurou-o ali como uma tonelada de terra caída.

Estavam agora cara a cara, os globos amarelos e brilhantes dos olhos quase se tocando, os hálitos sulfurosos misturando-se em nuvem pútrida que lhes obscurecia as feições. O braço do Homem Forte não se enfraqueceu; ele não diminuiu o peso que imobilizava o Destruidor.

— Você o fará — disse ele afinal, a voz um resfolegar baixo e ofegante —, ou eu mesmo o atirarei aos anjos... em migalhas!

Com uma explosão de braços, asas e uma lâmina que parecia muitas, o Homem Forte expulsou o Destruidor do aposento. Ele rodopiou para cima dos cinco demônios que ainda aguardavam do lado de fora. Que se curvaram diante de sua presença — assim que conseguiram sair engatinhando debaixo dele.

— Trazemos notícias, Ba-al! — anunciaram.

— Que notícias? — perguntou o Destruidor.

Eles lhe contaram.

Só para serem feitos em picadinhos.

> Tom, estou livre. Consegui ver a cruz com tanta clareza, exatamente como deve ter sido naquele monte sem vegetação nem esperança há dois mil anos. Caí de rosto em terra diante dela, tão prostrada por causa dos erros, minha jactância, minhas escolhas, meu eu, que não conseguia me erguer nem um centímetro. Só o que podia fazer era ficar ali deitada, reconhecendo e confessando tudo, tentando alcançar aquele pedaço de madeira grosseiramente esculpido, como alguém que se afoga procura alcançar um salva-vidas, agarrando-me a ele, certa de que dele depende minha própria vida.
>
> Como posso descrever o que aconteceu? Peço desculpas, mas as palavras não traduzirão a experiência: eu nada tinha para oferecer,

nenhum tipo de incentivo para que ele me perdoasse, nem mesmo o mais insignificante item de valor com o qual negociar ou persuadir. Tudo o que tinha era o meu ser.

Mas ele me aceitou. Fiquei tão surpresa, depois aliviada, depois, com o firme entendimento do que acontecera, extasiada! Minha oferta — nada além de mim mesma, Sally Beth Roe, miserável, deficiente e instável — foi aceita. Eu era o que ele sempre quis esse tempo todo, e ele me recebeu. Tirou o peso do meu coração e eu senti mesmo que se fora; simplesmente o senti sendo tirado de mim e precipitando-se para aquela cruz. Senti-me tão leve que me achei capaz de ser carregada pela menor brisa.

Consegui levantar a cabeça e vi então a conclusão do negócio que fizemos: um fio de sangue escorrendo pela madeira, formando uma poça no chão. O pagamento, uma visão muito medonha, um pensamento muito incômodo, mas realmente, para dizer a verdade, muito apropriado, considerando o que Jesus, o Filho de Deus, acabara de comprar.

Estou livre, estou resgatada, nunca me senti assim antes, como a escrava que, tendo nascido na escravidão, nunca conheceu a liberdade. Mas que agora foi liberta.

Quero conhecer melhor esse Jesus que me resgatou. Acabamos de nos conhecer.

Sally descansou a caneta em cima da escrivaninha do pequeno quarto de hotel e enxugou algumas lágrimas. Ainda tremia. Ao lado de seu caderno, uma Bíblia dos Gideões jazia aberta no evangelho de Mateus, capítulo 11:

"Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve."

36

Aquela noite, Marshall e Ben encontraram o legista municipal Joey Parnell em casa, em Westhaven. Como sempre, ele não se mostrou contente em vê-los, nem disposto a conversar.

— Ora, saiam daqui e não voltem mais! — ordenou por uma fresta da porta da frente.

— Mulligan controla você, não? — perguntou Marshall. — Ele sabe tudo sobre o atropelamento do qual você fugiu e tem usado isso para intimidá-lo.

A porta não se fechou.

— Quem lhe contou isso?

— Uma fonte próxima ao Departamento de Polícia de Baskon. Você fez um trato com Mulligan e ele o tem sob seu poder desde então. — A porta começou a fechar-se. Marshall falou depressa. — Você atropelou uma aluna do colegial chamada... er... Kelly Otis. A investigação de Mulligan o levou até você. Na época você trabalhava num caso de suspeita de homicídio envolvendo uma mulher que estava de passagem pela cidade. Mulligan então lhe propôs um trato: se você falsificasse a causa da morte da mulher, ele arquivaria o caso do atropelamento. Estou certo até aqui?

A fresta da porta alargou-se um tantinho mais.

— O que deseja de mim?

Marshall tentou parecer compassivo, apesar da urgência que fazia com que sua voz soasse tensa.

— Quer que eu continue? Até onde? Você pode ser marionete deles pelo resto da vida, ou pode nos ajudar a dar um basta em tudo isso.

Parnell permaneceu em silêncio por um momento. Enfim, abriu a porta o suficiente para lhes dar passagem.

— Entrem antes que alguém os veja.

A esposa dele estava ao lado do marido. Era uma mulher de cabelos escuros, corpulenta e parecia tão perturbada quanto ele.

— Esta é Carol. Podemos falar à vontade na frente dela; contei-lhe tudo.

— Gostariam de um cafezinho? — ela ofereceu mecanicamente. Claro que não saberia fazer outra coisa.

— Sim, obrigado — disse Marshall, e Ben também aceitou.

— Venham, sentem-se na sala de jantar — convidou Parnell, conduzindo-os pela casa.

Eles se acomodaram em torno de uma grande mesa, debaixo do candelabro responsável pela pálida luz do recinto. A iluminação fraca e sombria combinava com o estado de espírito de Parnell; ele parecia cansado, exausto mesmo, no fim de suas forças.

Sem esperar que dissessem ou perguntassem fosse o que fosse, ele se pôs a falar como se tivesse guardado a história durante anos.

— A mulher de passagem pela cidade tinha 32 anos e se chamava Louise Barnes — não tinha onde morar, não tinha família, vivia do que catava do lixo. Foi encontrada morta no mato ao lado do rio Snyder, a cerca de 10 quilômetros a norte de Baskon. Lembro-me perfeitamente dos detalhes porque desejo muito esquecê-los.

Calou-se a fim de reordenar os pensamentos e controlar as emoções. Por fim, continuou:

— O corpo dela foi encontrado pendurado em um galho de árvore pelos tornozelos, o sangue todo drenado. Havia sinais abundantes de assassinato brutal, ritualista, em cujos detalhes prefiro não entrar. Tudo indicava que os caçadores que a localizaram tinham espantado os assassinos, os quais fugiram antes de dispor do corpo.

— Recebi os restos mortais e concluí a autópsia. Descobri que a causa da morte era homicídio, naturalmente. Mas então... Como você já ouviu falar, envolvi-me em uma desgraça perto do colégio quando voltava para casa. Não vi a garota, Kelly Otis, a não ser depois que ela saiu de trás de uma árvore, atravessou a rua... e eu a atropelei. Diminuí a velocidade apenas o suficiente para olhar, para ver que ainda estava viva, embora machucada. Outras pessoas corriam para ajudá-la. Eu... não podia permitir que o incidente prejudicasse

minha carreira. Acabara de conseguir o cargo de legista, e vocês sabem como é o mundo da política, o quanto uma reputação pode ser frágil. Então fugi.

— O sargento Mulligan veio ao meu gabinete no dia seguinte e tivemos uma conversa em particular. Esperava que me questionasse acerca do atropelamento, mas ele foi logo perguntando sobre o corpo de Louise Barnes e querendo saber quais eram as minhas conclusões. Eu lhe disse. Foi então que ele fez a oferta de arquivar o incidente do atropelamento seguido de fuga, desde que eu alterasse minhas conclusões e não reportasse a verdadeira causa da morte. — Parnell fixou o olhar na mesa, o rosto sulcado de dor. — Aceitei a oferta, registrei a causa da morte como acidental, e foi a pior decisão da minha vida.

— Houve três assassinatos rituais desde então, pelo que me consta. Estou certo de que muitos outros aconteceram, dos quais ninguém nunca ficará sabendo. Dos três que chegaram até mim, tratei de me livrar logo declarando-os mortes acidentais. Eram desconhecidos, possíveis fugitivos. Eu tinha esperança de que ninguém desse pela falta deles, que fossem enterrados e esquecidos e pronto. Foi o que aconteceu.

— Mas, vejam, o sargento Mulligan e seus amigos me vigiavam. Eu sabia que teria de apresentar um desempenho satisfatório. Por isso, a cada assassinato que eu ocultava, mais profundamente me enredava no controle deles. Assim estão as coisas no momento.

Marshall quis saber:

— E quem são essas pessoas? Ou *o que* elas são?

Parnell enfiou a mão em um armário e de seu interior tirou uma pasta, que depositou fechada à sua frente, as mãos cruzadas descansando em cima dela. Carol trouxe o café e sentou-se ao lado do marido, colocando a mão no braço dele, sem dizer uma palavra.

— Se quer um nome para lhes dar, use o termo Vidoeiro Quebrado. É um rótulo secreto que compartilham. São um bando de bruxos, satanistas, ocultistas, tem de tudo que você imaginar. Estão ligados a centenas de outros

grupos semelhantes por todo o país. E juntas, essas pessoas dispõem de um poder incrível, na maior parte das vezes imposto pelo terror.

— E elas são responsáveis pelos assassinatos rituais?

Parnell olhou para o telefone pendurado na parede.

— Saiba que neste exato momento eu posso pegar esse telefone, ligar para qualquer um dentre seis números diferentes e fazer que vocês dois sejam mortos em vinte e quatro horas. O outro lado disso, contudo, é que existem outros interessados que podem dar o mesmo telefonema contra mim. Eu seria morto com a mesma rapidez. Aliás, talvez até já esteja morto, se descobrirem que conversei com vocês. Desconhecidos e pessoas de passagem são usados para sacrifícios rituais; conhecidos e pessoas cuja falta seria sentida são... Bem, providencia-se para que sofram acidentes fatais.

— Pode nos dizer quem pertence a esse grupo?

Parnell sacudiu a cabeça lentamente para dar maior ênfase.

— Antes de mais nada, não conheço todo mundo. Depois, não lhe diria nem se conhecesse. Só posso confirmar o que você já sabe: o sargento Mulligan está envolvido e é assim há anos. Pelo que sei, ele e alguns outros homens da loja maçônica local analisaram o Vidoeiro e concluíram que a transição seria muito fácil. Como ele tem muito poder na cidade e é o chefe do departamento responsável por fazer cumprir a lei, dispuseram-se a incluí-lo.

— Pode confirmar se Claire Johanson também participa?

Parnell hesitou, mas respondeu:

— Sim.

— E o namorado dela, Jon Schmidt?

— Também faz parte.

— E toda aquela gente envolvida com a comunidade do Círculo Vital? — Ben quis saber. — Estão ligados a esse grupo?

Parnell sacudiu a cabeça enfaticamente.

— Eles não podem saber de nada. Toda aquela gente bem intencionada sendo atraída ao Círculo Vital só está sendo usada, manipulada; não têm a

mínima ideia de que no centro do Círculo está o Vidoeiro Quebrado, nem do que seus líderes andam tramando de verdade.

Marshall perguntou:

— E Donna Hemphile? Ela faz parte do Vidoeiro Quebrado?

— Creio que sim. Às vezes é difícil saber ao certo, eles disfarçam muito bem. — Parnell respirou fundo para mudar o ritmo da conversa e então abriu a pasta. — Aqui está o que querem saber de fato, e tudo o que de fato eu quero lhes contar.

Distribuiu o conteúdo da pasta em cima da mesa, à frente de Marshall e Ben. Com grande interesse, os dois examinaram diversas fotos policiais e o prontuário de uma jovem e linda mulher de cabelos pretos.

— Essa não é Sally Roe, claro — comentou Parnell.

Ben reconheceu-a.

— É a mulher que encontramos no barracão das cabras.

— Fiz uma investigação por conta própria. O nome dela é Alicia Von Bauer, 27 anos, satanista, membro do Vidoeiro Quebrado. Vejam o que diz sua ficha criminal: mutilação de animais, nudez pública e comportamento pervertido, prostituição, pornografia. Eu poderia acrescentar assassinato ritual a essa lista, mas quem seria capaz de prová-lo?

Marshall perguntou:

— Então você acha que o caso de Sally Roe se tratou de mais um assassinato ritual? Ou, pelo menos, de uma tentativa?

— Exato. Está claro para mim que a morte dela foi arranjada, e que deveria acontecer de tal modo que todos presumissem um suicídio.

— Assim que foi registrada, pelo menos — disse Ben.

Parnell assentiu com a cabeça.

— Graças a um serviço adicional imprevisto: a identificação do corpo de Alicia Von Bauer como se fosse o de Sally Roe. Faço o que me mandam, senhor Cole. Mas é evidente que tudo saiu terrivelmente errado. Só me resta imaginar

que Sally Roe — ou alguma outra coisa — subjugou Von Bauer, e Sally escapou.

— Essa é também a nossa teoria — concordou Ben. Apanhou a foto mais recente de Alicia Von Bauer para ver de perto. Os profundos olhos pretos pareciam encará-lo da fotografia. Uma sensação muito estranha.

Marshall perguntou:

— Onde está o corpo agora?

— Cremado. Tomamos essa providência assim que possível.

— Para dar sumiço na evidência?

— Isso mesmo.

Marshall não sabia se sua próxima indagação seria respondida:

— Doutor Parnell, temos motivo suficiente para crer que essa tentativa de homicídio não interessa apenas ao Vidoeiro Quebrado. O que me diz do pessoal graúdo com quem Claire Johanson e Jon Schmidt estão ligados? Eles teriam alguma coisa a ganhar?

— Acho que você está no caminho certo. Tenho certeza de que a ordem para o assassinato veio de alguém em posição superior.

— Como sabe?

Parnell chegou a sorrir um pouquinho.

— Porque foi a primeira vez que vi o sargento Mulligan amedrontado. Não muito depois de eu ter recolhido o corpo, ele me telefonou, perguntando se encontrara algum objeto de uso pessoal no corpo. Respondi que não. Mas dava para perceber que Mulligan sofria pressão de alguém muito acima, muito mais poderoso do que ele ou seus amigos do Vidoeiro Quebrado. Estava desesperado o bastante para me dizer o que procurar, algo que faltava e que deveria estar lá.

— Sim — Ben se recordava disso. — Eu perguntei alguma coisa a esse respeito a você. Alguém chegou até a passar um pente fino na casa de aluguel.

— E o que havia sumido? — perguntou Marshall.

— Um anel de ouro — respondeu Parnell. — Alguém o tirou do dedo de Von Bauer com óleo de cozinha. Encontrei vestígios do óleo ainda no dedo. A

outra coisa que faltava era 10 mil dólares em dinheiro.

Marshall e Ben se entreolharam. Os dois pensaram a mesma coisa. Coube a Ben falar:

— Alguém a contratou.

— Quem? — perguntou Marshall.

Parnell deu de ombros.

— Eu o aconselharia a procurar alguém rico, influente e muito poderoso.

— Uma toupeira bem grande, Marshall — Ben arrematou.

Marshall não fez nenhum comentário. Naquele momento ele se sentia subjugado por um medo repentino, arrepiante, que não experimentava desde alguns anos antes em Ashton, quando parecera que todo o mal do mundo estava para desabar em cima dele. Uma toupeira? De repente, a analogia era inadequada. Tinha a impressão de tratar-se de algo mais parecido com um dragão, um monstro — sombrio, insidioso, esperto e grande o suficiente para encher o céu, com mandíbulas abertas bem acima deles, caindo para a matança, comprimindo como um torno.

Bem longe de Baskon e ainda escondida de seus inimigos, Sally Roe estava sentada entre as estantes que iam do chão até o teto de uma biblioteca no centro de Henderson. Ladeavam-na em toda a volta guardas angelicais invisíveis enquanto ela folheava uma lista enorme dos advogados filiados à Ordem Nacional dos Advogados. Tinha um palpite, apenas uma hipótese, mas era a possibilidade mais forte do seu ponto de vista.

Perto de seu cotovelo estava o Volume IV das quatro listas que roubara da sala do professor Samuel W. Lynch, cujo título completo era: Uma Continuação da História e Rol da Real e Sagrada Ordem da Nação. Cada um dos quatro volumes continha cerca de 200 páginas. A maioria dedicada a um palavrório cerimonial esquisito, esotérico, a ritos e iniciações secretos, a atas de reuniões e diretrizes. Pelo menos 50 páginas de cada volume eram dedicadas

aos nomes dos membros. Essas páginas lhe prendiam a atenção no momento; estivera a examiná-las com atenção durante horas.

Sally tinha agora outro volume atravessado sobre o Volume IV, de modo a mantê-lo aberto na página 68, *A 168ª. Irmandade dos Iniciados*. Como nas 167 páginas desse e dos três volumes antecedentes, aquela enumerava os nomes dos novos membros que entraram para a Ordem da Nação em determinado ano, em duas colunas de quinze nomes cada. A coluna da esquerda relacionava nomes bizarros e esotéricos como Isenstar, Marochia e Pendorrot. A coluna da direita continha nomes verdadeiros, alguns até conhecidos. No começo do último terço da coluna da esquerda, localizara o nome pelo qual tivera de olhar páginas equivalentes a vários anos: Exetor.

A princípio, Exetor era apenas uma palavra misteriosa que encontrara gravada na parte interna do anel que tirara do dedo daquela que quase a assassinara. Até ter roubado e estudado as listas, a gravação não fizera o menor sentido. Quando enfim encontrou a página 68 no Volume IV das listas, tudo ficou muito mais claro. Exetor era um nome ou título secreto, o nono na lista de quinze. Diretamente oposto a Exetor, na coluna da direita, encontrava-se o verdadeiro nome do homem que recebera esse título.

"James Everett Bardine."

James Bardine. Ele fora iniciado na Sagrada Ordem da Nação com mais quatorze homens havia doze anos. Ao ser iniciado, a Irmandade o batizara como Exetor e lhe concedera o Anel da Fraternidade com seu nome secreto gravado.

Muito impressionante, fantasmagórico mesmo. E nem um pouco digno de desdém. A Nação talvez fosse apenas mais um grupo ou fraternidade, uma sociedade ou clube secreto onde velhos amigos se reuniam, com encontro secreto e juramentos, apertos de mão especiais, chapéus e rituais engraçados. Tudo isso para depois mandar ver na cerveja e na bagunça. Quase toda cidade tinha um grupo ou ordem secreta desse tipo.

Mas a Nação ia além disso. Congregava uma porção de nomes conhecidos e lhes propiciava ao menos essa sociedade em comum. Ela encontrara o nome de Samuel W. Lynch entre os Iniciados da Irmandade — ele fora iniciado na Nação 51 anos antes e, conforme lhe mostrara em sua sala, ainda guardava seu querido Anel de Fraternidade.

O segundo anel que estava com ela — aquele que escondera dez anos antes debaixo do peitoril de tijolo em Fairwood — trazia outro nome secreto, Gawaine. Esse, no entanto, Sally já sabia a quem pertencia. Achou depressa o nome na posição sete, em frente a Gawaine, na Fraternidade dos Iniciados: Owen Jefferson Bennetti, iniciado 34 anos antes, quando estava no último ano da Universidade Bentmore.

O bom e velho Owen. Ele deixara de lhe contar muita coisa.

Tudo isso era fascinante, claro, mas antes de toda e qualquer coisa, na cabeça de Sally naquele instante só havia o nome James Everett Bardine. A Nação era uma organização estritamente masculina, porém, uma mulher usava o anel dele. Qual seria a ligação? Antes de mais nada, quem era Bardine?

Talvez a presente ação judicial provocando toda aquela agitação em Baskon a tivesse feito pensar que Bardine podia ser um advogado; ou talvez o fato de que a Nação parecia não ter gente comum, operários, entre seus membros, mas apenas banqueiros, homens de negócios, educadores, advogados e estadistas — gente poderosa.

— Qualquer que fosse o caso, ela agora limitara sua busca à letra B dos membros da Ordem dos Advogados e chegava cada vez mais perto.

Barcliff... Barclyde... Barden... Bardetti... Bardine. James Everett Bardine.

Bingo. O sujeito era advogado. A lista estava atualizada, fora publicada naquele ano. Bardine trabalhava para um grande escritório de advocacia em Chicago: Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon. Eram membros da Associação dos Cidadãos Americanos pela Liberdade.

Sally sentiu necessidade de sentar e pensar um pouco em tudo aquilo. *James Bardine, membro da acal. A acal está movendo uma ação judicial contra a*

escola... A assassina usava o anel de Bardine!

Será que isso significava uma conexão entre a acal e a quase-assassina? Achava que sim. Examinaria outros nomes ainda, com certeza. Mal podia esperar para escrever a Tom e lhe contar.

Mas quem seria aquela demoníaca mulher de preto?

Na manhã de sexta-feira, o pastor Mark Howard conseguiu atravessar a ruidosa, confusa e agitada Fábrica de Portas Bergen, com óculos e protetores de ouvidos, desviando-se da empilhadeira, dando a volta em portas sendo empilhadas, lixadas, e transportadas de um lugar para outro. Entabulou aos gritos uma rápida conversa com um supervisor de prancheta na mão e soube como encontrar o cubículo onde funcionava o escritório de Donna Hemphile, supervisora de acabamento.

Podia vê-la do outro lado da porta de vidro em que bateu de leve para chamar-lhe a atenção.

— Sim, entre.

Mark assim o fez.

Donna Hemphile girou na cadeira da escrivaninha e estendeu-lhe a mão.

— Oi, Mark. Que surpresa! O que o traz aqui?

Ele não tinha tempo para falsas amabilidades, tampouco para ficar com rodeios.

— Questões bastante sérias, Donna.

Ela consultou o relógio.

— Bem, sabe como é, preciso voltar a minha área dentro de...

— Já conversei com o senhor Bergen. Ele pôs outra pessoa para cuidar da nova serra de fita. Disse que eu teria uma hora para conversar com você.

Donna precisou de um momento para digerir a notícia. Afinal relaxou e recostou-se na cadeira.

— Muito bem. Sente-se.

Mark girou a única outra cadeira e sentou-se de frente para Donna.

— Tenho percorrido a cidade inteira desde quarta-feira à noite, tentando descobrir algumas coisas, e não me sobra muito tempo para dormir. Você conhece o problema que a igreja vem enfrentando desde o início dessa ação judicial. Sinto-me um marinheiro querendo consertar os vazamentos em um navio que está afundando antes que ele naufrague de vez.

Donna balançou a cabeça em sinal de assentimento.

— É, tem sido duro.

— De qualquer forma, afinal reuni três famílias para uma conferência: os Waring, os Jessup e os Walroth. Acho que foi uma reunião bastante produtiva. Ed e Judy Waring ainda estão descontentes, porém os Jessup e os Walroth talvez mudem de ideia. — Mark calou-se um instante. Pretendia mudar o rumo da conversa. — Mas na verdade eu gostaria de lhe perguntar a respeito de algo que todos disseram e sobre o qual eu nunca tinha pensado. Você participa da corrente de oração e seu nome vem antes dos nomes dos Jessup, dos Walroth e dos Waring.

— Hum-hum... — Donna se limitou a ficar sentada, escutando. Enquanto isso, Mark investia com objetividade:

— Por isso, deixe-me perguntar francamente: você disse a June Walroth que Tom Harris surra a filha Ruth, e que por isso ele a veste com mangas compridas tantas vezes?

Donna deu risada ao ouvir isso.

— Não.

— Você disse a Judy Waring que Cathy e eu temos problemas conjugais porque fui infiel e tive um caso há muitos anos?

Ela sorriu e fez que não com a cabeça.

— Não.

— Você disse a Ed Waring que a escola estava tão endividada por causa dos roubos que Tom e a senhora Fields praticavam ali dentro?

— Não.

— Você disse a Andrea Jessup que Tom vem enfrentando problemas sérios de desvios sexuais desde que Cindy morreu?

— Não.

Mark estava achando chocante ela só dar respostas assim tão breves.

— Você não tem nenhum comentário a fazer sobre tudo isso?

Donna sorriu e meneou a cabeça em aparente incredulidade.

— Por que eu deveria dizer alguma coisa, Mark? Essa gente está fofocando. É tudo invenção delas.

— Por que você acha que todos eles citaram a mesma fonte para a informação que tinham?

Donna jogou as mãos para o alto.

— Sei lá. Devem ter algo contra mim, não sei. Então... O que mais tem na sua lista?

— Bom... Alguém que nem frequenta a nossa igreja. Kyle Krantz, o rapazinho despedido terça-feira por guardar maconha no armário que usava aqui na fábrica.

Ao ouvir isso, Donna rolou os olhos.

— Minha nossa!

— Ele conta uma história muito interessante e, sabe, grande parte do que ele diz foi confirmado. Acho que você conhece a versão dele para os fatos, certo? De que alguém colocou o pacote de maconha no armário dele para incriminá-lo?

— Ah, sim, já ouvi essa história antes. Ele podia ter armado algo mais original. Todos os garotos usam essa desculpa.

— Eu também a ouvi antes, de Ben Cole. Alguém colocou maconha confiscada no armário dele na delegacia e Mulligan o demitiu. Como não podia deixar de ser, foi Mulligan, de acordo com Kyle, quem veio à fábrica fazer um acordo com ele para não ter de autuá-lo por porte de drogas. É isso mesmo?

— Essa parte da coisa não me diz respeito. Apenas o mandei embora, cumprindo a política da empresa.

Mark falou mais devagar para dar ênfase:

— Kyle afirma que Mulligan lhe propôs arquivar o caso se o rapaz ficasse de boca fechada em relação a certos fatos de que ficou sabendo.

Donna estava mais tensa agora.

— Ouça, Mark. O que acontece aqui na fábrica é minha responsabilidade, e você nada tem a ver com isso.

Mark não voltou atrás. Pelo contrário, continuou:

— Alguém matou o cachorro de Kyle também; abriram-no e o deixaram no banco da frente do carro dele. Talvez quisessem deixar um pequeno lembrete de que seria melhor tomar cuidado.

Donna apoiou o cotovelo na escrivaninha, colocou a mão debaixo do queixo e fez o possível para demonstrar indulgência diante de um ministro infantil, presunçoso e superimaginativo.

Mark insistiu ainda:

— Essa história, por si só, é bem esquisita. Não sei se daria crédito a Kyle se algo semelhante não tivesse acontecido na própria igreja. Na segunda-feira de manhã, alguém aspergiu sangue de cabra na porta da frente e deixou duas pernas do animal cruzadas na entrada. Um espécie de despacho, ou aviso, não sei. No dia anterior, no entanto, manhã de domingo, Ben Cole comparecera ao sítio dos Potter para investigar a morte de uma cabra de propriedade de Sally Roe. Todo o sangue fora drenado do animal e suas quatro pernas haviam sido removidas.

— Então, segundo Kyle, naquele domingo à noite, ele e um amigo estavam no sítio dos Benson e viram um bando de bruxos conduzindo um ritual no celeiro e imagine só — os bruxos, ou satanistas, seja lá o que forem, bebiam sangue de cabra. Dispostos em círculo ao redor de outras duas pernas de cabra, clamavam pela derrota dos cristãos e pela morte de Sally Roe.

Afinal, conseguiu arrancar ao menos um pequeno comentário de Donna Hemphile:

— É, isso é bem extravagante.

Mark atingiu-a em cheio com a próxima sentença.

— Kyle afirma que você estava lá, que fazia parte do grupo a conduzir o ritual, ao lado do sargento Mulligan, de Claire Johanson e de Jon Schmidt. Talvez os piores inimigos de Tom Harris e da nossa igreja no momento.

Donna nada respondeu. Apenas reclinou-se na cadeira e continuou ouvindo, demonstrando um desinteresse surpreendente.

— Também averiguamos a história com o amigo de Kyle, submetendo-o a um teste bastante completo com algumas fotos que Marshall tinha das pessoas que o rapaz alegava ter visto presentes ao ritual. Também com fotos de pessoas que não tinham estado lá, e mais algumas informações falsas que alegamos ter sido fornecidas por Kyle. O amigo confirmou todos os detalhes. Estou convencido de que dispomos de duas testemunhas de confiança.

— E uma história bem maluca — relembrou Donna.

— Pode ser... Depois de tudo o que passamos, tudo que temos visto e aprendido, deixou de ser tão maluca assim. É repugnante, trágica, chocante, porém no ponto a que chegamos eu a considero incontroversa. Ainda mais levando em consideração que Mulligan — e talvez até você — se rebaixou a ponto de usar essas táticas de terror e intimidação para manter os garotos calados.

Ela não indicou ter qualquer comentário sobre isso, no entanto, dessa vez Mark não ficou esperando por um.

— Donna, você disse que o que acontece aqui na fábrica é responsabilidade sua, e que nada tenho a ver com isso. Pois o que acontece na igreja é minha responsabilidade, por isso, deixe-me fazer apenas uma pergunta direta: você esteve no sítio dos Benson na noite de domingo?

— Não — disse ela simplesmente.

— Está envolvida com bruxaria ou ocultismo?

— Não.

— Está tentando destruir minha igreja com maledicência e divisão?

Ela deu uma risada e havia um toque de zombaria em seu riso.

— Claro que não. Ei, vocês estão passando por tempos difíceis. Se não ficarem unidos, não sobreviverão.

— Então o que me diz sobre Sally Roe?

— Nunca ouvi falar dela.

Uma pergunta imprevista ocorreu a Mark nesse instante:

— E a assistente social do DPC que tomou os filhos de Tom, Irene Bledsoe? Ela está trabalhando contra nós de propósito, querendo destruir a reputação de Tom?

Donna deu risada outra vez.

— Pelo que sei, ela só está cumprindo uma obrigação profissional. Quer saber? Na minha opinião, Tom está doente e acho que ela conseguiu enxergar isso.

— E aquela ocasião em que viu Ben Cole fazendo a primeira visita a Abby Grayson aqui na fábrica? Você comentou o fato com o sargento Mulligan?

— Quer saber se o dedurei, é isso?

— Pode ser.

— Na verdade eu não conheço Mulligan tão bem assim. Por que me incomodaria em lhe falar a respeito de um de seus próprios tiras?

Mark olhou para Donna e ela sustentou-lhe o olhar. Não havia mais perguntas pendentes entre eles.

— Donna... você não mente muito bem.

Ela brindou-o com o mesmo sorriso sutil, zombeteiro.

— Pelo contrário, Mark. Você aprovou o pedido para me tornar membro da sua igreja.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Tem razão. Tem toda a razão. — Já ouvira o suficiente. — Bem, eu poderia usar o método bíblico e retornar com algumas testemunhas para então

repetir tudo o que falamos agora, mas... O que você acha? Não vale a pena, concorda?

Donna apenas continuou a sorrir.

— Não precisa.

O telefone tocou. Ela atendeu.

— Sim. Certo. Estou indo. — Desligou. — Desculpe, mas era o senhor Bergen. Ele quer ter uma reunião comigo imediatamente.

— Eu sei — disse Mark, levantando-se da cadeira. Ele mesmo abriu a porta e saiu pelo corredor. Donna o seguiu de perto.

O escritório do sr. Bergen ficava a meio caminho para o andar de cima. Mark olhou pelo vidro; Abby Grayson, Kyle Krantz, Billy, o amigo de Kyle, e Marshall Hogan estavam ali dentro havia já um bom tempo. O sr. Bergen, homem de aparência severa com seus sessenta e poucos anos, andava de um lado para outro no escritório, esperando impaciente, visivelmente zangado.

Mark abriu a porta um pouquinho e enfiou a cabeça pela fresta por tempo suficiente apenas para atrair a atenção do sr. Bergen. Bergen olhou em sua direção na mesma hora; já o esperava.

— É tudo verdade — disse Mark. Em seguida, fechou a porta e continuou em frente, parando apenas o suficiente para olhar para trás e ver Donna Hemphile entrar no escritório do chefe.

37

Lucy Brandon sentiu o couro cabeludo arrepiar, o estômago dar um nó. Era o segundo telefonema desse tipo que recebia naquele mesmo dia, interrompendo seu trabalho no correio e deixando-a morta de susto.

— Não fale com Hogan — ordenara sua ex-bondosa amiga Claire Johanson. — Não diga nada a ele ou a ninguém daquela gente. Seria muito ruim para você não preservar o conhecimento que tem!

Lucy tentou manter baixa a voz para que Debbie não a ouvisse :

— Claire, o que aconteceu?

— Não aconteceu nada!

— Recebi um telefonema de Gordon Jefferson igual ao seu. Ele não foi nem um pouco bondoso. Ficou me dizendo que eu me encrencaria com a lei se alguma coisa vazasse, sendo que nem sei do que ele estava falando...

Claire não respondeu de imediato. Trabalhava em uma resposta que fosse segura — ou que enganasse definitivamente.

— É que a audiência no Tribunal Federal de Recursos está chegando e a situação está ficando crítica, só isso. Acho que nos deixou nervosos.

— Mas por que vir pra cima de mim?

— Não só de você. Estamos pressionando todo mundo, inclusive nós mesmos. Tem muita informação escapando, o que poderia levar nosso caso à ruína. Precisamos ser cautelosos. Estou certa de que você compreende.

— Tudo isso me parece muito repentino.

— *Parece*. Não se preocupe. Apenas se mantenha calada, não converse sobre nossos assuntos com ninguém. Agora preciso desligar.

Clique.

Vou explodir desse jeito, pensou Lucy. *Vou ficar maluca, uma verdadeira doida varrida. Não aguento mais essa história*!

Tilin!

Um freguês no balcão. *Não, não posso ver ninguém, simplesmente não posso falar com ninguém. Só quero dar o fora daqui. Mas para onde iria? Como explicaria tudo a minha filha? E a confusão em que me meti*?

Tilin!

Ora, onde Debbie se meteu? Consultou o relógio. *Que maravilha! É hora do intervalo dela. Deve estar do outro lado da rua, comprando goma de moscar sem açúcar ou coisa parecida...*

— Já vou.

Procurou se concentrar para recuperar a calma e foi para a frente da agência.

O freguês era Tom Harris.

Ambos ficaram imediatamente sem graça. Chegaram mesmo a se afastar um pouquinho.

— Ó, desculpe — disse ele. — Quer dizer, não tenho de...

Lucy olhou de um lado para outro. Não havia mais ninguém no saguão.

— Bem, eu posso atendê-lo.

Tom se afastou do balcão. Só então estendeu os braços e colocou alguns pacotes na frente de Lucy.

— Gostaria de mandá-los para meus pais.

Lucy puxou os pacotes para junto de si; virou-os, revirou-os, leu os endereços, releu-os e mesmo assim, continuou sem saber o que lera. Não conseguia raciocinar. Devia pesar os pacotes? Depositou os três juntos sobre o prato da balança e mexeu desajeitada nos pesos deslizantes. Não, não, assim não funcionaria, não os três juntos...

Colocou os pacotes no balcão e, sem levantar os olhos, tentou dizer:

— Sinto muito que tudo isso tenha acontecido.

Apesar da voz fraca e trêmula demais, Tom conseguiu entendê-la.

— Claro. Eu também.

Lucy procurou se concentrar nos pacotes.

— Bem, acho que não deveríamos conversar sobre isso.

— Eu entendo.

— Acha que Amber está possuída?

A pergunta não saiu sem querer — Lucy a botou para fora. Ela queria saber.

Mas Tom Harris sentia-se amordaçado e agia como tal. Embora quisesse responder, só pôde olhar para ela com evidente frustração estampada no rosto.

— Você sabe que não posso falar sobre isso.

— Eu preciso saber. Por *mim*.

Ele meneou a cabeça entristecido, sentindo muito mesmo.

— Não posso falar. Mas, ouça...

Ela prestou toda sua atenção.

— Er... Jesus Cristo venceu as forças espirituais do mal na cruz. A Bíblia diz que ele as desarmou e expôs ao público. Ele tem toda a autoridade sobre elas e deu essa autoridade a seu povo, aos que verdadeiramente creem nele. Cristo é a resposta. Não há mais nada que eu possa dizer.

— Alguma vez você viu alguém possuído?

Tom pegou de volta os seus pacotes.

— Gostaria de lhe explicar tudo sobre esse assunto. Talvez quando a ação judicial acabar, está bem? Eu... Ouça, não se ofenda... Mandarei os pacotes mais tarde.

Saiu apressado porta afora, deixando Lucy com suas dúvidas sem resposta.

— Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon — entoou a recepcionista.

— O senhor Bardine, por favor — disse a voz da mulher do outro lado.

A recepcionista hesitou.

— Er... Sinto muito informar-lhe, mas o senhor Bardine faleceu. A senhora tinha algum negócio em andamento com ele? Podemos providenciar para que outra pessoa o conclua.

A pessoa do outro lado da linha ficou chocada com a notícia.

— Você disse que o senhor Bardine faleceu?

— Sim, sinto muito ter de lhe dizer isso. Ele morreu em um desastre de automóvel há algumas semanas. Foi um grande golpe para todos nós aqui no escritório.

— Bem, eu... Eu também estou assombrada em saber disso.

— Sinto muito. Talvez queira conversar com o senhor Mahoney, chefe do senhor Bardine. Ele com certeza poderá ajudá-la.

— Ó, não, obrigada. Deixe-me pensar sobre isso primeiro.

— Muito bem. Obrigada por ligar.

— Até logo.

A recepcionista desligou o telefone e voltou a digitar sua carta em um sofisticado computador, sentada diante de uma escrivaninha enorme de nogueira escura e arremates de latão, no interior de um luxuoso escritório

atapetado, de paredes muito altas forradas com madeira e luminárias rebuscadas. Enquanto isso, sócios seniores e sócios juniores, todos vestidos para o sucesso, sem contar os agressivos assistentes legais, as secretárias ambiciosas e os visitantes poderosos, mas incógnitos, todos andavam pra lá e pra cá pelos corredores, lábios apertados e queixo erguido, munidos de pastas, arquivos legais ou blocos de papel amarelo.

Os escritórios da Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon em Chicago eram mais que um palácio; eram uma fortaleza de poder e tecnocracia legal, onde conhecimento e poder significavam tempo e dinheiro — muito dinheiro. Ali os czares da lei estabelecida por precedente legal e os arquitetos dos precedentes legais preparavam o futuro desafiando, retorcendo, espichando e até mesmo promovendo a hibridação da lei, voltando-a em seu favor sempre e com a frequência que seu conhecimento, habilidade, conexões e poder lhes permitiam.

Eram os escritórios da elite, promotores dos favorecidos e responsáveis por destronar os dispensáveis, os que garantiam o sucesso e os que instigavam a ruína.

No topo dessa torre de marfim, no pináculo da pirâmide, assentava-se o impiedoso e poderoso sr. Santinelli.

— Boa tarde, Sr. Santinelli — disse a recepcionista.

— Boa tarde — replicou ele com um sorriso desmaiado, obrigatório, estendendo a mão para receber a carta recém-digitada. — Estarei conduzindo uma reunião especial na próxima meia hora; não quero nenhum chamado, nenhuma interrupção.

— Sim, senhor.

Santinelli continuou pelo corredor até alcançar uma porta alta e imponente de mogno. Um assistente abriu-a bem a tempo de ele passar, e depois fechou a porta após ele como a laje sobre uma cripta.

Santinelli se encontrava na sala particular de conferência adjacente ao seu escritório, um lugar à prova de som, secreto e bastante lúgubre. O

madeiramento parecia ainda absorver a luz e as cortinas de veludo que pendiam do teto ao chão ainda estavam fechadas sobre as janelas.

Havia três homens de pé em um grupo fechado numa das pontas do aposento. Falavam em vozes abafadas. Cumprimentaram Santinelli com a cabeça quando ele entrou.

Um deles era Khull, o homem a quem fora confiada a tarefa de eliminar Sally Beth Roe.

Santinelli fez algumas apresentações rápidas:

— Senhores, permitam-me apresentar-lhes formalmente o Sr. Khull, que nos ajudará com os assuntos urgentes atuais. Senhor Khull, apresento-lhe o senhor Evans, sócio desta empresa, por ora dedicando-se em tempo integral aos nossos problemas legais presentes, e o senhor McCutcheon, nosso diretor de administração e finanças.

— Um prazer — disse Khull.

— Já falei com o senhor Goring no Summit e o senhor Steele no Centro Ômega — relatou Santinelli. — Está claro para todos nós que Sally Roe quer descobrir o proprietário do anel que ela tirou do dedo de Von Bauer, e está usando o pagamento de Von Bauer para financiar a investigação que vem empreendendo por todo o país. Eles concordam conosco que as listas são suficientes para levá-la ao falecido James Bardine, o que significa que ela terá de vir aqui, embora não tenhamos como saber quando. O senhor Khull colocou guardas no prédio para essa eventualidade e, naturalmente, contamos com sua garantia, senhor Khull, de que o fracasso ocorrido na Universidade Bentmore não se repetirá?

— Da última vez fomos um pouco discretos demais, eu diria — respondeu Khull. — Trouxe para cá o dobro do pessoal que coloquei em Bentmore, e nossas técnicas serão muito mais diretas desta vez.

A audiência no Tribunal Federal de Recursos será na segunda-feira — continuou Santinelli, furioso. — Uma decisão a nosso favor não servirá de

grande consolo se Roe continuar solta. No que me diz respeito, quando ela vier, pode trazê-la a esta sala e matá-la aqui mesmo.

Khull reprimiu uma risada.

Do outro lado da mesa de conferência, o Destruidor e os doze guerreiros grotescos que o ladeavam não reprimiram suas risadas de forma alguma, mas deleitaram-se plenamente com a ideia de matar a mulher.

A risada de Destruidor, contudo, foi uma breve indulgência. Ainda trazia no corpo os ferimentos e a vergonha de seu mais recente encontro com o Homem Forte. De modo que agora, sua animação ao pensar na morte iminente de Sally Roe vinha misturada ao desespero.

Você a pegará desta vez! grunhiu ele, as asas abertas de raiva, o dedo torto apontando para o outro lado da mesa. *Você a pegará e matará*. Em seguida, gritou aos seus guerreiros:

— Cerquem este lugar e coloquem sentinelas por toda a cidade! Ela não escapará desta vez!

Os guerreiros precipitaram-se sala afora com um trovejante brado de guerra, quase loucos de sede por sangue.

O Destruidor olhou furioso para Khull e resmungou, pensando alto: *Venha a nós, Sally Roe. Seja qual for sua condição, com ou sem cruz, desta vez nada nos deterá. Nada*!

Nos arredores de Chicago, Sally Roe estava sentada no quarto miserável e mofado de um hotel barato, olhando fixo para o telefone e sem saber que atitude tomar em seguida. James Bardine estava morto! Não fora pouco o tempo que ela passara se preparando para confrontá-lo, para buscar uma solução para a crise. Chegara tão perto, mas agora... O que podia fazer? Bem, não adiantava nada visitar Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon. O homem que procurava já não estava lá.

Mas, obviamente, Bardine não era o único participante daquele jogo: havia outros jogadores e estrategistas. Desde o policial desajeitado de Baskon aos escultores de mentes do Centro Ômega, passando pelos mais altos níveis da instituição educacional da Universidade Bentmore e até além dela. Todos sabiam a seu respeito, todos queriam aquele anel e todos pareciam muito determinados em matá-la.

Com relutância, trouxe de volta à mente uma ideia antiga em que cogitara várias vezes nas últimas semanas. Podia tentar um último estratagema, um modo decisivo de encontrar e identificar as pessoas responsáveis por todo esse pesadelo. Decisivo sim, a ponto de com certeza implicar em sua morte, se Deus não houvesse por bem poupá-la.

Engraçado. Antes de encontrar Jesus, não via razão para viver, mas temia a morte. Agora tinha uma razão para viver, mas não temia a morte de forma alguma. Experimentava uma paz estranha, uma sensação fascinante de descanso e tranquilidade no fundo da alma. Algum dia teria de analisar tudo isso e esclarecer o que de fato lhe acontecera, caso vivesse para tanto. Se não... Bem, talvez já tivesse vivido o suficiente.

Sacou de novo do caderno e se pôs a redigir a última carta para Tom Harris.

Natã e Armoth mostravam-se tensos pela expectativa e preocupados com a estratégia, mas permaneceram ao lado de Sally quando ela começou a escrever.

— A palavra do seu testemunho, o sangue do Cordeiro e ela não ama tanto a vida a ponto de se furtar à morte — Natã comentou.

— Já são três — disse Armoth.

A caneta de Sally deslizava pelo papel.

> Tom, esta será minha última carta para você. Já lhe contei tudo que fiz e tudo que sei, e lhe falei do meu encontro com o Deus e salvador a quem você serve. O que mais falta além de ver você face a face e enfim dar um basta em todos esses problemas?

Não tenho nem sombra de dúvida que a acal mexeu alguns pauzinhos importantes, ou vice-versa, e que eles estão ligados ao atentado contra a minha vida, que deve estar relacionado ao ataque contra você e sua escola. Agora tenho o anel de ouro tirado daquela que quase se tornou minha assassina, bem como os quatro volumes da história e lista de participantes da Ordem Real e Sagrada da Nação, provando que o anel pertenceu ao hoje falecido James Everett Bardine, um advogado que gozava de excelente conceito junto à acal. Disponho ainda de outras informações, muitas das quais já forneci em diversas cartas e que deverão ser valiosas para você na defesa contra essa ação judicial.

Só me resta agora voltar a Baskon para ajudar seu advogado a montar a defesa e, em última análise, depor no tribunal aberto a seu favor.

Acredito ter chegado a hora de você me procurar. Por favor, entre em contato comigo no Hotel Caravan.

Passou seu telefone e endereço a Tom e então fechou o caderno. Se corresse, conseguiria tirar uma xerox da carta e expedi-la.

Mas, primeiro, precisava redigir outra carta. Abriu o caderno em uma página em branco — consumira dois deles àquela altura e estava começando o terceiro. Começou então sua primeira e última correspondência endereçada a Bernice Krueger, aos cuidados do *Clarim de Ashton*. Escreveu-a bem depressa, limitando-se ao essencial.

O jovem funcionário do correio ensacava a correspondência para o malote da noite quando uma senhora de calça *jeans* e jaqueta azul chegou ao balcão com mais cartas. Ele tinha pressa; o caminhão chegaria a qualquer momento. Atendeu rapidamente a freguesa, afixou o selo necessário e jogou o resto da correspondência no malote.

Lá estava o caminhão! Agarrou o malote e dirigiu-se à porta dos fundos.

A mulher saiu pela porta da frente, satisfeita por ter chegado a tempo.

Na pressa, uma carta caiu do malote, indo parar no chão, debaixo do balcão, e ali ficou virada para baixo.

Seu destinatário era Bernice Krueger, aos cuidados do *Clarim de Ashton*.

38

Na segunda-feira logo cedo, sem aviso prévio e sem ninguém esperar, a máquina de fax do escritório do *Clarim de Ashton* entoou seu canto eletrônico e mal foi ouvida acima do tumulto pré-publicação que costumava marcar as manhãs daquele dia. Bernice não ouviu nada; estava no escritório de Marshall, fechado por vidros, tentando convencer a Padaria do Eddy a comprar só mais 5 centímetros de coluna para não ter de preencher aquele espaço com citações idiotas de uma única linha.

— Ei, ouça — dizia ela —, faremos a rosquinha maior e depois, a caneca de café, mostrando mais vapor saindo ou algo assim. Os leitores vão ficar loucos para experimentar. Claro que sim!

— Bernice! — gritou Cheryl pelo vidro. — Está chegando um fax para você!

Ela ergueu os olhos para ela e perguntou:

— O quê?

Cheryl disse alguma coisa em resposta, mas tudo que ela conseguiu ouvir foi a palavra fax. O resto ficou por conta de sua capacidade de leitura labial.

Fax? De quem? Até então, não podia pensar em nada.

O telefone tocou alto em seu ouvido. Precisava atender.

— Ó, sim. Pelo menos pense no assunto, está bem, Eddy? Farei um desconto para você. Certo, mas preciso ver o que posso fazer. Está bem, até logo.

Cheryl bateu de leve na porta, abriu uma fresta e jogou a folha de papel para dentro, ainda quente da máquina de fax.

Bernice pegou-a antes que flutuasse para o chão e deu uma olhada.

Ó! Era de Cliff Bingham, seu contato em Washington, d.c.! Esquecera completamente dele. Ora, ora! Ele encontrara o currículo *Descobrindo o verdadeiro eu* para as quartas séries na Biblioteca do Congresso e mandara para ela a página do título com uma nota rabiscada no topo: "Bernice, era disso que você precisava? — Cliff."

Ela sorriu. *Para ser franca, Cliff, você se saiu bem, mas Marshall já viu o currículo; você chegou tarde demais. Mesmo assim, obrigada*.

Foi até seu arquivo de fichas de telefones para procurar o número de Cliff. Encontrou-o e tirou o fone do gancho. Apertou as teclas numéricas e tornou a pegar aquela primeira página para dar uma olhada enquanto esperava que, do outro lado da linha, alguém atendesse.

Foi então que ela o viu. Bateu o telefone no gancho na mesma hora. Correu os olhos pela página de novo a fim de ter certeza. Examinou a data da publicação.

Pegou o telefone e digitou com força as teclas do número da residência dos Cole em Baskon.

— Alô? — Era Bev Cole.

— Oi, Bev. Aqui é Bernice Krueger em Ashton.

— Ó, oi! Quem diria!

— Preciso falar com Marshall imediatamente!

— Bem, ele não está aqui e não sei para onde foi.

— Tenho de... Ora, bolas! Ele disse pelo menos a que horas volta?

— Não, Marshall corre tanto por aí que nunca sei onde encontrá-lo. Ele e o Ben.

— Bev, escute, vou mandar uma coisa para ele pelo fax. Deve conseguir buscá-lo na Judy, certo?

— Ó, sim, se ela ainda estiver com o escritório aberto.

— Vou mandar o fax para o serviço de secretaria da Judy agora mesmo. Diga a ele para ir apanhá-lo imediatamente, está bem?

— Claro, eu direi. Ei, você parece agitada!

— Estou um pouco nervosa, só isso. Nos falamos depois. Tchau!

Saiu aos trambolhões do escritório e encaminhou-se direto para a máquina de fax.

Marshall, onde está você?

Lucy Brandon repassava a correspondência da manhã, separando-a, colocando-a nas caixas postais e distribuindo-a entre as quatro rotas diferentes de entrega. Sentia-se doente, nervosa, esgotada e muito cansada. Começava a odiar seu trabalho, mais ainda quando chegavam cartas de S. B. Roe.

Como aquela que acabara de sair do malote no momento em que pensava nela! Quantas seriam agora? Umas 30, pelo menos. Trinta envelopes estufados por causa do número de folhas de papel escritas com a mesma caligrafia fluida, indistinta através do envelope. Todos eles endereçados para Tom Harris.

Pois então, acho que quando mandar esta aqui adiante, terei infringido a lei federal mais de 30 vezes. Que ideia. E se eu a entregasse para Tom? E se a introduzisse na caixa de correio dele, só uma delas, só dessa vez?

— Bom dia, Lucy!

Ela deu um pulo literalmente, derrubando a carta no chão.

Harold Mulligan!

— Sargento! O que faz por aqui? Quase me matou de susto!

Ele se abaixou e apanhou a carta do chão.

— Ah, outra dessas, hein?

Lucy tentou tomá-la de volta.

— Sim. Muito obrigada por pegá-la...

No entanto, Mulligan não a soltou.

— Calma, Lucy. Tenho ordens com relação a quaisquer outras correspondências da senhorita você sabe quem...

Ela não se importou.

— Devolva-me a carta, sargento! É correspondência dos Estados Unidos!

— O quê?

Ele chegou mesmo a segurar-lhe o braço com força e empurrá-la contra a parede! Estava machucando e ela não conseguia acreditar no que estava acontecendo!

Em voz baixa, ameaçadora como Lucy nunca o ouvira usar, Mulligan disse:

— E o que você pensa que vai fazer com ela, hein? Pensa talvez em entregá-la para o destinatário? É isso?

— Solte-me!

— Ouça o que estou lhe dizendo, mocinha! Qualquer carta de Roe você coloca bem na minha mão, bem aqui, entendido? Não mexa com ela, nem mesmo pense sobre ela, ou enfrentará um monte de problemas horrorosos!

Lucy ficou com medo.

— Estou fazendo o que me mandaram fazer, Harold, você sabe disso. Por favor, me solte!

— Só quero ter certeza de que estamos entendidos quanto a isto.

— Por favor — veio uma voz lá da frente.

Era Marshall Hogan.

Ora, bolas, o que será que ele viu do que está acontecendo aqui? Na mesma hora, Mulligan mudou sua postura agressiva para fingir que brincava com Lucy e soltou-a.

— É isso aí, Lucy, se cuide!

Saiu pelos fundos com a carta no bolso.

Debbie adiantou-se para atender o ruivo grandalhão, porém, Lucy correu e passou na sua frente.

— Pode deixar, eu atendo.

Debbie se afastou, mesmo percebendo que a chefe não estava em condições de atender ninguém. Fosse como fosse, tarde demais. Não podiam discutir esse tipo de coisa na frente de um freguês. Por isso, retornou à separação de cartas, mas sempre de olho em Lucy.

— Quero um livrinho de selos — disse Marshall gentilmente.

Lucy abriu a gaveta sob o balcão. Suas mãos tremiam visivelmente e ela não conseguia olhar para cima.

— Você está em apuros? — perguntou Marshall.

— Por favor, não posso falar com você — disse ela, à beira das lágrimas.

— Então apenas me venda os selos — ele instruiu. — Cuide primeiro disso.

Afinal ela encontrou um livrinho de selos e os colocou sobre o balcão.

Ele também colocara alguma coisa em cima do balcão.

— Este é o relatório do legista Joey Parnell sobre a mulher que se suicidou, supostamente Sally Beth Roe. Vê a descrição? Cabelos pretos, vinte e poucos anos... Veja isto aqui. — E colocou uma foto à frente dela sem parar de falar em voz baixa, suave. — Esta é uma foto policial dela. Sally tinha ficha na polícia. Pois bem. Eu sei que você conhece o rosto da verdadeira Sally Roe, pois identificou uma foto dela em seu depoimento. Mas esta é a mulher que foi encontrada morta. Ela pertencia a um grupo secreto de bruxos que atende pelo nome de Vidoeiro Quebrado. Quando tentou matar Sally Roe, ela estava trabalhando para alguém — levava consigo a quantia de 10 mil dólares.

Lucy baixou os olhos para a foto, ainda tremendo, mas ouvindo.

Marshall continuou:

— Pois bem. Esse tira que acaba de maltratá-la ali nos fundos fez de tudo para encobrir os fatos e dar ao caso a aparência de suicídio. Achamos ter descoberto o porquê: ele pertence ao mesmo grupo, está envolvido na coisa toda. Para falar a verdade, o grupo inclui pessoas bastante importantes no Círculo Vital — alguns até são seus amigos, como Claire Johanson e Jon Schmidt.

Marshall esperou um rápido momento para a notícia calar fundo e então concluiu:

— Quanto a Sally Roe, temos evidências de que ainda está viva em algum lugar, provavelmente escondida para salvar a própria pele. Portanto, a questão

que gostaria que considerasse é a seguinte: por que os mesmos amigos que a estão ajudando na ação judicial desejariam a morte de Sally Roe?

Lucy não disse uma palavra. Deixou-se ficar ali apenas, completamente imóvel, o olhar fixo nas fotos, enquanto lágrimas inundavam-lhe os olhos.

Marshall obteve a resposta desejada pelo rosto dela. Tomou de volta o relatório do legista e as fotos e passou a Lucy um pedaço de papel.

— É neste número que poderá me encontrar, na casa de Ben e Bev Cole. Ligue a qualquer hora.

Em seguida, pagou o livrinho de selos e saiu. Lucy não se moveu, nem para guardar o dinheiro que ele deixara sobre o balcão, na sua frente.

Debbie assistiu a tudo. Mas cansou de ficar só olhando. E resolveu interferir.

A correspondência... Esqueci da correspondência!

Bernice entrou em seu fusquinha e voou até o correio de Ashton. Chegou um pouco mais tarde naquela manhã. Com tanta agitação, a rotina diária de apanhar a correspondência nem lhe passara pela cabeça.

Ela entrou no saguão, cumprimentou Lou, o jovem funcionário, e abriu a caixa postal do *Clarim de Ashton*.

Krioni estava ao lado dela, tão interessado na correspondência matutina quanto a própria Bernice. Procurava uma carta importante de Sally Roe.

Bernice repassou às pressas os panfletos, as contas, as cartas ao editor... Ah, tinham também alguns cheques de pagamento dos anúncios e classificados; esses eram sempre muito bem-vindos.

Nada de extraordinário, tudo dentro da rotina. Deixou cair toda a correspondência em sua grande sacola de plástico e encaminhou-se para a porta.

Que coisa horrível! Krioni disparou pelo teto do correio e se encontrou com Triskal nas alturas.

— Nada! — disse ele.

Triskal não estava pronto para receber essa notícia.

— Nada? Nem uma carta?

De onde estavam viram Bernice retornar a seu carrinho, com calma e tranquilidade demasiadas.

— Não chegou aqui — disse Krioni, agitado, frustrado e raciocinando depressa. — Está perdida... Extraviou-se... Não sei! É melhor avisarmos Natã e Armoth. Se não atearmos o fogo em tempo, podemos dar Sally Roe como morta!

A última carta de Sally para Tom Harris encontrava-se aberta em cima da escrivaninha de Claire Johanson, enquanto a própria Claire falava ao telefone.

— Hotel Caravan — dizia ela. — Acho que nossa mágica funcionou, afinal de contas; é a primeira vez que Sally revela seu paradeiro. Dá a impressão de querer ficar por algum tempo; está esperando Tom Harris entrar em contato com ela. — A pessoa no outro lado ficou alvoroçada. — Bem, ficarei mais descansada quando a pegarmos, antes que escreva para mais alguém. Mas tranquila de verdade, só quando estiver morta. — Mais gritos do outro lado. — Sim, tenho certeza de que o senhor Santinelli ficará contente. Mande lembranças nossas para ele.

Claire desligou, descansou o queixo sobre os nós dos dedos e sorriu para o sargento Mulligan.

— Harold, sirva-se de alguma bebida.

Natã disparou através do telhado do correio perto de Chicago e sobrevoou as cabeças dos atarefados funcionários, olhando de um lado e de outro, curvando-se e deixando-se cair sobre mesas, balcões e carrinhos. Meteu-se

debaixo de mesas, voou a centímetros apenas do linóleo, os olhos penetrantes esquadrinhando cada pedaço de papel, cada panfleto, cada...

Lá estava! Sob o balcão da frente, virada para baixo, a carta perdida endereçada a Bernice Krueger. Seria necessário dar andamento a algumas medidas especiais para fazê-la chegar a Ashton dentro do prazo. Pegou-a, ergueu-se e procurou na sala o malote certo em que depositá-la.

Sumiu! De repente a carta já não estava em sua mão! Ele rodopiou a tempo de ver um diabrete descarado segurando a carta entre as garras, ostentando um sorriso dentuço, pairando no ar graças ao movimento de asas pretas indistintas.

— Uau! — exclamou o demônio. — O que temos aqui?

Natã estava sem tempo para brincadeiras. No mesmo instante a espada surgiu em sua mão.

Uuf! O chute de um pé preto cheio de garras! Outro espírito se aproximava dele pela lateral, espada em riste!

Natã afastou a espada do demônio com a sua, em seguida lhe devolveu o chute, arremessando-o através da parede do prédio.

Outro espírito caiu de cima; Natã se jogou para o lado a fim de desviar do golpe de uma espada, depois cortou o espírito ao meio.

Onde estava aquele diabrete? Lá! Escondendo-se atrás da bancada de separação da correspondência!

Mais dois espíritos! Deviam ter ouvido a luta de longe. Natã mergulhou na direção do primeiro, a espada em riste, porém o outro espírito agarrou-lhe o tornozelo e puxou-o para trás. Sua espada cortou ar, mais nada. O primeiro demônio estava agora com sua espada pronta, rindo e babando. O outro ainda lhe segurava o tornozelo, onde enterrava as garras.

O jeito é usar o que me resta, pensou Natã. Suas asas rugiram com força, impulsionando-o para diante. Com força incrível e no momento exato, ele girou a perna e chutou forte, bem alto, aplicando ao demônio um rodopio emocionante até fazê-lo cair em cima do companheiro. Os dois apagaram na mesma hora.

Lá ia o diabrete com a carta! Natã arremeteu de lado e atingiu-o em cheio na barriga. As pernas voaram para o chão enquanto o demônio dissolvia. Natã pegou a carta, deu uma rápida espiada, então enfiou-a com força no malote correto. Ela seguiria no próximo caminhão.

Quanto aos demônios, talvez criassem encrenca — alguns tinham escapado sabendo da existência da tal carta.

Na hermética sala de conferência da Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon, Santinelli desligava seu telefone particular e olhava para o ansioso sr. Khull, do outro lado da mesa.

— Senhor Khull, acabam de me dar uma boa notícia. É melhor reunir seus melhores agentes.

Essa "boa notícia" percorreu as tropas demoníacas como um choque. Quando o Destruidor voou pelo telhado do prédio do escritório de advocacia para reunir suas hordas, subitamente descobriu poder contar com todos os amigos e lacaios a dizer sim de que precisava para terminar o serviço. Principalmente os demônios do Vidoeiro Quebrado. Eles vinham feito um enxame de todos os setores do céu, dando vivas e berrando, querendo tomar parte daquele momento glorioso.

— Eu sabia! — vangloriou-se ele, com uma boa medida de alívio. — Eu sabia que daria certo! Nosso Judas conseguiu, afinal, e agora Sally Roe enfrentará seu Getsêmani! Nós a agarraremos! — Em seguida, acrescentou para si mesmo: — E eu a atirarei como um presente na cara do Homem Forte!

Os demônios resmungavam, sacudiam a cabeça afirmativamente e roncavam em sinal de aprovação e admiração pela grande sabedoria do Destruidor, enquanto pousavam no telhado. Alguns pairavam acima dele, zumbindo ao descrever círculos fechados em torno do prédio, até tropeçando uns nos outros.

Esse enxame heterogêneo, sedento de sangue, precisava entrar na linha. O Destruidor alçou voo ao céu, onde cada olho amarelo brilhante pudesse vê-lo, e

abanou sua ardente espada vermelha em amplos círculos para chamar-lhes a atenção. A maioria se acalmou e ouviu. Os outros estavam ocupados demais vaiando, berrando e praticando luta.

— Tropas! — bradou o Destruidor.

Seus 12 capitães se agruparam imediatamente.

— Precisamos arrancar a erva daninha deste jardim e selecionar os melhores! Escolham guerreiros para nossa missão e mandem a ralé para o Summit. O Homem Forte que os ponha para trabalhar!

Logo os capitães tinham peneirado meticulosamente os espíritos; os melhores guerreiros estavam prontos, as espadas rebrilhando. Os bagunceiros, diabretes e perturbadores foram enviados ao Summit, para onde partiram resmungando muito.

O Destruidor, satisfeito, dirigiu-se à grande horda.

— Preparamos o caminho para o Vidoeiro Quebrado! Morte à mulher!

— Morte à mulher! — gritaram unânimes, e com uma explosão de asas, arremeteram para o céu.

A quilômetros de distância, Tal, Natã e Armoth viram os demônios como um enxame de morcegos aos berros, dando vivas, elevando-se sobre Chicago rumo ao sul. Era um exército mortal para Sally Roe, uma nuvem preta de destruição.

Tal recebera a notícia de Natã acerca da última carta de Sally.

— Isso quer dizer que chegará um dia mais tarde. Nosso fogo está atrasado e Sally logo cairá nas mãos deles!

— Podemos detê-los?

Tal meneou a cabeça.

— A engrenagem já foi posta em movimento a essa altura. Estamos comprometidos.

— Temos guerreiros posicionados para monitorar tudo — assegurou Natã a seu capitão.

— Mas Destruidor se apoderará dela — Tal retrucou, a voz enfraquecida pela dor que aquilo lhe causava. — E fará o que bem entender com ela...

Nem bem retornou do correio para comprar selos, Marshall saiu de novo, dessa vez a caminho do serviço de secretaria da Judy, muito curioso e devidamente espicaçado por Bernice e seu talento enlouquecedor para o suspense. Pelo que Bev Cole dissera, o destino do mundo dependia de Marshall pegar fosse o que fosse que Bernice lhe enviaria pelo fax.

Sally Roe continuava dentro de seu quartinho mofado do Hotel Caravan, sentada na única cadeira à vista, lendo uma Bíblia dos Gideões.

— "Quem nos separará do amor de Cristo?" — leu ela. — "... Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor."

Fechou os olhos, deu graças e prosseguiu na leitura, só esperando, hora após hora, em seu quartinho.

Marshall deixou o carro no pequeno estacionamento na frente do escritório de Judy. Será que tinha alguém lá? As luzes estavam acesas no interior do escritório, mas não se via nem sinal de Judy. Algo parecido com um bilhete estava afixado sobre a placa de ABERTO pendurada na janela. Ele desceu para dar uma olhada.

Nos arrabaldes de Chicago, dois carros saíram da rodovia principal, desceram um quarteirão e diminuíram a velocidade por tempo suficiente para que seus ocupantes dessem uma boa olhada no Hotel Caravan.

— Hum, então este é o hotel — Khull comentou, correndo rapidamente os olhos pelo velho prédio. — O orçamento com o qual Sally está operando

não deve ser grande coisa.

— Que lixo! — disse um dos assassinos prediletos de Khull, uma jovem esguia de cabelo loiro comprido, que podia passar por universitária.

O Hotel Caravan não era daqueles que dá gosto olhar. Muito tempo antes, quando as autoestradas ainda não tinham desviado todo o tráfego interestadual, o lugar devia ter representado um negócio lucrativo e respeitável, abrigando viajantes cansados durante a noite. Agora as coisas haviam mudado, os 14 quartinhos se encontravam em péssimas condições, o gramado dera lugar às ervas daninhas e a maior parte dos clientes tinha, provavelmente, uma reputação duvidosa.

— Em que quarto ela está? — perguntou um homem alto, de aparência jovem. O mesmo que chegara à distância de uma lâmina de faca de Sally Roe no *campus* da Universidade Bentmore. Ainda tinha a mesma faca e aguardava ansiosamente um encontro mais demorado, mais satisfatório.

— Quatorze — informou Khull. — Bem na ponta, perto da estrada. Não teremos de passar por nenhum outro quarto. Ela está facilitando a coisa para nós.

Khull estacionou o carro logo depois do hotel e o outro carro parou atrás. No total, oito pessoas saltaram dos dois carros. Khull fez um leve movimento afirmativo de cabeça para os quatro homens do segundo carro e eles se espalharam na mesma hora rua acima e rua abaixo, cobrindo cada rota de fuga do hotel.

— Muito bem, belezinha — disse Khull —, confira para ter certeza.

A jovem foi na frente dos demais, rumo à recepção. Khull e os outros dois permaneceram na calçada, conversando e parecendo despreocupados.

Ela saiu e apontou discretamente para o número 14.

— Vamos — ordenou Khull.

— Ó, olá — disse Judy. — Está esperando há muito tempo?

— Não, não muito — disse Marshall. — Cerca de dez minutos, acho.

Ele vira o bilhetinho que ela grudara na janela: VOLTO EM DEZ MINUTOS.

— Precisei ir buscar um novo cartucho de tinta para a impressora. Mal consigo ler minhas últimas cartas. — Trazia um saquinho de papel na mão, significando que sua missão fora bem-sucedida.

— Acho que tem um fax aqui à minha espera.

— Ó, isso mesmo, tem sim.

Judy destravou a porta e deixou-o entrar.

— Chegou não faz muito tempo. Acho que o coloquei... Deixe-me ver, onde mesmo que o coloquei?

A jovem loura bateu na porta do número 14.

Sally ficou tensa, fechou os olhos e fez uma rápida oração. A seguir, levantou-se da cadeira e foi até a porta.

— Quem é?

— Arrumadeira — anunciou a mulher.

Enfim Judy encontrou a folha de papel que saíra havia pouco da máquina de fax.

— Ó, aqui está.

Marshall pegou-a e agradeceu. Ora, o documento lhe parecia familiar. Que decepção. Já não dissera a Bernice que conhecia o currículo? Por que tanto barulho por tão pouco? Para que o fizera correr até o escritório de Judy?

Mas havia um bilhete de Bernice no topo. Ela o escreve com um marca-texto bem grosso.

— Já vai, só um minuto — disse Sally, olhando à volta do quarto pela última vez. Estava pronta. Encaminhou-se até a porta e levou a mão à maçaneta.

"Marshall", dizia o bilhete, "você viu isso? Ligue-me."

A partir do bilhete, uma enorme flecha desenhada com o marca-texto de ponta grossa avançava pela página até um círculo chamativo na parte de baixo.

Dentro do círculo, lia-se o nome da autora do currículo — a *verdadeira* autora.

Sally Beth Roe.

WHAM! A porta escancarou-se de chofre e quase atingiu em cheio o rosto de Sally. Khull atirou-se em cima dela, seguido de dois outros vultos sombrios. Braços tatearam e a agarraram, o quarto rodopiou ao seu redor, ela caiu no chão, batendo o rosto no tapete gasto. Um joelho pontudo enterrou-se em suas costas, prendendo-a no chão com tanta força que ela pensou que suas costelas arrebentariam. Pegaram-lhe os braços e torceram para trás até ela gritar de dor. Em seguida, amarraram-nos com uma corda áspera e vários nós.

AAAI! Khull agarrou um punhado de cabelo e, com um safanão, ergueu-lhe a cabeça do tapete. Sally não conseguiu nem respirar. Ele encostou uma faca prateada e brilhante em sua garganta.

— Um pio e enterro isso aqui em você.

Ela cerrou a boca com força, tentando conter os inevitáveis gritos de dor e pânico.

O quarto estava cheio de gente revirando cada canto, cada gaveta, debaixo do colchão, esvaziando sua mochila, revistando tudo o que lhe pertencia.

— Você sabe o que estamos procurando — disse Khull junto ao seu ouvido. Agarrou-lhe uma das mãos amarradas e forçou o indicador a abrir.

— Diga-nos onde está o anel, e onde estão as listas, ou começo a cortar.

— Se eu contar, será você quem vai fugir com essas coisas! — Sally respondeu.

Na mesma hora, a faca tocou-lhe a base do dedo. Ela despejou as palavras em uma golfada:

— Direi tudo às pessoas que o mandaram aqui! Entregue-me a elas!

A faca permaneceu no mesmo lugar.

— Você quer receber, não quer? — ela o provocou.

A faca continuou onde estava; a força que o bandido segurava seu dedo não diminuiu. Sentindo o gume da lâmina contra a pele, orou enquanto uma eternidade passava.

O Destruidor estava no quarto, nem um pouco disposto a perder o prêmio, agora que o encontrara.

Leve-a para o Summit, disse ele a Khull.

O bandido se inclinou sobre Sally, cada fibra do seu ser desejando enterrar-lhe a faca no coração. Mas hesitava, a respiração ofegante.

O Destruidor colocou a mão na espada. *Você a levará ao Summit, ao Homem Forte, e fará isso agora*!

Depois de um momento longo demais, agonizante, Khull afastou a faca sem motivo aparente e soltou-lhe o dedo.

Sally achou que fosse desmaiar. Quase vomitou.

— Coloquem-na de pé!

Ergueram-na bruscamente do chão em um segundo nada menos que quatro bandidos enormes; ainda a seguravam com força, impedindo que se movesse. Agora ela conseguia ver o rosto de Khull encarando-a furioso, os olhos cheios de ódio. Olhos demoníacos.

SLAP! A mão dele parecia de ferro ao acertar-lhe o queixo, face e nariz. Ela quase perdeu os sentidos. Sangue morno começou a pingar de seu nariz e escorrer sobre os lábios.

Khull tomou-a de novo pelo cabelo e segurou a faca bem debaixo do seu nariz.

— Vamos levar você para os nossos amigos. Eles receberão o pacote completo sem sair de onde estão, no colo. Agora ouça o que vou dizer: é melhor lhes entregar tudo o que quiserem e quando quiserem, porque estarei lá. Se eles não conseguirem o que querem, vão entregá-la para mim. Para *mim*, entendeu?

— *Vou* colaborar.

— Nem um pio...

— Nem um pio.

Khull olhou-a com toda a lascívia e desejo assassino do próprio Diabo, e então ordenou:

— Vamos.

A jovem loura enfiou tudo o que Sally tinha na mochila que em seguida um bandido se incumbiu de carregar.

Em plena luz do dia, como um horripilante desfile, Khull tomou a dianteira do seu bando de marginais que acompanhavam a prisioneira, amarrada com uma corda e o nariz ainda sangrando, do quarto número 14 à rua. Sally percebeu algumas frestas se abrindo em cortinas do outro lado do pátio, porém não houve viva alma que se atrevesse a pôr o rosto para fora. Até a proprietária do hotel, uma mulher feiosa de seus 50 anos que fumava um cigarro atrás do outro, viu-os de relance e deu-lhes as costas, tendo o bom senso de cuidar da própria vida.

Conduziram Sally para o primeiro carro. Empurraram-na com força no banco de trás, entre dois homens — um deles era o jovem esfaqueador que ela encontrara em Bentmore — e partiram sem pressa, livres e desimpedidos.

O Hotel Caravan estava quase invisível debaixo de um enxame de espíritos maléficos rastejantes e sibilantes. Cada pessoa em cada prédio estava sendo motivada pelo medo, pelo interesse próprio e até pelo autoengano. Não, ninguém via nada. Nada era o que parecia ser — só parecia mesmo. Nada tinha a ver com eles. Coisas desse tipo aconteciam em lugares como aquele; e daí?

O Destruidor e seus 12 guerreiros-chave voavam pouco acima dos automóveis, cautelosos e preparados para qualquer resistência angelical. Que não apareceu. Viram alguns guerreiros angelicais, mas ninguém se mexera para

atacá-los; sem dúvida, sentiam-se intimidados com o grande número de demônios.

— Ha, ha, ha! — riu o Destruidor, dando uma cotovelada no mais próximo de seus guerreiros. — O que foi que eu disse? A força deles acabou! Tal não tem mais exércitos dos quais se gabar, e... — Estava encantado com a própria esperteza. — ... Acredito que os surpreendemos! Antes que conseguissem reunir mais forças, arrebatamos a mais nova santinha deles bem debaixo de seus narizes!

Enquanto os dois carros enveredavam pela autoestrada principal e voavam por ela, muitos dos melhores guerreiros de Natã estavam a postos para vigiar, ocultos nas sombras, agachados atrás de árvores, carros estacionados e casas. Mantinham guarda atenta, mas não intervieram. O aviso espalhou-se rápido e claro entre todos: aquele era o momento do Destruidor e o maior risco que o capitão Tal já correra.

Na rodovia interestadual, um caminhão do correio rodava apressado, seguindo de Chicago rumo ao sul e dirigindo-se às colinas ondulantes do meio oeste, à graciosa cidade universitária de Ashton.

A bordo, no interior de um malote, só um pouco suja e amassada àquela altura, seguia a carta endereçada a Bernice Krueger.

39

Marshall estava impaciente e isso o deixava ansioso. Coisa que, por sua vez, o deixava irritadiço. Ben Cole mantinha-se andando de um lado para o outro da casa, tentando pensar no que mais fazer. Kate estava sentada ao lado de Marshall junto à mesa de jantar, folheando todos os seus arquivos em busca de alguma informação que o editor do *Clarim* pudesse precisar. Já Bev Cole não desgrudava os olhos da cena como um todo, orando baixinho:

— Meu Jesus, precisamos do senhor agora!

Marshall falava ao telefone com John Harrigan, seu amigo e contato dentro do fbi.

— Ah, sim, foi ela quem escreveu, com certeza. Conversei com minha repórter que já tinha falado com esse sujeito, o tal Cliff Bingham, e ele confirmou de que a edição é recente, publicada há dois anos apenas.

Marshall revirou os olhos e cerrou os dentes. A conversa não traria resultados com rapidez suficiente.

— Isso quer dizer que a escola nos forneceu um currículo adulterado. O nome de Sally Roe foi excluído e substituído por outros dois, o que combina muito bem com o modo como usava mil artifícios de disfarce, conforme lhe falei. Não, ainda não tenho argumentos suficientes para levar ao tribunal. Achei que *vocês* fossem os responsáveis por investigar esse tipo de coisa. Bem, estou perto, bem perto, e acho que é assunto para vocês cuidarem. O Centro Ômega fica em Fairwood, Massachusetts, e Sally Roe quase foi assassinada aqui em Baskon, pelo amor de Deus! Ora, isso foge às fronteiras estaduais, não?

Mais vozerio do outro lado da linha.

— Está bem. Ouça, pode me fornecer um número onde eu consiga encontrá-lo a qualquer hora? Ou seja, até no meio da noite, se for preciso? Não ligarei, a menos que tenha alguma coisa séria para você, mas quando isso acontecer, restará pouquíssimo tempo para Sally Roe, o que justifica a medida. — Escutou a objeção do amigo e disse: — Ora vamos, ficarei lhe devendo essa. Não se esqueça da pista que lhe dei naquela operação de cocaína. — Marshall pegou a caneta. — Amigão!

Anotou vários números, despediu-se e desligou. Todos na casa convergiram sobre ele.

— E então? O que foi que ele disse?

— Ficará de prontidão. Consegui números de telefone para falar com ele no trabalho, em casa, na igreja e também o número do seu bipe. Com ele está tudo certo. Mas ele espera mesmo alguma informação segura que justifique o envolvimento do fbi.

Ben ficou indignado.

— O que há de errado com tudo o que você já lhe deu?

— Foi o suficiente para atrair seu interesse, mas não para fazer que se arriscasse.

— E Wayne Corrigan?

Kate respondeu:

— Deixei um recado no escritório dele. Receberá o que temos.

— Ó, senhor Jesus, proteja Sally Roe! — exclamou Bev.

Guilo retornara a seu posto nas montanhas acima da pitoresca cidade de Summit, e embora as cercanias apresentassem a extraordinária beleza de sempre, o mal invisível estava pior do que nunca. Educadores, estadistas, juristas, artistas, magnatas de empresas e financistas de todo o mundo estavam reunidos a pouco menos de dois quilômetros de Summit, subindo o vale, no Instituto Summit para Estudos Humanísticos. A conferência semestral apenas começara. Enquanto esses planejadores globais se reuniam, os príncipes dos demônios e guerreiros da espécie mais conspiradora reuniam-se com eles, enchendo o vale com uma nuvem rodopiante, fuliginosa, cada vez mais espessa de espíritos. Os demônios pairavam no ar, davam vivas, praticavam luta e se acotovelavam, mais numerosos, turbulentos e confiantes do que nunca.

— Eles estão esperando uma verdadeira festa — Guilo comentou.

Santinelli, chefão do escritório de advocacia Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon, o sr. Goring, autoridade máxima e administrador do Instituto Summit para Estudos Humanísticos, e Steele, o impiedoso governante do Centro Ômega para Estudos Educacionais, estavam reunidos de novo, saboreando um *brandy* perto da lareira no chalé rústico de Goring, no *campus* do Instituto Summit. O encontro os fez lembrar da última reunião no Ômega, quando as coisas não estavam tão cor-de-rosa; lembraram-se também da indignidade de ter de suportar a simples presença da mais indesejável das

personalidades, Khull — sem contar, claro, que na ocasião Sally Roe ainda estava em liberdade.

Por tudo isso, agora faziam tilintar seus copos em um brinde à vitória. De fato, com as notícias chegadas mais cedo, naquele mesmo dia, as coisas estavam definitivamente diferentes.

— Ao futuro! — saudou Santinelli.

— Ao futuro! — ecoaram Goring e Steele.

Beberam pequenos goles de suas bebidas, estalaram os lábios e chegaram mesmo a se permitir uma ou duas risadas.

Enquanto relaxavam no sofá macio e na espreguiçadeira de Goring, Santinelli concentrou-se nos assuntos prementes que os aguardavam.

— Mandei nosso jato particular trazer o senhor Khull e sua gente. Devem chegar aqui com o prêmio em questão de horas.

— Vocês já a viram alguma vez? — Steele quis saber.

Goring e Santinelli se entreolharam.

— Eu não — disse Goring —, mas espero ansioso o momento de fazê-lo.

Santinelli concordou.

— Uma história exagerada sobre um peixe tirado da água jamais se compara ao fato de ver o tal peixe sendo arrancado de dentro da água. Na realidade, fico impressionado de ver que Khull conseguiu se controlar e trazê-la viva.

— Será fascinante conhecê-la — disse Goring, cheio de expectativa. — Tenho muitas perguntas, com certeza.

— Ah — exclamou Santinelli —, todos nós temos perguntas para ela — perguntas sérias.

— Disseram alguma coisa a respeito do anel e das listas? — perguntou Steele.

— Nada. Mas com Sally Roe sob nosso domínio, não posso imaginar que isso se torne um problema.

Goring admoestou:

— Lembrem-se apenas de que há muitos delegados e visitantes por aí. Nosso maior interesse no momento causaria grande desconforto para a maioria deles, sem dúvida; por isso, nossos hóspedes nunca devem conhecê-lo.

— De acordo. Já instruí Khull para preservar as feições de Sally, para o caso de ela ser vista por alguém.

— Agora — disse Goring —, tem aquele outro assunto que discutimos...

— Claro — Santinelli concordou. — A questão envolvendo Khull em particular e o Vidoeiro Quebrado em geral.

— Hum — resmungou Steele, assentindo com a cabeça. — Andei pensando nisso também. Agora que estão no mesmo barco conosco, não descansarão enquanto não controlarem o barco.

— Já falei com o senhor Evans e o senhor Farnsworth e eles colocaram parte de seu melhor pessoal para examinar a situação. Se nos movermos com cuidado, se estabelecermos um plano meticulosamente estudado, poderemos acumular alguma evidência condenatória contra o Vidoeiro Quebrado, ao mesmo tempo que nos mantemos limpos. Evans e Farnsworth têm grande certeza de que o bando todo deles pode ser preso por crimes totalmente alheios a nossa empresa.

Goring sorriu e balançou afirmativamente a cabeça.

— Excelente. Já falei com minha diretoria. Eles acham que um plano desses seria viável. Conseguiremos resgatar alguns favores de nossas fontes empresariais e governamentais, e tenho certeza de que elas estariam mais do que dispostas a ver o que desejamos que vejam e a fechar os olhos quando... valer a pena.

— Então precisamos prosseguir com isso sem delongas — sugeriu Santinelli. — Khull e o Vidoeiro Quebrado fizeram seu trabalho afinal, mas quando nos entregarem Sally Roe, precisamos apagar qualquer associação com eles.

Goring acrescentou:

— Até a *lembrança* deles em *quaisquer* círculos, se conseguirmos!

Santinelli ergueu o copo.

— Eu bebo a isso!

E foi o que fizeram.

O furgão rodara pela rodovia em ziguezague, ascendente, tortuosa durante horas. Pelo menos foi essa a impressão de Sally, que acabou cochilando, o queixo contra o peito, sentada entre dois dos quatro acompanhantes carrancudos e corpulentos que seguiam com Khull e ela, inclusive no avião. O voo também demorara horas, a viagem por terra mais ainda e agora era noite.

Sua aparência melhorara um pouco. Pelo menos Khull chegara à conclusão de que ela não teria como fugir de dentro de um jato em pleno voo. Repetindo a ordem de Santinelli para que lhe preservassem as feições, decidira desamarrá-la e permitir-lhe usar o banheiro apertado para lavar o sangue seco e empastado da boca e do queixo, trocar a blusa manchada de sangue por outra, limpa, porém miseravelmente amassada, e escovar os cabelos. Estava com um aspecto um pouco melhor — para uma fugitiva absolutamente exausta, maltratada e prestes a morrer.

Eles se dirigiam às montanhas, atravessando altas florestas de pinheiros, monótonas depois de algum tempo. Sally dormia a intervalos intermitentes, despertando assustada de quando em quando, mas apenas pelo tempo suficiente para ver mais árvores passando pela janela. Em seguida, dormia de novo.

Algum tempo mais tarde — ela não sabia quanto — acordou e deparou à luz matinal. O furgão avançava mais devagar. Khull e seus asseclas olhavam em volta, tentando se orientar. Entravam em uma cidadezinha.

Khull, sentado na frente, no banco do passageiro, voltou-se para dizer:

— Bem-vinda a Summit.

Sally esfregou os olhos para afugentar o sono e olhou pela janela, para uma cidadezinha graciosa cercada de todos os lados por picos pontiagudos cobertos de neve e espessas florestas imaculadas. Do lado de fora, à esquerda, logo acima

dos telhados pontudos dos pavilhões de esqui, o sol matutino transformava uma cachoeira distante em fios de ouro; à direita, por uma brecha nas pequenas hospedarias e lojas, a encosta das montanhas descia abruptamente até um prado alpino salpicado de flores. Fiapos de neve restavam por toda parte, pingando e rebrilhando à luz oblíqua do sol.

Por que viemos aqui?, Sally se perguntou. Dificilmente imaginaria ser aquele o cenário de assunto tão horroroso, e gente como Khull e seu bando não pareciam se enquadrar na paisagem de modo algum.

Mas, quem sabe, talvez sim. Ela começou a reparar melhor em alguns estabelecimentos e instituições da cidadezinha, a ler algumas placas.

Centro de Retiro Taoísta. Projeto e Mosteiro do Vale Tibetano. Templo de Ananta. Biblioteca e Arquivos da Sabedoria Ancestral. Escola Americana Nativa de Medicina Tradicional. Karma Triyana Dharmachakra. Templo de Imbetu Agobo. Ashram Babaji. Santuário do Templo da Mãe Shiva. Filhos de Diana. Templo à Divina Mãe Universal. Casa de Bel. Ordem Sagrada e Real da Nação.

Inclinou-se para a janela. O acompanhante grandalhão levou a enorme palma da mão em seu peito e empurrou-a para trás. Ela se contorceu e olhou pela janela traseira quando o prédio passou.

Ordem Sagrada e Real da Nação. O pequenino gárgula rosnou para ela da porta da frente do templo de pedras negras e da fachada do prédio. Podia até ouvi-lo guinchando: Bem-vinda a Summit!

O Destruidor seguira os caçadores desde Chicago e agora, enquanto o furgão atravessava o vale e entrava na cidadezinha, desfrutaria daqueles momentos ao máximo. Deixou-se cair do céu, pousou no teto do furgão, e ficou ali, a espada erguida bem alto em sinal de vitória, as asas arrastando como flâmulas atrás de si, os 12 capitães formando sua guarda de honra. Dirigir sob o espesso manto de espíritos era como entrar em um túnel escuro debaixo de

uma montanha altíssima; em cada lado e milhares de metros acima, demônios davam vivas e abanavam as espadas em trovejante demonstração de admiração.

O Destruidor se deleitava na vitória e na fama recém-conquistadas. Essas hordas desprezíveis o haviam ignorado um dia, zombado dele, sem se importar em conhecer-lhe o nome. Ah, ouvi-las agora! Que o Homem Forte as escutasse também! Não poderia ter pedido melhor anúncio de sua chegada.

Guilo se voltou ao som de asas atrás de si. O capitão chegara.

Os vivas dos demônios ecoando pelo vale só podia ter uma razão de ser.

— Eles a trouxeram — informou Guilo.

Tanto ele quanto Tal mantiveram-se agachados entre as árvores com seus guerreiros. Não deviam se meter com o enxame de demônios lá embaixo antes da hora certa.

Guilo apontou:

— Lá! Aquele furgão azul que acabou de entrar no Instituto Summit!

Conseguiam ter apenas vislumbres dele, tão diminuto quanto um grão de areia, surgindo entre as porções menos densas do enxame demoníaco, desaparecendo de novo em seguida. Ele reapareceu apenas o tempo suficiente para que o vissem deixar a faixa estreita e cinzenta da rodovia, sumindo de vista sob o manto de espíritos que cobriam o Instituto Summit.

Bem, agora ela está por conta própria — disse Tal. — Não podemos abrir uma brecha naquilo.

— E o fogo que o senhor ia começar? — perguntou Guilo. — Se houve momento em que precisamos que alguma coisa acontecesse, esse momento é agora.

Tal meneou a cabeça.

— Será com um dia de atraso. Por ora, só nos resta esperar o sinal de Natã, e ter esperança de que venha logo.

A Conferência de Consciência Global, realizada duas vezes ao ano, estava começando. Por isso, o motorista do furgão teve de ir de um lado para outro

no vasto estacionamento asfaltado, várias vezes, antes de achar uma vaga livre. Sally passou esse tempo observando o Instituto Summit para Estudos Humanísticos. Lembrava muito o Centro Ômega, exceto pelo fato de ser mais novo e construído em estilo arquitetônico mais moderno. Pedra era um material abundante ali, por isso fora usada na construção dos escritórios, salas de palestras, passagens e jardins. Fiéis a sua devoção religiosa à Mãe Terra, os arquitetos do *campus* não suplantaram o ambiente natural, mas deixaram que o *campus* se integrasse a ele, quase escondido entre as árvores, pedras e o terreno montanhoso.

Ainda era cedo, por isso não havia pessoas andando por ali. Que sorte dos captores de Sally!

Khull voltou-se para ela, erguendo na mão a faca como um lembrete, e disse:

— Fui pago para trazer você aqui. Se for esfaqueada no estacionamento, a culpa é sua, não tenho nada a ver com isso, entendeu?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Vamos levá-la à casa do Goring.

Um observador que se mantivesse a certa distância imaginaria assistir à chegada de um importante dignitário, rodeado de agentes de um serviço secreto. Mal se via Sally dentro do grupo fechado de corpos que se formou junto à porta lateral do furgão e que, em seguida, começou a subir o caminho em direção ao chalé de Goring.

Ela fez de tudo para enxergar pelo vão entre costas e ombros de seus acompanhantes, e saber ao menos um pouco sobre a disposição do lugar onde se encontrava. Naquele momento, atravessavam vasto jardim de ervas meticulosamente arranjadas, como cercas vivas esculpidas, passagens de pedra e tanques de reflexão agradáveis à vista. No meio do tapete de musgo havia um homem solitário, sentado quase nu na friagem da madrugada, olhos fechados, pernas cruzadas em posição de lótus, completamente arrebatado.

Deixando o jardim de ervas, dobraram um canto e seguiram um caminho estreito, natural, de pedra, ladeado por cercas vivas verdejantes, até saírem em campo aberto. À direita, o chão descia para um anfiteatro natural e, além do anfiteatro, num panorama de fazer parar o coração, as montanhas alargavam-se e alteavam-se mais do que o olho conseguia abranger.

No centro do anfiteatro, um grupo bem grande de pessoas de pé formavam semicírculos bem ordenados, concêntricos ao redor de uma fogueira. Elas cantavam, recitavam mantras e jogavam flores, grãos e frutas no fogo. Sobre uma pequena plataforma na cabeceira do círculo, olhando embasbacados o fogo como que hipnotizados por ele, sete deuses de pedra recebiam as oferendas e a adoração de seus devotos madrugadores enquanto uma mulher emaciada, de cabelos brancos, trajando um roupão amarelo, entoava uma canção monótona, daquelas difíceis de tirar da cabeça depois, em sânscrito.

Sally se recordava da canção e ainda sabia algumas palavras, embora fizesse dez anos que não a ouvia. Não conseguia lembrar de todos os nomes dos sete pequenos deuses. Eram secundários, de qualquer forma. A cerimônia tinha o intuito primeiro de invocar a bênção da Mãe Universal, e depois, de apaziguar esses sete anões.

De repente ela viu de relance alguns rostos que se erguiam na direção do sol matinal. Não! Lá estava a sra. Denning do Centro Ômega, e dois professores do Ômega! E aquele não era o sr. Blakely, seu conselheiro na Faculdade de Pedagogia Bentmore? Imaginou reconhecer-lhe o semblante, mas em seguida a voz de taquara rachada identificou-o com certeza. Perto do fogo, o rosto banhado por luz vermelha, encontrava-se Krystalsong, uma bruxa, estudiosa e mãe de quatro filhos, proveniente da costa oeste. Ela e Sally haviam trabalhado juntas em um programa holístico para a pré-escola.

Uma bela volta ao lar para todos nós, pensou ela.

Na rodovia que levava a Ashton, o caminhão do correio continuava rodando. Estava exatamente dentro do horário. O carregamento matutino de

correspondência estaria no correio de Ashton assim que ele abrisse as portas.

— Só pode ser aquele ali! — comentou um espírito a seus amigos.

Eles vinham zunindo e atirando-se impetuosamente ao longo da rodovia, mantendo a mesma velocidade que o caminhão e observando-o com curiosidade. O espírito que os liderava participara de uma luta terrível; suas asas estavam em farrapos, produzindo um voo incerto, e ele tinha a cara deformada.

— Dessa vez — disse ele indistintamente — não permitiremos que nenhum guerreiro celestial nos detenha.

— O Destruidor nos recompensará! — exclamou um outro.

— Pararemos o caminhão e pegaremos aquela carta!

Fecharam as asas com força atrás dos ombros e projetaram-se feito torpedos sobre o caminhão, atravessando finas camadas de neblina matinal, o vento assobiando entre suas asas e pelos. Deveria ser uma empreitada muito fácil. Bastava encrencar o motor, quebrar o volante, furar um pneu. Podiam...

LUZ! ESPADAS! GUERREIROS! O caminhão estava cheio deles!

Natã disparou para o ar, avançando sobre o demônio estropiado.

— Você de novo? — disseram ambos.

O demônio se dissolveu em fumaça vermelha. Natã rodopiou para enfrentar o próximo.

Armoth fez em pedaços três demônios com uma passada de lâmina, depois rodopiou, transformando-se em um borrão, a fim de dilacerar outros dois com o calcanhar.

Uma dúzia de guerreiros explodira para fora do caminhão e agora girava em torno do veículo, golpeando e retalhando.

Com o piquenique arruinado, os outros espíritos fugiram feito moscas e o caminhão continuou a rodar.

40

Os santos estavam de joelhos. A divisão desaparecia aos poucos. Mark dedicara múltiplos horários de seu tempo e grandes medidas de sua preocupação pessoal à cura e restauração dos enfermos e feridos de seu rebanho, desfazendo firmemente, e com oração, o emaranhado que o Destruidor e suas hordas tinham criado na igreja. Fora necessário um pouco de quebrantamento sincero, um pouco de arrependimento e um pouco de perdão de todas as partes. Mas acontecera e continuava acontecendo, em um coração por vez.

Os Jessup se sentiam de tal forma magoados e consternados que foram necessários apelos carinhosos e amorosos da parte dos Walroth para que voltassem à comunhão; Judy Waring estava abrigando bastante amargura contra gente como Donna Hemphille, que a usara — e a sua boca — para prejudicar o povo de Deus. No final, contudo, teve de reconhecer que eram sua boca e seu coração, e começou a reviravolta nessas duas áreas de sua vida. Cada um deles precisou reavaliar por completo sua opinião sobre Tom Harris, e ainda estavam nesse processo enquanto oravam.

Não foi uma restauração fácil para nenhum deles, porém, à luz da revelação de seu inimigo, tinham uma escolha clara: voltar para o exército de Deus e lutar contra o mal que naquele momento os destruía, a suas famílias e a sua fé cristã, ou... continuar sendo destruídos.

Eles decidiram unir-se ao exército divino — e lutar bravamente.

Os anjos mantinham-se em silêncio, escondidos, sem falar muito, ao mesmo tempo em que, em segredo, posicionavam-se em pontos estratégicos de todo o país, esperando que o incêndio de Tal começasse.

Mota, o polinésio, e Signa, o oriental, tinham muitos pontos a cobrir em toda a área de Baskon, mas agora, como dispunham de guerreiros em quantidade mais que suficiente, conseguiram fazê-lo com grande cuidado e método. Terga, príncipe da cidade, dono de um ego muito sensível, começava a ficar nervoso com as ondas enormes e repentinas de orações provenientes dos

santos reunidos. Até então, contudo, não percebera a atividade que tantas preces estavam motivando. Ademais, ouvira a notícia dos poderes acima dele: a mulher fora capturada. O perigo terminara.

Cree, o índio americano, e Si, do leste indiano, haviam retornado ao Centro Ômega para Estudos Educacionais e estavam agora dispondo guerreiros angelicais como cargas de explosivos, em lugares estratégicos de todo o *campus*. Um trabalho entediante, arriscado, sendo a descoberta o maior perigo. Enquanto rastejavam pelo chão ou por baixo dele, moviam-se sob a superfície do lago, avançavam furtivos de árvore em árvore ou passavam horas totalmente imóveis debaixo de pedras, barcos ou prédios a fim de evitar serem vistos. Quase sempre avistavam Barquit, o príncipe de Ômega, arremetendo de um lado para o outro, olhos em toda parte, rindo e exultando a cada progresso feito nas classes e nas oficinas de trabalho, depois rosnando e cuspindo ante qualquer movimento desajeitado por parte de seus demônios ou de sua gente-marionete lá embaixo. Ele ainda estava no comando, dirigindo suas hordas demoníacas com pulso de ferro. Agora que a mulher fora capturada, ele não tinha mais medo nem preocupação, e obviamente pretendia ocupar para sempre o seu posto.

Por fora, a Universidade Bentmore conservava o mesmo aspecto de antigo centro do saber, com seus tijolos vermelhos e suas classes a todo o vapor.

Na esfera espiritual, no entanto, o rotundo senhor da desinformação e da indulgência carnal em Bentmore, que atendia pelo nome de Corruptor, sobrevoava como um dirigível o *campus*, a procura de algum dano em que a escola talvez tivesse incorrido devido ao recente e violento intercâmbio com os guerreiros do céu. Ah! O Destruidor nada mais era que um poço de preocupação, ansioso para não perder seu *status*! Dano? Quase não se via nenhum digno de nota. O professor Lynch se adoentara, mas estava mesmo

velho e havia muitos como ele. A mulher tendo sido capturada, o futuro se escancarava outra vez.

Do outro lado do rio, em cima da Companhia Norte-Americana de Latas, Chimon, o europeu, e Scion, das Ilhas Britânicas, estavam de volta, escondidos atrás de uma das muitas chaminés de ventilação da fábrica. As coisas pareciam calmas em Bentmore naquele momento, mas quando o incêndio de Tal começasse, haveria grande alvoroço.

Chimon e Scion procuravam esconderijos e enviavam tropas para ocupá-los. O depósito perto do rio tinha capacidade para abrigar cerca de uma miríade; o cais na lateral de Bentmore também serviria, por estar próximo ao *campus*. As tropas moviam-se silenciosa e rapidamente. Um movimento em falso, uma chispa luminosa fora de hora, poderia colocar a todos em perigo.

A cada ponto ao longo da jornada de Sally, a cada fortaleza de Satanás, os anjos se posicionavam e então ficavam aguardando o sinal.

Mas todos sabiam que estavam esperando havia mais tempo do que o previsto.

Nos picos acima de Summit, Tal e Guilo vigiavam, ouvidos atentos, a fim de perceber algum indício do que poderia estar acontecendo lá dentro. Atrás deles, um exército oculto jazia à espera, pronto.

— A qualquer momento — disse Tal mais de uma vez. — A qualquer momento.

No sentido puramente físico, o chalé do sr. Goring era uma atraente estrutura em forma de letra A, construída com madeira rústica talhada e a frente de vidro até o telhado, oferecendo uma vista magnífica das montanhas. Poderia muito bem servir de pavilhão para esquiadores ou como um retiro nas montanhas.

No sentido espiritual, era um ninho de marimbondos, tumultuado, espumante de maldade. Sally pôde senti-los antes mesmo que seus captores a

conduzissem pela porta da frente. Sabia que estava sendo vigiada de todas as direções; discernia o ódio opressivo, sufocante que cobria o lugar como uma bruma de chumbo.

O Destruidor já se encontrava no chalé, forçando passagem até a sala de estar, empurrando para o lado os demônios e assistentes do Homem Forte com rude atrevimento. E lá foi ele adentrando o covil do Homem Forte, a marchar empertigado pela estreita passagem formada por duas filas alinhadas de senhores demoníacos de todo o mundo, até portar-se afinal diante do Homem Forte.

— Meu Ba-al — disse em voz bem alta, com uma mesura um tanto exibicionista —, trago-lhe Sally Beth Roe!

O Homem Forte ouvira a nuvem demoníaca em alvoroço e agora via Khull e seus homens trazendo Sally à porta da frente. Balançou então a cabeça em contida aprovação.

— Trouxe mesmo. Trouxe mesmo.

Os senhores demoníacos ergueram as espadas para dar vivas. O Homem Forte grunhiu, braços estendidos.

— Esperem! — Todos estacaram e voltaram-se para ele. — Primeiro veremos se existe motivo para aplaudir.

A pesada porta de pranchões fechou-se atrás de Sally e de seus captores. Encontravam-se agora na espaçosa e confortável sala de estar de Goring. Num dos lados havia uma enorme lareira de pedras; no outro, uma parede de vidro trazia as montanhas para o interior; o teto de vigas expostas pairava acima deles até o cume do telhado e da viga de madeira maciça, rústicas luminárias de ferro pendiam de longas correntes.

Três homens ergueram-se de seus lugares perto do fogo. Sally reconheceu Steele, cujo sorriso satisfeito deixou patente que ele a reconhecera.

Foi Goring quem ordenou:

— Tragam-na aqui e obriguem-na a se sentar.

Khull estava em busca de um pouco de glória. Agarrou o braço de Sally e puxou-a para diante, impedindo que recuperasse o equilíbrio. Em seguida, com um aperto cruel que lhe machucou a pele, jogou-a sobre o sofá. Com alguns gestos, ordenou a seus quatro capangas que montassem guarda em volta dela.

— Senhores — declarou ele com arrogância —, trago-lhes Sally Beth Roe.

Os três homens postaram-se diante dela, fitando-a com grande interesse. O homem de cabelos grisalhos, barba perfeitamente aparada e colar de osso olhou para o homem alto, de cabelos prateados, com cara de executivo, e ambos olharam para Steele.

— É ela sim — Steele confirmou. — Muito bem, senhor Khull. Acertaremos já a nossa conta com o senhor. No entanto, se estiver de acordo, talvez ainda precisemos de seus serviços.

Khull sorriu, lançando a Sally um olhar malicioso de esguelha.

— Seria um prazer.

— Então, por favor, fique mais um pouco, o senhor e seu pessoal. Tentaremos resolver a questão o mais rápido possível.

— Não tem pressa.

Com Sally alojada na segurança do sofá, sob guarda competente, os três cavalheiros se descontraíram e tomaram seus assentos — os dois homens de idade em outro sofá na frente dela e Steele numa grande espreguiçadeira entre os sofás, diante do fogo.

Steele deu início à conversa:

— Sally, deixe-me lhe apresentar meus dois amigos. — Indicou o homem com a barba perfeitamente aparada. — Este é o sr. Emile Goring, atual diretor financeiro da Associação Mannesville, uma sociedade para o desenvolvimento ambiental e humanitário de renome internacional e mobilizadora de projetos globais. É um dos principais acionistas e diretor em mais de 40 empresas mundiais de óleo, gás, transportes, exportações, mineração etc.

Sally olhou na direção de Goring, que lhe fez um movimento de cabeça com expressão sombria, porém ainda fascinada.

Steele queria se certificar de que ela ficaria impressionada.

— Consequentemente, o que o senhor Goring deseja, tem meios para conseguir. Ele e seus associados são importantes contribuintes e agentes de empreendimentos como o Instituto Summit; este instituto é parte de sua visão e nem existiria, não fosse por seus esforços.

— O outro cavalheiro é o sr. Carl Santinelli, advogado sênior no escritório Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon. Um dos escritórios mais poderosos do país e, de certo modo, a nau capitânia da ACAL. É homem de grandes causas legais, um ativista da mais alta ordem e, definitivamente, um homem cuja vontade é melhor não contrariar.

Sally olhou para Santinelli e, em troca, recebeu um olhar fixo, frio e perscrutador.

Em seguida, Steele se voltou para Goring e Santinelli.

— Senhor Goring, senhor Santinelli, apresento-lhes a senhorita Sally Beth Roe, antiga Diretora de Recursos para Currículos Primários do Centro Ômega para Estudos Educacionais, condenada por homicídio, ex-detenta, operária de produção na Fábrica de Portas Bergen e, mais recentemente, nômade.

Goring e Santinelli continuaram a estudá-la como se olhassem para uma verdadeira raridade.

Steele relaxou um pouco na cadeira e a estudou um instante.

— Tem sido uma aventura e tanto, não?

— Sim, tem — ela respondeu.

— Estou vendo que a raiz do seu cabelo começa a aparecer. Sinto falta de seu chamejante cabelo ruivo. De verdade. E desde quando usa óculos coloridos?

Ela suspirou e tirou-os, esfregando os olhos cansados.

— Tudo parte do disfarce, é claro. — Em seguida ela admitiu, amargurada: — E muito inútil.

— Muito inútil — concordou Steele. — Mas você compreende, não é mesmo, por que tivemos de capturá-la?

A pergunta enraiveceu-a.

— Tenho a impressão, senhor Steele, de que o senhor e seus sócios querem me ver morta, e gostaria muito de saber porquê.

— Ora vamos! Uma pessoa brilhante e experiente como você deveria saber que nos atrapalha bastante. Quanto àquele atentado inicial contra sua vida, direi sem rodeios: foi erro crasso, um fiasco infeliz perpetrado por um bando de incompetentes acreditando que nos agradariam. Não gostamos. Matá-la dessa forma nunca foi nossa intenção original.

— Então qual era sua intenção original?

Santinelli sorriu.

— Mover uma ação judicial contra a Academia Bom Pastor em Baskon, cidade em que você reside atualmente. O fato de você ter caído de para-quedas bem no meio do nosso projeto foi uma surpresa completa para nós.

Sally precisava confirmar aquilo de que desconfiava.

— Em última instância, *vocês* são os responsáveis pela ação judicial contra a escola cristã?

Santinelli fez que sim com a cabeça.

— Primeiro, Lucy Brandon entrou em contato com nossa filial da acal na região. A filial entrou em contato com a associação estadual, a associação estadual entrou em contato conosco e resolvemos que o caso poderia vir a ser proveitoso. Na mesma hora colocamos nossa força e influência por trás dele.

— Mas não por causa da criança, Amber, naturalmente?

Santinelli trocou um olhar com os demais. A mulher era mesmo muito esperta, como Steele dissera.

— Pelo que vejo, você não tem ilusões quanto a nossa preocupação com a segurança, os direitos e o bem-estar das crianças, ainda mais porque a acal defende com regularidade os interesses dos pornógrafos e abusadores de crianças.

Recostou-se no sofá com o queixo levantado, batendo de leve com as pontas dos dedos umas nas outras, observando-lhe os olhos à espera de uma

reação.

Sally forçou um canto da boca a espichar para cima e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Como bem pode imaginar, o verdadeiro objetivo da ação judicial não é a indenização à acusadora, mas abrir um precedente legal, moldar e ajustar a lei, reescrevê-la até, por intermédio de um caso ideal que estabeleça o precedente.

Steele contribuiu:

— A senhorita Roe está bastante familiarizada com nossa pauta para transformação social por meio da educação pública controlada pelo estado. Ela foi importante colaboradora nesse sentido em determinada época.

Santinelli balançou a cabeça em sinal de concordância, bastante impressionado.

— Então você percebe que grande impedimento a nossa causa os cristãos representarão enquanto lhes for permitido criar e educar os próprios filhos segundo suas crenças bíblicas? Mesmo antes dos anos que você passou no Ômega, procurávamos legislação e precedente legal que pudesse ser usado a fim de sufocar esse impedimento. Demorou todo esse tempo para que acontecesse.

— Mas aconteceu!— exclamou Goring com um sorriso triunfante.

Santinelli permitiu-se o mesmo sorriso e continuou:

— A legislação mais recente de que nos servimos é o Decreto Federal de Assistência a Creches e Escolas Primárias Particulares, e o Decreto de Direitos Civis Munson-Ross. Cada qual uma pilha bem confusa de leis que, como havíamos esperado, precisaria ser testada e esclarecida pelos tribunais. O caso da Academia Bom Pastor parecia feito sob medida para esse propósito. Não apenas envolvia fundos federais direcionados para uma escola cristã, e por isso a intervenção e controle do governo, como também permitia ser atacado pela perspectiva explosiva do abuso infantil, algo que poderíamos usar de modo a incitar o apoio da imprensa e da mentalidade pública, fazendo que todos passassem para o nosso lado, independentemente das verdadeiras questões.

Com o público chocado e preocupado em proteger crianças inocentes, seríamos vistos como nada menos do que defensores das crianças ao estabelecer, pela abertura de precedentes, o direito e o dever de o estado controlar a educação religiosa.

Não pôde resistir e soltou uma risada de prazer antes de continuar:

— Mesmo depois do trauma inicial — verdadeiro ou forjado — contra a criança ter sido extinto no passado e esquecido, as leis continuarão nos livros e o governo firmemente plantado dentro das paredes da igreja.

— Conforme você mesma ensinou e aprendeu — continuou Santinelli —, uma vez estabelecido esse controle da instrução religiosa, a eliminação metódica e gradual de todo ensino desse tipo será apenas questão de tempo. E então, pessoas como você foi terão tremendo poder, de longo alcance, para controlar e moldar, sem resistência, cada segmento da próxima geração.

Sally assentiu com a cabeça. Ela aprendera por esse catecismo.

Goring resolveu se intrometer na narrativa:

— Bem, parecia promissor, claro. Mas isso foi antes de você surgir do nada. Pode imaginar o choque que foi descobrir que você saíra da prisão e que morava na mesma cidade em que movêramos a ação judicial. Pior do que isso foi a maneira pela qual descobrimos: nosso pequeno troféu, a própria criança em questão, supostamente pura, vítima inocente de fanáticos e violentadores cristãos, de repente resolveu mostrar sua verdadeira natureza certo dia no correio local. Ah! Vejo que se lembra do incidente! De todas as pessoas que poderiam presenciar a explosão, tinha de ser logo com você!

— Quando a senhora Brandon levou o incidente ao conhecimento de seus advogados, eles nos avisaram e, sabendo quem você era, entendemos haver um risco substancial de você conhecer a situação da criança. Ainda mais considerando o fato de o currículo que a provocara ser de sua autoria. Percebemos que você poderia prejudicar seriamente nosso caso se resolvesse aparecer.

Santinelli permitiu-se uma risada pesarosa.

— Mas na verdade, ainda não decidíramos qual seria nosso curso de ação quando um membro mal orientado — ex-membro, agora — da equipe tomou as rédeas da questão e contratou os serviços de uma assassina.

— Com essa parte você está bem familiarizada — afirmou Goring. — Ó, sim, está.

— O que nos traz ao motivo pelo qual temos estado envolvidos nessa bela perseguição — Santinelli continuou. — Senhorita Roe, se você tivesse morrido naquele momento, conseguiríamos absorver o erro e prosseguiríamos com nosso plano, em nada prejudicado pela impulsividade do nosso amigo. — Ele suspirou. — Mas sendo você a pessoa impressionante que é, não apenas sobreviveu como ainda matou a assassina e a deixou lá para criar todo o tipo de indagação se fosse encontrada. Além disso, fugiu levando o anel que a assassina usava no dedo. Um anel eventualmente capaz de ligar toda essa maldade a nós.

Sally nada disse e procurou evitar que seu rosto o fizesse.

— A assassina era esperta. Amante desse ex-membro de nossa equipe, surrupiou o anel dele, acreditamos, com o intuito de fazer chantagem, de manipular. O anel revelaria a qualquer um quem era seu verdadeiro dono; a partir daí, bastaria obter as listas de membros da Nação, nas quais todos os nomes codificados estão enumerados. Os dois itens, se não me engano, encontram-se agora em seu poder?

— Estou disposta a negociar — replicou ela.

Todos os presentes sufocaram a risada e a troca de olhares.

Steele se aventurou a fazer uma pergunta que ninguém ali achava necessária:

— Então... está disposta a renunciar às listas e ao anel em troca de alguma coisa? O que seria?

Sally olhou um a um nos olhos e falou com clareza:

— Que vocês desistam da ação judicial, deixem a escola cristã em paz e permitam que Tom Harris recupere os filhos.

Dessa vez eles não sufocaram risada alguma; pelo contrário, deliciaram-se com o apelo que acabavam de ouvir.

— E depois — disse Goring — você nos devolverá as listas e o anel para dispormos deles?

— Podemos conversar sobre isso. Estou certa de que conseguiremos chegar a um acordo.

Santinelli inclinou-se para a frente.

— É uma corrente o que vejo em torno do seu pescoço?

Khull certificou-se de que era. Forçou a cabeça de Sally para o lado e segurou a corrente, puxando-a com força de sob a blusa.

Um anel de ouro pendia na ponta.

Com um safanão cruel que chegou a erguê-la do sofá e arranhar-lhe o pescoço, de repente Khull agarrou a corrente e arrancou-a. Sally foi parar no tapete com um grito de dor, apenas para ser erguida pelos capangas e atirada sobre o sofá outra vez.

— Ei, parem com isso! — ordenou Goring. Em seguida, apontou para o pescoço ensanguentado. — Coloquem um pano em cima disso. Não quero que manche o sofá.

Um dos homens de Khull passou um lenço em volta do pescoço de Sally.

Khull balançou o anel acima da palma de Santinelli e afinal o deixou cair.

Santinelli examinou-o.

— Hum-hum. O Anel de Fraternidade na Ordem Real e Sagrada da Nação. Um objeto sagrado, é certo. — Voltou-se furioso para Sally. — Sagrado demais para estar em seu poder... e não estar mais em seu poder.

Sally segurou o lenço de encontro ao pescoço, atordoada e exaurida em seu espírito, estremecendo pela dor causticante do ferimento.

— Estou vendo que pertence a esse grupo.

Santinelli olhou para o anel de fraternidade em sua mão.

— Ó, a Nação é composta de muitos irmãos, todos em posições vitais: no governo, nos bancos, nos tribunais federais, nos colegiados e conselhos das

universidades. Owen Bennett você conheceu bem, claro, e estou certo de que lá identificou uma quantidade impressionante de nomes nessas listas que roubou. Como qualquer outra sociedade secreta, ajudamos todos os nossos iniciados a se estabelecerem nos lugares certos e cuidamos dos interesses uns dos outros. Contanto, naturalmente, que o interesse de cada um esteja de acordo com os interesses da sociedade.

— Ao que parece, os interesses de James Bardine não estavam.

Santinelli sorriu.

— Ah, sim, o tal "ex-membro de nossa equipe" tinha um nome. Então foi você que ligou para nosso escritório? Soube que nossa recepcionista relatou há pouco tempo o caso de uma interlocutora anônima ligando para perguntar da morte prematura desse nosso colega. — Brincou de deixar o anel cair de uma das mãos para a outra. — Fraternidade é uma coisa; violação de votos de guardar segredo, votos de sangue e sagrados, é outra.

Ele olhou pelas janelas em direção às montanhas.

— Algumas coisas é melhor manter lacradas, senhorita Roe. Se pudesse ter dado uma volta pelos arredores, ou caminhado pela cidade de Summit e encontrado algumas das pessoas que estão aqui esta semana, teria encontrado muitas organizações esotéricas diferentes aqui representadas, além de alguns... indivíduos... bastante singulares. Somos todos uma família global, como sabe; esse é o brado unificador de cada coração. Proclamamos essa ideia aqui e em toda a parte, da mesma forma que você também a proclamou, e ensinamos que todos são iguais.— Fez uma pausa para causar mais efeito. — Contudo, não revelamos a ninguém o fato de alguns serem mais iguais que os outros, e muito mais aptos para governar.

Depositou o anel sobre a mesa de centro e então olhou diretamente para ela.

— Entendo que agora você tem condições de avaliar plenamente o que está em jogo aqui, o quanto somos implacáveis e determinados e o quanto sua situação é desesperadora. Não estamos aqui para negociar, senhorita Roe, mas

para pôr um fim na ameaça que representa para nós. Qual exatamente será o processo necessário para isso dependerá em grande parte de você mesma. — Olhou para Khull. — Estou certo de que lhe trará pouco conforto saber que o senhor Khull e seus quatro parceiros são membros da mesma ordem secreta à qual pertencia sua assassina, uma seita satânica conhecida como Vidoeiro Quebrado. Formam um grupo implacável que viceja com o derramamento de sangue, a tortura, o sacrifício humano. Muito repugnante. — Tornou a encará-la. — Senhorita Roe, somos pessoas decentes e não lhe desejamos mais desconforto do que talvez você nos obrigue a usar. Para ser claro, seu destino depende de seu desempenho.

Natã, o árabe, e seu pequeno bando de sentinelas continuava defendendo o caminhão do correio que se aproximava cada vez mais de Ashton. Armoth, o africano, voara na frente para avisar Krioni e Triskal, os anjos de guarda da cidade. Era só uma questão de tempo até o Destruidor saber da carta que aquele caminhão transportava.

No jardim de ervas, que não ficava longe do chalé de Goring, um grupo de mais ou menos 30 participantes se reunia ao ar fresco e perfumado para um período de trabalho matinal, conduzido por um famoso cantor. O jovem de cabelo loiro trouxera seu violão e havia algumas canções planejadas para antes de sua palestra sobre "Ecologia: a fusão da Terra e do espírito".

Reinava uma certa euforia no grupo. Aquelas pessoas nunca tinham chegado tão perto assim de alguém tão famoso, e ele não era a única pessoa famosa sentada ali entre o alecrim, o tomilho e as orelhas-de-burro. Dois ministros religiosos de estatura mundial, do tipo que vive nos noticiários, estavam presentes, bem como o diretor de filmes místicos de ficção científica cujo nome era conhecido por todos, e cujas personagens haviam se transformado em brinquedos de plástico a povoar os quartos das crianças do país inteiro e do exterior.

O cantor loiro dedilhou o violão e todos se puseram a cantar uma de suas conhecidas baladas. O momento era mágico.

Os demônios ali no meio também estavam se deleitando. Tanta adoração e atenção como as que estavam recebendo funcionavam como uma boa massagem nas costas. Chegavam a se contorcer de gozo a cada estrofe da música em que o duplo sentido da letra fora cuidadosamente disfarçado.

Hein? O que foi isso? Os demônios viraram a cabeça para olhar na direção do distúrbio.

Dois guerreiros demoníacos se aproximavam, deslizando por cima do topo do Pavilhão Goring, aparentemente rumo ao chalé de Goring. Levavam entre si o vulto frouxo e fatigo de um demônio todo estropiado, ainda ganindo e berrando de agonia. Com um som suave, farfalhante, passaram bem acima do jardim de ervas e desapareceram por trás da alta cerca viva.

Os demônios do jardim de ervas se remexeram, alvoroçados, resmungando uns para os outros. *O que era aquilo? O que era aquilo? O que aconteceu*?

Havia alguns médiuns presentes e os demônios grudados a seus cérebros ficaram tão irrequietos quanto os demais. Os médiuns o sentiram na mesma hora.

O jovem loiro chegou a interromper a música.

— O que foi?

— Uma perturbação — informou uma advogada, médium também.

— Sim — confirmou um professor de quinta série, de olhos fechados. — Uma espécie de energia ruim. Tem alguma coisa errada em algum lugar.

Dentro do chalé, o Destruidor se deliciava com toda a conversa, o mesmo valendo para o Homem Forte, embora esse último se impacientasse.

Por que esperar tanto?, rosnou ele. *Faça-a falar e depois acabe logo com ela*! *O plano nos espera*!

— Destruidor! — chamou uma voz áspera do lado de fora do prédio. Era um de seus capangas. — Um guerreiro traz notícias!

— Agora não! — vociferou o Destruidor, querendo ver o que aconteceria à mulher.

— Vá! — ordenou o Homem Forte.

Ele foi, saindo do chalé a fim de ouvir um espírito de aparência lastimável.

— O que aconteceu com você?

O demônio estava sentado com as ancas apoiadas no chão, asas estendidas como lonas negras e esfarrapadas, amassadas, flácidas e cheias de buracos. Tinha a cabeça toda machucada e precisava fazer força para não cair.

— Atacamos um caminhão do correio que seguia para Ashton.

O Destruidor abaixou-se bastante.

— Você disse *Ashton*?

O demônio ameaçou tombar. O Destruidor segurou-o pelo pescoço e, com um safanão, obrigou-o a ficar ereto. — Foi *Ashton* que você disse?

O demônio deu uma resposta indistinta e fraca.

— Ashton. A carta está indo para Ashton e a hoste celestial a aguarda.

O Destruidor disparou uma olhada para o interior do chalé. O Homem Forte continuava assistindo ao interrogatório de Sally Roe. Ainda impaciente. Queria resultados. Se não os obtivesse, e rápido, cabeças rolariam.

O Destruidor quase podia sentir *sua* cabeça rolando! Deixou o demônio se estatelar no chão e fez sinal para seus capitães se reunirem a sua volta.

— Há uma carta destinada a Ashton, protegida pela hoste celestial. Não fariam isso a troco de nada! — Enrugou o rosto em uma careta grotesca ao pensar nisso. — Sally Roe pode ter escrito a alguém de lá.

Os capitães se entreolharam boquiabertos.

— E então? — quis saber o Destruidor. — Ouviram o que eu disse?

— Ashton! — exclamou um deles.

— Não podemos voltar lá! — disse outro.

O Destruidor pediu silêncio com um gesto rápido.

— Só quero que deem uma olhada, e que o façam na surdina. Tenho certeza de que não é nada com que tenhamos de nos preocupar. Só uma carta

mesmo.

Eles olharam uns para os outros.

— Qual de nós deve ir? — perguntaram.

O Destruidor conteve um berro. Em vez disso, sibilou:

— Que tal *todos* vocês? E levem mais alguns guerreiros.

Eles partiram, reunindo tantos demônios desordeiros quantos se dispuseram a acompanhá-los.

O Destruidor apressou-se a voltar para o chalé. O Homem Forte ouvia atentamente o interrogatório de Sally e não perguntou o motivo da interrupção.

Nem o Destruidor tinha qualquer intenção de lhe contar.

Em Ashton, Krioni e Triskal observavam a entrada do caminhão do correio nos limites da cidade. Bem no horário. Infelizmente, a preciosa carta que trazia estava com um dia de atraso.

Triskal olhou para o oeste.

— Até agora, nenhum problema.

Krioni não estava tão otimista.

— Eles virão.

41

Santinelli reclinou-se, descontraído, e com um olhar esclarecedor a Goring e Steele, encorajou-os a fazer o mesmo. Em seguida olhou para Sally, demonstrando uma cordialidade mais do que suspeita.

— Sally, sempre me considerei um cavalheiro, um homem digno e honrado, respeitador da dignidade feminina. Desejo sinceramente um diálogo inteligente e produtivo com você, e estou certo de que, dada a alternativa, você desejará o mesmo.

— Eu preferiria que fosse assim — admitiu ela.

Santinelli assentiu com a cabeça.

— Então, estando ambos de acordo sobre isso, seria bom pensarmos um pouco em sua credibilidade como testemunha contra nós. Parece que se esqueceu do que é.

Sally respondeu simples e diretamente:

— Sou uma adúltera, uma assassina de bebê e uma criminosa condenada. — Deixara-os pouco à vontade. Encontrara facilidade demais para dizer isso. — Tenho sido lembrada da minha condição desde o dia em que tudo aconteceu a toda hora, durante sete anos de prisão, por espíritos perturbadores e por minha própria consciência.

Steele disse:

— Sally, que conjunto de rótulos vergonhoso e repugnante!

Ela sorriu, o que chegou a surpreendê-la.

— Na realidade, esses rótulos são maravilhosos e lindos por causa...

Hesitou.

Goring completou a frase:

— Por causa da cruz?

Ela se encheu de ânimo ao ouvir a pergunta.

— Sim, senhor Goring. Fico admirada de ver que o senhor sabe disso.

Goring deu uma risadinha sarcástica.

— Sabemos de uma porção de coisas, senhorita Roe.

Sally não reagiu à declaração e continuou:

— Estou longe de ser competente em teologia cristã, mas sei que encontrei esse Jesus pessoalmente e sei que fui perdoada. Considerando os atos que pratiquei, acho isso animador, uma inspiração.

Eles não gostaram nada dessa afirmação.

Tampouco o Homem Forte gostou, soltando um rugido que encheu a casa e inquietou os demônios. Olhou de esguelha para o Destruidor, que desviou os olhos.

Santinelli tentou manter o sangue frio, porém, seu rosto exibia agora um tom um pouco rosado.

— Então devemos entender que recorreu a essa religião antiquada na tentativa desesperada de apagar o passado? — perguntou, rindo zombeteiro. — Ora, Sally, essa é uma ilusão maravilhosa para os fracos de coração e mente. A ideia de que seus pecados são perdoados é uma fábula, tanto quanto os próprios pecados. Você é deus, Sally; não tem de prestar contas a ninguém.

— Então eu deveria estar livre para ir embora, não acha?

— Essa é uma questão secundária — interveio Goring com um aceno da mão —, sem qualquer relação com nosso propósito atual. Permita-me ser franco, Sally: mesmo que pecados fossem reais e que esse tal Jesus pudesse salvá-la deles, é do que você terá de enfrentar neste momento que ele não pode salvá-la.

— Eu não imaginaria que ele devesse fazê-lo.

Dessa vez Santinelli chegou a erguer a voz.

— Senhorita Roe, estou certo de que sabe que essa sua conversa a colocou em maior perigo ainda. Não poderia ter feito nada melhor para garantir a inimizade entre nós, até mesmo sua própria morte, do que se tornando cristã! — Inclinou-se para a frente e, com raiva controlada, apontou o dedo para o rosto dela. — Você acaba de se estabelecer como inimiga suprema deste empreendimento, merecedora de todo o nosso ódio!

Igualzinho a Amber, pensou Sally. *Steele, Santinelli e Goring estão com o mesmo olhar demoníaco, o mesmo ódio diabólico*.

Respondendo a Santinelli, disse apenas:

— Eu sei.

O Homem Forte podia ver a paz nos olhos dela e isso o enfureceu. *Bata nela*!

Santinelli esbofeteou-lhe o rosto.

— Vai nos dizer onde estão as listas! O que fez com elas?

Krioni e Triskal saudaram Natã e seus guerreiros quando o caminhão de correspondência chegou ao correio de Ashton.

— Então, encontraram dificuldades? — perguntou Krioni.

— Um pouquinho — Natã respondeu.

— Nós estamos aqui esperando outras mais — comentou Triskal.

Armoth acompanhou o motorista até o interior do prédio e ficou observando atento enquanto ele colocava o malote junto de alguns outros em um carrinho. Logo retirariam a correspondência dali e a separariam. Seria o momento mais crítico de todos.

Um bando de diabretes fuliginoso, heterogêneo e desordeiro, liderado pelos 12 guerreiros abomináveis do Destruidor, abriram caminho até Ashton, voando baixo sobre o chão, atingindo grande velocidade, espadas desembainhadas, olhos saltados de ansiedade. Seria a última batalha, pensavam os 12. E talvez a melhor.

No *Clarim de Ashton* chegara a hora de buscar a correspondência matutina. Bernice vestira o casaco e estava com as chaves do carro na mão. Já sabia. Mal encostou a mão na maçaneta da porta da frente, o telefone tocou. Era o Eddy, da Padaria do Eddy. O sujeito era a chatice personificada!

— Sim, Eddy, posso lhe dar os cinco centímetros. Claro, de graça, mas só durante um mês, a título de experiência. — Mais perguntas. — Para decidir se você gosta e se nós gostamos também. Nunca fizemos isso antes, achei que deveríamos tentar. — O homem continuou falando. Ela fez um gesto em direção à porta da frente. — Não, acho que podemos aumentar aquela caneca de café um pouco mais e dará muito certo. Isso, não precisa mudar seu logotipo. — Acompanhou a frase uma careta e os olhos revirando. — Ouça, por que não fala com Cheryl sobre isso? Sim, ela sabe tudo a respeito.

Eddy não queria falar com Cheryl.

ATACAR! Os espíritos tenebrosos mandaram medo e cautela às favas e precipitaram-se sobre Ashton em uma torrente de caos e maldade, asas rugindo, enxofre formando trilhas, obscurecendo a luz, entrechocando-se com guerreiros angelicais por toda a cidade. Para cima e para baixo das ruas eles se lançavam, girando, aos encontrões, atacando os guerreiros dos céus com espadas de fogo e ardor, disparando pelo meio do trânsito, armando emboscadas nas esquinas, voando através de prédios e criando confusão, guinchando seus brados de guerra, totalmente entregues à tarefa de manter os anjos ocupados, batalhando, a qualquer custo, independentemente do que viessem a perder. Enquanto os demônios pequenos, perturbadores e desordeiros deixavam a cidade em polvorosa, os 12 de Destruidor saíam ao encalço da tal carta.

Até que enfim Bernice chegou ao seu fusquinha. Agora, no entanto, era a porta que não abria. A chave não estava nem virando dentro da fechadura.

VUPT! Um feixe de luz atravessou o demônio que estragara a fechadura. Ele se dissolveu no ar.

A chave virou afinal e Bernice entrou.

Na rua, o semáforo não saía do vermelho e os carros começaram a se enfileirar.

Um pequeno sedã foi parando devagar ao lado do carro de Bernice e imediatamente uma caminhonete bateu-lhe na traseira. Os dois motoristas saltaram de seus veículos e puseram-se a travar uma longa batalha de justificativas.

Seis anjos voaram ombro a ombro pela Sexta Avenida enquanto quatro outros mergulharam do céu e arremeteram pela Rua Miller. Convergiram em um choque explosivo logo acima do semáforo, arremessando os demônios

sabotadores em altos arcos. Eles se dissolviam, mas não sem antes deixar uma trilha de fumaça vermelha.

A luz mudou para verde.

Contudo, o trânsito ainda não se movia devido ao acidente. Bernice resolveu caminhar.

Sally tentou afundar mais no sofá, porém não havia jeito de diminuir a dor do aperto contundente e esmagador que o capanga grandalhão exercia sobre seus ombros. Ele a estava machucando e deliciando-se com isso.

Steele falava baixo e pausadamente para se certificar de que ela o escutava; no momento, ela parecia bastante preocupada com a própria agonia.

— Sei que está familiarizada com os rituais satânicos, por isso eu nem deveria entrar em detalhes. Sally, não queremos ver isso acontecer; mas, se for preciso, entregaremos você ao senhor Khull e sua gente. Deixaremos que façam o pior com você, até nos dizer o que desejamos saber.

Ela estava prestes a responder, prestes a dizer que eles a matariam de qualquer forma, quando foi impedida por algo que lhe aconteceu com os olhos. Foi como se os abrisse pela primeira vez, como se uma cortina escura fosse puxada de lado. Talvez a dor lhe estivesse provocando alucinações.

Conseguia ver agora os espíritos por trás daqueles homens. Eram umas coisas enormes, verrugosas, feias, observando-a com fúria e ódio assassino.

Em todas as suas experiências ocultistas, jamais os enxergara com tanta nitidez, nunca discernira tanto mal e ódio.

Mas viu também que esse ódio não lhe era dirigido, mas sim ao Salvador que trazia dentro de si.

E então ela soube. Simplesmente soube. E falou — se em voz alta no mundo presente ou se em espírito em outra dimensão, não saberia dizer.

— Vocês estavam lá! Todos vocês estiveram lá! Fizeram o pior que podiam com ele... Vocês o mataram!

Aquilo perturbou os espíritos. Eles se entreolharam, a indignidade e o ultraje enrugando-lhes as caras.

— E ele os derrotou ao morrer! Ele venceu! — O brutamontes que pairava no alto arreganhou os dentes e rugiu maldições ininteligíveis contra ela, as asas inflando. Sally olhou bem dentro dos ardentes olhos amarelos e, para grande surpresa sua, reconheceu o medo. Em espírito, ela riu. — Façam o que fizerem comigo, *eu* já venci! — exclamou.

Podia sentir toda a dor outra vez. Mais um pouco e o capanga lhe quebraria o braço. O capanga estava prestes a quebrar-lhe o pescoço. Os espíritos se desvaneceram com o resto do mundo. Já não ouvia, não enxergava nada. Mergulhava em um sonho, na escuridão sem fim. Santinelli berrou algo e o capanga a soltou. Ela achou que flutuaria acima do sofá. A dor diminuiu.

Em um instante conseguia ver e ouvir outra vez, e percebeu que quase caía para a frente. Seus ombros latejavam. Santinelli dizia alguma coisa a respeito de matá-la.

Então Goring se manifestou:

— O dia da conferência vai começar, teremos gente passando em frente às janelas. É melhor continuarmos lá embaixo.

— Esperem! — disse Sally, e todos se imobilizaram. Atraíra-lhes a atenção. Erguendo a cabeça, reuniu todas as forças e coragem e murmurou debilmente: — Ainda tenho mais um trunfo com que jogar. Saibam que me correspondi regularmente com Tom Harris, de Baskon. Contei-lhe tudo que sei e tudo que fiz. Se alguma coisa me acontecer, alguém saberá.

Goring sorriu e enfiou a mão dentro de uma maleta ao lado do sofá.

— Ó, deve estar se referindo a isto. — A mancheias, de três em três, de quatro em quatro, uma por vez, Goring tirou as cartas da maleta e as colocou empilhadas sobre a mesa de centro, fazendo uma revelação lenta, torturante a sua presa. Depois que ela adquiriu um tom satisfatório de palidez, continuou: — Fomos muito dedicados na preparação do nosso plano. Felizmente, conseguimos exercer influência suficiente sobre a proponente da ação judicial,

que também trabalha como chefe do correio local. Ela nos tem enviado todas as suas cartas; portanto, nem é preciso dizer, Tom Harris e seus amigos jamais as receberam. Eles não fazem ideia do seu paradeiro ou do que você talvez saiba.

Santinelli acrescentou:

— E sim, temos observado essas pessoas e é evidente que dispõem de pouca informação a seu respeito. Atiram no escuro, para todo lado. Eu diria que estão ficando um tanto desesperadas. Mas isso não importa agora, não é? Temos você e a trataremos da maneira que acharmos melhor, que julgarmos necessária.

Goring apontou para a mesa de centro:

— Portanto, temos você, temos todas as suas cartas, temos o anel denunciador; está na hora de tratarmos a sério dessas listas roubadas. Senhores?

De repente, ela se viu dependurada pelos braços. Esticou bem as pernas para diminuir a dor e ficar de pé por conta própria.

— Por aqui — anunciou Goring.

Os homens do Vidoeiro Quebrado obrigaram-na a avançar, levando-a em direção a uma escada que conduzia para o interior do ventre frio de concreto do chalé. Goring foi na frente, acendendo luzes e guiando-os pelas escadas em caracol.

Steele seguia logo atrás e depois dele, Santinelli. Khull fechava a procissão, enfiando a mão no casaco para pegar a faca.

Mas de repente ele hesitou.

— Vou me certificar de que a porta da frente está trancada — anunciou e tornou a subir. Resolveu então passar pela mesa de centro e dar uma boa olhada em todas aquelas cartas. *Hum. Excelente*!

Pronto, consegui! Bernice consultou o relógio e descobriu que levara apenas dez minutos para caminhar até o correio. Nada mau.

Agora era pegar a correspondência.

Bem no alto, os 12 asseclas do Destruidor avistaram-na. Também viram o dossel de anjos sobre o prédio. Soltaram um brado e mergulharam para a batalha, as asas guinchando, as narinas soltando rastos de enxofre.

WHOOSH! Três deles varreram cinco guerreiros angelicais do telhado do correio e os atacaram, rolando, arremetendo, rodopiando, retalhando. Estariam ocupados por algum tempo.

— Dois capangas dispararam pela parede norte. Natã e Armoth abaixaram quando eles passaram, rebateram-nos com firmeza e mandaram-nos embora pela parede sul.

UFA! Outros quatro deixaram-se cair pelo telhado e golpearam os anjos com garras à mostra. Os demônios levaram em pleno rosto as asas flamejantes e só viram o brandir das lâminas tarde demais.

Fumaça vermelha.

O jovem funcionário esvaziou o malote com extremo cuidado, separando pacotes, envelopes, publicidade, revistas.

— Oi, Al! — veio um cumprimento do saguão.

— Olá, Bernice! A correspondência está um pouco atrasada.

— Ó, sem problema, eu também estou.

Ah, lá estava parte da correspondência para o *Clarim*. Ele a fez escorregar para a caixa postal correspondente e deu outra olhada para ver se havia mais alguma coisa.

Quatro capangas explodiram através da parede, as asas formando um borrão, com Krioni e Triskal em seu encalço.

Uma espada vermelha abaixou com ímpeto.

A carta adejou para o chão.

Bernice retirou toda a correspondência da caixa do *Clarim* e deixou-a cair dentro de uma sacola de compras. Olhou então pela abertura e perguntou:

— Só isso?

Al examinou a nova correspondência que chegara.

— Sim, acho que você já pegou tudo.

— Está bem.

Bernice fechou a porta da caixa postal e voltou-se para ir embora.

Krioni segurou um espírito pelo calcanhar porém o bicho era tão forte que o arrastou pela parede do correio. Foi obrigado a soltá-lo.

Triskal levou um sopapo violento de um monstro, deu uma estocada em outro e chutou um terceiro para fora, por cima do balcão.

Bernice não viu o espírito passar voando por ela quando estendeu a mão para abrir a porta.

Natã abaixou-se para apanhar a carta.

Um pé preto, cheio de garras, atingiu-o no peito e jogou-o até o teto. Outros dois espíritos o cercaram. Ele rodopiou, a espada estendida, dividindo um, aparando o golpe do outro com uma explosão de fagulhas.

Assim que voltou, Krioni viu a carta e correu para pegá-la. Armoth o cobriu, empurrando dois espíritos para trás, para cima da lâmina de Natã.

Krioni fez a espada deslizar por baixo da carta e a atirou para o ar.

Al não viu Krioni socando dois demônios de modo a tirá-los da frente do funcionário do correio, mas viu quando a carta pousou no chão, o endereço virado para cima.

— Ó… Ei, Bernice!

A porta já quase se fechara atrás dela. Mas ela ouviu-o chamar e voltou, abrindo de novo a porta e retornando para o saguão.

Excelente! Agora os guerreiros podiam se concentrar nos demônios. Não devia haver muitos mais — só os maiores e mais fortes.

Al entregou a carta a Bernice por cima do balcão.

— Meio grossa. Deve ter um cartão aí dentro, ou algo assim.

O coração de Bernice quase parou quando ela viu o nome da remetente: S. B. Roe.

Em Baskon, Kate passou o telefone para Marshall.

— Fique alerta, Marshall — sussurrou ela.

Ben e Bev ouviram isso e se aproximaram.

— Quem é?

Marshall falou ao aparelho:

— Sim, fala Marshall Hogan.

— Senhor Hogan — disse a voz no outro lado —, aqui é Debbie Aronson. Trabalho no correio com Lucy Brandon. Preciso conversar com o senhor.

O saguão do correio se encheu de fumaça vermelha quando Triskal arremeteu de espada em riste através de dois espíritos e da parede até o lado de fora, sacudindo dos ombros e asas os restos dos demônios que se dissolviam.

Bernice abriu a carta impetuosamente e encontrou a chave de uma caixa postal em seu interior. Número 203. Ali? Naquela agência? Deu uma rápida passada de olhos pela carta de Sally Roe.

Talvez ela nem notasse, mas começara a balançar para cima e para baixo na ponta dos pés.

Marshall pegou uma caneta enquanto Kate lhe trazia papel e ele se sentava à mesa da sala de jantar de Ben e Bev.

— Que bom você ter ligado, Debbie. Também gostaria muito de conversar com você.

— Bem, não tenho tanta coisa assim para dizer. Estou no meu horário de folga, no Restaurante do Don.

— Podemos nos encontrar em algum lugar, alguma hora?

— Não, não quero me arriscar a ser vista com o senhor. Escute, deixe-me apenas contar-lhe o que sei e depois faremos de conta que nunca lhe falei, está bem?

— Está bem.

Bernice localizou a caixa postal 203. Pelo painel de vidro, dava para ver uma grande pilha de correspondência. A chave entrou na fechadura com perfeição e ela girou a lingueta.

— Lucy tem interceptado correspondências; ela vem mandando para outros endereços cartas que, tenho certeza, não deveriam ser mandadas. Há semanas que a vejo fazendo isso e acho que o sargento Mulligan a amedronta para que ela não pare.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus! Senhor, é isso mesmo? Marshall tentou manter a voz calma.

— Muito bem. Você sabe a quem as cartas estavam endereçadas e de quem eram?

Bernice abriu a portinha da caixa postal. O que era tudo aquilo? Envelopes amarelos, alguns menores, um pacote marrom, uma caixinha embrulhada em papel.

— Eram todas endereçadas a Tom Harris...

Marshall podia sentir os próprios olhos arregalarem.

— ... E todas daquela mulher que supostamente está morta...

Marshall evitou dizer o nome. Debbie precisava pronunciá-lo ela mesma.

— Que mulher, Debbie? Você sabe o nome?

— Er... Uma tal de Roe. Sally Roe.

As mãos de Bernice tremiam enquanto ela removia até o último item da caixa postal e enfiava tudo em sua sacola de compras. Mal podia esperar para voltar ao escritório.

Natã abaixou-se para escapar da violenta arremetida da espada da única fera que sobrara e então devolveu o ataque com força e rapidez, usando a própria lâmina. A coisa afastou-se pela parede e Krioni a encontrou no lado de fora.

Fumaça vermelha. Era o último deles.

O resto de Ashton também estava em segurança. O ataque concentrado no correio fora enfrentado e debelado.

Marshall desligou o telefone devagar, depois reclinou-se na cadeira, jogou a cabeça para trás e soltou um rugido que fez tremer as janelas. Não sabia o que dizer, o que fazer, como expressar o que sentia. Por isso berrou enquanto Kate, Ben e Bev tentavam fazê-lo falar.

— Marshall! — chamou Kate. — O que houve?

Mas ele apenas berrou de novo, levantando as mãos para os céus.

O telefone tocou outra vez. Marshall atendeu com mãos trêmulas.

— Sim?

A voz do outro lado mal conseguia sair, tão fina e espremida que quase sumia.

— Marshall, aqui é Bernice! Largue tudo e sente-se!

Até que enfim, Sally ateara fogo ao cerrado.

Natã foi o primeiro a ficar com as mãos livres. Arremeteu aos céus acima de Ashton, abrindo um espaço brilhante na fumaça evanescente da batalha que ora se findava, e levou uma trombeta de ouro aos lábios.

O toque se propagou por cima de prados e plantações, de um lado ao outro do céu; todo guerreiro angelical pôde ouvi-lo e soube o que significava.

Ainda assim, esperaram. Ainda não. Primeiro Baskon, depois o resto. Puseram-se de novo à escuta. O toque de Baskon soaria em breve.

No Instituto Summit, os demônios ouviram o toque longínquo e enervante, como uma lembrança havia muito enterrada, terrível demais para se enfrentar. Um número demasiadamente elevado deles conhecia aquele som de épocas passadas e agora ostentava as cicatrizes que o seguira então.

O Homem Forte inclinou a cabeça para o lado por um instante.

— Esperem! Fiquem quietos!

O Destruidor ouviu, porém não quis admiti-lo. Imediatamente pensou nos 12 capangas e nas hordas que eles haviam conduzido até Ashton. Não era dessa direção que vinha o som? Ó não!

Do lado de fora, no jardim das ervas, os médiuns estavam ofegantes de medo.

— Não... Não! — dizia o demônio em cima da advogada.

— Não... Não! — ecoou a mulher.

— O que foi? — quis saber o cantor loiro.

O demônio sobre o professor da quinta série inventou uma resposta em que nem ele acreditou. Mas o professor ecoou:

— Medo e ignorância, fanatismo e ódio, ainda abundantes no país! Os ventos da mudança precisam soprá-los para bem longe; precisamos lhe fazer frente e prevalecer!

— Sim, sim! — replicaram todos. O cantor dedilhou seu violão e eles se puseram a balançar ao ritmo de mais uma canção falando da paz e da perfeição

globais.

Em Baskon, Mota e Signa irromperam do esconderijo com um grito, espadas refulgindo, asas abrindo-se como a arrebentação de ondas, uma luz branca ofuscando como o sol.

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro! — gritaram eles enquanto os milharais, os silos, os depósitos, os celeiros, as florestas e as estradas em toda a volta de Baskon explodiam com a luz branca das legiões dos céus.

Mota gritou, com um toque de júbilo:

— Preparem-se! Começaremos com Ametista!

42

O som da trombeta de Natã ainda ressoava aos ouvidos do Homem Forte. Ele sabia que alguma coisa saíra errada em algum lugar. *Prossigam com isso! Cortem-na, queimem-na, façam o que for preciso, mas não demorem mais*!

Khull falou baixinho aos dignos, honrados e respeitáveis homens que lhe estavam pagando pelos serviços:

— Podemos fazê-la cantar alto e durante muito tempo. É só mandarem.

Santinelli deu apenas uma olhadela furtiva em Sally, agora amarrada e presa a uma cadeira dura de madeira no meio do porão, enfraquecida pelo cansaço, pela dor e o medo. Cercavam-na Khull e seus quatro assassinos, que brandiam seus instrumentos de tortura ritual, mais que ansiosos por começar.

— Sally, pensar que chegaria a isto! — murmurou Santinelli. — Você nunca deveria ter mencionado aquele nome; jamais poderia ter se colocado do lado dos nossos inimigos!

Goring lembrou-o:

— Temos muita coisa em jogo aqui, Carl. Eu diria que a situação nos obriga a tomarmos uma atitude drástica.

Santinelli replicou em uma voz sufocada pela repugnância que sentia:

— Por causa disso, agora nos tornamos carniceiros!

Khull sorriu. Na verdade, quase deu risada.

— Não, senhor Santinelli. Vocês *me* pagam para fazer isso. Não sou tão digno e respeitável quanto os senhores. Sou apenas um reles e repugnante satanista.

O Homem Forte deu um empurrão no Destruidor, que falou depressa à mente de Steele.

Steele então propôs:

— Estamos aqui discutindo uma mercadoria. O único valor de Sally Roe está na utilidade que pode ser para nós. Vamos arrancar-lhe essa informação e nos livrar logo dela.

Dessa vez Khull caiu mesmo na risada.

— Que tal a ideia, senhor Santinelli? A decisão é sua: quer que ela seja torturada?

Santinelli encarou Khull furioso.

— Se *eu* quero que ela seja torturada?

Khull sorriu. Gostava muito de ver um homem da estatura de Santinelli se contorcendo.

— Está bem, escute: acrescente outros 2 mil a meu pagamento e farei de conta que não foi o senhor quem me contratou. — Inclinou então a cabeça para o outro lado, os olhos cheios de zombaria. — Talvez o senhor ainda seja um pouco cristão demais, hein?

Faça-o!, gritou o Homem Forte. *Faça-o de uma vez*!

Sally fechou os olhos e orou.

— Não posso ir trabalhar! — gritou Lucy ao telefone. — É Amber de novo! Está fora de si! Ligarei mais tarde!

Bateu com força o aparelho no gancho e saiu atrás da filhinha enraivecida, seguindo uma trilha de caos e destruição: na cozinha, as gavetas tinham sido escancaradas e o conteúdo estava espalhado por todo o chão, inclusive as facas que Lucy tentara esconder; na sala de jantar, a toalha fora arrancada da mesa e

o enfeite de azaleia do centro jazia quebrado no chão, a terra do vaso também espalhada por todos os lados.

Da frente da casa, a voz estridente da pônei Ametista continuava a brigar e a reclamar, sempre se dirigindo a inimigos invisíveis.

— Não! Não! Deixem-me em paz! Meu senhor os destruirá! Deixem-me em paz!

Lucy correu para a sala de estar. Encontrou a mesa de centro de pernas para o ar, os livros e revistas atirados por toda parte.

A voz de Ametista veio da entrada da frente.

— Ela é minha! Tenho o direito de estar aqui! Vão embora!

Lucy correu e encontrou a filha encolhida no canto, os braços cobrindo a cabeça, gritando assustada.

— Deixe-me em paz, deixem-me em paz — berrava a pônei.

Lucy estacou de repente e ficou apenas observando por um momento. Alguma vez vira Ametista tão amedrontada?

Mota e Signa postavam-se bem na entrada, perto de Lucy. Espadas desembainhadas, em toda glória, sua luz afugentava qualquer escuridão ao redor. Longe, a trovoada surda de asas angelicais soava cada vez mais alto e a luz das hostes celestiais começava a jorrar pelas janelas.

Tinham perseguido e encurralado o diabrete, o arreliador, o mentiroso denominado Ametista. Ele nada tinha de pônei engraçadinho. Era uma pequena lagartixa enrugada, verrugosa, com braços e pernas parecendo palitos e cara de dragão. Encolhido no mesmo canto, seu corpo se sobrepunha ao de Amber, seus braços cobrindo a cabeça da menina.

— Ela é minha — ele insistiu e até implorou. — Ela me convidou a entrar!

Mota segurou a espada bem debaixo das ventas infladas de Ametista, que bufava sem parar.

— Os santos de Deus estão a caminho e eles cuidarão de você.

— Não... Por favor...

A campainha tocou. O primeiro pensamento de Lucy foi: *Não! Não em uma hora destas! Deus, como pode ser tão cruel comigo*?

Mas já podia enxergar as silhuetas de seus visitantes pelo vidro fosco da porta da frente. Escancarou a porta.

Marshall e Kate Hogan.

— Oi — cumprimentou Marshall. — Estamos...

Ametista berrou:

— Não, vão embora! Vão embora! — Em seguida se pôs a praguejar. Lucy afastou-se da porta e fez um gesto indicando-lhes que entrassem. — É melhor que saibam de tudo!

Eles entraram.

Ao vê-los, Ametista colocou-se de pé no canto, costas coladas à parede, olhos saltados de pavor.

— Fiquem longe de mim! Eu mato vocês! Eu mato *ela*!

Foi preciso apenas uma fração de segundo para que o Espírito de Deus lhes dissesse o que tinham na sua frente.

— Cale-se! — ordenou Marshall.

A cabeça de Ametista bateu na parede como se tivesse levado um murro. O demônio os fitou enfurecido através de olhos esbugalhados, embaçados, sibilando pelos dentes muito cerrados como um cão raivoso de focinheira.

— Fique parado aí e calado!

Kate colocou-se ao lado de Lucy e segurou-a. A mulher agarrou-se a ela sem reservas.

— Ametista? — perguntou Kate.

Lucy fez que sim com a cabeça.

Marshall e Kate não conseguiam evitar de encará-la. Estavam diante da causa de tudo; da ação judicial, do sofrimento, do mistério, das fofocas e da divisão. *Todos* os problemas começaram com aquele pequeno demônio que agora tremia, encolhendo-se todo ao vê-los. Era como isolar um vírus ou encurralar um rato.

— Ametista — disse Marshall —, acabou.

Ametista dirigiu-lhe um olhar furioso.

— Ela é minha. Eu não a soltarei!

Marshall falou com serenidade e firmeza.

— Espírito imundo, meu mestre derrotou o seu. Ele desarmou todos os poderes e autoridades, certo?

Ametista babou em silêncio desafiador.

— O sangue vertido de Jesus Cristo tirou a sua autoridade, certo?

— Sim! — sibilou Ametista.

— E o meu mestre, o senhor Jesus Cristo, me concedeu a autoridade que ele tem sobre você, não concedeu?

— Sim!

— E *você* está derrotado, não está?

Ametista levou a mão cheia de garras sobre a própria boca, recusando-se a responder. Mas Mota afastou-lhe a mão e ordenou:

— Responda!

Ametista podia ouvir os anjos por toda a parte, sentir o calor da lâmina de Mota, mas não se afastar da autoridade daquele crente em Jesus. Não adiantava resistir.

— AUUU! — gritou Ametista. — Odeio você! Odeio todos vocês!

— Saia dela.

— Não!

— Estou amarrando você agora mesmo, em nome de Jesus!

Ametista gritou, se contorceu, lutando contra grilhões invisíveis que lhe imobilizavam braços e pernas. Não conseguia mais se mexer.

— Solte a garotinha. Saia e vá para onde Jesus lhe manda ir.

Uma garra por vez, Ametista começou a soltar a menina, os olhos disparando de um lado para outro, de Marshall até os anjos e de novo para ele. Mota e Signa começavam a fechar o cerco.

Com um berro angustiado, Ametista derrubou a menina e tentou fugir, arremetendo pelo telhado da casa. Mota e Signa não fizeram nenhuma tentativa de persegui-lo.

Não era necessário. Mal Ametista atravessou o telhado, deu de cara com uma onda de fogo branco avançando pela cidade e vindo em sua direção.

A hoste celestial!

Soltou um guincho e precipitou-se pela cidade, rumo ao casarão branco. *Os espíritos do Círculo Vital. Foram eles que me meteram nisto*!

Amber tombou para a frente como que desmaiada, porém Marshall a amparou antes que chegasse ao chão. Lucy e Kate ajoelharam-se ao lado deles.

— Mamãezinha... — chamou a menina, aturdida e exausta.

Marshall entregou a criança à mãe.

— Ela está bem, mas ainda precisa muito das nossas orações. Teremos de conversar sobre algumas coisas.

Amber deixou-se cair nos braços da mãe, onde se aninhou sem a menor vontade de deixá-los. Lucy não via problemas em nada do que Marshall dissera. Tinha a filha de volta e não estava disposta a perdê-la de novo. Com olhos cheios de lágrimas, exaustos, olhou para os dois salvadores e sussurrou:

— Sinto muito...

Marshall e Kate tinham muita pressa mas precisavam ser delicados.

— Será que pode nos ajudar? — Kate começou.

Lucy não conseguia responder. Estava dividida e confusa, empurrada para todas as direções.

Marshall foi rápido, mas gentil:

— Ouça, Lucy. Sabemos que Sally Roe está viva, que tem escrito cartas que você intercepta para enviá-las a pessoas que preferem se ver livres delas. A última carta que ela escreveu indicava onde podia ser encontrada. Se já não estiver morta a esta altura, logo o farão, a menos que você nos ajude.

A mulher baixou o olhar para a filha, que parecia tranquila, embora abalada.

— Tem sido simplesmente horrível.

Kate perguntou:

— Para onde você mandou as cartas, Lucy? Por favor, diga-nos. A vida de Sally Roe talvez dependa disso.

Lucy olhou para eles e depois para a filha. Sua mente estava muito confusa; era muito difícil decidir o que fazer ultimamente.

O Destruidor enchia a cabeça de Khull de inspirações "maravilhosas" enquanto o assassino segurava a faca bem à vista, sempre fazendo questão de se certificar de que Sally podia ver-lhe o gume liso, afiado.

— É melhor enfrentarmos de uma vez, cavalheiros. Somos todos farinha do mesmo saco. Todos estamos com as mãos sujas, no coração, somos todos assassinos. Vocês querem o poder, nós queremos o poder e pisamos em cima de pessoas dispensáveis para obtê-lo. É essa a essência do que fazemos.

Santinelli olhou para Sally. O rosto dela ainda estava vermelho no lugar em que ele a esbofeteara.

— Não quero saber do seu sangue em minhas mãos, senhorita Roe. O que acontecer a seguir será culpa sua, não minha.

Sally falou pela primeira vez desde que a haviam amarrado na cadeira:

A responsabilidade é *sua*, sim senhor. Apelo ao senhor em nome da própria decência, em nome de tudo que é certo.

— A lei deriva do poder, senhorita Roe, não da moralidade. Poupe-me da crença que acabou de encontrar.

— As listas, senhorita Roe — instigou Goring.

Matem-na!, disse o Homem Forte.

— Ela deporá a favor da promotoria, John. Isso mesmo. E ela tem muita coisa a lhe contar.

Marshall estava sentado à mesa da sala de jantar de Lucy Brandon, no telefone com John Harrigan, seu amigo do fbi. Lucy, Kate e Amber estavam na

sala de estar; Lucy ainda segurava Amber, que não emitira som algum. O pastor Mark Howard também se encontrava lá, a convite de Lucy.

— Já ouviu falar alguma vez no Instituto Summit? Bem, deixe-me lhe dar a localização. As cartas de Sally Roe foram para lá, e agora ela provavelmente também está lá, se estiver viva.

Lucy falou do sofá da sala de estar:

— Eles a matarão. Não a querem por outro motivo.

Marshall gostou do que ouvia de Harrigan:

— Sim, certo, esses agentes não devem estar muito longe de lá agora. Que bom. Pois mande-os para lá e agora! Sim, está bem.

Em voz baixa e amargurada, Lucy contou para Kate e Mark:

— O Círculo Vital! Foram eles que me meteram nisto! A ação judicial foi ideia deles! Claire Johanson e Jon Schimdt — o bando todo! Não fizeram outra coisa a não ser me ameaçar. E agora, onde estão? Bem, não vou afundar sozinha! — Para Marshall ela gritou: — Diga-lhes que estou pronta.

Marshall a ouviu.

— John, pode mandar alguém aqui agora mesmo. Ela está pronta para falar.

Era isso aí! O incêndio se alastrava. Dali em diante ganharia altura — quente, faminto, inextinguível!

Mota segurou uma trombeta de ouro na mão e disparou pelo telhado da casa, arremetendo pela luz branca de seus guerreiros que ainda rolava impetuosa sobre a cidade. Para o alto, para o céus. Volteando lentamente, asas em chamas, ele levou a trombeta à boca.

Nas montanhas acima do Instituto Summit, o toque chegou alto e claro aos ouvidos de Tal.

— Pronto! — bradou ele, colocando-se de pé num salto. — Iniciaram o incêndio em Baskon!

— Antes tarde do que nunca — comentou Guilo, dando de ombros.

— Atingirá o Summit cedo o suficiente — afirmou Tal, desembainhando a espada. — Preparem-se para atacar!

Ametista se aproximava do casarão branco, lar do Círculo Vital. O rugido das asas nos céus trovoava-lhe nos ouvidos. Lamentou-se, chorou e fugiu. *Meus senhores no Círculo Vital! Eles me salvarão*.

Santinelli deu um sorriso amargo ao olhar firme e por longo tempo para o senhor Khull, o qual ainda brandia sua faca.

— Creio que tem razão, senhor Khull. Começo a enxergar isso. — Olhou para Sally. — Poder é poder, quer seja exercido mediante decisões judiciais, quer... pelo gume de uma faca. Quanto aos nossos gentis seguidores... — Olhou então para cima, pensando nas centenas de delegados que buscavam a paz e se reuniam naquele instante, vindos de todas as partes do globo. — Somos iguais. Somos todos demônios, todos.

Afastou-se e tomou seu lugar junto à parede, onde não atrapalharia. Goring e Steele juntaram-se a ele. Ele cruzou os braços e, decidido, com o queixo projetando-se para a frente, disse:

— Ensine-nos, senhor Khull. Aprenderemos.

O Destruidor estalou as garras e os espíritos do Vidoeiro Quebrado puseram-se a movimentar os cinco satanistas feito marionetes.

Khull sorriu com prazer diabólico e fez um sinal afirmativo de cabeça para seus homens. Dois deles imediatamente passaram uma corrente por cima de uma das vigas e amarraram um gancho a ela. Os outros dois soltaram Sally da cadeira e colocaram-na de pé com um safanão.

O Homem Forte, o Destruidor e todos os seus perversos senhores e comandantes se ajuntaram, aproximando-se mais, prontos para o triunfo.

Sally sabia que não havia mais tempo.

— As listas estão em Ashton!

— Tarde demais — lamentou Goring. — Por favor, prossigam, *cavalheiros*!

Eles lhe amarraram as mãos à frente do corpo.

— As listas estão em Ashton!

Onde?, rosnou o Homem Forte.

— *Onde* em Ashton? — Santinelli exigiu saber.

— Mandei-as para uma caixa postal!

Santinelli ergueu a mão. Khull ficou desapontado, mas fez um gesto indicando a seus homens que parassem.

Santinelli avançou um passo.

— Que caixa postal?

Sally tentou de verdade, mas...

— Não consigo lembrar o número.

— Prossigam, cavalheiros.

Eles lhe agarraram os braços e começaram a erguê-la.

— Eu planejei todas aquelas cartas!

Santinelli ergueu a mão de novo e os homens de Khull a colocaram no chão. Santinelli trocou olhares animados com Goring e Steele.

— Puxa, como as revelações estão começando a fluir!

O Destruidor não gostou do rumo da conversa. Por isso, cutucou Steele.

— Ela está mentindo — disse Steele.

— Eu me lembro da sala de correspondência, senhor Steele! — bradou Sally com voz trêmula.

Steele a encarou com ar de maldade. Não sabia do que ela falava.

— Eu costumava trabalhar na sala de correspondência do Centro Ômega, lembra?

Dessa vez, Steele não a fitou do mesmo jeito. Ele se lembrava.

Sally despejou tudo de uma vez, rápido, desesperada.

— O senhor me ensinou a interceptar correspondência que não desejava que sua equipe lesse. Ensinou que não era errado porque assim estava protegendo nossos objetivos. Ensinou que seu pessoal agia assim o tempo todo! Lembra, senhor Steele?

Goring e Santinelli voltaram-se para o companheiro. Ele guardava silêncio porque se lembrava.

O Homem Forte de repente agarrou o Destruidor pelo pescoço, mas não apertou. Ainda não. Ficou esperando para ouvir o resto.

— Continue — ordenou Santinelli.

— Era o único jeito de encontrar vocês. Achei que, fosse quem fosse que tentara me matar, precisaria impedir qualquer um de descobrir que eu ainda estava viva. Por isso, daria um jeito de interceptar minhas cartas. Então eu descobri, pelo que foi publicado nos jornais, que vocês usaram a chefe do correio de Baskon para mover a ação judicial. Portanto, foi para lá que as enviei, e...

— E você as endereçou todas para o acusado na ação, Tom Harris...

— Eu sabia que vocês não podiam permitir que *ele* visse as cartas.

Santinelli sorriu. Estava impressionado.

— Portanto, as cartas deveriam deixar uma pista que a conduzisse às pessoas que, em última instância, eram responsáveis por sua... suposta morte!

— O professor Lynch conhecia minha preocupação com Tom Harris e Khull sabia exatamente onde me encontrar. Aliás, todos vocês sabiam, sem que precisasse lhes dizer, que eu me converti ao cristianismo. Isso já serviu de confirmação suficiente de que tinham roubado minhas cartas, mas claro... Agora vocês as mostraram para mim. Vocês as têm. Todas elas.

O Destruidor tentou forçar um sorriso maldoso, atrevido, enquanto engasgava e gorgolejava:

— E daí?

Goring interveio.

— Maravilhoso! Sim, as cartas estão todas aqui, e você também. Agora você tem a satisfação de saber quem são os que pretendiam assassiná-la. No entanto, como deve se lembrar, ninguém mais viu essas cartas e o mundo perdeu você completamente de vista já há algum tempo!

— É por isso que eu fazia cópias.

Houve uma demora estranha, como se a sentença demorasse alguns segundos para chegar-lhes aos ouvidos e ser registrada em suas mentes. Todos a fitavam apalermados.

Sally respirou fundo e lançou a última cartada:

— As cópias também estão na caixa postal, junto das listas e o anel de James Bardine, o que tirei do dedo da mulher que tentou me matar. O anel que vocês arrancaram do meu pescoço eu consegui há muitos anos com Owen Bennett. Podem verificar o nome codificado dele, Gawaine, dentro do anel se quiserem.

Santinelli aproximou-se. Até tremia um pouco.

— Que caixa postal, senhorita Roe?

— A esta altura já está vazia, de qualquer forma. Mandei uma carta para a moça que trabalha no *Clarim de Ashton*. Com a chave junto.

Agora o Homem Forte aplicou pressão e o Destruidor teve de se debater para respirar.

— Nunca ouvi falar nessa carta! O que você sabe sobre ela?

O Destruidor tentou responder.

— Mandei os 12 capitães para Ashton averiguar...

O Homem Forte pôs-se a sacudi-lo, fazendo que seus olhos parecessem borrões horizontais, amarelos.

— Onde estão esses 12?

— Eles... Eles...

— Não foi *sua* a ideia de interceptar as cartas?

De repente, o Destruidor imaginou-se revivendo os primeiros sentimentos que experimentou quando de sua eterna condenação; ouviu o toque de uma trombeta outra vez, exatamente como antes. Mas agora ela soava bem mais alto. Reverberava em toda a sua volta. E tão alto que não podia mais ser fruto da sua imaginação.

E não era. O Homem Forte também ouvia, tanto que soltou um rosnado capaz de sacudir todo o recinto.

Em seguida, chegou-lhes o grito retumbante de tantas vozes que pareciam as ondas do oceano.

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro!

O Homem Forte rosnou outra vez e atirou o Destruidor ao chão.

— O inimigo! Fomos descobertos!

As centenas de demônios no aposento — os auxiliares do Homem Forte, os assassinos manchados de sangue do Vidoeiro Quebrado, os altivos e convencidos enganadores que controlavam Santinelli, Goring e Steele — fugiram em pânico, à procura de suas espadas, empurrando-se, gritando e ganindo.

O chão e as paredes começaram a tremer com o ribombar de asas celestiais desabando feito uma tempestade violenta.

Era esfuziante, vibrante, revigorante, recompensador — a razão de ser de um guerreiro angelical!

A hoste celestial esperara tanto tempo e provocara tanto fervor que, quando a trombeta soou afinal, eles irromperam sobre os cumes das montanhas por todos os lados como um vagalhão tremeluzente e violento no oceano. Abateram-se feito granizo sobre a nuvem escura de demônios no vale, espalhando-os como poeira ao vento, dispersando, guerreando e empurrando para baixo, mais para baixo, mais para baixo ainda, em direção ao Instituto Summit.

Tal, na crista da onda, mergulhou como um falcão, as asas retas para trás, a espada uma agulha de luz na ponta de seu braço estendido. Seu brado de guerra podia ser ouvido acima do tumulto e sua espada foi a primeira a golpear.

Eles mergulharam no coração da nuvem escura, como que trespassando um negro e fervilhante cúmulo tempestuoso. As espadas dos espíritos se chocaram, asas esbofetearam e adejaram, a fumaça vermelha enevoou o ar. Tal chutava, cortava, rodopiava como uma foice. Lutando, abria caminho para baixo, cada

vez mais para baixo. Ouvia o rugido de Guilo, a força de muitos, logo acima e para a esquerda, fustigando demônios e exterminando-os, virando-os de lado, a fim de enfrentar outras lâminas, chutando e agarrando os couros que conseguia encontrar, abrindo uma clareira cada vez mais ampla, destripando a nuvem em seu cerne.

O Homem Forte chutou seus príncipes demoníacos pelo aposento, a fim de fazê-los recuperar o juízo.

— Vocês são comandantes ou não? A postos! Defendam-nos!

Os demônios se espalharam para assumir suas posições, deixando o aposento quase vazio, exceto pelos espíritos do Vidoeiro Quebrado.

O Homem Forte encarou furioso o Destruidor.

— A mulher acendeu um fogo que nos consumirá. Não há nada mais que precisemos da parte dela. Extermine-a antes que sejamos exterminados.

O Destruidor disparou um olhar em direção aos demônios de Khull.

Khull ergueu a cabeça.

— Senhor Goring! — veio um grito do andar superior. — Senhor Goring! Algo terrível está acontecendo!

Passos! Tinha gente no chalé!

Khull agarrou Sally por trás, tapou-lhe a boca com a mão e encostou a faca na sua garganta, transmitindo uma clara mensagem.

— Senhor Goring! — veio o grito de novo.

Santinelli empurrou Goring e disse:

— Responda! Detenha-os antes que nos encontrem!

— Minha nossa — exclamou Goring. — As cartas! Estão lá na sala, bem em cima da mesa!

Encaminhou-se apressado para as escadas, apagando as luzes do porão.

— Senhor Goring, o senhor está aí?

Ele subiu correndo os degraus.

— Sim, estou aqui! O que foi?

Ametista abriu as asas em concha e conseguiu parar bruscamente, antes de chegar ao casarão branco. O Círculo Vital estava debaixo de ataque! Havia anjos por toda parte! Os espíritos do lugar, seus senhores, fugiam dali!

Claire e Jon corriam atarantados pelo escritório em busca de documentos, papéis, qualquer coisa e tudo o que pudesse relacioná-los com a miserável ação judicial e suas implicações. Negariam a coisa toda, naturalmente. Não lhes restava outra opção. Talvez se safassem, talvez não — impossível saber, impossível pensar no assunto. Aliás, naquele momento, mal conseguiam pensar em alguma coisa; sentiam-se apavorados demais.

Tinham recebido o aviso: Lucy estava falando. Cópias das cartas de Sally tinham ido parar em mãos erradas. A tampa estava sendo aberta!

Jon enfiou papéis dentro de uma lata de lixo até enchê-la, resmungando com raiva:

— Eu sabia que devia ter caído fora dessa história toda há muito tempo! Fomos mais longe do que podíamos!

Saiu correndo a procura de outro recipiente.

Claire apoiara o fone ao ombro. Falava com a srta. Brewer, a professora de Amber Brandon na quarta série.

— Isso mesmo. É melhor você arranjar uma boa explicação para o que houve com a menina. Lucy Brandon deu uma guinada de 180 graus e está pondo toda a culpa em você. Ei, não venha *nos* responsabilizar por nada! Você não precisava escolher aquele currículo. A opção foi só sua, nós não tivemos nada a ver com isso! Não, nunca ouvi falar em nenhuma Sally Roe; isso é com você, não conosco!

Bateu o telefone no gancho no instante em que Jon entrava apressado na sala com uma lata de lixo.

— Jon, e aquele currículo? Pode ser relacionado ao Círculo Vital?

Jon encontrou alguns documentos e ergueu-os para que Claire visse.

— Não depois que eu queimar isto aqui!

Acima, o enxame dos que sobreviveram à debandada do Círculo Vital viraram as costas e fugiram ante a muralha de anjos. Seguiram em direção à escola primária. Ango, o Terrível, lá estaria, acompanhado de suas hordas poderosas! Ele saberia o que fazer!

Goring chegou ao andar de cima e encontrou dois médiuns do grupo de discussão matutino bastante inquietos.

— Ouçam — disse ele —, qual é o motivo de toda essa agitação?

— A energia ruim — disse a advogada. — Não sei explicar, mas toda a energia psíquica por aqui está terrivelmente perturbada!

O professor de quinta série fez um gesto de aquiescência com a cabeça, os olhos arregalados, em pânico.

— Estamos sendo invadidos! Essa é a única palavra em que consigo pensar para descrever a situação!

No porão, Sally, Khull e os demais aguardavam no escuro, escutando a conversa. Sally tentou não se mexer; podia sentir a lâmina de Khull contra a garganta.

Goring tentava acalmá-los.

— Bem, por favor, acalmem-se. Gostaria de encorajá-los a combinar sua percepção com a dos outros que se encontram no *campus*. Talvez possamos todos aprender alguma coisa e nos beneficiarmos com essa experiência.

— É apavorante! — disse a mulher.

— Estou desorientado — confessou o homem.

Khull puxou a cabeça de Sally para trás com tanta força que ela imaginou o próprio pescoço se partindo. Ele então sussurrou-lhe ao ouvido:

— É *você* que eles estão sentindo, moça! Você e o imundo desse seu Jesus!

A nuvem de espíritos malignos se uniu e fechou-se, espadas em riste, enquanto à volta toda os guerreiros angelicais continuavam a trovejar pelas encostas das montanhas como uma avalanche, rodopiando ao redor deles feito um ciclone. A hoste celestial atacou a nuvem na base e ela caiu para dentro de si mesma, de modo a preencher onde faltava; atacou o cume e ela murchou, sangrando rios de demônios esfolados; disparou feito bala fatal pelo centro e o corpo da nuvem começou a diluir. Os anjos investiram contra ela, golpearam-na, retalharam-na em segmentos mais fracos. A nuvem era espessa, dura e tenaz, porém começava a enfraquecer.

Tal retalhou um agressor, moeu outros quatro, rodopiou e chutou um espírito para o lado e então divisou uma repentina lacuna, instantânea, no manto demoníaco bem acima do chalé de Goring. Fechou as asas acima da cabeça e deixou-se cair por essa lacuna.

Sally e os outros podiam ouvir Goring tendo um certo trabalho com a inquietação de seus médiuns.

— Agora, se me dão licença — disse ele —, tenho negócios urgentes para tratar.

— O que poderia ser mais urgente do que isto? — disse o homem, sua voz bem mais próxima da escada do porão.

— Por favor! — pediu Goring, indo atrás dele. — Use a porta da frente! Saiam por onde entraram!

Talvez, apenas talvez, aquele homem conseguisse ouvi-la. Resoluta, Sally encheu os pulmões.

— Uau! — disse a mulher. — O que são todas estas cartas? Correspondência de admiradores?

Sally gritou, projetando o som contra a mão de Khull com toda força que seu diafragma conseguiu reunir. O grito bateu na mão grossa do bandido e soou como um gemido abafado, insignificante. Ninguém o escutara.

Khull tinha a desculpa de que precisava. Enterrou a faca.

— AUUU!

— Khull! — disse Santinelli. — O que houve?

O bandido limitou-se a gemer algo ininteligível.

— Acendam a luz!

— Onde fica o interruptor?

Pragas, esbarrões no escuro, tropeções, batidas, Khull rosnando, xingando, dando encontrão nas coisas, virando a cadeira de madeira.

— O que foi isso? — quis saber o homem lá em cima.

— Fora! — Goring esbravejou. — Deem o fora desta casa!

Steele encontrou o interruptor.

— Khull! — exclamou um de seus homens.

Khull segurava o peito, a camisa rasgada, vermelha de sangue. Abrira um corte profundo no próprio tórax.

— Onde está a mulher? — vociferou ele, os olhos enfurecidos.

O Homem Forte e o Destruidor ficaram cegos por um instante. Alguma coisa os atingira. Eles piscaram semicerraram os olhos enquanto procuravam se recuperar.

— Onde está a mulher? — uivou o Homem Forte.

O Destruidor fitou horrorizado os espíritos do Vidoeiro Quebrado, jogados pelo recinto como se por ação de uma bomba, tontos, desorientados. Os auxiliares do Homem Forte olhavam de um lado para outro, mas nada viam.

— Lá! — gritou um espírito.

A luz do dia feriu os olhos de Sally. Estava do lado de fora, ao sol matinal. Podia ver o jardim de ervas e as pessoas nele reunidas.

Um homenzarrão a segurava, o rosto como bronze, o cabelo como ouro. Ele a depositou no chão e apontou para as montanhas.

— Corra! *Corra*, Sally!

Novas forças fluíram por suas pernas e ela correu.

Os demônios se atiraram em cima de Tal com abandono suicida, os olhos enlouquecidos pela sede de sangue. Ele disparou, desviou-se, esquivou-se, aparando-lhes as espadas com a sua, chutando a quem podia, girando, arrojando-se, espetando, mandando-os para trás.

— Iáá! — soou a voz de Guilo a suas costas.

Agora Tal contava com alguma ajuda. Os demônios golpeados começaram a atravessar voando o seu campo de visão, flácidos e dissolvendo-se.

Podia ver Sally Roe, ainda livre, ainda correndo. *Corra, menina! CORRA*!

43

Sally correu como uma gazela assustada, os pensamentos concentrados naquele portão de entrada, sem diminuir a velocidade em momento algum. Saltou dentro do jardim de ervas e passou bem ao lado do cantor loiro e seu grupinho.

— Ei, quem é essa? — perguntou alguém.

De repente ouviu-se a voz de Sybil Denning:

— Ora... Sally! Sally Roe! É você?

Mas Sally não olhou para trás, não diminuiu a velocidade. Continuou correndo, mais nada, o cabelo comprido esvoaçando ao vento atrás de si, balançando os braços com vigor, as pernas engolindo a distância. Atirou-se fora do jardim, atravessou o gramado, desceu uma passagem de pedregulhos e chegou a um grande estacionamento. Dava para ver o portão principal.

Goring estava acabando de conduzir os dois médiuns porta afora, apesar de seus protestos, quando outra pessoa chegou esbaforida e lhe fazendo mil perguntas.

— Ei, quem era que vimos correndo? O que está havendo aqui?

Goring foi direto ao assunto:

— Uma mulher?

— Sim. Nossa, parecia apavorada...

— Para que lado ela foi?

— Estamos *todos* apavorados! O que está havendo?

— *Para que lado ela foi*?

— Ora, em direção ao portão principal. Estava dando o fora daqui!

— Verificarei o que está acontecendo.

Goring fechou a porta na cara deles e gritou para os homens de Khull:

— Ela está lá fora, dirigindo-se ao portão principal!

Os quatro desordeiros acabavam de trazer Khull para cima. Para indignação de Goring.

— Não o tragam para cá! Vai pingar sangue no meu tapete!

— Peguem a mulher! — bradou o Homem Forte.

O Destruidor empurrou e socou os espíritos do Vidoeiro Quebrado para que entrassem logo em ação.

— Vocês ouviram! Peguem a mulher!

Khull ordenou a seus homens:

— Peguem-na! Tragam-me os pedaços!

Eles arrojaram-se para a porta dos fundos.

Ametista era apenas um em meio à turba de demônios histéricos que convergiram sobre a Escola Elementar de Baskon, porém tampouco ali havia socorro. A hoste celestial já atacara o lugar, de modo que os demônios se

espalhavam pelo telhado, pelo pátio, em toda a volta da escola, como marimbondos abandonando uma casa incendiada.

Ango, o orgulhoso senhor da escola, adejava pelo céu, embora lhe faltasse metade de uma asa, lastimando-se, xingando, cuspindo seu ódio e clamando por ajuda. Mas todas as suas hordas o haviam deixado para fugir. Descontrolado, ele adernou e caiu em meio a um grupo de guerreiros brilhantes, indo de encontro a suas espadas e explodindo em várias direções até se desvanecer em rastos de fumaça vermelha.

Na diretoria da escola, a srta. Brewer confrontava o sr. Woodard, o diretor.

— De jeito nenhum! — exclamou ela em tom pouco mais baixo que um berro. — Não sou responsável pela escolha daquele currículo, pouco me importa o que diga seja quem for! Você me mandou adotá-lo! Você e aquele bando do Círculo Vital estavam por trás dessa história toda, e estou mais do que disposta a contá-la para quem quiser saber! Não vou assumir a culpa por isso, nem por ninguém! *Você* é o diretor! *Você* é o responsável! Pode me despedir se quiser, mas não vou pagar o pato por vocês. Está claro?

— Vou analisar a questão — informou o sr. Woodard, pálido.

A srta. Brewer retornou para sua classe. O sr. Woodard apanhou o telefone e discou para Betty Hanover, a Número Um do conselho escolar.

— Betty? Bruce Woodard. Ouça, não sei o que está havendo por aqui, mas quero que você e o resto do conselho sejam esclarecidos quanto a minha posição nessas questões. Eu *me recuso* a ficar com essa bomba na mão, compreendeu? Posso usar de brutalidade se for preciso...

Os demônios do Círculo Vital e agora os sobreviventes da escola primária voltaram-se e fugiram diante dos anjos a persegui-los. Terga, o príncipe de Baskon! Ele controlava o conselho escolar! Com certeza ele conseguiria impedir essa onda e se manter firme contra o ataque!

Ametista não fugiu depressa, pelo contrário, ficou indeciso. Onde andaria Ango?

Os demônios disparavam para longe, deixando-o para trás. Ele queria encontrar Ango. Onde estaria?

STUNG! A espada de um anjo pegou-o de surpresa debaixo do braço e ele saiu rodopiando, mergulhando rumo à escola. Estendeu a mão para o telhado de piche, chegou mesmo a esticar o corpo naquela direção com a força das próprias asas. Era um lugar seguro. Vivera muito bem nessas condições em outra ocasião. Talvez alguém lá de baixo pudesse ajudá-lo, quem sabe escondendo-o...

O telhado preto passou por ele com facilidade, depois as vigas, o material isolante, o teto, a classe cheia de crianças.

ZÁS! Um guerreiro acabou com ele e Ametista caiu, dissolvendo-se no chão, um monturo fumegante logo atrás da srta. Brewer, abaixo de um desenho a giz de cera na parede: o maravilhoso quadro de um pônei roxo alado sob um arco-íris.

Sally correu para o enorme portão de pedras. Naquele instante, ele parecia a entrada para o próprio inferno. Mas ela estava saindo, escapando, se libertando! *Vamos, menina, cruze logo aquela coisa*!

Os homens de Khull correram através das sebes e desceram uma passagem obscura na direção da rodovia, a fim de interceptá-la. Até então, não tinham sido vistos por nenhum dos delegados da conferência. Mas talvez isso se devesse mais à sorte que à cautela.

— A mulher! — gritaram os espíritos, sua atenção desviada da batalha acima de suas cabeças para o vulto que corria no chão. Essa distração custou a muitos sua presença neste mundo. Os anjos permaneceram lá, espadas coruscando, de modo que ninguém conseguiu deter Sally Roe.

Ela estendeu as mãos para o portão. Não havia nenhuma barreira invisível, nem capangas pesadões para detê-la, nem mãos sujas para agarrá-la. Atravessou-o como um pássaro sai da gaiola. *Ah, senhor Deus, meu Jesus, o senhor me salvará? Está comigo agora*?

Cruzou a rodovia e, do outro lado, embrenhou-se floresta adentro. Primeiro colocaria certa distância atrás de si, depois talvez retornasse à cidadezinha, conseguisse uma carona, saísse caminhando, qualquer coisa. *Apenas fique viva, Sally, apenas fique viva! Continue firme*!

Os homens de Khull viram-na atravessar a rodovia. Eles se espalharam. Os demônios do Vidoeiro Quebrado mantiveram-se perto do chão e os seguiram, espicaçando-os para que continuassem, enchendo-lhes as mentes enegrecidas de pensamentos de sangue e assassinato.

A nuvem de espíritos começou a mudar de formato. A base foi aos poucos se desviando para o lado, rastejando encosta acima, espalhando um manto sobre o caminho daquele vulto solitário em fuga.

Tal bradou para seus comandantes:

— Mantenham-na coberta, mas deixem que a sigam!

Eles compreenderam e se afastaram diante do avanço das hordas demoníacas. O espesso manto sobre o Instituto Summit começou a recuar, deixando-o exposto e vulnerável.

Em termos de demônios, o Círculo Vital se transformara em ruína desolada, a escola primária fora tomada pelos anjos e, agora, enquanto os restos murchos e ensanguentados dessas duas derrotas fugiam para lares e escritórios dos membros do conselho escolar de Baskon, descobriram Terga, seu poderoso príncipe, sozinho, voando em círculos insanos sobre a cidade, urrando de raiva.

— Covardes! — gania ele. — Desertores! Voltem e fiquem firmes!

Os senhores demoníacos sob seu comando não podiam ser vistos em parte alguma, pois tinham fugido diante do avanço dos exércitos celestiais. Signa, o oriental, estava bem nos calcanhares de Terga, praticamente acabado e, no momento, fora de si.

Mota já conduzira um poderoso contingente de guerreiros em audaz passada pela casa da presidente do conselho escolar, Betty Hanover, expulsando os demônios que governavam a casa e deixando a sra. Hanover insegura — mais ainda, agora que um agente postal federal lhe falava ao telefone.

— Estamos tentando seguir a pista de uma informação que recebemos — dizia ele. — Sabemos que sua escola usava um currículo escrito pela mulher em questão, uma tal de Sally Beth Roe.

— Er... Bem, não sei nada a esse respeito.

— Soubemos que Sally Roe morava bem na sua área.

— É mesmo? — Betty tentou aparentar surpresa, mas nunca fora boa atriz.

— Bem, precisamos encontrá-la. Temos de investigar uma queixa.

— Queixa?

— Violação de correspondência, entre outras coisas.

— Bem... O senhor podia tentar falar com Claire Johanson.

— Já falei. Ela me aconselhou que conversasse com a senhora.

— Ela... — Betty mordeu os lábios, mas amaldiçoou Claire mentalmente do mesmo jeito.

— Um momento — pediu o agente. — Tenho o nome do currículo aqui mesmo... É isso... *Descobrindo o verdadeiro eu*. Isso lhe diz alguma coisa?

— O Centro Ômega!

— Como?

— Centro Ômega para Estudos Educacionais em Fairwood, Massachusetts! Foram eles que publicaram esse currículo! Devem conhecer a autora, com certeza. Não sabemos nada sobre ela. Tudo o que fizemos foi

comprar o currículo do Ômega. É com eles que o senhor deveria falar. Não sabemos de nada.

— Está bem. A senhora tem o telefone deles, o endereço, esse tipo de coisa?

— Um momentinho só.

Ela lhe passou a informação e desligou o aparelho, incapaz de parar de tremer.

O telefone tocou novamente. Era John Kendall, membro do conselho escolar.

— Betty, estou ligando para avisá-la...

— Tarde demais — lamentou ela.

Jerry Mason, membro do conselho escolar, telefonou assim que John Kendall desligou. Queria perguntar o que ela sabia sobre essa história toda de Sally Roe, violação de correspondência e currículo escolar. Sally Roe não se suicidara havia pouco tempo? Foi então a vez dela perguntar o que *ele* sabia, e ambos resolveram que precisavam descobrir o que Claire Johanson sabia, concordando que nenhum deles sabia muita coisa e que todos queriam saber muito mais, principalmente o que os *agentes federais* sabiam.

Os poderes e autoridades demoníacos de Baskon estavam dispersos. Os melhores guerreiros de Terga fugiam para outras bandas, à procura de novo lar para suas malfeitorias; Terga, sozinho, exceto pelos desertores que se juntaram a ele no caminho, partiu para o Centro Ômega. Talvez houvesse tempo para avisar Barquit, o príncipe do lugar. Talvez Barquit tivesse forças para salvá-los e dar um basta naquela carnificina.

Longe de tudo isso, na cidade de Westhaven, o Tribunal de Recursos, com todos os envolvidos alheios à confusão espiritual que crescia e se propagava para fora de Baskon sem parar, reuniu-se às 2 horas da tarde. Wayne Corrigan e Tom Harris tomaram seus assentos à mesa da defesa, do lado direito do

tribunal, enquanto os advogados Ames e Jefferson ocupavam os lugares à esquerda.

— Levantem-se todos — anunciou o meirinho, no que foi obedecido. Três juízes adentraram a sala, um homem mais moço, outro mais velho e uma mulher encurvada. Sentaram-se primeiro, depois os três advogados, depois o funcionário do tribunal, o meirinho e a taquígrafa, esta já posicionando os dedos sobre as teclas pequeninas.

Tom olhou à volta do tribunal. Fora um repórter que aparecera com ar de entediado por causa da tarefa que lhe fora confiada, a galeria estava vazia. O público aguardava o verdadeiro espetáculo, o julgamento.

— Ah, bem — sussurrou Corrigan —, será um dia curto, de qualquer forma.

— Nenhuma surpresa de sacudir alicerces? — Tom perguntou.

— Para falar a verdade, não estou esperando nenhuma.

O juiz mais velho colocou os óculos de leitura e consultou seus papéis.

— Este é o caso de Brandon contra a Academia Bom Pastor. O acusado apela para que o tribunal de instância inferior obrigue uma testemunha infantil a ser examinada por peritos da defesa e a depor.

Corrigan olhou de soslaio para Ames e Jefferson. Eles também pareciam entediados. Puxa, quanta confiança!

Em Fairwood, Massachusetts, o Centro Ômega estava em plena atividade, com classes em progresso, tempo agradável no *campus* e, para seus padrões, nada estranho ou extraordinário acontecendo. Um grupo de jovens adultos seguia com seu jogo amistoso de futebol no campo de esportes; na praça Tai Chi, duas dúzias de praticantes moviam-se lentamente através do tempo, do espaço e do espírito; nas classes, a meninada do colegial, os adultos e até mesmo as pessoas idosas aprendiam a última versão ocidentalizada do misticismo hindu; nas salas de meditação, silenciosas e forradas com almofadas,

jovens transcendentalistas assistiam de olhos fechados aos filmes cósmicos que demônios projetavam-lhes no cérebro.

Cree e Si, com seus exércitos posicionados, estavam prontos e esperando. A qualquer momento...

Barquit, príncipe de Ômega, inquietou-se quando começou a ouvir o zumbido e assobio de asas rasgadas, depois os gemidos e os lamentos angustiados de espíritos distantes. Alçou aos ares e pairou sobre o prédio da administração de Ômega, espiando rumo ao oeste até ver os espíritos de Baskon se aproximando, berrando com alarde.

Alguma coisa estava acontecendo.

— Tropas!

FUOOOM! Ele cobriu a cabeça, ofuscado pela luz brilhante que explodiu para todos os lados, obliterando florestas e montanhas, empalidecendo o azul do céu, fazendo sumir as cores do Centro. Rodopiando no mesmo lugar, em pânico, desembainhou a espada, mas ela lhe foi arrancada da mão antes mesmo que visse seu atacante.

Barquit tratou de fugir voando dali, sentindo a luz ardente dos céus nos calcanhares.

Os telefones começaram a tocar em todas as salas do *campus*, e cada professor, cada líder de grupo, cada facilitador recebeu o aviso: o jogo de futebol acabara, as aulas estavam canceladas e qualquer pessoa ausente, em uma viagem astral, teria de aterrissar. O sr. Tisen, chefe do corpo docente de Ômega, recebera um telefonema zangado de Betty Hanover, um chamado ameaçador de Claire Johanson e, por último, mas não menos importante, uma ligação indiscreta e intimidante do fbi. Por tudo isso, mandara evacuar o *campus*, o que valia para todo mundo.

Cree e Si conduziram suas tropas pelo *campus* como uma enchente repentina, disparando através e ao redor de prédios, expulsando demônios das salas, perseguindo-os pelos bosques das redondezas, arrancando-os do céu. Os enganadores demoníacos estavam assoberbados e confusos. Clamaram por Barquit, o habilidoso líder, porém ele já se fora havia muito. Tiveram pouco tempo para lamentar esse fato antes de partirem também.

Barquit só olhou para trás uma vez, e por tempo suficiente apenas para saber que o Ômega, seu império, caíra.

O Homem Forte! Esta é sua derrota!

— As aulas estão canceladas — comunicou Tisen pelos alto-falantes. — Todos para os dormitórios. Levem seus pertences para dentro dos ônibus e estejam prontos para partir!

As aulas terminaram tão de repente e os alunos foram mandados embora com tamanha rapidez que muitos imaginaram ser um treinamento contra incêndio, ou mesmo ataque aéreo. Alguns ainda vestiam o casaco enquanto saíam apressados; outros, meio hipnotizados, precisavam ser conduzidos pela mão. Os professores também pegavam seus casacos, maletas, apostilas e currículos e apagavam as luzes, trancando as salas vazias.

A partida de futebol foi interrompida e os jogadores correram de volta para o dormitório cheios de perguntas.

Em uma hora, os ônibus começaram a sair pelo acesso à estrada principal, levando embora professores, alunos e o pessoal da manutenção, todos tagarelando, e querendo saber o que estava ocorrendo.

Poucos notaram um sedã simples verde-oliva estacionado em frente ao prédio da administração. Não fazia muito tempo que ele estava ali.

— Sinto muito — lamentou Tisen, dirigindo-se aos dois agentes federais parados naquele momento dentro de seu escritório. — Vocês chegaram em

péssima hora. Estamos acabando de fechar o Centro para as férias de primavera. Não restou quase ninguém agora.

Os dois homens se entreolharam.

— Férias de *primavera*? — perguntou um deles.

Tisen sorriu.

— Seguimos um calendário diferente por aqui, senhores.

— Queremos dar uma olhada nele.

O outro agente observou:

— Vimos os ônibus indo embora. Parecia uma evacuação.

Tisen exibiu um sorriso encabulado.

— Bem, como a maioria ainda precisa tomar um avião...

Os agentes não perderam tempo.

— Conforme já lhe perguntei por telefone, este aqui é o mesmo Centro Ômega que publicou o currículo *Descobrindo o verdadeiro eu*?

— S-sim, é.

— Então você deve conhecer a autora, Sally Beth Roe?

— Quer dizer... pessoalmente?

— Quero dizer pessoalmente ou de qualquer outra maneira.

— Bem, claro que já ouvi esse nome...

— Como fazemos para entrar em contato com ela?

— Er... Sinto muito em dizer, mas ela faleceu...

— Como sabe disso?

— Bem, eu...

Um agente consultou algumas notas.

— E uma instrutora daqui chamada Sybil Denning? Ainda está no *campus*?

Tisen meneou a cabeça com uma certa tristeza.

— Não, receio que já tenha partido...

— Você tem visto Owen Bennett ultimamente?

Tisen pareceu chocado com a pergunta.

— Owen Bennett?

— Ele fazia parte do conselho consultivo do Ômega, certo?

— Isso foi há muito tempo.

— E o diretor deste lugar... Um tal de... Steele?

— Ele não está.

— O *diretor* não está?

— Ele está fora, em uma conferência.

— Que conferência e onde?

— Bem... P-preciso de fato responder a todas essas perguntas?

— Agora, talvez; mais tarde, com certeza. Faça como achar melhor.

Aqueles sujeitos sabiam intimidar.

— Ele... ele e outras pessoas do nosso corpo docente se encontram no Instituto Summit.

Os dois homens fizeram sinal afirmativo de cabeça um para o outro. Pelo jeito, tinham ouvido falar do lugar.

Goring, Steele e Santinelli formavam um grupo fechado perto da grande lareira, ansioso por formular um plano para aquela emergência. Pouca atenção davam a Khull, ainda sentado no topo da escada do porão, tentando fechar seu corte com gaze, algodão e qualquer outra coisa que encontrasse no estojo de primeiros socorros de Goring. Até então, só conseguira fazer uma grande bagunça.

— Você sabe o que ela disse nas cartas!— exclamou Goring. — Não deixou nada de fora!

Steele perguntou a Santinelli:

— Que chances teríamos em um tribunal?

Santinelli estava sombrio, mas determinado e resmungou baixo:

— Há muitas variáveis e contingências. Deveríamos avaliar cada uma delas e eliminar quaisquer riscos imediatamente. — Goring e Steele não conseguiram evitar uma rápida olhadela de soslaio na direção de Khull. Santinelli pigarreou para lhes corrigir a atitude. — Qualquer conexão que seja

com a ação judicial de Baskon precisa ser erradicada. Posso ligar para o escritório e pedir que providenciem isso. Quanto à evidência material... — Disparou um olhar para a mesa de centro. — Sugiro enfaticamente que queimemos essas cartas!

Khull fingiu não ouvir nada.

O telefone tocou. Goring praguejou, mas resolveu atender na cozinha. Saiu do aposento.

— Conservar o poder nos lugares certos também será um fator crucial — prosseguiu Santinelli. — Este será um teste para sabermos até que ponto o temos realmente.

— Senhor Steele! — chamou Goring. — É o chefe do seu corpo docente, o senhor Tisen!

Steele fez sinal para que Santinelli o acompanhasse e eles se juntaram a Goring na cozinha.

— Parece urgente — sussurrou Goring.

Khull viu surgir a oportunidade e levantou-se com esforço.

Um sedã azul, lustroso, parou no estacionamento e três homens vestindo terno e gravata saltaram, dando uma boa olhada no lugar e parecendo um tanto confusos.

— Vão pensar que somos malucos — comentou um deles.

— Vamos rápido — disse outro. — Quero voltar em tempo de ver o jogo de futebol.

Encontraram uma linda mulher loira que acabava de sair do seu Mercedes.

— Com licença, senhora — disse o líder do grupo. — Estamos procurando... er... — Perdeu o fio da meada.

O segundo homem interveio.

— Precisamos falar com os responsáveis por este lugar...

— Ó — exclamou a mulher. — Por que não tentam o senhor Goring? O chalé dele fica daquele lado lá, depois do jardim de ervas, estão vendo?

Forneceu-lhes mais algumas indicações e foi embora. Um dos homens estava pronto para se dirigir ao chalé, porém os outros dois ficaram olhando fixo para a mulher que se afastava.

— Venham — disse o primeiro — vamos lá.

— Você viu quem era ela?

— Vamos!

— Era... Você sabe sim, como é mesmo o nome? Daquele programa de televisão...

A queimada de Tal continuava a arder furiosamente.

Longe dali, no *campus* da Universidade Bentmore, havia um grande burburinho sobre o fato de a Faculdade de Educação ser fechada tão de repente. A informação era escassa, apenas conversas isoladas aqui e ali sobre a morte repentina do professor Samuel W. Lynch. Ninguém parecia saber como ele morrera. Ou, pelo menos, ninguém estava disposto a tocar no assunto. A única notícia continuamente repetida entre professores e alunos era a de que ele fora encontrado morto em sua sala e que a Faculdade de Educação estava suspendendo as aulas por período indeterminado.

Corriam boatos, lógico: Lynch teria sido assassinado e talvez entrasse em ação algum escândalo. Poderia haver uma investigação. Os estagiários em jornalismo do *Bentmore Register* nutriam a esperança de que surgisse uma revelação comprometedora.

Corruptor, o inchado demônio príncipe da Universidade Bentmore, fora enfim destronado por ação de Chimon, o europeu e seu amigo britânico, Scion, que o derrubaram de sua posição como uma bola de praia por cima da cerca. As tropas angelicais tinham feito seu trabalho depressa e agora, os demônios desabrigados encontravam-se a flutuar, lamentando-se, a maioria se dirigindo ao Summit. Logo desabariam sobre o Homem Forte, acompanhados

de todos os outros espíritos despejados e destronados, exigindo salvamento, respostas, alívio.

Imediatamente, tendo batido o telefone no gancho, Goring, Santinelli e Steele saíram correndo da cozinha e voltaram para a sala de estar com um objetivo em mente.

Contudo, um choque enorme os aguardava: a mesa de centro estava vazia e Khull desaparecera.

— As cartas! — exclamou Goring.

— Khull! — gritou Steele.

— Aquele demônio! — praguejou Santinelli, atirando-se porta afora.

44

O coração de Sally martelava e doía em seu peito enquanto ela corria, tropeçando nas folhas úmidas e pontiagudas dos pinheiros, nas bolotas de neve endurecida, agarrando-se a galhos mortos e espinhentos para não cair, tentando, com toda sua força que se esvaía rapidamente, manter-se adiante dos estalidos, dos bufos, do farfalhar e das passadas dos demônios que a perseguiam.

Dois deles estavam bem abaixo dela, mas invisíveis atrás de troncos e do mato cerrado; um terceiro estava à sua esquerda; ela já o vira duas vezes, tão perto que conseguira enxergar-lhe os olhos. O quarto se mantinha em silêncio e invisível, a não ser pelo assobio sinistro, intermitente, que permitia aos outros saber onde se encontrava.

Estavam se aproximando. *Ó, senhor Jesus, me ajude a correr*!

— Ei, quem é aquele lá? — perguntou um dos três visitantes.

Seus amigos imaginaram ver outra celebridade. Depararam na verdade com um homem de cabelo prateado, terno e gravata, correndo feito um louco pelo meio do jardim de ervas.

— Caras, estou com uma impressão...

Khull, o peito ainda avermelhado do corte, segurava em uma das mãos a maleta de Goring cheia das cartas de Sally; na outra, as chaves do furgão. Estava em pé ao lado do veículo, incapaz de alcançar a chave certa. Podia ver a chave da porta, mas ela ficava a lhe fugir dos dedos, balançando na argola do chaveiro.

Guilo estava ao lado dele, dando piparotes nas chaves com a ponta do dedo, fazendo-as dançar, escorregar, revirar e voltar-se em todas as direções — menos na desejada por Khull.

Tal precipitou-se em uma rasante sobre o estacionamento com uma mensagem:

— Eles estão chegando!

— Esplêndido! — exclamou Guilo.

Santinelli ofegava, quase perdendo os sentidos quando chegou ao estacionamento, porém a visão de Khull segurando a maleta de Goring alimentou-lhe a fúria e ela o fez seguir em frente. Chegou ao furgão em questão de segundos, apontando seu dedo trêmulo.

— Deixe que... eu fico... com elas! — conseguiu dizer, esbaforido.

Khull sorriu zombeteiro.

— Hein? Está falando *delas*? — Tudo não passava de uma grande piada para ele.

Santinelli estava perdendo a aparência de dignidade.

— Seu demônio! Como se atreve a nos trair!

Khull ergueu a mão.

— Ei, quem é que pretendia trair quem? Somos todos demônios, certo? O senhor mesmo o disse. Estou levando as cartas como garantia: primeiro, de que serei pago, e segundo, de que o senhor e eu permaneceremos sempre amigos íntimos, da maior confiança!

Santinelli tinha mais fúria que juízo no momento, de modo que agarrou a maleta. Mas Khull não estava nem um pouco disposto a soltá-la.

Guilo deixou-os seguir em frente e se atracarem. Achou melhor aguardar o momento certo.

Muito bem. Já bastava.

Com a mão enorme, bateu na maleta, soltando-a. Ela caiu no asfalto, virou duas vezes e se escancarou, despejando cartas por toda parte.

Santinelli, o digno, honrado, distinto e mui poderoso advogado, agachou-se a fim de pegar as cartas, mas o mesmo fez o assassino Khull, sedento de sangue, endemoninhado, satanista. Caíram ambos de joelhos, um jogando contra o outro, um agarrando cartas mais depressa que o outro, mais cartas, empurrando, se acotovelando, pegando, rasgando...

Até darem com os pés. Três pares de pés. Sapatos bonitos. Ternos bonitos. Três homens.

Um dos homens estendeu seu distintivo. fbi.

O Destruidor preparou os ouvidos, mas dessa vez o Homem Forte não rugiu. Nem mesmo o esmurrou aposento afora. Em vez disso, com a derrota estampada na cara, olhou para cima e em toda a volta, observando apenas seu império ruir.

A nuvem de demônios estava tão esfacelada a essa altura que a luz dos céus recaía sobre o Instituto Summit em manchas alarmantemente grandes, transformando a Conferência de Consciência Global em um desastre. Os médiuns não conseguiam fazer nenhuma leitura, as entidades espirituais dos canalizadores não se manifestavam, os cartomantes não se lembravam do que suas cartas estavam dizendo e cada "eu superior" presente ao *campus* saíra para almoçar e não respondia.

Enquanto isso, corria pelo *campus* a notícia de que três agentes federais acabavam de prender alguém e continuavam examinando os arredores. Algo grande estava caindo e poucos delegados tinham as mentes voltadas para seu próprio potencial oculto e sua divindade, um encorajamento que os demônios conseguiriam ter usado.

Tudo isso já era inquietante o suficiente. Mas então outros espíritos começaram a chegar de Baskon, do Centro Ômega, da Universidade Bentmore e de outros centros de poder demoníaco desintegrados pelas ondas espirituais de choque. Um a um, em várias fases de desmembramento e machucadura, eles tropeçavam dentro do porão do chalé, berrando, arranhando, usando as garras em busca de socorro, respostas, alguém a quem culpar.

Terga, príncipe de Baskon, murchando lentamente, apontou para o Homem Forte a mão que ainda prestava.

— Você trouxe isso sobre nós. Você e seu plano ridículo!

O Corruptor, com apenas metade do tamanho original, rolou pelo chão feito um rato manco e proferiu sua acusação.

— Será que construímos nosso império em Bentmore apenas para entregá-lo às hostes dos céus?

Barquit mantinha as asas apertadas junto de si, humilhado pela derrota e agora desarmado.

— Seu plano! Sempre o *seu* plano! Por isso nunca fui avisado da aproximação da mulher, ou de que havia uma emboscada contra o meu principado?

Então, de todos os arredores, de bocas babando, cuspindo e exibindo suas presas veio a grande pergunta:

— Que providência você tomou com relação à mulher?

O Homem Forte tinha uma resposta simples para tudo. Ele apontou para o Destruidor.

— Eis *aí* o seu traidor! Se ele a tivesse matado quando devia, não estaríamos nesta condição hoje! Foi *dele* a ideia de segurar as cartas e agora o testemunho dela está *escrito* e nos derrota! Ele é o autor das perseguições que, em vez de destrui-la, empurraram-na para a cruz.

A cruz! Era tudo o que os espíritos precisavam ouvir. Espadas apareceram.

— Você pagará por isso!

O Destruidor sustentou-lhes o olhar assassino, desembainhou sua espada chamejante e retalhou o ar com feixes de luz vermelha.

— Quer dizer agora que são melhores do que eu? Mostrem-me então!

Eles permaneceram onde estavam, cuspindo nele e xingando-o a uma distância segura.

O Destruidor esbravejou furioso contra seus algozes.

— Ao Abismo com todos vocês! Vou terminar o que comecei!

O Homem Forte meneou a cabeça.

— Não vai, não. Ela pertence ao Cordeiro. Ele a redimiu de nossas garras!

Destruidor cerrou os dentes e rosnou:

— Terminarei!

O Homem Forte estendeu as asas à frente dele.

— Estamos nos retirando, Destruidor, e os capangas de Khull não acompanharão você. Sem homens para executar o assassinato, a mulher terá poder sobre você!

— Ela não sabe disso! — O Destruidor apontou a espada bem para o ventre do Homem Forte. — Terminarei o que comecei!

O Homem Forte estudou o Destruidor com olhos penetrantes e deu um passo para o lado. O demônio enlouquecido de ódio disparou para fora do chalé.

— Não o veremos mais — disse o Homem Forte. Voltou-se para o ajuntamento ferido, esfarrapado. — Príncipes, estamos presos! Aguardaremos uma ocasião melhor.

Numa explosão de asas negras, jatos de enxofre e rastos de fumaça vermelha, o Homem Forte e seus príncipes espalharam-se em todas as direções para longe do Instituto Summit, abandonando-o como um navio que afunda, deixando o clamor e a fumaça se dissiparem na distância atrás de si.

Sigam a mulher, sigam a mulher, peguem-na! Os espíritos do Vidoeiro Quebrado só pensavam na mulher. Mantinham-se perto do chão em

perseguição encaniçada, guiando e dando forças aos quatro assassinos que agora avançavam com dificuldade pelo caminho à procura da presa que fugira.

Lá! Os assassinos descobriram-na, subindo com esforço um aterro íngreme, perdendo as forças, tropeçando, caindo.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Sally; sua camisa estava grudada às costas, ensopada de suor. Ela subiu por algumas pedras e depois deixou-se tombar no chão, os pulmões arquejando. Cada músculo de seu corpo tremia e estremecia; não conseguia mais mexer pernas e braços. Não conseguia ver, não conseguia enxergar; sentia como se sonhasse.

Os demônios pularam nas costas dos assassinos. *Matem-na! Matem-na! Façam-na em pedacinhos*!

Um som fragoroso fez-se ouvir atrás deles. A floresta estava inundada de luz.

Atrás deles?

Alguns olharam naquela direção. E berraram, fazendo que outros olhassem também.

Já não podiam ver o Instituto Summit, seu abrigo, sua fortaleza — tudo o que enxergavam era a hoste celestial!

Isolados! Presos em uma cilada!

— Peguem-nos! — ordenou Tal.

Fumaça vermelha.

O assassino Número Um desmoronou, sem poder respirar. Não tinha como continuar subindo a montanha.

O assassino Número Dois, pouco mais acima na subida, voltou-se ao ouvir o Número Um bater no chão.

— Ei, vamos lá!

O parceiro não respondeu. Só queria saber de respirar.

O Número Três acabava de chegar a uma clareira e podia ver o Instituto. Ele assobiou para os outros.

— Olhem! Parecem os agentes federais lá embaixo! Eles pegaram Khull!

O Número Quatro viu a mulher cair atrás de algumas pedras. Ele segurou a faca na mão. Estava quase lá. Fez uma pausa só por alguns instantes para olhar para trás e praguejou.

— É Khull mesmo!

Lá de cima, o Instituto Summit parecia um modelo de si próprio, com fileiras certinhas de carros de brinquedo alinhados no estacionamento e telhados rústicos de madeira aninhados entre as árvores. Khull não era difícil de reconhecer, cambaleando entre dois homens de terno, com a frente da camisa toda vermelha e as mãos às costas. O sujeito atrás dele só podia ser Santinelli, empurrado pelo terceiro homem. Não havia sinal de Goring, mas aquela cena já era suficiente.

— Até logo — disse o Número Três, voltando a descer a montanha.

O Número Um seguiu-o.

— Vamos à cidade. Roubarei um carro.

Houve consenso imediato.

Sally não os ouviu partir. Ficou deitada entre as pedras em completo desmaio. Os satanistas tinham chegado a apenas um metro e pouco de seu esconderijo antes de voltar.

— Em Claytonville, o ex-sargento de polícia Harold Mulligan trancou a porta da frente da casa do legista Joey Parnell e guardou as chaves no próprio bolso. Só passara pela residência de Parnell em uma visita de negócios — mas não negócios envolvendo a polícia. Mulligan estava vestido à paisana e dirigia seu veículo particular, um Ford meio velho. Não se demorou lá. Em vez disso, entrou no Ford, deu ré e afastou-se daquela vizinhança, daquela cidade e, para todos os efeitos, da própria existência. Jamais seria visto de novo.

Em poucos dias, os jornais noticiariam as mortes misteriosas a tiros de Parnell e a esposa. Os corpos seriam encontrados na casa deles mesmo, aparentemente em um pacto mútuo de suicídio. Na casa haveria ainda literatura satanista, além de evidências relacionando Parnell a diversos assassinatos não solucionados naquela parte do Estado.

Sally despertou sobressaltada e ficou imóvel na mesma hora. *Não se mova! Eles podem estar perto de você*! Prendeu a respiração e permaneceu assim, ouvindo apenas. Não detectou som algum exceto o da brisa fria. As sombras estavam mais longas. Era o único modo de saber que algum tempo se passara. Estava deitada entre umas grandes pedras, as costas no chão. Ergueu a cabeça um pouquinho. Estava com frio.

Então sentiu medo. Constante. Crescente. Martelando seu peito. Como passos atrás de si no escuro, como alguma... alguma *coisa* escondida atrás da próxima curva fechada, como um monstro rastejante, impossível de ser detido, que se aproximava enquanto ela era incapaz de se mexer.

Sussurrou tão baixinho que apenas os lábios formaram as palavras:

— Quem está ai?

OLHOS! Escamas! Negrume, poder, enxofre, ódio!

A coisa postou-se alto diante dela, um pesadelo transformado em realidade, uma silhueta preta, muito elevada contra um céu surrealista vermelho-sangue, os olhos amarelos esbugalhados fitando-a maliciosamente, sem jamais piscar, sem jamais vacilar.

Ela sabia que o demônio estava ali. Não era material, de modo que os olhos físicos não podiam vê-lo, porém ela recebera visitações como aquela antes e sabia que eram reais. Ficou tensa, ergueu-se sobre os cotovelos, elevando o olhar para ele enquanto ele baixava o olhar para ela, o enxofre soprando em fiapos sedosos de suas ventas, as presas à mostra enquanto ele ria com diabólico deleite.

Ele lhe dirigiu a palavra dentro da mente dela. *Você me conhece*.

Conhecia sim. E agora tinha uma boa razão para se sentir apavorada. Empurrou-se para longe, contorcendo-se de costas mesmo, usando mãos e cotovelos, muda, tremendo.

As palavras da coisa latejavam-lhe na cabeça. *Você me conhece, Sally Roe, e não escapará*!

A enorme espada vermelha desceu como um cutelo de açougue.

Tal ouviu o grito de Sally por cima da batalha e exclamou:

— Guilo!

— Iáá́á! — veio a resposta de Guilo, enquanto ele irrompia do centro da nuvem evanescente. Também ouvira.

Lado a lado, com as asas completamente desfraldadas e deixando um rasto luminoso, mergulharam como meteoros na montanha, rolaram abruptamente à direita e então deixaram-se cair dentro da floresta, iluminando os topos das árvores.

Sally tropeçou em algumas pedras e rolou pela encosta íngreme, os braços se debatendo, fazendo voar folhas de pinheiro, terra e pedregulhos. O chão estava banhado de vermelho com a luz daquela enorme espada, enquanto a coisa deslizava pela encosta atrás dela, asas abertas feito um dossel. Podia ouvir-lhe o resfolegar, o ondular das asas secas.

Ela parou, detida por uma árvore.

VUPT! A espada cortou os ares mais uma vez. Sally desviou, saiu correndo pela montanha, caiu e rolou novamente.

Tal se inclinou para a esquerda, Guilo para a direita; atacariam de lados opostos. Tal arremeteu encosta acima, o peito a pequena distância das pedras e do matagal, depois curvou as asas em concha, estirou os pés para diante, à sua frente, e voltou para trás.

Podia ver Sally dando cambalhotas pela encosta com o terrível espírito golpeando-a feito um abutre assassino, a espada vermelha rebrilhando vez após

vez. Além do espírito, viu também Guilo, uma bola de luz se aproximando à toda. Tal içou a espada, pronto para atacar.

O espírito odioso os viu chegando e ficou firme, pronto para o encontro. Caíram sobre ele como dois trens em colisão. Com força incrível, ele os rebateu para o lado. Guilo saiu girando encosta acima, tentando sair do rodopio, enquanto Tal descia a montanha feito bala de canhão, passando através de pinheiros e entre eles, desaparecendo na espessa floresta lá embaixo.

Você é minha, disse o espírito, *e terminarei o que comecei*!

— Não! — Sally implorou. Foi a única palavra que lhe veio à mente.

ZING! A espada pegou-a na perna. Ela bateu contra uma árvore e depois ao chão. A espada desceu novamente, passando pertinho do seu ombro.

Luz brilhante! Dois cometas! Guilo, vindo de cima e Tal de baixo, aproximando-se de novo!

Guilo golpeou primeiro. O espírito rebateu-o para o lado, mas levou nas costas um golpe estonteante da espada de Tal. Balançou para a frente antes de rodopiar e aparar a espada de Tal com uma pancada violenta, que mandou Tal adejando para o interior da floresta outra vez.

Guilo mergulhou e atingiu o pescoço da coisa. Ela deu-lhe uma cotovelada que o mandou a diversos quilômetros de distância.

Tal endireitou-se, agarrou com força a espada, e gritou: *Sally Roe! Enfrente-o! Mande-o embora*!

Sally não pareceu ouvir. Gritava, lutando para se pôr de pé. A coisa pulou em cima dela, enterrando nela as garras. Sentiu-a dilacerando-lhe a carne. Engasgou com o hálito fétido. A coisa ergueu a espada de novo.

UUF! Um raio de luz passou por cima e a coisa tombou para a frente. Guilo descreveu um círculo fechado e deu outra passada. Lá vinha Tal agora, descendo do alto em linha reta.

O espírito colocou-se de pé e enfrentou-os de cabeça, olhos desvairados, espada em riste. Guilo veio por baixo; a coisa chutou-o para o lado. Tal caiu de cima; ela rebateu-o para o topo das árvores.

Manifeste-se, Sally, disse Tal.

— Saia da frente — rugiu a coisa. — A mulher me pertence!

Dito isso, pisoteou com o pé preto, escamoso, a perna da mulher que fugia, prendendo-o no lugar.

Tal gritou:

— Ela é *nossa* — e mergulhou em cima do demônio de novo, pelo menos para mantê-lo distraído.

Dessa vez suas espadas se encontraram em uma chuva de fagulhas. O choque fez Tal sair rodopiando.

Assuma a autoridade!, Tal exclamou.

Você é minha, Sally Roe, disse o demônio.

— Não! — Sally gritou. Encontrara algumas palavras. — Pertenço a Jesus, o filho de Deus!

Isso mesmo, isso mesmo, isso mesmo!, exclamou Guilo repetidas vezes, lançando-se por entre as árvores com incrível fúria.

Seu golpe derrubou o demônio para trás. A coisa girou a espada no alto, porém Guilo tirou o pé bem a tempo e escapou...

Você não pertence a Jesus!, bradou o monstro. *Ele jamais poderia amá-la*!

Sally estava perturbada, tateando em busca das palavras certas.

— Jesus me ama! A Bíblia assim o diz! — Um corinho infantil da escola dominical. Era tudo o que sabia.

Tal marcou um ponto e mandou o demônio às cambalhotas para o meio das árvores.

Sally correu para salvar a própria vida, clamando:

— Jesus, me ajude! Me ajude!

O demônio recuperou-se e rugiu atrás dela, as asas trovejando. *Você vai arder no inferno comigo! Eu mesmo a arrastarei para lá*! Girou a espada para atingi-la, mas não conseguiu alcançá-la.

Ela caiu, retorceu-se, encarou aqueles olhos amarelos.

Ele aterrissou em cima dela com os joelhos, fazendo-a estirar-se no chão, prendendo-a. Seus olhos se encontraram.

— Jonas! — ela berrou.

Ele irrompeu em um sorriso amplo, hediondo, as presas pingando, a fronte enrugada por causa do riso maldoso. A espada se ergueu bem alto sobre sua cabeça.

— Jonas — ela repetiu, estendendo a mão aberta em direção à cara retorcida —, PARE!

A espada permaneceu acima da cabeça do demônio. Os olhos se estreitaram. *Você é minha*!

Sally se ergueu sobre um cotovelo. Começava a adquirir coragem.

— eu *não* sou sua! Pertenço a Jesus!

Não... Não, Sally Roe!

Ela ficou estupefata. A espada oscilou acima da cabeça do demônio. Ele não conseguia abaixá-la. Tornou a falar:

— Eu pertenço a Jesus agora; ele pagou por meus pecados com o próprio sangue, e você já não pode me atormentar!

Faço o que eu quero! Vou matá-la! De repente, o demônio não soava muito convincente.

— O meu Senhor o derrotou!

O Destruidor colocou-se de pé com um tropeção; segurava frouxo a espada, os olhos perdendo o fogo.

— Saia da minha vida, Jonas! Para sempre! Está ouvindo?

BUM! Tal veio com tal impulso que fez o Destruidor rodopiar. O demônio negro se endireitou e segurou a espada em posição. Guilo veio do lado e atacou-o novamente, fazendo suas lâminas chocarem e explodirem em luz.

— A mulher *me* pertence! — rugiu o Destruidor.

— Ela é *nossa*! — retrucou Tal.

A voz de Sally veio em um berro desesperado, atravessando a distância:

— Eu pertenço a Jesus! Jonas, eu *renuncio* a você! Você não tem direitos sobre mim! Saia da minha vida!

As palavras atingiram o Destruidor como setas envenenadas. De repente, uma revelação o atingiu como uma salva de artilharia e ele ficou imóvel, enfrentando seu arquiinimigo, o capitão da hoste celestial.

— Você *sabia*, capitão! Sabia que ela faria isso comigo, *conosco*!

Tal segurou a espada em posição, mas respondeu:

— Eu sabia o que você faria com ela; que você fora designado para destruí-la.

A boca do Destruidor se escancarou e as presas secaram.

— *Você* a colocou lá, em Baskon!

— E você tentou matá-la, como sempre!

O Destruidor começou a murchar.

— Ela... era minha, desde a juventude!

— Nossa — do nosso Senhor — disse Tal —, desde o ventre da mãe.

— Saia da minha vida, Jonas! — bradou Sally. — Jesus o venceu, portanto, dê o fora!

A espada tremeu na mão do Destruidor.

— Ela me tirou o nome!

Com um rugido agoniado e uma última explosão de fúria, o demônio enfraquecido mergulhou sobre Tal, trazendo a espada para baixo em um arco flamejante. Tal aparou o golpe, recuou, deixou que ele continuasse vindo.

A espada vermelha arqueou pelo lado, veio novamente, cortou os ares. Tal se esquivou, golpeou-a para o lado com força suficiente para desequilibrar o demônio. Então deu um chute estonteante no tronco do demônio, sacudindo-o, derrubando-o. O demônio retorceu-se no lugar, atacou-o; Tal revidou o ataque desajeitado com facilidade, depois abaixou a própria lâmina num arco fulgurante.

O ar encheu-se de fumaça vermelha. O Destruidor gemeu como uma sirene lúgubre, segurando o rasgo em seu flanco, flutuando, murchando,

sumindo. Empurrou-se para trás com um pé, pairando sobre asas erráticas. Tal preparou-se para mais um golpe, mas não seria necessário. Enquanto os olhos do demônio se fixavam sobre ele, vermelhos-rubi, esbugalhados de ódio, as asas silenciaram.

Com os lábios moribundos, incertos, formando uma maldição silenciosa, a coisa tombou para a frente, expirando enxofre, e deslizou para o esquecimento.

Subitamente a floresta ficou quieta. Agora Tal podia ouvir o choro sufocado de Sally Roe. Ele embainhou a espada.

Sally estava perto dali, deitada de bruços na terra, chorando, fisicamente exausta e emocionalmente esgotada. Guilo sentara-se do seu lado, as asas abertas sobre ela, acariciando-lhe a cabeça e falando-lhe palavras tranquilizantes à alma. Tal aproximou-se em silêncio, ajoelhou-se ao lado deles e abriu bem as asas no alto, fazendo que se unissem às de Guilo de modo a formar um dossel que mantivesse o mundo do lado de fora por algum tempo.

— Mais uma era de prisão — comentou. — Ela a conseguiu por todos nós. — Tocou-lhe a cabeça, agora arranhada e suja, e disse suavemente: *Acabou, Sally. Você venceu*.

No vale lá embaixo, os sons da batalha prosseguiam — roncos, guinchos, choques, raios de luz como relâmpagos distantes. Com o tempo, no entanto, se acalmariam. O resultado era certo e apenas uma questão de tempo. Por ora, permaneceriam ao lado dela.

45

Em Westhaven, no tribunal quieto e apático, Wayne Corrigan concluía sua réplica aos argumentos de Gordon Jefferson.

— E assim, esperamos que o tribunal tenha o cuidado de proteger o direito constitucional do senhor Harris ao devido processo e de confrontar quem o acusa. Confirmamos mais uma vez não termos intenção de prejudicar Amber Brandon ou causar algum outro trauma. Apenas desejamos chegar à verdade, e

cremos ser esse o mínimo que nosso sistema judicial deva permitir a qualquer acusado. Obrigado.

Retomou seu lugar ao lado de Tom Harris. Tom estivera o tempo todo olhando para o relógio. Quase 4 horas da tarde. Os três juízes também tinham estado a consultar o relógio. O do meio, o mais velho, reuniu seus papéis.

— Obrigado, senhor Corrigan, e obrigado, senhores Jefferson e Ames. Os argumentos foram bem elaborados e apresentados. O tribunal entrará em recesso por hoje. Teremos uma decisão para os senhores até quinta-feira; depois de amanhã.

BAM! O meirinho bateu o martelo e ordenou:

— Levantem-se todos! Os presentes assim o fizeram e os juízes saíram.

Ames e Jefferson pareciam um pouco sombrios, irados mesmo ao se levantarem. Fuzilaram Corrigan e Tom com um olhar bastante estudado e deixaram o tribunal.

— Hum — murmurou Corrigan. — Não acho que me saí tão bem assim.

— Você foi ótimo, na minha opinião — Tom comentou.

Corrigan deu de ombros.

— Bem... temos orado. Está nas mãos do Senhor. — Deu um sorriso amarelo, olhou para o chão e admitiu: — Mas não sei, Tom. Às vezes me ponho a pensar se sou apenas uma porcaria de advogado ou se Deus prefere ficar de fora dos tribunais. Não tenho encontrado muitos motivos para me sentir bem ultimamente.

O sorriso de Tom brotou de dentro.

— Ó, haja o que houver, não se zomba de Deus. Ele é Senhor, Wayne. Seja como for que ele queira resolver este caso, eu aceitarei. — E deu um tapa nas costas de Corrigan. — Vamos comer alguma coisa.

Corrigan remexeu-se um pouco.

— Espero que tenha algum dinheiro com você.

— Hum... Três dólares, acho.

— Está bem: acho que tenho o mesmo.

— Conseguiremos comer no McDonald's!

O lago estava calmo, como um espelho, refletindo as árvores da margem com linhas distintas, sólidas e as cores vívidas da primavera, enquanto logo acima da superfície da água miríades de insetos dançavam ao sol como minúsculas faíscas douradas. O pescador solitário estava sentado em seu barco de alumínio, satisfeito com o silêncio, satisfeito por estar a sós. Devia ter seus cinquenta e tantos anos, cabelos pretos salpicados de branco e um rosto jovem; usava calça *jeans* e camisa de flanela, e um chapéu mole de pescador que só podia ser o seu predileto havia anos. Os peixes não estavam mordendo muito a isca, porém ele encontrara a paz que fora buscar e estava contente com isso. No momento, reclinava-se preguiçosamente contra uma almofada do barco, apenas flutuando, relaxando, sem pensar muito em nada.

Lá pelo meio do dia, ouviu o barulho de suaves batidas de remos e espiou por baixo da aba do chapéu. Sim, alguém vinha em sua direção num pequeno bote de madeira.

Quando o visitante se aproximou mais, o pescador sentou-se ereto. Ele conhecia aquele homem levemente rotundo, de óculos e chapéu de palha. Não eram exatamente amigos, mas já se haviam cruzado em diversas ocasiões. O que ele estava fazendo ali? Imaginava-se que aquele fosse um refúgio de pescadores.

O visitante olhou por cima do ombro, sorriu e continuou a remar para chegar mais perto, sem dizer uma palavra.

O pescador teve uma sensação sinistra acerca desse encontro. Se o visitante não pretendia falar, então falaria ele.

— Jim?

O outro olhou por cima do ombro.

— Olá, Owen. — Com mais algumas pancadas dos remos, ele fez o pequeno bote encostar ao lado do outro. Owen usou um curto pedaço de corda para prendê-los. — Ah, muito obrigado.

— A que devo a visita? — perguntou Owen Bennett. — Espero que não sejam negócios. Estou fora do escritório no momento.

— Ó, achei que este seria um ótimo lugar para termos uma conversinha, só eu e você. — Jim voltou o olhar na direção do balneário. Algumas famílias faziam piquenique perto da margem do lago. — Mas falarei baixinho, Owen. O som está se propagando muito hoje.

Owen baixou a voz e pediu:

— Então diga logo a que veio. Estou muito ocupado fazendo nada hoje e gostaria de voltar a essa atividade.

Jim arrancou do peito um profundo suspiro, descansou os braços sobre os joelhos e limitou-se a ficar olhando para Owen por um instante.

— Irei direto ao assunto, mas mesmo assim, levará algum tempo. Suponho que você venha sendo informado sobre o que houve em Baskon.

Owen fitou-o com olhar perplexo e meneou a cabeça.

— Nunca ouviu falar do lugar?

— Não, sinto muito.

— Bem... Eu também nunca tinha ouvido falar dele. Nem queria, mas a acal moveu uma ação judicial na cidade e sei que estavam pensando em procurar você por causa disso. Resolveram perseguir uma escola cristã outra vez, achando que seria tiro e queda: bastava mirar e acertar, inclusive em você.

— Bem, se é um caso pendente, então não posso discuti-lo, é óbvio...

Jim ergueu a mão.

— Ó, não, não... Não se preocupe com isso. Não precisamos discutir o caso, não senhor. Podemos falar a respeito de outras coisas.

— Está bem.

Jim olhou para o outro lado do lago, recompondo as ideias.

— Podemos falar a respeito de coisas pessoais, eu imagino... Como uma sociedade secreta em particular, a ordem Real e Secreta da Nação?

Owen sorriu.

— Ora essa, se eu falasse a respeito dela, não permaneceria secreta, não é mesmo?

Jim assentiu com a cabeça.

— Acho que você tem razão. Mas sabe, fico abismado em constatar quantos dos meus supostos amigos sabem tudo sobre essa gente, menos o que eu gostaria de descobrir.

— É só uma sociedade, Jim. Nada com que se preocupar.

Jim não estava disposto a abandonar o assunto dessa vez.

— É... Você tem de entender, um homem na minha posição fica meio assustado quando homens na sua posição começam a se proteger mutuamente e manter pequenos segredos entre si. Quer dizer, eu disse *pequenos* segredos, mas não sei o tamanho que eles têm, não é?

Owen manteve os lábios firmemente fechados. Jim inventara aquela reunião, ele que se incumbisse da conversa.

Foi o que ele fez.

— Ouvi dizer que Carl Santinelli é um dos membros, e isso me preocuparia, pelo fato de o nome dele ser tão citado em Washington. Pensar que vocês dois são amigos do peito na mesma sociedade secreta me arrepia um pouco os cabelos.

Owen estava mais tenso agora e sua voz adquirira certa aspereza.

— Isso para mim levanta uma questão óbvia, embora eu duvide que venha a obter uma resposta: como foi que descobriu?

— Andei lendo umas cartas, Owen. Uma porção de cartas. — Jim o encarou. — Cartas escritas por Sally Beth Roe.

Acertou em cheio. O rosto de Owen sofreu visível reação. Ele baixou a cabeça e resmungou:

— Caramba.

— Ora, todos nós temos esqueletos no armário, Owen. Você sabe que isso vale para mim, e eu sei que vale também para você.

Owen não conseguiu conter a curiosidade:

— O quê... Ela escreveu para você?

— Ah, não. Para o diretor da tal escola cristã — acho que para lhe passar informações confidenciais e ajudá-lo.

— Bem... espero que você saiba reconhecer a diferença entre verdade e mentiras vingativas.

— Er... Uma das primeiras coisas que ela escreveu foi que não estava morta, e fiquei impressionado com a veracidade da afirmação.

— Jim, acho que você está falando por enigmas!

— Ora, está bem, faça-me parar se já tiver ouvido esta: Sally Roe escreveu uma pilha de cartas para o diretor daquela escola, acho que para ajudá-lo. O único problema foi que ele jamais recebeu as cartas porque alguém se intrometeu nos correios dos Estados Unidos e surrupiou todas elas. E quem fez isso foi a chefe do correio local, que era também a proponente da ação judicial. Mas ela concordou em cooperar e nos disse para onde mandou todas as cartas. Você nem pode imaginar: o Instituto Summit! Agentes do FBI estiveram lá e encontraram cada uma das cartas nas mãos de — está pronto para ouvir isto? — Carl Santinelli, o senhor acal em pessoa. No momento ele está metido em grandes apuros.

— Nada disso tem a ver comigo.

Jim ficou um tanto chocado.

— Onde está o velho espírito de equipe, Owen? Achei que vocês dois eram irmãos na sociedade secreta.

— Não quer dizer nada.

— Está bem, está bem, tentaremos não culpar ninguém por associação.

— Eu ficaria muito grato.

— Mas só para minha informação: vocês todos, sócios da Nação, não têm algum tipo de anel que os identifica como membro? Um anel de ouro esquisito com uma cara feia desenhada em cima dela, e com o seu nome secreto em código dentro?

— Eu não tenho nenhum anel desses.

— Ora, sei que não tem mais o seu. Sally Roe está com ele. Quer dizer, estava. Agora está conosco.

Owen apenas ficou olhando.

— Sim, é o seu mesmo. Confrontamos seu nome secreto contra as listas oficiais dos membros da Nação. "Gawaine", não é verdade?

O rosto de Owen se transformara em uma pedra fria.

— Que jogo você está fazendo aqui?

— O jogo que todos nós fazemos, Owen. Sally diz que aprendeu com você. Por isso guardou o anel todos esses anos. É um ás muito bom para ela jogar, e torna incrível sua história, ainda mais considerando que outro anel lhe caiu nas mãos, o que pertencia a um seu irmão mais novo da Nação, James Bardine, um advogado noviço metido a importante da firma de Santinelli. O anel de Bardine apareceu no dedo de uma satanista. — Jim acrescentou com um toque apropriado, sinistro: — Uma mulher que foi contratada para matar Sally Roe. — Mas concluiu depressa: — A assassina se deu mal. Ela sim foi morta, de modo que agora temos esse anel também.

— Portanto, isso mais ou menos une vocês quatro: você, Carl Santinelli, James Bardine e a tal satanista... ou seja qual for o nome ainda mais depreciativo que arranjar para ela.

Jim tirou o chapéu e enxugou a testa.

— Owen, sou capaz de apostar que você já sabe o resto, da ação judicial por causa da garotinha ter tido uma espécie de colapso psicótico ou de personalidade, e da ACAL culpar a escola cristã apenas para provocar uma intervenção do governo na escola, e... Bem, foi um plano e tanto, sim senhor. — Jim encarou Owen ao fazer o próximo comentário. — Para proteger esse plano, valia a pena matar Sally Roe... Para proteger esse plano, valia a pena encobrir o fato de que alguém tentou matar Sally Roe. Para proteger esse plano, valia a pena até violar correspondência e sair caçando Sally Roe pelo país afora.

Owen ocupou-se da vara de pescar e não olhou para cima.

— Jim, creio que estou ficando cansado da sua companhia.

— O nenê era seu, não era?

Owen enrijeceu por um momento. Se Jim quisera chocá-lo, a tentativa fora bem sucedida. Ele abaixou a mão e começou a desamarrar a corda que unia os barcos.

— Acho melhor você ir embora.

Jim colocou a mão sobre a de Owen para detê-lo.

— Você fazia parte do conselho consultivo do Centro Ômega e conseguiu-lhe aquele emprego lá depois que ela se formou em Bentmore. Você passava muito tempo com ela, não é mesmo? Todas as vezes que voava até lá para reuniões com Steele e os outros?

— Até que ela teve o bebê em vez de abortar. Ora, seria uma encrenca e tanto para sua carreira! Sally podia ter movido uma ação contra você para garantir o sustento da criança, levando tudo a público, certo? Que melhor jeito de resolver o problema do que removendo o único elo tangente entre vocês dois — e, de quebra, destruir a mulher?

Owen endireitou-se desafiadoramente.

— Você pretende mesmo argumentar que sou o culpado pelas incríveis ilusões de Sally Roe?

— *Você* acredita nesse negócio de espíritos, não acredita?

— Isso é coisa pessoal minha.

— Na época, *ela* acreditava também — graças a sua ajuda e daquele bando do Ômega.

— Isso não prova nada.

— Quem disse que algum dia a televisão e os jornais precisaram provar algo tão suculento assim? Publicarão agora e provarão mais tarde. Você mesmo lhes fornecia alguns petiscos de tempos em tempos, sabe disso.

— E podemos fornecer-lhes outros mais; *você* devia saber *disso*!

Jim concordou com um movimento de cabeça.

— É, isso mesmo. Poderíamos tornar a vida bem difícil um para o outro, sem dúvida. — Então deu risada. — Mas na verdade, eu me divirto muito com o quadro que me vem à cabeça de você ouvindo um caso apresentado por seus companheiros de irmandade na acal, sabendo que tentaram proteger você matando a mulher com quem já teve um filho! Duvido que consiga coisa melhor que isso, Owen!

Owen Bennett olhou para a margem mais distante do lago e pensou um instante.

— Afinal, o que você quer?

Jim sorriu.

— Será que consegui? Será que realmente tenho uma alavanca para mexer com você?

Owen retorquiu, ríspido:

— O que quer?

— Lembre-se de que o som se propaga longe aqui. — Jim pensou um momento. — Owen, acho que tenho sido um Ministro da Justiça bem bom, e acho ainda que poderia fazer um trabalho muito melhor se certas pessoas pegassem toda sua influência e fossem usá-la em outras paragens. Quero arrancar esse jugo do meu pescoço.

Owen tinha um aspecto sombrio.

— Não fui eu que o coloquei aí.

— Mas você tem influência sobre o pessoal que colocou. É um de seus melhores jogadores.

— Não posso traí-los, Jim. Você sabe disso.

Jim deu de ombros.

— Bem, imagino que sempre pode se demitir.

— Está enganado, não posso.

Jim foi decidido:

— Estou lhe dando uma opção, Owen.

Tom Harris apanhou o *Estrela de Hampton* na varanda da frente de sua casa e voltou para dentro saudado pelo aroma de pãezinhos quentes, ovos, omelete e toucinho defumado. O de sempre.

— O que há de novo? — perguntou Marshall.

— Ó, muita coisa — Tom respondeu, examinando atento a primeira página.

Era manhã de sexta-feira, aquela fora uma semana como nenhuma outra e o grupo básico, os jogadores principais, estavam reunidos na casa de Tom para um grande café da manhã, só pelo prazer de estarem juntos. Ben e Bev Cole, Mark e Cathy Howard, Marshall e Kate Hogan, e Tom. Apenas Tom. Se a assistente social Irene Bledsoe ouvira falar de todas as recentes mudanças, não dissera nada. Nem as ligações de Tom ela retornava.

Ben perguntou:

— Algum discurso dos rapazes da acal a respeito da decisão do juiz?

— Uma questão meio irrelevante agora, de qualquer maneira — comentou Mark. — A ação judicial foi extinta. Dessa vez acabou mesmo.

— Que pena — brincou Tom. — Fui convocado para depor na semana que vem. Agora perderei para sempre essa maravilhosa experiência.

— Mas ainda não acabou, pelo menos por enquanto — lembrou Bev. — Quer dizer, é preciso que haja uma grande investigação nesse caso. É preciso que algumas pessoas sejam presas!

Marshall exibiu um sorrizinho amarelo e meneou a cabeça.

— Provavelmente não.

— Você está louco?

— Às vezes fico sem saber...

Mark perguntou:

— Ora, as autoridades *vão* examinar o caso?

— Meu amigo do fbi, John Harrigan, acha que não. Existem casos e casos. Alguns você investiga, outros, não. Uma história como a nossa... Bem, a

embrulhada é complexa demais. Tem muita coisa acontecendo em muitos lugares, e não se pode prender todo mundo.

— Ei, ouçam essa — Tom chamou-os. — É uma declaração de Gordon Jefferson. Tem até uma foto dele aqui, de pé, no lado de fora do tribunal.

— Espere — pediu Ben. — Quero sentar.

Tom leu a declaração do advogado da acal.

— "Lamentamos sinceramente esta monumental falha da justiça e dos direitos das crianças. O relógio do progresso sofreu sério atraso com essa decisão. Se o tribunal tivesse decidido em favor da criança, a ação poderia ter continuado e então lutaríamos contra o flagelo do fanatismo e da intolerância religiosa que impõem a nossos filhos. A sra. Brandon deseja que eu expresse seu profundo pesar e seus agradecimentos a todos os que a apoiaram em todo o país, e insista em dizer de seu sonho sincero de que a luta em favor de nossos filhos prossiga. No momento, ela pediu — e nós concordamos — que retiremos a acusação, recolhamos o que sobrou e sigamos com nossas vidas da melhor maneira possível."

Kate ficou abismada.

— Que monte de mentiras!

— Mas que golpe publicitário! — disse Marshall. — É a política oficial da acal: não importa o que aconteça, dê uma de herói!

— Deixem-me dar uma olhada nisso — soou uma voz lá da cozinha. Tom entregou o jornal à própria Lucy Brandon quando ela chegou à sala. Ela examinou a história com atenção e limitou-se a menear a cabeça. — Retirei a acusação na terça-feira, *antes* da audiência! — Passou o jornal para Ben e completou, enraivecida: — Mas eles jamais contarão isso, não é mesmo?

Tom comentou:

— Wayne Corrigan e eu ficamos sem saber porque Ames e Jefferson nos fuzilaram com o olhar. Eles *sabiam* que a ação fora extinta!

— Mas mesmo assim, queriam aquela decisão — completou Marshall. — Cada passo, mesmo que pequeno, já ajuda.

— Para falar a verdade — disse Mark —, acho que eles se saíram muito bem. Os juízes impuseram diretrizes bem restritivas.

Ben vasculhou o jornal com ar sombrio.

— Nada mais a respeito de Joey e Carol Parnell.

Bev colocou a mão no ombro de Ben.

— Meu querido, você acabou de conseguir seu emprego de volta. Não vá sair atrás de outro suicídio falso. Deixe isso para os tiras de Claytonville.

Mas era evidente a frustração de Ben.

— Só estou achando muito difícil ser paciente com toda essa inércia que tenho visto!

— Eu deveria tê-lo avisado sobre essa parte — disse Marshall. — É difícil fazer as autoridades agirem quando o caso é tão vago e inexplicável... E quando *elas* fazem parte do problema.

Ainda furioso, Ben passou o jornal para Marshall.

— Ora, esta autoridade *aqui* vai fazer por merecer o que ganha. Tem de haver uma forma de detê-los!

Marshall examinou rapidamente as primeiras páginas e sorriu.

— Acho que foi o que fizemos.

— Foi nada! Não houve investigação, nenhuma prisão, nem mesmo a história verdadeira nos jornais sobre o que de fato ocorreu. Todos nós sabemos o tipo de coisa com que essa gente está se safando!

— Ora... Nós os ferimos, Ben. Nós os ferimos. Ganhamos uma rodada. — Marshall passou o jornal para Kate. — E... acho que temos uma boa chance de recuperar nossos prisioneiros de guerra também.

— Josiah e Ruth? — Tom perguntou na mesma hora.

Marshall fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Se socar uma toupeira em seu quintal, terá matado a toupeira do quintal do seu vizinho também. Veremos.

— E a nossa desaparecida? — Kate lembrou.

— Sally... — disse Marshall. A ideia era dolorosa.

— O que Harrigan disse?

Marshall hesitou um pouco antes de dar uma resposta a essa indagação.

— É uma situação difícil. Khull e sua gente parece que estavam no meio de um ritual satânico no porão de Goring quando os agentes federais chegaram. Eles precisariam ter uma vítima, porém não havia nem sinal de Sally naquele lugar, e Khull se recusa a revelar o que quer que seja. A única coisa que encontraram foram as cartas que ela escreveu. Ou ela escapou, ou os satanistas — Khull e seu bando — a mataram e deram sumiço no corpo antes que os agentes federais os encontrassem. Simplesmente não sabemos.

Tom ficou muito sombrio.

— Devemos tudo a ela. Não é possível que não esteja viva em algum lugar.

— Vamos orar muito por aquela garota, com toda certeza — disse Bev.

— Ainda quero vê-la — disse Tom. — Depois de ler todas as suas cartas, sinto-me como se a conhecesse. Não. Eu a conheço *de fato*.

— Que incrível — disse Kate.

— Era mesmo — concordou Marshall.

Nos arredores de Claytonville, um pintor de paredes parou seu furgão amassado e carregado de escadas no acostamento da rodovia e despediu-se de sua carona.

— Está certa de que não quer que a leve mais adiante? Não tem nada aqui por perto.

— Não, obrigada — disse Sally Roe.

Permaneceu ali no acostamento, uma nômade exausta, suja, mancando, de calça *jeans* imunda e lenço xadrez, vendo o velho furgão se afastar barulhento, o escapamento soltando muita fumaça, os amortecedores sofrendo com tantas escadas e latas de tinta.

Sentia-se exatamente como o furgão. O rosto sulcado pelos quilômetros, a alma exaurida pela dor, o corpo contundido e machucado pelos maus tratos.

Mas... Ela continuava rodando, resfolegando pelo caminho. E pelo menos agora tinha um bom motivo para isso.

Atravessou a rodovia assim que teve a chance e meteu-se no mato, seguindo o sulco da velha estrada dos topógrafos que percorrera na escuridão da noite... Quando fora mesmo? Anos antes, ao que parecia. Quase duvidou que fosse a mesma estrada, pois tinha um aspecto muito diferente à luz do dia — convidativa, tranquila, sob um dossel formado por folhas frescas da primavera, recém-nascidas. Nem de longe lembrava o inferno horripilante, infestado de demônios da última vez em que ali estivera.

Percorreu uma certa distância, acompanhando a estrada sinuosa pelas subidas e descidas que a trilha seguia pelo meio da floresta espessa, da galharia emaranhada e dos ramos baixos. Não se lembrava de ter sido tão longe assim. Talvez tivesse perdido uma volta em algum lugar. Talvez tivesse escondido a caminhonete um pouco bem demais.

Ó! Ali, pelos galhos e folhas, entreviu uma tinta azul familiar. Muito bem! Ainda estava ali!

Mota e Signa postaram-se perto da velha caminhonete Chevrolet, as mãos nas espadas, olhos alertas, esperando a chegada de Sally. Seus guerreiros tinham guardado de perto aquela máquina desde que Sally a deixara ali. A criançada de bicicleta enlameada, os caminhantes, os praticantes de equitação e quaisquer pretensos vândalos tinham todos passado por ela sem a enxergar. Por isso o veículo permanecera intocado, um pouco mais escondido devido ao mato que crescera, porém pronto para rodar.

Sally afastou as plantas novas para passar, tirando as chaves do bolso da jaqueta. A porta abriu-se com o conhecido rangido; o cheiro da cabine continuava o mesmo; ainda se lembrou de evitar o pequeno rasgo no banco para que ele não aumentasse. Seu coração saltitou um pouquinho. A velha caminhonete era uma bênção por ser familiar, sua, um pedaço de casa.

O motor gemeu um pouco, hesitou, girou algumas vezes e então, com a bombada costumeira do pé no acelerador — algo que tinha de ser feito com precisão — pôs-se a funcionar!

Mota e Signa deram-lhe um empurrão. Com uma certa dificuldade, Sally fez a caminhonete virar na direção oposta. Os dois guerreiros pularam para dentro da caçamba e puseram-se todos a caminho de Baskon.

46

— Eu gostaria de saber o verdadeiro motivo pelo qual estou sendo despedida — Irene Bledsoe quis saber.

Sua supervisora era uma mulher idosa, de cabelos brancos esticados com força para trás da cabeça e presos com incontáveis grampos; aliás, o cabelo era esticado, a expressão do rosto era esticada e, devido à obesidade, suas roupas também estavam esticadas. Tudo naquela mulher era esticado, principalmente a paciência.

Você conhece sua ficha de motorista melhor do que eu — disse ela bruscamente, mal erguendo os olhos do serviço sobre a escrivaninha. — Tamanha irresponsabilidade na estrada, ainda mais transportando crianças, é um risco para esta organização e não pode ser tolerado.

Bledsoe tentou manter sua dignidade profissional, porém ficou indignada.

— Senhorita Blaire, tenho aqui em mãos as fichas de nada menos do que uma dúzia de outros funcionários do Departamento de Proteção à Criança; tenho até os resultados de alguns testes de aptidão...

— Já vi todos eles e não pretendo fazê-lo outra vez.

— A senhora está se metendo com a pessoa errada!

BAM! A srta. Blaire atirou com força os papéis e os lápis em cima da escrivaninha e perfurou Bledsoe com olhos de frio aço.

— *Você* acaba de dizer isso para a pessoa errada. Você está falando, em última análise, com o Estado. Nós não nos "metemos" com ninguém; estabelecemos nossa pauta de atividades e julgamos nossos empregados pela

eficiência com que as desempenham. A verdade é que você foi considerada um perigo para este departamento e, como tal, despedida.

— Por causa do caso Harris, não é? Esse é o verdadeiro motivo?

A srta. Blaire respondeu fria e mecanicamente:

— Por causa da sua ficha de motorista, já disse. Você...

— Eu só estava cumprindo as ordens que recebi!

— Mas não se pode confiar em você para transportar crianças com segurança, e essa é a última coisa que vou dizer sobre o assunto. Agora conclua seus deveres como convém ou suspenderei seu último pagamento!

— Não... não pode fazer isso!

A srta. Blaire limitou-se a brindá-la com seu sorriso frio, calculista. Ah, podia sim e ela sabia disso.

— Está bem. Está bem. Já limpei minha escrivaninha e passei meus casos para Julie e Betty. O que falta ainda?

— Levar os filhos de Harris de volta para Baskon.

Ed e Mose continuavam sentados em seu posto na frente da Barbearia do Max, só observando qualquer coisa que passasse diante deles na rodovia Toe Springs-Claytonville.

Ed corria os olhos pelo último exemplar do *Estrela de Hampton*, assegurando-se de que Mose ficasse a par de tudo, quer ele estivesse interessado, quer não.

— O casarão branco está à venda — avisou.

Mose observava uma poça de lama do outro lado da rua e pensava que talvez a mercearia precisasse de novas calhas.

— Hein?

— Eu disse que o casarão branco está à venda. Aquele casal que vivia em pecado decidiu se mudar afinal.

— O quê? Se separaram?

— É só o anúncio de venda da casa, Mose. Não fala nada a respeito disso.

Mose calou-se um instante para dar uma cusparada na rua.

— É, provavelmente não fala nada nem do sargento Mulligan. Ele também vivia em pecado, ouvi dizer, ele e aquela supervisora da fábrica de portas.

— Quer dizer um com o outro? — quis saber Ed.

— Os dois foram embora, não é? Ambos se mandaram ao mesmo tempo. Alguém os viu juntos. Eu não nasci ontem.

Ed pensou por um momento.

— É... Não me importo nem um pouco que tenham ido embora. Eram um grupo estranho, ele e os amigos.

— Não era muito bom como tira.

— Jon Schmidt era da polícia?

Mose ficou abismado com a burrice de Ed naquele dia.

— Não, meu amigo, *Mulligan*!

— Bem, fico contente de saber que ele também foi embora.

— É, e o grupo do casarão branco, estou feliz em ver que partiram.

— Todo mundo está indo embora. Parece que a cidade inteira desistiu.

— Quem se demitiu?

Ed entregou o jornal a Mose, que ajustou os óculos.

— Está vendo aqui? Temos... er... estes três fulanos do conselho escolar, er... a senhora Hanover, mais John Kendall...

— John Kendall? Sujeito teimoso! Quem o convenceu afinal?

— E veja só: Jerry Mason. Já são três.

Mose estava boquiaberto.

— Bom... Ontem mesmo a Elvira não estava me dizendo que a escola elementar ficou sem a professora da quarta série, a senhorita Beer?

— Brewer.

— Dá na mesma. Ela e o tal de Woodard se meteram num bate-boca.

— Woodard está ficando velho, esse que é o problema. Está se aposentando.

— O que foi que você disse?

— Que ele vai se aposentar no fim deste mês.

— Não me parecia tão velho assim.

— Você tem olhado demais no espelho, meu caro.

Mose empurrou o chapéu para trás.

— Ora essa. Tem razão. Todo mundo indo embora! Talvez eles saibam de alguma coisa que não sabemos! Ei! Ei, espere um minuto!

— O quê?

— Ora, volte para a segunda página. Olhe aí.

— Olhar o quê?

— Tem alguma coisa acontecendo, Ed. Alguma coisa.

Eles liam a notícia:

juiz do supremo tribunal deixa o cargo.

Ed inclinou a cabeça para trás a fim de conseguir ler através das lentes bifocais.

— Quem é esse Owen Bennett?

— O mais novo homem do Supremo Tribunal. Foi nomeado não faz muito tempo.

— Bennett atribui seu pedido de demissão a problemas de saúde e motivos pessoais. Mas ele parece bem moço, não acha?

— Você também tem olhado demais no espelho, Ed.

— Ora essa, pode ser...

Mose caiu na risada.

— Ei, sabe de uma coisa, Ed? Talvez a gente também devesse ir embora.

Ed meditou no assunto um instante e replicou com grande seriedade:

— Mose, onde andaria o mundo sem a gente aqui pra ficar de olho nele?

Então os dois caíram na gargalhada, cutucando e provocando um ao outro, divertindo-se pra valer; era possível ouvi-los a vários quarteirões de distância.

Sally continuava dirigindo rumo a Baskon, repassando vez após vez na cabeça de que maneira exatamente se apresentaria diante da sra. Potter, como

quem voltava dos mortos, e pediria para continuar alugando a antiga sede do sítio. Isso, claro, dependia de ela conseguir recuperar o emprego na fábrica de portas, o que, por sua vez, devia depender de eles acreditarem ou não em sua desculpa para ter ficado fora tanto tempo sem dizer nada. Isso levantava toda a questão do que diria a todos eles, o que dependeria de ela poder ou não falar do assunto em público durante o decorrer da investigação. Mas, na verdade, ainda não sabia se chegaria a haver uma investigação.

Diminuiu a velocidade ao se aproximar da intersecção bem no meio dos milharais. Sentia leve tensão no estômago: era a mesma intersecção em que a tal Bledsoe, tendo os filhos de Tom no carro, quase se chocara contra ela.

De qualquer modo, a primeira providência seria descobrir o que acontecia em Baskon e como andava a ação judicial, se é que andava. Bernice Krueger já devia ter recebido sua última carta àquela altura e mandado todo o material a Tom Harris. Por isso, alguma coisa devia estar sendo tramada. Não vira nenhum jornal nos últimos dias...

Ora, ora! O que era isso, uma espécie de volta ao passado? Só podia estar vendo coisas!

Porque lá estava aquele mesmo Plymouth verde!

Irene Bledsoe assegurou-se de parar com todo o cuidado e segurança no famoso cruzamento que lhe custara o emprego. Josiah e Ruth estavam bem presos pelos cintos dessa vez. O cruzamento parecia o mesmo, exceto que o milho crescera. Era quase um *deja vu*, ficar ali sentada esperando que... aquela caminhonete azul... dirigida pela mulher de lenço xadrez na cabeça...!

Sally ficou olhando transfigurada. Não pôde evitar. Era Irene Bledsoe novamente! E lá estavam os dois filhos de Harris!

Da traseira da caminhonete de Sally, Mota e Signa acenaram para seus dois camaradas, Chimon e Scion, seguindo acima do Plymouth verde. Que bom o

encontro ter dado tão certo!

Irene hesitou. Estava no veículo à direita, por isso devia atravessar o cruzamento primeiro. Acontece que simplesmente não conseguia se mexer. Era impossível!

Josiah também viu a mulher e ficou maravilhado.

— Ei, veja! Lá está a mulher da caminhonete azul!

— É mesmo — disse Ruth. — Eu lembro dela!

Então não era alucinação! Irene apertou de leve o acelerador e começou a atravessar o cruzamento, apenas encarando a mulher.

— Ei — disse Josiah, também olhando fixo —, ela está chorando.

Sally viu o Plymouth passar na sua frente e aumentar a velocidade, e então enxugou os olhos.

Meu Deus, isto veio do Senhor! O Senhor usou este incidente para me falar!

Agora ela sabia. O encontro, a cena diante dela, disseram tudo: em algum lugar, de alguma forma, as trevas haviam sido trespassadas; estavam desfeitas, caídas, seu poder se fora.

As crianças estavam voltando para casa!

Lá do alto, Baskon parecia verdadeiramente prazenteira, cálida, convidativa, como a cidadezinha de uma ferrovia em miniatura com seus telhados marrons, vermelhos e pretos destacando-se contra a verde colcha de retalhos dos campos, seus silos prateados esticando-se para o céu, brilhando ao sol.

O céu estava limpo, tanto de nuvens quanto de imundície espiritual, banhado pela luz dos céus, revigorado pelas preces e louvores ao criador de tudo aquilo. Era bom voltar, bom ver o lugar tão limpo. Essa era a recompensa da batalha.

Tal e Guilo iniciaram uma descida suave, as asas bem abertas e imóveis para que os transportassem preguiçosamente sobre a cidade, passando bem alto da rua da Frente com seus carros e caminhonetes se encontrando no único cruzamento, acima da mercearia com sua chaminé fumegante e suas enxadas rotativas expostas na calçada, acima do pequeno agrupamento de casas e garagens de Strawberry Loop, logo acima do topo da grande torre prateada da caixa d'água com a luz vermelha na ponta, cada vez mais baixos sobre alguns pequenos sítios — dali de cima as galinhas pareciam pequeninos triângulos brancos, pretos e vermelhos — e por fim, no nível dos telhados, atravessando a estrada do lago e chegando ao topo da casa de Tom Harris.

Aterrissaram no jardim da frente da casa, subiram outra vez, mas se detiveram pouco acima do cume do telhado, pousando sobre ele. Podiam ouvir o café da manhã em andamento lá embaixo; muita conversa, muito compartilhamento, muito regozijo. Ótimo. Os outros chegariam a qualquer momento. Aí sim aquela reunião quase feliz lá embaixo estaria completa.

Guilo apontou para o nordeste. Duas faixas de luz desciam rápido do céu. Natã e Armoth, acabando de voltar de Ashton!

Outras duas trilhas de luz surgiram no céu a leste; Cree e Si retornavam da debandada no Centro Ômega.

Em questão de minutos, Natã e Armoth passaram por cima da casa feito duas águias fulgurantes, acenando com as espadas à guisa de saudação. Tal puxou sua espada coruscante e indicou-lhes que pousassem no lado esquerdo do jardim.

Cree e Si desceram perpendicularmente e usaram as asas como conchas a fim de frear o mergulho, pousando como paraquedistas do lado direito do jardim, conforme Tal lhes indicara.

Então esperaram, cada guerreiro em seu lugar.

— Ah, aí vêm eles — disse Tal, olhando pela estrada do lago em direção à cidade.

Era o Plymouth verde, com Chimon e Scion ainda sentados na capota, suas asas arrastando-se como flâmulas cintilantes, tremeluzentes. Eles abanaram as espadas para os companheiros, que devolveram o gesto.

Irene Bledsoe foi encostando devagarinho, até parar na estrada defronte à casa. Estava prestes a estender a mão para trás a fim de ajudar as crianças a soltar os cintos e apanhar suas coisas, mas não foi preciso; Josiah e Ruth correram para fora do carro como crianças saindo da escola, e dispararam pela calçada da frente sem olhar para trás.

Bledsoe virou o nariz pontiagudo para diante, pisou no acelerador e deu o fora dali. Chimon e Scion abriram as asas, ergueram-se da capota e deixaram que o carro disparasse de sob eles. Em seguida, pousaram no chão de ambos os lados do portão de entrada.

As crianças não bateram para anunciar sua chegada; simplesmente abriram a porta da frente de supetão e invadiram a casa, suscitando tamanha reação do pessoal ali reunido que Tal e Guilo sentiram o barulho vibrar-lhes nos pés.

Os guerreiros do jardim conseguiam enxergar através da porta da frente. Tom estava de joelhos, abraçado aos filhos, chorando de alegria. Seus amigos se reuniam ao redor, tocando-o, tocando as crianças, murmurando preces de gratidão e louvor, fazendo perguntas, mas sem obter nenhuma resposta no meio de tanta confusão, sem se importar nem um pouco com isso.

As asas dos anjos se elevaram com suas emoções, estendidas para cima, abrindo amplamente, brilhando com o gozo fulgurante que enchia a casa naquele dia. Eles se puseram a adorar.

— Vamos ficar em casa agora, paizinho? — perguntou Ruth através das lágrimas.

Tom hesitou. Tinha medo de responder.

Marshall tocou-o.

— Pode dizer que sim.

Os olhos de Tom brilharam com profundo gozo e certeza.

— Nós realmente vencemos, não foi?

Marshall indicou os garotos com os olhos. De que outras provas precisavam?

Tom disse:

— Podem crer! Nunca mais vamos ficar separados outra vez!

Mais abraços. Mais lágrimas.

Um leve rangido de freios. Pneus derrapando nos pedriscos. Um lampejo azul.

Tom não percebeu, por motivos óbvios, porém Marshall sim. E ele olhou pela janela aberta.

Não podia ter certeza. Nem podia acreditar. Encaminhou-se para a porta enquanto os demais permaneciam em seu pequeno e exultante ajuntamento.

Havia uma mulher lá fora, dentro de uma caminhonete azul estacionada do outro lado da rua.

Sally procurava se manter afundada no banco, sem aparecer demais enquanto examinava a casa de Tom. Ouvidos atentos, pela porta da frente aberta chegavam até ela as manifestações de regozijo. Vira Irene Bledsoe indo embora e as crianças correrem para dentro. Estavam todos festejando um encontro maravilhoso lá. Não se sentia pertencente àquele grupo. Tampouco sabia o que fazer.

Mota e Signa pularam da traseira e postaram-se ao lado da cabine, falando-lhe com urgência. *Eles não vão machucá-la, Sally, nem se importarão com sua aparência*.

Estou horrível, pensou ela. Cheirando mal. E se não souberem quem sou? E se for a casa errada?

Ora, vamos. Ficarão contentes em vê-la!

Ela desligou o motor e permaneceu ali sentada mais alguns minutos, só olhando fixo para a frente, pensando. As mãos lhe tremiam; estava tão nervosa

que sentia o estômago doer.

Parecem tão felizes lá dentro! Devem ser amigáveis. Preciso saber o que aconteceu. Podem me rejeitar, imagino eu, mas tenho de saber.

Abriu a porta da caminhonete e desceu para o acostamento. Caminhou em direção à traseira do veículo; desse ângulo, podia espiar pela porta da frente e ver o que acontecia lá dentro.

Ora, bolas! Eles também poderão me ver! Aliás, acho que aquele grandalhão já me viu!

Com um único e rápido vislumbre, Marshall imaginou que sairia voando pelo telhado direto aos céus! Aquilo era coisa do Senhor, sem dúvida! Ah, ele faz tudo tão bem!

Saiu cautelosamente para a varanda como quem se aproxima de um veado tímido, com medo de afugentá-lo.

Tal desceu para a varanda e ficou ao lado dele. *É ela, Marshall. Não a deixe fugir*.

Sally apressou-se a voltar para a cabine da caminhonete e fez menção de entrar. Melhor desistir da ideia de falar com Tom. Talvez lhe escrevesse outra carta; a situação a incomodava demais!

— Sally!

Imobilizou-se, mão na maçaneta da porta, pé direito no estribo. Não sabia se devia ou não ser ela mesma. Quem era aquele sujeito?

— Sally Roe?

Continuou imóvel, olhando firme para a frente apenas. *Se eu virar a cabeça, ele saberá. Quem é ele*?

Do interior da casa, ouviu as crianças dando risada.

— Oba — dizia o garotinho —, vou dormir na minha cama de novo!

Estou a salvo? Chega de fugir?

— Obrigada, Jesus — soou a voz de uma mulher negra. — Ó, muito obrigada, Jesus!

Você está a salvo, Sally.

Ela virou a cabeça e olhou para o ruivo grandalhão na varanda. Ele tinha olhos meigos.

— Sim — respondeu afinal, não muito alto. Tendo dito isso uma vez, repetiu alto o bastante para ele escutar. — Sim! Sou eu!

De repente havia uma multidão naquela varanda, todos olhando para ela — uma ruiva encantadora, um bonito casal de negros, um homem grisalho de aparência bondosa e sua esposa loira e...

Sally encarou aquele homem tanto quanto ele a encarou. Reconheceu-o pela foto dele que tinha visto.

Tom também a conhecia por foto.

Podia-se cortar o silêncio com uma faca.

Marshall quebrou o silêncio com um convite:

— Sally, Tom Harris — e todos nós — gostaríamos muito de conhecê-la. Não quer entrar?

Ela descontraiu um pouquinho, mas ainda tentou se esconder atrás da porta aberta da caminhonete.

— Eu... não estou apresentável...

Tom replicou:

— Você está entre amigos!

Tal não aguentou e deu risada. Apresentável! Não era estranho o modo como os seres humanos se viam com os olhos da carne e não com os do espírito? Certo que aquela mulher querida passara por lama e sujeira de todo tipo; estava suja, exausta, esfarrapada, cheia de arranhões.

Aos anjos, no entanto, ela aparecia da forma como o próprio Deus a via, exatamente como qualquer outro santo remido do Deus vivo: pura, refulgente, limpa, trajando vestes brancas como a neve.

Com um empurrãozinho carinhoso de Mota e Signa, Sally atravessou a estrada, uma nômade fatigada, vestida de *jeans*, chegando à casa. Passou pelo portão da frente, aproximou-se da varanda e então, enquanto anjos e santos observavam com tremenda admiração, estendeu a mão ao homem sozinho entre seus dois filhos radiantes de felicidade.

— Tom Harris?

— Sim.

— Sou Sally Beth Roe.

Tal bateu as asas o suficiente apenas para voltar ao telhado, onde se acomodou, sentando-se em posição confortável, a espada descansando ao seu lado.

Guilo fez a pergunta em nome de todos eles:

— E agora, capitão?

Tal olhou para o grupo que ria e louvava abaixo deles.

— Acho que ficaremos mais um pouco.

Os guerreiros se alegraram ao saber disso e se aproximaram de modo a ouvir toda aquela maravilhosa conversa, tudo que os santos compartilhariam e as informações que trocariam.

Tal sorriu e meneou a cabeça maravilhado.

— A redenção. Ela nunca deixará de me emocionar.


«MAIS DE 140 MIL EXEMPLARES VENDIDOS»
ESTE MUNDO TENEBROSO
INVADINDO AS TREVAS
FRANK PERETTI
1
Vida

Este mundo tenebroso

Peretti, Frank
9786555841824
466 páginas

Compre agora e leia

Desde Cartas de um diabo a seu aprendiz, de C. S. Lewis, Este mundo tenebroso: invadindo as trevas é o livro mais fascinante a respeito da realidade da guerra espiritual já escrito. Frank Perei lança um olhar agudo e mordaz sobre a guerra espiritual e a necessidade de oração. Com seu estilo peculiar e cativante, o escritor prende a atenção dos leitores ao descortinar uma assombrosa realidade espiritual que muitos têm esquecido. Um clássico no gênero de ficção que ao mesmo tempo envolve e encoraja. Uma obra de tirar o fôlego! FRANK PERETTI estudou Inglês e Cinema na Universidade da Califórnia. Rejeitado por várias editoras, Este mundo tenebroso só foi lançamento em 1986. O sucesso resultou mais tarde num segundo livro da obra. Juntos, os livros venderam mais de 4 milhões de cópias no mundo. Frank é um dos grandes escritores de ficção cristã dos Estados Unidos, com mais de 12 milhões de livros vendidos.

Compre agora e leia